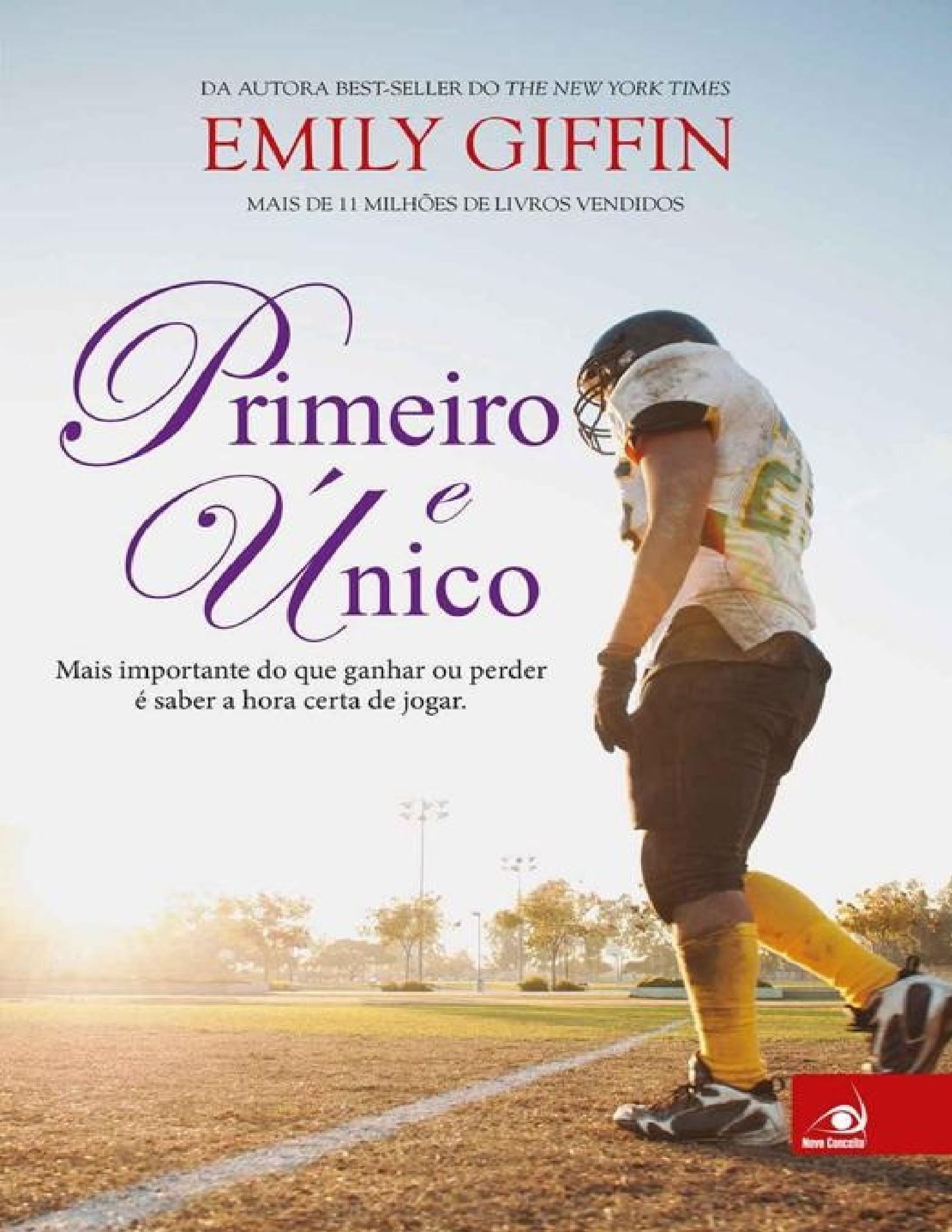
DA AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

EMILY GIFFIN

MAIS DE 11 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

Primeiro e Único

Mais importante do que ganhar ou perder
é saber a hora certa de jogar.



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Sumário



Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Trinta e sete

Trinta e oito

Trinta e nove

Quarenta

Quarenta e um

Quarenta e dois

Quarenta e três

Quarenta e quatro

Quarenta e cinco

Quarenta e seis

Agradecimentos

Notas

EMILY GIFFIN

Primeiro e Único

Tradução: Amanda Moura



© 2014 by Emily Giffin
© 2015 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital – 2015

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Giffin, Emily

Primeiro e único / Emily Giffin ; tradução Amanda Moura da Silva dos Santos. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2015.

Título original: The one and only.
ISBN 978-85-8163-599-6

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-08702 | CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq – Save the Children**, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: **www.fundabrinq.org.br**

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Ao meu tio, Doug Elgin,
que inspirou a minha paixão
por esportes universitários...
e me ensinou que eles são
mais que um jogo.

Um



Eu deveria ter pensado em Deus. Ou no sentido da vida. Ou deveria simplesmente ter lamentado o fato de que a minha melhor amiga, naquele momento, era órfã de mãe, e o fato de que a minha mãe perdera sua melhor amiga. Em vez disso, me peguei com os olhos cravados no caixão de mogno lustroso forrado com camadas generosas de seda creme e criticando, em silêncio, o batom da Sra. Carr, cuja cor rosa-neon não combinava com o seu vestido coral, o mesmo que ela usara no casamento de Lucy, cinco anos atrás.

Porém, mais problemática do que o tom do batom foi a maneira como ele fora aplicado. Alguém, ignorando completamente o que seria o padrão de beleza, passou o batom por fora do contorno dos lábios, como se tivesse a intenção de deixá-los mais carnudos. Era uma ilusão de ótica que jamais enganaria alguém e que pareceu completamente desnecessária, dadas as circunstâncias; afinal de contas, ninguém tiraria fotos num dia como o de hoje. Nada daqueles álbuns profissionais cheios de fotos entre família e amigos fazendo pose com a Sra. Carr, que ficaria na posição horizontal, à frente de todos e no centro. Na verdade, todo aquele ritual de enfeitar um cadáver e deixá-lo para exibição no funeral, com o caixão aberto, me pareceu, de repente, ridículo. Definitivamente, a cremação era a melhor opção de todas. Era dessa forma que *eu* preferiria partir a ter de correr o risco de fazê-lo num daqueles dias ruins. Sem marido nem irmão, depois de algum tempo, criei mentalmente uma mensagem para transmitir os meus votos finais a Lucy. Ela era realmente a única pessoa que deveria falar. Além disso, Lucy assumiu a tarefa; era como um comitê absoluto sem membros dissidentes; pelo menos não houve ninguém que ousasse falar.

— Precisa de alguma coisa? — sussurrei para ela, furando a fila interminável de amigos, familiares e estranhos que apareceram para dar os pêsames. Nunca tinha visto tanta gente em um funeral, e, somada a todas as outras pessoas que chegaram na noite anterior para o velório, aparentemente toda a população da nossa pequena cidade tinha aparecido.

— De um lenço — ela respondeu. Diferentemente dos últimos três dias, seus

olhos estavam secos, mas, ao que parecia, ela estava à beira de um novo colapso, seus olhos azuis abatidos. Retirei um lenço do bolso e lhe entreguei, o que mais uma vez me fez lembrar o seu casamento, quando permaneci à sombra dela, vigilante, fornecendo balinhas de menta e pó compacto.

— Mais alguma coisa? Água? — perguntei, pensando o quanto era bom me sentir necessária pelo menos uma vez e lamentando aquele grande rito de passagem que transformaria a nossa dinâmica habitual.

Lucy balançou a cabeça quando voltei para a segunda fileira de bancos, onde ela pediu que eu me sentasse, junto aos meus pais. Ela estava a par de todos os detalhes — desde os assentos, à seleção de músicas e às orquídeas brancas no altar —, e foi por esse motivo que ela, surpreendentemente, não prestava atenção ao batom da mãe ontem à noite, no velório, quando ainda havia a oportunidade de corrigi-lo. Pelo menos eu esperava que ela não tivesse notado, pois, devido a toda essa eficiência, Lucy fora amaldiçoada pela capacidade impeditiva de se debruçar até mesmo sobre os assuntos mais triviais por um período de semanas e, às vezes, anos. Como o rancor que ela fazia questão de sustentar contra Angel, a cabeleireira de sua mãe que se atreveu a se ausentar durante essa semana num cruzeiro para o Caribe. Num discurso inflamado, Lucy disse que, não fosse para arrumar o cabelo de sua mãe falecida, então que Angel tivesse comparecido pelo menos em sinal de respeito àquela que havia sido sua melhor cliente. Refletindo comigo mesma, pensei que Angel deveria ter se permitido uma folga; claro que suas férias tinham sido planejadas havia meses e, logisticamente, deve ser muito difícil sair de um navio em um espaço de tempo tão curto. Mas não fazia muito o tipo de Lucy pegar leve com alguém, especialmente quando se tratava de sua família, presente ou não, viva ou morta.

Como sua amiga mais antiga e próxima, fui beneficiada com a sua extrema lealdade e, desde então, memorizei muito bem as suas regras. Não havia nada que não estivesse muito claro, nem a possibilidade de uma segunda chance, nem mesmo quando eu conseguia reunir meu próprio perdão ou a minha indiferença; para Lucy, que se mantinha firme nas suas crenças, não importava. *Você está morta para mim*.

E lá estava ela de novo. A morte. Estremeci ao pensar na finalidade de tudo aquilo, praguejando contra o câncer que tirou a vida da Sra. Carr após exatos dez meses, sem apresentar nenhum sintoma até que já fosse tarde demais. Ao admitir que a oração não se parecia nem um pouco com andar de bicicleta, abaixei a cabeça e permaneci em silêncio, conversando comigo mesma, palavras desajeitadas, me esforçando ao máximo para não questionar a existência de Deus

enquanto ao mesmo tempo lhe fazia pedidos. *Por favor, ajude a Lucy a encontrar uma maneira de ser feliz sem a mãe*. Parecia um pedido difícil de ser atendido, e era provável que o fato de Lucy ter uma filha, Caroline, que acabara de completar 4 anos e que era pequena demais para presenciar um funeral ou para algum dia se lembrar de Gigi, aumentou ainda mais o sentimento de perda. A nova geração era um lembrete constante de tudo o que a Sra. Carr perderia. Aniversários, referências, todos os momentos decisivos da vida que seguiriam adiante, sem ela.

Voltei o meu olhar e as minhas preces para Lawton, irmão de Lucy, um solteirão despreocupado e que vivia debaixo da asa da mãe. Ele estava de pé, ao lado da irmã, enxugando o rosto com um lenço que provavelmente a Sra. Carr tinha providenciado para ele, antevendo que esse dia chegaria. Ela havia feito muitos preparativos e planos ao longo dos últimos meses, incluindo um pedido que fez sob o efeito de morfina para que Lawton e eu nos casássemos. *Matamos dois coelhos numa cajadada só,* disse ela, uma expressão não exatamente lisonjeira nem otimista. Isso não aconteceria. Lawton não fazia o meu tipo e eu fazia muito menos o tipo dele, mas, diante do pedido dela, sorri e disse que me empenharia nisso, enquanto Lucy brincou dizendo que todo casal precisa de pelo menos uma pessoa adulta. Olhei para o sol que irradiava pelo vidro manchado por detrás do altar, me perguntando se a Sra. Carr estava lá em cima, em algum lugar, nos observando. Em caso positivo, será que ela conseguia ler a minha mente? Na dúvida, mandei o meu último adeus a ela, sentindo a minha garganta apertada e seca. Em seguida, fechei os olhos e balbuciei “Amém”, ciente da omissão óbvia da minha oração: *o treinador Carr*.

Quando ergui a cabeça novamente, ele estava bem na minha linha de visão, saindo do outro lado do caixão e caminhando em direção ao banco na minha frente, com as mãos para trás, cruzadas, da maneira como ele caminhava quando se retirava do jogo. Ouvi um suspiro quando ele se sentou, perto o suficiente para que eu tocasse o seu ombro, estendesse a minha mão e me inclinasse um pouquinho. Mas eu mal conseguia olhar para ele, e havia semanas que não conseguia, mesmo quando passava rapidamente pela casa deles com alguma comida congelada que só precisa levar ao forno e um engradado de cerveja Shiner Box. Eu sabia que o treinador Carr estava arrasado, e a simples ideia de olhar para ele num momento tão delicado era insuportável, tanto quanto olhar para uma daquelas fotos de soldados e bombeiros que recebem premiações, segurando bebês no colo e chorando depois de alguma catástrofe. Eu acreditava piamente que é sempre mais difícil estar na pele daquela pessoa da relação que fica para trás, sobretudo quando se pensa que está no caminho certo para que os

dois sejam felizes para sempre.

A história entre o treinador Carr e Sra. Connie Carr começou, de maneira muito apropriada, na Universidade Walker, a faculdade que leva o mesmo nome da nossa pequena cidade, ao norte do Texas, onde ele era o *quarterback* e estrela do time e ela, a mais bonita entre as líderes de torcida. Exceto na temporada em que ele jogou para o Colts, logo depois que Lucy e eu nascemos, os Carr nunca saíram de Walker. O treinador trilhou seu caminho e subiu os degraus até chegar à sua posição atual, e passou de técnico dos *quarterbacks* a técnico-auxiliar do time júnior, e agora ao cargo de técnico principal — e o mais vitorioso — da história do Bronco.

O treinador Carr era uma espécie de divindade em nossa cidade, em todo o estado do Texas e no mundo do futebol americano universitário, que passou a ser o único mundo com o qual eu realmente me importava. Connie já era uma estrela por si só. No entanto, ela era mais do que a esposa elegante do treinador. Connie trabalhava incansavelmente nos bastidores, arrecadava fundos para o time, era administradora, organizadora de eventos, terapeuta, mãe de aluguel. Acompanhava até o hospital os jogadores contundidos, participava de jantares sofisticados, tinha de atender aos grandes bajuladores e conseguia acalmar os ânimos de todos os lados envolvidos. Connie fazia com que tudo se parecesse extremamente fácil, com sua grande dose de charme e gentileza, mas eu sabia o quanto o trabalho exigia dela e quão solitária ela se sentia às vezes. Quando o treinador não estava fisicamente ausente — participando de torneios ou mesmo fora, recrutando alguém —, muitas vezes ele se ausentava mentalmente, obcecado pelo seu time. Ainda assim, a Sra. Carr nunca titubeou em oferecer o seu apoio ao marido, e, sinceramente, não sei o que ele faria sem ela.

Respirei fundo, sentindo o cheiro familiar da loção pós-barba Pinaud da Clubman. Bastaram algumas moléculas no ar para que o gatilho de certas lembranças fosse disparado. Lucy e eu, sentadas no escritório dele, brincando de algum tipo de jogo de tabuleiro enquanto ele elaborava tabelas complexas e diagramas de jogo. Nós três íamos no banco da frente da picape dele, eu punha a mão para fora da janela enquanto ouvíamos música country e a estação de rádio esportiva. Lucy e eu ficávamos espiando o vestiário, não para olhar os garotos sem camisa (embora tenhamos feito isso, também), mas para ouvir o discurso inflamado do treinador depois do jogo, deliciosamente recheado de palavrões. O discurso era muito parecido com o sermão que ele me deu na sua sala de estar quando eu tinha 17 anos, logo depois que os policiais decidiram que não me prenderiam por dirigir bêbada e me deixaram na casa dos Carr. *Treinador, posso ficar aqui?* Ainda consigo me lembrar do jeito como me olhou — foi pior do que

passar a noite na cadeia.

Me permiti olhar de relance para ele, que estava de perfil, e fiquei com receio do que encontraria, mas me senti aliviada ao ver que ele parecia mais firme e forte do que nunca. Não se parecia nem um pouco com um viúvo. Ele tinha seus 55 anos, mas aparentava ser mais novo graças à sua cabeça cheia de cabelo, à pele morena e à estrutura forte. Por anos, pensei “não é justo” toda vez que via os pais de Lucy juntos. A Sra. Carr era bonita e lutava contra a idade com tanto empenho quanto lutou contra a morte, mas seu marido ficava com uma aparência cada vez melhor, do jeito que sempre acontece com boa parte dos homens. E agora... Agora realmente não era justo. Foi uma reflexão muito apropriada para a cerimônia de um funeral — as injustiças da vida e da morte —, e eu me senti aliviada por manter uma sequência de pensamentos adequada, se aquilo não fosse mesmo uma oração.

Mas no segundo seguinte, quando pensei em futebol americano, o pêndulo balançou para a direção oposta. Lucy dizia que eu só pensava em futebol, o que estava muito próximo da verdade, pelo menos antes de a Sra. Carr ficar doente. Mesmo depois, escapei para o jogo que eu amava e sabia que o treinador fez o mesmo, o que enfureceu Lucy, porque ela não compreendia o que estava acontecendo. Ela me perguntava, em meio às lágrimas, como o pai poderia se importar tanto com a contratação de um novato ou mesmo se preocupar excessivamente com vencer um jogo. Será que ele não via quão pouco aquilo importava? Tentei explicar que o trabalho dele era uma distração, a única coisa sobre a qual ele ainda exercia algum controle. O futebol era nossa pedra de toque. Algo no qual poderíamos nos agarrar como a luz no fim do túnel que brotava em Walker, no Texas, nossa pequena versão de Camelot.

Alguns segundos depois, Lucy e Lawton se sentaram ao lado do pai, e vê-los assim, os três juntos, em vez dos quatro, foi mais do que eu poderia suportar. Senti um nó na garganta quando o órgão começou a tocar. Notas altas e tristes preencheram a igreja. Entre um acorde e outro, pude ouvir minha mãe chorando baixinho e ver Lawton e Lucy enxugando os olhos. Olhei ao redor para não chorar, para poder olhar para qualquer outra coisa que me distraísse até começar o funeral .

Avistei meu namorado, Miller, que tinha jogado no time do treinador anos atrás, durante a minha fase ruim, de pé no corredor com alguns ex-companheiros de time. Todos eles pareciam confusos com seus ternos desajeitados e sapatos lustrados, desacostumados com as reuniões do Walker que não fossem comemorações, como os encontros universitários promovidos depois dos jogos,

desfiles e jantares de gala. Miller acenou para mim, fazendo um gesto com dois dedos e sorrindo discretamente enquanto se abanava com o folheto distribuído para a cerimônia. Desviei o olhar, fingindo não vê-lo. Em parte porque eu sabia que Lucy não o aprovava. E também por ainda ter um sentimento de culpa porque, quando ela me ligou para dar a má notícia, eu estava na cama com Miller e havia deixado a campainha do celular no modo silencioso, sem a intenção. Mas fingi não vê-lo principalmente por não ser o momento apropriado para acenar para o namorado, ainda mais quando não se tem muita certeza de que o ama.

— Nada de gentalha na minha casa — declarou Lucy imediatamente depois do enterro, enquanto marchava pelo gramado na direção do recém-lavado Tahoe de Neil. Eu sabia que era só uma questão de tempo para que a sua tristeza se transformasse em raiva, e, para ser sincera, fiquei até surpresa que tenha demorado tanto para isso acontecer. O treinador uma vez brincou dizendo que Lucy tinha apenas dois modos de operar: feliz ou irritada.

— Defina gentalha — perguntei, porque eu realmente não sabia o que ela queria, a não ser pelo fato de ela criar uma lista mais ampla do que eu em se tratando dessas categorias.

— Empresários. Patrocinadores. Fãs. Todos os jogadores, tanto os atuais quanto os ex. Exceto o Ryan. Mamãe adorava o Ryan — concluiu ela em tom definitivo, apertando o cinto do seu casaco longo preto.

A Sra. Carr realmente adorava Ryan James, que por acaso foi o único vencedor do Troféu Heisman do Walker, mas ela também adorava cada jogador da reserva que nunca jogava e os novatos que entravam para o programa. Troquei um olhar aflito com Neil, que calmamente disse o nome de sua esposa.

— Não vou falar duas vezes — retrucou ela em voz baixa. — Fui bem clara. Já chega. Só a família e os amigos mais íntimos.

— E como planeja conseguir isso? — perguntou Neil, olhando ao seu redor para a multidão de pessoas conhecidas que caminhavam formando um círculo ao redor do jazigo da família Carr. Ele empurrou os óculos retrô demasiadamente grandes (o tipo de óculos que só se pode usar quando se é tão jovem e bonito quanto Neil), ajustando-os no osso nasal, e acrescentou: — Metade da cidade já está a caminho.

— Não ligo. Eles não deveriam nem estar no cemitério. Que parte de “cerimônia privada” eles não entenderam? E eles não vão entrar na casa. Não mesmo. Diga a eles, Lawton — ordenou Lucy, virando-se na direção do irmão.

— Dizer o quê para quem? — indagou Lawton, parecendo completamente desorientado, inútil como sempre.

— Diga a Shea e a Neil que agora é um momento só para a família e para os amigos íntimos — retrucou ela, mais para o nosso bem do que para o dele. Depois, levou a mão aos cabelos para se certificar de que nenhum fio tinha escapado do seu coque muito bem enrolado e baixo. E é claro que não tinha.

— Mas eles se consideram da família, Lucy — intervim, e pude ouvir a Sra. Carr dizendo isso agora, referindo-se aos estranhos como parte da "família Walker".

— Bem, é uma ofensa — resmungou Lucy, tropeçando às vezes, quando a ponta do salto afundava na grama fresca. Neil deslizou um braço pela cintura dela e a agarrou, e eu fiquei pensando no quanto teria sido pior se ela estivesse no meu lugar, sem contar com o apoio de ninguém. — Estou farta dessas pessoas que agem como se isto aqui fosse o churrasco do lado de fora de um maldito estádio de futebol americano. E, se eu vir mais alguém com gravata azul-turquesa... Quem é que usa gravata azul-turquesa para um funeral? — Sua voz vacilou assim que Miller, com sua gravata de listras, na cores azul-turquesa e dourada, veio correndo em nossa direção com uma expressão quase alegre. Olhei-o bem dentro dos olhos e balancei a cabeça, mas ele mal percebeu o meu gesto.

— Ei, Shea! Espere aí! — gritou. Foi quando notei que ele não só estava usando as cores da faculdade como também estava com um broche dos Broncos preso na lapela onde estava escrito "Turma de 2001". Não sei como ele havia conseguido guardar aquela coisa por mais de dez anos, ainda mais porque já tinha perdido a carteira duas vezes desde que começamos a namorar.

Lucy virou-se, comparando seu corpo pequeno com o 1 metro e 93 centímetros de Miller.

— Desculpe, Miller — disse ela, com o queixo tremulando. — Quer cantar o hino do time para nós? Ou quem sabe apenas reviver os dias de glória de quando você era... relevante?

— Ei, ei, moça. O que eu fiz pra você? — resmungou Miller, seus instintos emocionais à altura do seu senso estético. — Por que me chamou de *desrelevante*?

— Irrelevante, Miller, e não confunda com *incuidado*, que, a propósito, também é uma palavra que não existe. Estou te chamando de irrelevante porque é o que você é. — Lucy meneou os dedos longos e delicados, fazendo floreios

no ar.

— Então, tudo bem — respondeu Miller, com as bochechas ainda mais coradas que o habitual, e as costeletas encaracoladas úmidas de suor apesar do clima frio naquele dia de fevereiro. Eu já havia lhe pedido para cortar o cabelo, mas ele não deu ouvidos.

— Só quero dizer que sinto muito. Muito mesmo. Pela sua família. Pela sua perda. Eu gostava muito da sua mãe. De verdade. Ela era uma mulher incrível.

Sei que a declaração foi sincera, mas Lucy se recusou a ceder. Preparei-me ao vê-la cruzando os braços e dizendo:

— Ah, por-fa-vor, Miller. A única perda com a qual você realmente se preocupou em toda a sua vida foi quando estava jogando contra o Nebraska e se atrapalhou bem na linha de quatro jardas porque estava chapado de tanta cocaína.

— Eu não estava *chapado*. Eu só... deixei a maldita bola cair. Deus do céu.

Mordi o lábio inferior, chocada ao ver que Lucy se recordava do jogo e até do número de jardas. Mas ela havia errado o resto. Foi T.C. Jones quem foi pego no teste antidoping depois do jogo, e não Miller, que nunca usou cocaína e preferia mil vezes o efeito da maconha. Para falar a verdade, considerando a sua expressão, mais apática do que o normal, provavelmente ele tinha fumado esta manhã. Talvez até mesmo dentro do carro, a caminho daqui.

— Lucy — chamou Neil, deslizando o braço do cotovelo dela para o antebraço e conduzindo-a gentilmente até o carro. Como psiquiatra infantil, ele tinha um efeito calmante sobre a maioria das crianças agitadas e a capacidade rara de tranquilizar Lucy. — Vamos. Venha, querida.

Ela não respondeu; simplesmente entrou no carro com graciosidade, cruzou suas pernas finas e esperou até Neil fechar a porta. Enquanto Lawton desabava no banco traseiro, Lucy ficou olhando para a pulseira de pérolas que pertencera à sua mãe.

— Você vai com a gente? Ou com os seus pais? — perguntou-me Neil.

Olhei para trás na direção dos meus pais enquanto caminhavam até o carro da mamãe. Embora fossem divorciados há muito tempo, os dois fizeram um sacrifício e conseguiram se comportar como duas pessoas civilizadas, e, para o meu alívio e surpresa, meu pai havia deixado a esposa em Manhattan.

Pela janela entreaberta, Lucy respondeu por mim:

— Nem uma coisa nem outra. Quero que ela vá com o meu pai. É melhor que ele não dirija sozinho. Anda muito teimoso — declarou ela, me encarando. — Tudo bem, Shea?

Hesitei.

— Faça isso. E, por favor, confira se ele está usando o cinto de segurança. Uma morte na família já é demais — ela acrescentou enquanto eu olhava para a encosta e avistava o treinador Carr em meio a um amontoado de gente de terno escuro.

— Não acha que ele vai preferir ficar sozinho? Tenho certeza de que ele não vai querer conversar...

— Bem, com você é diferente. Ele realmente gosta de conversar com você — retrucou ela, me cortando.

Dois



Esperei, semicerrando os olhos diante do sol de inverno enquanto observava o treinador Carr conversar com as poucas pessoas que restavam ao redor da sepultura. Lucy estava certa. Todos ali eram insensíveis, já que sabiam que ele não gostava de falar sobre perdas, e, para começar, quem não soubesse disso nem deveria estar ali.

Finalmente ele conseguiu se desvencilhar do grupo e caminhou em minha direção. Meus pensamentos ficaram acelerados enquanto eu me perguntava como diria ao treinador que ele tinha companhia para voltar para casa.

— Oi, treinador — falei quando ele parou bem na minha frente. Olhamo-nos rapidamente antes de eu voltar a olhar para o chão.

— Oi, menina — respondeu ele, parecendo cansado. — Quer uma carona?

— Hum... Lucy quis que eu fosse embora com o senhor... para conferir se está usando o cinto de segurança — gaguejei.

Ergui a cabeça e ele me lançou um olhar de soslaio.

— Tudo bem... Mas posso mascar o meu tabaco?

— Achei que o senhor tinha parado...

Algumas de suas calças Levis ainda tinham a marca reveladora da lata de Copenhagen no bolso direito de trás, mas fazia anos que eu não o via mascar tabaco. Tudo o que a Sra. Carr pediu de presente de Natal foi que o treinador pusesse um fim a esse vício. Isso e a vitória em cima do Cotton Bowl —seus dois desejos se realizaram, acompanhados por uma pulseira de diamantes que ela não havia pedido.

— Parei sim. Estava brincando — disse ele.

— Ah — exclamei, forçando um sorriso, percebendo que as circunstâncias tinham comprometido o meu radar sempre aguçado que identificava o senso de humor dele.

O treinador fez um gesto em direção ao seu carro como se fosse uma permissão para que eu o acompanhasse, mas, para o meu alívio, ele não abriu a porta do carro para mim, como sempre fazia. O treinador fazia isso para *toda* mulher, inclusive e especialmente para a sua esposa, que permaneceu com ele por mais de trinta anos. *Sempre, toda vez,* me contou Lucy em certa ocasião, quando comentei sobre o cavalheirismo dele. Lembro-me da forma como ela sorriu, sentindo-se mais orgulhosa dessa atitude do que de qualquer outra realização que seu pai houvesse alcançado em campo. Isso era a única coisa que eu realmente invejava a respeito de Lucy, já que meus pais eram unidos apenas pelo ódio que sentiam um pelo outro. Só que agora, estranhamente, a sortuda era eu. Porque o divórcio era melhor do que a morte.

O treinador deu a volta e foi até o lado do motorista do seu Ford Explorer, depois entramos e fechamos as portas do carro ao mesmo tempo, em uníssono. Ele ligou o carro e fez uma manobra de inversão perfeita enquanto eu calculava mentalmente a quantos quilômetros de distância estávamos da casa dos Carr. Dez minutos no máximo, mas uma eternidade, já que eu não conseguia pensar em um único assunto para conversar. Perguntar como ele estava se sentindo não me pareceu apropriado, e dizer o quanto eu sentia por tudo aquilo me pareceu um eufemismo gigantesco. Então, eu não disse nada, só olhei de relance quando ele esticou o braço para pegar sua garrafa térmica prateada do Walker, a mesma que eu vira a Sra. Carr encher de café fresquinho pelo menos uma centena de vezes ao longo dos anos. Provavelmente mais que isso. Tive curiosidade de saber quem teria feito o café para ele hoje de manhã e se ele ao menos sabia usar a máquina de café europeia e sofisticada que eles tinham. Confuso com essas engenhocas modernas, o treinador era o único homem faz-tudo que eu conhecia no estado do Texas. Ele ainda tinha um celular antigo, daqueles sem acesso à internet, e insistia que aquela era a única maneira de evitar que os *quarterbacks* inevitavelmente rastreassem o seu endereço de e-mail. Ele tomou um gole de café e fez uma careta, devolvendo a garrafa térmica ao porta-copos perto do painel do carro.

Quando não consegui mais suportar o silêncio, pigarreei e repeti o que tinha ouvido os outros dizerem entre a cerimônia e o sepultamento. Que a cerimônia havia sido perfeita. Que Lucy se saiu muito bem.

— Sim, se saiu bem mesmo. Estou orgulhoso dela. — A voz dele vacilou e, por alguns segundos, prendi a respiração e desviei o olhar, aterrorizada com a ideia de que por fim, ele desmoronaria.

Mas, quando o treinador voltou a falar, percebi que era tudo coisa da minha

cabeça. Ele continuava calmo, em completo controle.

— Lawton disse que você ajudou a Lucy a escrever o discurso...

— Só dei uma ajudinha — respondi, o que não era bem verdade. Claro que ali estavam todas as ideias e os sentimentos de Lucy, mas eu tinha reescrito e reorganizado as seções inteiras porque ela havia dito que suas próprias palavras não seriam suficientes para homenagear sua mãe.

— Por favor, faça-o ficar melhor — ela implorou até que peguei o meu marcador e a minha caneta vermelha. Provavelmente, Lucy era mais inteligente do que eu e sempre se saiu melhor na escola, mas escrever era a minha especialidade.

O treinador me olhou de um jeito que mostrava que ele não acreditou muito no que eu disse.

— Bom. Acho que Connie teria gostado.

Percebi que ele disse *teria gostado* em vez de *gostou*, o que era um indício de que ele não estava tão certo assim quanto à existência de Deus, o que me fez sentir uma pontada de desespero seguida de um vazio medonho. Naquele momento, desejei, desesperadamente, que o treinador tivesse uma fé firme e verdadeira, embora eu não soubesse ao certo por que isso era tão importante para mim.

Ao sairmos do cemitério, entrando na Avenida Bained, a principal que atravessa Walker de leste a oeste, reuni as minhas forças e criei coragem para falar de novo.

— Treinador Carr?

— Sim, menina — atendeu ele, esperando.

— O senhor, poderia... é... colocar o cinto de segurança?

Era a primeira vez que eu lhe dizia o que fazer — a menos que se considere aquela ocasião que eu disse: “passe o sal” e acrescentei um: “por favor” para suavizar a frase.

Ele deu uma risadinha, deixando evidentes linhas de expressão ao redor dos seus olhos enquanto passava o cinto por cima do ombro.

— Pronto. Está bom assim?

— Sim — respondi com uma única sílaba, mais perto de não ter absolutamente nada para dizer.

— Tudo bem, então — acrescentou, seu tom de voz ficando diferente de novo, mas só que dessa vez numa direção oposta: alto, normal, quase alegre. De repente, ficou claro para mim o que ele estava fazendo. O treinador estava fingindo, o que fez com que eu me sentisse ainda mais culpada por ter entrado naquele carro e por estar ali, ao lado dele. No lugar *dela*. Ele terminou a frase com: — Devemos conversar sobre o *National Signing Day*?

É claro que ele estava se referindo ao grande dia da semana passada, sempre a primeira quarta-feira de fevereiro, e o primeiro dia a partir do qual um aluno do terceiro ano do Ensino Médio poderia assinar uma carta de intenção vinculativa, comprometendo-se a jogar no time particular de uma faculdade ou de uma universidade. Era um dos dias mais importantes do ano no Texas.

Este ano, o Walker causou um grande alvoroço trazendo um dos novatos mais famosos do país, Reggie Rhodes, um craque que jogava na posição de *tailback* no Louisville, e que como tal vencera o Texas, o Alabama e o Ohio State. Era impossível sentir-se animado com a notícia, pois a Sra. Carr faleceu exatamente na mesma semana, mas o assunto serviu como uma tábua de salvação, e o fato de o treinador mencionar o futebol me encheu de alívio.

— Claro — respondi, sentindo os meus ombros relaxarem um pouco enquanto eu olhava para ele.

O treinador estendeu a mão e ligou o rádio. Ignorou as estações mais habituais e pulou direto para a Ticket, na frequência AM, sintonizando uma conversa animada sobre Rhodes e como todos se sentiram frustrados com Austin.

“Os fãs do Bronco já estão contando as horas para o primeiro sábado de dezembro, quando terão a chance de se vingar amargamente da derrota para os Longhorns”, declarou Bob Sturm.

— Espero que sim — o treinador respondeu para o locutor do rádio.

— Com o Rhodes em campo e a Sra. Carr lá em cima nos dando uma forcinha... *não* podemos perder.

— Sim. É o mínimo que o “homem lá em cima” pode fazer por nós — afirmou, enquanto eu imaginava a Sra. Carr agitando, lá do céu, seus pompons azul-turquesa.

Na primeira foto que tiraram de Lucy e eu juntas, nós estávamos deitadas uma ao lado da outra num cercadinho, olhando para o teto, com os olhos vesgos, e a mesma carinha que os bebês fazem de que não estão entendendo nada. Não devíamos ter mais do que dois ou três meses de vida, éramos apenas dois pontinhos — uma com cabelo loiro e ralo e olhos azuis que ficaram vermelhos

com o flash da foto (Lucy), e a outra com uma cabeleira escura e olhos pretos (eu). Vestíamos macacões iguais com o logotipo antigo do Walker, um *W* cursivo envolvido por uma ferradura de cavalo. Não consegui encontrar o negativo da foto, e a única cópia que restou estava amarelada e enrugada pelas páginas grudentas de um daqueles álbuns antigos e baratos da minha mãe. Então, com cuidado, desgrudei a foto, levei-a a uma loja especializada em restauração de fotografias e depois a coloquei num porta-retrato — e dei uma cópia para Lucy.

Coloquei o meu porta-retrato numa prateleira sobre a lareira falsa do meu apartamento, junto com um punhado de outras fotos marcantes, e a cópia de Lucy, dei de presente a ela no seu aniversário de 30 anos, algumas semanas depois do meu. Por um ano, mais ou menos, ela também manteve a foto num lugar de destaque na casa de campo de três quartos que ela e Neil compraram. Mas, recentemente, notei que o porta-retrato estava em cima de uma cômoda do quarto de hóspedes da casa, e, ainda mais preocupante, nossa foto foi substituída por uma de Caroline, que está de pé ao lado de uma cerca branca, usando um vestido rosa com um monograma.

Quando questionei Lucy pela falta de consideração, ela pareceu encabulada, algo que muito raramente lhe acontecia.

— Temos fotos juntas muito melhores que essa. Como aquela ali — respondeu, apontando para uma foto em que estamos juntas, de braços dados, o cabelo preso com coque alto e usando saias de tule volumosas e amarelas, em nosso primeiro recital de balé. — Me diga, você não detestava o fato de eles enfeitarem a gente desse jeito?

Eu sabia a quem ela se referia com *eles*: minha mãe e os pais dela, todos os graduados da Walker e os amigos íntimos da época da escola. Meu pai tinha adotado os Broncos porque Williams, a universidade dele, não tinha bem um time de futebol. Lucy, enquanto ajeitava o porta-retrato e colocava a nossa foto em destaque de novo, disse:

— Eu nunca vou colocar essas porcarias sem graça na Caroline. Você nunca sentiu como se tivessem feito uma lavagem cerebral em você? Nunca ficou cansada de tudo isso? Sempre a mesma coisa, ano após ano...

— Não — respondi, concluindo que aquilo explicava tudo. Lucy estava completamente certa ao dizer que as nossas mães nos usavam como mais uma forma de enaltecer a paixão que sentiam pelo Walker, além das bandeiras e faixas que estendiam na sacada de nossas casas nos dias de jogos. Mas nunca consegui compreender por que, ao que parecia, ela se ressentia pela nossa história em comum, do mesmo jeito que o nosso amigo Aubrey parecia magoado

com o cabelo ruivo e as sardas que herdou do pai, e como os filhos do pastor Wilson se recusavam a participar dos retiros da igreja. O futebol era a *nossa* religião, a própria essência da nossa cidade e do estado, e torcer para os Broncos deve ter sido uma tarefa muito fácil para ela, uma experiência divertida na sua cadeira confortável do camarote que ficava na linha de cinquenta jardas. Ela torcia pelo time do seu pai, é claro, torcia para que o time ganhasse e ficava decepcionada quando perdiam. Mas ela nunca foi verdadeiramente devota a ele. Nunca se tornou uma torcedora fiel.

Certa vez, o treinador Carr explicou o fato da seguinte maneira: eu nasci no dia 22 de fevereiro de 1980, no mesmo momento em que o time olímpico de hóquei dos Estados Unidos derrotou a União Soviética nas semifinais dos Jogos Olímpicos de Inverno em Lake Placid, no jogo chamado de "O milagre no gelo". Teria sido mais apropriado se fosse um jogo de futebol épico, explicou o treinador, mas o fato de aquela partida ser amplamente considerada um dos maiores momentos do esporte ainda parecia digno de atenção — um sinal do meu destino. E então veio Lucy, que nasceu em março, na noite em que J.R. foi morto em *Dallas*, o melhor seriado de todos os tempos, exibido em horário nobre. Em outras palavras, Lucy veio ao mundo numa noite rara em que ninguém no Texas estava pensando muito em esportes. Falei para o treinador que a analogia teria sido melhor se Lucy tivesse se tornado atriz em vez de proprietária da única loja de roupas de luxo em Walker. Mas, ainda assim, a versão dele era engraçada.

De qualquer forma, talvez Lucy estivesse certa sobre a tentativa de lavagem cerebral por parte de nossas mães. Mas eu, desde o começo, aceitei tudo sem questionar, e de muito bom grado. Quando menina, me vestia como uma verdadeira líder de torcida do Walker todo Halloween (exceto nas poucas vezes em que me equipava com *pads* (proteções macias revestidas de borracha para serem usadas nas coxas, nos quadris, as caneleiras, joelheiras etc.) e com o meu capacete para parecer um jogador. Antes dos jogos, eu pintava a cara com pequenas ferraduras e cantava com entusiasmo o nosso hino depois de cada *touchdown*. Colecionava autógrafos e pendurava pôsteres do time no meu quarto, e desenhava coraçõezinhos ao redor dos jogadores bonitos, exatamente como Lucy fazia com o Keanu Reeves e o Leonardo DiCaprio.

À medida que cresci, minha obsessão se tornou mais intensa e focada. Eu me debruçava sobre as revistas do Walker, estudava os mínimos detalhes de cada jogador, decorava o número e a posição de cada um em campo, decorava a cidade natal, o peso e a altura deles. Também decorei coisas inúteis, estatísticas intermináveis e resultados dos jogos, as *rushing yards* (distância que o

quarterback avança com a posse de bola), as *receiving yards* (jardas que se avançam com os lançamentos completados), os *sacks* (jogada na qual a defesa derruba o *quarterback*) e as *interceptions* (a interceptação, literalmente, da bola feita pelo jogador da defesa que pega um passe aéreo originalmente feito para o atacante adversário), para quem quisesse ouvir, incluindo alguns dos maiores incentivadores do Walker, que sempre queriam ouvir mais e mais sobre as minhas habilidades nas festas sociais promovidas pelos Carr.

"Pergunte a ela sobre o jogo do Texas que aconteceu no Dia de Ação de Graças de 1978", dizia o treinador Carr, sorrindo, enquanto eu presenteava os convidados com a partida épica que antecedeu o dia do meu nascimento. Jogada por jogada, eu sabia tudo de cor.

Na época em que comecei o ensino médio, eu já era uma pesquisadora dedicada ao futebol americano, assinava o *The Sporting News*, viajava para assistir a qualquer jogo que acontecesse fora da cidade e que não precisasse ser de avião e ficava pendurada à beira dos campos depois do final das aulas. Tornei-me presença fixa nos treinos, mascote honorária em todos os sentidos, e me esforcei ao máximo para me fazer útil, com medo de que alguém resolvesse me mandar de volta para casa. Às vezes eu ajudava o pessoal da comissão técnica a distribuir Gatorade ou recolhia as bolas que eram chutadas para fora da cerca de arame que separava o campo de treino principal do campo onde havia plantação de trigo. Outras vezes eu ajudava a segurar a câmera de vídeo, que era bem pesada, ou dobrava as toalhas, cronometrava o tempo usando o cronômetro que o treinador Carr me deu de presente no meu aniversário de 12 anos. Mas, na maioria das vezes, eu ficava sentada na arquibancada, assistindo e ouvindo. Vidrada. Alimentando o meu vício. Eu era simplesmente apaixonada por futebol americano; cada aspecto do esporte. O cheiro da grama recém-cortada, a visão da *huddle* (a reunião que os jogadores do time fazem em campo para discutir a próxima jogada) tendo como pano de fundo o céu azul de cartão-postal, o barulho do *quarterback* berrando as jogadas que eu já conhecia de cor. Uma delas, aliás, se chamava Shea 80, uma referência a mim e ao ano em que nasci — uma *screen pass* (jogada ensaiada e de passe curto, cujo objetivo é criar uma oportunidade para que o jogador-alvo consiga avançar com a bola dominada) para o *fullback*. Mas, acima de tudo, eu adorava ter a visão inspiradora do treinador Carr andando sobre as linhas laterais com sua prancheta e seu apito, despejando sarcasmo (sua marca registrada) e coloquialismos divertidos, muitas vezes bem baixinho; fazendo todos se matarem de rir mesmo quando não queria ser engraçado; pedindo para os *linebackers* não seguirem a rota cênica da bola e para os *receivers* fingirem que estavam correndo atrás de um McLanche Feliz,

afirmando que talvez eles pudessem até conseguir pegá-lo; chamando a atenção dos *linemen*, dizendo que eles pareciam bezerros mortos em meio a uma tempestade de granizo e, lembrando o nosso *quarterback* de que, nas palavras de Darrell Royal, seu próprio treinador considerado um herói, apenas três coisas podem acontecer quando se arremessa a bola, sendo que duas delas não eram nada boas.

No ensino médio, cresci e me tornei uma garota bonita, e um pouco menos moleca, e passei a viver um pouco mais da minha própria vida além do Walker. Durante quatro anos, Lucy teve grande participação nisso, e as nossas prioridades entraram em sintonia maior em comparação aos anos do ensino fundamental. Ela era líder de torcida, enquanto eu jogava futebol e participava das corridas, mas nós duas convivíamos com o mesmo grupo de pessoas, estudávamos na mesma sala e ambas paquerávamos muito os garotos. Como era a menina mais popular da nossa sala, Lucy, com um estalar de dedos, conseguia o garoto que quisesse, mas costumava rejeitar aqueles que ficavam muito impressionados com o fato de o pai dela ser famoso e os repassava para mim. Por dois anos, namoramos dois melhores amigos; eles eram jogadores de beisebol, os dois se chamavam Scott e nos tornamos inseparáveis (até que terminamos o namoro simultaneamente, quando Lucy nos declarou livres dos Scotts). Mesmo em meio à normalidade turbulenta da adolescência, continuei muito dedicada ao futebol americano, trabalhando como editora esportiva do nosso jornal. Eu fazia coberturas da nossa equipe do colégio (mal treinada e que sempre perdia os jogos), mas convenci o professor de jornalismo a me deixar escrever matérias sobre o Walker — relatos objetivos dos jogos, bem como informações mais extensas. Eu era a única repórter do colégio com credenciais da imprensa e acesso direto ao treinador Carr, então conseguia apimentar as matérias com informações privilegiadas sobre os projetos previstos ou sobre as contratações para o ano seguinte. Muitas vezes Lucy me acompanhava nesses meus compromissos, e, embora os detalhes a deixassem entediada, ela dizia que aquela era a única maneira de passar mais tempo com o pai.

Quando chegou a hora de entrar para a faculdade, não houve a menor dúvida de qual seria a minha escolha, mesmo quando a minha média de notas caiu para “B menos”. Meus pais fingiram preocupação, alertando-me que a Walker era praticamente uma Ivy League[1] em se tratando de padrões acadêmicos, mas eu sabia que, longe de ser um crime hediondo, bastaria uma ligação de trinta segundos do amigo mais íntimo da nossa família para que eu conseguisse entrar. Felizmente, não precisei recorrer a isso, pelo menos não até onde eu sabia, pois o meu teste de redação, no qual escrevi sobre a minha paixão pelo time de futebol

americano da Walker, superou o meu histórico escolar medíocre. Havia até mesmo uma observação escrita à mão na minha carta, que dizia: *Vamos, Broncos!*.

Quanto à Lucy, ela nem sequer se candidatou para a Walker, nem mesmo como segunda opção. Fiquei chocada com a sua decisão de ir para a Universidade do Texas, nossa maior rival, e me lembro que cheguei a questionar como ela poderia ser tão insensível.

— Digo... você é a *filha* do treinador Carr!

— É justamente por ser a filha do treinador Carr. É como se eu nem tivesse o direito de opinar sobre isso. Mas você tem. — Lucy tentou explicar.

— É claro que você tem. Vai para a Universidade do Texas.

— Ah, meu pai. Você precisa superar isso! — exclamou ela, explicando pela quinquagésima vez que escolheu a Universidade do Texas porque queria dar um tempo da nossa cidade. Lucy alegou que em Austin nem tudo girava em torno do futebol e que a cidade seria *revigorante*.

Eu disse a ela que já tinha superado a questão, mas, na verdade, não tinha. Eu jamais conseguiria entender como ela pôde fazer uma escolha tão traiçoeira — tanto por me abandonar por quatro anos como, o pior, por aliar-se ao nosso arqui-inimigo. O treinador Carr foi compreensivo, insistiu que queria vê-la cuidando da sua própria vida, mas ele também a alertou dizendo que jamais queria ouvir as palavras *Hook'em, Horns* (*chifre neles*! uma espécie de grito de guerra da Universidade do Texas que faz alusão ao símbolo do time) saindo da boca de sua filha e muito menos vê-la fazendo aquele sinal terrível de chifres com a mão. O treinador acrescentou também que as cores laranja e branca estavam banidas do seu código postal. Lucy disse que poderia cumprir as regras com facilidade, mas certo dia, quando nós duas voltamos para casa para o fim de semana, ela se esqueceu de tirar a camiseta do Texas, uma infração bastante inofensiva, a não ser pelo fato de que tínhamos acabado de perder para eles na semana anterior. Estremeci quando a vi com a camiseta, mas foi a mãe dela quem a fez tirar antes que seu pai chegasse em casa. O treinador é uma pessoa durona — como não poderia deixar de ser para um técnico de futebol —, mas, às vezes, coisas pequenas o tiravam do sério. Um comentário estúpido no programa de rádio: "Bem, Jim de North County, talvez você possa voltar ao planeta Terra e trazer algumas jogadas na próxima semana?", ou alguma pergunta ridícula da imprensa: "Se estou chateado? Tivemos a sorte de perder o jogo e o nosso *quarterback* deixou o campo numa maldita maca. Não, imagine, não estou chateado, não". E a todo momento ele questionava a lealdade das pessoas: "Ou

está com a gente, ou não está. Aqueles fãs que só nos apoiam quando o time está ganhando não serão permitidos".

Na verdade, se Lucy tivesse algum arrependimento nesse dia terrível — pensei, enquanto seu pai e eu finalmente chegamos à rua Myrtle, que tinha carros estacionados em ambos os lados —, certamente o fato de ter escolhido a Universidade do Texas seria um deles.

Uma vez dentro da casa colonial de três andares e tijolos, o treinador foi direto para o seu escritório, enquanto eu encontrei Lucy na cozinha, empurrando um purê de batata no prato. Eu sabia que ela não comeria — fazia dias que não comia, e estava perdendo um peso que não poderia se dar ao luxo de perder, mas vê-la com um garfo na mão pareceu um progresso.

— Como você está? — perguntei quando ela se afastou de várias senhoras que estavam ocupadas ajeitando os pratos na área do jardim da Sra. Carr. Havia mais comida do que o treinador jamais esperaria comer, e eu me lembrei de que precisava passar no abrigo de moradores de rua, onde a Sra. Carr trabalhava como voluntária, para deixar alguns alimentos.

— Um pouco melhor. Desculpe pelo que fiz. Perdi a paciência com Miller. Sei que ele é inofensivo — respondeu ela.

Balancei a cabeça, considerando desnecessário o pedido de desculpas. Dificilmente eu me magoava com Lucy e sempre aceitava as suas críticas à minha vida e aos meus namorados, tanto porque suas intenções sempre foram as melhores como porque geralmente ela tinha razão. Lucy tinha passe livre comigo. Melhor assim.

— Obrigada por ter vindo com o meu pai — agradeceu, pousando o prato sobre a mesa e se inclinando no balcão. Lucy parecia pálida, mas relaxada, e eu suspeitava que ela havia tomado uma daquelas pílulas brancas que o médico lhe receitara para "atravessar os próximos dias".

— Não precisa agradecer — respondi, desejando, subitamente, ter tomado uma dessas pílulas também.

— Como acha que ele está? Como ele se comportou no caminho de volta para casa? — perguntou.

Dei de ombros e respondi que não sabia ao certo.

— Nem conversamos direito a respeito de nada... Exceto sobre... você sabe.... futebol americano.

Os olhos de Lucy se encheram de lágrimas e seu queixo começou a tremer.

— Oh, Lucy.... Sinto muito, querida — falei, me perguntando se eu havia dito a coisa errada ou se aquilo era apenas mais um dos momentos terríveis em que ela encarava a dura realidade de que sua mãe havia partido. Eu a envolvi com os meus braços e a levei até a lavanderia, para termos um pouco de privacidade. — Eu não deveria estar falando de futebol — acrescentei, pensando que finalmente tinha conseguido enxergar o motivo do seu choro. Percebi que a vida continuava fluindo, que tudo voltou ao normal, e que isso parecia muito errado. A Sra. Carr não era a minha mãe, mesmo assim tive a sensação irracional de que o mundo inteiro, ou pelo menos o estado do Texas, deveria ter parado por um tempo, em respeito e sinal de luto.

Lucy balançou a cabeça.

— Não, não é isso. Está tudo bem. Não tem problema falar de futebol — explicou Lucy, que depois acrescentou uma observação de partir o coração. — Só me sinto feliz em ver que ainda resta algo para o meu pai amar.

* * *

Naquela noite, depois que todos foram para casa, menos a minha mãe e eu, sentamo-nos ao redor da mesa da cozinha e conversamos sobre Connie. Rimos ao lembrar que ela não conseguia dirigir na interestadual sem entender os mapas, e do quanto ela era competitiva em se tratando de sua torta de nozes, considerada a melhor em toda Walker. Connie tinha até mesmo vencido torneios de culinária em Dallas, mas sempre votava em outros candidatos porque, segundo ela, votar em si mesma parecia indelicado. Conversamos sobre como ela adorava suas “histórias” — gravava as novelas e atualizava as situações dos personagens como se todos fossem pessoas da família que deveríamos conhecer. Falamos também com que frequência ela estragava as letras de música, e a nossa favorita era a do Bob Dylan, em que “The answer, my friend, is blowin’ in the wind” (A resposta, meu amigo, está soprando no vento), se transformava em: “The ants are my friends, they’re blowin’ in the wind” (as formigas são minhas amigas, e estão soprando ao vento). Rimos e choramos até que ficamos esgotados e não havia mais memórias a serem compartilhadas.

Àquela altura, todos resolveram me colocar contra a parede. Ou, mais precisamente, colocar Miller, que não estava mais ali para se defender, contra a parede. Eram minha mãe, Lucy e Neil versus Miller — uma disputa muito provavelmente injusta —, todos eles dizendo, de diferentes maneiras, que Miller

não era bom para mim. Até Lawton resolveu opinar, e eu não tinha muita certeza se ele estava apto a isso, visto que nunca teve um relacionamento que durasse mais de três meses. Somente o treinador Carr se manteve em silêncio em relação ao assunto, pois tinha ido para a Family Room, onde desmoronou em sua poltrona. Ele estava próximo o suficiente para ouvir a nossa conversa, mas parecia concentrado na TV, assistindo a jogos de basquete de times universitários, vasculhando os canais, com o som no mudo. Eu odiava ver a minha vida sendo dissecada, especialmente na companhia de pessoas diferentes, mas levei o papo adiante, quando me ocorreu que aquilo poderia ser uma excelente distração para todos.

— Ela realmente precisa largar esse cara — opinou Lucy, transferindo o seu *chardonnay* de uma taça de plástico que o garçom havia trazido por uma de cristal que ela tirara da cristaleira. Depois, voltou a se sentar à enorme mesa de madeira que a própria Sra. Carr havia montado e pintado.

Com exceção de um prato de biscoitos de açúcar da Star Provisions, uma padaria famosa da nossa cidade, toda a comida foi recolhida e a cozinha, arrumada.

— Miller não é tão ruim assim — falei no exato momento em que meu telefone tocou, dentro da bolsa.

— Falando no diabo... — lançou minha mãe.

— Ah, agora Miller é o diabo? — retruquei, resistindo à vontade de verificar o celular, embora eu tivesse certeza de que era ele, já que, quando saiu, eu tinha lido a mensagem em seu lábios dizendo que me ligaria.

— Ele não é tão ruim assim. Só tem uma cabeça de vento. E não tem ambição para nada. É um maconheiro e tem um linguajar de merda — acrescentou Lucy.

— Cabeça de vento? — questionei, porque essa era a acusação mais grave e porque ele era uma pessoa muito doce, à sua maneira sem-noção de ser.

— Bem, ele se esqueceu do seu aniversário no ano passado — interveio Neil, referindo-se a um jantar que ele e Lucy tinham me oferecido enquanto Miller tinha aparecido de mãos vazias.

— Só passou despercebido. Nada demais. Além disso, não há muito o que comemorar aos 32 anos — retruquei. Lucy emitiu um som de zombaria. — Ele me deu um presente... depois — acrescentei, lembrando-me do vidro de Coco Mademoiselle que ele me dera no dia seguinte.

Lawton ergueu as sobrancelhas.

— Rá! Com certeza!

— Falsificado — adicionei, sentindo o meu rosto arder.

— E ainda é um professor de Educação Física maconheiro — disse Lucy.

Ciente do quanto aquilo soou ridículo, reproduzi alguns argumentos de Miller em defesa do uso de drogas — a maconha era de fato melhor que o álcool, e ele fumava por causa da sua dor crônica nas costas.

— Uau!! Você vai mesmo vir com esse papo de que a maconha é medicinal? — indagou Lucy.

Minha mãe balançou a cabeça e falou meu nome com um tom de preocupação.

Lucy continuou disparando:

— Ele usa aquele linguajar pobre para ajudá-lo com a dor nas costas também?

— É. Até eu sei que ele tem um linguajar de merda — falou Lawton.

— Tá legal. Isso... eu realmente não posso defender. Sei que ele tem alguns problemas com pronomes... Mas estamos nos esforçando para melhorar isso.

— Está vendo? Você fala como se fosse a mãe dele. Também dá mesada para ele? Ele cumpre as tarefas que você manda fazer?

Revirei os olhos, mas não pude deixar de pensar em quantas vezes fui eu quem pagou a conta e que Miller andava sempre sem grana.

— Mas ele é uma gracinha, com aqueles olhos e aquele corpo — opinou a minha mãe.

— Ah, corta essa mãe, que nojento! Papa-anjo! — sussurrei.

— Ele só tem músculo. Cérebro, que é bom, nada — lançou Lucy, virando-se para olhar para o pai. — Não é verdade, pai? Qual é a média de notas dele?

O treinador nem sequer fez uma pausa.

— Não tenho a menor ideia de quais eram as notas desse garoto. — Ele manteve os olhos grudados na televisão, mas era evidente que estava ouvindo cada palavra da nossa conversa.

— Fale um número aproximado — exigiu Lucy.

— Bem, ele não tinha notas excelentes — respondeu o treinador Carr, trocando de canal. — Mas acho que vocês estão deturpando a imagem do Miller. Ele é um cara legal, e não há nada de errado em ser professor de Educação Física

— acrescentou ele, apontando o dedo para Lucy.

— Exatamente. Os alunos adoram ele... ele é um ótimo *treinador* — afirmei, notando que fiz isso com a mesma voz de admiração que a maioria das pessoas usa quando se refere aos neurocirurgiões.

— Do time do ensino fundamental — acrescentou Lucy, tomando mais um gole do seu vinho.

— Alguém tem de treinar os alunos dessas séries... Nem todo mundo pode ser o seu pai — falei.

— Sim. Eles não viram jogadores do nada, como num passe de mágica — interveio o treinador. — Precisam de técnicos bons ao longo do caminho.

— Shea, querida, acho que a Lucy está certa. Ele não é um cara para casamento — disse minha mãe.

— Quem falou em casamento aqui? — rebati, fazendo questão de lembrar a todos de que eu não estava com a mínima pressa para isso, ao contrário da maioria dos meus amigos e conhecidos, que se casaram com seus vinte e poucos anos, logo depois de terminarem a faculdade. Era algo que eu desejava, provavelmente, embora não tivesse muita certeza se queria ter filhos, o que já excluía boa parte da pressão. Ainda assim, eu tinha de admitir que a ideia de me casar com Miller passou pela minha cabeça nos últimos tempos. Ele não era o homem mais inteligente do mundo, mas o treinador estava certo, Miller era um cara legal — e, para ser sincera, eu não tinha muita certeza de que poderia conseguir algo melhor dentre as opções de homens disponíveis.

— Você está perdendo o seu tempo precioso com ele — insistiu Lucy, quando o meu telefone tocou de novo. Dessa vez não consegui resistir e peguei o celular.

Como já era de esperar, era uma mensagem de texto dele. *Esqueci o meu casaco. Vc ainda está aí? Vou passar aí.*

Antes que eu tivesse tempo de responder à mensagem, alguém bateu à porta e eu não tive escolha a não ser confessar.

— Acho que é o Miller. Ele esqueceu o casaco — desabafei.

— Claro que esqueceu. Isso vai ser divertido — disse Lucy, animando-se. Ela se levantou e caminhou em direção à antessala.

— Não se atreva — chamei-a, mas eu sabia que não havia nada que pudesse impedir Lucy quando ela tinha uma ideia fixa na cabeça.

Ela voltou com Miller, todo amarrotado e visivelmente necessitando de colírio

nos olhos.

— Vejam só quem chegou! — anunciou ela, depois fez um breve pedido de desculpas pelo que havia dito a ele mais cedo e o acolheu: — Sente-se, sente-se.

Lancei um olhar de advertência para ele e balancei a cabeça. Pelo menos dessa vez ele compreendeu.

— Obrigado, Lucy, mas não posso ficar.

— Por quê? O que vai fazer hoje à noite?

Respondi por ele:

— Uns caras que moram em outra cidade vão à casa dele. Robert Siler e Myles Savage.

— Sim. E... eu só vim buscar o meu casaco.

— O seu casaco ou a Shea? — questionou Lucy.

Miller sorriu e disse:

— Bem, ambos. Se ela já quiser ir....

— Claro — respondi, levantando-me na esperança de conseguir fugir da situação. Seria melhor do que ficar ali aguentando mais desaforo ou ter de pegar carona com a minha mãe e de quebra ganhar mais um sermão sobre como eu deveria aproveitar os meus 30 anos para não acabar “aos 40 sozinha”. Tal como Lucy, ela acreditava que tinha a melhor das intenções, mas não conseguia deixar de fazer as coisas do jeito que bem queria para mim, ou seja, que eu me tornasse uma dona de casa mimada, casada com um médico ou advogado ou, em suas próprias palavras, “até mesmo um veterinário ou um dentista”.

— Não. Fique. Eu insisto — disse Lucy, conduzindo Miller até a cadeira que estava bem na frente dela. — Estávamos agora mesmo falando sobre você. E do seu relacionamento com a Shea.

— Lucy — chamei-a num tom mais áspero.

Dessa vez, Miller mordeu a isca.

— Tudo bem — respondeu ele, sorrindo.

— Então, Miller, você acha que você e a Shea combinam? — perguntou Lucy.

— Cadeira elétrica, cara, cuidado! — alertou Lawton.

Miller esticou o braço para segurar a minha mão, e eu, contra a minha vontade, deixei.

— Sim. Formamos o par perfeito — respondeu ele.

— Perfeitamente — murmurei.

— O par perfeito, hum? E por que diz isso?

— Bom, primeiro porque nós dois amamos futebol americano. Certo, treinador? — O treinador ergueu a mão no ar, com o punho cerrado.

Lucy cruzou os braços.

— Bem, isso significa que a Shea combinaria com qualquer outro homem do estado do Texas. Exceto com o Neil, que não é assim tão fanático por futebol.

Sempre achei que essa era uma das coisas de que Lucy mais gostava no marido. Ele não era o tipo que passava os dias na frente da televisão, assistindo aos jogos. Mesmo assim, o comentário soou ligeiramente como uma castração, pelo menos diante do sogro, um treinador legendário. Então, Neil se pronunciou:

— Ei, espere aí. Eu gosto de futebol americano. *Amo* futebol americano.

— Não é só o futebol. Ela me faz bem. Me faz ser um cara melhor — acrescentou Miller.

— E o que você faz por ela? — questionou Lucy, impassível.

Minha mãe estava literalmente na ponta da cadeira, esperando.

— Bom, eu faço ela dar risada. — Deixei escapar uma risadinha, e Miller apontou para mim e disse: — Está vendo?

— Já está tarde — lancei, levantando e gesticulando para Miller. — Onde está o seu casaco? Vou pegá-lo.

Miller apontou para o corredor, na direção do quarto principal.

— Está em cima da cama.

Hesitei, mas era tarde demais para retirar a minha oferta, então segui adiante, passando pelo treinador. Quando entrei no quarto, avistei o casaco de Miller jogado no lado da cama do treinador, perto da janela. Eu só sabia que aquele era o lado da cama do treinador porque a Sra. Carr passara as suas últimas semanas do lado mais próximo ao banheiro. Uma onda de tristeza me invadiu quando caminhei rapidamente em direção ao pé da cama e estendi o braço para pegar o casaco. Então, voltei para cozinha e disse para Miller que agora realmente *era* hora de ir embora.

Três



"February made me shiver" (Fevereiro me faz estremecer). A estrofe da música *American Pie,* de Don McLean, ficou na minha cabeça durante um mês, uma música sinistra com uma melodia interminável. Ela sempre fora uma das canções favoritas do treinador, mas eu nunca liguei muito, em parte porque a música se impregnava e permanecia com você muito tempo depois, mesmo quando queria se livrar dela, e também porque era muito depressiva, todo aquele papo de noivas, de Satanás dando risada e de canção melancólica no escuro. Agora, a música também me fazia lembrar de toda a dor da morte da Sra. Carr, junto a uma série de outras emoções que me perturbavam.

Por um lado, eu me sentia culpada. Culpada por não me sentir tão triste quanto a Lucy, a minha mãe e o treinador. Culpada por conseguir passar um bocado de horas sem pensar na Sra. Carr. Nos meus momentos mais egoístas, eu me sentia até mesmo impaciente, desejando que as coisas voltassem ao normal. Apanhei-me rezando para que a primavera chegasse logo ao Texas, acreditando que a mudança de estação ajudaria, junto ao início dos treinos que acontecia todo mês de março e a toda esperança que acompanhava o renascimento anual da nossa equipe. Em outras palavras, esperei pelo reaparecimento do futebol quando mais precisávamos dele. Com uma excelente temporada no ano anterior, e a maioria dos nossos jogadores iniciantes retornando, mais a vinda de Reggie Rhodes e a excelente turma de iniciantes, quase não restavam dúvidas que este seria um excelente ano para nós. Muito bom mesmo e potencialmente ótimo. Seria um ano doce e ao mesmo tempo amargo sem a Sra. Carr para compartilhá-lo conosco, mas era melhor que fosse assim do que simplesmente amargo.

Mas o futebol americano poderia me distrair do luto e da culpa, e, depois da morte da Sra. Carr, me peguei fazendo reflexões sobre a minha própria vida, de um jeito que antes eu evitava. Eu não conseguia lutar contra o sentimento de insatisfação pelo estado atual das coisas, tudo aquilo que sempre me fez sentir confortável e suficientemente bem. Meu relacionamento corriqueiro com Miller. Meu carro e meu apartamento simples — os quais eu me recusava a ver como

parâmetros de medição da vida de ninguém, muito menos na minha —, eram mais apropriados para uma garota com seus vinte anos do que para uma mulher com trinta e poucos. Pelo menos eu tinha um guarda-roupa decente, todas as roupas escolhidas por Lucy e compradas com um excelente desconto na sua loja, mas a maior parte delas permanecia pendurada dentro do armário, já que eu não tinha a oportunidade de usá-las. Eram roupas boas demais para o meu trabalho na Walker — o que era outra coisa sobre a qual comecei a refletir. Eu era a diretora-assistente esportiva, o que significa que trabalhava nos bastidores do departamento atlético, assistindo a partidas intermináveis, registrando estatísticas e repassando-as para a mídia. Foi o único emprego que tive desde os meus tempos de estágio, em que trabalhei no mesmo escritório, e algo do qual sempre me senti orgulhosa e a única e verdadeira fonte da minha identidade. Mas, de repente, até mesmo o trabalho que eu tanto amava pareceu pequeno e sem importância, especialmente tudo o que não envolvia o futebol americano em si. Sei que eu tentava explicar o meu trabalho dizendo que estava simplesmente seguindo a minha paixão — um argumento criado para justificar o meu salário miserável. Sim, o futebol americano era a minha paixão, e Walker, a minha casa, mas bem lá no fundo eu sabia que permanecia lá porque me sentia segura e porque era fácil, não porque fosse exatamente o certo.

Eu sabia que deveria estar *escrevendo* sobre esportes, esse era o meu plano desde que me formei em Jornalismo. Mas, de alguma forma, esse sonho nunca se materializou. Não sei ao certo por quê, mas provavelmente tenha sido pelo fato de eu ter de sair do casulo, da Universidade de Walker. Abandonar o treinador Carr. E essa era a última — e talvez a maior — decisão que eu teria de enfrentar nas semanas que sucederam a morte da Sra. Carr.

Era difícil dizer ao certo quando a minha paixão começou de fato, porque, desde muito menina, sempre adorei o treinador Carr. Eu o coloquei num pedestal como um punhado de garotinhas fazem com os seus pais — da maneira que eu poderia ter feito como meu se as minhas lembranças mais antigas não fossem dele brigando com a minha mãe. Era a voz da minha mãe que eu sempre ouvia no meio da noite, mas foram aquelas acusações enfurecidas que formaram as minhas primeiras opiniões a respeito do meu pai: *traidor, filho da puta mentiroso*. Eu era criança demais para entender qualquer coisa a respeito de infidelidade ou de outros assuntos, porém, mais tarde eu juntaria todos os pedaços dessa cronologia sórdida. O que quer dizer que eu saberia que os meus pais se conheceram quando a minha mãe tinha acabado de sair da faculdade e estava trabalhando numa corretora em Dallas, e que na época meu pai trabalhava num banco de investimento, e era realocado de cidade de acordo com os

contratos que fechava.

Eles formavam um casal que dificilmente daria certo, mas minha mãe se apaixonou pelo bonitão de Wall Street que tinha o cabelo penteado para trás e que usava ternos risca de giz, e meu pai sentiu-se igualmente deslumbrado pela garota ousada e audaciosa a quem ele chamou de “rosa amarela do Texas”. O único problema do romance ardente e a longa distância entre os dois e que me rendeu uma surpresa (minha mãe alega que foi um acidente, mas sempre tive minhas dúvidas) foi que o meu pai já era casado e que havia um bebê a caminho. *Ops*. Minha mãe ganhou a disputa contra a mulher grávida e laçou o meu pai, e conseguiu até mesmo que ele se transferisse de Nova York para o Texas depois que o período de três meses de experiência no trabalho dele em Manhattan lhe pareceu “demasiadamente extenso”. (Felizmente a minha mãe trouxe uma caixa com terra de Dallas para Upper East Side, onde nasci, e a colocou debaixo da cama onde ocorreu o parto, pois assim, tecnicamente, ela poderia dizer que eu havia nascido em terras texanas.)

Por alguns anos, desde que voltamos para Dallas, meus pais estavam felizes, pelo menos segundo a minha mãe. Até que, como se diz por aí, *tudo que vai volta*, ele fez tudo de novo: traiu a minha mãe com a sua primeira esposa, e acabou ficando com ela e com a minha meia-irmã, Bronwyn. O divórcio sempre dói, mas dói ainda mais quando se perde assim, para uma menina exatamente da mesma idade que tinha visto a minha infância como nada mais do que um incômodo e uma interrupção de sua própria autobiografia. Quando éramos crianças, Bronwyn costumava contar a mesma história sempre que tinha a oportunidade, relatando que o seu pai implorou para a sua mãe aceitá-lo de volta depois de ter caído em si em relação à minha mãe. E, em seguida, a parte do conto de fadas de que ela mais gostava: como ela entrou no triplex da Avenida Madison, com pétalas de rosa sendo lançadas sobre ela pelos três lances de escada até um quarto cor-de-rosa sofisticado, observando a cama com dossel e lençóis de primeira linha enquanto meu pai a levava para o novo quarto.

— Vou ficar aqui com você ou com a mamãe? — Bronwyn teria perguntado certa vez enquanto os dois estavam atrás dela, sorrindo, com as mãos romanticamente entrelaçadas.

— Com os dois. Vamos nos casar. De novo — anunciaram.

Como diz a lenda, os três, em seguida, pegaram as pétalas e as jogaram ao redor da sala e imediatamente começaram a fazer planos para o casamento na Toscana, ao qual eu seria obrigada a comparecer. Era uma versão deturpada e distorcida da Cinderela, e Bronwyn aparentemente nunca acreditou que eu era

inocente nessa história do primeiro caso do meu pai, assim como também nunca acreditou que eu havia sofrido com o mesmo destino que o dela, só que o meu não teve final feliz.

Mas a pior parte do divórcio não foi perder o meu pai; foi como a minha mãe desmoronou depois da vitória de Astrid e Bronwyn. Ainda consigo me lembrar de quando eu chegava em casa e a encontrava na cama, com as cortinas fechadas e o quarto cheirando a cigarro.

Jerry Springer estava se esgoelando na televisão, como se o único consolo da minha mãe fosse ouvir pessoas que tiveram vidas ainda mais deprimentes do que a dela. Anos depois, descobri que ela teve uma espécie de colapso nervoso, que exigiu a intervenção de Connie Carr seguida de uma internação de seis semanas num centro de tratamento disfarçado de Spa 5 estrelas em Austin.

Na época, eu só sabia o que a Sra. Carr havia me contado: que a minha mãe estava doente e que precisaria ficar fora por um tempo para se recuperar e que Lucy e eu dividiríamos o quarto e seríamos como irmãs de verdade. Senti saudades da minha mãe, mas fiquei contente por estar em uma casa feliz onde havia sempre alguém com quem brincar e onde os adultos agiam como adultos. Adorava a forma como tudo era perfeitamente organizado — o jantar era pontualmente servido às sete horas, as orações eram feitas em voz alta e as camas, arrumadas todas as manhãs. Adorava a maneira como a Sra. Carr estava sempre de bom humor, cantando em voz alta enquanto fazia as tarefas domésticas. Acima de tudo, eu amava a maneira como o futebol americano estava imbuído na vida cotidiana, como enaltecia as coisas simples, fazendo com que tudo parecesse importante e vívido. Eu já era uma grande fã de futebol americano, mas foi durante essa época que realmente aprendi as particularidades do jogo, comecei a praticar com o treinador, a estudar os diagramas de jogo dele e até a desenhar por minha conta o “X” e “O” das coisas que eram as mais fáceis para mim: a *end around* (uma jogada cujo objetivo é enganar a defesa); a *Hail Mary* (que significa literalmente Ave Maria em inglês, e é como uma cartada final, uma jogada utilizada como última opção para vencer ou empatar a partida; nessa jogada, o intuito é lançar a bola na *end zone* nos segundos finais da partida e torcer para que o *wide receiver* consiga segurá-la); a *blitz* (uma jogada estratégica na qual o objetivo é deixar o *quarterback* e a proteção dele em dúvida sobre quais são os jogadores envolvidos no lance e quais darão cobertura) e a *triple option* (uma jogada na qual há três opções: *wishbone*, *veer* ou *I formation*) de esquema tático para correr com a bola e avançar com ela pelo campo.

À medida que o tempo passou e minha mãe voltou a ser o que era, aquela

admiração de infância que eu sentia pelo treinador Carr se transformou num tipo de reverência. Eu continuava vendo-o na maior parte do tempo como o pai de Lucy e um amigo muito próximo da família, de fato o único homem que havia na minha vida, exceto por um ou outro namorado da minha mãe. Mas, às vezes, especialmente durante a temporada de jogos, minha afeição por ele beirava a adoração a um herói.

Quando entrei na faculdade, fiquei chocada ao descobrir que o treinador tinha tietes — algumas delas da minha idade. A garotas comentavam sobre o quanto ele era atraente e estremeciam, literalmente, quando ele passava por nós no *campus*, desfalecendo quando ele parava para me perguntar como estavam as coisas e se eu tinha notícias de Lucy. Embora ele aparentemente não notasse a tietagem, a futilidade delas continuava me irritando. Tratei a situação com o desdém habitual que eu sentia pelas garotas imbecis do grêmio, mas, no fundo, acho que senti um pouco de ciúme territorial do meu ídolo.

Depois da formatura, quando comecei a trabalhar para a minha universidade, eu já nem dava mais tanta importância ao assunto. Eu aceitava, como verdade absoluta, que o treinador era o sol e que todos os outros, inclusive eu, orbitavam ao redor dele, exatamente da mesma forma que era em Walker, no Texas. Então, mais ou menos três anos atrás, a *Sports Illustrated* publicou uma grande matéria de capa com o treinador Carr, cujo título era “A pequena instituição que tem grande poder: como o Walker caminha com — e derrota — os grandões do futebol universitário”. Na matéria, Alex Wolff fala sobre o nosso *campus* tranquilo e pitoresco, e sobre o nosso corpo discente pequeno e homogêneo. Considerando que tínhamos o quarto menor corpo discente de qualquer outra universidade da Primeira Divisão — à frente apenas da Tulsa, da Rice e da Wake Forest, nenhuma das quais era sinônimo de futebol —, Wolff mostrou-se encantado pela nossa competência de trazer jogadores de baixa renda de diferentes áreas do país, considerando os nossos elevados padrões acadêmicos, nossos alunos bem preparados e a localização numa cidade pacata que tinha mais igrejas do que bares, e que fica entre Waco e Dallas. Ele discursou bastante sobre as teorias de sempre, mas, por fim, comentou sobre o nosso enorme talento, sobre as nossas habilidades inovadoras e arrojadas, sobre o nosso bucólico *campus* de tijolos vermelhos, mas encerrou falando sobre o carisma do treinador Carr e de sua “sabedoria” ao selecionador os jogadores.

Por assistir o treinador em ação, eu sabia que ele de fato abraçava todos os nossos defeitos e encontrava uma maneira de transformar o negativo em positivo ao conversar com os pais dos iniciantes, especialmente com as mães, que, na maioria dos casos, eram quem tomavam a decisão final sobre onde seus filhos

iriam jogar. Era o ponto mais forte da sua lábia. Depois de seduzir todo mundo na sala de estar, e, muitas vezes a vizinhança inteira, ele explicava (normalmente quando o candidato estava distante, longe do alcance de sua voz) que os selecionados se divertiriam muito, mas que não fariam nada que pudesse metê-los em alguma encrenca. Em seguida, o treinador destacava de maneira incrível o alto índice de graduação da Universidade de Walker e o fato de que praticamente ninguém tinha ouvido falar de qualquer um dos seus atletas indo para o Centro de Práticas Esportivas para praticar qualquer outra coisa que não fosse o futebol americano. Durante todo o tempo em que ele atuou como treinador principal, não houve escândalos — apenas algumas violações do código de honra, de que poucos ficaram sabendo, algumas brincadeiras que deram errado e algumas ocorrências de embriaguez ao volante. A Walker tinha um programa totalmente limpo e transparente no qual o treinador Carr transformava garotos em homens melhores. E fazia tudo isso sempre ganhando, em sucessivas temporadas gloriosas. Como Wolff tão eloquentemente explicou:

Se um garoto assina contrato com a Walker, tem a probabilidade de sair com um diploma, com um troféu e com avaliações muito claras de olheiros, uma combinação irresistível feita por Clive Carr, o estimado treinador que é o responsável pelo processo de seleção. O Knute Rockne da nossa geração, tão enérgico quanto Clint Eastwood, eloquente como Perry Mason e bonito como George Clooney.

Lembro-me de ter lido aquele parágrafo e de ficar com os olhos grudados nas fotos do treinador Carr — em uma delas, ele foi fotografado sem perceber, e está de pé na lateral do campo, com seu fone de ouvido e chapéu, e a outra foto, mais estilizada, era um retrato mais pomposo dele, numa quadra. Quando vi as fotos, pensei: *Ah, meu Deus*.

Tudo o que Wolff escreveu era verdadeiro, mas ainda assim eu me sentia ligeiramente aborrecida por ter de dividir o meu ídolo, o *meu* treinador, com as massas. Lembro-me que revirei os olhos, e que depois enfiei a revista dentro de uma gaveta, junto com cupons, clipes e convites de casamento; em relação a estes últimos, eu havia me esquecido de confirmar presença.

Assim que bati a gaveta e a fechei, vi o número de Miller num guardanapo que ele havia me dado na semana anterior, em mais uma noite de bebedeira. Não dei a menor bola para ele depois que Lucy o rotulou de perdedor e decidi que provavelmente ela estava certa. Mas, naquela manhã, logo depois que comi um prato de sêmola e um biscoito engordurado, peguei o telefone e liguei para ele. Miller atendeu ao primeiro toque, saímos naquela noite e estamos namorando

desde então.

Só agora, com a morte da Sra. Carr servindo como alerta, percebi o quanto me tornei uma pessoa presa e o quanto a minha vida se tornara uma rotina. Algo tinha de ser feito. Eu precisava encontrar uma maneira de mudar as coisas. De seguir em frente.

Eu estava pensando exatamente nisso certa tarde, enquanto caminhava pelas dependências da Walker. Embora eu estivesse no *campus* todos os dias, inclusive nos fins de semana, eu normalmente só ia do meu escritório, na casa de campo antiga, para a central de atendimento ao aluno, onde eu pegava o meu almoço. Para falar a verdade, não conseguia me lembrar de quando foi a última vez que caminhei pelo *campus* sem um propósito específico. Talvez tenha sido na minha época de aluna, uns doze anos atrás. Dei uma volta inteira ao redor da área arborizada, fui da Wait Chapel até a quadra, depois para os dormitórios, prédios de ciências e de negócios que ficam às margens do rio Brazos, em seguida passei pelas mansões com a entrada decorada por pilares onde moravam o pessoal das repúblicas da faculdade. Andei, andei e pensei na Sra. Carr, no treinador, em Miller, no meu trabalho e na minha vida.

Então, assim que voltei para o escritório, vi um bilhete na minha mesa: *O treinador Carr quer falar com você.* Fiquei olhando a mensagem por alguns segundos de nervosismo, me perguntando o que ele queria falar comigo. Provavelmente só queria conversar sobre a pequena matéria que Lucy me pediu para escrever sobre a vida da sua mãe, que seria publicada no jornal da nossa cidade. Alguns dias atrás, eu havia entregado um rascunho para o treinador, com uma nota que dizia: *Quero saber o que achou. Se for preciso, faço qualquer alteração, sem problemas.* Só poderia ser esse o motivo pelo qual ele queria falar comigo, decidi, enquanto me levantei da cadeira e caminhei até o outro lado da casa de campo antiga, saí pela porta e atravessei o estacionamento, chegando até o novo, moderno e reluzente complexo de futebol. Depois de atravessar o saguão de mármore, peguei a escada em espiral e subi três lances, admirando o santuário dos Broncos, os gabinetes envidraçados cheios de troféus, banners e fotos, e depois digitei o código de segurança para liberar as portas que levariam até a ala dos treinadores.

Quando cheguei ao escritório enorme, no canto da ala, encontrei a Sra. Heflin, secretária de longa data do treinador e recepcionista, trabalhando.

— Vá em frente, querida — disse ela, jovial como sempre. Sentindo certo desconforto, olhei para porta fechada, que normalmente era um sinal de que ele não queria ser perturbado. — Não se preocupe. Ele está esperando por você —

ela afirmou.

Meneei a cabeça, mas, ainda assim, bati com cuidado e fiquei tensa ao ouvir a sua saudação familiar, em voz alta, me pedindo para entrar. Empurrei a porta e vi o treinador sentado à sua mesa, ouvindo a música *This ain't no love song* (Esta não é uma canção de amor), de Trace Adkins.

— Venha, menina! — pediu ele, levantando a cabeça e desviando o olhar de uma tabela complexa, com os jogadores de ataque listados no topo e os jogadores de defesa, abaixo. — Sente-se.

Sentei-me no sofá de couro marrom, de frente para a mesa dele, e olhei para as fotos emolduradas que havia ao redor, os artigos de jornal e as mensagens de motivação que decoravam o seu escritório. Nunca me cansava de olhar para tudo aquilo.

— Bom dia — saudou-me o treinador, enquanto Brad Paisley começou a cantar *She's everything* (Ela é tudo). Eu amava o gosto musical do treinador, e amava o fato de ele continuar preferindo o rádio ao iPod cheio de músicas country que Lucy lhe dera recentemente, alegando que o pai gostava de ser surpreendido pela música que viria a seguir.

— Bom dia — respondi, evitando olhar para ele enquanto Brad cantava: "She's everything to me".

— Bom. Li o seu artigo — disse ele, tirando o papel de dentro da gaveta.

A cópia estava limpa, sem nenhuma anotação que eu pudesse ver, mas a feição dele estava inexpressiva o suficiente para que eu me questionasse se eu havia tomado a direção certa ao escrever aquilo. Será que estava bizarro demais, com um tom animado demais? O treinador Carr gostava das coisas simples e objetivas. Nada de alvoroços, era o que ele sempre dizia.

— Posso mudar. É só o primeiro rascunho — menti. — Então, se tem alguma coisa que o senhor não gostou...

Ele me interrompeu.

— Não precisa mudar nada. Está perfeito.

Baixei a cabeça e agradeci, com as bochechas queimando.

— O Walker tem sorte de poder contar com você. E eu também.

Sorri, mas percebi que, embora suas palavras fossem promissoras, ele estava com uma carranca, com uma expressão preocupante. Do mesmo jeito que fazia quando olhava para um jogador que estava prestes a perder o lance inicial.

— Obrigada, treinador — murmurei.

— Quando J.J. se aposentar, você vai estar preparada para se tornar uma das diretoras esportivas de imprensa mais jovens de uma grande escola de futebol americano do país. Para muitos, essa é uma excelente posição.

— Treinador... Por que estou sentindo como se o senhor estivesse se preparando para me demitir?

Ele deu risada e me pediu para não ser ridícula.

— Além disso, não posso demiti-la. Não sou seu chefe direto.

Tive de me conter para não dizer que ele poderia fazer o que bem quisesse, que o nosso diretor esportivo poderia ser o chefe, tecnicamente, mas que todos sabiam que era o treinador quem mandava em tudo por aqui. Em vez disso, perguntei:

— E tem algum *porém*?

Ele sorriu, depois fez uma pausa e disse:

— Porém... isso é realmente... a sua paixão?

— É um emprego excelente — respondi, mas sabia muito bem aonde ele queria chegar. Era quase como se ele tivesse lido a minha mente.

— Sem dúvida. É uma posição espetacular. E, para alguns, até mesmo a posição perfeita. J. J. ama fazer malabarismos com as bolas... É um administrador que ama esporte. *Todos* os esportes.... Mas você realmente nasceu para fazer isso?

— O que o senhor quer dizer? Eu amo futebol americano — retruquei, percebendo o meu erro imediatamente. O futebol era apenas uma pequena parte do meu trabalho, pois a Walker tinha outras quatorze modalidades de esporte.

— Certo. Sei que você ama escrever também. Mas o seu trabalho não envolve nem futebol nem escrita. Está relacionado com a manutenção da imagem da instituição. Acompanhar as corridas masculinas de *cross country* e os jogos de vôlei feminino. Elaborar comunicados de rotina para a imprensa, produzir guias de mídia. Ao final do dia, acaba sendo um trabalho de Relações Públicas, não algo que envolva a escrita em si.

— Às vezes eu escrevo. Gosto de escrever assim — falei baixinho, olhando para baixo, para as minhas mãos.

— Eu sei, menina. Eu sei. É essa a minha dúvida.

Fiz que sim com a cabeça, mas ainda assim não consegui olhar para ele.

— Você deveria estar escrevendo — acrescentou ele.

— Mas eu escrevo.

— Escrevendo em *tempo integral*. No ensino médio e na faculdade você escrevia mais do que aqui.

— Sim. Matérias ridículas para o jornal da escola — retruquei, fixando o olhar bem acima da cabeça dele, numa prateleira cheia de fotos que tinham vindo do nosso departamento, o registro de vários momentos ao longo de anos, incluindo uma foto de quando eu estava no último ano da faculdade, de Ryan James na lateral do campo com um dedo apontado para cima e o outro braço ao redor do seu treinador querido.

— Eram matérias de nível profissional, Shea. Diferente de qualquer trabalho de aluno que eu já vi.

Senti um calafrio quando meus olhos encontraram os dele.

— Obrigada — falei, esforçando-me para não desviar o olhar.

— Além disso... você não deveria se limitar a Walker. Há um mundo imenso lá fora.

Foi uma afirmação estranha, partindo de um homem cuja vida inteira girou em torno da Walker, e não consegui me conter em relação a esse ponto, o que foi uma ousadia e tanto para mim.

— E quanto ao senhor? Recusou a proposta de Bills.

Assim que as palavras saíram, percebi que a comparação foi infeliz. Ele era o técnico principal de futebol americano. Ele *era* o Walker.

O treinador deu de ombros:

— Eu nunca conseguiria morar em Buffalo. Frio demais. E eu amo o jogo *universitário*.

— Bem, e eu amo o Walker — afirmei.

Ele me encarou. Então, quando eu não podia suportar nem mais um segundo, ele retirou um pedaço de papel dobrado de dentro da gaveta e esticou o braço em cima da mesa para entregá-lo a mim. Desdobrei o papel e olhei para o número de um telefone e, abaixo dele, o nome Frank Smiley.

— Você o conhece, certo? — perguntou o treinador.

Balancei a cabeça, afirmando. Eu havia falado com Smiley apenas algumas

vezes, de passagem, em coletivas de imprensa, mas sabia exatamente quem ele era: o editor de esportes do *The Dallas Post*, o único jornal de grande circulação com uma legítima seção de esportes que havia no Texas. Smiley era um repórter rabugento e audacioso, das antigas, que não escondia de ninguém que ansiava pela volta dos bons tempos, aqueles tempos em que os caras não chamavam a atenção para si mesmos; que os atletas universitários realmente compareciam às aulas e se formavam depois de quatro anos; os investidores não compravam carros esportivos, e as emissoras não tinham o controle das coisas; o dinheiro não imperava nas entrevistas coletivas; a rivalidade de fato tinha o seu significado e os jogadores permaneciam com o mesmo time profissional para a vida inteira, bem como os treinadores. Seu comportamento na sala de imprensa era lendário, pois ele sempre sabia arrancar a resposta de um treinador, fazendo a pergunta certa com o tom apropriado. Sabe-se lá como, acabavam gostando dele mesmo quando se mostrava inconveniente, e o entrevistado se sentia na obrigação de soltar alguma informação porque não dava para agir com indiferença diante de um cara tão animado. Era profissional, sem a menor dúvida.

— Ele está procurando um repórter — anunciou o treinador.

— Para qual furo de reportagem? — perguntei, cruzando os braços, certa de que Smiley não estava procurando uma repórter do sexo feminino e sem experiência.

— Não sei. Não tenho os detalhes. Ele só comentou que perdeu dois caras pro ESPN e outros dois para um site de esportes...

— Posso até ouvir o discurso agora....

O treinador sorriu, depois imitou Smiley com perfeição:

— “Ninguém mais quer sujar as mãos de tinta logo de manhã?” — disse ele, referindo-se, claro, à tinta dos jornais.

— Eu quero — afirmei, levantando as mãos espalmadas.

O treinador piscou para mim, depois apontou para a pilha de jornais sobre a mesa.

— Enfim. Smiley perguntou se eu conhecia alguém. — O treinador olhou para mim propositadamente.

— E? O senhor conhece? — perguntei, me fazendo de desentendida.

— Claro que conheço.

— E quem é? — questionei, bancando a idiota enquanto, por dentro, entrava em pânico.

— Você.

Não hesitei.

— Eu já *tenho* emprego.

— Certo. Mas esse outro é melhor. E, se você consegui-lo, deve aceitar. Mesmo que isso signifique que terá de dizer algumas coisas agradáveis em relação aos outros programas.

Sorri e falei:

— Sem chance. Isso é quebra de acordo.

— Shea, ligue para Smiley. Pode ser uma grande oportunidade para você — insistiu o treinador, com a expressão séria de quem faz negócios.

Tive a sensação de que ele estava pensando em Connie, provavelmente algo em relação à brevidade da vida dela, à importância de agarrar uma oportunidade, e a todas coisas pelas coisas eu andava obcecada ultimamente. Assenti, sabendo que ele estava certo e que eu não poderia de forma alguma me recusar a comparecer àquela entrevista. Ou a qualquer outra coisa que o treinador me pedisse para fazer.

— Ok. Vou ligar para ele.

— Que bom — disse o treinador, recostando-se em sua cadeira com uma expressão de satisfação. — Ah, mais uma coisa.

— Sim? — respondi, enquanto Kenny Chesney cantarolava “Come over, come over, come over” (Venha, venha, venha) ao fundo.

— O que você *realmente* sente pelo Miller?

Dei de ombros, e a resposta ficou clara.

— É.... Foi o que eu imaginei.... Entre você e eu, quem está certa é a Lucy.... Você é demais para aquele rapaz.

Eu o encarei, chocada, e ele ficou me encarando também, depois piscou.

— Não estava esperando por essa, estava?

— Não, treinador. Com certeza não — respondi por fim.

Sorri e balancei a cabeça, comovida pela preocupação dele, mas inexplicavelmente constrangida. Depois de todos aqueles anos, a adoração pelo

herói ainda vinha à tona em momentos inesperados, me perturbando.

— Então, está bem. — Ele me deu um sorriso discreto e voltou a olhar para o diagrama complexo, sinalizando que a nossa conversa tinha terminado.

Levantei-me e pedi licença discretamente, sem querer quebrar a concentração dele nem desperdiçar mais um segundo do seu tempo. Quando passei pela Sra. Heflin e, em seguida, voltei para o meu escritório, pensei em como eu deveria me vestir para a minha primeira entrevista de verdade e em outra questão, que me preocupou mais. Como exatamente eu daria aquela notícia a Miller.

Quatro



Durante a semana seguinte ou mais ou menos isso, pude sentir que a insatisfação com a minha vida só aumentava, e então tive ainda mais certeza das mudanças que eu precisava fazer. No entanto, eu continuava estagnada, sentindo-me travada. Não liguei para obter mais informações sobre o trabalho no *Post* e continuei com Miller. O tempo todo, eu fazia de tudo para evitar o treinador e ter de confrontar-me com a minha falta de progresso.

Não sei exatamente do que eu sentia medo — fracasso, rejeição ou solidão —, mas alguma coisa estava me segurando. Mantendo-me no limbo.

Então, na sexta-feira seguinte, Miller e eu fomos assistir a um filme de ação e dividimos pipoca, Twizzlers e um copo de Coca-Cola grande, que seria o nosso jantar, o típico programa que fazíamos quando saíamos à noite. Depois ele me levou de volta para casa, com o assento do carro reclinado, uma mão no volante e o rádio tocando música de alguma banda de maconheiros. Eu odiava as músicas de Miller e, em silêncio, comigo mesma, eu as colocava na lista "Motivos pelos quais nós dois não combinamos" que não saía da minha cabeça desde a conversa no escritório do treinador. Quando abaixei o volume do rádio, perguntei a Miller, despretensiosamente, se ele estava feliz por entrar na Walker. Não sei ao certo o que me motivou a fazer aquela pergunta, a não ser o desejo de levá-lo à resposta errada. Se ele dissesse alguma coisa desleal sobre a nossa faculdade, eu teria algo a mais para colocar na lista. Se me desse uma resposta curta demais ou desinteressante, eu também poderia colocá-la na lista, na categoria *sem conteúdo*.

— Claro. Por que não estaria? — disse ele, balançando a cabeça para cima e para baixo em sintonia com a música.

— Ah, não sei. Às vezes acho a faculdade um pouco pequena — respondi, induzindo a resposta dele.

— Talvez — disse ele, evasivo.

— Teve alguma coisa de que você não gostou?

— A exigência de uma língua estrangeira. Aquilo foi uma verdadeira *mierda* — confessou.

— *Mierda*? Eu escolhi o alemão.

— Merda. — Ele traduziu, arregaçando a manga de sua camisa flanelada xadrez, peça bem típica do seu guarda-roupa, além de camiseta e calça jeans. Ao olhar para Miller, você jamais imaginaria que ele já havia jogado num time de futebol americano universitário ou que atualmente era treinador. Com seu cabelo desgrenhado e suas roupas estilo grunge, ele se parecia mais com um músico do que com um atleta.

— Bem... Como você se sentiu jogando no time do treinador Carr? — questionei.

— Espere. Você está escrevendo algum artigo sobre ex-jogadores do time?

Delusions of grandeur[2], pensei, enquanto balancei a cabeça e dizia:

— Não, Miller. Era só... curiosidade.

— Ah. Bem, eu não gostei de perder o lugar para o Ryan James... Mas, prefiro ser o reserva do QB[3] para o treinador a começar a jogar para algum imbecil.

Dei risada, percebendo que minha estratégia havia falhado. Miller realmente conseguia me fazer morrer de rir, mesmo quando não tentava. Ele era uma companhia muito agradável. Ao longo desses três anos, não tivemos uma briga sequer, embora eu soubesse que isso se devia muito mais à minha personalidade do que à dele. Eu fazia tudo o que fosse preciso para evitar qualquer tipo de briga.

— E ganhei *isto* — disse ele, apontando para o anel gigantesco que ele recebera como troféu no campeonato de Cotton Bowl. Com uma piscadela, acrescentou: — Ele faz maravilhas com as mulheres.

Revirei os olhos, e, embora eu nunca tenha ligado muito para as joias de nenhum tipo de homem, eu amava as mãos grandes de Miller e a maneira como ele conseguia arremessar uma bola fazendo-a alcançar a distância de cinquenta jardas.

— E você? Está feliz por ter entrado na Walker? — indagou ele.

— Sim. Foi a melhor decisão que já tomei — respondi, pensando que essa deve ter sido a *única* grande decisão que já tomei. Todas as outras coisas da minha vida simplesmente *aconteceram* para mim.

— Melhor do que ter saído comigo? — perguntou, sorrindo.

Retribuí o sorriso, mas, por dentro, eu sentia como se houvesse um nó em mim enquanto entrávamos no estacionamento do meu condomínio, estacionando ao lado do meu antigo Honda Accord (que estava com a lateral do lado do motorista bastante amassada de quando, alguns meses antes, esbarrei num pilar de concreto num estacionamento). Miller começou a abrir a porta do lado dele, mas, como eu não me mexi, ele olhou para mim e disse:

— Espere aí. Você quer sair para comer alguma coisa?

Girei o corpo em direção a ele:

— Miller. Precisamos conversar.

— O que foi?

Respirei fundo, buscando coragem — ou pelo menos um pouco de iniciativa.

— Acho que a gente deve terminar.

A expressão dele murchou.

— Está falando sério?

Balancei a cabeça, fazendo que sim. Senti uma dor no peito, mas ainda assim as palavras pareciam certas, e, de repente, não restou a menor dúvida na minha cabeça de que eu estava fazendo a coisa certa.

— Por quê? — perguntou ele, o tipo de pergunta que nunca é muito produtiva quando alguém está tentando terminar um relacionamento com você.

— Eu só acho que... não está certo.

— É por causa da Lucy?

— Não. Juro — respondi, sabendo que Miller se sentiria péssimo se soubesse de quem realmente aquilo havia partido. — É que... acho que não está certo continuarmos juntos. Acho que tanto eu quanto você só estamos enrolando... passando o tempo porque não há nada melhor para a gente fazer.

— Mas você é a melhor de todas — afirmou Miller, com doçura. Posso dizer que ele estava sendo sincero, e eu me questionei se o fato de um de nós sentir que a relação fazia sentido não fosse, talvez, o suficiente. Mas eu sabia a resposta, então continuei.

— Que bom saber disso, Miller.

— Você está saindo com outra pessoa? — perguntou ele.

Respondi que não da maneira mais veemente que pude, esperando que isso tornasse as coisas mais fáceis. Por outro lado, o que eu realmente estava dizendo

era que ficar *sozinha* era melhor do que ficar com ele.

— Tudo bem. Podemos terminar... se é isso mesmo que você quer... Mas podemos continuar fazendo aquilo? Você sabe... uma amizade com alguns benefícios?

— Não, não podemos continuar fazendo aquilo — respondi, pensando que aquela pergunta, aliada à sinceridade dele, confirmou a minha decisão.

— Ah, fala sério. Só mais uma vez — insistiu ele, colocando a mão sobre a minha coxa.

Senti o corpo enfraquecer, da maneira como acontecia quando um garçom me perguntava se eu tinha guardado espaço para a sobremesa. Mas não, eu tinha de acabar logo com aquilo. *Vá lá e faça*, como dizem na linguagem esportiva.

— Eu quero — falei.

— Então vem, vamos — disse ele, já com a expressão mais alegre, feito uma criança que acaba de convencer a mãe a deixá-la assistir TV por mais meia hora.

— Não posso... Miller. Desculpe — lamentei, tirando a mão dele de cima do meu joelho. Então me aproximei dele, deixei-lhe um beijinho simples, mas decisivo, no rosto com a barba por fazer e falei: — Vejo você por aí?

— Sim. A gente se vê — retrucou ele, enquanto eu o imaginava nos bares, cercado de mulheres loiras com seus vinte e poucos anos e com os peitos cheios de silicone. Senti uma pontada de ciúmes, mas não o suficiente para voltar atrás na minha decisão. Saí do carro e fechei a porta, sem saber ao certo se me sentia mais aliviada agora por ter sido tão fácil ou se me sentia magoada ao ver que ele desistiu, tão rápido. Conversei comigo mesma para não levar aquilo para o lado pessoal. Esse era simplesmente o jeito dele. Despreocupado, tranquilo, levando tudo numa boa. Fiquei observando-o enquanto ele fez um sinal de paz e amor com a mão pela janela do carro, depois saiu do condomínio, com o volume do rádio mais alto agora, sem dúvida já tramando quem seria sua próxima peguete.

Alguns minutos depois, entrei no meu apartamento, empurrando a trouxa de roupa limpa que estava em cima do sofá e que eu ainda precisava dobrar, arranjando um lugar para me sentar. Peguei o controle remoto e liguei a TV nova de tela plana, que foi a minha prioridade em vez de consertar o carro. O Friday Night Fight da ESPN estava acabando. Tyson Fury estava chutando o traseiro de alguém, algum lutador não muito famoso do Brasil. Fiquei assistindo por alguns segundos, depois comecei a vasculhar os canais. Tudo o que eu queria fazer era ligar para o treinador Carr para contar que eu tinha seguido o seu conselho. Mas

é claro que não havia a menor chance de eu fazer uma coisa dessas. Eu tinha o número do seu celular, mas nunca liguei, sempre deixei recado com a Sra. Heflin. Não havia nada de tão urgente que justificasse incomodá-lo, e terminar o relacionamento com Miller dificilmente seria considerado algo “urgente” para ninguém mais além de mim. E, aparentemente, para Miller.

Em vez de ligar para o treinador, liguei para Lucy, mesmo sabendo que o sentimento “antiMiller” seria inevitável e que eu realmente não estava com vontade de ouvi-lo sendo escrachado. Eu precisava falar com a minha melhor amiga — minha “amiga do peito”, como ela nos chamava desde quando lemos *Anne de Green Gables* no ensino fundamental; certa vez ela até chegou a escrever à mão um trecho do livro e me deu de presente de Natal: “Uma verdadeira alma gêmea a quem posso confiar a minha alma mais profunda”.

Embora não houvesse absolutamente nada que eu pudesse contar a ela, a citação era verdadeira, sempre foi. Não importava que, teoricamente, não fôssemos muito parecidas. Que eu pensasse o melhor sobre as pessoas, e ela, muitas vezes, supusesse o pior. Que eu fosse introvertida e ela tivesse uma habilidade de comunicação que eu nunca, jamais vira em outra pessoa, a não ser a Sra. Carr. Que eu fosse uma pessoa bem-humorada, e ela, temperamental e dramática. Que eu não tivesse a menor frescura, e ela, todas. Que eu amasse futebol americano, e ela simplesmente o tolerasse. A lista de diferenças era interminável, mas, no final, nenhuma delas tinha importância. O que realmente importava era que nós duas aceitávamos completamente uma à outra. Que eu poderia contar com ela, e ela comigo. Que tínhamos uma história em comum, desde a época em que nossas mães se tornaram amigas na faculdade. Lucy sempre foi para mim uma irmã, mais do que uma amiga, principalmente nos momentos difíceis, e eu precisava dela agora.

— Acabo de terminar com o Miller — falei assim que ela atendeu.

— Que bom para você — ela respondeu simplesmente, como se eu tivesse acabado de informar a previsão do tempo. — Demorou demais.

— Ah, fala sério, Lucy. Estou triste. Vou sentir saudades dele... Não há muitas outras opções por aqui...

— Você está certa. Me desculpe. Mas, Shea, sem a menor dúvida, você fez a coisa certa.

— Ainda está doendo — acrescentei, pensando que, de certo modo, aquilo doía mais do que simplesmente levar um pé na bunda, porque nem haveria a raiva para me distrair.

— Eu sei. Desculpe — disse ela enquanto eu pensei nas inúmeras vezes em que Lucy me consolou depois do término de um relacionamento ao longo desses anos.

— Quer vir aqui? Vamos abrir uma garrafa de vinho?

Cheguei a considerar a ideia, mas decidi que dormir era o que eu mais precisava naquele momento.

— Obrigada, acho que vou descansar um pouco.

— Tudo bem. Estou indo para casa. Pode me ligar se precisar.

— Onde você está?

— Na casa do meu pai. Nossa. Isso soa tão estranho.

— Talvez a gente deva continuar chamando de casa dos seus pais. Digo, a sua mãe fez dessa casa um *lar*. E... — Eu me esforcei para encontrar as palavras certas para confortar a minha melhor amiga. — A casa também sempre será dela.

— Obrigada, Shea. Espero que você esteja certa — disse Lucy.

— *Estou* certa sim. Todo mundo sabe que a sua mãe é insubstituível — afirmei.

Cinco



Mais ou menos uma semana depois, concordei em encontrar Lucy na casa dos pais dela. Minha mãe também foi, com o objetivo de desfazermos o closet de Connie, uma tarefa que eu não poderia temer mais.

— Alguma notícia do Miller? — perguntou Lucy enquanto esperávamos pela minha mãe, que estava atrasada como sempre.

— Não — respondi, observando-a mexer o chá, colocando o açúcar do mesmo jeito que o treinador Carr.— Talvez seja melhor assim.

Lucy assentiu, concordando. Foi quando ouvimos o estrondo da porta da garagem.

— Meu pai chegou — anunciou Lucy.

Instintivamente, endireitei o corpo e fiquei mais ereta, depois passei a mão pelo cabelo, ajeitando-o.

Lucy semicerrou os olhos e me olhou de um jeito engraçado.

— Você está ajeitando o cabelo? — perguntou, encarando-me.

— Não. Claro que não — rebati, sentindo-me constrangida sem saber por quê.

— Tá bom... é que você fez o mesmo gesto que sempre faz quando está num bar e um cara bonito se aproxima de você.

— Que gesto?

Ela me imitou perfeitamente.

— Eu não fiz isso — retruquei, sentindo plena certeza de que eu não estava falando a verdade. Talvez eu *tivesse* ajeitado o meu cabelo, mas não *daquele* jeito.

— Que bom. Porque, se tivesse feito... isso seria realmente, muito... *estranho*.

— *Você* está estranha — falei, com aquele jeito de garotinha que muitas vezes eu usava quando estava perto de Lucy, e ela fazia comigo.

Um segundo depois, a porta lateral se abriu e o treinador apareceu usando o uniforme de aquecimento do Walker e um boné de beisebol. Desviei o olhar enquanto Lucy o cumprimentava com um beijo e o lembrava o motivo de estarmos ali, juntas.

— Bom, obrigada, meninas. Acho que está na hora de... — disse ele com a voz rouca e ao mesmo tempo suave.

Nós três ficamos parados ali, em uma situação embaraçosa, até que a campainha da porta tocou e Lucy anunciou:

— Deve ser a sua mãe.

Ela foi para a antessala, deixando-me sozinha com o treinador.

Ele falou primeiro.

— Ligou para o Smiley?

— Sim — respondi, sentindo-me aliviada porque naquela manhã, finalmente, eu havia conseguido fazer a ligação. — E terminei com o Miller também.

O treinador ergueu as sobrancelhas e soltou um assovio.

— Está surpreso?

— Muito. Como você está se sentindo?

Hesitei por um momento, depois respondi:

— Esperançosa... Embora neste exato momento eu só esteja pensando na Lucy.

O treinador pigarreou e se serviu de uma caneca de chá.

— Sabe, não quero apagar todos os vestígios da Connie, mas acho que também não é bom manter um museu. E, no fim das contas, são apenas *coisas*. Coisas materiais. Coisas boas que devem ser usadas e aproveitadas. Connie gostaria que fosse assim.

— Claro — concordei, desviando o olhar para o balcão, perguntando-me por que Lucy e minha mãe estavam demorando tanto. Hesitei, mas depois criei coragem e perguntei: — Como o *senhor* está?

Ele pareceu surpreso com a minha pergunta, depois suspirou fundo e respondeu:

— Estou bem. As manhãs têm sido difíceis. Era nesse horário que Connie e eu costumávamos conversar mais... É muito difícil acreditar nisso tudo que aconteceu... É como.... — Ele balançou a cabeça, procurando as palavras. — É

como uma experiência fora do corpo... Não vejo a hora de a nova temporada começar. O futebol americano ajuda muito. É uma distração. Me mantém ocupado, entende?

— Sim, entendo... Sinto muito, treinador. Não sei se deveria ter perguntado isso para o senhor, mas... sinto muito, muito mesmo — falei, sentindo uma dor invadir-me o peito.

— Sei que sente, menina — disse ele, esticando o braço para segurar a minha mão. — Obrigado por perguntar.

Ele puxou a mão de volta e a colocou sobre o balcão quando minha mãe e Lucy entraram na cozinha.

— Oiiiiiii, Clive! — cumprimentou minha mãe. Ela era a única pessoa que chamava o treinador pelo primeiro nome. Até mesmo Connie o chamava de *Poppins*, embora eu não soubesse por quê. Certa vez, perguntei a Lucy qual era a história que havia por trás do apelido, mas ela disse que não conseguia se lembrar, o que me espantava.

— Oi, Marie — respondeu o treinador, beijando-lhe o rosto.

— Como você está? — perguntou minha mãe, fazendo com que a pergunta se parecesse completamente diferente da que eu havia acabado de fazer a ele. Enquanto a minha tinha sido mais hesitante, a dela foi mais ousada, na fronteira da condescendência, igual aos potes de Tupperware cheios de sopa no refrigerador, todos com etiquetas com descrições escritas à mão por ela, tais como: “Tomate com manjericão para aquecer o seu coração” e “Creme de cogumelo para esquentar as suas noites em frente à TV”.

— Levando. Me segurando — respondeu o treinador rapidamente.

Posso afirmar, pelo seu tom de voz e pela sua linguagem corporal, que ele estava nervoso — algo que aprendi por observá-lo ao longo desses anos. Mas eu também sabia que ele apreciava a lealdade da minha mãe, e o fato de que, diferentemente de muitos, o carinho que ela sentia por ele e pela sua família não estava ligado a vitórias no jogo de futebol.

— Bem, vou para o escritório. Se precisarem de mim... — avisou ele.

— Tudo bem, pai — respondeu Lucy.

— Como você acha que ele está se sentindo *de verdade*? — sussurrou minha mãe depois que o treinador saiu da cozinha.

Lucy deu de ombros e sussurrou de volta:

— É difícil dizer. Ele não *conversa* sobre isso.

Depois de duas horas extensas e exaustivas, tínhamos mexido apenas em uma pequena parte do closet da Sra. Carr, separando as roupas, lenços, cintos e bolsas em três pilhas: *doar para instituições de caridade*, *guardar no sótão*, *transferir para o closet de Lucy*. Minha mãe e eu ficamos sentadas com as pernas cruzadas no chão do quarto enquanto esperávamos Lucy aparecer com uma nova pilha de coisas, e, a cada nova remessa, discutíamos e a ajudávamos a definir qual seria o destino das peças. Foi uma tarefa dolorosa. Cada item desenterrava lembranças, às vezes, de três perspectivas diferentes. Como estávamos reunindo uma cronologia e uma biografia inteiras, um composto de dias bons e ruins, de grandes ocasiões e de momentos de silêncio, passou pela minha cabeça que poucas coisas contam melhor a história de vida de uma mulher que um closet.

— Ah, Lucy, você tem que ficar com esta — sugeriu a minha mãe, pegando um dos lenços coloridos e favoritos de Connie, da Hermès.

— Eu jamais poderia usar — disse Lucy, passando o lenço por entre os dedos, com o lábio superior tremendo. — Isso é tão... ela.

— Mas, querida, também se parece com você — argumentou minha mãe, o que era verdade. À medida que crescíamos, pude ver que Lucy se vestia cada vez mais como a mãe. Ela sempre fora uma pessoa elegante, mas seu jeito de se vestir estava ficando menos tendencioso e mais sofisticado, atemporal. Mesmo o público que frequentava a sua loja começava a amadurecer.

Lucy colocou o lenço de seda ao redor do pescoço e sussurrou “ok”, passando para uma camisa rosa de manga comprida.

— Ah, esta aqui traz boas lembranças — disse minha mãe.

Lucy franziu a testa e disse que nem se lembrava de ter visto a mãe com aquela peça.

— Eu estava com a Connie quando ela a comprou, na Neiman’s. Ela usou essa camisa na última reunião do clube de jardinagem. Na casa de Lynn Odom. Foi um ótimo dia.

— Você quer levá-la? Odeio a ideia de imaginá-la na mão de estranhos.

Piscando para conter as lágrimas, minha mãe disse:

— Tudo bem, querida. Eu vou levá-la... Não posso prometer que vou usá-la, mas vou adorar a ideia de ficar com ela. — Minha mãe retirou um lenço com monograma que mantinha em sua bolsa, um hábito que herdou de Connie.

Lucy fez um gesto apontando para a pilha de doações.

— Mais alguma coisa? Por favor? — perguntou ela, parecendo confusa, com a voz baixinha e triste. Tudo em relação a ela parecia muito frágil, um contraste enorme com sua personalidade normalmente forte. — Eu realmente prefiro que essas coisas fiquem com você. Shea, com você também.

Hesitei. Eu realmente não me sentiria bem ficando com qualquer peça de Connie, mas me senti desesperada para confortar Lucy, do jeito que ela tantas vezes fez por mim.

Minha mãe respondeu por nós, acariciando os cabelos de Lucy.

— Ouça, querida. Que tal eu levar para minha casa toda essa pilha das peças que separamos para doações? Assim, você terá um pouco mais de tempo para decidir... Vou manter tudo guardado para você. Por enquanto.

— Obrigada, Marie — agradeceu Lucy, e deu um abraço longo na minha mãe. As duas sempre foram muito próximas, pois tinham personalidades muito parecidas, talvez mais próximas uma da outra do que eu de Connie. Mas estava claro nos últimos meses que elas tinham ficado ainda mais próximas, e que minha mãe era uma grande fonte de conforto para Lucy. Não só uma figura maternal, mas também uma amiga verdadeira.

— Só mais uma peça e terminamos por hoje — afirmou Lucy, puxando uma caixa de sapatos e um recibo de dentro de uma sacola preta da Saks, com desenhos de flocos de neve. Ela verificou a data e disse: — Dezembro do ano passado. Um pouco antes de ela receber a notícia...

Prendi a respiração enquanto Lucy abria a caixa, revelando um par de sapatos pretos estilo chanel, de camurça. Ela removeu a etiqueta que estava presa em uma das pontas, depois pegou o sapato e passou os dedos pela sola intacta. Senti um nó na garganta. Havia algo muito trágico naquele par de sapatos belíssimo e nunca utilizado. Imaginei a Sra. Carr experimentando-os, passeando pelo tapete macio da loja, se perguntando se deveria ou não comprar. Minha mãe deve ter pensando a mesma coisa, porque sugeriu:

— Talvez você ainda possa devolvê-los.

A expressão de Lucy se anuviou.

— Ah, eu não poderia fazer isso.

Imediatamente, minha mãe se deu conta do erro que cometera.

— Eu sei, querida. Você está certa. Claro que não poderia.

— Shea, você vai ficar com eles. É o seu número — declarou Lucy.

Balancei a cabeça, desejando que me surgisse alguma desculpa bem rápida.

— Por que não? Não gostou deles? — perguntou Lucy, parecendo magoada.

Era o tipo de pergunta que, por mais que eu pensasse numa resposta, sairia perdendo e eu não poderia de forma alguma ofender o gosto de sua mãe.

— Gostei sim, mas... eles não fazem muito o *meu* tipo.

— O que você quer dizer com “não fazem muito o meu tipo”? São lindos, saltos clássicos. Como não fariam o seu tipo? E por que você não quer levar nada que foi da minha mãe? — Lucy disse isso bem na hora em que o treinador Carr apareceu na porta do quarto.

— Como estão indo as coisas por aqui, garotas? — perguntou ele.

— Bem — respondeu Lucy, assoando o nariz e aparentando estar bem, apesar de tudo.

— Você precisa do seu quarto agora? Terminamos... por enquanto.

— Fiquem o tempo que for preciso — respondeu o treinador, olhando para o lenço de seda ainda no pescoço de Lucy.

Lucy retirou o lenço e o girou no ar, depois o observou tremulando até cair no chão.

— Lembra desse, pai? — ela perguntou com a voz pesarosa.

— Claro que sim. A sua mãe o usava muito. — A voz do treinador pareceu triste e distante.

— Pai? Tem certeza de que está pronto... para isso? Não é cedo demais? — indagou ela.

O treinador engoliu em seco e disse:

— Era cedo demais para que ela nos deixasse, mas ela se foi mesmo assim. Então, temos de seguir em frente. — Ele desviou o olhar do lenço para a caixa de sapatos aberta e esparramada no chão, entre nós.

— Pai, não acha que a Shea deveria ficar com eles? — Lucy tirou ambos os sapatos da caixa, apoiando os saltos sobre os seus dedos mindinhos. — São o número dela. Não acha que a minha mãe gostaria de ver a Shea usando?

Eu o observei processando a pergunta antes de balançar a cabeça devagar, concordando.

— Sim, Lucy. Acho que devem ficar com ela sim.

— Então, aqui está — afirmou Lucy, soltando os sapatos em cima do meu colo, dando o assunto por encerrado.

— Obrigada — agradeci, olhando para os sapatos, e depois os coloquei cuidadosamente de volta na caixa. Eu ainda não conseguia me imaginar calçando-os, mas os manteria guardados no meu armário, muito bem escondidos.

Seis



Depois de esvaziarmos o closet, o próximo grande obstáculo seria o aniversário de Lucy. A dor pela morte da mãe vinha à tona em momentos inesperados, fosse no supermercado, na igreja ou brincando com Caroline no parque, mas eu sabia que as ocasiões especiais seriam especialmente difíceis, já que a Sra. Carr sempre exagerava muito nos feriados e aniversários. Ela promovia festas de arromba, comemorações memoráveis de aniversário, e, para todas as outras ocasiões, preparava presentes extravagantes, jantares luxuosos em Dallas, bolos caseiros (durante muitos anos a Sra. Carr frequentou aulas tanto de salgadinhos quanto de confeitaria), enviava arranjos de flores para a loja de Lucy e a primeira coisa que fazia pela manhã era amarrar bexigas na caixa de correios da filha. Por causa do empenho e do entusiasmo da esposa, o treinador sempre preparou mentalmente a lista dos preparativos, como fazia com tantas outras coisas, sabendo que ela desejava que tudo ficasse perfeito para os seus filhos. Até mesmo Neil deixava tudo sob o controle da sogra; seu único dever era comprar alguma joia para a esposa e levar o café da manhã na cama para ela no dia do aniversário (uma tradição que a Sra. Carr começara anos atrás).

Mas obviamente este ano — e todos os próximos que seguiriam — seria diferente, e um estado de pânico se instaurou entre o círculo de pessoas próximas a Lucy na semana que antecedeu seu aniversário de 33 anos. Todos nós sabíamos que não poderíamos ocupar o lugar da mãe dela, mas desejávamos, pelo menos, que as coisas saíssem perfeitas.

Lucy, contudo, estava convencida de que não queria comemorar o aniversário. Quando insisti, ela ressaltou que eu também não estava muito a fim de alvoroço naquele ano. Me contive para não enumerar algumas diferenças fundamentais, incluindo o fato de que eu nunca fui muito chegada a aniversários, e que ela tinha mais ou menos cinco vezes mais amigos do que eu, incluindo todas as mulheres da loja, suas colegas da faculdade, as esposas dos amigos de Neil e as amigas de sua mãe. Em vez disso, argumentei:

— Pelos menos, no meu aniversário, almoçamos juntas. E você me deu

presentes maravilhosos, mesmo depois de eu ter pedido que não me desse nada neste ano.

— Presentes da minha loja. Desembrulhados. Isso nem conta.

— Claro que *conta*. *Adorei* o vestido, e aqueles brincos são maravilhosos. — Comprar roupa para uma amiga pode, muitas vezes, ser uma tarefa difícil, mas Lucy sempre acertava em cheio. — Posso pelo menos te levar para almoçar? — perguntei.

Ela balançou a cabeça e disse que só queria poder esquecer completamente do seu aniversário naquele ano; que nem mesmo parecia um aniversário sem a sua mãe, a pessoa que lhe dera à luz. Àquela altura, concordei, mas, no final da tarde, tive as minhas dúvidas e liguei para Neil, já que nós dois estávamos preocupados com o assunto. Mesmo que Lucy pensasse que estava sendo sincera conosco, e passando as orientações certas, e se ela se sentisse diferente quando chegasse o dia e não tivéssemos preparado nada de especial?

— Você acha que deveríamos ligar para o treinador e perguntar para ele? — perguntou Neil.

— Acho que não. Penso que só precisamos informá-lo sobre qual é o plano, ou que não temos plano nenhum... Não quero incomodá-lo — respondi.

— Por causa dos jogos de primavera? — questionou Neil com um ligeiro tom de desgosto. — Nem é a temporada de verdade, Shea. E estamos falando do aniversário da única filha dele.

Neil leu a minha mente, claro. Os jogos eram a verdadeira razão pela qual pensei que não deveríamos incomodar o treinador, mas posso dizer que, para Neil, tudo aquilo era extremamente trivial, pelo menos naquela ocasião que seria o primeiro aniversário de Lucy sem a mãe. Me senti um pouco envergonhada enquanto tentei disfarçar.

— Não, não são os *jogos* em si. É só que ele deve estar sobrecarregado agora... e triste demais para demonstrar alguma opinião a respeito do assunto. Além disso, os homens não entendem esses detalhes... com exceção de você... Enfim, sugiro algo pequeno. Um jantar simples? — falei.

— Concordo. Só a família, você e a sua mãe. Posso assar costela... Só precisamos que seja tudo bem simples mesmo.

— Perfeito — concluí, com o sentimento egoísta de alívio por não ter de incluir o bando de amigos de Lucy, e avisei Neil de que minha mãe e eu cuidaríamos do bolo e de todos os acompanhamentos.

— E os chapeuzinhos? — questionou Neil, meio que na brincadeira.

— Os chapeuzinhos... — acrescentei, sorrindo. — Claro, todos nós sabemos muito bem o quanto Lucy adora chapeuzinhos de aniversário.

Na noite de 21 de março, 33 anos depois que J.R. fora assassinado no seriado *Dallas*, dirigi até a casa de Lucy e Neil com um bolo de duas camadas, o presente de Lucy (um livro ilustrado de capa dura sobre moda) e meia dúzia de chapéus de aniversário. Cheguei meia hora atrasada, e encontrei o carro de Lawton e da minha mãe já estacionados. Não havia o menor sinal do treinador.

Quando atravessei a porta da frente, equilibrando o bolo em cima do presente de Lucy, Caroline me recepcionou, vestindo legging e um top brilhoso rosa-choque. A combinação estava muito longe da maneira tradicional e certinha com que Lucy geralmente vestia a filha, e, num instante, pude perceber que o dia por aqui não tinha sido nada bom.

— Ei, Ursinha Carinhosa — cumprimentei, enquanto ela implorou para dar uma espiadinha no bolo e poder experimentá-lo (deixei que ela espiasse, mas não que experimentasse).

Então, como eu temia, Caroline anunciou com a sua voz aguda e estridente e sua dicção estranhamente articulada para uma criança de quatro anos:

— A mamãe está chorando porque o vovô esqueceu o aniversário dela, e ela sente saudade da vovó. Porque a vovó era melhor para os aniversários do que o vovô.

Ela estava se referindo, é claro, ao treinador. Senti uma dor no peito.

— Como assim “o vovô esqueceu o aniversário dela”? Ele não vem? — perguntei, quando Lucy apareceu no andar de cima com sua calça de ioga desbotada, uma regata de fazer ginástica e um rabo de cavalo sem graça. Estava sem maquiagem e sem nenhuma joia, com exceção do relógio (e não era nem o relógio bonito que Neil lhe dera de presente no último Natal, mas sim um relógio *digital*). A coisa estava pior do que eu pensava.

— Ele está a caminho — respondeu Lucy, tentando pegar o bolo das minhas mãos. Virei os ombros para que ela não espiasse o bolo antes que chegasse a hora de soprar as velas.

— Então, está vendo? Ele não esqueceu! — exclamei.

— Neil teve *de ligar para lembrá-lo*.

Sem saber o que falar, desviei o olhar para o corredor e vi Lawton, Neil e

minha mãe na cozinha, agrupados, todos com a expressão séria.

— Está tudo bem. Eu entendi. Ele está com a cabeça cheia, preocupado com toda aquela coisa de treino para os jogos de primavera... *merda* — lançou Lucy.

Independentemente de quantas vezes ela se referira ao futebol como "é só um jogo", essa era a primeira vez que ela o chamava de merda, e eu pude ver uma expressão de raiva em seus olhos que me deixou preocupada.

— Tem certeza que ele esqueceu? — perguntei, desejando ter ligado para o treinador naquela manhã. De fato, tinha passado pela minha cabeça fazer isso, mas decidi que não o faria imaginando que poderia parecer presunçoso da minha parte ou mesmo que o lembrete lhe parecesse uma ofensa.

— Ele nem ao menos ligou. Nenhuma ligação, o dia inteiro. Verifiquei minha caixa postal dez vezes, pensando que talvez eu tivesse passado batido pela mensagem. Mas não. Havia três mensagens suas muito meigas, e mais ou menos outras trinta de amigos e conhecidos. Incluindo... — Ela ticou na lista que estava na sua mão esquerda o nome de sua antiga professora de balé, depois o nome do nosso barman favorito do Third Rail, e depois o nome de um punhado de senhoras que faziam aulas com a Sra. Carr no domingo de manhã.

— Minha mãe deve ter pedido a elas que me ligassem... Em seu leito de morte... Todas disseram coisas maravilhosas sobre ela e sobre o quanto se orgulhava de mim e da Caroline...

— Nossa — exclamei, sentindo calafrios, abismada por ver como a Sra. Carr tinha pensado em tudo, e até mesmo na maneira como ela havia encarado a morte.

Lucy pareceu afugentar as lágrimas com uma nova onda de raiva. Ela balançou a cabeça, comprimindo os lábios.

— Um monte de senhoras do curso de domingo. Mas nada do meu próprio pai.

Abri a boca para tentar encontrar uma explicação, mas Lucy me interrompeu.

— Olhe, esqueça isso. Não tem problema nenhum. Eu disse que não queria alvoroço este ano... então, aqui estamos. Nada de agitação.

Ela forçou uma risadinha, depois se virou e foi para a cozinha. Eu a segui, deixei o bolo, o presente e os chapéus sobre a ilha central da cozinha e cumprimentei a todos. Minha mãe sussurrou: "Não foi uma boa ideia", enquanto bati o olho nas peônias rosas e brancas que eu havia enviado naquela manhã, uma pitada de alegria em meio ao clima pesado do ambiente. Encomendei as

flores na mesma floricultura em que a Sra. Carr as comprava, e até verifiquei o histórico de pedidos que ela fazia. Depois de conversar com o proprietário da floricultura para saber se as flores deixariam Lucy animada ou se o presente seria mórbido, optei por enviar o mesmo arranjo que a mãe escolhera para Lucy no ano passado — um buquê de peônias com folhagens, num vaso quadrado.

— Pelo menos eu tenho você. Mal posso acreditar... Que gentil da sua parte me enviar... as mesmas flores... — A voz dela ficou rouca de novo no momento exato em que o treinador atravessou a porta da frente.

— Oi, pessoal! — gritou ele, entrando apressado pela cozinha, com certeza vindo direto do treino. O treinador, vestindo um agasalho de moletom cinza, estava com um punhado de poeira sobre o boné de beisebol branco, um apito pendurado num cordão ao redor do pescoço e uma sacola de presente amassada nas mãos, com um lacinho de desculpas amarrado em volta da alça. Com todos observando-o, ele colocou a sacola e suas chaves sobre a mesa, próximas às flores, depois, com um braço apenas, deu um abraço forte em Lucy, um beijo na cabeça e disse:

— Feliz aniversário, Lu. Trinta e três.

Ele soltou um assovio para amenizar as coisas, mas posso dizer que estava perturbado, num estado nada comum para ele.

— Obrigada, pai — disse ela, enquanto todos nós observávamos, inconformados.

De canto de olho, pude vê-lo ajeitando a aba do boné, num gesto de nervosismo.

— Me desculpe por ter deixado o dia passar batido... Que dia... Que dia difícil!

— Você esqueceu o aniversário da mamãe. — Caroline entrou na conversa, se enfiando no espaço entre a mãe e o avô e olhando de um jeito meigo para os dois.

— Não, não esqueci, querida — afirmou o treinador, apontando para a sacola com o presente. Ele se abaixou para pegá-la no colo. — Eu viria de qualquer forma. Claro que viria.

— A mamãe disse que você esqueceu — insistiu Caroline, enquanto Lucy deu as costas para os dois e começou a arrumar a mesa com talheres do dia a dia, pratos simples e guardanapos de papel.

— Caroline — exclamou Neil, em tom de reprimenda, o que, como todos nós

sabíamos, só ia fazer com que ela insistisse mais ainda. — Não responda assim para o seu avô!

— Mas ela falou — retrucou Caroline. Foi quando percebi que eu estava literalmente prendendo a respiração, agoniada pelo fato de que Lucy parecia extremamente chateada e o treinador, extremamente culpado.

Soltei o ar enquanto o treinador pigarreou e se defendeu.

— Meu bem, com certeza eu não esqueci o aniversário da sua mãe. Eu só estava... ocupado até agora. — O treinador olhou para todos nós e disse baixinho: — Lawton, me ajude aqui.

— Ele só estava ocupado. Até agora — repetiu Lawton.

O treinador lhe lançou um olhar de frustração de quem estava pensando: *Isso é o melhor que você consegue fazer?*

Lawton deu de ombros enquanto Caroline continuou pressionando.

— Estava ocupado treinando o pessoal do futebol americano?

— Sim, ele estava ocupado treinando o pessoal do futebol — respondeu Neil, arrancando-a dos braços do treinador e a jogando para cima, no ar.

Caroline começou a rir e esqueceu o assunto por alguns segundos, enquanto o treinador, sem se dirigir a ninguém em particular, disse:

— Ok, então. Nada de falarmos mais sobre futebol americano hoje.

— Até amanhã? — questionou Caroline, olhando para ele com julgamento e cara de travessura. Foi quase como se Lucy tivesse dado um script para a filha e um curso de como piorar as coisas, mesmo quando isso parecesse impossível.

— Sim, até amanhã, querida — respondeu o treinador, fingindo tranquilidade. Fiquei me perguntando quem mais percebeu isso no momento em que ele olhou para mim e para a minha mãe:

— Oi, Marie! Olá, Shea. Como vão as coisas?

Nós duas murmuramos que estávamos bem e começamos a bater papo. Em certo momento, o treinador me perguntou se eu havia recebido notícias de Smiley.

— Ainda não — respondi, uma parte de mim sentindo-se aliviada por isso.

— Ligue para ele. Você precisa persistir — recomendou o treinador.

Assenti e perguntei:

— E como foi o treino?

— Foi bom — respondeu, olhando para Lucy. Depois, com um sorriso tenso, ele acrescentou: — Mas nada de falar de futebol americano por hoje, está lembrada?

— Tudo bem, pai — interferiu Lucy, retirando quitutes da geladeira e entregando alguns filetes de cenoura para Caroline. — Se não falarmos sobre isso, qual seria o outro assunto? — Não acho que a pergunta de Lucy tenha sido intencionalmente retórica, mas soou como uma farpa porque, em seguida, ela deu de ombros e acrescentou: — O que quero dizer é que estamos na semana dos jogos de primavera. Eu entendo. Está tudo bem. Você pode contar para a Shea, e para todos aqui, sobre o treino.

— O treino foi bom. Só tive de cuidar de outras coisinhas hoje... Sempre tem alguma coisa... — explicou ele.

— O que aconteceu, pai? — perguntou Lawton, jogando Caroline sobre o encosto do sofá. Ela saltitou, rindo, depois circulou ao redor dele, pedindo para brincar mais.

— Ah, é uma longa história. Uns probleminhas com Reggie... Não deve ser nada.

— Com quem? — perguntou Lucy.

Devo ter arfado, porque Lucy olhou para mim e disse:

— O que foi? Sou obrigada a decorar o nome de uma centena de jogadores?

— Reggie *Rhodes*, querida. Você sabe quem é ele — explicou Neil.

— Ele é o melhor jogador iniciante que já tivemos desde Ryan James — acrescentou Lawton.

— Ah, ele. Não o reconheci pelo primeiro nome. Sei quem é — declarou Lucy.

— Claro que sabe, querida — falou minha mãe, mexendo sua salada de tomate e cebola.

— Então, o que aconteceu? Ele se machucou no treino? — questionou Lucy.

Lawton deu risada e balançou a cabeça, tirando a tampa de uma garrafa de Bud Light:

— Ele não está aqui ainda.

— O que você quer dizer com “ele não está aqui”? — retrucou Lucy.

— Lawton quis dizer que... o Reggie ainda está no ensino médio. Ele virá ano que vem — explicou Neil.

— Bem, que seja... Ele poderia ter se machucado — interveio minha mãe, em defesa de Lucy. — Poderia ter sofrido um acidente de carro. Ou... ter escorregado e caído.

— Numa casca de banana? — brincou Lawton.

— O que aconteceu, pai? — indagou Lucy, fazendo uma careta para Lawton.

— Na verdade, nada... Uma confusãozinha... Mas vai ficar tudo bem.

O treinador balançou a cabeça e em seguida forjou um tom de voz otimista:

— E aí, quem está com fome? Neil, vamos acender essa churrasqueira, filho!

Todos nós concordamos que a ideia era ótima; sabíamos que não havia quase nenhum problema no Texas que costelas assadas não pudessem corrigir.

Sete

Alguns dias depois, o Walker disputou o campeonato anual dos jogos de primavera, o que era a nossa décima quinta e última participação no treino dos jogos de primavera do campeonato de NCAA. Mais de 30 mil fãs compareceram para assistir à gloriosa partida, transmitida pela ESPN2, que mostrou a primeira "espiadinha" do nosso time, exceto os jogadores novos. Tecnicamente, eu estava trabalhando, fazendo as minhas rondas como sempre fazia, entre a cabine de imprensa e a lateral do campo, garantindo que tudo funcionasse perfeitamente bem. Mas, como o jogo não valia pontos, a partida foi mais uma brincadeira do que um jogo em si, uma demonstração do talento da defesa e do ataque de ambas as equipes. Nosso time estava bem, mais solto e rápido em comparação com o jogo que eu tinha visto em março — um sentimento que ouvi parafraseado atrás de mim em dialeto texano, como se fosse um prolongamento sutil das vogais. Imediatamente, reconheci o sotaque e a voz, e, mesmo sem olhar para trás, sabia que era Ryan James, o menino dos olhos de ouro do Walker. Sua voz era completamente diferente de qualquer outra, mesmo que eu tenha a ouvido no dia anterior, conversando sobre a próxima temporada de jogos dos Cowboys, que estava se aproximando.

— Vocês rapazes, precisam virar o jogo — exclamou ele em voz alta. — Vamos lá, caras.

— Ei, Ryan — chamei, quando ele deu dois passos à frente e ficou emparelhado comigo, observando a *drive*, que é uma combinação de várias jogadas do time que está no ataque.

— Ei, Rigsby! — respondeu. Ele cruzou os braços enquanto assistíamos à primeira jogada. Segunda, terceira, mas Mark Everclear, nosso *quarterback*, ficou olhando para *o primary receiver* por muito tempo e levou um *sack*.

— Droga! — esbravejei, feliz ao ver que os nossos *linebackers* pareciam bem, mas frustrados pela hesitação de Mark.

— O Phil Medlin abriu *muuuuuito* — reclamou Ryan, lendo os meus

pensamentos. Fiquei impressionada ao ver que ele conhecia o nosso plantel tão bem, e emocionada por saber que ele priorizou a nossa equipe, voltando para Walker para os jogos de primavera.

— Você teria derrubado ele com os olhos fechados — afirmei.

Ele fez uma expressão de modéstia, como se quisesse dizer: “talvez sim, talvez não”, enquanto eu furtivamente o olhei dos pés à cabeça. Sempre muito bem vestido, Ryan parecia especialmente elegante esta noite, com um paletó esporte azul-marinho, camiseta polo branca, calça jeans de lavagem escura e mocassim marrom de camurça. Como era herdeiro de uma família que atuava no ramo do petróleo em Midland, Ryan sempre cheirava a dinheiro e tinha bom gosto, mesmo antes de se tornar profissional e começar a faturar os seus próprios milhões. George Bush, tanto o pai quanto o filho, compareceram à grandiosa cerimônia de seu casamento com sua, agora, ex-esposa, Blakeslee Meadown, uma socialite belíssima de Houston que, segundo muitos dizem por aí, pediu transferência da SMU para a Walker para que pudesse se casar com Ryan. Seu plano funcionara, e os dois ficaram noivos alguns dias depois que ele foi selecionado logo na *first pick* do *draft* (um sistema de escolhas de jogadores, transmitido pela TV, no qual eles podem até ser transferidos de time). Lucy foi ao casamento com os pais, e disse que nunca tinha visto uma cerimônia como aquela — a fazenda da família Blakeslee cheia de seguranças, famosos e pessoas comuns, que de tão bonitas pareciam celebridades.

Não fui convidada, o que não me magoou, mas me surpreendeu um pouco, não porque Ryan e eu fôssemos tão próximos assim na faculdade, mas porque pensei que fôssemos amigos o bastante para que eu não fosse deixada de fora da lista de novecentos convidados. Lucy recomendou que eu visse aquilo como um elogio, que Blakeslee deveria me ver como uma concorrente. Rebati a conclusão dela, considerando aquilo um absurdo. Pode ser que eu tenha certos atributos que alguns caras apreciam, mas eu não era como Blakeslee, isso com toda a certeza, e Ryan era areia demais pro meu caminhãozinho, o melhor homem de todos no *campus* na época em que estudamos juntos e, agora, uma estrela do NFL (Liga Nacional de Futebol Americano). Um peixe grande numa lagoa enorme. Eu tinha até ouvido boatos num tabloide de que Giselle tinha flertado com ele numa festa no Havaí, no ano passado, durante o Pro Bowl, o que levou a uma troca de farpas entre ele e Tom Brady. Quando pensei nisso, tive certeza absoluta de que Ryan era a única pessoa do planeta que poderia irritar Tom Brady, tanto em campo quanto fora dele. O que seria mais uma de suas muitas realizações.

Saí do meio do caminho enquanto o cinegrafista se virou para conseguir um

close de Ryan para todos os telespectadores que acompanhavam o jogo em casa. Visivelmente acostumado com os holofotes, ele fingiu não perceber a luz ofuscante sobre o seu rosto, e continuou conversando comigo como se estivéssemos sozinhos.

— Que pena que não tivemos a oportunidade de conversar no funeral da Sra. Carr — lamentou ele baixinho. — Tive de sair...

Balancei a cabeça, lutando contra uma onda de tristeza que me invadiu ao ouvir o nome dela. Em seguida, falei:

— A propósito: ótimo jogo aquele contra os Steelers. Não é nada fácil conseguir uma vitória no Heinz Field.

Ele sorriu.

— Você assistiu?

— Claro. E que belo *scramble* você conseguiu fazer bem no final...

Ryan me olhou de um jeito engraçado:

— E aí, como você está, Shea?

— Bem. Estou bem — respondi, pensando que, desde a faculdade, nada na minha vida tinha realmente mudado. — Você sabe... a mesma coisa de...

— Continua trabalhando com J.J.? Com jornalismo esportivo?

Ergui o meu crachá de imprensa, balançando-o no cordão ao redor do meu pescoço, e sorri.

— Sim.

— E como vai o Miller? Ele vem hoje? — perguntou ele.

— Deve estar por aí. Mas não tenho visto ele, não... Nós terminamos — contei, surpresa ao ver que Ryan nem sabia que Miller e eu estávamos juntos.

— Como? Ah, sinto muito... — lamentou ele, com a voz ainda mais baixa.

— Tudo bem. As coisas só... tomaram o rumo que deveriam.

Ryan meneou a cabeça e disse:

— Acontece.

Depois de uma estranha pausa, falei:

— Sinto muito pelo seu divórcio.

— É. Obrigado. Pelo menos não tivemos filhos... então, sabe como é,

terminamos numa boa.

Ele sorriu, me deixando à vontade, enquanto eu me lembrava da matéria de um tabloide que eu tinha lido, contando que Blakeslee tinha conseguido a custódia de Sasha, a cachorra *sheepdog* deles, que tinha três anos. Os dois brigaram pela guarda dela até que Ryan finalmente cedeu, considerando principalmente a sua agenda de viagens. Então, uma semana depois que Blakeslee recebeu a guarda, Sasha comeu um cogumelo envenenado e morreu.

Tentei pensar em algo legal para dizer, mas me deu um branco.

— Bem, é melhor eu voltar para a cabine de imprensa. Foi ótimo encontrar você.

— Digo o mesmo.

Quando me virei para ir embora, ele esticou o braço e segurou o meu ombro.

— Você tem aí um cartão de visitas?

— Não tenho — respondi. Embora estivesse usando uma roupa deplorável e pouquíssimo feminina (camiseta polo e calça cáqui), eu estava sem pochete e não havia colocado a carteira no bolso de trás da calça. Além disso, eu tinha certeza de que Ryan só estava sendo educado com uma ex-colega de classe.

— Bem, fique com isto — disse ele, pegando a carteira com várias letras G do logotipo da Gucci impressas em relevo. Ele retirou um cartão que continha o logotipo dos Cowboys, e o título de QUARTERBACK em letras maiúsculas, bem abaixo do nome dele. — Aí tem o meu celular. Me ligue quando quiser sair para comer ou beber alguma coisa

Balancei a cabeça fazendo que sim e peguei o cartão, sentindo o rosto congelar num sorriso grande e estranho. Com certeza Ryan não estava falando sério.

— Ou quando quiser ingressos... Vamos voltar a jogar em setembro.

— Setembro, ah... É quando o NFL vai recomeçar? — perguntei, com um sorriso afetado.

— Isso mesmo, acertou. Nossa, esqueci que você entende tudo mesmo de futebol americano — respondeu ele.

— Ele te deu o número do celular? — perguntou Lucy.

Depois do jogo, passei na casa dela para tomar uma taça de vinho. Eram quase nove horas, mas Caroline ainda estava bem acordada, assistindo a *Procurando*

Nemo enquanto bebericava um copo cheio de suco vermelho, do tipo que só está esperando para ser derramado. Lucy educava Caroline de maneira bem flexível — muito diferente da maneira como ela foi criada e da maneira como se imaginaria que educaria um filho — o que era ao mesmo tempo surpreendente e reconfortante.

— Não foi bem assim. Não se empolgue — respondi.

— O que você quer dizer com "não foi bem assim?" Claro que foi assim! Ele te passou o número do telefone dele!

— Ele me deu um cartão de visitas.

— Tem o número do telefone lá?

Balancei a cabeça, respondendo que sim, e dei risada.

— Então, pronto. Não faz diferença. Me deixe ver o cartão — ela pediu, fazendo um gesto com a mão.

Eu disse que ela estava se entusiasmando por nada, mas tirei o cartão do bolsinho lateral da bolsa.

Lucy o examinou e depois chamou Neil.

— Querido! Venha aqui nos dar uma ajudinha!

Neil parou de colocar a louça na máquina de lavar e Lucy lhe mostrou o cartão, contando o que aconteceu.

— Agora me diga: você não acha que ele está interessado nela? O que mais explica isso? — inquiriu ela.

Neil analisou o cartão e pareceu impressionado.

— Eu diria que ele está interessado — opinou ele, olhando para mim.

— Eu diria que você só está concordando com a sua esposa porque sabe que precisa fazer isso — retruquei.

Lucy ignorou o que falei:

— Você precisa ligar para ele.

— Ah, fala sério, Lucy. Ele pode sair com a mulher que quiser. Modelos. Atrizes. Qualquer uma — rebati.

— Ele estava com a Blakeslee, e agora quer algo diferente — ela argumentou.

— Você quer dizer uma mulher maiorzinha? — questionei. Não sou muito o tipo que fica encanada com o peso, mas definitivamente sou mais encorpada que

Blakeslee.

— Cai na real! Ele quer uma mulher normal agora. Quer *você*.

Dei risada e refutei:

— Ele não me *quer*. Só gosta de mim como amiga. Além disso, mesmo que ele estivesse interessado, não posso sair com um colega de time do Miller.

— E por que não? — exclamou ela ao pegar o cartão de volta das mãos de Neil.

— Porque... é um código.

— Não é o *seu* código. É um código dos *caras*. E Ryan demonstrou que não está nem aí com esse tal código quando te entregou *isto*.

Lucy observou o cartão mais um pouco e depois me devolveu.

— É melhor você ligar para ele.

Disparei uma última objeção:

— Achei que você não me quisesse saindo com jogadores de futebol americano. E eu vou ficar passando de mão em mão feito uma... tiete.

— Existem jogadores de futebol americano — começou ela, fazendo uma careta — e existe o Ryan James. Senhor, até eu sentiria inveja se você ficasse com ele. — Ela olhou para Neil. — Sem ofensas, querido.

— Ah, não me ofendo nem um pouco. Até eu sentiria inveja dela — brincou ele.

— Você dois são patéticos — falei, mas, sem nenhuma pretensão e apenas para divertir Lucy, peguei o celular e digitei uma mensagem de texto: *Foi bom te encontrar hoje. Adoraria sair para comermos alguma coisa. Aguardo sua resposta. Shea.*

— Aí está — falei, segurando o meu celular e mostrando a Lucy a mensagem enviada. — Satisfeita agora?

— Sim. Mas vou ficar mais satisfeita ainda quando você tiver acesso ao avião particular e à casa dele em Cabo.

— Rá! Continue sonhando.

No dia seguinte, recebi a resposta de Ryan, que ele enviou às seis da manhã: *Tenho um compromisso numa instituição de caridade na sexta. Preciso de uma "acompanhante gostosa". Está dentro?*

Devo ter lido a mensagem umas seis vezes, procurando por um tom de “apenas amigos”, só para me proteger de uma possível decepção, e concluí que ele só poderia estar brincando na parte do “acompanhante gostosa”, porque, se ele *realmente* me visse como uma acompanhante gostosa, não me *chamaria* assim; simplesmente guardaria pra ele. Ainda assim, fatos são fatos. Estivesse eu ou não na categoria das “gostosas”, ele tinha um compromisso ao qual deveria comparecer e eu estava sendo convidada para acompanhá-lo — e é claro que aceitaria o convite, dessa vez sem precisar de nenhum empurrãozinho de Lucy. Então respondi a mensagem de texto: *Estou dentro*.

Alguns segundos depois, ele me ligou, dizendo:

— É disso que eu gosto em você.

Posso até vê-lo falando no viva-voz, usando óculos Ray-Ban, dentro do seu carro esportivo luxuoso, dirigindo com apenas uma das mãos apoiada sobre a direção, com o teto solar aberto.

— O que isso quer dizer? Que sou uma mulher fácil? — questionei, rindo.

— Bem, para ser sincero, sim. Digo... Não naquele sentido. Só quero dizer que você é uma pessoa de fácil relacionamento. Você nunca tem aquelas neuroses femininas, não é?

— Depende do que você chame de neurose feminina — respondi, pensando no guardanapo todo rabiscado do treinador Carr que resgatei do lixo depois de uma reunião do pessoal do departamento de esportes, ano passado. Isso provavelmente se enquadraria numa neurose, especialmente se consideramos que o guardanapo estava bem próximo à metade de um *donut* mordido, que por acaso também pertencia ao treinador. Pelo menos não comi o resto do doce.

— Você não esperou três dias para responder. Não perguntou todos os detalhes antes de aceitar o convite. Não saiu correndo para garantir um horário no cabeleireiro, nem na clínica de beleza, para uma sessão de bronzeamento. Não me fez perguntas exaustivas sobre o que teria de vestir. Você só disse: “sim” — esclareceu Ryan.

Sorri, pensando que talvez Lucy estivesse certa. Talvez Ryan estivesse procurando (com um nível de exigência baixo) uma “antiBlakeslee”. E, sendo esse o caso, ele havia encontrado a garota certa (embora eu tenha criado mentalmente um lembrete para agendar cabeleireiro e bronzeamento, já que era evidente que ele estava acostumado com isso).

— Bem, já que você tocou no assunto... Pode me dizer quais são os detalhes? — Eu havia doado para um brechó o meu único vestido apropriado para a

ocasião porque achei que nunca iria usá-lo e porque Lucy havia me dito que ele era curto demais, que os meus sapatos só deveriam aparecer quando eu me movimentasse, não enquanto estivesse de pé. — Devo usar traje social completo?

— Não. Só esporte fino. Na verdade, no convite diz "Business Casual", acho. É um evento em prol do autismo. Uma das minhas causas. Mas eu não vou precisar fazer absolutamente nada. Só aparecer por uma hora ou duas. Com uma mulher deslumbrante ao meu lado, segurando no meu braço.

Eu tinha certeza de que ele não teve a intenção de dizer que eu era deslumbrante, do mesmo modo que não me chamou de "gostosa" propositalmente, mas, ainda assim, não consegui me conter e abri um sorriso bobo, me sentindo grata porque ele não estava ali e assim não poderia me ver.

— Deslumbrante, hein? Que tarefa difícil. — Girei o corpo, sentada na minha cadeira do escritório, para olhar para a única janela que havia ali e que tinha uma vista perfeita e maravilhosamente simétrica das plantações de magnólia que já tinham florescido por completo.

— Não é uma tarefa difícil em se tratando de você. Eu te vi na lateral do campo, estava ótima naquele uniforme do Walker, e sem fazer o menor esforço — afirmou Ryan quando ouvi ao fundo o barulho da seta, o que confirmou que ele realmente estava no carro. — Nunca vi uma mulher ficar tão bem assim numa calça cáqui.

Sorri, pelo nervosismo e por um pouquinho de empolgação. Será que isso estava mesmo acontecendo? Eu estava mesmo prestes a ter um encontro com um *quarterback* famoso, uma estrela do futebol americano, conhecido até por quem não era fã de futebol? Fiz questão de lembrar a mim mesma de que ele era apenas Ryan James, um amigo antigo, que por acaso se tornou jogador do Dallas Cowboys — o que eu tinha certeza que me ajudaria muito pouco.

— Bom, então está combinado. Traje *business casual*. Vou usar a minha calça cáqui que visto nos dias de jogo — falei.

— Você pode vestir aquilo que o seu coração desejar — disse Ryan, desativando o modo viva-voz do telefone. Ele diminuiu a voz, e falou num tom baixo e suave, como se estivesse sussurrando no meu ouvido: — Mas sempre fui muito fã do seu ombro...

Parei no meio do caminho, com uma lembrança súbita e distante do nosso penúltimo ano de faculdade. Ryan e eu estávamos em alguma festa do pessoal da república. Eu estava com uma regatinha branca para acentuar o meu bronzeado

(na época em que eu realmente ficava estirada numa câmara de bronzeamento, também conhecida como câmara de câncer) e dançando *Brown eyed girl* quando ele se aproximou e disse:

— Alguém alguma vez já te falou que você tem um ombro muito sexy?

Eu não sabia exatamente onde ficava a clavícula, até que ele passou os dedos por ela e disse:

— Tem caras que gostam de bunda... outros gostam de pernas, outros de seios. Mas *isso*... é o meu ponto fraco.

Ryan deixou o dedo parado lá, tempo o suficiente para que três amigas minhas, incluindo Lucy, que estava fazendo uma visita à nossa universidade, me questionassem depois sobre o incidente. Eu disse a elas que não tinha sido nada. Eu *sabia* que não tinha sido nada. Nada além de uma troca de fraternidade com um dos maiores jogadores numa festa no *campus* onde houve muita bebedeira. E, quando digo *jogador*, não estou me referindo *ao* campo.

— Sim, acho que você comentou comigo uma vez. Muito tempo atrás — falei.

— Eu adoraria relembrar aquilo.

— Bom, então... vou ver o que posso fazer por você — comentei, sorrindo ao telefone.

Naquela noite, minha mãe preparou o jantar para mim, uma refeição à francesa, servida na sala de jantar, à luz de velas e com guardanapos brancos de pano. Mas a formalidade do jantar não a impediu de pular da cadeira e gritar quando lhe contei sobre Ryan, uma contradição que era *tão* típica da minha mãe. No fundo, ela era o tipo de mulher que jantava assistindo à TV, mas lutava contra suas raízes caipiras, e fazia tudo o que pudesse para se afastar da educação classe média baixa que recebera em Odessa. Sem que ela soubesse, e antes de a Sra. Carr ficar doente, eu chamava isso de *efeito Connie*, brincando com Lucy ao dizer que a minha mãe havia passado sua vida adulta inteira tentando esconder sua luz e cafonice interior para se parecer com sua amiga da classe alta. De fato, não sei como a Sra. Carr suportou todo esse comportamento de imitação, mas tenho certeza que tinha algo a ver com o fato de a sua própria mãe perfeita incutir nela a crença benevolente de que o modo de uma pessoa imitá-la era a demonstração mais sincera de lisonja.

Em outras palavras, minha mãe tinha mesmo copiado Connie Carr todos os dias, especialmente em se tratando da questão do gosto. Quando a Sra. Carr trocou o carro prata por um branco, minha mãe fez o mesmo (embora ela tenha

dito, certa vez, que jamais teria um carro branco). Quando a Sra. Carr decidiu cortar o cabelo na altura do queixo e em camadas, em certo verão, minha mãe fez o mesmo corte. E assim por diante. A Sra. Carr era a melhor amiga da minha mãe, como também sua conselheira e o barômetro de todas as suas decisões, tanto as pequenas quanto as grandes, e perdê-la, posso ver agora, causou um efeito devastador e desorientador na vida dela. Minha mãe não conseguia compreender por que Connie teve de fato de ficar com a pior parte, e isso representava uma grande fonte de culpa para ela. Empenhar-se ainda mais pela perfeição, no estilo Connie Carr de ser, parecia uma maneira de lamentar o fato de ser a sobrevivente, e, como sempre, minha mãe não poderia me deixar de fora do seu objetivo. Desse modo, Ryan James seria o bálsamo final. Se eu conseguisse agarrá-lo — ou até mesmo namorá-lo por um minuto, pelo menos —, haveria algum tipo de prova concreta de que ela havia me educado do jeito certo, de que tinha sido uma boa mãe, superado as suas raízes de operária.

A vida inteira minha mãe se esforçou para descartar e resistir aos defeitos de sua família, a começar pela sua própria admissão na Walker com uma bolsa integral (embora concedida pela baixa renda), depois ao fazer amizade com Connie, agarrar o meu pai (o dinheiro de um Yankee seria melhor do que ficar sem dinheiro), se associar a todos os clubes apropriados e, o mais importante, criar relações estreitas entre a nossa família e os Carr. Realmente não havia nada mais que ela pudesse fazer para colocar no seu patamar de sucesso e status. Ainda assim, eu conseguia contrariá-la de vez em quando, o que começou quando eu era menina e ela me matriculou numa escola de equitação, mas logo descobriu que eu tinha uma alergia severa a cavalos. As coisas começaram a ir por água abaixo a partir daí. Fracassei no balé. Recusei-me a ser líder de torcida. Passava muito tempo me distraindo com o futebol americano. Não era muito de roupas nem de maquiagem, nem ligava muito para todas essas coisas que as meninas do Texas são educadas para aprenderem a gostar. Não entrei para o Waldemar, um acampamento particular no qual as meninas podem ficar sem a presença dos pais, e cujo processo de admissão era mais rigoroso que Harvard, nem entrei para a Hockaday School, um colégio interno luxuoso em Dallas para o qual todas as “melhores” garotas iam (a única exceção notável foi Lucy, porque o treinador Carr não era adepto à ideia de mandar os filhos estudarem fora). Participei da corte do baile, mas não compareci às festividades do encontro regional.

Talvez a pior decepção da vida da minha mãe, pelo menos desde que seu casamento acabou, foi quando eu não fui convidada para ser a debutante. Foi um tiro no escuro, já que essas coisas são passadas de geração para geração, mas,

por causa da diligência da minha mãe, e por nossa afinidade com os Carr, eu ainda tinha uma chance — até que comecei a namorar Gregory Hobbs, meu colega de classe do último ano do ensino médio, e acabei com todos os seus esforços de uma vez só. Não havia problema que Gregory fizesse parte da National Honor Society ou que o seu pai fosse professor de Economia na Walker ou que o nosso namoro fosse inocente e que durasse pouco tempo. O que realmente importava era que Gregory era um americano-africano e, admitissem ou não, namoros inter-raciais não eram exatamente o caminho mais rápido para chegar ao topo da sociedade texana. Minha mãe tinha tolerância zero para o racismo e com certeza jamais minou a minha amizade com Gregory, mas posso dizer que o sonho de ser debutante morreu depois disso, e que as ambições sociais sobre mim diminuíram um pouco.

Quando a Sra. Carr e Lucy começaram todo o processo tedioso para o baile de debutante, as feridas da minha mãe logo foram reabertas, e, para ser sincera, eu senti por ela. Mas eu lhe assegurei que foi melhor assim. Eu não estava nem um pouco interessada em me embonecar toda para descer por um corredor usando luvas brancas ridículas e um vestido de princesa, ainda mais para um bando de elitistas. Tampouco estava a fim de ficar de joelhos para fazer aquela reverência ridícula de “cisne” para os meninos que eu via arrotando e falando palavrões no refeitório. Toda aquela coisa era uma piada misógina, e falei para a minha mãe que, se eu aparecesse naquele leilão, perderia todos os meus direitos de me tornar uma mulher forte e independente. Ela não tinha me educado de um jeito melhor que aquele?

Com uma pitada de feminismo em algum lugar da sua corrente sanguínea, ela não discordou totalmente, mas também foi realista e me advertiu que eu nunca me casaria com um homem de “boa” família se não aprendesse como funciona o jogo — ou pelo menos *fingisse* ser uma dama do Sul. Ela estava certa, claro. Mas, como eu nunca joguei o jogo, nunca me tornei uma dama do Sul, nunca tive contato direto com os sangue azul do Texas (o tipo de cara que se levanta quando uma mulher chega à mesa, tira o chapéu no momento certo, faz você parecer linda quando rodopia o seu corpo na pista de dança e tem pilhas de dinheiro). Assim, eu acabava com caras como Miller, que quebravam todas as regras e, nas palavras da minha mãe, calçavam botas em todas as ocasiões erradas, ou seja, nos casamentos (não precisa ser uma Sra. Carr ou um Garth Brooks para saber que não se deve usar botas em ocasiões formais).

Mas agora, aparentemente do nada, minha mãe começava a se animar de novo. Aconselhei que ela não alimentasse esperanças.

— Ninguém está cortejando ninguém. E eu não estou sendo cortejada. Ele não é meu admirador e nem eu sua admiradora — adverti, lançando todo termo retrógrado e antiquado do qual consegui me recordar.

Apesar do que pensava consigo mesma, ela sorriu e foi para a direção oposta.

— Então, o que acha que ele vê em você?

— Só Deus sabe — falei, unindo a palma das mãos num gesto de oração e olhando para o teto.

Minha mãe ignorou o sarcasmo e me perguntou:

— Você acha que é por causa de todo esse conhecimento que você tem sobre futebol americano? Será que finalmente você está recebendo a recompensa?

Diferentemente da minha verdadeira devoção ao futebol americano, o amor que a minha mãe sentia pelo time da Walker era superficial, pura empolgação. Ela ia a todos os jogos que aconteciam em casa, confraternizava no estacionamento antes de começar a partida com seus famosos ovos cozidos e a costela de porco ao molho barbecue, mas, depois que atravessava os portões, a socialização não tinha mais fim. Ela passava mais tempo ocupada, tagarelando, dizendo que *simplesmente morreria se* o Walker perdesse, do que de fato assistindo ao jogo.

— Sim, finalmente chegou a minha recompensa! — exclamei, decidindo que não valeria a pena chamá-la para a briga diante de outra demonstração de sexismo. Era dessa mesma forma que eu tinha de segurar a minha língua sempre que ouvia as pessoas (e as mulheres eram, sem dúvida, as piores ofensoras) insinuarem que Erin Andrews e Samantha Ponder não agregavam valor nenhum para a transmissão dos jogos de futebol americano, alegando que as duas não passavam de mero colírio para os olhos na lateral do campo.

— Só pode ser isso — disse minha mãe, aparentando estar satisfeita com a sua própria teoria.

— Sim! Aquele monte de informação inútil sobre futebol americano! Rendeu algum fruto, até que enfim! — exclamei, pegando a cesta de pão.

— Nada de carboidrato — interveio minha mãe, arrancando o pão francês da minha mão, que era o mesmo que colocar o dedo na ferida que carrego desde a infância. Quando eu era menina, se comesse pão demais, ou açúcar demais, ou ainda (Deus me livre!) batata frita, minha mãe me fazia ir até o quintal praticar calistenia até que conseguisse “eliminar” tudo. Foi uma maravilha, porque eu nunca desenvolvi nenhum transtorno alimentar.

Fiz uma careta para ela, pensando que, se Ryan tivesse de gostar de mim, ele gostaria de *qualquer jeito*. Então, peguei o pão francês, passei manteiga e lhe dei uma bela e suculenta mordida.

Oito



Após alguns dias, depois que me obriguei a ligar para Frank Smiley, seguindo o conselho do treinador, finalmente recebi uma resposta por meio da assistente dele, que me convidou a encontrá-lo para almoçar no Bob's Chop and Steak House no mesmo dia do evento de Ryan. Ao telefone, a mulher não me ofereceu nenhuma alternativa de horário, e pareceu irritada até pelo fato de ter de transmitir o recado, então, rapidamente concordei, depois desliguei e liguei para o treinador, para contar a novidade.

— Vou me encontrar com o Smiley no Bob's Steak House. Presumo que isso seja uma entrevista — questionei.

— Mas é claro que é! Você vai almoçar com o melhor editor de esportes do Texas. E no restaurante favorito dele. O cara pode muito bem ter até uma máquina de escrever numa daquelas cabines... Sim, eu diria que é uma entrevista sim.

— Ele ainda usa máquina de escrever? — questionei, intrigada. Eu sabia que Smiley ainda comprava aqueles blocos de anotações amarelos e lapiseiras para usar na sala de imprensa, ao contrário de todos os outros, que usavam laptops. Mas uma máquina de escrever era ainda mais maneiro.

— Eu não me surpreenderia... e olha que as pessoas já me chamam de *old school*. Sou jovem comparado ao Smiley.

— Ele não parece o tipo de cara que quer uma mulher em sua equipe — opinei, depois de já ter feito a minha diligência prévia e confirmado que não havia nenhuma mulher trabalhando na equipe do *Post*.

O treinador não refutou o que eu disse, mas argumentou:

— Você não é *qualquer* mulher.

Sorri ao telefone. Ele acrescentou:

— Bom, enfim... peça filé de costela ou bisteca. Nada de salada. A menos que seja na entrada e que esteja muito bem cortada.

Não soube ao certo se ele estava me passando suas recomendações pessoais ou se isso era algum tipo de dica que ele dava para os garotos que iam para uma entrevista com algum clube, mas, seja como for, respondi:

— Entendi.

— E esteja preparada para conversar sobre beisebol. Frank é um daqueles fãs arrogantes e de primeira qualidade. Você conhece o tipo.

Dei risada e concordei, me lembrando de uma conversa que tive com o treinador uma vez sobre fanáticos por beisebol. Chegamos à conclusão de que eles eram uma mistura de esnobe e nerd, como um cruzamento entre um aficionado de ópera e um *geek*. Eles de fato pareciam acreditar que eram pessoas mais evoluídas, com QI mais alto do que um fã mediano de futebol americano. Pode ser que mamãe estivesse certa em relação à minha reserva de estatísticas inúteis, mas isso não era nada comparado ao banco de dados que é o cérebro de um inflamado fã de beisebol.

Falei para o treinador que, se Smiley me quisesse para trabalhar com assuntos de beisebol, eu não aceitaria, mas, depois que desliguei, passei a hora seguinte fuçando, com nervosismo, todos os sites que eu normalmente já acessava — ESPN, *SI*, Fox Sports, Rivals, Scout, Deadspin e Yardbarker. Vasculhei tudo à procura das fofocas mais recentes sobre beisebol, bem como de acontecimentos recentes no basquete, no tênis, no golfe, no futebol e no hóquei. Eu poderia beber um dedinho de uísque e falar claramente sobre futebol americano, tanto sobre o universitário quanto sobre a NFL, mas, por outro lado, eu era uma garota de destaque no *SportsCenter* e não queria ter vergonha de mim mesma. E, o mais importante, não queria envergonhar o treinador. Se ele tinha depositado sua confiança em mim, eu tinha de causar boa impressão. Dois dias depois, fui de carro até a churrascaria famosa que ficava na Rua Lemmon, vestindo uma saia azul-marinho com comprimento até os joelhos, camisa branca de manga longa e sapato de salto baixo. Fui quase sem nenhuma maquiagem, exceto por um brilho labial, e amarrei o cabelo com um coque simples. Meu objetivo era parecer uma repórter séria, sem a menor pinta de *sex appeal*.

Cheguei ao Bob’s com vinte minutos de antecedência, fiz o procedimento de recepção com o maître e esperei por Smiley no bar, bebericando um refrigerante e observando o espaço ao meu redor. A maioria dos clientes era de homens, e pareciam pessoas conservadoras, ricas e importantes — ou pelo menos que se autoconsideravam importantes —, o que, com base nas minhas experiências dos jantares em Nova York com meu pai, parecia ser o padrão das churrascarias. A cena de ostentação hoje me pareceu exagerada, elevada ao cubo, como tudo

frequentemente era na minha cidade natal. O grande ficava ainda maior. O alto, escandaloso. O rico, milionário. E o menos nunca foi mais. Por outro lado, talvez eu só estivesse nervosa, fora da minha zona de conforto universitária, onde, se quisesse, eu poderia usar moletom para trabalhar. Depois de dez anos no trabalho, mais dois como estagiária do departamento de esportes, enquanto eu era aluna ainda, J.J. jamais me reprimiu, uma única vez. Na maior parte do tempo, ele mal agia como meu chefe, e me dava mais sugestões do que atribuições ou prazos. Minha vida era mamão com açúcar, e, apesar das dúvidas recentes que me surgiam a respeito de qual direção seguir, eu não conseguia entender por que tantas pessoas ao que parecia acreditam na filosofia de que o fácil é justamente o oposto de digno. Será mesmo tão ruim assim que as coisas aconteçam sem que você precise se matar, se sacrificar — desde que você esteja feliz e fazendo um trabalho limpo e honesto? Será que não devemos dizer que trabalhamos para viver em vez de vivermos para trabalhar?

Enquanto eu pensava nessa questão, Frank Smiley entrou no restaurante com um casaco de veludo marrom com cotoveleiras, uma gravata borboleta e o chapéu de sempre — mas esse era um chapéu mais *trilby* do que fedora. Ele estava com a cara mais rude que a habitual, e eu quase consegui ler as palavras que pairavam sobre a cabeça dele como se estivesse num balão: *Isto é perda de tempo*. Respirei fundo algumas vezes enquanto o maître apontou para mim, rápido demais para que eu tivesse tempo hábil para desviar o olhar. Acenei discretamente para Smiley, que apontou o chapéu em minha direção, e depois caminhou até mim. Foi quando vi o texto dentro do balãozinho mudar para: *Vamos acabar logo com essa merda*.

— Shea Rigsby — gritou ele ao chegar no bar, e a hostess estava de pé, discretamente atrás dele, segurando dois cardápios gigantescos. Ele retirou o chapéu com a mão esquerda e estendeu a direita. Nenhum de nós dois sorriu.

— Sim, senhor — respondi, sentindo a minha mão ser praticamente esmagada. Apertei a mão dele com o máximo de força que pude. Nosso aperto de mão fez um movimento para cima e para baixo, três vezes.

— Prazer — disse ele, como se aquilo não fosse nada.

— Muito prazer em conhecê-lo, Sr. Smiley — afirmei, embora tivéssemos nos encontrado antes, ou pelos menos trombado um com o outro, nas coletivas de impressa após os jogos.

Ele não citou seu primeiro nome, o que me deixou ainda mais irritada. Levantei, apoiando o salto do sapato no apoio para pés do banco e tropeçando um pouco. Deixei um gole de refrigerante espirrar sobre o balcão. O barman

enxugou quase que instantaneamente, mas Smiley fixou o olhar bem no ponto onde derramei a bebida.

— Ops! — falei, me corrigindo. Alisei a saia enquanto a hostess nos conduziu até uma mesa de mogno que ficava bem no canto, evidentemente reservada para ele, já que as mesas mais inferiores ao nosso redor estavam todas ocupadas.

Smiley sentou-se de costas para a parede e logo disparou sua primeira pergunta:

— Bem, o treinador Carr disse que você escreve.

— Bom, quem sou eu para contradizer o treinador Carr... — lancei. Na minha cabeça, foi uma resposta astuta, uma maneira de combinar modéstia, senso de humor e confiança.

— E você gosta disso? Escrever?

Hesitei, em seguida, arrisquei dizer a verdade.

— É uma relação de amor e ódio. Amo a sensação que tenho *depois* que termino de escrever alguma coisa. Mas o ato de escrever em si? Às vezes não gosto muito.

Smiley assentiu, não em tom de desaprovação, e em seguida disse:

— Sim. Eu sempre digo que a sensação de terminar de escrever uma coluna é muito parecida com a de sair da cadeira do dentista.

— Ou da academia — acrescentei.

— Ah, quanto a isso eu não saberia dizer — declarou, enquanto um garçom jovem com postura e cabelo perfeitos se aproximou para nos oferecer bebida.

Smiley mal olhou para ele, parecendo aborrecido pela interrupção:

— Já vamos fazer o pedido agora. Não vamos?

— Sim — respondi e depois, sem olhar para o cardápio, pedi ao garçom que trouxesse um filé de costela médio.

— E qual é o seu pedido, Sr. Smiley?

— O mesmo de sempre — respondeu.

— Algum acompanhamento para hoje?

— O de sempre — repetiu Smiley, meneando a mão, praticamente enxotando o rapaz da mesa.

Quando o garçom saiu, Smiley tirou o casaco e dobrou as mangas da camisa.

— Bom. Já sei de todos os vínculos que você tem com a Walker.

— Sim, senhor. Tenho... muitos vínculos com a Walker — gaguejei, lembrando a mim mesma que eu deveria responder tudo da maneira mais simples possível. Assim, a probabilidade de estragar as coisas seria bem menor.

— Você conseguiria cobrir futebol americano universitário? Com clareza e imparcialidade?

— Sim, senhor.

Ele ergueu as sobrancelhas, que de tão peludas se uniam uma à outra, formando uma só, enquanto eu fiquei em silêncio.

— Sim. Acho que eu conseguiria escrever de maneira muito imparcial sobre como os times são massacrados pelo Walker.

O tiro saiu pela culatra. Smiley não achou graça. Ele me encarou, esperando por uma resposta de verdade. Olhei bem dentro dos seus olhos e tentei de novo, dizendo que eu me sentia confiante de que conseguiria.

Smiley assentiu.

— Ok, Srta. Rigsby, me diga uma coisa. Na sua opinião, qual é o papel de um jornalista esportivo?

Nenhuma resposta me ocorreu, e, empacada, respondi à sua pergunta com outra pergunta:

— De um periódico tradicional?

— Sim. De um *jornal*. Não esses tuítes ou tweets ou sei lá como diabos chamam isso, nem esses blogs fraquíssimos e lamuriosos.

Tomei um belo gole de água, empacada de novo, depois gaguejei mais uma resposta estranha.

— Bem, acho que... basicamente o trabalho de um repórter é manter os fãs em contato com seus esportes e times favoritos.

Smiley me encarou, com os olhos vidrados. Minha resposta o deixou aborrecido, causou até *dor*, e talvez tenha até mesmo o enfurecido.

Em estado de pânico, eu sabia que precisava arranjar algo melhor — e rápido. Limpei a garganta e acrescentei com um sorriso discreto:

— Mas, quando as pessoas leem o jornal hoje em dia, normalmente já sabem o que aconteceu na noite anterior. Pela televisão ou por artigos da internet. Pelo rádio. Twitter. E pelos blogs fraquíssimos. — Smiley assentiu de novo, de algum

modo engajado na conversa mais uma vez, mas com a mesma postura cética, aparentemente. — Então, a cobertura de uma reportagem é menos atual e imediata, e deve se concentrar mais no nível da análise e do discernimento. Expor todas as emoções subjacentes. O elemento humano.

Ele demonstrou um ligeiro entusiasmo. Continuei:

— O ponto principal é só um jogo, certo? Mas é o nosso trabalho mostrar que não é *só* um jogo. É uma metáfora da vida. Se o esporte não tiver importância, então a vida também não terá.

— Sim — concordou ele, enfaticamente. — É *exatamente* isso.

Continuei, agora com mais confiança.

— É como aqueles filmes curtos que são exibidos durante os Jogos Olímpicos. Eles fazem você se preocupar com um praticante de luge como se ele fosse o seu irmão... Sabe por quê? Porque ele *poderia* ser o seu irmão. Ele é o seu irmão.

— Sim, sim. — Smiley sorriu. — E quem você acha que faz isso bem? Que tipo de repórter?

Lutei contra a vontade de responder: “Você, por exemplo”, pensando que o estilo “serviçal” seria a direção errada a tomar em se tratando de Smiley. Portanto, listei um punhado dos melhores repórteres esportivos, uma mistura de profissionais contemporâneos e antigos: George Plimpton, Roger Angell, Red Smith, John Feinstein, Robert Creamer, Frank Deford, Dan Jenkins, Buster Olney, Peter King e Rick Reilly.

— Você não mencionou ninguém do sexo feminino — apontou ele.

— Ok. Mike Lupica — lancei, orgulhosa da rapidez na minha réplica. Ele sorriu quando acrescentei: — Sally Jenkins. Ela é ótima. E Robin Herman.

— Você não é jovem demais para conhecer Angell? E metade desses outros caras? — inquiriu ele.

— Passei a infância lendo sobre essas coisas. Matérias antigas. E eu colecionava a *Sports Illustrated*. Quando eu tinha uns 10 ou 11 anos, o treinador me deu centenas de edições porque a esposa dele tinha feito uma limpeza no sótão. São uma excelente fonte de leitura, especialmente nos dias chuvosos. É como reviver a “rumble in the jungle” ou o World Series de 1986 entre o Mets e o Sox, ou a rivalidade épica entre McEnroe e Borg.

Pela primeira vez desde que nos sentamos, Smiley pareceu impressionado.

Não só satisfeito ou simplesmente curioso, mas impressionado de fato. Sei bem como uma pessoa fica quando está impressionada. Era desse jeito que os caras nos bares começavam a me levar a sério pra valer, depois que eu fazia a minha análise do jogo do dia e eles imediatamente perguntavam, brincando: “Quer casar comigo?”

— Que matérias você considera destaques? — perguntou Smiley, mas essa pergunta soou diferente das demais. Era o tipo de questão que ele faria para os companheiros repórteres enquanto tomavam uma cerveja, não para uma garota que ele estava entrevistando contra a própria vontade, apenas para fazer um favor a um treinador legendário.

— Hum... Deixe-me ver. Bem, a matéria do John Updike sobre o Ted Williams é uma. Aquilo foi fenomenal — respondi. Smiley se animou quando continuei: — A matéria do Roger Angell sobre o Steve Blass.

Ele assentiu:

— Continue.

— Aquela do Gay Talese, cujo título foi “A temporada silenciosa de um herói”... Embora seja meio difícil não ser um gênio quando se está escrevendo sobre Joe DiMaggio... A reportagem de Norman Mailer sobre Muhammad Ali. “Ego”... não escolheram um título perfeito? E aquela do Frank Deford, “Criados por mulheres para conquistar homens”.

Smiley franziu a testa.

— Qual foi essa?

— Sobre o Jimmy Connors, e, vejamos, meus livros favoritos sobre futebol americano: *That first season*, do John Eisenberg; *Boys will be boys*, de Jeff Pearlman — falei, referindo-me ao livro sobre o Dallas Cowboys, publicado nos anos 1990. — E *Giants among men*, do Jack Cavanaugh. Esse livro me faz sentir vontade de ter vivido nos anos 1950, e de ter sido fã dos Giants. Bom, e provavelmente o meu favorito, *Paper lion*. George Plimpton é um megagênio.

— Você tem bom gosto — declarou ele.

— Obrigada — respondi quando a nossa comida chegou, e percebi que finalmente eu estava com fome. Independentemente do que acontecesse em relação àquele trabalho, provei a Frank Smiley que eu era uma pessoa autêntica.

— Ah, mais uma coisa — disse Smiley, com a voz habitual, mas pude ver pelos seus olhos que ele estava prestes a me testar. — Como você se sente em relação à presença de mulheres no vestiário? Acha que é certo?

Fiquei com a pulsação acelerada, e o suor começou a escorrer pelas laterais do meu rosto quando fiz o cálculo em silêncio. Disse a mim mesma que eu poderia usar aquelas roupas “sem noção” e renunciar à maquiagem. E que poderia fazer o pedido de um bifão antes do meio-dia. E que eu poderia fingir imparcialidade naquela verdade no mundo altamente partidário e competitivo do futebol americano universitário. Mas eu simplesmente não poderia — e não iria — responder a Smiley do jeito que eu sabia que ele esperava.

Então, sem ao menos piscar, respondi que sim. Absolutamente.

Smiley ergueu a sobrancelha peluda.

— Ah?

— Nada de dois pesos e duas medidas — acrescentei, de maneira firme. — Seja na NFL ou na WNBA. O vestiário tem de ficar aberto para todo mundo ou fechado para todo mundo. E fechá-lo não é a resposta. Precisamos estar lá dentro para registrar as reações imediatas e as emoções verdadeiras. E, por questões práticas, para registrar as nossas matérias no momento certo. — Percebi que eu tinha usado o pronome *nossas* e fiquei me perguntando se aquilo refletiu o meu verdadeiro desejo.

— E a privacidade do jogador? — inquiriu Smiley.

— A privacidade? — retruquei.

— Os jogadores não têm esse direito?

Resisti à vontade de revirar os olhos e disse a ele que os jogadores, de ambos os sexos, tinham tempo suficiente para tomar banho, trocar de roupa ou pelo menos se cobrir durante o tempo de descanso.

— E se eles não quiserem se cobrir?

Dei de ombros.

— Aí é problema deles.

— Isso não faria você se sentir... desconfortável? Se um jogador do sexo masculino prefere ficar sem roupa no vestiário?

— Já estive em vestiários, Sr. Smiley. Já entrei no vestiário do time que ganha e do time que perde. E todos são iguais. Todos fedem. E são cheios de roupas sujas, toalhas sujas de suor e ataduras ensanguentadas.

— E de homens pelados — rebateu ele.

— Às vezes, sim. Às vezes há homens com mais de cem quilos, pelados, com

o cabelo desgrenhado, as costas peludas e as coxas cheias de manchas roxas. — Ele pareceu não entender muito bem o que eu queria dizer, ou pelo menos fingiu que não, então prossegui: — O vestiário não é um lugar para flerte, Sr. Smiley. Não de acordo com a minha experiência. Ninguém está pensando em sexo depois de uma partida. E, se as mulheres podem ser correspondentes de guerra, elas também devem ter permissão para entrar nos vestiários depois de um jogo de futebol americano.

Concluí a resposta me sentindo eufórica, como se eu tivesse marcado um ponto no placar para todas as jornalistas do sexo feminino nos quatro cantos do mundo.

Smiley olhou para mim e balançou a cabeça, concordando, como se estivesse admitindo, em silêncio, que eu havia ganho aquela questão. Depois disso, não falamos mais sobre gêneros masculino e feminino, enquanto, sem dizer nada, nos servíamos de porções grandes de batata *hash brown* e de cenouras ao mel e cortávamos nossos filés de costela, mudando o rumo da conversa para um bate-papo sobre esportes em geral.

Cerca de uma hora depois, tínhamos terminado a refeição e caminhamos até o estacionamento. Chegamos primeiro ao meu carro. Smiley bateu o olho no meu adesivo discreto do Walker e disse:

— Tem certeza de que consegue ser imparcial?

— É daqueles que dá para tirar, sabe? — falei, pegando uma borda já encrespada do adesivo.

— Então, isso é um sim?

— Sim — afirmei.

— E se eu lhe disser que a oportunidade é para cobrir matérias no Texas? — perguntou ele.

— É? — Engoli em seco, imaginando que ele estivesse tentando me desmascarar e que o trabalho fosse para cobrir *qualquer* time, em qualquer lugar, menos no Texas.

— Sim. Para a grande universidade estadual que tem as cores do que você certa vez chamou de “laranja da cor da bile”.

Retraí o corpo, me lembrando da matéria que escrevi certa vez, na faculdade, enquanto ele continuou a me citar:

— “A cor de cerveja regurgitada e de burritos”. Está lembrada?

— Bem... *É* uma cor muito feia.

— Essa é a sua resposta final?

— Não, senhor. Escrevi aquilo quando ainda estava na faculdade, trabalhando no jornal da Walker. Era um trabalho diferente. Posso ser imparcial. Sei que posso.

— Que bom. Porque, se um repórter deixa escapar um grito de torcida na sala de imprensa, está perdido. Ele ou *ela* faz parte do negócio.

Balancei a cabeça, concordando e mostrando que entendi, surpresa comigo mesma ao ver o quanto eu queria aquele emprego, mesmo que a função envolvesse muito trabalho sobre a “laranja da cor da bile”.

Nove



Depois do almoço, fui para o Lea Journo Salon, onde Lucy tinha agendado um horário com o seu cabeleireiro favorito em Dallas — Ricardo, um gay cheio de tatuagens — para arrumar o meu cabelo.

— Você quer um penteado discreto, mais radical ou algo entre os dois? — perguntou Ricardo enquanto soltava o meu coque e desgrenhava o meu cabelo.

Respondi que queria algo mais radical, pensando, comigo mesma, numa frase que o treinador sempre dizia: *Ou vai ou racha!*

— Quer um penteado *Old Hollywood*? Ou meio Victoria's Secret? Cindy Crawford? Ou algo mais Miss América? — questionou Ricardo.

— O que você quiser. Só quero que me deixe... glamorosa — respondi.

— Ah, querida, glamour é a palavra de ordem dessa cadeira — disse ele, virando-se para dizer à sua assistente tímida e de óculos que meu cabelo já podia ser lavado e que precisaríamos de um caminhão de bobes.

— Aqueles roxos? — perguntou a assistente.

— Não, menina! Os azuis! Você ouviu o que a senhorita aqui disse?! Ela quer algo radical! Boom! Shazam!

Exatamente quarenta minutos depois, quando o meu cabelo já estava praticamente seco, Ricardo desligou o secador e disse:

— Querida, você está me dando trabalho. Meu pai do céu! Você tem *muito* cabelo!

Sorri, ciente de que aquilo era um elogio e pensando que era bom ter pelo menos uma característica marcante. Duas, se considerarmos a minha clavícula.

— E então? Presumo que você tenha grandes planos para esta noite, certo? — perguntou Ricardo quando começou a enrolar os bobes no meu cabelo.

— Sim, vou participar de um evento beneficente no Ritz.

— Amo o Ritz! Muita gente prefere o Crescent Club, mas nem se compara

com o Ritz. É um restaurante clássico. Sabia que toda noite eles têm um especialista em guacamole? Não é *divino*?

— Diviníssimo — respondi.

Em seguida, fiquei me perguntando quantos gays tinham o dom de fazer com que em uma hora você se sentisse a melhor amiga deles. Me rendi e falei:

— Então, adivinha com quem eu vou?

Ele aceitou a brincadeira na mesma hora:

— Ah, eu adoro jogo de adivinhação! Magnata, político, chef, ator, modelo ou... cabeleireiro das estrelas?

Dei risada e falei:

— Nenhum desses. É um atleta. Jogador de futebol americano.

— Meniiiiina! Não me fala, *não* me fala! Aquele gato do Dallas Cowboys? Como é mesmo o nome dele? James Ryan?

— Ryan James — respondi.

Vi que a assistente de Ricardo ficou ligeiramente animada e percebi que eu estava fazendo exatamente aquilo que me excomungaria da lista das pessoas VIP de *qualquer* área. Beijei o cara e contei antes mesmo de ter beijado. Então, tentei voltar atrás, explicando que o Ryan e eu éramos apenas amigos, mas Ricardo já estava todo empolgado, ligando para a maquiadora fixa do salão e perguntando se ela poderia vir — mesmo em seu dia de folga — para fazer a maquiagem da sua mais nova BFF[4].

A maquiadora deve ter dito não, porque Ricardo esbravejou:

— Adela! É uma situação de extrema urgência! Ela tem um encontro com Ryan James... Hum... *siiiiiiim*. *O* Ryan James... E se eles se apaixonarem e se casarem? Você não quer fazer o casamento deles? Hein? Ou quer ser deixada de lado só porque não conseguiu se desgrudar da Ellen DeGeneres?

Ricardo desligou o telefone e anunciou:

— Ok. Você me deve essa. Adela está a caminho. Ela é um gênio e vai esfumaçar os seus olhos como ninguém! Shazam!... Agora vamos falar sobre a sua roupa. O que vai vestir? — questionou ele, olhando para os meus sapatos com desdém.

— Não vou usar estes, não se preocupe — avisei e expliquei que tinha acabado de sair de uma entrevista e que os meus sapatos de salto alto estavam no

carro.

— Meniiiina, era isso que eu ia te falar! Com esses sapatos simplesmente não dá. Acho que não rola nem para uma entrevista! A menos que a entrevista fosse num convento! — ele advertiu, caindo na gargalhada.

A assistente de Ricardo disse o nome dele bem baixinho, parecendo horrorizada, mas ao mesmo tempo achando graça do comentário contundente dele em relação aos meus sapatos.

— Shea e eu somos amigas. Ela sabe que eu não posso mentir. Sou como Abraham Lincoln. Sim, com certeza eu teria derrubado aquela cerejeira.

— Mas quem fez isso foi George Washington. — Dei risada.

— Que seja. Abraham Lincoln também foi honesto. E eu também sou. E com esses sapatos não rola! — Ricardo deu risada e continuou: — E então, me conte sobre a entrevista.

— É para trabalhar no *Post*. Cobrindo esportes.

— Uma jornalista! Que chique! E aí? Você passou?

— Creio que sim.

— É assim que se fala! Agora aplique essa mentalidade ao Sr. James gostosão e *vai* conseguir agarrá-lo também. Especialmente com esses cachos — observou ele, afofando o meu cabelo. — Ele vai ser *todinho* seu esta noite, mas querida, você o quer?

— Para falar a verdade, acho que sim — confessei.

Às cinco horas em ponto, horário em que marcamos de nos encontrar, entrei no saguão do Ritz e fui para o bar, com meu cabelo todo arrumado, os olhos esfumaçados, sapatos de salto que elevaram a minha estatura para mais de 1,80 metro e meu vestidinho preto que pareceu mais curto do que ficara quando o experimentei no provador da butique de Lucy. Ao que tudo indicava, o esforço e o dinheiro gasto valeram a pena, já que decidi que aquilo era o melhor que eu poderia fazer para dar um *up* na minha aparência, e essa sensação foi enfatizada por alguns olhares que recebi de homens vestidos de terno na entrada do bar. Até começou a passar pela minha cabeça que eu tinha exagerado, pegado um pouco *pesado*, mas aí avistei Ryan, deslumbrante num terno preto e com uma gravata *slim* prata. Ele estava sentado em um dos sofás baixos de couro, próximo à janela, batendo papo com um casal elegante que tinha mais ou menos a nossa idade. Ryan me avistou quase que imediatamente, e seu rosto se iluminou

quando ele pulou do sofá e veio em minha direção, com um jeito de andar sexy, maroto e petulante. Mesmo que não fosse jogador de futebol americano, aquele era o jeito de andar que fazia as garotas irem para a cama com ele, sem a necessidade de pedir.

— Você está maravilhosa — disse ele, abaixando-se para beijar o meu rosto, com a mão sobre as minhas costas. — Uau!

— Obrigada. Você também está ótimo — falei, me desvencilhando do mesmo nervosismo que eu sentia antes dos jogos, enquanto ele me conduziu até o sofá e me apresentou a seus amigos, Sandy e Barry, explicando que Barry fazia parte do conselho da instituição de caridade que se destinava à causa do autismo e Sandy fora a organizadora do evento no ano passado. Cumprimentei-os enquanto Barry se levantou e me deu um aperto de mão e Sandy elogiou o meu vestido. Eu disse que tinha adorado o vestido dela também, enquanto todos se sentaram e Barry perguntou o que eu queria beber. Olhei para a mesa que havia entre nós, e percebi que os homens estavam bebendo uísque escocês e Sandy, vinho branco. Hesitei, da forma como eu sempre fazia quando chegava a hora de pedir uma bebida, pensando que, aos 33 anos, já passava da hora de eu ter preferência por algum tipo, como Lucy. “Vodca Belvedere batida com refrigerante”, pedia ela de um modo tão decisivo, estiloso, sem se atrapalhar e sem pular da cerveja para o vinho e do vinho para a tequila.

— A Shea toma *bourbon* — anunciou Ryan em tom de orgulho.

— Como sabe disso? — perguntei, baixinho.

Ele piscou e disse:

— É o tipo de coisa que não se esquece. Mulheres que tomam *bourbon*. Mulheres que andam armadas. Mulheres que não usam calcinha. Mulheres que entendem verdadeiramente o futebol americano.

— Deus do céu, Ryan! Que lista, hein?! — lançou Sandy, rindo.

— Sim. Mas acho que há uma diferença entre entender o que é uma *formação wishbone* e andar carregando uma arma e ainda sem usar calcinha — brinquei.

— Nada disso. Concordo com o Ryan. Observação importante — comentou Barry.

— Eu estou usando calcinha — afirmei.

— Que pena — sussurrou Ryan no meu ouvido.

Sorri e perguntei a Barry o que ele estava bebendo.

— Macallan, trinta anos — respondeu ele, erguendo o copo com cubos de gelo. Eu diria que ele sabia que aquilo me impressionaria, mas não me senti incomodada. Não chegou nem perto daqueles que ficam enumerando nomes de vinhos.

— *Trinta anos*? — indaguei, me perguntando o quanto aquilo o faria recuar e se de algum modo isso valeria a pena.

— Sim. O gosto é incrível — afirmou Ryan.

Sandy me questionou como eu aguentava algo tão forte:

— É como beber... acetona.

Dei risada e disse que o gosto do *bourbon* não tinha absolutamente nada a ver com acetona, mas que era provável que eu pedisse vinho naquela noite. Ryan me ignorou e disse à garçonete que eu queria uma dose dupla “daquele dos bons”.

— Com gelo? — perguntou-me ela, com um ligeiro olhar de avaliação.

— Não. Puro — respondeu Ryan por mim, o que me intrigou um pouco, já que ele e Barry estavam tomando com gelo.

Pensando que ele tinha as suas razões e que eu não tentaria encontrar defeitos, sorri e agradeci, lembrando a mim mesma que deveria tomar cuidado. Eu ainda tinha um percurso de uma hora de carro até minha casa, e acabar no sofá de Ryan estava completamente fora de cogitação. A cama dele, então, nem pensar, e sobre esse assunto Lucy tinha feito de tudo para me alertar. Ela já tinha me enviado duas mensagens de texto. Uma delas simplesmente dizia: *NÃO vá ficar chumbada*, e a outra: *Os homens gostam de mulheres difíceis. Não banque a periguete.* Dei risada depois que li esta última, lembrando que fui eu quem lhe ensinou a palavra, com base no que eu via das garotas que, com uma blusinha megadecotada e botas na altura dos joelhos, faziam plantão nos arredores do hotel onde os jogadores se hospedavam, esperando pelo momento em que eles saíam para entrar no ônibus da equipe.

— Bom, o Ryan contou que vocês dois estudaram juntos na faculdade — comentou Sandy, e percebi pelo seu sotaque que ela era a versão feminina de Ryan. Classe alta, em todos os sentidos. Tão alta que ela poderia se dar ao luxo de ignorar as aparências. Gostei dela.

— Sim. Nos conhecemos durante o curso de redação, quando ainda éramos calouros.

— Mas nos conhecemos por causa do futebol americano, também. A Shea é a melhor amiga da filha do treinador Carr — explicou Ryan.

— E você é da Walker? — perguntou Sandy.

Respondi que sim, que sempre fui, com exceção dos meus primeiros dois meses de vida.

— A Shea trabalha na Walker agora. No departamento esportivo — acrescentou Ryan.

Balancei a cabeça, confirmando, depois contei que eu havia feito uma entrevista para trabalhar no *Post* naquele mesmo dia, mais cedo.

— E, segura essa — confidenciei, virando-me para olhar bem nos olhos de Ryan. — É para fazer a cobertura da Longhorn.

Ryan deu um tapa na própria coxa e deixou escapar:

— Traidora! Maldita traidora! — Ele gargalhou, brincando. — O treinador sabe disso?

Comentei que sim, mas não disse que a entrevista tinha sido ideia do treinador, e logo mudei de assunto, perguntando a Barry e Sandy onde os dois haviam estudado.

— Estudei na SMU e o Barry na Rice — respondeu Sandy, acrescentando que os dois também eram fãs do Walker por causa de Ryan.

Tive de me conter para não deixar escapar a minha opinião: ou eram fãs do time como um todo ou não eram. Em vez de dizer isso, preferi me agarrar a um terreno mais seguro e perguntei onde eles tinham crescido.

— Aqui mesmo, em Dallas. Nós dois estudamos no Highland Park.

Sorri e balancei a cabeça, me sentindo muito familiarizada com o público da Highland Park, o lado rico de Dallas, onde as minhas amigas socialites da Walker tinham crescido e para onde voltaram depois da faculdade, e a maior parte delas conviveu com os seus maridos a vida inteira. Em condados como Walker, casar-se com alguém da região era muitas vezes a maneira de resolver um problema, de jogar a toalha, por que o que mais se poderia fazer? Mas, em Dallas, casar-se com o namorado do ensino médio parecia algo arranjando, intencional. E, ao que tudo indicava, Sandy e Barry eram um exemplo típico da combinação perfeita entre o dinheiro da família e a genética excelente.

A garçonete voltou com a minha bebida. Eu a agradeci, depois a Barry, segurando o copo, sem pressa antes de levá-lo às narinas. Abri a boca ligeiramente, com cuidado para não inalar o aroma abruptamente, depois de aprender que isso atenua a sensação do paladar. Senti o aroma picante do

caramelo, depois fechei os olhos e tomei uma bela golada.

— Você tinha razão. Esse é dos bons. Caramba. Tem quase o dobro de anos do melhor Macallan que eu já tomei.

— E é duas vezes melhor. Vale cada centavo — afirmou Barry.

Ryan ergueu seu copo e declarou:

— A vida é muito curta para tomar uísque barato.

Sorri e comentei:

— Falando como um Dallas Cowboys. Não tenho muita certeza se todo mundo pode se dar ao luxo de seguir à risca essa filosofia.

Abrindo um sorriso, Ryan colocou um braço ao meu redor, me puxando para perto. Deixei a cabeça recair sobre o ombro dele num momento de "sim, nós estamos juntos", ciente de que as pessoas ao nosso redor estavam nos observando. Eu me senti especial, sortuda, mesmo sabendo que tudo aquilo era uma ilusão. Eu realmente não era *aquela* garota. Era o cabelo, o vestido, o batom vermelho que faziam aquilo. Ou talvez fosse só o efeito causado por Ryan — a luz resplandecente que ele irradiava sobre qualquer um que estivesse em sua companhia. Continuei bebericando meu *bourbon*, sentindo-me mais quente e mais feliz a cada segundo, desejando que não tivéssemos de nos levantar daquele sofá. Mas a hora voou, junto a mais uma rodada de bebidas, e, às seis em ponto, Sandy avisou que era hora de começar a levantar o dinheiro para a instituição. Todos nos levantamos, Ryan segurou a minha mão e me levou do bar.

A caminho dos elevadores, ele foi parado duas vezes por estranhos, que lhe pediram autógrafos e uma foto em frente a um arranjo enorme de lírios exposto em uma mesa redonda no meio do saguão. Enquanto Sandy e Barry foram ao banheiro, fiquei observando a distância por alguns segundos, então peguei o celular da minha *clutch* e tirei uma *selfie*, com Ryan ao fundo. Enviei a foto para Lucy, me divertindo com a mensagem que mandei junto da foto: *Não passo de uma periguete.* Depois, dei risada da resposta dela, em letras maiúsculas: *RSRSRS* —, mas ciente de que aquilo não tinha sido *bem* uma brincadeira, considerando minha opinião repentina e induzida pelo uísque de que passar a noite com Ryan poderia não ser exatamente o fim do mundo. O resto da noite foi um saco. Conversei com vários casais, de vez em quando com Barry e Sandy também. Posei para fotos profissionais com Ryan. Ofereci, em silêncio, comigo mesma, lances de compra para diferentes itens, não porque eu quisesse adquiri-los, mas porque pareciam um "bom negócio": um depilador a laser, um anel com pedra de malaquita, um passeio de balão. Dancei na pista escorregadia ao som de

uma banda de *doo-wop*. Perdi os meus sapatos, depois os encontrei, depois os perdi de novo. E beberiquei uma taça de *pinot noir* que nunca terminava.

Depois, só me lembro de ter visto Ryan desligando o alarme de segurança da sua casa, entrando naquela mansão contemporânea e luxuosa, e eu passando com ele pela sua cozinha de mármore cintilante, subindo até o quarto. E mais nada... até que acordei na cama dele, vestindo apenas a minha calcinha e uma camiseta enorme do Cowboys. Me levantei, e o quarto inteiro estava girando enquanto eu procurava, desesperada, pelas minhas roupas e meu celular.

Sem levantar a cabeça do travesseiro, a voz de Ryan soou, abafada:

— Bom dia, querida.

— Que horas são? — perguntei, com a cabeça latejando.

— Seis e meia — respondeu ele.

— Onde está meu telefone?

— No banheiro. Você colocou a bateria para carregar lá.

— Coloquei?

— Sim.

— E o que mais eu fiz?

Ryan revirou os olhos, depois olhou para mim, com um sorriso afetado.

— Você não lembra?

Essas eram, sem dúvida, as três piores palavras que se pode ouvir depois do primeiro encontro com alguém, especialmente quando se está no quarto do cara, vestindo a roupa dele e com uma ressaca daquelas.

— Mais ou menos — menti, tropeçando em um dos seus mocassins do tamanho de um barco, procurando pelo banheiro.

— É do outro lado — ele me orientou, apontando para o lado onde ele estava.

— Certo — falei, seguindo a luz do banheiro, que era maior que o meu quarto. Não consegui me lembrar de ter visto aquele banheiro antes, muito menos de ter deixado o celular carregando. Retirei o carregador da tomada. Quatro ligações perdidas de Lucy e inúmeras mensagens dela, perguntando o que estava acontecendo. Respirei fundo e verifiquei meu registro de chamadas, com um pressentimento terrível do que eu encontraria. E lá estava: duas ligações realizadas para o treinador Carr.

Merda, falei em voz alta, me recordando, vagamente, de ter feito as ligações.

Ryan me ouviu e perguntou:

— Você está bem?

Voltei para a cama, com o telefone na mão, e indaguei:

— Eu liguei para alguém ontem à noite?

Ryan sorriu e confirmou:

— Sim. Você ligou para o treinador. Foi hilário.

— Hilário?! Como assim? — perguntei, com o coração saltando pela boca ao ver que uma das ligações tinha durado quase onze minutos. Cruzei os dedos, esperando que Ryan dissesse que a conversa tinha sido engraçada, e não ridícula e estúpida, enquanto eu voltava para a cama e me cobria com o lençol. — O que foi que eu disse?

— Sobre qual dos assuntos? — perguntou Ryan, sentando-se, deixando à mostra um abdômen que parecia surreal. — Quando você tirou sarro dos Longhorns? Ou o seu discurso inflamado sobre a presença de mulheres no vestiário? Ou a sua declaração de amor eterno a ele?

— O quê?! — exclamei com a voz rouca. — Eu disse o quê?

— Você falou que ele era a pessoa de quem você mais gostava no mundo todo. Alguma coisa assim.

— Eu não gosto dele *desse* jeito — retruquei.

— Ah, claro que não. Ele é um velho.

— Não, ele tem só 55.

— Bom, que seja. Eu sei o que você quis dizer.

— Mas eu falei mesmo isso para ele? — insisti.

— Sim — respondeu Ryan, aparentemente curtindo o meu desespero enquanto imitava a minha voz embolada, impossível de compreender. — Voxê... é... a pessssoaqueeuuuumaisssssgosssstonomuuuundo.

— Ah, meu Deus! *Por que* você deixou eu ligar para ele? — questionei, enterrando a cara bem fundo nos travesseiros, sentindo cada partezinha do meu corpo arder diante de tamanha humilhação.

— Não tinha como te interromper. Você encheu a caveira.

— Enchi a caveira? O que mais eu disse?

— Começou a falar sobre cada troféu Heisman desde que o Jay Berwanger

ganhou a maldita coisa em 1935 e perguntou ao treinador quem ele achava que *merecia* ter ganhado. Nessa parte, você colocou o telefone no viva-voz.

— E ele....

— Entrou na brincadeira? Ah, sim. Ele entrou na sua. Vamos ver... Vocês concordaram que Hershel Walker deveria ter ganhado em 1982, em vez do George Rogers.

— Em1980. Porque em 1982 ele *conquistou* o troféu — corrigi.

— Certo. Que seja. Mas, de acordo com o que você disse, ele não *deveria* ter ganhado naquele ano. Eric Dickerson é quem deveria ter ganhado em 1982... E você disse que Chuck Long deveria ter ganhado, em vez de Bo Jackson, mas o treinador discordou desse... E você também disse que Ki-Jana Carter ou McNair deveria ter ganhado, em vez de Salaam, e você e treinador concordaram que Peyton Manning deveria ter ganhado o troféu em 1997.

— E conversamos sobre você? — perguntei.

— Não. Fiquei completamente de fora. Até que você desligou — contou ele, tirando o lençol de cima de mim e beijando o meu rosto. Senti o calor da respiração dele no meu ouvido, e me senti excitada, não pude evitar, embora o meu foco tenha permanecido o mesmo.

— E o que mais? O que mais eu falei para o treinador? — perguntei.

— Falou sobre o trabalho. No *Post*. O treinador disse que você foi louca de não aceitar e você contou que ainda não recusou. Aí ele disse que você deveria aceitar. Depois você disse que não queria deixar a Walker e que só Deus sabia por quê. Ele disse que você poderia se deslocar entre Walker, Dallas e Austin. Blá, blá, blá. Aí eu disse pra você desligar.

— E eu desliguei?

— Não. Você divagou um pouco mais.

— Sobre?

— Sobre o quê? — perguntou ele.

— Sobre o que mais eu falei? Futebol americano?

Ryan me beijou de novo, dessa vez na boca, depois me virou de costas.

— Você só pensa nisso — afirmou ele, cobrindo meu corpo com o dele. — Acho que você ama mais o jogo do que eu.

Retribuí o beijo, o meu corpo lutando contra o meu pensamento.

— E eu acho que você gosta mais de futebol americano do que de sexo — sussurrou ele.

— Então a gente não... — perguntei, esperançosa.

— Infelizmente não. Você não estava num estado de muita consciência. Além disso, sou um cavalheiro... Mas ainda temos bastante tempo.

Ryan me beijou com mais desejo ainda, segurando o meu seio com a sua mão grande. Eu o beijei, mas mentalmente cerrei o punho e esmurrei o ar, comemorando, aliviada. Realmente aquilo era contraditório, da maneira que sempre acontecia em se tratando de uísque. Você nunca sabe se deve culpá-lo pelo que acontece ou se deve agradecê-lo; eu ficaria com esta última opção só depois de ter desligado o telefone depois daquela ligação para o treinador.

— Quer agora? — perguntou Ryan.

— Falar sobre futebol americano ou fazer sexo? — indaguei.

— Os dois — disse ele, com o ritmo da respiração intenso e a voz baixa. — Posso fazer essa sua brincadeira do troféu Heisman enquanto eu estiver dentro de você...

— Ah, é? Quem ganhou o troféu em 1968?

— Isso é um teste? — questionou ele, enquanto o senti contra a minha perna, ficando excitado.

— Sim — respondi, pressionando-o, mas confiante de que ele erraria.

— Steve Spurrier — respondeu.

— Não. Tente de novo.

— Archie Griffin.

— Perdeu — falei, me retorcendo debaixo dele. — O *Juice*. O.J. Simpson. Boa sorte da próxima vez. — Sorri e me sentei.

— Ei, espera aí. Primeiro o cara mata duas pessoas... e agora vem bancar o “empata-foda” aqui?

Fiz uma careta.

— Nunca mais use essa expressão de novo. Mas, sim, é isso.

Ryan deu risada e perguntou:

— Mas, e aí, é verdade, não é?

— É verdade o quê?

— Que você gosta mais de futebol americano do que de sexo?

— Hum... é questão de vínculo — expliquei.

A expressão de Ryan se iluminou.

— É uma bela resposta. Tenho um bom pressentimento em relação a você, Shea Rigsby — declarou ele.

Retribuí com um sorriso.

— Ah, é?

— Sim.

— Ah, que bom. Porque eu também tenho um ótimo pressentimento em relação a você, Ryan James.

Dez



Depois de um fim de semana inteiro pensando, remoendo e me odiando por ter bebido e sido tão imprudente, a primeira coisa que fiz na segunda-feira, logo de manhã, foi seguir. Aliviada por encontrar a Sra. Heflin fora de sua mesa, respirei fundo e bati à porta dele.

— Entre! — A voz ressoou.

Em agonia, me forcei a abrir a porta e olhar dentro dos olhos dele, e logo percebi que combinavam perfeitamente com a camiseta polo azul-clara que ele vestia.

— Oi — cumprimentei, desejando ter trazido alguma coisa para segurar. Um caderno, uma pasta, *qualquer* coisa. — Bom dia.

— Olá — respondeu ele, sorrindo. — Como está, Shea?

— Bem. E o senhor?

— Nada mal — declarou, gesticulando para que saísse da porta e entrasse.

— Tem certeza de que é... um bom momento? — questionei, praticamente desejando que ele dissesse não.

Em vez disso, o treinador olhou para o seu relógio e disse:

— Sim. Tenho alguns minutos antes de ir para uma reunião.

Dei três passos hesitantes à frente, ficando agora de pé bem no meio do escritório.

— E como vai o plano? — perguntei, olhando para o diagrama do jogo que estava sobre a mesa, cheio de letras X e O.

— Estamos quase lá... E você, vai assistir? — indagou ele, recostando-se sobre a cadeira, cruzando as mãos atrás da cabeça. Dei mais um passo, sentei, cruzei as pernas e fiquei olhando para o meu colo.

Esperei, imaginando que ele mencionaria algo sobre a minha ligação primeiro, até que o treinador finalmente começou:

— Ora, vamos, não precisa ficar acanhada *agora*.

— Certo... Então, em relação a... eu só queria me desculpar — declarei, olhando nos olhos dele, desviando o olhar para o seu queixo, que era, provavelmente, a parte de que eu mais gostava no seu corpo. Era essa mandíbula perfeita, forte e quadrada, com uma fenda no meio, que sempre me lembrava da postura decisiva e impositiva. Passou pela minha cabeça que, se um treinador não tem um belo queixo, é melhor encontrar outra profissão.

— Pedir desculpas? Do quê? — perguntou, abrindo um ligeiro sorriso.

— Por ter ligado tão tarde e...

— Eu estava acordado. Assistindo a um filme.

— Bem, então... desculpe por ter interrompido... enquanto você estava trabalhando — desculpei-me, pensando que o horário da ligação ou o fato de interromper o trabalho dele não eram o verdadeiro motivo do meu arrependimento, mas foi difícil dizer: “Desculpe, sinto muito por ter ligado bêbada para você”.

— Tudo bem. Você estava feliz — confessou ele, parecendo agora completamente entretido. Você pode pensar que isso me fez sentir melhor, mas minha ansiedade só aumentava a cada absolvição.

O treinador inclinou a cabeça para o lado e perguntou:

— Mas, enfim, quanto você tinha bebido?

— Hum... Não sei. Talvez tenha sido um pouco... demais — confessei.

— Bem, você tem de tomar cuidado com essas coisas — aconselhou. — Precisa ter sempre o controle.

— Sim — admiti, concordando com a cabeça, tentando me lembrar de quando eu tinha deixado de chamá-lo de *senhor*.

— E, então, você estava com o Ryan, certo?

— Sim. Fomos para um evento beneficente. Como *amigos*. — Fiz questão de enfatizar a última palavra, embora eu não soubesse bem o porquê.

— Bem, é muito bom ter *amigos* — disse ele, para provocar.

— Sim, ter amigos é muito bom. Digo... nós, por exemplo — balbuciei, sentindo o rosto esquentar de novo. — Fico feliz por sermos amigos. Você e eu. Pelo menos acho que somos amigos, certo?

— Claro que somos. É como já dissemos... ter amigos é sempre muito bom.

— Sim, é — afirmei, sentindo a tensão sobre os meus ombros aumentar. — E, quando eu disse que você é a pessoa de que mais gosto neste mundo, e tudo o mais, eu só quis...

— Eu sei o que você quis dizer.

Soltei a respiração.

— Sabe?

— Claro. Você quis dizer que... eu sou a pessoa de que você mais gosta neste mundo. — O treinador soltou uma gargalhada, os olhos cintilando daquele jeito.

— Certo. Eu quis dizer que gosto de você... como treinador... e como um exemplo de vida, um ídolo... coisas assim.

— Certo. Ídolos são como amigos. É muito bom ter tanto um quanto o outro.

Agora ele estava *definitivamente* zombando de mim, e eu sabia que tinha de salvar a minha pele e dizer algo substancial. Justificar, de algum modo, as minhas declarações de bêbada.

— Te considero muito — afirmei, certa de que as minhas bochechas estavam vermelhas como tomate. — O que eu quero dizer é que todos acham você ótimo, mas eu *realmente* o considero muito. E foi isso o que eu quis dizer...

— Também te considero muito, Shea. Você é uma moça excelente, com um grande coração e uma boa cabeça em cima dos ombros. Não perca isso, ok?

Assenti, sentindo o meu coração e a minha mente acelerados.

— E você tem de persistir com o Smiley. Acho que provavelmente ele vai escolher outra pessoa para cobrir essa posição do Texas... alguém com mais experiência. Mas tenho a sensação de que em breve ele vai abrir uma nova oportunidade. Então, seja paciente, certo?

— Serei — concordei, sentindo uma onda de frustração.

— E mais uma coisa — acrescentou, esboçando um sorriso tímido. — Sobre aquele assunto do nosso amiguinho braço-duro...

— Sim? — indaguei, sabendo que ele se referia ao troféu Heisman.

— Naquela noite, você não mencionou o John Huarte. Ele não deveria ter ganhado do Rhome nem do Butkus, de jeito nenhum!

— Foi um jeito de premiarem o técnico Parseghian por ter recuperado o programa do Notre Dame — opinei, referindo-me à temporada de 1964, sobre a qual eu havia lido.

— Mas o prêmio não deve ter nenhuma relação com o técnico — ele comentou.

— Eu discordo. Os dois estão ligados.

O treinador balançou a cabeça, determinado.

— Eu poderia estar errado. Mas não estou — insistiu.

Sorri diante da expressão familiar dele, depois me levantei para sair.

— Você também está errada a respeito do Salaam — advertiu ele, de repente. — Ele foi um daqueles *rushers* raros, capazes de correr duas mil jardas. Você há de concordar comigo.

— Mas Ki-Jana teve um desempenho melhor em poucas vezes em que carregou a bola enfrentando dez grandes jogadores da defesa — argumentei. — E McNair? Ah, fala sério! Ele foi o melhor nas corridas longas.

— Em corridas longas? Você está analisando na retrospectiva. Não pode fazer isso. A votação acontece ao final de uma temporada regular. Mesmo antes dos *bowl games*. Essas decisões têm de ser tomadas com base nos fatos que temos no momento. Eu posso mudar algumas das minhas decisões se tiver mais tempo para avaliá-las — ponderou o treinador.

Fiquei olhando para ele, incapaz de imaginar o treinador tomando uma decisão errada, pelo menos não em relação a algo relevante. E foi o que eu disse, acrescentando:

— Até a mídia considera você perfeito.

— Não mesmo — retrucou ele, depois respirou fundo, como se estivesse prestes a dizer algo sério. Em vez disso, o treinador balançou a cabeça e simplesmente desabafou: — Estou *longe* de ser perfeito. Você sabe disso, menina.

Balancei a cabeça, pensando que aquilo até poderia ser verdade, mas que ele chegava muito perto da perfeição. Com certeza ele chegava.

Ao longo dos meses seguintes, me transformei numa versão mais assertiva de mim mesma, determinada a progredir tanto na vida profissional quanto na pessoal, em vez de definhar no calor asfixiante do Texas como normalmente acontecia em todo verão.

Como não recebi retorno de Smiley, enviei um e-mail dizendo o quanto eu gostaria de fazer parte de sua equipe. E, descaradamente, persegui Ryan, que se apresentou no centro de treinamento do Cowboys, em Oxnard, na Califórnia. Na

verdade, a longa distância me fez ousar mais, e a nossa brincadeirinha de trocar mensagens de texto logo ficou mais picante. Uma noite ele escreveu dizendo que não via a hora de me encontrar de novo e contou em detalhes o que faria quando nos víssemos. Respondi dizendo que eu estava mais entusiasmada por isso do que pelo início da temporada de futebol americano universitário. Ryan respondeu com o *emoticon* de um sorriso, dizendo que, vindo de uma mulher como eu, aquelas palavras tinham grande importância.

Ele tinha toda a razão em dizer aquilo, já que eu era obcecada por futebol americano e ficava na contagem regressiva para o mês de agosto quando acontecia o início oficial dos treinos. Além das minhas tarefas habituais na Walker, que incluíam a preparação do guia de mídia e o recebimento do pedido de entrevistas de todos os lugares do mundo, eu passava o meu tempo livre lendo toda e qualquer matéria sobre a próxima temporada. Eu decorava diagramas complexos, devorava blogs com os prospectos da pré-temporada e vasculhava os posts dos fóruns à procura de outros obstinados. O consenso era claro: este seria o ano do Walker. E isso estava só no papel. Levando em conta o sentimento de luto pela perda da Sra. Carr e o quanto os jogadores desejavam ganhar o campeonato para homenagear o treinador, não havia como negar a sensação de que éramos um time de sorte.

Infelizmente, isso também nos transformou num time suscetível à derrota. Uma equipe alvo de perseguição, de várias maneiras, conforme descobri certo dia, quando vi uma mulher estranha saindo do escritório de Ernie Galli, nosso diretor de controle. Eu a cumprimentei, mas ela me lançou um olhar de soslaio, frio, enquanto observei seu penteado cheio de laquê, um terno extremamente formal e uma valise. Em suma, tudo nela berrava: “sou uma auditora”.

Fui direto para o escritório do meu chefe, olhei J.J. bem nos olhos e perguntei:

— O NCAA está aqui no *campus*?

Ele recostou na cadeira e respondeu com outra pergunta:

— Por quê? Você ouviu alguém falar?

— Por nada. Mas eu vi aquela mulher. Ela é da NCAA, não é?

J.J. balançou a cabeça, confirmando. Estava emburrado.

— Estamos encrencados? — perguntei.

J.J. deixou de lado o jeito meticuloso e observou:

— Espero que não, mas aquela mulher está louca para nos ferrar.

Então, ele me deixou a par da situação: a NCCA recebera informações razoáveis e substanciais que indicavam possíveis violações em relação ao nosso time, e agora estavam conduzindo uma investigação preliminar.

— E *por que* estão nos investigando?

J.J. deu de ombros.

— Chame do que quiser... Acusações em relação ao recrutamento, ao uso de drogas, à elegibilidade e acadêmicas.

— E de onde saíram essas acusações? De alguém em Austin, só pode ser...

— Exatamente. Ao que tudo indica, o boato mais forte é o de que um empresário de Cincinnati veio para Louisville algumas semanas atrás, antes do dia das assinaturas de contrato, e levou Rhodes e seus amigos para uma bebedeira em algum boteco 5 estrelas.

— E um boteco pode ser 5 estrelas?

— Boa pergunta. Talvez não. Eles foram para churrascarias e boates. Em que se enquadraria, então? Três estrelas e meia?

Dei risada e continuei:

— E então? Desde quando churrascaria e *strippers* não fazem parte das regras?

— Bem, acho que esse palhaço ficou no Walker por um ano ou dois, depois caiu fora. E se mostrou um maldito... — J.J. procurou pela palavra certa.

Ofereci-lhe uma citação de Jerry Maguire, umas das minhas favoritas:

— *Ambassador of quan*[5]?

J.J. riu:

— Sim. E aí, de acordo com a NCAA, *ele mostrou o dinheiro para Reggie*.

— Você acha que isso é verdade?

— Não sei.

— Mas não acho que seja uma coincidência o fato de as acusações aparecerem *neste* ano, bem quando vamos nos sair muito bem — comentou J.J.

— Exatamente — concordei. — Você conversou com o treinador?

J.J. balançou a cabeça.

— Não. Até onde eu sei, ninguém conversou sobre isso com ele ainda. Não sobre os detalhes.

— Bom. Ele já está com a cabeça muito cheia para se preocupar com essa besteira — enfatizei, concluindo que não havia a menor possibilidade de o treinador estar envolvido em algo suspeito.

Onze



No primeiro fim de semana de agosto, logo depois que começaram os treinos para a temporada, Lucy convidou minha mãe e eu para acompanhá-la até o lago LBJ, com Neil, Caroline, Lawton e o treinador. Os Carr tinham uma bela mansão lá, no alto de uma falésia arborizada, com uma vista maravilhosa para um lago azul-esverdeado. Durante a nossa infância e adolescência, Lucy e eu estivemos ali muitas vezes, e passamos os dias de verão tomando banho de sol no píer privativo ou passeando de lancha pela região, ou ainda lendo na rede pendurada na varanda nos fundos da casa. Mas, desde que a Sra. Carr ficou doente, eu não tinha ido mais lá, e fiquei um pouco surpresa ao ser convidada este ano, pois imaginei que a família gostaria de ficar sozinha naquele momento.

Lucy insistiu, dizendo que nós éramos da família, depois mencionou o futebol americano e desabafou que simplesmente não conseguia falar a mesma língua que o pai. Desde o seu aniversário, Lucy havia me pedido a lista com os nomes dos jogadores do nosso time, especialmente dos novatos, os quais, aparentemente, ela não conseguia diferenciar. Eu me ofereci para fazer uns cartões com a foto de cada um deles, e ela disse que não seria má ideia, surpresa pelo fato de como a mãe conseguia decorar o nome de cada jogador. Eu queria dizer a ela que o futebol americano não era uma obrigação e que realmente não era tão difícil assim, mas era provável que ela sentisse o mesmo em relação à minha dificuldade de seguir o seu modo de se vestir ou seu linguajar gastronômico.

De qualquer forma, minha mãe e eu fomos para lá, de carro, no sábado de manhã, deixando os Carr sozinhos por uma noite. Quando chegamos, o treinador e Lawton estavam saindo do píer com suas varas de pescar. Vestindo short cáqui, camiseta do Walker e usando chinelo, os dois pareciam mais pai e filho do que de costume. Lawton se parecia mais com Connie; encorpado, rosto fino e cabelo loiro.

— Ei, menina! Oi, Marie! — O treinador nos cumprimentou. — Que bom que vocês vieram para ficar com a gente. — Ele parecia relaxado e feliz, como

sempre ficava quando estava ali. Com frequência o treinador dizia que aquele era o seu lugar preferido, até mesmo em comparação com o nosso estádio, e lembro que certa vez Connie comentou que ali era o único lugar do mundo onde ele conseguia passar algumas horas *sem* pensar em futebol, até onde ela sabia. Eu tinha as minhas dúvidas em relação a isso, embora estivesse claro, pelo menos ao que parecia pela voz animada e suave, que ele não estava preocupado com a investigação da NCAA.

Minha mãe e eu cumprimentamos os dois e demos um abraço apertado em Lawton, que não víamos desde os jogos de primavera. Depois, todos nós entramos. Neil estava nos toques finais da preparação do almoço — sua tradicional torta de tomate, com salada de alface e rabanete; de sobremesa, torta de morango.

Quando nos sentamos para comer, o treinador fez uma oração breve, e Lucy me contaria em outro momento que aquela era a primeira vez, depois de muito tempo, que ele fazia oração antes da refeição.

— Senhor Deus — começou ele. — Nós o agradecemos por tantas bênçãos e por este lugar, que Connie tanto amava. Sentimos a presença dela aqui conosco hoje e somos extremamente gratos por todas as lembranças maravilhosas dela que partilhamos. Senhor, pedimos que esteja conosco e que nos guarde sob a sua proteção. Amém. Vai, Broncos!

Quando abri os olhos, o treinador parecia calmo e vigoroso. Ele olhou ao redor da mesa e falou:

— É verdade. Sei que ela está sorrindo lá de cima e que está muito feliz por estarmos aqui juntos. E ainda mais feliz porque... — Segurei a minha respiração, sentindo-me reverente. — Porque ela sabe que vou ganhar de todos vocês no Trivial Pursuit hoje à noite. Quem vem pro meu time?

— Eu! — Deixei escapar. Nós sempre jogávamos à beira do lago: gamão, xadrez, *euchre*, Uno, Pictionary. Mas o Trivial Pursuit era o nosso favorito há duas décadas, e o treinador Carr estava certo; quase sempre ele ganhava, independentemente de quem jogasse com ele. Mas eu era a segunda melhor jogadora, e quase nunca perdia quando o assunto era literatura e esporte.

— Sem chance. Vocês dois não podem jogar juntos. Não é justo. Os dois são muito bons — reclamou Lucy.

— Baylor deve estar dizendo exatamente isso agora sobre o Everclear e o Rhodes — comentei, olhando para o treinador.

— Acertou em cheio! Bate aqui! — exclamou ele, erguendo a mão espalmada

para mim.

Mais tarde, naquela mesma noite, depois que Lucy colocou Caroline para dormir, e o vinho, a cerveja e o Trivial Pursuit começaram, escrevemos os números em papeizinhos e os colocamos dentro do boné de beisebol do treinador para sortear as equipes. Cruzei os dedos mentalmente, enquanto Lucy e minha mãe tiraram o número 3, Neil e Lawton, o 2 e o treinador e eu ficamos com o número 1.

— Como não podia deixar de ser — anunciou o treinador, piscando e depois sussurrando alto o suficiente para que todos ouvissem: — Número *um*.

Lucy revirou os olhos enquanto o treinador e eu, em uníssono, entoamos o grito de guerra do Walker.

— Meu pai do céu, vocês dois são a mesma pessoa! Minha melhor amiga e o meu pai são *a mesma* pessoa — retrucou Lucy, balançando a cabeça.

O treinador tomou um gole de sua cerveja:

— A Shea é mais bonita que eu. Só um pouquinho.

Eu sabia que ele estava brincando, mesmo assim senti as minhas bochechas enrubescerem, e fiquei ainda mais perturbada quando ele trocou de lugar com Lawton para se sentar perto de mim. Olhei para baixo, me ocupando com as fichas do jogo, dividindo-as em três pilhas e colocando-as sobre a caixa. Dei uma para Lawton, outra para Lucy e fiquei com a terceira. Depois, entreguei o dado para Lucy e disse:

— Você começa. Vai precisar de todas as vantagens.

— Hã! — exclamou ela ao jogar o dado. Depois de uma rodada de perguntas ridiculamente fáceis sobre entretenimento, minha mãe e Lucy hesitaram diante da pergunta: “Quantas cores tem o arco-íris?” (Resposta: mais do que os olhos podem ver).

Em seguida, Neil e Lawton empacaram em uma pergunta da Segunda Guerra Mundial sobre a Áustria.

Então, chegou a nossa vez e, logo de cara, começamos a ganhar deles, acertando as respostas e avançando três casas. Mas não houve a menor demonstração de arrogância, e permanecemos extremamente concentrados, do jeito como o treinador fazia durante os jogos, sem ao menos abrir um sorriso quando organizava uma *Hail Mary* e conseguia dar uma resposta ao líder mundial de exportação de bananas (Equador).

— Vocês são muito convencidos — lançou Lawton, nosso silêncio quase os deixando ainda mais irritados.

— Não odeie o jogador — retruquei, brincando. — Nem o técnico.

O treinador Carr ergueu o punho e o bateu contra o meu.

— Mas que irritante — retrucou Lucy, balançando a cabeça. — E boa sorte para vocês se pegarem uma casa rosa. Os dois são muito ruins com entretenimento.

— É o que vamos ver — rebateu o treinador, jogando o dado e pegando justamente a casa rosa. — Se estiver em dúvida, vá de Cindy Lauper — aconselhou-me.

Sorri enquanto Lawton lia a pergunta:

— De quem é a frase: "Nunca coma mais do que possa levantar"?

Eu sabia a resposta, só porque eu já tinha tirado essa pergunta alguns anos atrás, e, na ocasião, ergui a sobrancelha ligeiramente para o treinador Carr e o encarei de um jeito que dizia: *Bingo, baby*.

— Vocês nunca vão acertar essa! — lançou Lawton, passando a ficha para Lucy, depois para Neil e minha mãe. Todos eles se empolgaram diante da resposta, nos provocando enquanto eu e o treinador fingíamos que estávamos em dúvida.

— Deve ter sido uma daquelas estrelas do cinema — falei em voz alta. — Talvez a Audrey Hepburn... Ou a princesa Diana... Farrah Fawcett?

O treinador entrou na brincadeira e começou a murmurar:

— Por outro lado, talvez tenha sido uma celebridade mais gordinha... Como a Nell Carter ou a Roseane Barr?

— Ou talvez... *talvez* tenha sido uma... *personagem* fofinha. Ou até mesmo um *Muppet*! Como a Miss Piggy... — Pisquei para ele.

— Miss Piggy? — brincou o treinador enquanto eu assenti. — Sim. Nossa resposta é Miss Piggy.

— Vocês dois... Seus pilantras! — retrucou Lawton, jogando a ficha.

O treinador e eu tilintamos as nossas garrafas de Shiner Bock, depois erguemos o braço e batemos as mãos de novo. Depois, jogamos o dado mais uma vez mais e pegamos o assunto Ciência. A pergunta seguinte foi: "O porco-espinho se masturba?".

O treinador e eu trocamos um olhar.

— Bom vejamos... Aposto que o macho sim — opinou o treinador.

Dei risada.

— Bom, eu aposto que as fêmeas também.

— Acho que você está certa — concordou o treinador, virando-se para a minha mãe. — Ok. A nossa resposta é sim.

— Essa é a sua resposta final? — questionou ela, uma tática de principiante que não consideramos uma resposta.

Minha mãe balançou a cabeça e nos entregou a ficha verde.

— Ridículo.

— Ridículo o quê? Os porcos-espinhos se masturbarem? Ou o fato de que estamos prestes a ganhar esta coisa aqui? — provocou ele, olhando para o seu relógio de pulso e concluindo: — Em uma hora?

Joguei o dado de novo, e dessa vez tiramos História.

— "O que foi que o primeiro cachorro a usar lentes de contato não enxergou no dia seguinte àquele em que começou a usar as lentes?"

— O carro que o atropelou — respondeu o treinador. — *Bam*!

— Ah, que pena — lamentei.

— Pena por quê, menina? — perguntou o treinador.

— Porque ainda precisamos tirar a casa laranja para ganhar — expliquei, referindo-me à categoria de esportes.

— Ah, é — concordou o treinador, balançando a cabeça. — Essa vai ser muito, muito, muito difícil *mesmo* para a gente.

Sorri e joguei o dado, já que ainda faltavam duas respostas para completarmos o suporte com seis fichas e pegarmos a casa laranja. O treinador olhou para Lawton:

— Manda!

Lawton leu a pergunta para si mesmo, depois balançou a cabeça e desabafou:

— Inacreditável.

— Leia. E depois você chora — provocou o treinador.

— "Quem ganhou o troféu Heisman em 1964?"

O treinador lançou para mim aquele olhar familiar que me fazia derreter, e disse para Lawton:

— Espere. A pergunta é: “Quem ganhou o troféu” ou “Quem *deveria* ter ganhado”?

Ele cutucou a minha perna debaixo da mesa, e eu tive a sensação de um arrepio interior.

— Quem *ganhou* o troféu — esclareceu Lawton, obviamente sem entender a nossa piada.

O treinador pegou a peça laranja.

— Shea? Me deu um branco aqui. Você sabe responder essa?

— Hum... Foi o Butkus? Ou talvez Rhome? Ou Brian Piccolo? Ele se formou em 1964, não foi? — perguntei, como se estivesse pensando alto.

O treinador deu de ombros e jurou pela própria vida que não conseguia se lembrar do que tinha acontecido naquele ano.

Lawton pareceu esperançoso, até que deixei escapar:

— Na verdade... Acho que vamos de John Huarte.

— Tem certeza? — questionou Lawton, com a expressão já desanimada.

Assenti.

— Sim. Huarte.

— Essa é a sua resposta *final*? — interveio minha mãe.

— Sim, Marie. Você ouviu a minha menina aqui. Huarte. Nossa resposta é Huarte — disse o treinador.

— Droga! Está certo — lamentou Neil, pegando a ficha da mão de Lawton e jogando-a.

— *Claro* que está — afirmou Lucy, levantando para repor sua taça de vinho.

— Nada como uma bela goleada para encerrar a temporada — declarou o treinador, com uma piscadela.

— E muitas como essa estão por vir — afirmei, piscando para ele.

Na manhã em que íamos embora, acordei cedo, logo depois do nascer do sol, e desci. Encontrei o treinador sozinho na varanda da frente, bebendo café e olhando para o lago. Ele parecia tão calmo e concentrado em seus próprios pensamentos que eu recuei, sorrateiramente. Mas, antes mesmo de se virar em

direção às escadas, ele se levantou de repente, olhou para mim através da porta aberta e disse:

— Bom dia, menina.

— Bom dia, treinador.

— Acordou cedo hoje.

— Você também — comentei, arrastando os pés em direção a ele.

— Para mim, este horário já é tarde — disse. — Tem café fresco na cozinha.

— Estou bem por enquanto.

Ele assentiu e gesticulou para que eu me juntasse a ele, então saí para a varanda e me sentei no velho balanço de madeira onde Lucy e eu já tínhamos passado horas conversando quando éramos meninas, enquanto a Sra. Carr incessantemente nos reprimia, pedindo que não balançássemos tão alto e rápido. Comecei a balançar para a frente e para trás, devagar, observando o lago, que ainda parecia um pedaço enorme de vidro, um espelho que refletia o céu e as árvores. O treinador e eu ficamos conversando por alguns minutos sobre como aquele lugar era bom, especialmente àquela hora do dia, antes de voltarmos ao único assunto que permeava tanto o pensamento dele quanto o meu. Eu sabia que ele estava muito cansado das mesmas perguntas de sempre; o treinador não conseguia ir a um único lugar sem ser bombardeado por elas. Mesmo assim, lancei uma pergunta, na esperança de que ela soasse um pouco diferente, já que partiria de mim.

— Está preparado para os treinos? — indaguei, observando o perfil dele.

— Sim — informou, esticando um dos braços para se alongar. — É hora de começar o show, sabe?

Balancei a cabeça, concordando, e em seguida fiz a próxima pergunta cuja resposta era previsível.

— E como acha que vai ser? Tão bom quanto andam dizendo por aí?

— Nem *tão* bom assim — respondeu.

Sorri, pensando que ele sempre minimizava o quanto éramos bons e "enaltecia" o oponente. Todos os treinadores faziam isso, e preferiam se colocar em posição inferior. Desse modo, a pressão fica menor.

— Temos talento, mas nunca se sabe qual será a química — ponderou. — O lado bom é que os outros caras mais velhos gostam de Reggie pra valer. Para um menino tão talentoso, ele é muito discreto. Nem um pouco exibido.

— Isso é bom — opinei.

— Vamos ver. Nunca se sabe. Pode ser que encontremos algumas pedras à frente, no caminho.

— Como assim? — questionei, esperando que ele estivesse se referindo às disputas mais difíceis da nossa escala: Florida State, Stanford e Texas. Mas tive a sensação de que tinha mais a ver com a mulher do penteado com laquê que eu vira passeando pelos corredores.

Parecendo agitado, o treinador se remexeu na cadeira, como se tivesse levado uma descarga de adrenalina.

— Odeio a NCAA. São uns sem-vergonha, hipócritas que só pensam no próprio umbigo... São uns *demônios*.

— *Demônios*? — questionei, erguendo as sobrancelhas. — Isso não é um pouco forte demais? Digo, as organizações da Ku Klux Klan são demônios... O Taliban é um demônio...

— Pelo menos a KKK e o Taliban não se *fingem* de bonzinhos — desabafou o treinador. Ele terminou o seu café e colocou a caneca no chão, perto do seu pé.

Olhei para ele e fiz a pergunta:

— Treinador? Estamos mesmo sendo investigados?

Ele hesitou, depois respondeu:

— Sim. É o que parece mesmo.

— Mas por quê?

— Por ganhar. Pura e simplesmente. Todo programa vitorioso está sendo investigado, de uma forma ou de outra. Era só questão de tempo para que chegasse a nossa vez.

— Então você acredita que não vão encontrar nada?

— Ah, tenho certeza de que vão sim; se cutucarem o bastante, vão encontrar.

— E estão dizendo alguma coisa sobre você ? — arrisquei, me preparando.

O treinador balançou a cabeça.

— Não. Pelo menos ainda não. Por enquanto, só estão analisando um punhado de coisinhas que não se pode controlar. Tutores que escrevem artigos. Investidores e empresários que levam os novatos para jantares sofisticados e noites de bebedeiras. Professores que dão notas melhores para certo aluno do que ele merece.... A NCAA cria todo esse estardalhaço para coisas pequenas e

insignificantes a fim de ridicularizar o estatuto, e usa isso para justificar o que eles estão fazendo.

— E o que estão fazendo exatamente? —questionei.

— Viajando em aviões particulares. Levando projetos inúteis para tudo o que é lugar. De maneira geral, usando esses garotos para encher o bolso deles. Lucrando com a glória do esporte amador. — O treinador começou a falar mais rápido, e sua voz, aos poucos, foi ficando mais ríspida. — Toda essa ideia de amadorismo é uma piada. Uma cortina de fumaça. Uma farsa inventada pela NCAA com a assinatura das universidades para que possam explorar os jovens visando o seu próprio lucro. O garoto não pode escrever uma passagem da Bíblia, nem o nome da namorada dele, nem qualquer outra mensagem pessoal naquela tinta preta que eles usam no rosto... mas eles o fazem vestir camiseta, capacete, munhequeira, calça e sapato com o logotipo de empresas... Todo mundo fica rico aqui. Você sabia que a SEC (Southeastern Conference) faturou mais de um bilhão de dólares com esportes no ano passado? Um *bilhão* de dólares! E os Big Ten estão logo atrás deles. É brincadeira?

Olhei fixamente para o treinador. Claro que eu já tinha ouvido esses argumentos antes, mas não de maneira tão eloquente. E nunca saindo da boca dele. Ele continuou:

— Você sabe quanto a CBS Sports e a Turner Broadcasting pagaram à NCAA pelos direitos de transmissão do March Madness este ano? Mais ou menos 800 milhões. Três quartos de bilhão pelo trabalho não remunerado dos atletas universitários. Esses garotos geram bilhões para a NCAA e para as universidades e empresas e até para nós, treinadores... mas não ficam com um centavo disso tudo. E não me venha com esse papo de bolsa de estudos...

— Era o que eu ia dizer — murmurei em meio a um sorriso, mas não acho que ele tenha me ouvido.

— Noventa bolsas de estudo é uma *ninharia* comparada à receita gerada. Isso é justo? É certo? É uma exploração... É... É como um sistema de colonialismo... todas essas coisas são feitas “para o bem do atleta universitário!” — Balancei a cabeça, concordando, muito entusiasmada com a paixão dele pelo assunto. — E que tal isso? A NCAA vende DVDs de jogos e os direitos dos jogos que revivem momentos clássicos do esporte universitário, mas os caras que aparecem jogando não lucram com isso, mesmo depois de terem se formado e de não serem mais amadores. Você não acha que a imagem de um jogador deveria pertencer a ele? E que, se um *video game* está usando a imagem desse jogador, ele deveria receber parte do lucro?

— Bem, sim. Claro — concordei.

O treinador balançou a cabeça.

— Mas não. Nem um centavo. Você se lembra do A.J. Green, aquele garoto da Geórgia que vendeu sua camiseta da Independence Bowl para poder fazer uma viagem com os amigos durante as férias de primavera?

Confirmei com a cabeça.

— Ele ficou suspenso por quatro jogos enquanto a Universidade de Geórgia continuou vendendo réplicas da camiseta dele por quarenta dólares cada... E veja o caso da Ohio State. Como é que mandam embora um treinador e penalizam um programa inteiro por causa de alguns garotos que trocaram as peças do uniforme por tatuagens e porque um homem decente tentou defendê-los? São só *garotos*! É natural que comentam erros.

— Sim. Aquela penalidade foi um pouco rigorosa demais.

O treinador zombou.

— Eles desmascaram os verdadeiros traidores e pegam alguns bandidos, mas, na maior parte do tempo, estão numa maldita perseguição política. — Ele inclinou o corpo para a frente, ainda sentado na cadeira, me fitando, agora bem nos olhos. — A fiscalização é aleatória e ao mesmo tempo seletiva, e eles violam qualquer noção de devido processo legal. Todos são culpados até prova em contrário, e há poucos ou nenhum recurso de apelação. São déspotas com poder absoluto, e todos nós sabemos o que acontece com o poder absoluto.

Olhei para o treinador, pensando que *ele* tinha poder absoluto no Walker e que nunca tinha abusado disso. Ele nunca tinha usado esse poder para benefício próprio ou para qualquer outra coisa que não fosse o bem dos jogadores do programa. Mesmo assim, enquanto ele se levantou para encher sua caneca de café, tive um ligeiro sentimento de dúvida que me dizia que as coisas não eram tão simples como eu desejava que fossem.

Doze

Quarenta e oito horas depois que voltamos do lago, a minha época do ano preferida tinha finalmente chegado: o primeiro dia dos treinos e o início oficial da temporada de futebol americano universitário. Como todos na Walker, eu estava empolgada e mais esperançosa do que nunca. Mas, de certa forma, eu não me sentia exatamente da maneira como esperava.

Falei para mim mesma que era apenas o nervosismo pré-temporada — que sempre piorava quando as expectativas sobre nós eram de grandes acontecimentos. Ou talvez eu estivesse preocupada com a tal investigação. Boatos internos começaram a circular, e eu não suportava a ideia de que a NCAA poderia estragar os nossos planos injustamente.

Por outro lado, talvez fosse alguma outra coisa, algo maior. Talvez tivesse a ver com as preocupações que eu vinha tendo desde a morte da Sra. Carr. A sensação de que eu não estava no caminho certo, de que, apesar de todos os meus esforços para começar uma nova carreira e um novo relacionamento, eu continuava no mesmo lugar — acompanhando os treinos ou enfurnada no meu pequeno escritório atendendo ligações intermináveis de repórteres de verdade.

Certo dia, depois do treino, fui até a butique de Lucy, algo que eu sempre fazia, fosse para comprar ou para ajudar a desembalar o inventário, ou simplesmente para dizer oi. Ela pareceu feliz ao me ver, e saiu de trás do balcão para me dar um abraço.

— Hei! E aí? Está precisando de um modelito para o retorno dos treinos?

Sorri e falei:

— Sim, estou. Não sabia que você estava cuidando do uniforme do Walker agora.

Lucy também sorriu e comentou:

— Eu tenho mesmo algumas coisinhas para você lá no fundo. Umas peças para meia-estação, verão e outono.

— Ótimo. O Ryan vai voltar amanhã — contei, sentindo uma pontinha de entusiasmo. — Adoraria ter algumas coisas novas para usar.

Lucy me olhou de um jeito engraçado e depois voltou para trás do balcão, de onde sacou uma revista dessas de fofoca que estava embaixo do caixa.

— Você viu isso?

Olhei para a página e vi uma foto meio embaçada tirada por um paparazzo, Ryan e Blakeslee sentados juntos em um café ao ar livre. A legenda sugeria que os dois estavam tentando se reconciliar, mas fiquei feliz ao perceber que a cena parecia tudo menos romântica. Blakeslee parecia irritada, com os braços cruzados, e Ryan estava olhando para baixo, para o celular. Havia apenas uma garrafa de Perrier, com dois copos, em cima da mesa entre os dois.

Senti que Lucy estava me encarando, tentando avaliar a minha reação enquanto eu mesma tentava processar o que estava sentindo. Raiva? Ciúmes? Tristeza?

— Talvez ele estivesse mandando uma mensagem de texto para você no momento da foto — sugeriu Lucy, esperançosa, espiando a foto bem de perto para enxergar o celular dele, como se pudesse ver o que havia na tela.

Eu estava pensando a mesma coisa, e perguntei a Lucy se dava para saber quando a foto fora tirada.

— Aqui não diz. Você acha mesmo que eles podem estar se reconciliando? — ela questionou, preocupada.

Dei de ombros, ainda examinando a página da revista. Blakeslee estava calçando sandálias estilo gladiador — daquelas do tipo que a maioria das mulheres não conseguiria tirar rapidamente —, short curto e uma bata de manga longa muito elegante. Ela era uma mulher bem pequena e bronzeada, completamente diferente de mim.

— Pode ser que sim. Não sei mesmo — respondi.

— Meu Deus! O que acontece com as pessoas da sua vida que se divorciam e depois se reconciliam? — perguntou Lucy, referindo-se, é claro, ao meu pai e Astrid.

— Dificilmente eu os colocaria na mesma categoria — retruquei, pensando que não podíamos comparar o encontro entre Ryan e Blakeslee para tomar uma água com gás com a decisão do meu pai de me abandonar para ficar com sua filha primogênita e visivelmente favorita.

— É, acho que não — concordou Lucy, balançando a cabeça. — Mas isso é *realmente* irritante. Ele não te contou que ia encontrar com ela?

Balancei a cabeça, negando.

Lucy devolveu a revista ao balcão e foi até uma das mesas, que estava coberta de regatinhas da Splendid, todas em cores vibrantes de verão que me lembravam sorvete. Eu a acompanhei, ajudando-a a organizar a pilha, separando as peças de cores mais frias das mais quentes.

— Bem, acho que não devemos presumir o pior — ela considerou.

— Eu sei — afirmei, enquanto uma jovem mãe entrou com o seu bebê na loja, parando o carrinho próximo a uma prateleira de jeans da JBrand. Lucy a recepcionou calorosamente e ofereceu ajuda. A mulher recusou qualquer tipo de auxílio e ficou inspecionando *cada uma* das calças jeans, procurando pela diferença entre as peças de tamanho 36, desfazendo toda a pilha. Essa era uma das coisas que irritavam Lucy. Na verdade, esse é um dos maiores tormentos de qualquer pessoa que trabalha com varejo e que passa o dia inteiro dobrando e organizando as roupas.

— Você tem planos de se encontrar com ele? — perguntou Lucy.

— Ainda não. Mas talvez seja melhor a gente continuar por aqui e ver algumas roupas para mim agora — afirmei, com o máximo de entusiasmo que consegui. — Vai que...

Lucy sorriu, parecendo tão orgulhosa como ficou quando Caroline deu seus primeiros passos.

— É assim que se fala, garota.

No final das contas, acabei encontrando Ryan logo na primeira noite em que ele voltou para a cidade, a pedido dele. Chegamos a pensar em sair, mas eu sabia que ele estava cansado, então perguntei se não preferia simplesmente vir até a minha casa. Ele disse que seria perfeito, enquanto preparei um discurso para mim mesma: *Não fique com vergonha do seu apartamento. Não banque a inferior. Seja confiante. Aproveite o dia. Não pense, nem fale, nem se empolgue demais e (Deus me livre!) não ligue para o treinador.*

Quando Ryan bateu à porta, eu estava pronta. Então, atendi e sorri para ele, radiante. Ele estava ainda mais lindo do que eu me lembrava, a pele bronzeada, com um tom dourado, a camiseta azul realçando os músculos dos seus ombros e braços.

— Oi, Ryan! — falei, empolgada, talvez até mesmo emocionada.

— Oi! — respondeu ele, inclinando-se para me dar um beijo demorado, parando apenas para sussurrar no meu ouvido: — É *tão* bom ver você.

Senti meus braços arrepiados ao me afastar dele e olhá-lo nos olhos.

— É muito bom ver você também — falei, decidindo que não estragaria a noite perguntando sobre Blakeslee. Em vez disso, levei-o para o sofá, onde namoramos por um bom tempo, debaixo da única peça de luxo que havia na minha sala de estar (uma manta de cashmere que meu pai e Astrid me deram de presente no Natal do ano passado). A manta era tão macia que Ryan até comentou sobre ela, murmurando:

— Eu gostaria de ficar pelado debaixo dessa coisa com você.

Sorri timidamente para ele e depois, antes que eu perdesse a coragem, tirei a camiseta e a calça jeans.

— Quero você — eu disse, entre beijos ardentes e profundos.

Ryan sussurrou:

— Também quero você, meu doce.

— Gosto quando você me chama de “meu doce” — confessei enquanto passava os dedos sobre o cabelo dele, admirando a textura dos fios.

— Você é o meu doce — ele acrescentou, e, naquele momento, eu não apenas acreditei nele como tive certeza de que não estava acontecendo nada com Blakeslee nem com qualquer outra mulher.

Enquanto ele tirava a camiseta, fiquei observando seu músculo dorsal grande, o peitoral, o tríceps e todo aquele monte de outros músculos cujo nome eu desconheço. Balancei a cabeça, encantada com aquele corpo, e Ryan sorriu, porque sabia no que eu estava pensando — que ele era uma sublime espécie masculina. Desejando que eu fosse o equivalente feminino, desabotoei o fecho frontal do meu sutiã e pressionei meu corpo contra o dele, aninhando nós dois ainda mais no casulo do sofá.

— Está vendo como é macia?

Eu quis dizer a manta, mas soou como se eu me referisse ao meu próprio corpo, então Ryan disse:

— Ah, é sim, você é muito macia. — Fiquei excitada porque pude ver que ele também já estava.

— E você... é um maldito anúncio de cueca. Seu corpo é tão sexy que me faz...

— Te faz o quê? — sussurrou.

— Me faz quase odiar você.

— Ah, fala sério. Não diga isso — ele reclamou, sorrindo.

— Bem, é que é meio intimidador... — acrescentei, cobrindo o meu corpo, pensando que Ryan realmente era muita areia para o meu caminhãozinho. Ele não era para mim. — *Você* é intimidador.

Ele afastou a minha mão e acariciou a minha barriga.

— Amo o seu corpo também. Bem aqui — sussurrou.

Acreditei tanto nele que parei de comprimir a barriga e ele me ergueu do sofá, com manta e tudo, e me carregou até o quarto. Era a primeira vez. Outros caras, inclusive Miller, já tinham me carregado no colo até a cama antes, mas era a primeira vez que eu não me sentia completamente estranha, como um peso morto. Ryan me fazia sentir flexível, leve, perfeitamente graciosa em seus braços com as minhas mãos entrelaçadas ao redor do seu pescoço. Ele me olhou bem dentro dos olhos enquanto me colocou sobre a cama com facilidade, e eu vi — através do calor da lâmpada do meu abajur, que clareava o ambiente na medida certa para esconder alguns dos meus defeitos e ao mesmo tempo iluminava a perfeição de Ryan — seus músculos se flexionarem.

— Quer que eu coloque uma música? — perguntei.

De pé, ele balançou a cabeça devagar, depois se ajoelhou no chão, de frente para mim. Tentei me sentar, mas ele me fez voltar, me tocando com uma das mãos cheias de calos, enquanto a outra percorria o interior da minha coxa. Não resisti e ergui o quadril, deixando o caminho mais fácil para ele tirar minha calcinha preta. Então eu me sentei, puxei os ombros dele na minha direção e disse:

— Vem aqui. Quero sentir você em cima de mim.

E foi o que ele fez, deitando-se bem em cima de mim, restando entre nós apenas a sua cueca boxer cinza. Passei as mãos sobre as costas musculosas dele e puxei a cueca para baixo o máximo que meus braços alcançaram. Depois, envolvi as minhas pernas ao redor das pernas dele, prendendo o meu dedo sobre a elástico do cós e tirando o resto da cueca.

— Nossa! — exclamei, agora respirando com dificuldade, as minhas mãos

ainda sobre o bumbum durinho dele. — Nossa...

Ele se esfregou contra o meu corpo, me provocando e me perguntando se eu estava gostando. Respondi que sim.

— Você está tomando...

— Pílula? Sim. Precisamos de algo mais? — perguntei.

Ele sabia exatamente o que eu quis dizer com aquela pergunta. Talvez estivesse até imaginando aquela longa fila de *cheerleaders* do Cowboys, então respondeu:

— Não, baby, sou muito cuidadoso.

Relaxei completamente, confiando nele, sentindo que, mesmo que eu fosse uma entre tantas, com certeza eu era uma das poucas em quem ele confiava para transar sem camisinha. Ryan beijou o meu pescoço enquanto puxava o edredom e os lençóis e depois me reposicionou milimetricamente, repousando a minha cabeça sobre o travesseiro. Olhei para ele, mas estávamos perto demais, então não vi nada além dos seus olhos e nariz, as partes exatas de seu rosto que vemos na televisão através do capacete azul e branco dele. Ryan pareceu intenso e determinado quando perguntou:

— Está pronta?

— *Prontíssima* — respondi. — E você?

— Sim, meu doce. Também estou pronto.

Então, ele me penetrou, devagar no começo, segurando-se com sincronismo e controle primorosos. Abri os olhos. Ele abriu os dele, olhou para mim, depois voltou a fechá-los. Todos os seus músculos se flexionaram à medida que ele me penetrou ainda mais, ficando completamente dentro de mim agora. *Caramba*, falei mais de uma vez, junto com um monte de palavrões, pensando que aquilo era, sem a menor sombra de dúvida, a melhor sensação física de toda a minha vida. Foi mais ou menos como se eu tivesse experimentado heroína, o tipo de droga que pode arruinar a sua vida. Vício instantâneo. Ainda pensando comigo mesma, perdi a noção de tempo e espaço enquanto o deixei assumir o comando. Ele mudou a intensidade da penetração, primeiro devagar, depois rápida, devagar de novo, num ritmo assustadoramente bom. Ryan me virou e me penetrou por trás, pressionando o tórax contra as minhas costas, me prendendo debaixo dele, afastando os meus cabelos com gentileza, beijando o meu ouvido, falando o meu nome. Então, quando eu não conseguia aguentar nem mais um segundo, ele me virou de barriga para cima, me pedindo para olhar em seus olhos. Meu quarto

ficou tão quente quanto uma sauna, então joguei de lado as cobertas, nossos corpos escorregadios de suor. Senti meu corpo começar a estremecer, depois me vi gemendo o nome dele enquanto nós dois chegamos ao orgasmo juntos.

Depois disso, entrei num estado semelhante ao coma. Não conseguia me mexer, nem falar, nem me concentrar em nada além da minha respiração e da eletrizante constatação de que eu tinha acabado de ter a melhor noite de sexo de toda a minha vida, com um *quarterback* gostosão do maldito Dallas Cowboys.

Na manhã seguinte, despertei de um sono profundo e encontrei Ryan de pé, ao lado da minha cama. Ele já estava completamente vestido, e, ao que parecia, tinha acabado de sair do banho, com o cabelo escuro úmido e precisamente penteado. Tentei me recompor, afastando o cabelo emaranhado do rosto e limpando a boca com o dorso da mão.

— Eu babei? — perguntei, pensando que aquela aparência matutina era a pior e mais injusta desvantagem que poderia haver sobre uma garota que já era muito azarada.

— Não. Você fica muito linda quando dorme — disse ele.

— Obrigada.

Na verdade, esse era o melhor tipo de elogio que eu já tinha recebido.

— Você fica linda quando dorme. Linda quando acorda. E fica ainda *mais* linda quando estou fazendo amor com você. — Ele sussurrou essa última parte, como se estivesse dividindo comigo um segredo que só ele tinha a sorte de saber.

Envergonhada, sorri, depois me sentei, enfiando o edredom debaixo dos meus braços, para me cobrir.

— Você já vai? — questionei, tentando não bancar a carente nem nada do gênero, e aliviada porque de fato eu não estava me sentindo assim. Na verdade, eu estava realmente feliz por me livrar daquele sentimento estranho de “manhã seguinte”.

— Sim, eu preciso. Não ia te acordar — respondeu ele, sentando-se na beira da cama, ao meu lado. — Mas eu também não queria ir embora sem dizer tchau.

— Tudo bem. Eu já ia me levantar mesmo. Preciso trabalhar. Hoje tem jogo de vôlei feminino. Vamos receber o Penn State.

Ryan meneou a cabeça, depois esticou o braço e segurou a minha bochecha com a palma da mão, um gesto que me pareceu íntimo, surpreendentemente íntimo, considerando que tínhamos feito muito mais na noite anterior. Claro que

talvez tenha sido *por isso* que o gesto me pareceu tão íntimo.

— Por mim, eu ficaria para preparar o café da manhã para você. Mas preciso treinar. Depois tenho um monte de reuniões, e uma sessão de massagem, às quatro — acrescentou.

Assenti, me perguntando por que ele estava me colocando a par de toda a sua agenda. Será que pensou que eu estava chateada por ele ter de ir embora tão cedo? Porque eu não estava. Será que ele estava preparando o terreno para não ter de me ligar mais tarde? Se fosse isso, eu tinha entendido muito bem, sabia que ele estava ocupado. Muito ocupado.

— Ok. Bom. Obrigada por ter vindo — respondi, tentando parecer casual, dando até um bocejo falso e uma espreguiçada. — Foi divertido.

Isso deve ter soado um pouco indiferente demais, porque Ryan balançou a cabeça e retrucou:

— *Divertido*?

— Você sabe o que eu quero dizer — respondi, sorrindo.

— Divertido é jogar Xbox. Brincar de tiro ao alvo. Ir ao cinema.

— Tudo bem. Vou tentar de novo. A noite foi incrível, fascinante... maravilhosa em *todos* os sentidos. — Sorri e estiquei o braço para segurar a mão dele, e o edredom caiu na altura da minha cintura.

— Assim está melhor. Eu concordo — declarou ele, apertando a minha mão, olhando para os meus seios e voltando a olhar para os meus olhos, lentamente. Tudo o que ele disse e fez realmente me pareceu consciente e muito sincero.

Trocamos um sorriso por alguns segundos, depois ele fez uma cara séria, quase comovente, e então afirmou:

— Eu gosto de você de verdade, Shea.

— Eu também.

— Tenho procurado uma mulher como você... E você estava bem aqui. O tempo todo — continuou.

Fixei meus olhos nos dele, e todos os meus mecanismos de defesa dispararam quando considerei que ele poderia escolher qualquer outra mulher que desejasse. Por que me escolheria? Por outro lado, por que ele mentiria para mim? Especialmente depois de eu ter dormido com ele? Me vi sendo tomada por uma pontinha de esperança e falei:

— Sim. Eu estava aqui. O tempo todo.

Então eu me inclinei para um longo beijo de despedida.

Treze



Na noite da véspera do jogo contra o Rice, que abriria a temporada, Lucy me ligou da casa do pai dela. Ela vinha passando por dias difíceis, sentindo muito a falta da mãe, mais do que o habitual, mas parecia razoavelmente otimista agora.

— Amanhã é o grande dia! — ela cantarolou ao telefone.

— Sim. E como o seu pai está se sentindo? — perguntei, embora eu o tivesse visto algumas horas antes, no campo, e posso dizer que ele também estava com uma aparência mais animada.

— Está começando a ficar nervoso. Acabei de fazer o milk-shake de morango dele. Graças a Deus tive a ideia de pedir a receita exata para a minha mãe. Eu jamais saberia que leva leite maltado em pó. E aí eles nunca ganhariam, de novo.

Dei risada.

— Ele não é a pessoa mais supersticiosa que você já conheceu? — questionou Lucy.

"Eu não sou supersticioso", ouvi o treinador dizer ao fundo.

— Ah, não é? Milk-shake de morango no dia dos jogos em casa? E aquelas meias velhas de 1994? Refrigerante Mello Yello em vez de café quando joga contra as equipes que estão mais bem classificadas? Chiclete Big Red que tem de ser comprado no Supermercado Parkit, não no EZ. Nem no Chevron. Nem no 7-Eleven. Só no Parkit.

Dei risada, lembrando de certa vez em que eu estava na terceira série e que joguei um pacote de Big Red no carrinho da minha mãe enquanto estávamos na fila do caixa do supermercado. Quando fui brincar na casa de Lucy, dei um pacotinho de chiclete para o treinador Carr e, depois de me agradecer, ele imediatamente me perguntou onde eu tinha comprado. Contei que tinha sido no mercado, ele assentiu, depois se ajoelhou e, com a voz baixinha, sussurrou:

— Vou te contar um segredo.

— Qual? — questionei, inclinando-me, com os olhinhos brilhando.

— Big Red é o meu chiclete favorito e eu vou desfrutar de cada pedacinho desse pacotinho que você me deu. Mas, olhe, se você quiser o melhor Big Red de todos, o que vai te trazer toda a sorte do mundo, precisa comprar no supermercado Parkit.

— Por quê? — questionei, pensando que todos os chicletes vinham das mesmas fábricas, como uma em que meus avós trabalharam quando a minha mãe era criança ainda.

— Porque o chiclete do Parkit nos ajudou a derrotar o Texas em 1985, o ano em que você e a Lucy entraram no jardim de infância.

— Mas a gente sempre ganhou deles.

— Eu sei — declarou o treinador, balançando a cabeça veementemente. — Em todas as vezes que jogamos contra eles, eu estava com um Big Red que comprei no Parkit. — Ele levantou e deu um tapinha no bolso da frente.

Lembrei-me que, depois disso, nós já tínhamos *perdido* para o Texas também, e fiquei me perguntando se teria sido porque ele se esqueceu de comprar o chiclete Big Red para esses jogos. De certo modo, eu sabia que não era esse o caso e que as coisas não funcionavam bem daquele jeito. Havia a possibilidade de que não ganhássemos, mesmo *com* o chiclete, mas *com certeza* perderíamos se não estivéssemos com ele. De qualquer modo, não nos atreveríamos a desafiar essa teoria.

Voltei a prestar atenção na brincadeira entre Lucy e o pai quando ela disse:

— Shea. Leve um monte desse chiclete. Meu pai acabou de dizer aqui: “Não é superstição. É um ritual”.

Lucy imitou o pai, acertando em cheio no sotaque e na cadência da voz dele, embora tivesse errado na altura — alta demais.

Sorri e perguntei:

— Ele já pegou o grilo?

Esse hábito começou no início da carreira do treinador, quando ele não conseguia dormir na noite da véspera de um grande jogo por causa de um grilo enorme e barulhento que estava do lado de fora da casa, bem na janela do quarto. O treinador rapidamente se levantou e prendeu o grilo num frasco de vidro. No dia seguinte, o Walker ganhou, o que enraizou a superstição para o resto da carreira do treinador.

— Ah, é verdade! Eu me esqueci da captura *ritualística* do grilo! Já pegou ele,

pai? Prendeu num frasco de vidro e guardou na garagem?

— Ainda não. Faço isso depois do milk-shake. — Ouvi o treinador responder.

Sorri, enquanto Lucy argumentava que qualquer coisa que exigisse mais do que trinta minutos do seu tempo, um monte de palavrões e uma lanterna era mais do que um ritual.

— Concorda, Shea? — indagou ela.

— É... sim. Acho que nisso eu concordo com você. Diga ao treinador que eu falei...

Hesitei quando Lucy terminou a minha frase:

— Boa sorte... Pode deixar que vou falar.

— Não, não era isso que eu ia dizer — retruquei, sabendo que o treinador não gostava que lhe desejassem "boa sorte" antes de um jogo e me perguntando como Lucy tinha deixado escapar esse detalhe importante.

— Então o que é pra eu dizer? — perguntou. — Ah, quer saber? Diga você mesma.

Ela entregou o telefone para o treinador e, de repente, lá estava ele, ao meu ouvido.

— Oi, menina.

— Oi, treinador — falei, segurando o fone com força.

— E aí, o que tem para mim?

— Peguei um grilo gigante — anunciei, meu coração palpitando.

— Vou fazer o meu melhor — disse ele, e eu tive a sensação de que estava sorrindo. — Te vejo amanhã, Shea.

— Até amanhã, treinador.

Na noite seguinte, fui cedo para o Bronco Stadium, muito antes de os portões se abrirem e muito antes até do horário em que eu deveria chegar lá, junto com os responsáveis pelos equipamentos, o responsável pela manutenção do campo e os seguranças. Essa era a *minha* rotina havia anos, e olhar para o estádio vazio antes de mais nada era algo que sempre me emocionou muito. Nosso estádio não era o maior, nem o mais novo, tampouco o mais bonito entre os estádios de futebol americano universitário (embora houvesse planos em andamento para uma grande reforma), mas, ainda assim, era o meu lugar favorito do mundo, assim como era para o treinador. As instalações por si já eram pitorescas. Em

formato de ferradura, a fachada de tijolos vermelhos fora erguida em hectares de campos verdes com uma vista panorâmica para o rio Brazos. Uma vez lá dentro, a história era outra — a vista era feia e desoladora —, mas as deficiências estéticas do estádio só me faziam amá-lo ainda mais. Eu amava o túnel subterrâneo e abafado de concreto que levava aos vestiários, as vigas de aço gigantescas revestidas por uma camada de tinta cinza industrial e o interior desbotado que lembrava a década de 1950. Eu conhecia cada centímetro do estádio, e tudo era para mim como um terreno sagrado.

Talvez admitir que eu me sentia mais perto de Deus dentro do estádio do que da igreja em plena véspera de Natal fosse um sacrilégio, mas era verdade, e eu afirmei para mim mesma que não havia diferença entre as pessoas que encontravam sua espiritualidade no campo ou à beira-mar. Sim, Deus criou essas árvores e a água, ao contrário da monstruosidade de aço erguida em 1938 e que arbitrariamente permaneceu ali ao longo das décadas, mas ainda assim eu sentia que Ele estava ali — especialmente naquela noite de que me peguei lembrando, na qual fiz uma oração pelo início da temporada. A temporada do campeonato nacional.

Era algo com que eu vinha sonhando por quase trinta anos, e, embora tenhamos chegado perto muitas vezes, e ganhado muitos *bowl games* importantes, não era o mesmo que ganhar um campeonato nacional. Ser o número *um*. Não consigo me lembrar de uma única vez em que joguei moedas na fonte ou soprei as velas do bolo de aniversário sem fazer esse pedido singular e simples. Mas agora era diferente: as apostas eram ainda maiores. Agora, jogávamos por um propósito maior, refleti, enquanto semicerrava os olhos para olhar o céu límpido e pensava em Connie e no treinador. O sol batia na grama recém-cortada, mas, enquanto eu limpava o suor da minha testa, o vento trouxe uma pequena brisa refrescante, dando ao início daquela noite certa serenidade agradável. A calma antes da tempestade.

Caminhei ao longo da lateral pintada de branco, depois cruzei o campo para me dirigir ao túnel e ao elevador antigo, que peguei para subir até a sala de imprensa e procurar por J.J. Já era hora de se preparar para o ataque dos repórteres; em outras palavras, era hora de parar de sonhar e começar a trabalhar, o melhor remédio para afastar o nervosismo que antecedia o jogo. Porém, eu não estava *tão* nervosa assim. Não como eu normalmente ficava. Talvez porque ninguém tivesse a menor dúvida de que pressionaríamos e derrotaríamos o Rice, isso se não o humilhássemos. Talvez porque uma temporada vitoriosa parecia *realmente* predestinada.

Pouco tempo depois, com os portões abertos e todos os alunos e fãs entrando, a noite correu exatamente do jeito que sempre foi. Nosso time foi recepcionado com saudações calorosas ao entrar em campo. A banda espalhafatosa da Walker entrou marchando, tocando seus instrumentos gigantescos de latão dourado. As *cheerleaders* abriram sua faixa enorme com a letra *W* e construíram pirâmides para os deuses do futebol. Enquanto isso, os minutos e segundos eram marcados no placar, na última e dramática contagem regressiva para os fogos, o hino nacional, o sorteio e o pontapé inicial para a *temporada*. Como se fosse véspera de Ano-Novo em pleno mês de agosto.

Nossa primeira posse de bola foi rápida e decisiva, e me fez lembrar da famosa Batalha de San Jacinto, só que menos sangrenta. Finalizações rápidas, uma após a outra, seguidas de um belo *touchdown*. Então, depois de um *turnover* descuidado de Rice, recuperamos a posse de bola. Em nosso *segundo down*, Reggie Rhodes tocou a bola pela primeira vez num jogo universitário, numa recepção impossível, e saiu correndo pelo campo feito um raio. Todos ficamos observando, hipnotizados, a maneira como dez jardas se transformaram em vinte, depois quarenta, depois sessenta. Uma jogada espetacular, um chacoalhão para qualquer um que ainda o subestimasse. Até mesmo o pessoal da sala de imprensa ficou agitado, repórteres experientes riram, entusiasmados, aprovando a atuação do jogador. *Esse menino tem rodinhas nos pés. Excelente. Armador inteligente.*

No meio do primeiro tempo, o sol se deslocou para trás do estádio, abrindo no céu um brilho rosa e violeta. *Touchdowns* à parte, esse sempre era o meu momento favorito de um dia de jogo, uma adrenalina que aumentava à medida que as cortinas de veludo caíam e Bo Phelps, nosso eletricista de longa data, acendia os últimos disjuntores e ajustava as luzes auxiliares, elevando-as à potência máxima. Era uma sensação incrível ver aquelas 52 mil pessoas formando uma onda multicolorida. Olhei para a lateral do campo à procura do treinador, que era o único que *não* estava sorrindo.

Mas quando o vi do lado de fora do nosso vestiário após o jogo, depois do placar animador de 41 pontos, ele finalmente parecia feliz.

— Eu devo ter capturado um grilo grande — falei.

O treinador sorriu, com as costeletas e a parte da frente da camisa molhadas de suor.

— Com certeza. Agora posso soltá-lo. O cara trouxe sorte — comentou.

Sorri.

— E se *não* tivéssemos ganhado?

— Ele viraria isca para peixe — respondeu o treinador, piscando.

— Aaaah! Eu não sabia disso — exclamei.

Eu sabia que já tinha tomado demais o tempo dele, e que precisava voltar para a sala de imprensa para distribuir os formulários de pontuação, mas não resisti e fiz mais um comentário.

— Um a menos.

— Sim. E mais doze pela frente — observou ele, o que eu sabia que incluía os doze jogos que faltavam da nossa escala, mais o que todos nós esperávamos ser o jogo decisivo do campeonato nacional. — Um *longo* caminho para percorrer.

Balancei a cabeça, concordando. Mas ali, naquele momento, tive certeza da nossa sorte. Tive certeza de que Deus estava lá, escolhendo os favoritos.

O treinador capturou um grilo na semana seguinte, e massacramos o UTEP para abrir a nossa temporada com 2-0 e conquistarmos a posição 11 no ranking da Associated Press. Porém, vencer nos primeiros jogos não era apenas esperado como também planejado pela nossa escala, e o nosso primeiro teste de verdade foi contra o Texas A&M. Eu detestava a Universidade do Texas mais que tudo, mas, de certa forma, temia mais a Aggies. Ano após ano, eles simplesmente pareciam nos conhecer muito bem, e tinham a habilidade irritante de reservar o melhor desempenho da temporada para jogar contra o nosso time, só para estragar a nossa performance, muitas vezes ganhando de virada.

Esse jogo pareceu seguir a mesma linha, os Aggies jogando com desempenho melhor do que deveriam para manter o jogo amarrado em sete durante todo o tempo, até o minuto final. Eu estava desesperada. Todos no estádio inteiro pareciam estar, porque sabíamos que, se não ganhássemos naquela noite, a temporada seria apenas boa. Não ótima. Então, bem no último lance, quando Reggie já estava todo amarrotado e com a roupa suja de barro, Everclear conseguiu completar uma jogada milagrosa para outro novato que estava na *end zone*. Foi um lance muito bonito, mas a sensação foi mais de alívio do que de alegria. Com isso fizemos um placar de 3-0, e continuávamos na caçada.

Na sala de impressa, depois do jogo, enquanto todos esperávamos pelo treinador Carr, encontrei Frank Smiley.

— Bom jogo. Mas não cheguem mais perto do que isso.

— Prefiro ganhar de virada a fazer um jogo bom — declarei, pensando que

uma assistente de jornalismo esportivo poderia contar com esse luxo. Não precisávamos escrever sobre isso; só tínhamos de comemorar. — Você recebeu o formulário de pontuação? — Eu estava com uma pilha de formulários que tinham acabado de sair da impressora.

Smiley pegou um e agradeceu.

— Você viu que a corrida mais longa de que desistimos foi de sete jardas? — perguntei.

— Vi. A defesa conseguiu uns números impressionantes.

— Tudo começa na linha de frente. Quando se tem controle da linha de *scrimmage* dessa forma, dá para fazer muita coisa na linha de fundo.

Era só uma conversa fiada na sala de imprensa, mas eu também tinha um objetivo: conhecia o jogo de Smiley, dentro e fora de campo. E ele deveria ter me contratado.

— Bom, então, se fosse esse o seu papel, Srta. Rigsby, o que perguntaria ao treinador Carr?

Olhei para ele, pensando que aquela pseudoentrevista enquanto eu estava trabalhando era uma verdadeira bobagem. Mas decidi entrar no jogo dele.

— Não sei. Acho que perguntaria a ele por que confiou num garoto principiante e deixou a jogada final nas mãos dele.

— Hum... sim — disse Smiley, balançando a cabeça. — E o que você acha que o treinador responderia?

Soltei a respiração, coloquei a pilha de formulários sobre a mesa, próxima aos repórteres da ESPN, e falei:

— A resposta seria a seguinte: Patrick Elgin pode ser um principiante, mas praticamos aquela jogada centenas de vezes nos treinos. Então, ele estava pronto para ela. Não foi questão de correr um risco, simplesmente, como você pode ter pensado.

Smiley assentiu, mas ainda parecia duvidar, o que me irritou o suficiente para dizer:

— Eu também perguntaria quantas vezes ele deixou oito jogadores fazendo a cobertura e escolheu deixar três *linemen* quando, na verdade, estamos acostumados a vê-lo pressionar mais os times que têm um bom passe de bola.

Ele ajeitou o boné e questionou:

— Nesse caso, *qual* seria a resposta?

— Bom, a *minha* resposta é que os Aggies têm *receivers* muito fortes fisicamente. Por isso, foi só uma questão de combinar os jogadores que faziam a cobertura e deixar a defesa *nickel* de lado. É por isso que hoje em dia se veem com mais frequência três *linemen*. — Eu o encarei. — Mas essa é a *minha* resposta. Se quer saber qual é a do treinador, acho que precisa perguntar para ele. Não faço perguntas, só distribuo os formulários de pontuação. — Quase suavizei a minha fala com um sorriso, mas decidi não fazê-lo.

Smiley me encarou por um bom tempo, depois me entregou um envelope grande com o meu nome digitado na frente.

— Srta. Rigsby, aqui está a proposta formal para fazer parte da minha equipe. Você não possui a experiência necessária, mas conhece o jogo e é uma boa escritora. Não é ótima, mas é boa. Estou lhe dando uma grande chance. Por favor, me diga qual é a sua resposta na segunda-feira de manhã.

Antes que eu pudesse responder, ele caminhou a passos largos de volta para a sua cadeira dobrável na primeira fila, no canto esquerdo, ao lado de Kenny Stone, seu repórter de longa data que fazia a cobertura da Walker. Olhei para o envelope, balancei a cabeça e me permiti um sorriso discreto, porém radiante. Enquanto isso, o treinador entrou na sala com Rhodes e Everclear, os três caminhando com firmeza e em fila única em direção à mesa cheia de microfones. A sala ficou em silêncio e as câmeras começaram a filmar quando o treinador cumprimentou a imprensa, fazendo suas observações habituais pós-vitória. *Nossos garotos deram um show hoje. Estou orgulhoso deles. A disputa contra os Aggies foi dura. São uma grande equipe. Mas as coisas funcionaram a nosso favor, e estou satisfeito por isso.* Em seguida, ele abriu para as perguntas e Smiley levantou a mão. O treinador o chamou e a voz rouca de Smiley ressoou:

— Treinador. Poderia nos explicar por que optou por três *linemen* em diferentes momentos da partida de hoje?

Fiquei surpresa ao ouvir a minha pergunta, mas me surpreendi menos ao ouvir que a resposta do treinador seguiu o meu script. Observei enquanto Smiley fazia inúmeras anotações, depois quando se virou, olhou para mim por cima do ombro e, discreta e surpreendentemente, fez um sinal de positivo com os polegares. Contra todas as adversidades, por fim, eu fazia parte do clube.

Quatorze

Depois do jogo, me encontrei com Lucy e Neil no Third Rail, um barzinho em North Potomac conhecido pelo frango a passarinho maravilhoso e por uma ótima jukebox que tocava tanto músicas antigas quanto novas, tudo mesmo, de Merle Haggard e Johnny Cash a Taylor Swift e Sugarland. Havia anos esse barzinho era o nosso ponto de encontro, e eu considerava um pequeno milagre e uma das alegrias simples da vida o fato de que o lugar nunca tinha sido invadido por alunos bêbados de escolas mistas, caipiras e coroas procurando parceiros mais jovens. Esses eram os três grupos que aparentemente infestavam todos os outros bares ou restaurantes meio decentes da cidade. Miller e eu certa vez discorremos sobre o assunto e chegamos à conclusão de que o Third Rail tinha alguns pequenos motivos para não atrair esses públicos: estacionamento ruim, a proximidade com a delegacia e o proprietário, que era ex-aluno de Arkansas, chamado Chuck, que sempre se recusava a mudar o canal da única televisão que ficava próxima ao bar se o seu time estivesse jogando. Mas esses defeitos nos favoreciam, já que até mesmo nos fins de semana de jogos em casa o bar nunca ficava lotado e sempre tinha um clima agradável. Por acaso, também era o lugar preferido do treinador Carr, provavelmente porque Chuck e o treinador eram chegados, e Chuck oferecera ao treinador uma mesa permanente no espaço dos fundos. Alguém tinha até gravado as letras TCC com um canivete — Treinador Clive Carr — no mogno.

Aquela noite estava um pouco mais animada que de costume, umas vinte e poucas pessoas espalhadas entre os velhos frequentadores de sempre. Sara Evans estava cantando *A Little Bit Stronger* na jukebox, o jogo do Arkansas estava acabando e não havia o menor sinal de Miller nem dos amigos dele. Nesses seis meses ou mais desde que terminamos, eu nunca mais o vi, o que, numa cidade deste tamanho, era algo raro. Pedi um chope e avistei Lucy e Neil ao fundo, na mesa de bilhar. Ao me aproximar deles, fiz uma pausa para observar Lucy jogar, me divertindo com a postura desajeitada dela, os cotovelos posicionados em ângulos estranhos. Eu já tinha oferecido algumas dicas, mas ela se recusava a compreender a geometria básica. Era quase como se fizesse questão de se sair

mal, acreditando que o talento com a mesa de sinuca e com os dardos era incompatível com a feminilidade. Um segundo depois, ela arriscou uma tacada fácil.

— Do que vocês estão brincando? — provoquei, caminhando atrás deles. — Quem perder leva tudo?

— Sheadentária! — exclamou Lucy, virando-se e me chamando pelo meu apelido antigo, que ganhei de tanto ficar sentada no sofá assistindo futebol americano o dia inteiro. Ela jogou os braços ao redor do meu pescoço e disse, quase berrando, que estava feliz em me ver. Lucy era muito ruim de copo e conseguia ficar bêbada tomando apenas uma cerveja, mas imaginei que hoje ela tivesse tomado um pouco mais que isso. Já fazia um bom tempo que ela e Neil estavam ali. Ela me entregou o seu taco e me perguntou: — E aí, vai assumir para mim? Sou péssima nesse esporte.

Olhei para a mesa, avaliando a situação, e dei risada.

— É um jogo, não um esporte. E não, agradeço pelo convite — respondi, jogando o taco de volta para ela, enquanto Neil me cumprimentou com um abraço e depois fez as suas duas últimas tacadas, encaixotando a bola oito e ganhando de Lucy.

— E aí, há quanto tempo vocês estão aqui? — perguntei, me esforçando para que a pergunta não soasse como um julgamento pelo fato de os dois terem perdido o final do jogo.

Ela fez uma expressão de desagrado, depois levou o dedo indicador aos lábios.

— Shhh! Desde o intervalo. Mais ou menos isso — respondeu ela.

Balancei a cabeça.

— E o Chuck pelo menos deixou vocês mudarem de canal?

— Algumas vezes. Não conte para o meu pai! Só fizemos isso porque precisávamos de um tempo sozinhos e a babá vem apenas uma vez por semana — justificou Lucy, tirando o bolero e deixando à mostra uma regatinha preta de seda. Percebi que ela tinha engordado um pouco desde a morte da mãe e que estava voltando a ter uma aparência saudável.

— Foi por isso que você me convidou para vir aqui? Que eu saiba esse barzinho se chama Third Rail, não Segura-Vela.

Neil sorriu e explicou:

— Sim, mas a Lucy disse que você tem um namorado agora.

— Eu não o chamaria bem assim — afirmei, olhando para Lucy. É claro que eu tinha contado a ela sobre a primeira noite em que Ryan e eu dormimos juntos, assim como contei sobre o Silver & Blue Debut, o treino do Cowboys aberto ao público e uma espécie de ensaio geral antes do primeiro jogo deles. Compareci a convite de Ryan, e cheguei até a me misturar com algumas das outras esposas e namoradas dos jogadores, o que levou Lucy à loucura. Mudei de assunto e voltei a falar sobre o jogo do Walker, contando que quase tive um ataque do coração.

— Literalmente. Tive sintomas de angina. Para ser sincera, não sei como seu pai consegue lidar com essas coisas.

— Eu sei bem como é. Mas também não sei como ele consegue — observou ela.

— Ele se saiu muito bem na coletiva de imprensa. Estava empolgado... Descontraído e engraçado.

— E ele deu bronca em alguém? Adoro quando ele faz isso — disse Neil.

— Ele não faz isso depois que vence — respondi.

— Ah, meu Deus! O seu peguete acabou de entrar! — exclamou Lucy, olhando atrás de mim. Olhei para a mesma direção e vi Ryan caminhando até nós, usando calça jeans, uma camiseta branca perfeitamente ajustada no tórax e um boné de beisebol preto da Under Armour. Uma barbicha e uma correntinha *dog tag* completava o look "Texas versus Malibu". Resumindo: ele estava maravilhosamente atraente. Todos no bar, tanto homens quanto mulheres de todas as idades, se viraram para olhar para ele, e sua presença causou um burburinho imediato, muito menos sutil do que o impacto que ele causara no Ritz, onde as pessoas sabiam se conter.

— Você sabia que ele viria? — indagou Lucy.

Balancei a cabeça, sorrindo. Eu havia dito a ele que estaria lá, mas nunca imaginei que Ryan apareceria. No meio do caminho até nós, ele cumprimentou dois caras com um toque de mão. Quando chegou à mesa de bilhar, Ryan fez uma pausa dramática, abrindo os braços como se estivesse à espera de um abraço. Dei risada e balancei a cabeça, sem querer parecer ansiosa demais.

— Uau. Nada? Uma hora de viagem de carro para vir aqui te ver e não ganho nada? — questionou Ryan, com um sorriso sedutor, antes de se inclinar para me beijar, a aba do boné escondendo os seus lábios se encaixando nos meus.

Lucy o cumprimentou, depois se aproximou para abraçá-lo e apresentar Neil. Os dois se cumprimentaram com um aperto de mãos e trocaram gentilezas.

Enquanto isso, uma jovem garçonete usando um shortinho jeans preto, desbotado e bem justo, veio correndo até nós. Radiante e afobada, ela me lembrou uma criança que finalmente consegue chegar ao início da fila do shopping para ver o Papai Noel e aí esquece qual era o seu pedido.

— Hum, olá, Sr. James. Posso trazer algo para o senhor beber? Ou algo para comer? Frango a passarinho, nachos ou... alguma outra coisa? — indagou a mocinha.

— Pode me chamar de Ryan — avisou ele com um sorriso tão charmoso que não pude deixar de pensar que aquilo minava qualquer demonstração de carinho que ele já tivera para comigo. — As damas primeiro — acrescentou ele, gesticulando para mim.

Peguei o meu chope e respondi:

— Já estou bebendo, obrigada.

A garçonete soltou uma risadinha sem motivo aparente.

— Quero um Jack com Coca diet. Mas não me deixe beber mais do que duas doses — respondeu ele.

— Certo. Você não tem um jogo importante amanhã? — perguntou a garçonete, mordiscando o lábio inferior, sensualizando descaradamente. Depois ela soltou mais uma risadinha.

— Segunda-feira — murmurei para Lucy, enquanto Ryan respondia à garçonete que não, que ele ainda teria mais dois dias para se preparar.

— Ah, tudo bem. Futebol de segunda à noite! — a moça exclamou, com um sorriso dissimulado de nervosismo e a promessa de mantê-lo ali pelo máximo de tempo possível.

Ryan piscou e agradeceu, depois se virou para Lucy, que começou a bombardeá-lo com perguntas, aparentemente fascinada com cada resposta, por mais simples que fosse. Isso me fez lembrar de como ela agia com os garotos no ensino médio, mesmo com aqueles nos quais ela não tinha o menor interesse, dando a eles a impressão de eram as criaturas mais geniais, brilhantes e fascinantes que ela já havia encontrado. Claro que eles caíam durinhos aos pés dela e se apaixonavam rápido, o que realmente só comprovava o amor próprio que sentiam, e Lucy sempre fingia ficar surpresa com o resultado, alegando que não flertava com os caras e que só estava tentando ser legal. Mas nessa noite eu tinha certeza de que a motivação dela era outra e que Lucy estava apenas tentando compensar minha reação apática à presença de Ryan, um palpite que foi

confirmado quando ela me arrastou para o banheiro e me deu um sermão.

— Qual é o seu problema? — retrucou ela, enquanto eu retocava o gloss. — Pensei que as coisas estivessem bem entre vocês dois. — Ela diminuiu a voz e acrescentou: — Ah, fala sério, você está *dormindo* com ele!

Pedi que ela parasse de falar quando bati o olho no rodapé da porta e vi a sombra de um pé. Depois, falei:

— Está tudo bem. Tudo está correndo bem.

— Bom, então por que essa cara feia? Dá para fingir que está menos feliz por vê-lo? *Deus do céu*! — ironizou ela.

— O que quer que eu faça? Que dê cambalhotas? Talvez algumas piruetas?

— *Que merda*! Mas é claro que sim, você deveria estar dando cambalhotas. Ryan James é o solteirão mais cobiçado de todo o Texas, talvez até do país inteiro. Ele é famoso, divertido, rico, atleta, alto e *incrivelmente* lindo.

— Alto? Sério que isso faz parte da sua lista? O Miller era *alto*.

— Ah, fala sério. O que é que ele não tem? Um diploma de doutorado? O sangue da realeza? Você ainda está à procura de um barão ou de um duque? — indagou ela, tirando sarro da minha paixonite de adolescência pelo príncipe Harry.

— Não sei, Lucy. O problema é que... tudo isso é muito constrangedor. Todo mundo fica olhando pra gente. — expliquei, sentindo a minha insegurança dar as caras de novo.

— E desde quando você liga para o que os outros pensam?

— Não sei — respondi, dando de ombros. — Não faz *muito* tempo.

— Bom, então pare com essa merda. *Agora*. Vá lá e dê conta do recado, ok?

— Tá, tá bom, tá bom. Vou melhorar. Prometo — respondi.

— Bom. Porque isso é a sua *vida* — advertiu ela.

— Entendi — afirmei, enquanto saíamos do banheiro.

Quando voltamos do bar, Ryan e Neil tinham mudado do bilhar para uma mesa. Os dois se levantaram enquanto nós duas nos sentamos, e Lucy me lançou um olhar que dizia: *Acrescente à lista: cavalheirismo*.

— Eu estava aqui contando para o Neil sobre a sua brincadeira de adivinhação do troféu Heisman. Pergunte. Ela vai acertar. Sobre qualquer ano.

Olhei para Lucy, pensando que aquele era um terreno perigoso, já que eu nunca lhe contei que eu tinha ligado para o pai dela naquela noite.

— 1975 — disse Neil, apontando para mim.

Eu sabia que o ganhador tinha sido Mike Garret, mas me fingi de sonsa, na esperança de que mudassem de assunto. Foi uma estratégia errada, porque Ryan disse:

— Ah, fala sério. Você estava toda empolgada naquela noite, conversando com o treinador! 1965. Você acertou naquele dia.

— Mike Garret. USC — murmurei.

— Que noite? — indagou Lucy, que nunca perdia um lance sequer.

— Naquela noite em que fomos para um evento beneficente em Dallas — explicou Ryan.

— Meu pai estava lá? — Lucy pareceu confusa.

— Não. A Shea ligou para ele — comentou Ryan em voz alta quando a garçonete trouxe a sua segunda dose.

— Ligou para ele? — Lucy olhou para Ryan, depois para mim.

Ele respondeu por mim:

— Sim. Para discutir os ganhadores do troféu Heisman. Clássico.

Lucy me olhou de um jeito que não consegui compreender, e, por um segundo, fiquei preocupada. Mas depois ela sorriu e disse:

— Você é tão... fofa, Shea. Neil, a Shea não é uma gracinha?

Neil balançou a cabeça concordando, enquanto Lucy continuou:

— Que gentil da sua parte ligar para o meu pai para conversar sobre isso, sabendo que ele anda se sentindo tão só... Você é a *melhor.*

Sorri, e então contei a minha grande novidade, desesperada para mudar de assunto.

— Adivinhem! Consegui o emprego no *Dallas Post* — anunciei, sacando da minha bolsa o envelope lacrado.

— Ah, meu Deus! Parabéns! Que notícia maravilhosa! — declarou Lucy. — Por que não falou nada até agora?

Dei de ombros e respondi que estava esperando pelo momento certo, enquanto Ryan apertou a minha perna e me deu parabéns e Neil bateu sua caneca de chope

contra a minha.

— Para cobrir quem? Texas? — perguntou Ryan, terminando sua Jack com Coca diet numa golada só. — Vai bancar o Benedict Arnold com a gente?

Respondi que não sabia enquanto abria o envelope. Depois, desdobrei a carta, li e reli, certa de que eu tinha entendido errado pela primeira vez. Mas não. Estava bem claro. Senti que abri um sorriso tão largo que as minhas bochechas até ficaram doloridas. Se Lucy queria que eu me mostrasse mais animada, agora ela veria a melhor amiga dar pulos de alegria.

— O que diz aí? O salário é bom? — perguntou Lucy.

— Não muito — respondi, percebendo que o salário seria mil dólares a menos que o meu mísero salário atual.

— E então... — insistiu Lucy, me pedindo a carta.

Segurei a folha a certa distância dela, saboreando os últimos segundos em que eu era única a saber da fabulosa notícia.

— Que droga, Shea! Conta logo! — retrucou Lucy.

— Adivinha quem o *Post* acaba de contratar para fazer a cobertura do... *seu*... Walker Bron-coooooos! — Aumentei o volume da minha voz gradativamente, imitando Mac MacDonald, a voz dos Broncos, e soltei um gritinho no final, sem me importar nem um pouco com quem estava nos observando. Depois, me levantei e segurei a carta como um entregador de jornal no V-J Day.

Em seguida, olhei para Lucy e disse:

— Não era isso que você queria?

Medindo o espaço entre a mesa onde estávamos e a mesa de bilhar, ergui as mãos, esticando os braços, coloquei a pontinha do dedão no chão e fiz a melhor pirueta de todas.

Só mais tarde, depois de ter voltado para casa com Ryan, de ter feito sexo com ele pela terceira vez, de ter acordado na manhã seguinte e transado com ele pela quarta vez, me ocorreu que isso poderia ser uma armadilha. Uma emboscada. Uma piada de mau gosto que Smiley estaria pregando na garota da Walker. Eu não tinha lido uma palavra sequer nos jornais a respeito de possíveis problemas da Walker com a NCAA, e tinha certeza de que aquilo não daria em nada, mas talvez Smiley tivesse ouvido alguns rumores. Talvez ele quisesse uma repórter que tinha um pé lá dentro quando a merda realmente começasse a ser jogada no ventilador. Eu disse para mim mesma que estava ficando paranoica e que,

mesmo que alguma história viesse à tona, nosso nome seria limpo e *eu* seria a repórter a fazer isso. Afirmei para mim que essa seria a minha grande chance. Que a minha vida finalmente começava a se ajeitar.

Quinze

Na segunda-feira de manhã, liguei para Smiley, aceitei formalmente a proposta de emprego e o agradeci tanto que ele retrucou:

— Nunca mais me agradeça. Isso não é um presente. É trabalho. — Depois, para enfatizar a questão, ele começou a explicar que Kenny Stone, o cara que eu substituiria, tinha ido para a ESPN. — Mais um que caiu nas garras da emissora que coloca o entretenimento na frente dos esportes — acrescentou ele.

— Ok. Não vou agradecê-lo de novo. Mas, falando sério, esse é o emprego dos meus sonhos. E o salário é um pouco mais baixo do que eu ganho agora, mas tudo bem. Estou satisfeita e *feliz* por ter conseguido.

Smiley soltou uma risada sarcástica e disse:

— Jesus Cristo. Espero que as suas habilidades de repórter sejam melhores que as suas táticas de negociação.

— Sim, senhor. São sim. *Muito* obrigada — afirmei.

— Quando podemos começar?

— Quando precisa que eu comece?

— Quanto antes, melhor.

— Vou verificar e respondo ainda hoje.

— Faça isso. E lembre-se... — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Nada de gritinhos de comemoração. Você é uma repórter agora.

— Sim, senhor — concordei, apertando uma bolinha de futebol americano do Walker que ficava sobre a minha mesa, antes de arremessá-la no ar e agarrá-la com uma mão só.

Mais tarde, naquele mesmo dia, encontrei o treinador no escritório dele, a porta totalmente aberta.

— Parabéns — disse ele ao me ver, dando uma mordida num bagel, depois

recolhendo e jogando no cesto de lixo as sementes de gergelim que estavam espalhadas.

Sorri, agradeci e perguntei:

— Smiley te contou?

— Sim. Então considero que ele acredite que você pode ser imparcial.

— Você acha que consigo?

— Bem, é o que vamos descobrir — ele respondeu, dando mais uma mordida no bagel.

— Talvez eu não consiga.

— Hã? Como você sabe?

Engoli em seco, me sentindo corajosa o suficiente para erguer uma sobrancelha e desabafar:

— Porque você e o seu programa são perfeitos.

— Esse é um ponto — observou, sorrindo. — Mas você sabe que isso não é verdade, não é? Já cometi alguns erros pelo caminho.

— Por exemplo?

Ele colocou o bagel sobre o guardanapo de papel e o afastou para o lado.

— Está me perguntando como repórter ou como amiga?

— Hum... Como repórter.

— Bem, nesse caso posso distorcer a resposta.

— Tudo bem. E como amiga? — questionei, inclinando-me na direção dele.

— Qual era mesmo a pergunta?

— Você é tão perfeito quanto parece?

— O papa é um urso? — perguntou ele, uma das expressões de seu repertório.

Sorri.

— Deve ser.

O treinador soltou uma gargalhada.

— E então, menina. O que você vai fazer hoje à noite?

— Hum... Assistir ao jogo do Cowboys — respondi, omitindo a parte de que eu assistiria ao jogo pessoalmente com um ingresso que Ryan me ofereceu e que

estava esperando para ser retirado no AT&AT Stadium. — Por quê? O que você vai fazer hoje à noite?

— O mesmo. Gostaria de assistir comigo? Vou te conceder uma entrevista — disse ele.

— Uma entrevista? Sobre o quê? — questionei, sentindo uma onda de emoção invadir o meu corpo, algo que só ele me fazia sentir.

— Ah, sei lá. A situação da temporada até aqui. Lesões. A seleção dos jogadores. Estratégias. Próximos jogos. Mudanças no programa. Você é quem escolhe, menina. Considere isso um presente para parabenizá-la pelo seu novo trabalho. O que me diz? Te encontro hoje às oito no Third Rail?

— Fechado — respondi.

— Bom, muito bom. — O treinador Carr esboçou um sorriso de aprovação. — Te vejo à noite.

— Até à noite.

Esperei até o final da tarde para enviar uma mensagem de texto para Ryan, e escrevi da maneira mais simples e objetiva possível: *Desculpe. Não vou conseguir comparecer hoje. Tenho que trabalhar. Nos falamos em breve. Boa sorte!*

Uma mensagem *extremamente* técnica, para dizer a verdade, mas senti uma pontada de culpa que me levou a enviar *beijos* em outra mensagem. Era ridículo, de fato, porque eu tinha certeza que Ryan mal se importaria com o meu cancelamento de última hora, ainda mais porque era dia de jogo. Mas fiquei surpresa e um pouco lisonjeada quando ele respondeu: *Que péssimo. Me ligue depois. Saudades da minha menina.*

Falei para mim mesma que depois me retrataria com ele — e que não poderia perder a chance de entrevistar o treinador. Se eu queria ser uma repórter bem-sucedida, teria de aproveitar essas oportunidades quando elas aparecessem. Simples assim.

Algumas horas depois, ao entrar no Third Rial, encontrei o treinador já sentado à sua mesa.

— Você está bonita — opinou ele.

Eu agradeci, mas, de repente, senti que tinha exagerado ao vestir uma das roupas da loja de Lucy, especialmente porque o treinador estava com o seu traje

básico de sempre.

— Faz tempo que você está aqui? — perguntei, sentando-me de frente para ele.

— Tempo bastante para ter pedido isto — respondeu o treinador, tomando um gole de sua cerveja. — Está com fome?

Balancei a cabeça dizendo que sim.

— Frango a passarinho?

Balancei a cabeça de novo, depois falei:

— Bom. Isso para mim é quase uma honra.

— Uma honra? Sem essa, menina — retrucou ele, dando um tapa no ar e menosprezando o meu comentário, o que me fez sentir ligeiramente idiota.

— Eu só quis... agradecer por ter sugerido a entrevista. Passar um tempo com você é algo muito importante. E eu sei que você não gosta de sair durante a temporada. — Fiz uma pausa quando a mesma garçonete da outra noite se aproximou para nos atender. Ao que parecia, ela não se lembrou de mim, muito provavelmente porque naquele dia não viu *nada* além de Ryan, e fiquei incomodada ao ver que estava na cara que ela ficou menos impressionada com a presença do treinador. Pedi uma Blue Moon e ela saiu depressa.

— Não precisa me agradecer, Shea. E eu não ligo de vir para lugares mais tranquilos como este aqui.

A garçonete voltou com a minha cerveja e perguntou se queríamos algo para comer. O treinador pediu frango a passarinho ao molho de pimenta, como eu já sabia que ele faria.

— Pode ser? — ele perguntou, olhando para mim. Fiz que sim com a cabeça e avisei que seria uma boa pedida enquanto a ESPN começava sua transmissão.

— Que pena que a Faith Hill não faz o *Monday Night Football* — comentei, refletindo sobre o quanto as pernas dela eram maravilhosas.

O treinador ergueu as sobrancelhas e assentiu, demonstrando tanta admiração que cheguei a sentir uma pontadinha de ciúmes. Mas o comentário também fez com que eu me aproximasse mais dele. Como se estivéssemos na mesma página: “Treinador e repórter estreitam os laços tomando cerveja, comendo frango a passarinho e admirando as pernas torneadas de Faith Hill”.

Tomei um gole da cerveja, depois olhei para o treinador. Olhei *de verdade*, tentando identificar a qualidade exata que o fazia diferente dos outros homens.

Havia alguma coisa de muito especial nele. O treinador tinha um modo de ocupar o espaço ao seu redor com tanta dignidade. Era quase como se houvesse uma barreira invisível em torno dele que você sabia que não poderia penetrar com aquele velho discurso de *parabéns* depois do último jogo. Ele sempre foi caloroso e cordial, até com estranhos, mas ainda assim se mantinha numa redoma, era autossuficiente, quase misterioso, de um jeito que sempre me cativou muito.

— No que está pensando? — questionou ele de repente.

Balancei a cabeça, como se respondesse que não estava pensando em nada, e logo desviamos a atenção para Jon Gruden, que noticiou que o Dallas havia ganhado o sorteio e que havia escolhido receber em vez de lançar a bola.

— Bom. Vai ser melhor pro Ryan ir pegando o ritmo. Vai acalmá-lo. Não gosto dele na linha lateral no início do jogo.

Brindamos enquanto os Giants fizeram um *touchback* no chute inicial.

— Gosto dessa combinação na lateral — murmurou o treinador enquanto Ryan passava a bola. — Se conseguirem criar uma barreira para ele na frente, ele vai fazer um bom jogo.

Mas a sequência não se mostrou eficiente, e o Dallas fez as três tentativas e teve de repassar a bola para o adversário.

— E, então, treinador? É fã do Cowboys? — perguntei. Soou como uma pergunta incoerente, já que era algo meio óbvio para qualquer texano nativo, especialmente para alguém que tinha treinado o *quarterback* e atual estrela do time, mas posso dizer que o treinador compreendeu a diferença sutil da minha pergunta. Eu queria saber se o Cowboys era o seu time do coração, e, na minha cabeça, era difícil, talvez até impossível, ter mais de uma paixão na vida. Em outras palavras, *eu sei que você torce para os Cowboys*, mas é o seu time do coração?

Ele respondeu com um *sim* nada convincente, confirmando o meu palpite.

— Essa resposta não me convenceu muito... — falei.

Ele sorriu.

— Bem, sou fã, sim, mas, quando eu era criança... — O treinador fez uma pausa, olhou ao redor e depois para o teto, como se estivesse procurando câmeras escondidas, antes de se aproximar mais para compartilhar seu segredo comigo. — Quando eu era criança, eu torcia para o Green Bay. E meio que ainda torço. Mas isso *não* pode sair na entrevista — confessou ele, gargalhando muito.

— Green Bay? Por quê? — indaguei, intrigada.

— Por causa do meu pai. E do Vince Lombardi... Meu pai amava o Lombardi tanto quanto... — Ele deu de ombros ao terminar a frase, enquanto pensei: *Tanto quanto todos nós, do Walker Texas, amamos você?*

O treinador me olhou de um jeito engraçado, como se estivesse lendo a minha mente, mas concluiu:

— ... alguém de nós. Não sei como um homem que nasceu e cresceu em Fort Worth consegue isso, mas foi o que ele me passou. Você sabe bem como funcionam essas coisas...

Assenti, pensando que a paixão por um time era uma das instâncias raras em que o vínculo entre pai e filho (ou até mesmo entre neto e avô) superava a geografia ou qualquer outra coisa mais interessante que seus amigos estivessem fazendo.

— Enfim. Sabe o Ice Bowl?

— Sim. Packers versus Cowboys, véspera de Ano-Novo, 1967. Jogo do campeonato da NFL, mas ficou conhecido como Ice Bowl por causa das temperaturas abaixo de zero em Wisconsin.

— Sim. Fazia treze graus abaixo de zero em Lambeau naquela noite — observou ele, tremendo só de pensar no assunto. — Eu estava lá com o meu velho. Ele me deu os ingressos de presente de Natal e nós viajamos vinte horas de carro para chegar lá; minha mãe e minha irmã ficaram em casa.

— Quantos anos você tinha? — perguntei, tentando fazer o cálculo mentalmente.

— Nove. Mas me lembro como se fosse ontem, especialmente da jogada final. Dezesseis segundos. Os Packers perdendo por uma diferença de três pontos. Terceira tentativa e conseguiram marcar ponto contra o Dallas.

— E o que aconteceu? Os Cowboys perderam, não?

— Sim. Bart Starr fez um arremesso de 31 metros de distância, mas conseguiu manter o time com a posse de bola. Pura poesia em movimento... Mais tarde, quando li tudo o que tinha de ler sobre o Lombardi, soube que ele deixou Starr decidir sozinho aquela jogada. Ele disse apenas: “Corra o quanto quiser e vamos acabar logo com isso”. Às vezes penso naquilo em situações de tensão e tento tomar o comportamento dele como exemplo. Você sabe qual vai ser a sua estratégia... mas às vezes não dá para controlar tudo nos mínimos detalhes. É preciso confiar nos caras do seu time, deixar que eles façam a leitura do campo e

que escolham a melhor jogada... — contou o treinador, com os olhos grudados na televisão, mas posso dizer que ele estava viajando no tempo.

Eu não tinha a menor intenção de assistir ao jogo.

— Você e o seu pai ficaram felizes no fim?

— Muito. E quase congelamos. Fiquei sem sentir o lóbulo da minha orelha por dias, mas nem ligamos, estávamos muito felizes. Voltamos para o Texas naquela mesma noite, mas não antes de fazermos um pacto de que nunca contaríamos a ninguém que torcemos contra o Cowboys. Meu velho era bom, deveria ter sido ator em vez de vendedor de sapatos, já que não cansou de dizer aos amigos a grande perda que foi ter viajado toda aquela distância para ver uma derrota e o quanto ele ficou furioso por isso. — O treinador balançou a cabeça e sorriu. — Nunca contei isso para ninguém. Até hoje.

Tive certeza de que o treinador quis dizer que nunca contaria essa história para ninguém, exceto para a Sra. Carr, mas ainda me senti especial quando lhe fiz outra pergunta.

— E então, quando você soube que queria ser treinador?

— Ah, não sei, menina. Foi só depois que parei de jogar. Não acredito que ninguém nasça sonhando em ser treinador. Só acho que o jogo entra no seu sangue e você não consegue mais se imaginar sem ele. Foi assim que aconteceu comigo, de qualquer modo.

— Bem, eu também não consigo imaginar a minha vida sem o futebol americano — confessei.

O treinador sorriu para mim e eu retribuí. Enquanto isso, nós dois perdermos a primeira pontuação do jogo — Os Giants fizeram um *field goal* de 36 jardas.

— Talvez a gente deva tentar prestar atenção no jogo — sugeriu o treinador quando o nosso frango a passarinho chegou.

Balancei a cabeça, entusiasmada. Passamos o resto do primeiro tempo concentrados na televisão e na comida, e vez ou outra fomos surpreendidos por algum fã corajoso o bastante para atravessar a área semiprivativa do bar. Nossa conversa se manteve leve e agradável, sem nunca se distanciar muito do jogo na televisão, enquanto Ryan aparecia na tela a cada trinta segundos. Fiquei esperando que o treinador me perguntasse ou falasse sobre ele, mas, para meu alívio, ele não o fez, exceto quanto o assunto era o próprio jogo.

Bem no início do segundo tempo, o treinador olhou para a porta e disse:

— Ora, ora. Olha só quem chegou...

— Quem? — perguntei, sem querer tirar os olhos do treinador.

Um segundo depois, escutei a voz de Miller atrás de mim.

— Olá, treinador. Oi, Shea. E aí?

Ao me virar para cumprimentar o meu ex, senti uma pontada de nostalgia, mas não uma agitação emocional propriamente.

— Miller! — exclamou o treinador, quebrando o gelo. — Quer nos fazer companhia?

Miller sorriu sem o menor traço de constrangimento que se esperaria depois do término de um relacionamento, depois puxou um banquinho e disse:

— Se não se importarem...

Mantive os olhos grudados na televisão, mas devo ter feito alguma cara feia pela interrupção, porque Miller disse:

— O que foi? Os caras estão perdendo?

— Não. Estamos com sete pontos de diferença — respondi, forçando um riso ao perguntar como ele estava.

— Nada mal — respondeu, me contando novidades rasas e sem graça sobre o trabalho e a família. Depois ele perguntou quais eram as minhas novidades.

Contei sobre o meu trabalho, da maneira mais breve possível, depois expliquei que esse era o motivo pelo qual o treinador e eu estávamos juntos ali.

Miller me deu os parabéns e insistiu:

— E o que mais tem de novidade?

— Mais nada.

— Não foi o que ouvi — ele questionou, com a voz cantarolada, quase uma provocação.

Eu sabia que ele só poderia estar se referindo a Ryan, mas a única coisa que fiz foi dar de ombros, na esperança de que isso pusesse um fim ao assunto.

Mas não foi o que aconteceu, claro, porque Miller tinha a maturidade dos seus alunos da oitava série.

— Você e o Ryan — acrescentou, balançando a cabeça e rindo. — Preciso dizer. Isso realmente doeu. Você tinha de fazer um upgrade tão óbvio assim? — Ele levou a mão ao coração, um gesto que convenceria qualquer pessoa se ele

estivesse mesmo um pouquinho magoado.

— Somos só amigos — falei, me perguntando por que subestimei a minha relação com Ryan a uma mentira deslavada. Seria para poupar os sentimentos de Miller?

Ele deu risada.

— Ah, sim, amigos. Ryan não considera as mulheres como *amigas*. Considera, treinador? Pelo menos não as mulheres gostosas.

O treinador pigarreou e respondeu:

— Toda regra tem a sua exceção.

Miller deu um tapa na própria coxa e insistiu:

— Ah, cara, você costumava dizer isso para a gente nos treinos! *Lembra?* — Depois ele mudou para um assunto ainda mais estranho. — É verdade o que andam dizendo por aí, treinador? Que a NCAA está investigando a gente? — Essa foi uma pergunta que evitei durante a noite inteira, pois seria certa irresponsabilidade perguntar isso considerando o meu novo emprego.

O treinador ficou visivelmente incomodado, e eu logo vi que meus instintos estavam certos. Ele perguntou a Miller:

— Onde foi que ouviu isso, filho?

— Nan Buxbaum me falou — respondeu ele. Pelo sorrisinho arrogante no rosto, ficou bem claro de que maneira Miller conhecia Nan.

— Quem? — inquiriu o treinador.

— A professora de Sociologia — disse Miller, pulando a parte de que era uma mulher linda. Se Nan já não estivesse exercendo o cargo, a posição de modelo de lingerie não estava descartada. — Estamos saindo desde que a Shea me deu um pé na bunda.

— Eu não te dei um *pé na bunda* — rebati, odiando a natureza rudimentar dessa expressão.

— Não me deu um pé na bunda uma ova! — retrucou ele quando a garçonete parou para anotar o pedido de uma cerveja PBR.

— O que foi que ela disse? — indagou o treinador, ficando com a expressão cada vez mais agitada.

— Ela disse que tem um investigador na cola deles. Você sabe, já que a ênfase do nosso curso foi Sociologia... — respondeu Miller, ainda se referindo a si

mesmo como um jogador. — Parece que estão insinuando que a Walker anda acelerando o progresso dos atletas do departamento. Acho que é esse o motivo da investigação. Aposto que confiscaram o computador do Ebert.

O professor Ebert, muito conhecido como Ebert Gente Boa, estava na Walker desde sempre. Era um grande fã de futebol americano, e os atletas sempre faziam de tudo para participar das aulas dele. Para ser sincera, todos queriam participar de suas aulas, até mesmo os alunos regulares. Se o problema era Ebert, então a investigação da NCAA parecia irrelevante.

— É só um boato, Miller — adverti, citando o treinador. — Então não fique por aí espalhando isso.

— Não estou espalhando boato nenhum, nem sobre a NCAA nem sobre você e o Ryan James. Só estou dando nome às coisas pelo que elas aparentam ser. E devem ser verdade. Certo, treinador?

— Certo, Miller — afirmou o treinador, e de repente se levantou. Era evidente que ele estava irritado. — Me deem licença um minutinho...

Observei-o enquanto saía da mesa e seguia em direção ao banheiro, depois me virei para encarar Miller.

— Olhe. Está na cara que o treinador já está bastante perturbado com essa história da NCAA. Você não deveria falar dessas coisas... assim — censurei.

— Sim. Foi mal — admitiu Miller enquanto eu tentava pensar numa forma de nos livrarmos dele de vez. Mas não consegui pensar em nada amigável. Então, alguns minutos depois de meia dúzia de palavras sem pé nem cabeça, o treinador voltou e avisou que estava na hora de ir embora e que precisava descansar.

— Shea e eu estamos bem por aqui. Vamos ficar — disse ele, fechando o zíper da jaqueta de lã.

— Obrigada — agradeci o treinador com o coração apertado.

— De nada — disse ele, me olhando bem nos olhos. Tive a sensação de que o treinador estava tão aborrecido quanto eu pela interrupção de Miller.

— Tem certeza de que não quer ficar? Vai perder o final do jogo... E eu sei o quanto adora os Cowboys...

— Não. O Ryan já tirou essa de letra — afirmou o treinador.

— O seu namorado — interveio Miller, apontando para mim, visivelmente se divertindo com a própria provocação.

— Cale a boca — murmurei enquanto nós três assistimos Ryan fazer um passe

completo e impossível de trinta jardas, que atravessou o bando de jogadores com seus uniformes vermelho, branco e azul. Ele arrancou o capacete e apontou para alto, enquanto pude ler nos seus lábios: *yesssss*!

Miller riu, alegre, pois era óbvio que não sentia ciúmes de *ninguém*, enquanto o treinador disse:

— Viram? Sei como funcionam essas coisas. *Game over*.

Sorri.

— Se estivesse treinando os Giants, você diria que a partida acabou? Ainda temos três minutos e meio de jogo — observei.

— Não. Mas eu também não teria formado uma barreira e agredido o *kicker* faltando esse tempo no relógio.

Assenti, encantada pela análise brilhante do treinador, enquanto ele deu um tapinha nas costas de Miller e se despediu:

— Bem... Foi bom te encontrar, filho. E vocês dois, cheguem em casa bem, hein?

Prometemos que faríamos isso, ao mesmo tempo em que o treinador se virou para mim, hesitante, como estivesse tentando decidir se me dava um aperto de mão, um abraço ou um tapinha nas costas, como fez com Miller. Por fim, ele apenas colocou a mão sobre a minha e, com a voz mais baixa, declarou:

— Adorei ter conversado sobre futebol americano com você, menina.

Dezesseis



Estava chovendo quando saí do bar, e havia uma ligeira névoa que criaria uma cena romântica perfeita se eu estivesse segurando a mão de alguém, mas, como eu não estava, me senti mais melancólica e solitária do que nunca. Solitária o bastante para enviar uma mensagem de texto para Ryan ao entrar no meu carro, parabenizando-o pelo ótimo jogo. Antes de sair da vaga do estacionamento, ele já tinha me respondido: *Obrigado. Acho que você deveria me dar parabéns pessoalmente. ;)*

— Pronto — falei em voz alta e, alguns minutos depois, lá estava eu na I-35, a caminho de Dallas, com os meus pensamentos confusos e acelerados e vira e mexe remetendo-me ao treinador. Nossa conversa, os seus olhos, o modo como eu me sentia perto dele, fosse em seu escritório ou no bar. Era diferente da maneira como eu me sentia com qualquer outra pessoa. O treinador mexia comigo, e, embora eu sempre tivesse atribuído esse nervosismo ao fato de estar tão próxima de uma figura grandiosa, comecei a me preocupar que talvez fosse algo mais. Enquanto dirigia, um sentimento estranho me invadiu. Eu estava por fim caindo na real — e detestava o fato de que não poderia simplesmente apertar um botão para desligar e silenciar o que sentia.

Liguei o rádio, balancei a cabeça, segurei firme no volante e comecei a inventar uma série de desculpas. Falei para mim mesma que só estava confundindo o meu amor pelo futebol e pelo Walker com uma atração física. É claro que o treinador era atraente — até um redator do sexo masculino tinha afirmado isso numa edição da *Sports Illustrated* —, e um cara bonito pode deixar qualquer mulher perturbada, até mesmo uma mulher comprometida e numa relação satisfatória; que até mesmo a minha *irmã* amava o treinador Carr, e que eu era não a única em Walker, e que uma paixonite não era nada além de uma versão adulta da adoração pelo herói da minha infância.

Porém, quanto mais eu tentava convencer a mim mesma, mais o muro da negação vinha abaixo. E, dessa vez, no meio do caminho entre Walker e Dallas, não havia como ignorar a sensação que me golpeou as entranhas: eu sentia algo

pelo pai de Lucy. Algo inegável, real, não como amiga, nem como filha, mas *como mulher e homem*.

Acelerei o carro, afastando o treinador do meu pensamento e me concentrando em Ryan e no quanto eu *verdadeiramente* gostava dele. No quanto ele era perfeito. No quanto ele me fazia feliz.

Falei para mim mesma que precisava me controlar, e rápido. O treinador Carr era a última pessoa no mundo com quem eu poderia me relacionar. Era muito mais velho que eu. Tinha acabado de perder o amor da sua vida. Era o pai da minha melhor amiga. Seria muita loucura.

A chuva ficou mais forte, açoitando meu para-brisa, de modo que o meu limpador não conseguiu dar conta e eu mal consegui enxergar a pista à minha frente. Por fim, desisti e parei no acostamento, onde fiquei esperando, respirando, negando para mim mesma que eu realmente estava com *saudade*, e fazendo tudo o que estava ao meu alcance para não pensar nele. Mas a estratégia não deu certo, como de costume, e as coisas pioraram ainda mais quando a música de Bonnie Raitt, *I Can't Make You Love Me* — a canção mais triste que já existiu —, começou a tocar no rádio. "Morning will come, and I'll do what's right..." ("A manhã vai chegar, e eu vou fazer o que deve ser feito...")

Depois de certo tempo, a chuva diminuiu, então voltei à estrada. Quando Ryan liberou a minha entrada pelo portão de ferro da casa dele, eu já tinha me recuperado. Sorri ao vê-lo parado na porta de entrada, usando chinelo e um robe preto, aberto, deixando o peito à mostra.

— Oi, minha linda — ele me cumprimentou, enquanto eu saía do carro.

— Oi, Ryan — respondi, caminhando até ele.

Ele saiu da varanda, veio até mim, segurou a minha mão e me tirou da chuva.

— O que trouxe você aqui? — ele perguntou de um jeito tímido, beijando o meu pescoço.

— Vim te parabenizar pessoalmente.

— Muito obrigado — disse ele, passando seus braços fortes ao meu redor e me beijando de novo, dessa vez na boca. Fechei os olhos e me concentrei na sensação dos seus lábios, da sua língua e das mãos grandes que me puxavam para perto. Depois, deixei que ele me levasse para o quarto dele, onde fizemos amor de um jeito lento e apaixonado.

Um pouco antes de o sol nascer, acordei nos braços de Ryan, desejando-o de

novo. Com cuidado, me desenrosquei dele para poder observá-lo, admirar o seu rosto lindo.

Depois de um tempo, ele abriu os olhos e sorriu discretamente antes de vir até mim.

— Vem cá — sussurrou, me puxando para mais perto e beijando minha cabeça.

— Você esteve ótimo ontem à noite — falei.

— Bom, posso fazer ainda melhor — brincou ele, correndo a mão sobre minha cintura.

— Eu me referi ao jogo — expliquei, rindo, e depois descrevi uma de suas melhores jogadas.

— Espere. Não foi no primeiro tempo? — perguntou, mais atento agora.

— Sim, foi no primeiro tempo, sim.

— Mas você não disse que estava trabalhando? — ele indagou enquanto rolou para lado e se apoiou sobre o cotovelo.

— Sim, eu estava — afirmei, depois fiz uma explicação confusa, dizendo que fui assistir ao jogo com o treinador, mas como repórter. — Uma jornalista não pode recusar uma oportunidade como essa.

Fui até ele, apoiei a bochecha sobre o seu peito, envolvi a minha perna e braço direitos sobre ele e o abracei feito um coala. O gesto de intimidade foi uma estratégia, mas a verdadeira intenção foi muito mais fugir do seu olhar.

— Você contou para ele sobre a gente? — interrogou.

— Não. Não exatamente.

— Por que não?

— Não sei. O que eu contaria para ele? Que estamos transando? — perguntei, tentando bancar a brincalhona, mas talvez querendo pescar alguma informação.

— Deus do céu! Acho que é mais que isso — retrucou Ryan, os dedos penteando os meus cabelos.

Sorri comigo mesma e insisti, na maior cara de pau:

— Ah, é?

— Sim. Você sabe que é — sussurrou ele.

Depois de um momento de silêncio, ele fez outra pergunta:

— Então você assistiu ao jogo inteiro com ele e nem mencionou que nós estamos saindo?

Desconcertada, respondi:

— Bom... É óbvio que ele sabe sobre a gente.

— Como você sabe?

— Porque o Miller apareceu lá. Justo ele. E contou pro treinador.

Ryan ergueu-se subitamente, e eu pude sentir uma das partes rígidas do seu corpo esbarrar no meu queixo enquanto ele acendeu a luz para perguntar:

— Você viu Miller ontem à noite?

Seus olhos ficaram atentos, e os meus se ajustaram à luz enquanto tentei interpretar o que estava acontecendo, por que ele parecia tão chateado. Será que estava realmente incomodado por eu ter visto Miller? Estava com ciúmes? Parecia algo improvável, mas, como eu não tinha outra explicação, falei:

— Sim. Ele apareceu lá do nada. Foi muito chato. O treinador e eu estávamos numa conversa séria sobre...

— E quanto tempo ele ficou lá? O treinador foi embora primeiro? — A voz dele ficou tensa e mais alta, e ele cruzou os braços, os músculos do tórax e dos braços tensionados. Ele estava definitivamente chateado.

— Ryan... Fala sério. Você não pode estar com ciúmes do Miller.

— Claro que não estou com ciúmes do Miller. Aquele cara é um maconheiro perdido na vida — disparou ele, e a acusação soou muito pior partindo dele do que de Lucy. Tive uma sensação estranha, como uma necessidade súbita de me proteger.

— Isso foi pesado — rebati.

— Uau. Você ainda está dormindo com ele, não está?

— Do que você está falando? *Claro* que não estou dormindo com ele — repliquei.

— Ainda gosta dele?

— Como amigo. Só isso. Olhe, não posso controlar quem entra e quem sai do Third Rail... E o treinador o convidou para sentar com a gente. Não combinamos nada. Nós três ficamos lá sentados, assistindo *você* jogar. Todos ficamos felizes por você. O *Miller* também.

— Ah, sim, *claro*.

Fazia muito tempo que eu não provocava ciúmes em alguém, e mal consegui acreditar que Ryan e eu estivéssemos tendo esse tipo de conversa. Fiquei lisonjeada, mas também perturbada.

— Não foi nada combinado. Terminei com ele. Acabou. E ele já está com uma namorada — expliquei, divagando sobre Nan Buxbaum, e acrescentando uma observação: — Aposto que os dois vão ficar noivos em breve.

Ryan me encarou por mais um tempo.

— Ok — disse ele finalmente, depois apagou a luz e colocou a cabeça de volta no travesseiro. — Me desculpe.

Eu disse que não havia motivos para pedir desculpas.

Depois de um bom tempo, ele me pediu:

— Você pode só me prometer uma coisa?

— Claro. O quê? — perguntei, desejando vê-lo feliz de novo.

— Me prometa que não vai sair com mais ninguém. Eu sei que isso pode ser meio antiquado, mas acredito em monogamia. E quero você todinha só para mim.

— Prometo — afirmei, surpresa ao ver o quanto as coisas estavam caminhando rápido.

— Eu também prometo — declarou ele, e depois selou o nosso pacto com um beijo intenso e longo, do tipo que sempre nos faz querer mais e mais.

Dezessete

Após uma semana, depois que desbancamos o Oklahoma State e subimos três pontos na escala, J.J. e sua esposa, Mary Ann, fizeram uma festa de despedida para mim, embora eu tenha insistido em dizer que não iria a lugar nenhum e que todos me veriam com a mesma frequência de sempre. Eu odiava ser o centro das atenções e esperava que as coisas se ajeitassem, para que assim a festa se transformasse em uma comemoração normal com as figurinhas carimbadas do departamento de esportes. Mas, quando estacionei do lado de fora da casa dos Justuses e avistei o Porsche preto de Ryan, soube que não haveria nada de normal naquela noite. Nada que envolvia Ryan poderia ser comum. Não pude evitar um súbito incômodo pelo fato de ele estar ali, já que eu *não* tinha lhe contado exatamente sobre a festa, nem para ninguém do trabalho que estávamos namorando. Concluí que a presença do menino de ouro do Walker só poderia ter sido armada por Lucy, pois a discrição nunca foi muito o ponto forte dela.

Saí do carro, entrei na casa e encontrei Ryan na antessala, entregando uma garrafa de vinho a Mary Ann enquanto ela falava que estava encantada por vê-lo, que ele jogava maravilhosamente bem e que todos nós sentíamos orgulho dele. Quando os dois me avistaram e vieram me cumprimentar, consegui mudar o meu humor e me sentir grata. Posso não gostar desse tipo de coisa, mas realmente foi muito legal da parte de todos promover aquela festa, inclusive de Ryan. Ele deu alguns passos em minha direção, deslizou o braço sobre a minha cintura e me beijou na boca, deixando pouquíssimas dúvidas sobre o nosso relacionamento, enquanto Mary Ann elogiou o meu vestido azul-turquesa.

— Comprei na loja da Lucy. Obrigada. E muito obrigada pela festa — falei, enquanto nós três fomos para a sala de estar, onde já havia muitas vozes e risos.

— Está surpresa? — sussurrou Ryan no corredor, com o braço envolvendo o meu ombro.

— Sim. Muito. Obrigada por ter vindo — falei, sorrindo para ele e me preparando para nossa entrada triunfal.

— Mas é claro que eu viria, querida. Não perderia de jeito nenhum — afirmou. Depois, Ryan me beijou de novo, dessa vez bem à vista de Scott Street, o chefe da comissão técnica, e de Tim Seymour, o conselheiro acadêmico a quem o treinador se referia de modo jocoso como “O Ceifador”, porque ele só aparecia para dar más notícias. Tanto Scott quanto Tim pareceram surpresos ao ver Ryan, e passou pela minha cabeça que o meu relacionamento suplantaria o meu novo trabalho, e que seria o fato mais importante aos olhos da maioria.

Tentando agir da maneira mais natural possível, comecei a rodada de saudações e abraços, observando, como normalmente eu fazia nesse tipo de encontro, que o grupo era eclético, quase tão diversificado quanto poderia ser, considerando que todos nós trabalhávamos em uma faculdade pequena e particular do Texas. Gays e heterossexuais, negros e brancos, jovens e velhos. Isso era uma das coisas que eu adorava no esporte: a diversidade intrínseca e o vínculo intenso que estavam associados ao fato de ter algo em comum. Nós realmente éramos como uma família unida, como a Sra. Carr sempre dizia. Embora o nosso “chefe” ainda não tivesse chegado, Lucy já estava trabalhando na sala, com Neil ao seu lado. Vestindo um terninho coral lindo e um colar de pérolas longo, ela brilhava. Até mesmo o cabelo reluzia com as mechas de luzes recentemente retocadas. Ela veio correndo para me dar um abraço. Seu humor era contagiante, e logo a absolvi diante da admissão de que ela e Ryan tinham mesmo armado tudo aquilo.

— Sei que você não gosta de surpresas, mas...

— Mas o quê? — perguntei, sorrindo, mas tentando manter a minha posição.

— Mas... *sur-pre-sa*! — exclamou ela, dando um toque de mão com Ryan, como se os dois tivessem acabado de completar uma invasão militar tática. Enquanto isso, o treinador Carr fez a sua entrada discreta, mas ainda assim grandiosa, de camisa polo e calça cáqui, circulando entre nós enquanto Ryan foi até o bar improvisado para buscar uma taça de champanhe para mim.

— Olá, meninas. Vocês duas estão lindas — ele disse, me fazendo lembrar de como falava conosco quando éramos adolescentes, quando nos arrumávamos para alguma apresentação de dança ou alguma festa.

— Oi, pai. — Lucy o beijou.

— Oi, treinador — respondi, sentindo o calor da presença dele e ao mesmo tempo me esforçando ao máximo para afastar minha epifania mais recente e inquietante. — Como foi o treino?

— Tirando o fato de que a nossa linha ofensiva foi tão inútil quanto uma porta

com tela contra mosquitos num submarino?

Caí na gargalhada, e, em seguida, me lembrei de outra piada recente que ele usou para criticar os nossos *linemen*.

— Um pouco menos incriminador do que ser um cinzeiro em uma moto?

Ele arqueou a sobrancelha:

— Talvez não. Pelo menos fumar numa moto não vai te matar.

Sorri enquanto Ryan voltou com duas taças de champanhe. Ele me entregou uma e depois deu um abraço caloroso e viril no treinador, afirmando que era ótimo vê-lo.

O treinador sorriu:

— Para mim também, filho. Que jogão na segunda passada, hein?

— Sim, fiquei sabendo que você assistiu com a Shea. E com o Miller — comentou Ryan, com uma careta premeditada.

Felizmente, eu tinha contado a Lucy sobre a reação de Ryan ao saber que eu tinha visto Miller, então ela logo saiu em minha defesa:

— Sim. A Shea me contou como foi chato ele ter aparecido do nada e se intrometido na conversa entre ela e o meu pai.

Olhei para ela, pensando que não tinha contado as coisas *exatamente* daquele jeito, mas eu sabia o que Lucy estava fazendo e apreciei o seu esforço para me ajudar. Mesmo assim, ainda me senti obrigada a pegar leve com Miller.

— Ele não fez por mal — afirmei, olhando para o treinador, que assentiu.

Mas Ryan não ia deixar barato.

— Esse cara é encrenca.

Lucy balançou a cabeça, concordando.

— Encrenca é pouco.

Mudei de assunto e voltei a falar de futebol americano, e o treinador olhou para seu relógio discretamente, confirmando a minha suspeita de que tinha aparecido só para ser gentil e estava contando as horas para poder ir embora. O que se confirmou quando, meia hora mais tarde, depois que tanto o treinador quanto eu tínhamos conversado sobre diferentes assuntos, ele me procurou de novo, me deu um tapinha no ombro e disse que tinha mesmo de ir embora a fim de se preparar para o próximo jogo.

Respondi que compreendia.

— Eu trouxe uma coisinha para você. Está lá no meu carro. Vem comigo buscar? — ele perguntou.

— Tudo bem — falei, me sentindo mais feliz do que deveria.

— Eu ia te dar naquela outra noite — explicou ele, enquanto caminhávamos para o hall. — Mas aí o Miller apareceu e... acabei esquecendo.

Meneei a cabeça, e nós dois permanecemos em silêncio enquanto caminhamos até o carro dele. Fiquei esperando no gramado, observando enquanto ele abriu a porta do lado do passageiro, abaixou-se até o assoalho e pegou um pacote plano, retangular e embalado em papel kraft.

O treinador me entregou o embrulho:

— Considere isso como um presente para parabenizá-la e para lhe desejar boa sorte. Os dois em um só.

Aliviada pelo fato de ele não ter chamado aquilo de presente de "despedida", peguei o pacote e falei:

— Não sei o que dizer... Obrigada, treinador.

— De nada, menina — disse ele, com os olhos brilhando. — Estou muito orgulhoso de você. — Ele mordeu o lado direito do lábio inferior e acrescentou: — Agora volte para lá e aproveite a festa. E não deixe que o Ryan seja o centro das atenções. Hoje tem que ser você.

— Obrigada, treinador — agradeci e estive bem próxima de abraçá-lo.

Mas não o abracei. Fiquei lá, parada, enquanto ele entrava no carro e partia. Meio zonza, voltei para dentro, esperando que ninguém tivesse sentido a minha falta. Porém, enquanto eu guardava o pacote no hall, Lucy apareceu no corredor com sua mente acelerada processando cada detalhe.

— Onde você estava? O que é isso? — interrogou ela, olhando para o meu presente.

— Lá fora. Foi o seu pai quem me deu.

— O que foi que ele te deu?

Dei de ombros e respondi que não sabia.

— Ora, então abra!

— Depois.

— Não. Agora. Estou curiosa para saber como ele se virou sem a ajuda da minha mãe!

Sua fala foi direta e sem rodeios, mas eu a conhecia o suficiente para saber o que estava pensando: que ele tinha feito todo o esforço para arranjar um presente para mim e tinha se esquecido completamente do aniversário dela. Senti uma pontada de culpa quando ela pegou o pacote e voltou para a festa.

— Olha, Neil! — anunciou ela enquanto todos pararam para observá-la. — Meu pai deu um presente para a Shea! Não foi gentil da parte dele?

Neil assentiu e sorriu, mas algo no olhar dele confirmou o meu palpite. Embora tenha sido muito rápido, pude ver no rosto dele uma expressão de piedade ou de conforto. De repente, tive certeza de que eles tinham conversado sobre a minha amizade com o treinador — assim como também estava certa de que ela havia confessado que sentia ciúmes ou no mínimo frustração pelo fato de ela e o pai aparentemente terem tantos problemas de relacionamento enquanto comigo era tudo tão mais fácil.

Ryan e mais meia dúzia de outros convidados a seguiram até o sofá, onde ela ordenou que eu me sentasse e abrisse o pacote. Minhas bochechas queimavam enquanto eu puxava cuidadosamente o papel de embrulho, que revelou um artigo de jornal desgastado pelo tempo e emoldurado. Naquele instante, reconheci que era o primeiro artigo que eu havia escrito para o jornal do ensino médio, quase vinte anos atrás. Tratava-se de uma poesia cheia de erros gramaticais intitulada “Por que amamos Walker”, acompanhada de uma foto que eu havia tirado do treinador Carr em ação no campo, e outra do então *quarterback* do Walker, Adam Jipe, segurando a bola um pouco antes de arremessá-la, os braços erguidos, flexionados, prontos para um arremesso na velocidade de uma bala. Ao lado da minha assinatura, em um pedaço de espaço em branco, o treinador rabiscou a caneta: “*Nós também te amamos, menina. Eu sabia que você conseguiria! Treinador C”*.

Assim que todos processaram a informação e descobriram do que se tratava, houve um couro de “oh!” e “ah!” e J.J. aproveitou o momento para me entregar uma caneta-tinteiro azul-turquesa e uma lanterna da Walker, que reconheci serem da lojinha da faculdade.

— E este é um presente de todos nós aqui para agradecê-la por essas duas décadas de extrema dedicação.

— Duas décadas? Não faz tanto tempo assim...

J.J. me lembrou de um trabalho voluntário que fiz quando era criança, detalhando algumas das tarefas mais corriqueiras. Sorri enquanto Roxann Moody, gerente da comissão técnica, levou as mãos em concha à boca e gritou:

— Discurso! Discurso!

Ladeada por Lucy e Ryan, aceitei o desafio e agradeci a presença de todos, dizendo o quanto apreciei os presentes, e fiz um agradecimento especial a J.J. e a Mary Ann, acompanhado de um lembrete de que eu continuaria vendo todos com frequência. Encerrei erguendo a minha taça e exclamando: "Vai, Broncos!". Todos bateram palmas e assoviaram, e eu pensei que estivesse livre. Foi então que Ryan pediu silêncio aos convidados e anunciou:

— Gostaria de dizer uma coisa. — Eu não fazia a menor ideia do que ele havia guardado na manga, mas pensei no que o treinador tinha dito lá fora. Ele definitivamente conhecia muito bem o seu ex-*quarterback*. A sala ficou em completo silêncio, e todos fizeram cara de adoração enquanto Ryan continuou: — Eu gostaria de agradecer J.J. e Mary Ann por terem me convidado para participar desta noite — declarou, fazendo uma pausa proposital. — Como sempre, é ótimo voltar para casa, especialmente agora que estou com a Shea. Só quero agradecê-la por ser quem é. E a todos vocês por serem tão bons para ela. Isso me faz ter um orgulho imenso de ser um Bronco.

Todos desfaleceram enquanto eu suava, me abanando com a minha própria mão, trocando um olhar de desespero com Lucy, que sabia exatamente o que eu estava pensando. *Acabe logo com isso.* E então, quando pensei que não haveria como me sentir mais desconfortável, Ryan enfiou a mão no bolso e me entregou uma caixinha embrulhada com papel de presente.

— Abre! — exigiu Lucy, e eu sabia que não havia como conter a maré agora, então desembrulhei a caixa o mais rápido que pude e vi que era uma caixinha de veludo cinza, do tipo usado para guardar joias caras. Prendendo a respiração, abri a tampa e todos na sala permaneceram em silêncio total enquanto fitávamos o par de brincos com uma enorme pedra de diamante em cada um deles.

— Parabéns, Shea — ele disse, fazendo uma deixa para aplausos calorosos e alguns assovios.

— Puta merda! — Lucy deixou escapar.

— Isso é... demais para mim — afirmei para Ryan.

Ele balançou a cabeça, negando:

— Não, não é.

— Coloque — disparou Lucy.

Congelei. Tudo o que eu queria era devolver o presente a Ryan, mas eu sabia que essa não era uma opção, pelo menos não ali, naquele momento, então tirei as minhas argolas douradas de bijuteria e as substituí pelas únicas pedras de diamante que já havia tido.

Sem saber o que falar, olhei para Ryan e balancei a cabeça, enquanto todos permaneceram sorrindo e olhando, pasmos. Para mim, para ele e para as pedras enormes que agora enfeitavam minhas orelhas. Forcei um sorriso, tentando juntar as peças para compreender como aquilo tinha acontecido, como as coisas aconteceram tão rápido assim, do sexo para os ciúmes e depois para os diamantes.

Levei a mão à orelha para tocar uma das pedras, quase desejando que não fossem reais. Ou que fossem, mas que Ryan fosse tão rico que aquilo seria como dar um buquê de flores para a namorada. Por outro lado, talvez as coisas estivessem mesmo ficando sérias.

Independentemente do que estivesse acontecendo, eu não fazia a menor ideia do que dizer nem de como agir, e, o mais importante, como sair dos holofotes. Então, apenas continuei olhando para baixo, fitando o artigo emoldurado que o treinador me deu e que eu deixei sobre a mesa de café, e sua mensagem escrita à mão, com a caligrafia meio irregular: *Nós também te amamos, menina*.

Naquela noite, tentei devolver o par de brincos que ganhei. Ryan se recusou a aceitá-los de volta, depois ficou agitado:

— Eu te dei de presente. Você tem o hábito de devolver o que ganha? — retrucou.

— Mas são caros demais — afirmei pela terceira vez.

— Não para mim. Eu posso pagar por eles — declarou.

— Mas...

Ryan me interrompeu com um beijo:

— É sério, Shea. Você vai me deixar muito chateado se continuar com isso. Comprei esses brincos para você. *Quero* que fique com eles. Agora, fique quietinha.

— Tudo bem — respondi, retribuindo o beijo. Então, prendi o cabelo num coque improvisado e balancei a cabeça de um lado para o outro. — Ficaram bonitos?

— Lindos. Como você — ele respondeu.

— Então, nós estamos mesmo juntos... assim? — Deixei escapar.

— Assim como?

— Como esses dois brincos de diamante?

Ryan deu risada:

— Sim, estamos juntinhos como os brincos. Formamos um par.

— Você não acha que estamos indo... rápido demais? — questionei.

— Sim. Um pouco — confirmou ele, o que me fez sentir melhor. Pelo menos ele não fingiu que achava ser esse o ritmo normal das coisas. — Mas, se você parar para pensar, nos conhecemos desde sempre... Não é como se simplesmente tivéssemos acabado de nos conhecer...

— É verdade — concordei.

— Sou um cara muito decidido. Sei bem o que quero.

Sorri.

— E o que você quer?

— Você, meu doce — ele respondeu, inclinando-se para me beijar.

Eu me senti a mulher mais sortuda do mundo.

Dezoito

Na segunda-feira seguinte, dois dias depois de uma vitória decisiva contra o Arkansas, comecei o meu trabalho como repórter esportiva. Smiley não me especificou um horário de entrada, mas saí do meu apartamento às seis da manhã por causa do trânsito e para conseguir chegar ao Bank of America Plaza, em Dallas, às sete. A assistente dele, uma senhora com mais ou menos sessenta anos, de cabelos desgrenhados e óculos com armação de gatinho, me encontrou no saguão e, com o maior mau humor, me levou até o escritório de Smiley.

— Bom dia, Sra. Rigsby — cumprimentou-me Smiley, tirando os olhos de uma cruzadinha completa da folha do *The New York Times* para olhar para mim. Seu escritório cheirava a charuto, embora não houvesse o menor sinal de cinzeiro nem de fumaça. Contudo, havia uma garrafa de uísque pela metade no canto de sua mesa.

— Bom dia.

Smiley pigarreou como se estivesse prestes a fazer uma recepção apropriada, mas pensou melhor:

— Venha. Vou lhe mostrar o escritório.

Então, ele embarcou numa turnê pela redação, que consistia principalmente em um labirinto de baias debaixo de uma iluminação fluorescente opaca. Smiley fez pequenas apresentações das pessoas a quem ele se referiu como “o canto do esporte” do andar, mas só mesmo quando não havia maneira de evitar, muitas vezes omitindo o nome dos colegas. Sempre que teve a chance, fez questão de me fazer parecer desinteressante e imatura. “Essa é Shea Rigsby. Está substituindo Kenny Stone. Ela veio do departamento de esportes da Walker, mas alega que pode ser imparcial”, disse ele uma vez, murmurando ainda mais uma observação: “É o que nós vamos ver”.

Ele apontou para a mesa da redação, onde dois telefones ficavam permanentemente à disposição, e explicou que eles funcionavam como uma central de comando onde se recebiam ligações dos diferentes *leads* sobre

matérias complicadas:

— Mas não se aplica muito a nós. Nossas matérias, de modo geral, não são nenhuma surpresa. Se bem que, nos dias de hoje, nunca se sabe o que os atletas vão fazer... Mas se alguém der um tiro na namorada ou for do tipo que tortura cachorros, vão ligar para cá.

Assenti, enquanto enfiávamos a cabeça pela porta de uma copa bem simples onde havia um micro-ondas e uma geladeira, depois numa sala em condições ainda mais deploráveis onde havia um bebedouro e uma copiadora, na qual um cartaz pendurado dizia: A MALDITA ENROSCOU O PAPEL DE NOVO. Smiley concluiu o nosso tour levando-me à minha própria baia, que ficava fora do escritório dele. Sorte a minha. O andar inteiro era muito mais silencioso e menos glamoroso do que eu havia imaginado, e eu senti uma pontada de frustração enquanto lembrava a mim mesma que esta não era a época do jornalismo de Woodward e Bernstein e que a maioria dos redatores provavelmente trabalhava de casa.

— Bom, é isso. Alguma pergunta? — disparou ele em tom seco.

Balancei a cabeça.

— Muito bem. Sua primeira tarefa. Precisamos de uma matéria sobre a partida entre o Walker e Baylor antes do jogo. Deve ter oitocentas palavras, nem uma a mais, porque o espaço é apertado. Porcaria de anúncios — resmungou ele. — E, com relação à abordagem, talvez seja melhor focar na situação do *running back*. Talvez um olhar sobre o monte de lesões que a equipe tem sofrido... Descobrir se algum dos assistentes técnicos odeia o outro... Preciso disso para amanhã às oito. Nem um minuto a mais.

Antes mesmo que eu pudesse balançar a cabeça para afirmar que entendi, Smiley se virou e foi para o seu escritório, enquanto um dos caras em uma das baias olhou para mim e disse:

— E olha que você o pegou num bom dia.

Sorri e estendi a mão para cumprimentá-lo.

— Gordon Chambers.

— Shea Rigsby — apresentei-me, e me identifiquei instantaneamente com o novo colega, tanto pelo seu comentário quanto pelo seu semblante. Tudo nele era muito acolhedor, desde a pele morena cor de mel aos lábios carnudos e às covinhas nas bochechas arredondadas que permaneciam salientes mesmo quando ele não sorria. — Você faz a cobertura de quem?

— Do Dallas Cowboys.

Devo ter parecido impressionada, porque ele disse:

— Um homem pequeno num totem daquele. Faço mídias sociais. Sou o diabo necessário de Smiley. E cubro as lesões dos jogadores. Tendão lesionado? Fale comigo, eu sou o cara. — Ele abriu um sorriso largo, deixando as covinhas ainda mais evidentes.

Dei risada e me perguntei se alguma vez ele já tinha conversado com Ryan. Guardei a bolsa e fiz uma verificação superficial da minha baia. Abri e fechei algumas gavetas cheias de elásticos, clipes e um pacote de bolachas que o outro repórter deixou para trás. Depois, ajeitei meu cabelo e inspecionei o computador antigo, tentando descobrir onde ficava o botão de ligar.

— Eu nem perderia o meu tempo tentando ligar essa porcaria aí — aconselhou Gordon quando notei que ele estava trabalhando num Mac enorme.

— Certo — respondi. Em seguida, tirei o meu laptop da bolsa e o liguei, depois fiquei encarando a página inicial da ESPN por alguns segundos em estado de choque, pensando por onde começar.

— Uau! É melhor você sair dessa página antes que Smiley veja — advertiu Gordon ao passar pela minha baia com uma xícara de café vazia. — Você não sabe que essa é a emissora que coloca o entretenimento à frente dos esportes? *Entertainment and Sports Programming Network*. Sacou? *ES*PN.

— Saquei. Obrigada — agradeci, fechando a janela do navegador e abrindo um documento em branco onde digitei: *Baylor-Walker* no topo da tela. Foi um começo nada promissor, para dizer o mínimo, especialmente quando combinado ao vazio absoluto do meu cérebro. Foi como se eu nunca tivesse lido uma matéria pré-jogo em toda a minha vida. O barulho crescente ao redor não me ajudou nem um pouco a acalmar os nervos, enquanto alguns redatores do departamento de notícias ao final do corredor pareciam teclar com grande eficiência, sob o efeito da cafeína. Mas respirei fundo algumas vezes e falei para mim mesma que provavelmente eles não estavam redigindo nada que ganharia o prêmio Pulitzer, e que estavam apenas executando o seu trabalho com diligência, cobrindo os fatos do mundo — funerais, incêndios e feiras. Ou, no canto do esporte, os tendões lesionados. Com isso em mente, respirei fundo mais uma vez e fui para o site oficial do Baylor, cliquei na aba de futebol americano e comecei a trabalhar. *Basta escrever o que você sabe*, falei comigo mesma. *Você nasceu para fazer esse trabalho.*

O dia passou rápido, mas, às duas da tarde, eu ainda não tinha almoçado e havia escrito apenas quatro frases, e nenhuma delas reteria a atenção do leitor. A única coisa produtiva que eu havia feito, além de preencher um punhado de formulários do RH, foi agendar uma entrevista por telefone com o diretor esportivo de comunicação naquela noite. Eu também elaborei algumas perguntas básicas para ele, o que foi muito fácil de fazer, considerando as inúmeras vezes em que vi e ouvi a corda estourar para o lado de J.J. por causa de tais entrevistas. Enquanto isso, ouvi sem querer Smiley dando uma bronca em Gordon pelo uso excessivo de advérbios e por ter, aparentemente, cometido um crime ainda maior ao usar sinônimos do verbo *dizer*.

— Ele *disse*, ela *disse*, eles *disseram* — gritou Smiley, cerrando o punho e socando uma das mãos. — Esse é o único verbo que você deveria usar aqui. Mantenha-a invisível. Queremos ouvir o que o cara disse, não *como* ele disse. Devo pendurar um lembrete na sua baia?

Não consegui ouvir a resposta de Gordon, só Smiley, que continuou a resmungar:

— Não quero ouvir a suas "fontes" comentarem, reclamarem, afirmarem, sugerirem, declararem, revelarem, insinuarem, admitirem, concordarem, argumentarem nem destacarem. E é melhor também que não gargalhem nem sorriam.

Enquanto dispensava Gordon, Smiley me pegou olhando para ele e berrou:

— Entendeu, Rigsby?

Fiz que sim com a cabeça, resistindo à vontade de dizer que eu tinha ouvido o que ele *disse*.

Mais tarde, naquele mesmo dia, voltei para ver o treino do Walker. Foi como voltar para o ensino médio quando o treinador liberou para mim o acesso que ele não dava a outros repórteres. Eu o abordei depois, enquanto ele voltava para o centro de treinamento, e perguntei se tinha alguns minutos para conversarmos sobre o jogo contra o Baylor. Ele olhou para o relógio de pulso e disse que precisava voltar para casa, pois tinha marcado com o encanador para solucionar o problema de uma goteira, mas que poderíamos conversar depois.

— Quando seria um bom horário? — perguntei.

— Para você? Qualquer hora — respondeu, dando um tapinha no meu ombro.

Por volta das oito da noite, criei coragem para mandar uma mensagem de texto para ele: *Agora é um bom momento para conversamos*?

Ele respondeu: *Não estou sozinho. Pode me mandar as perguntas?*

Ok, digitei, depois informei que estávamos em entrevista antes de pedir a ele que confirmasse quais jogadores estariam no *backfield*.

Ele enviou: *Todos poderão jogar. QUEM você acha que eu deveria escalar para começar?*

Sorri e respondi: *Rs. Se eu escalar a sua* lineup*, você escreve a matéria para mim?*

Fiquei encarando o celular, esperando, sabendo que ele digitava devagar: *Acho que os seus leitores não apreciariam a minha caligrafia de terceira série.*

Sorri e escrevi: *Não banque o espertinho. Conheço muito bem a sua caligrafia.*

E a conversa continuou daí. A tela ficou preenchida com as nossas brincadeiras:

CCC: *É mesmo? E o que mais você sabe?*

Eu: *Sei que você está sentado naquela poltrona grande, com a televisão no mudo.*

CCC: *Haha. Acertou.*

Eu: *Provavelmente com uma Shiner Bock sobre o braço da poltrona, próxima ao controle remoto.*

CCC: *Onde está a câmera escondida? Quantos dedos você está vendo aqui?*

Eu: *Um, de número um. Que é a posição em que estaremos no final do ano.*

CCC: *Você me dá muito crédito. Sempre deu.*

Eu: *Não. Não é verdade. Mas voltando ao assunto. O que acha do Lache?*

CCC: *Esse moleque consegue correr tanto quanto fofoca em cidade pequena*.

Eu: *Posso citá-lo na matéria, então?*

CCC: *Sim.*

Eu: *Quem mais devo mencionar?*

CCC: *Diga a eles que será uma disputa acirrada, entrincheirada.*

Eu: *E qual será a sua estratégia?*

CCC: *Manter a posse de bola e fazer mais pontos que ele.*

Eu: *Parece bem simples.*

CCC: *Sim. Mas não se deixe enganar. As melhores coisas da vida parecem simples. Mas só parecem.*

Sorri olhando para o meu celular, pensando no quanto aquilo era verdadeiro.

Na manhã seguinte, às 07h58, entreguei a minha primeira matéria para o *The Dallas Post*. Vinte minutos depois, Smiley invadiu minha baia, gritando e pedindo que eu olhasse para a tela do meu computador. Fiz o que ele me pediu e vi que ele — ou alguém do copidesque — já tinha editado a minha matéria.

— Não está péssimo — disse ele, o que soou para mim como um grande elogio. — Mas você precisa amarrar mais as ideias, parar de florear um pouco nas descrições e diminuir as citações. Peguei várias. Estão abaixo de um monte de nomes. Basta dizer uma vez. — Ele apontou por cima do meu ombro para a tela enquanto eu tentava acompanhar todas as alterações eletrônicas marcadas em vermelho nas margens.

Balancei a cabeça e disse que entendi.

Então, como se soubesse quanto tempo eu havia levado para fazer aquela primeira versão, Smiley acrescentou:

— E preciso disso o mais rápido possível. Dez minutos atrás.

Ao retornar para o seu escritório, percebi que a única frase sem nenhuma marca de edição foi o meu *lead*, que tinha surgido direto do meu celular: *De acordo com o treinador da Universidade Walker, Clive Carr, a partida de sábado contra o Baylor será uma disputa "acirrada e entrincheirada"*.

Mais tarde, depois que eu já tinha feito as correções no rascunho da minha primeira matéria e preparado outro, encontrei Lucy no centro de treinamento, como nos velhos tempos. Ela me trouxe um sanduíche elaborado da sua delicatéssen favorita, e ficamos sentadas na arquibancada, conversando e assistindo ao treino. Pelo menos *eu* estava assistindo, enquanto ela passava a maior parte do tempo conversando.

— E como vai o Ryan? — perguntou Lucy enquanto me entregava metade de um sanduíche com cogumelo Portobello, mozarela e pimentão vermelho. Ultimamente, esse era o assunto preferido dela, e eu me senti feliz em lhe dar boas notícias.

— Está ótimo — respondi, observando a simulação de um leve embate de ombro. O treinador estava segurando um escudo na linha de quinze jardas, enquanto os *running backs* se alinhavam à frente dele e pressionavam o ombro

contra o escudo para depois voltarem ao campo. De algum modo, ele pareceu sexy em meio ao processo, até na maneira como assoprava o apito e gritava as instruções com a voz um pouco rouca. Desviei o olhar do campo, voltando-me para Lucy, conversando comigo mesma para me controlar. Pare de olhar para o pai dela *desse* jeito.

— Poderia me dar uma resposta melhor do que “ótimo”? — exigiu Lucy.

Esbocei um sorriso, pensando que a minha resposta vaga era o tipo que eu odiaria se estivesse entrevistando alguém, então acrescentei:

— Estou passando bastante tempo por aqui ultimamente. O que é conveniente para o trabalho.

— O velho fator conveniência, hã? Isso é tudo o que você tem a dizer?

Sorri de novo e afirmei:

— Hum. Também posso dizer que *amo* a casa dele.

— Então, próximo ao trabalho e acomodação de luxo? Parece o relacionamento perfeito.

Tomei um gole da minha limonada Snapple e perguntei:

— O que quer que eu diga?

— Quero que diga que vocês dois estão apaixonados.

Balancei a cabeça e dei um risinho sem graça.

— Mas estão nesse caminho? Se apaixonando aos pouquinhos?

— Talvez — respondi, levando a mão a uma das minhas orelhas para tocar um dos brincos de diamante enquanto o treinador soprou o apito e perguntou a Barry Canty se ele tinha planos de sair dali com a camisa suada.

Dei risada.

Lucy olhou para mim:

— O que foi?

— Seu pai. Ele é muito engraçado.

— Ah, é. — Ela parou de comer o sanduíche. — Então. Quero conversar com você sobre uma coisa.

Eu conhecia bem aquele olhar no rosto dela. Havia alguma coisa errada.

— O quê? — perguntei, com um aperto de preocupação no peito.

— É sobre o meu pai. Acho que ele está saindo com alguém.

Senti uma pontada no estômago enquanto perguntei a ela por que desconfiava disso, imaginando uma mulher madura e atraente, com seus quarenta e poucos anos, talvez uma viúva.

— Porque eu estava lá na casa dele e o vi ao telefone. Enviando uma mensagem de texto — respondeu ela, enquanto o treinador trocou a sequência de exercícios de defesa para exercícios de proteção de passe de bola.

— Quando? — indaguei.

— Ontem à noite. Por volta das oito.

Senti uma onda de alívio, depois de culpa, pois sabia que ele estava trocando mensagens comigo e mesmo assim, numa fração de segundo, decidi que não contaria a ela.

— Foi estranho — ela continuou. — Perguntei com quem estava conversando e ele respondeu *ninguém*. Como assim *ninguém*?

— Talvez ele estivesse navegando na internet — sugeri, odiando a mim mesma por mentir para a minha melhor amiga e sentindo-me confusa, sem saber ao certo por que estava fazendo aquilo. Estávamos fazendo uma entrevista; essa era a verdade.

— Não, não. Com certeza era mensagem de texto. Eu vi na tela do celular dele. Quando tentei espiar por cima do ombro, ele se virou num movimento brusco.

— Talvez ele estivesse enviando uma mensagem para algum dos colegas técnicos — argumentei, mordiscando o lábio inferior. — Você sabe, algum desses segredos secretíssimos sobre os jogos...

Ela me lançou um olhar.

— Segredos secretíssimos?! Ele é um *treinador*, não um agente do FBI!

Depois de esgotar todas as minhas explicações plausíveis — exceto a verdade —, dei de ombros.

— Você acha que ele pode estar saindo com alguém? — ela perguntou.

Respondi que não, depois arrisquei:

— E como você se sentiria se ele estivesse?

— Está falando sério? — ela questionou, como se essa tivesse sido a pergunta mais ridícula do mundo.

— Quero dizer... sei que você ficaria muito chateada, mas... seria algo muito terrível? Você ficaria furiosa?

Ela suspirou e deixou o sanduíche de lado.

— Bem, como eu poderia ficar furiosa?

— Ficando, sei lá... — falei, pensando que a probabilidade de *não* ficar furiosa nunca tinha passado pela cabeça de Lucy. Independentemente do assunto em questão. Era incrível como nós éramos diferentes uma da outra e como nos amávamos mesmo assim.

— Bem, não, não acho que eu deveria ficar *furiosa*. Mas acho que ele deveria esperar pelo menos um ano antes de *pensar* em conversar com outra mulher. Essa não é a regra?

Dei de ombros, pensando na Sra. Carr e em algumas de suas regras. *Nada de roupa branca nem listrada depois do Dia do Trabalho. Nunca chegue cedo a uma festa, e, pelo amor de Deus, não seja a última a ir embora! Lista de presentes é deselegante, bem como escrever "nada de presentes, por favor" em um convite.* E a minha favorita: *os modos superam a etiqueta.* Em outras palavras, não se deve colocar os cotovelos sobre a mesa, mas é muito pior apontar o dedo quando se está à mesa.

— Não acho que haja uma regra para isso, Lucy... Acho que depende de um monte de coisas... — opinei, com a voz hesitante.

— Eu sei. E quero muito mesmo que ele seja feliz. Mas, Deus do céu, não sei se eu conseguiria suportar. Sabe o que uma pessoa me perguntou recentemente sobre a *sua* mãe?

— Sobre a minha mãe?

— Sim. Se eu achava que ela e meu pai poderiam ficar juntos. Você não acha que ela poderia se interessar por ele, acha? — indagou Lucy.

— Não — respondi o mais rápido que pude.

— Por respeito à minha mãe?

Balancei a cabeça e falei:

— Só acho que não consigo imaginar os dois juntos. Seu pai jamais se interessaria por ela. E minha mãe gosta do tipo executivo, terno e gravata. — Na tentativa de mudar de assunto, comentei: — Por falar nisso, meu pai vai vir para o Dia de Ação de Graças.

— Sozinho?

— Claro que não. Vai trazer a Bronwyn e a Cara de Bunda — respondi. Era o apelido de Astrid.

Lucy sorriu.

— Você ainda não contou para eles sobre o Ryan?

— Ainda não. E devo confessar que não vejo a hora — comentei, sorrindo.

— É... Deve ser compensador — disse Lucy.

Olhei para o treinador no campo, enquanto ele assoprava o apito e gritava: “Que droga, Sanders! Se eu te disser que um pato consegue puxar um caminhão, então você tem de calar a boca e puxar essa corda!”.

Dei risada e anotei o comentário. Eu sabia que provavelmente não o usaria, e com certeza não sem a autorização do treinador, mas ainda assim quis registrá-lo para ler depois, junto com as nossas mensagens de texto, que eu ainda não havia deletado.

Dezenove

Em um jogo que foi pior do que o treinador havia previsto, vencemos por pouco, em Waco, ganhando do Baylor de 21 a 20. Com exceção do placar final, praticamente todo o resto deu errado. Perdemos posses de bola, *field goals* e provocamos uma série de pênaltis. Por experiência, eu sabia que o treinador seria curto e grosso na coletiva de imprensa, e que estaria mais decepcionado com a equipe pela falta de controle emocional e de disciplina do que feliz por ter saído com a vitória.

E foi o que aconteceu. Ele saiu mal-humorado, resmungando para os repórteres, e mal me reconheceu quando levantei a mão. Em vez de me chamar pelo nome, ele simplesmente apontou na minha direção e disse:

— Sim. Você, pode fazer a pergunta.

— Treinador Carr — comecei, nervosa —, o que você viu na jogada em que Rhodes sofreu um *fumble*? No final do primeiro tempo?

— O que eu vi? — Ele semicerrou os olhos, como se estivesse confuso, e depois respondeu:

— Vi o juiz marcar um *fumble*. Foi isso o que vi. — Ele estava com a voz rouca de tanto gritar em meio a mais de cinquenta mil fãs (e provavelmente por ter gritado com o time depois).

Senti as bochechas corarem, mas continuei:

— Você viu o replay? Não ficou muito claro se ele caiu ou não.

— Sim, eu vi o replay.

— E você acha que a marcação foi correta? — indaguei, desconcertada e sem conseguir articular o que eu realmente queria saber: como ele se sentia ao ver o time desanimar depois de uma marcação tão importante.

— Foi a decisão do juiz. E, como você bem sabe, eu já tinha contestado uma decisão na arbitragem numa jogada anterior. Então... Marcaram um *turnover* e foi isso. O que eu penso não faz a menor diferença.

Olhei para ele, pensando que o que o treinador achava sobre o lance, a partida e tudo o mais fazia *toda* a diferença. Ele ficou me olhando, esperando. Foi quando me forcei a fazer uma última pergunta.

— Você acha que isso acabou virando o jogo contra... — Em cima da hora, consegui interromper a minha fala e evitei que saísse “nós”. Assim, terminei a pergunta com — “vocês”?

O treinador cruzou os braços e soltou um suspiro profundo.

— Houve vários lances nessa partida... Muitas coisas que deveríamos ter feito melhor. Resumindo: tivemos sorte por ganhar. Uma sorte *maldita*. Ok. Fim da entrevista.

Ele se levantou de repente e, sem mais palavras, saiu da bancada e atravessou a porta lateral, voltando para o vestiário.

Naquela noite, fiquei tão mal-humorada quanto o treinador Carr, e ignorei as ligações de Lucy, depois as de Ryan, que estava no Four Seasons em St. Louis, se preparando para o jogo do dia seguinte contra os Rams. A única pessoa com quem eu queria falar era o treinador, mas não me atrevi a ligar, sabendo que a última coisa que ele queria era conversar com uma repórter que lhe fez um monte de perguntas chatas. Mas, passado um tempo, quando terminei de escrever a matéria, não resisti e decidi que enviar uma pequena mensagem de texto não faria mal. Depois de digitar e apagar pelo menos uma dúzia de versões, escrevi: *Sinto muito pelo jogo e também pelas minhas perguntas ridículas.*

Não esperei receber nenhuma resposta, muito menos imediata, mas ele respondeu quase que instantaneamente: *Tudo bem. Desculpe pela grosseria com você*.

Então, antes que eu pudesse responder, o telefone tocou. Era ele. Surpresa, vacilei e fiquei meio sem saber o que fazer, tal como Rhodes em campo quando perdeu o passe de bola, mas tomei coragem e atendi antes de a ligação cair na caixa postal.

— Ei! Como você está? — disse o treinador.

— Provavelmente como você — respondi, embora minha decepção com o jogo tenha sido de repente substituída pelo alívio em saber que ele não estava com raiva de *mim*.

— Aquilo foi o que eu chamo de vitória inútil.

— Mas foi uma vitória — eu disse.

O treinador emitiu um som de repulsa, depois declarou:

— Prefiro jogar bem e perder.

Eu não estava muito certa de que poderia acreditar no que ele disse, e sabia que eu aceitaria essa ideia, especialmente durante um ano como este, mas, ainda assim, concordei, murmurando:

— Mas aquela marcação do juiz *foi* horrível.

— E ficou pior ainda no replay. Aquele árbitro é uma piada. E, sim, respondendo à sua pergunta, acho que isso mudou o ritmo do jogo. Sem a menor dúvida, mudou a postura dos nossos garotos. Ficou na cabeça deles. Se fizermos isso contra um time melhor, estaremos perdidos.

— Sim — falei, deixando-o desabafar.

— Além do fato óbvio e lamentável de não conseguirmos manter a corrida, simplesmente perdemos várias oportunidades. E o que estávamos fazendo na *red zone*?

— Três a zero.

— Não dá para ganhar um jogo de futebol americano quando se tem um placar de três a zero na *red zone*.

Concordei, murmurando, surpresa com o fato de o treinador estar discutindo o jogo comigo, já que ele normalmente nem sequer conversava com a própria equipe logo depois de um desempenho tão ruim.

— E aí, o que você está fazendo? — ele perguntou do nada.

— Agora?

— Sim, agora.

— Nada. Por quê? O que você está fazendo? — rebati, sem entender muito bem por que eu estava tão nervosa.

— De saída para fazer uma corrida — respondeu.

— Às oito e meia da noite?

— Se são oito e meia agora... Sim. Quer ir comigo?

Desconcertada pelo convite, aceitei, mas meu coração começou a ficar acelerado.

— Ótimo. Te encontro na pista da faculdade em quinze minutos?

— Certo — concordei mais uma vez, espantada por me sentir tão bem, tão

feliz em tão pouco tempo depois de uma partida ruim.

Quinze minutos depois, parei o carro no estacionamento bem próximo à pista de corrida, ao lado das quadras de tênis e da nossa casa de campo original. Eu estava com um conjunto de moletom cinza, um traje típico da sala de uniformes e equipamentos, um boné de beisebol antigo do Walker e com o meu cabelo preso num rabo de cavalo. Uma claridade fraca iluminava a pista, uma mistura da luz da lua e do halogênio, mas havia certa névoa e, a princípio, não vi o vulto de uma pessoa se alongando perto de uma pilha enorme de colchões próxima aos equipamentos de salto com vara. Era o treinador, e eu senti meu coração parar de bater por um segundo enquanto o observei. Quando por fim desci os degraus em direção à entrada, ele me olhou e acenou discretamente. Respirei fundo algumas vezes, tentando me acalmar ao digitar o código de segurança que destravava o portão estridente de metal. Então, devagar, cruzei a pista vermelha áspera e caminhei pelo gramado. Parei a poucos metros de distância do treinador, tomada por uma onda de pura euforia. Estávamos os dois completamente sozinhos, numa noite linda, e eu simplesmente não conseguiria imaginar nada mais excitante.

— Oi, menina — ele me cumprimentou com um sorriso tímido.

— Oi, treinador — respondi, desejando poder ler a mente dele. Eu não fazia a menor ideia do que ele estava pensando; seu semblante era inexpressivo.

— Está friozinho — comentou, puxando o cordão da blusa de moletom cinza, igual à minha, mas com capuz.

— Sim. Eu gosto assim — confessei, me agachando com certo nervosismo para ajeitar o cadarço do tênis.

— Eu também — ele declarou, se alongando e executando os passos de corrida, parado, para se aquecer.

— Você sempre corre depois dos jogos? — indaguei, pensando que era mais fácil falar quando ele não estava olhando para mim.

— Quando jogamos muito mal, sim — ele respondeu, sentando-se para alongar um pouco mais.

Assenti, observando-o.

— E então, já escreveu a sua matéria? — questionou, olhando para mim.

— Sim.

— E?

Sem saber ao certo o que ele queria com aquela pergunta, falei:

— E... está pronta.

— Está feliz com ela?

— Tanto quanto fico quando escrevo sobre uma partida como aquela.

O treinador meneou a cabeça, sorrindo para mim através do olhar.

— Você não precisa se alongar?

Dei de ombros e, com certa relutância, me sentei próxima a ele, esparramando as minhas pernas em forma de V, imitando-o. Flexionei o corpo, levando a mão ao dedão do pé rapidamente. Fiz isso algumas vezes, sem pausa — do jeito que sempre nos aconselham a não fazer nos alongamentos —, depois me levantei e murmurei que estava pronta para começar.

— Ah, a juventude — exclamou ele. — Se eu me alongasse desse jeito, já teria rompido alguma coisa aqui dentro.

— Nós só temos uns... vinte anos de diferença — pontuei, me sentindo tensa.

— *Só* vinte? Esse não é um bom número para esta noite.

Olhei para ele, confusa, e então me lembrei de quantos pontos a nossa defesa havia perdido.

— Ops — falei. Esperei que ele sorrisse, e, quando o fez, sorri também, enquanto caminhamos um pouco pela pista e depois começamos uma corrida lenta, em sentido anti-horário. O treinador saiu na minha frente, em vantagem, mas depois eu o ultrapassei e ele ficou duas posições atrás de mim, à minha direita. O ajuste me pareceu um gesto de cavalheirismo da parte dele, quase que romântico, mas exigi de mim mesma que parasse com aqueles pensamentos malucos, sem pé nem cabeça. Provavelmente era apenas uma questão de preferência da parte dele pela pista exterior.

Depois de uma reta e duas curvas na pista de corrida, o que não chegou nem a quatrocentos metros de aquecimento, fiquei para trás de novo e senti as pernas queimarem. Era evidente que o treinador estava em melhor forma do que eu, e jurei a mim mesma que começaria a frequentar a academia com regularidade. Você pode achar que o fato de namorar um jogador do futebol me motivaria, mas a verdade é que havia alguma coisa ridícula no porte físico de Ryan que fazia com que eu me esquivasse completamente do assunto. Correr com o treinador era uma sensação muito diferente.

Depois de mais algumas voltas em silêncio, o treinador perguntou:

— Aqueceu? Pronta para correr?

— Sim, claro — respondi quando ele começou a caminhar em passos mais largos. Esforçando-me para acompanhá-lo, retruquei: — Droga. Você é rápido. Em que velocidade caminha?

— Quando estou cansado? Sim, porque a pergunta deve ser essa. Não qual é o seu melhor desempenho, mas quão rápido consegue continuar quando está cansado. Exausto.

— Está cansado agora? — ofeguei.

O treinador balançou a cabeça.

— Não. Mas *estou* exausto — respondeu. Notei que ele estava sorrindo de novo, e me dei conta de que eu o estava fazendo se sentir melhor, pelo menos um pouco. Perceber isso me animou, o suficiente para aumentar a minha velocidade e alcançá-lo.

Ficamos em silêncio depois disso, e eu perdi a conta de quantas voltas já tínhamos dado. Mas em algum momento, próximo aos cinco quilômetros, ele se virou para mim e, respirando com dificuldade, perguntou:

— E o Ryan?

Ryan era a última coisa na qual eu queria pensar agora, e, como eu estava praticamente sem fôlego para dar uma resposta muito longa, apenas disse:

— Ele está bem. Joga contra o Rams amanhã.

— Fiquei sabendo dos brincos — ele declarou, olhando para minhas orelhas, embora eu não estivesse usando os brincos agora.

— É... — soltei, esfregando o lado esquerdo do corpo, onde uma câimbra começava a se formar. — Tentei devolvê-los, mas...

— Tenho certeza de que não adiantou — comentou o treinador, diminuindo um pouco o passo.

— Não. Ele agiu como se os brincos tivessem saído de uma maquininha de chicletes daquelas em que a gente põe uma moeda.

O treinador deu risada, depois parou de correr de uma vez, inclinando-se e apoiando as mãos sobre o joelho.

— É... Aquele menino é tão rico que compra um barco novo assim que o outro fica molhado.

Dei risada, o que fez minha câimbra ficar ainda pior. Eu me senti um pouco

culpada por falar de Ryan pelas costas, mas disse a mim mesma que aquilo não era uma traição, já que o treinador se preocupava com ele tanto quanto eu.

— Por favor, me avise quando terminarmos — falei, com cara de dor.

— Ok. Terminamos.

Depois de darmos mais meia volta em silêncio, fomos para o portão e subimos a escada em direção ao estacionamento.

Só quando chegamos nos carros ele finalmente disse alguma coisa.

— Bem, obrigado, Shea. Me sinto melhor agora.

— *Eu* que agradeço, treinador — afirmei, zonza, antes mesmo de cruzar meu olhar com o dele. — Foi muito... legal.

— Sim. Foi — ele concordou, ainda me olhando nos olhos. Ele sorriu devagar, e posso dizer que se referiu tanto à minha companhia quanto à corrida em si.

Hesitei, vencendo outra pequena onda de culpa por Ryan, dizendo a mim mesma que minha atração pelo treinador jamais seria recíproca. Era melhor me sentir assim em relação a algo que jamais aconteceria. Frustrada e um pouco triste, mas também segura. Olhei para a pista atrás de nós:

— Espero que possamos vir de novo.

— Não te falei que só venho aqui correr quando jogamos muito mal?

— Ah, é verdade. Bem, então espero que *nunca* mais voltemos.

— Eu também. E você vai gostar de saber que...

— O quê?

— Que eu como bolo de chocolate depois de uma partida em que jogamos bem. — Ele me deu uma piscadinha.

— Que ótimo. Porque eu não sou muito boa de corrida, mas sou *excelente* em se tratando de comer bolo.

Vinte

Na semana que antecedeu o jogo contra o LSU, Smiley me deu a minha primeira missão de verdade: uma matéria com três mil palavras sobre Reggie Rhodes. Ele me passou pouquíssimas instruções. Disse apenas que queria “muito açúcar em cima do garoto”. Cada um de seus passos. Sua adaptação no time universitário. Toda a expectativa ao seu redor e se ele estava correspondendo. Dei um suspiro de alívio quando ele terminou a reunião de repente, sem ao menos mencionar qualquer boato sobre a violação das regras do processo de seleção. Comecei a pensar que a Walker poderia estar fora de perigo e eu, como repórter, livre de uma fria. É claro que eu adotaria a filosofia “nada de perguntas e nada de respostas” e evitaria tocar no assunto com qualquer pessoa da Walker.

Quando liguei para J.J. pedindo uma entrevista com Reggie, nós dois, sem muito rodeio, nos concentramos em apenas um fato: eu era a primeira repórter a conseguir a desejada entrevista, a única em quem o treinador confiava para entrevistar a sua estrela jovem fora das coletivas de imprensa pós-jogo.

Por dois dias, me preparei para a conversa com Reggie e pesquisei sobre diferentes pessoas que faziam parte da vida dele. Conversei com o seu treinador, o diretor da escola onde ele cursou o ensino médio e, claro, com o treinador Carr. Todos disseram a mesma coisa, mas de maneiras diferentes: Reggie era uma raridade. Um superstar sem Twitter. Um Tim Tebow sem a ostentação religiosa. Um bom garoto. Um excelente negócio.

Na terça-feira à noite, encontrei Reggie no luxuoso centro de orientação acadêmica onde o seu tutor estava encerrando uma aula de literatura americana.

— Olá, Srta. Rigsby — disse ele, levantando-se e me estendendo a mão. Sua voz era agradável, e um diastema nos dentes da frente inspirava simpatia.

— Olá, Reggie — respondi, surpresa por ele ter se lembrado de mim, embora tivéssemos conversado poucas vezes no meu antigo trabalho. — O que está estudando? — perguntei, apontando para o caderno dele.

— *Huckleberry Finn* — respondeu, sorrindo. Ele fechou os livros e os guardou numa bolsa de nylon que estava apoiada em seus pés.

— Você gosta? — perguntei.

— Essa coleção CliffsNotes é realmente muito boa — comentou ele, balançando a cabeça com veemência, antes de abrir um sorriso enorme. — Ei, estou brincando. Eu gosto sim, de verdade. Estávamos aqui discutindo a cena em que o Huck apronta com o Jim colocando as folhas na jangada. Sabe aquela parte em que ele faz o Jim pensar que foi tudo um sonho?

Balancei a cabeça respondendo que sim, embora eu mal me recordasse da cena.

— E aí o Jim fala sobre como são ruins essas pessoas que ficam colocando besteiras na cabeça dos amigos só para fazê-los sentir vergonha. — Reggie balançou a cabeça. — E aí o Huck se prepara para pedir desculpas e se rebaixar a um... perdoe-me pela palavra... crioulo.

Vacilei ao ouvir a palavra dita assim, em voz alta, mas continuei olhando-o nos olhos, encantada pelo fato de Reggie retomar a cena e impressionada pela habilidade de agir como adulto, falando sobre literatura em vez de falar sobre si mesmo. Assenti, esperando que ele prosseguisse.

Reggie soltou um assovio:

— Cara. Tem alguma coisa muito poderosa ali. Muito mesmo. Dá para perceber o quanto o Mark Twain consegue humanizar o Jim. É *muito* bom.

Sorri, pensando que tínhamos começado a nossa conversa havia apenas alguns minutos e já dava para entender por que todos gostavam de Reggie. Ele era um garoto muito agradável de se conversar, e também muito humilde.

— Bem. Podemos falar um pouco sobre a sua experiência na Walker?

Ele concordou com a cabeça e respondeu:

— Claro.

— Podemos começar com por que você escolheu cursar a faculdade aqui. Você tinha muitas outras opções... Então, por que a Walker?

Ele fez uma cara séria e me deu a resposta que eu queria.

— Escolhi a Walker por uma série de motivos: Pela educação; porque todos foram muito legais comigo, porque o *campus* é muito bonito... Por tudo isso. Mas não vou mentir. Vim para a Walker principalmente para poder jogar com o treinador Carr. Ele é o *cara*. Ele consegue manter a coisa verdadeira cem por

cento do tempo. Para mim, isso realmente define tudo, sabe?

— Sim. Eu sei.

No dia seguinte a minha entrevista com Rhodes, enquanto eu dava os últimos retoques na matéria, Smiley me chamou no escritório dele. Eu estava toda animada, prestes a contar a ele sobre as coisas importantes que eu tinha conseguido. Foi então que ele me lançou um olhar profundo e acusatório. Depois, tirou os óculos para leitura, jogou-os sobre a mesa e perguntou:

— Você ouviu falar que a Walker tem algum problema com a NCAA?

Abri a boca, escolhendo as palavras com cautela.

— Ouvi alguns... boatos.

— Boatos? — retrucou Smiley, batendo na mesa. — Defina o que são boatos.

— Você sabe... boatos.

— Boatos dos funcionários que trabalham no bar local ou de alguém lá de dentro da Walker?

— Hum. Dos dois, acho — respondi, de forma evasiva.

— E? Você não acha que deveria ter conversado sobre isso com o seu editor? — Agora Smiley gritava, e eu pude ver os pingos de suor sobre o lábio inferior dele.

— Acho que deveria, sim — respondi, olhando para baixo.

Smiley meneou a cabeça, agora andando de um lado para o outro. Ele estava vermelho. Mais vermelho do que nunca.

— Sim, você deveria. E você deveria estar com a bunda sentada naquela cadeira escrevendo sobre isso. E é melhor começar a fazer alguma coisa agora, antes que alguém mais o faça!

— Sim, senhor — respondi, murcha e um pouco preocupada com o meu trabalho. — Quer dizer, já estou trabalhando nisso...

— E? Como está?

— Bem... Não sei *muito bem*.

— Você não sabe? — insistiu ele, enrolando uma das mangas da camisa. — É isso que você chama de “estou trabalhando...”?

— Normalmente não. Não senhor. O senhor está certo...

Smiley me interrompeu:

— Com quem você falou a respeito do assunto? Quais são as suas fontes?

— Bem, eu, é... Conversei com o nosso cara do departamento de fiscalização, Ernie Galli — gaguejei.

— *Nosso*? — rugiu Smiley, enrolando a outra manga da camisa.

— Da Walker — corrigi. — Eu quis dizer o cara do jurídico da Walker...

— Olhe, Shea. Precisamos de uma matéria. Porque isso *tem* que virar uma matéria. Você tem 24 horas para me entregar alguma coisa, entendeu? — esbravejou ele.

Concordei, assentindo com firmeza, e disse que começaria imediatamente, como se escrever uma notícia ruim sobre a *minha* faculdade fosse a coisa mais fácil do mundo. Saí do escritório dele, recordando algo que o treinador Carr havia dito muito tempo atrás. O contexto era outro, a instituição de ensino também, os problemas eram outros, mas eu nunca esqueci: “Quando a mídia local te aponta uma arma, você está frito”.

Algumas das minhas lembranças mais antigas e vivas do futebol universitário não têm a menor relação com o fato de eu amar o Walker nem de odiar o Texas, mas sim com o fato de ter ficado chocada diante de um dos maiores escândalos da SMU, o que me mostrou pela primeira vez a corrupção no esporte que eu tanto amava. Eu ainda usava fraldas quando Eric Dickerson e Craig James, conhecido também como Pony Express, entravam em cena e se tornaram um dos maiores *backfields* da história. E, certamente, eu era muito pequena para me lembrar de Ron Meyer com suas costelas compridas e seus ternos finos, exceto por vê-lo em filmes antigos. Mas, quando Lucy e eu entramos na primeira série, eu estava prestando atenção e ficou muito claro para mim que os Mustangs estavam em apuros. *Muito* encrencados mesmo. Aparentemente, esse era o único assunto entre os adultos, fosse nas festas da vizinhança, nos clubes ou nas igrejas. Eu não entendia muito bem os detalhes das regras e do regulamento da NCAA, mas sabia que eles eram grandes traidores.

Durante um dos primeiros tutoriais do treinador Carr a respeito do assunto, ele comparou a regra que a SMU desobedeceu descaradamente a Lawton jogando como bancário no Monopoly e roubando as notas laranja de quinhentos dólares contra a própria vontade. Ele explicou que havia muitos investidores ricos envolvidos, o tipo que ostenta, usando chapéu de vison, comentando sobre o jogo de sábado como se eles mesmos estivessem em campo e oferecendo aos jogadores montantes de dinheiro para jogar nos times de suas instituições. Ouvi

histórias bizarras sobre carros e joias, gado e casas, que esses caras, conhecidos como Naughty Nine, compravam para os jogadores e suas famílias. O treinador balançava a cabeça e dizia certas coisas sobre a SMU, como: “Eles são a melhor equipe que o dinheiro pode comprar” e “Não têm a menor vergonha”.

Então, apenas três dias depois do meu aniversário de sete anos, no dia 25 de fevereiro de 1987, bateram o martelo. Naquele dia, não fui à escola porque estava doente, ou pelo menos fingi que estava para poder assistir à coletiva de imprensa pela tevê. David Berst, o diretor do departamento de fiscalização, declarou a SMU culpada por “repetir a violação da regra” e que receberia a punição mais severa permitida. A pena de *morte*. Sem bolsas de estudo, sem treino e sem jogos pelo período de um *ano*. Todo o programa foi interrompido. Mesmo que todos não tivessem a menor dúvida de que eles eram culpados, ainda assim foi extremamente chocante. Tanto que o próprio Berst desmaiou na televisão.

Mais tarde, naquela mesma noite, o treinador Carr disse para o meu pai, que estava na cidade para me visitar, que “nós não deveríamos ficar tão surpresos. Todos sabem. Nós sabemos que no nosso estado executamos as pessoas. E, se me perguntarem, é muito mais fácil seguir as regras”. Meu pai, é claro, respondeu algo do tipo: “Sim, se for trair, é melhor que faça bem-feito”.

E agora, vinte e seis anos depois, era a Walker que enfrentava possíveis problemas. Não nas mesmas proporções que a SMU, mas problemas, de qualquer modo. E, em uma imensa reviravolta do destino, eu não mais assistiria pela tevê. Ao contrário, seria o *meu* trabalho denunciá-la. Minha tarefa era escrever uma matéria que poderia prejudicar o futebol americano da Walker. Falei para mim mesma que ficaria bem porque o treinador Carr ainda era o mesmo homem bom de sempre.

Naquela noite, depois de conversar com J.J. e Galli, me encontrei com Ryan e lhe contei sobre a matéria da NCAA que Smiley mandou que eu escrevesse.

— Você acha que pode ser verdade isso tudo que andam falando? — perguntei, depois de informá-lo sobre os boatos.

— Provavelmente — respondeu Ryan, acertando uma bola de golfe no campo que havia no andar de baixo da casa dele. — Onde há fumaça, há fogo.

— E o que isso quer dizer? — indaguei, surpresa com a resposta dele.

— Quer dizer que quando se ganha com tanta frequência, provavelmente você está trapaceando em algum lugar. E, mesmo quando se está perdendo e está se

esforçando para ganhar, provavelmente ainda está trapaceando. Pelo menos com dinheiro duvidoso.

— O treinador Carr não trapaceia — afirmei. Uma declaração que era verdade absoluta.

Ryan esboçou um sorriso irritante, depois deu uma tacada na bola, fazendo-a entrar no buraco.

— Tá bom, então.

— Ele não trapaceia — repeti, enfurecida.

Ele encolheu os ombros, depois os ajeitou, preparando-se para mais uma tacada.

— Sei que você pensa que ele é o sucessor de Cristo, mas o cara não é perfeito. Pode ser que ele não esteja financiando seus jogadores, mas tenho certeza de que vez ou outra ele olha para o outro lado. Ele tem que fazer isso.

— Não, ele não faz.

— Claro que faz! Ele é o CEO de uma grande organização, e seus funcionários são um bando de garotos idiotas. Ele *tem* que fingir que não tem nada acontecendo. É questão de sobrevivência.

— Me dê um exemplo — pedi.

— Ok. Lembra do Cadillac Escalade do Cedric Washington? — perguntou.

— Sim. Não. Quer dizer, não exatamente. Mas não importa, continue — falei. Cedric tinha sido um *wide receiver* na nossa época, um anos antes de Ryan, quase tão badalado quanto, e que deixou o time um ano ante de ser escalado.

— Você nunca se perguntou como ele conseguiu um carro tão bacana? Insulfilm, calotas caríssimas, aquelas caixas de som enormes tocando Dr. Dre pela cidade?

— Não. Nunca parei para pensar nisso.

— Bom, então você é a única... Não havia a menor possibilidade de o Cedric poder bancar um carro como aquele. Ah, fala sério. Ele fazia parte dos projetos.

— Ok — falei, encarando Ryan com o olhar vazio.

— Ok? Bom, alguém deu aquela coisa para ele. E não foi ninguém da família. Adivinha. O treinador fingiu que não estava acontecendo nada. Simplesmente ignorou. Deixou passar. E passou mesmo. — Ele estalou os dedos. — Simples assim. É desse jeito que agem os vencedores. Fazem as coisas funcionarem do

jeito que eles querem.

— É isso que *você* faz, Ryan? — questionei. Eu estava enfurecida e senti que começava a atacá-lo. — Você o *quarterback* do momento. Você trapaceia?

Ele apoiou o taco sobre a parede e estalou os dedos das mãos.

— Não.

— E se você pudesse roubar o plano tático de outra equipe sem ser pego?

— Tipo o Tom Brady filmando os Jets?

— Sim.

— Ou o *Greg* Brady roubando o manual de estratégias? — Ryan sorriu. — Você assistiu a esse episódio?

Sorri, mesmo contra a vontade.

— Claro que sim. Vi todos os episódios de *Brady Bunch*. E foi o Jerry Rogers quem tentou roubar o manual de estratégias do Greg. O Greg jamais faria isso. Agora responda à minha pergunta.

— Já respondi. Disse que não. Não trapaceio porque não preciso. *Sou* bom. Mas se eu tivesse que...

— Você já traiu alguma namorada? — eu o pressionei, procurando agora alguma desculpa para ficar com raiva dele.

Ele estalou os dedos da outra mão e me olhou fundo nos olhos.

— Nunca — respondeu.

Parecia algo impossível, considerando todas as oportunidades que ele deve ter tido ao longo dos anos, mas Ryan não vacilou, nem sequer piscou.

— Tudo bem — falei, decidindo acreditar nele.

— Olha, Shea. O que eu estou querendo dizer é que... às vezes você precisa fazer o que tem de ser feito.

Ryan pegou o taco novamente e acertou a bola no buraco em cheio, com muita facilidade.

Na manhã seguinte, e depois de algumas ligações, incluindo uma para a NCAA, enviei por e-mail a minha mísera matéria de trezentas palavras, aliviada porque não havia nada que pudesse incriminar ninguém, apenas algumas citações, incluindo a de uma pessoa que trabalhava dentro da Universidade do Texas. Em outras palavras, foi o melhor que eu poderia esperar quando comecei a

bisbilhotar e apurar as informações.

NCAA INVESTIGA OS BRONCOS

POR SHEA RIGSBY

O programa de futebol universitário da Walker está oficialmente sob investigação, tendo recebido uma notificação de inquérito no final de julho, segundo fontes. O motivo exato das violações alegadas não foi divulgado, mas uma fonte que preferiu não ser identificada, descreveu a infração como "aparentemente leve, mas potencialmente grave e reveladora", incluindo questões de seleção de muitos ex e atuais jogadores e má conduta acadêmica, bem como "benefícios adicionais e possíveis violações no processo de recrutamento". Outra fonte bem próxima ao departamento esportivo da Universidade do Texas citou o mais recente running back *da Walker, Reggie Rhodes, alegando que ele foi "indevidamente abordado por um investidor da Walker".*

De acordo com o banco de dados legislativo da NCAA, essa é a primeira investigação durante o exercício do cargo do treinador Clive Carr na Walker, uma universidade conhecida por sua reputação idônea. A porta-voz da NCCA, Emma Potts, disse: "Não podemos comentar sobre investigações que estão pendentes ou em andamento".

Segundo Scott Galovan, vice-presidente de Relações Públicas, a universidade tem cooperado com a NCAA no inquérito, mas, como instituição particular, não está sujeita à liberdade de informação para revelar o andamento das investigações. Uma notificação formal é enviada para a instituição para comunicá-la de que uma investigação está sendo conduzida. Se alguma irregularidade for comprovada, o próximo passo no processo da NCAA será a notificação das alegações, na qual os detalhes das infrações serão comunicados.

O diretor esportivo da Universidade Walker, Stuart Sherrill, emitiu a seguinte declaração: "Nossos treinadores e alunos atletas estão concentrados exclusivamente em se preparar para o jogo contra a LSU no próximo sábado. Dessa forma, orientei o treinador Carr e sua equipe para que não comentem sobre o assunto e que não respondam nenhuma pergunta em relação ao andamento da investigação".

Segundos depois de eu ter enviado a matéria, meu telefone tocou e na tela

apareceu o nome de Smiley.

— Uma universidade conhecida por sua reputação *idônea*? Ah, *jura*??! — perguntou ele, com a voz sarcástica.

— Bom, é o que ela é.

— Essa é a *sua* opinião, Srta. Rigsby.

Tive de me conter e resistir à tentação de argumentar que minha afirmação estava mais perto de ser um fato do que uma opinião, dizendo algo do tipo: *A maioria das pessoas diz que o céu é azul.*

— Exceto por essa pequena propaganda dissimulada, está bom — afirmou Smiley. — Vamos publicá-la amanhã.

Naquela noite, depois do treino, parei o treinador no caminho de volta ao seu escritório e perguntei se ele tinha um minuto para conversarmos.

— Para você? — ele perguntou, ajeitando o boné com um sorriso de satisfação.

Retribuí sorrindo também e perguntei:

— Está confiante em relação ao jogo contra a LSU?

— Sim, estou. Mas não vá publicar isso.

— Claro que não. Não sou tão ingênua. — Em seguida, respirei fundo e acrescentei: — Mas só quero que saiba que temos... vou ter que publicar uma matéria amanhã.

— Ah, é?

— Sim. Sobre a investigação.

Ele me encarou por um momento, depois assentiu brevemente.

— Tudo bem.

— Sinto muito. Sei o quanto odeia dispersões.

— Está tudo bem. Não ouço o que dizem ou o que escrevem sobre o nosso programa. Há 52 mil pessoas que gritam para nós nesse estádio toda vez que jogamos. Aprendi com o tempo a desligar esse barulho.

Meneei a cabeça e falei:

— Espero que consiga desligar. E espero que Reggie possa fazer o mesmo também. O nome dele aparece na matéria.

— Espero que *você* também consiga desligar, menina. Não deixe isso te

abalar.

Estávamos naquele momento do crepúsculo, o pôr do sol refletindo em seus olhos, e ele desviou o olhar para algum ponto distante.

— Vou tentar. Só que odeio precisar escrever uma matéria dessas — desabafei.

— É o seu trabalho. Você não tem escolha.

Balancei a cabeça, concordando e esperando por algo mais, talvez uma confirmação objetiva e concisa de que não havia nada de errado. Obtive algo quase tão bom quanto isso, enquanto o observei mudar completamente para o “treinador filosófico”.

— Funciona assim — começou ele, e eu me preparei para ouvir um discurso dos bons. — Bem lá no fundo, você sabe quando está fazendo a coisa certa e quando não está. E você só precisa fazer tudo que estiver ao seu alcance e persistir.

— Certo.

— Concentre-se na recompensa.

Vinte e um

A matéria foi publicada na manhã seguinte e por volta do meio-dia eu já tinha recebido mais de cinquenta mensagens de texto e e-mails, a maioria de amigos, abismados, e de ex-colegas da faculdade. Todos se surpreenderam com o texto, mas a surpresa maior foi ver o meu nome como autora. Muitas pessoas me perguntaram se eu estava bem. Respondi que não havia recebido nenhuma ameaça de morte por enquanto, embora mensagens enfurecidas dos fanáticos pelo Walker começassem a chegar.

Naquela noite, minha mãe entrou em estado de pânico e exigiu que eu lhe explicasse o que estava acontecendo e por que eu não lhe contara nada. Ela perguntou se o treinador não estava bravo comigo.

— Não, ele não está bravo *comigo* — expliquei.

— Ele está bem?

— Sim, mãe, ele está bem. Ele é o técnico do time. Está concentrado no próximo jogo. Um dia de cada vez.

— Bem, e o que a matéria diz é verdade? — questionou ela.

Para qualquer outra pessoa eu teria respondido não, sem titubear. E teria dito ainda que as informações tinham vindo de investidores invejosos. Ou de alguém que teve um processo de transferência amargo. Alguém com dor de cotovelo. Mas com a minha mãe era diferente. Como ela era muito extremista em seus pontos de vista, me vi obrigada a dizer:

— Provavelmente algumas partes são verdade, sim. Do contrário, não teriam recebido um comunicado oficial e a investigação não estaria em andamento.

Ela balançou a cabeça:

— Sem chance. Não acredito nisso.

Naquele momento, foi como se eu estivesse me ouvindo e me vendo nela, minha lealdade cega ao treinador Carr e a qualquer coisa relacionada a Walker, e isso me deixou um pouco mal.

— Não é tão simples quanto parece. Não é a SMU nos anos 1980. Mas, sim, provavelmente estamos jogando sujo...

Minha mãe balançou a cabeça com firmeza.

— Jogo sujo é algo tão simples — afirmou ela. Posso garantir que minha mãe se referia ao meu pai, e fiquei abismada ao ver que ela sempre se esquecia que também já havia traído. Foi assim que tudo começou. Foi assim que eu vim ao mundo. Ela concluiu: — Mas o que realmente importa é que o treinador Carr *jamais* jogaria sujo. — Quanto a isso, tive de concordar, e o fiz em voz alta. Ela continuou: — Sabia que em todos esses anos de casamento ele sempre foi fiel à Connie? Sempre. E sabe que pouquíssimos treinadores do nível dele agem da mesma forma? Connie me contava cada história. Você não acreditaria. Muitos treinadores trapaceavam descaradamente, na cara dura. Acho que são piores que banqueiros.

Meu coração palpitou ao ouvir sobre Connie, o treinador e o casamento deles. Amei a afirmação a respeito do caráter forte dele, mas meu coração se encheu de outro sentimento também. Talvez culpa, talvez uma pitada de inveja, que por sua vez me fez sentir confusa e ainda mais culpada.

— Então eles eram realmente felizes, não é? — perguntei, meio cabisbaixa.

— Sim — respondeu minha mãe, mas depois hesitou, como se estivesse pensando em acrescentar mais alguma coisa. — Eles tinham um casamento muito feliz, mas não era fácil. É difícil ser casada com um treinador. Ela era muito solitária. Às vezes ela me contava que se sentia como uma mãe solteira. Principalmente nas férias. Ela o amava muito, mas... — contou ela, com a voz cada vez mais baixa.

— Mas o quê?

— Acho que ela teve que desistir dos seus próprios sonhos para ficar com Clive.

— E quais eram os sonhos dela?

— Connie poderia ter ido para a Broadway. Poderia mesmo. Com aquele corpo e aquela voz. Ela poderia ter sido uma estrela.

Concordei com a cabeça, me lembrando de que a sua voz era linda e de que ela costumava tocar piano e cantar durante as reuniões familiares mais íntimas.

— Era isso o que ela queria? — indaguei, incapaz de imaginá-la em qualquer outro papel além do de coadjuvante.

— Ah, acho que sim. Quando o seu pai nos abandonou e voltou para Nova York, ela fez um comentário que sempre me intrigou. Connie disse que tinha inveja dele. Não por ele ter deixado a família para trás, mas por ter saído de Walker. Do Texas. Havia muito mais coisas na personalidade de Connie do que as pessoas conheciam. Ela acompanhava todas as convenções da região sul e sempre foi a esposa e mãe perfeita. Mas, bem lá no fundo, era uma sonhadora daquelas que vivem com a cabeça nas nuvens. Ela passou por cima de tudo isso para escolher o treinador e nunca olhou para trás. Mas... — Minha mãe fez uma pausa, como se quisesse conter uma onda de emoção.

— Mas o quê? — perguntei gentilmente, sentindo pena da minha mãe e sem conseguir pensar sequer na hipótese de perder a minha melhor amiga.

— Mas acho que ela estava esperando chegar a sua própria vez. Algum dia. Ela tinha planejado fazer muitas coisas quando Clive se aposentasse. Conhecer o mundo. Morar fora... Falava muito de Viena. Connie amava Viena.

— Por que Viena?

— Ela morou alguns anos lá quando era criança e o pai estava no Exército. — A carranca da minha mãe se transformou num ligeiro sorriso. — Consegue imaginar o treinador em Viena?

— Lá pega a ESPN daqui? — perguntei, sorrindo para minha mãe.

— Exatamente. Eis a questão — comentou ela.

Meu telefone vibrou, olhei para baixo e vi uma mensagem de texto do treinador: *Shea, não se preocupe com a matéria. Siga em frente.*

— Quem é? — perguntou minha mãe enquanto eu olhava para o telefone.

— Nada. Mas preciso fazer as malas agora. Viajo amanhã de manhã para Baton Rouge.

— O que vai ter lá em Baton Rouge? — inquiriu minha mãe, parecendo confusa.

— Hum. LSU. Temos um jogo contra eles, está lembrada?

Então, enquanto enxotava mamãe do meu apartamento, respondi a mensagem: *Obrigada, treinador. Vou seguir em frente*.

* * *

No dia seguinte, acertamos a LSU em cheio no estômago. *Three yards and a*

cloud of dust all day long[6]. Mas a vitória de 27 a 3 debaixo de um sol escaldante pareceu colocar mais fogo na mídia, e eu pude sentir que todos os jornais de grande circulação, sites de esporte e blogs estavam prontos para divulgar alguma versão distorcida da minha matéria, em vez de destacarem o domínio que tivemos sob os Tigres. Mesmo assim, a vitória caiu bem, melhor que as outras, e eu vi nos olhos do treinador que nossa determinação estava renovada para fazer deste o nosso ano. Apesar da investigação, e talvez *por causa* da investigação, esta realmente poderia ser uma temporada histórica para nós. Afinal, a vitória seria o derradeiro *foda-se* que todos no mundo do esporte conheciam muito bem.

— Siga em frente — sussurrei para o treinador enquanto ele entrava na sala para a coletiva de imprensa com Rhodes e Everclear.

Ele me deu uma piscadinha:

— É isso aí, menina!

Alguns minutos depois, a entrevista começou e a primeira pergunta, como era de esperar, foi sobre a investigação, e dirigida a Reggie. Ele, cujo desempenho era nada menos do que excelente, se aproximou do microfone com extrema compostura:

— Hum. Sim. Hoje vou falar apenas sobre futebol.

Intrépido, o repórter pressionou:

— Conhece Raymond Mathews?

Eu sabia pelas minhas investigações que esse era o nome do empresário de Cincy, e pude ver pela expressão de Reggie que ele também sabia de quem se tratava.

O treinador grunhiu em seu microfone, apressando-se para ajudar Reggie.

— Você ouviu o Sr. Rhodes. Vamos acabar com essa entrevista rapidinho se vocês não mantiverem as perguntas a respeito do jogo de hoje.

Mordi o lábio e abaixei a cabeça para olhar para o laptop, pensando que não havia nada mais excitante no mundo do que ver o treinador Carr animado.

Vinte e dois

Na semana seguinte, Smiley finalmente publicou a minha matéria sobre Rhodes, o que só serviu para colocar ainda mais fogo na investigação, suscitando todos os inimigos que não suportavam ver o quanto éramos bons, e que tínhamos alcançado agora o quinto lugar entre os times nacionais. Com 7 a 0, já tínhamos percorrido metade do caminho da nossa escala. Todo ano era meio que uma surpresa ver o nosso time com mais vitórias do que os demais, talvez porque o outono tem um jeito de nos surpreender no Texas, e nos engana com seu clima ameno. Os sábados passam num ritmo constante até que, quando menos se espera, novembro chega. Essa temporada em especial estava passando muito rápido e sem nenhuma derrota para interromper o nosso ritmo.

Enquanto isso, o Dallas Cowboys também se fortalecia, o que deixou Ryan tão otimista quanto eu, e nós dois entramos num ritmo agradável e delicioso, dormindo fora de casa várias vezes por semana. Eu ainda não tinha assistido a nenhum dos jogos dele, o que o fez me apontar isso mais de uma vez, mas não conseguia deixar de me sentir meio paranoica com a possibilidade de Smiley encrencar com o nosso relacionamento e usá-lo como mais um preconceito indestrutível. Ryan era um dos Cowboys, mas sempre fora um Bronco também.

Mas Ryan e eu fizemos outros progressos. Agora, no seu banheiro havia alguns produtos de higiene feminina e, no closet, algumas peças de roupa minhas penduradas. Até comecei a cozinhar para ele, o que era um grande passo. Eu tinha protelado a decisão por semanas, primeiro porque Ryan tinha um *personal* chef, depois porque eu odiava quando ele vinha para a minha casa e porque não me sentia confortável na cozinha toda chique dele, mas o motivo principal era que eu não queria dar crédito à tese antiquada da minha mãe de que era fundamental cozinhar para o namorado. Porém, tive a impressão de que ela poderia estar certa, já que Ryan fez uma pequena observação sobre a incapacidade de Blakeslee de ao menos ferver água ou preparar uma torrada — e o fato de que ele “deveria saber que as coisas entre eles não dariam certo”. A longo prazo, não acho que a nossa relação se resumiria às minhas habilidades

domésticas (ou à falta delas), mas não consegui me segurar e desejei que ele gostasse de mim tanto quanto eu estava gostando dele: muito.

Então, numa manhã, antes de sairmos da casa dele para trabalhar, por acaso comentei que adoraria fazer o meu escondidinho de abóbora para ele.

— É quase tão famoso quanto você — contei, me gabando.

— Hum... Combinado! Vou dispensar o Ter hoje. Na minha casa?

— Sim. Faça o favor de chegar com fome — brinquei.

Ryan me lançou um olhar sexy e me disse que ficar faminto ao meu lado era sempre inevitável. Sorri quando ele tirou o chaveiro do bolso, retirou uma das chaves e a entregou para mim.

— Tome. Eu já estava querendo te entregar mesmo.

— Tem certeza? — questionei, tentando ser legal, embora soubesse que ligaria para Lucy para contar a novidade logo que estivesse sozinha. — Pode ser que você queira experimentar o meu prato primeiro.

Mais tarde, naquele mesmo dia, depois que fui ao supermercado e comprei todos os ingredientes para preparar a massa, o frango para fritar, o pão de milho e uma torta mousse de chocolate, fui de carro para a casa de Ryan, entrei pela porta dos fundos e comecei a cozinhar. Quando ele voltou do treino, os ingredientes já estavam picados e a cozinha, organizada (outra coisa que minha mãe sempre pregou e que provavelmente era um ensinamento que ela recebera de Connie — nada de louça suja no balcão nem de roupas íntimas jogadas no chão, pelo menos não até conseguir uma aliança no dedo).

— Uau. Estou impressionado! — exclamou Ryan enquanto lhe entreguei uma taça de *pinot noir* da garrafa que eu tinha acabado de pegar no refrigerador dele.

— Espero que esse não seja um dos seus melhores vinhos... É?

— Os melhores estão na adega. Mas nada é suficientemente bom perto de você — afirmou ele, com um sorriso charmoso.

— Obrigada — agradeci, em seguida ergui minha taça e falei: — Às nossas infinitas vitórias!

— E à nossa chef! — ofereceu ele, erguendo a taça.

— E à nossa cozinha — comentei, rindo.

Brindamos e nossos olhos se cruzaram antes de tomarmos um gole. Ele assentiu, aprovando minha escolha, depois se inclinou para me beijar.

— Como foi o treino? — perguntei, olhando para a cebola picada que estava refogando na frigideira atrás de mim.

— Nada mau — respondeu ele, sentando-se num dos banquinhos do balcão enquanto voltei para o fogão. — Meu joelho está bem melhor. — Ryan havia contundido o joelho no jogo contra os Bears, nada grave, mas, para um *quarterback* com seus trinta e poucos anos, o menor machucado se tornava o pior de todos. Ele estendeu e flexionou o joelho, fazendo cara de dor. — A ressonância mostrou que está tudo bem. Foi só uma contusão mesmo.

— Ótimo — falei, me sentindo a namorada protetora e aliviada em ver que aquilo era verdade, não fingimento. E eu realmente fiquei preocupada. Com seu joelho, sua reputação, seu ego frágil, enfim, *tudo* a respeito dele.

Acrescentei a abóbora picada, o pimentão, a pimenta-jalapenho, o caldo dos picles e o orégano. A mistura fez a frigideira quente chiar, e eu, sabendo que ele estava me observando, ajeitei a postura, fiquei mais ereta e mexi os ingredientes por mais alguns segundos antes de acrescentar o leite. Em seguida, abaixei um pouco o fogo e coloquei a tampa.

— Você realmente sabe o que está fazendo, não sabe? — perguntou Ryan, tomando mais um gole de vinho enquanto eu passava os pedaços de frango pela última vez na minha massa especial. — Está quente.

Resolvi não contar a ele que esse era o único prato que eu conseguia fazer de olhos fechados. Então, inclinei a cabeça para o lado, sorri e provoquei:

— Frango frito não é quente?

— Sim. Especialmente se você tirar essa roupa e colocar um aventalzinho cheio de babados e um salto alto.

— Pode tirar o cavalinho da chuva. Estou aqui para cozinhar, não para fazer nenhuma dancinha nem para me fantasiar de nada.

Ele deu risada e perguntou:

— Nem como uma *cheerleader* do Dallas Cowboys?

— Especialmente como *cheerleader* do Dallas Cowboys. Nem pensar!

Ryan levantou-se, caminhou até o fogão e passou os braços na minha cintura.

— Já volto — avisou ele depois de beijar minha cabeça. — Quero vestir uma roupa mais confortável e preciso fazer umas ligações rápidas. Tudo bem?

— Claro — respondi, satisfeita por poder me concentrar no meu frango frito. Ryan saiu da cozinha com o celular na mão, verificando as mensagens de texto

enquanto caminhava. Tive um pensamento passageiro e perturbador de que ele deveria estar verificando mensagens de outras mulheres, mas me adverti dizendo para não bancar a paranoica enquanto transferia os legumes para o refratário, alternando as camadas da mistura com queijo ralado e finalizando com uma de batata palha. Coloquei a tigela no forno preaquecido, olhei para o relógio da cozinha e arrumei a mesa com porcelana, cristal e prataria.

Mais ou menos meia hora depois, exatamente quando eu estava pondo o refratário sobre a mesa, Ryan reapareceu vestindo o que eu descreveria como pijama. O conjunto era cinza e as calças de cordão tinham um corte tão impecável que pareciam feitas sob medida. Eu o examinei rapidamente dos pés à cabeça, sorri e disse:

— Mas que belo traje.

— Traje? — Ele sorriu enquanto me aproximei e passei a mão sobre uma das mangas extremamente macias, repousando-a sobre o ombro dele.

— Suéter de cashmere?

— Uma mistura de cashmere com *algodão* — explicou ele, sorrindo. — E talvez com um pouquinho de lycra. Veste melhor do que cashmere puro.

Aquilo soou *exatamente* como algo que Lucy diria; eu tinha certeza absoluta que ela já tinha usado aquelas mesmas palavras comigo. Balancei a cabeça e disse a mim mesma que guardaria aquilo, embora pudesse contar nos dedos da mesma mão as peças que havia no meu guarda-roupa com *algum* tipo de cashmere.

— E aí, está pronto para comer? — perguntei, gesticulando para o banquete do outro lado da cozinha, onde eu havia posto a mesa. Tive a sensação de que estávamos brincando de casinha quando ele me disse que o aroma estava maravilhoso.

— Espero que o sabor esteja bom também — desejei.

— Sei que está — afirmou. Depois, Ryan me interrompeu a caminho da mesa e segurou minhas mãos. — Shea?

— Sim — respondi, olhando para a expressão sincera e terna dele.

— Eu só... queria te agradecer — declarou ele, em tom gentil.

— Pelo quê?

— Por preparar o jantar para mim. — Ainda segurando minhas mãos, ele me olhou fundo nos olhos e acrescentou: — Foi muito gentil da sua parte. Adorei o

que fez. Mesmo.

Diante da gratidão dele, me emocionei, especialmente porque Ryan contava com cozinheiros especialistas que preparavam o jantar para ele todos os dias da semana, exceto quando estava escalado para algum treino importante.

— Não precisa agradecer — falei, tomada por um verdadeiro sentimento de carinho. Talvez o mais forte que eu já havia sentido por ele.

Enquanto nos sentávamos à mesa, o sentimento de satisfação perdurou e aumentou, até que me dei conta do motivo. Eu estava feliz. Feliz de verdade por estar ali naquele momento, o que sempre me pareceu algo completamente diferente de reconhecer que eu *fui* feliz algum dia, e que acontecia comigo com frequência. Posso dizer que Ryan também percebeu meu estado de ânimo, porque sorriu o tempo todo e acariciou o meu braço enquanto conversávamos. Não falamos sobre nada importante, mas foi um bate-papo agradável e íntimo, e, sempre que tinha a oportunidade, ele elogiava o jantar. Pude ouvir a voz da minha mãe dizendo: *o meio de conquistar o coração de um homem é o estômago* e senti orgulho de mim mesma, reconhecendo que tinha definitivamente acertado em cheio na minha primeira refeição. Ryan se serviu de porções generosas do escondidinho e o chamou de “simples e delicioso”, enquanto eu tomei a maior parte do vinho da garrafa. Quando terminamos a refeição, eu já estava bem alta.

— Então, o que vai fazer no Dia de Ação de Graças? — ele perguntou, depois de retirar os nossos pratos e voltar à mesa.

— O mesmo que você — respondi, pensando que eu não dava ao fim do ano a mesma importância que as outras pessoas em relação às festas. Em vez de me concentrar nisso, eu pensava nesses dias como um fim de semana de rivalidade contra o Texas, seguido de uma *bowl season*.

— Vai jogar futebol americano? — indagou ele, sorrindo e acariciando o meu braço de novo.

— Hã? Não. Vou *assistir* na televisão você jogando — comentei, imaginando que não conseguia me lembrar de um Dia de Ação de Graças que não incluísse o Cowboys. — Com o meu pai. Ele vem com Bronwyn e Astrid. — Revirei os olhos e fiz uma careta. Eu não tinha contado muito sobre meu pai para Ryan, a não ser a bizarrice cronológica dos seus três casamentos com duas mulheres e um pouco sobre a minha meia-irmã de nariz empinado. Que ela “adorava” todas as coisas do Texas, e que chamava tudo de “esquisito” ou “rústico” e comprava botas de caubói como se elas fossem lembrancinhas exóticas de algum país estrangeiro.

— Bom, será que vocês não gostariam de assistir ao jogo *pessoalmente* em vez de assistir pela tevê? Com os meus pais? Você poderia convidar a sua mãe também... — sugeriu.

— Seria ótimo — respondi quando me dei conta do peso do convite. Ele não estava apenas me pedindo para conhecer os meus pais; estava propondo me apresentar os dele, e, assim, apresentar os nossos pais uns aos outros. Depois de uma breve pausa, perguntei com a voz tímida: — Então quer que eu conheça os seus pais?

— Sim, *quero* — ele afirmou da maneira como fazia muitas de suas declarações: com firmeza e confiança extremas.

— Bom, então tudo bem.

Por um segundo, me veio à cabeça o treinador, o fato de que muitas vezes passávamos o Dia de Ação de Graças com os Carr e que os planos de Ryan certamente romperiam essa tradição. Mas o afastei do meu pensamento, dizendo a mim mesma para me *concentrar* e me lembrando de que, se eu fizesse tudo direitinho, este poderia ser, nas palavras de Lucy, “um maldito conto de fadas”.

Ao longo das próximas semanas, quando o Walker acumulou mais duas vitórias, uma contra o Iowa e outra contra o West Virginia, Ryan e eu nos mantivemos numa fase de felicidade plena, nos encontrando para almoçar, para jantar e nos falando o tempo todo. Em algum momento as coisas deixaram de parecer superficiais e começaram a parecer reais, tanto que baixei a guarda e parei de subestimar a nossa relação para Lucy e minha mãe e contei a elas que as coisas entre nós estavam ficando sérias.

Minha mãe ficou eufórica quando lhe contei que Ryan a convidou para o Dia de Ação de Graças.

— Você já contou para o seu pai sobre o Ryan? — ela questionou, praticamente esfregando uma mão na outra. Eu sabia o que estava passando na sua cabeça: que Bronwyn poderia ter se casado com um cara rico, mas que um *quarterback* famoso da NFL superaria qualquer tipo de investidor.

— Não, ainda não — respondi, embora estivesse ansiando por esse momento. Por mais que eu visse Ryan como Ryan, havia momentos em que eu me tornava plenamente consciente de sua fama. Sempre que o rosto dele aparecia na televisão, ou que nos viam juntos em público, eu ficava enaltecida, orgulhosa. Porém, para tristeza de Lucy, a notícia não tinha sequer chegado aos tabloides, com exceção de um pequeno comentário sobre o evento beneficente em prol dos

autistas nas redes sociais do Dallas. Ninguém fora do círculo da Walker sabia que estávamos juntos para valer. Eu não tinha nem contado para Gordon, meu único amigo no trabalho, porque, sempre que encontrava uma brecha, eu sentia como se estivesse me gabando, querendo me autopromover. Ainda mais porque não havia como negar o fato de que Ryan era motivo de orgulho, uma medalha de ouro. E eu estava tão empolgada quanto minha mãe para contar a novidade a meu pai.

— Bom, e o que você está esperando? Conte para ele! — disse ela, seus olhos castanhos cintilando.

— Quer que eu coloque o telefone no viva-voz? Talvez eu deva colocar Astrid na mesma ligação... Que tal? — sugeri.

— Nossa! Seria perfeito! Vamos ligar? — perguntou.

— Não, mãe, não vamos. Foi uma brincadeira — afirmei, balançando a cabeça.

Por um momento ela pareceu murchar, mas não se deu por vencida e começou a discutir sobre o que deveria vestir para ir ao jogo.

— Azul, certamente — refletiu. — Ou seria melhor azul-turquesa, por causa do Walker?

— Qualquer tom de azul vai cair bem — comentei, dando corda para ela e imaginando que minha mãe ficaria totalmente fora de controle se Ryan e eu, algum dia, num futuro não muito distante, tivéssemos que planejar um *verdadeiro* evento.

No dia seguinte, resolvi treinar com Gordon, durante um bate-papo sobre os *quarterbacks* da NFL, como contaria ao meu pai sobre Ryan.

— Eu levaria um tiro na cabeça se falasse sobre isso aqui nessa cidade, *mas*... — começou Gordon, depois que pedi a ele que classificasse os *quarterbacks* por ordem de importância.

Dei risada, sabendo aonde ele queria chegar. Tendo nascido e crescido em Philly, Gordon adorava os Eagles, e os Cowboys não tinham a menor utilidade para ele além do contracheque. Em outras palavras, ele era um profissional de verdade, enquanto eu muitas vezes me sentia como se estivesse *brincando* de ser repórter.

Ele continuou:

— Eu escolheria Aaron Rodgers em primeiro lugar, Peyton Manning em

segundo, Tom Brady em terceiro e, em quarto, Ryan James.

Tive uma ligeira vontade de demonstrar minha lealdade, mas tentei ser imparcial.

— Eu colocaria Aaron Rodgers em primeiro, sim, talvez. Mas Ryan viria antes de Peyton. E com certeza na *frente* de Brady — declarei.

Gordon argumentou:

— As estatísticas são uma coisa, mas o negócio passa a valer mesmo quando se obtêm grandes vitórias — e depois teve a audácia de sugerir que talvez até Brees deveria vir à frente de Ryan. — Aquele cara *joga* como ninguém.

— Você não acha que o Ryan é um excelente jogador? *Sério*! Ele é um *quarterback* maravilhoso! — exclamei e acrescentei estrategicamente: — E é claro que estou sendo parcial.

— Todos aqui neste estado são. Principalmente vocês, alunos da Walker — afirmou Gordon.

— Sim. Mas eu estou sendo parcial mesmo, *de propósito*. Ryan e eu... nós... estamos meio que... namorando.

Gordon sorriu e continuou digitando.

— É sério. No começo eu não queria contar porque sei que você faz a cobertura dos Cowboys. Ah, sei lá, é como se eu quisesse me promover com esse relacionamento. E, pelo que sei, Smiley tem certa política contra isso. Já que o Ryan veio da Walker e tal. — tagarelei e olhei na direção de Smiley, depois voltei a olhar para Gordon. Por fim, ele voltou a me olhar, atento, mas pareceu não acreditar, como se estivesse esperando o fim da piada.

— Está falando sério?

— Sim. Estamos namorando. Já faz alguns meses...

Gordon assentiu, finalmente acreditando em mim, depois disse:

— Bom, legal. Isso é... incrível.

— Sim. Quer dizer, acho que sim — falei. — E então acrescentei: — Gosto dele de verdade.

Gordon sorriu e declarou:

— Bem, acho que você gosta, sim. Também, por que não gostaria? E digo isso de coração, como parceiro mesmo.

Sorri e respondi:

— Pode deixar que vou fazer questão de contar para ele que, se você fosse gay, escolheria, pela ordem: Brees, Brady, Rodgers e Manning antes dele.

Gordon deu uma risadinha e corrigiu:

— Não. Se eu fosse gay, com certeza escolheria Ryan em primeiro lugar. Ele tem o cabelo mais bonito de todos. E pode contar para ele que eu disse isso.

Meu exercício de simulação deu certo, então naquela mesma noite liguei para o meu pai e, depois de uma conversa fiada meio estranha, usei a mesma pergunta tática para iniciar o assunto:

— Quem é o melhor *quarterback* da NFL?

— Ah, Ryan James, com certeza — respondeu meu pai, seguindo o melhor dos scripts.

Para ficar ainda melhor, Astrid estava matraqueando ao fundo, como de costume. Uma das coisas que mais me irritavam era isso: ela sempre ficava grudada na orelha dele, ouvindo nossas conversas. Se algum dia eu viesse a escrever um livro sobre divórcio, uma das minhas primeiras sugestões para os pais certamente seria: livre-se da segunda (ou terceira) esposa quando estiver conversando com o seu filho, pelo menos por *algum* tempo. E, pela misericórdia divina, não a coloque ao telefone nem diga algo do tipo: “Oi, Shea, diga ‘oi’ para Astrid”.

Mas, dessa vez, adorei o fato de ela estar ali, grudada no ouvido dele. Pude ouvi-la perguntando:

— O que tem o Ryan James?

Meu pai repetiu a pergunta para mim, e Astrid concordou que Ryan era o melhor de todos, depois acrescentou que também amava o Tom Brady. Eu seria capaz de apostar o meu par de brincos de diamante que esses eram os únicos jogadores de futebol americano cujo nome ela sabia.

— Diga a ela que não estamos falando de quem aparece mais na imprensa sensacionalista — provoquei, com o maior desdém que pude sem ser grosseira demais.

Meu pai deu risada, depois perguntou sobre o meu trabalho.

— Tenho lido algumas coisas que você escreve. Tudo muito bom.

Fiz uma careta ao telefone, pensando que essas eram as primeiras e únicas três palavras de feedback ou elogio que eu já recebera do meu pai na minha carreira de jornalista novata.

— Obrigada, pai. Estou me divertindo.

— Aposto que sim. É meio que o trabalho dos seus sonhos — ele afirmou.

— *Meio* que o trabalho dos meus sonhos? É o trabalho dos meus sonhos — corrigi.

— Está certo. Foi isso que eu quis dizer.

— Por falar em sonho — comecei, fazendo uma transição meio esquisita de assunto, porém satisfatória —, estou meio que namorando o cara dos meus sonhos também.

— Ah, é? — indagou meu pai, enquanto ouvi Astrid suplicando ao fundo: *O que ela disse? O que ela disse?*

Meu pai nem sequer se preocupou em colocar o telefone no mudo, muito menos em cobrir o receptor. *Ela disse que está namorando o cara dos seus sonhos*.

— Sim. Estou namorando o melhor *quarterback* da NFL — anunciei.

— Pode repetir? — pediu meu pai.

— Ryan James — contei, rindo comigo mesma. Foi como se eu pudesse praticamente ouvir os tambores rufando. — Estou namorando Ryan James.

Silêncio.

— Ele quer te conhecer quando você vier para cá. E nos convidou para assistir ao jogo de camarote, com os pais dele. No Dia de Ação de Graças.

Mais silêncio ainda, exceto por Astrid, que o enchia de perguntas.

— Pai? Ouviu o que eu disse?

— Está brincando.

— Não, pai, não estou. Ele é meu namorado. Me deu até um par de brincos de diamante. Dos grandes. Estamos namorando sério mesmo.

A essa altura eu já estava cerrando o punho e socando o ar, eufórica, e Astrid, frenética. Escutei meu pai retransmitindo tudo a ela, até o tamanho dos meus brincos. *De diamantes grandes*.

De repente, Astrid começou a falar direto comigo, arrancando o telefone do ouvido do meu pai.

— É sério que você está namorando Ryan James???

— Sim, Astrid. Estou, de verdade.

A voz dela ficou ainda mais alta e mais aguda que o habitual.

— Bom, então conte! Como foi que aconteceu? Onde vocês se conheceram?

— Estudamos juntos, Astrid — respondi, pontuando minhas explicações com o nome dela, deixando claro que já estava ficando cansativo responder à mesma pergunta.

— E ele te deu brincos de diamante?

— Sim, Astrid. São maravilhosos.

— Manda uma foto para a gente! Uau! — exclamou, com a voz mais estável. Ela estava em choque ou com inveja (eu esperava que ambos).

— Claro, Astrid. Vou fazer isso, Astrid — falei, saboreando o momento e pensando: *Venci*. Não importava o que aconteceria dali para a frente: pelo menos naquele momento, a filha da minha mãe *finalmente* tinha ganhado.

Vinte e três

Quando as coisas parecem estar boas demais para ser verdade, elas estão mesmo. Essa era outra das frases favoritas do treinador Carr — um sentimento que parecia muito verdadeiro agora enquanto, nesse nosso fim de semana de descanso, nos preparávamos para o Florida State, o Stanford e o Texas, os nossos últimos três, e de longe os mais difíceis, adversários da temporada regular.

Então, eu não deveria ter me surpreendido quando, certa noite, Ryan, do nada, no momento em que eu estava prestes a pegar no sono, disse:

— Só quero que você saiba que pode ouvir algumas coisas sobre mim que não são verdade.

— Que coisas? — questionei, agora bem acordada, embora meus olhos continuassem fechados.

— Blakeslee sabe que estou com você. — O rosto dele estava tão próximo ao meu que pude sentir sua respiração. — E eu estou preocupado que ela possa partir para o ataque.

— Partir para o ataque? Me atacar? — perguntei, agora com os olhos arregalados. Pisquei, ajustando a visão à escuridão, esperando, pensando naquela fotografia que eu tinha visto na revista e sobre a qual nunca perguntei para ele.

— Não você. Eu — explicou. — Acho que ela está com raiva. E, quando está assim, é capaz de fazer um monte de besteira.

— E por que ela está enfurecida? — questionei, imaginando que a ex não tinha o direito de se sentir assim, já que os dois estavam divorciados. É claro que eu sabia que havia o lado emocional, e que em um divórcio nem sempre as coisas funcionam assim e que, às vezes, ele não é sinônimo de que as coisas chegaram ao fim.

— Ela ficou sabendo dos seus brincos.

— Como? — questionei, cada vez mais inquieta. — Quem poderia ter contado a ela sobre os meus brincos?

— Bom... eu.

Tentei processar a informação, tentando juntar as peças de como essa conversa poderia ter acontecido, enquanto ele me deu uma explicação espontânea e evasiva:

— De vez em quando nós ainda conversamos.

— Ah — falei, sentindo um nó crescente no peito. — Sim, eu vi aquela foto de vocês dois. Nesse verão. — De repente me senti uma idiota por nunca ter perguntado sobre a foto.

— Aquilo não foi nada — respondeu ele quase depressa demais. — Ela estava na Califórnia a trabalho. E nós almoçamos juntos. Foi só isso.

— Ah, ok. E com que frequência você conversa com ela?

— Não muita. Juro.

— Eu acredito em você — afirmei, embora não tivesse muita certeza se acreditava mesmo.

— Mas falei com ela alguns dias atrás. E ela me perguntou se eu estava com alguém. Contei sobre você, e ela ficou arrasada depois disso.

Eu ainda não tinha conseguido entender como os brincos tinham entrado na conversa, mas só balancei a cabeça e escutei.

— Está brava? — perguntou Ryan.

— Não — neguei, embora eu estivesse irritada pela postura dele. Por que ele podia manter contato com Blakeslee e eu não podia nem ver Miller?

Mais ou menos trinta segundos depois, ele perguntou de novo:

— Tem certeza de que não está brava?

Rolei pela cama e tateei o criado-mudo à procura do brilho labial. Quando o encontrei, tirei a tampa e passei um pouco nos lábios enquanto murmurei que não estava brava. Mas não foi nem um pouco convincente. Eu nem sequer *tentei* soar convincente.

Olhei para Ryan, tentando enxergar seu rosto no escuro. Ele parecia um pouco decepcionado, o que confirmou a teoria que sempre tive — quanto mais ciumenta uma pessoa é, mais ela quer fazer você sentir o mesmo. Na verdade, talvez tenha sido esse o motivo pelo qual ele contou a Blakeslee sobre os brincos. Talvez ela estivesse saindo com alguém, o que incomodou Ryan o suficiente para provocar ciúmes *nela*.

Falei que estava exausta e que nós dois precisávamos dormir um pouco. Ryan concordou, mas depois de alguns minutos me chamou de novo.

— Sim? — respondi, esperando e encarando o teto.

— Eu só quero ficar com você.

— Que bom. Eu também quero ficar com você — afirmei.

Antes de cair no sono completamente, me passou pela cabeça que aquele não era o tipo de afirmação cem por cento verdadeira, e que talvez nós dois estivéssemos tentando convencer um ao outro e a nós mesmos.

Na manhã seguinte, Ryan me surpreendeu com café na cama. Ovos mexidos, pão integral e frutas vermelhas em uma bandeja preta envernizada. Havia até um raminho de salsa no meu prato.

— Obrigada — agradeci, embora eu sempre tenha considerado que café na cama era muito melhor na teoria do que na prática, especialmente quando se tem que enfiar a refeição goela abaixo segundos depois de acordar. Enquanto eu me sentava, Ryan posicionou a bandeja no meu colo, depois se ajeitou ao meu lado. Eu estava sem o menor apetite, provavelmente porque ainda estava pensando em Blakeslee, mas comi um pouco de ovos mexidos e disse a ele que estavam deliciosos.

— Você já comeu? — perguntei.

— Só um shake com proteína e aveia.

Percebi que ele ficou me olhando e tive a sensação de que Ryan também estava pensando em Blakeslee. O clima estava definitivamente frio, se não muito estranho.

Dei uma mordida de leve no pão, tentando não espalhar as migalhas em cima da cama dele, pensando que eu precisava muito ir ao banheiro, mas não queria ter que passar pelo desconforto de retirar a bandeja e tudo o mais.

— O que você vai fazer hoje? — ele me perguntou.

— Lembra que te contei daquele menininho com tumor no cérebro? Aquela que é obcecada pelo time de futebol americano da Walker?

Ryan balançou a cabeça, afirmando:

— Sim. Não é Max o nome dele?

— É — respondi, notando mais uma vez que ele era um bom ouvinte. Era como se ele *nunca* deixasse de prestar atenção, algo extremamente incomum

para um homem. — O treinador o convidou para ficar na lateral com o time no jogo contra o Stanford. Smiley quer que eu escreva uma matéria sobre ele com o tema bem-estar.

— Smiley quer uma matéria sobre bem-estar? — questionou Ryan, gargalhando um pouco demais, visivelmente tentando quebrar o gelo.

— Tá bom, eu sei, ok? — falei, passando a mão sobre uma taça de cristal cheia de suco de laranja natural e me recusando a rir.

— No que está pensando, querida? — questionou ele.

Então, falei exatamente o que eu estava pensando.

— Estou aqui pensando se isto aqui foi um presente de casamento — confessei, tamborilando o cristal.

Ryan hesitou, depois balançou a cabeça, confirmando, tendo que admitir sem querer.

Peguei o garfo de prata todo ornamentado.

— E isto?

Ele assentiu de novo, depois se sentou.

— Por que continua com eles? — questionei, mais curiosa do que nunca. — Não é a mulher que fica com essas coisas, geralmente?

Ele encolheu os ombros e disse que Blakeslee não quis ficar com eles.

— Por que não?

— Não sei, ela simplesmente não quis. — Ele franziu um pouco a testa. — O gosto dela mudou, eu acho.

— Em um ano? O gosto dela mudou em *um* ano?

— Ela mudou de ideia em relação ao casamento. Do contrário, por que não iria querer ficar com os cristais e a prataria?

A declaração fazia sentido, mas eu ainda estava confusa, agitada. Não disse nada, o que era um bom truque de reportagem. Deixe que o silêncio o faça falar.

E funcionou, já que Ryan me passou mais informações:

— De qualquer modo, fiquei com a maior parte das coisas.

— Foi você que deu entrada no divórcio?

— Bem, nós fomos juntos. Mas ela me deixou escolher a maior parte das coisas.

— Hum... — soltei, pensando: *Que estranho*.

— Além disso, as coisas terminaram muito mal. Ela disse que os presentes estavam contaminados.

— Achei que você tinha dito que vocês continuavam amigos.

— E somos. Agora. Mais ou menos.

— Mesmo depois de as coisas terem acabado meio mal? — Tentei demonstrar tranquilidade, mas falei rápido demais, dando à pergunta um ar de interrogatório.

Ele me olhou com certa cautela:

— Eu sabia. Você *ficou* chateada.

— Não. Não fiquei não — respondi com um encolher de ombros proposital.

— Parece que ficou sim.

— Parece que você queria que eu tivesse ficado.

Um impasse se seguiu, e ficamos encarando um ao outro, em silêncio, até que Ryan falou:

— Não vamos mais falar sobre ela, tudo bem?

— Tudo bem — respondi, pensando que seria muito bom nunca mais ouvir o nome da ex dele de novo.

Mas eu não tive essa sorte. Depois daquela manhã, bem quando eu tinha finalmente conseguido tirar Blakeslee da cabeça, meu telefone do trabalho tocou e um número desconhecido de Houston apareceu no visor.

— Shea Rigsby, *Dallas Post* — atendi, pensando que eu não tinha esquecido o assunto e que toda vez que eu falava o meu nome e o nome do jornal, me sentia um pouco eufórica.

— Oi, Shea — saudou a voz de uma mulher do outro lado da linha. Tentei identificar quem era, mas a voz não me pareceu familiar. — Aqui é Blakeslee Meadows. Está lembrada de mim?

— Sim — respondi com o coração acelerado. — Como vai?

— Bem, e você?

— Bem — afirmei, e me passou pela cabeça que nós nunca tínhamos conversado de fato, só nos cumprimentávamos quando nos encontrávamos na faculdade. Blakeslee sempre deixou muito claro que eu estava abaixo dela, e agora eu me peguei pensando se ela estava sentindo o mesmo.

— Faz tempo, não é?

Murmurei que sim, tentando prever o que viria a partir dali, quando ela disse:

— Tenho certeza de que você está se perguntando por que estou te ligando. — Sua voz estava delicada e hesitante, o que não combinava com as minhas lembranças nem com as suas fotos, que hipervalorizavam a aparência externa, nem com a persona pública confiante que ela demonstrava ser. — É sobre o Ryan — continuou.

— Sim. Imaginei — confessei, diminuindo a voz e olhando para as baias ao meu redor. Graças à lei de murphy, o andar tinha se aquietado no exato momento em que eu precisava de privacidade.

— Ele me disse que está com você.

— Sim, ele me contou que... contou a você — gaguejei quando Gordon olhou em minha direção. Desde quando lhe contei sobre Ryan, tive a sensação de que ele estava mais interessado nas minhas conversas.

— Certo. Bem... Fiquei em dúvida se deveria te ligar ou não, sei que o seu relacionamento não é da minha conta.

Não falei nada, considerando que o comentário adicional dela fora uma forma de abrandar as coisas.

— Mas eu só tinha de... — Sua voz falhou, fazendo-a soar tanto triste quanto desesperada, e eu fui surpreendida por certo sentimento de piedade. Em um instante, ela não era mais uma rival, mas apenas uma mulher que tinha perdido o marido, talvez o único homem que amou. Talvez ainda o amasse. Talvez o motivo da ligação fosse esse. Uma tentativa de tê-lo de volta. E ela poderia muito bem estar me manipulando.

— Você está bem? — questionei, meio desorientada.

— Sim. Obrigada, Shea, estou bem... — Escutei Blakeslee respirar fundo algumas vezes, e, quando voltou a falar, tive a impressão de que ela estava lendo algum script. — Como você sabe, o Ryan e eu nos divorciamos há um ano. Foi muito complicado e muito, muito triste. Eu o amava muito... e nós dois queríamos que as coisas tivessem se ajeitado. Mas não se ajeitaram. Não deu.

— Sinto muito — falei, aguardando que ela prosseguisse.

— Obrigada. Bom, então... Sei que ele começou a sair com você no verão. E, mais uma vez, sei que o seu relacionamento não é da minha conta... mas... Deus... é muito difícil dizer isso... Eu realmente me sinto péssima em ter de te

contar isso.

— Pode me contar — pedi, tendo a certeza de que ela estava prestes a me confessar que ele havia me traído com ela.

Em vez disso, ela contou:

— O que eu quero dizer é que o Ryan tem um temperamento muito difícil. Muito, muito difícil.

— Certo — respondi, com o máximo de calma que encontrei, tentando encaixar as peças mentalmente.

— Nosso divórcio é assunto confidencial, por privacidade. E não quero espalhar boatos a respeito dele, ainda mais porque sei que você trabalha num jornal agora. Eu detestaria que isso vazasse e prejudicasse a carreira e a reputação dele. Ou até mesmo o que ele faria com você. Mas é que eu preciso te contar.

Balancei a cabeça, agora no modo cem por cento repórter.

— Espere. Vamos voltar um pouco — sugeri, falando devagar. — Quando você fala em temperamento, o que quer dizer exatamente?

— Na maior parte do tempo ele é um cara excelente. Muito meigo e... maravilhoso — visivelmente se esquivando da questão. — Mas... ele tem um temperamento...

Esperei.

Então, ela continuou:

— Ele herdou do pai. Não que isso seja desculpa, mas você já conheceu o pai dele?

— Não, ainda não — respondi, pensando nos planos do Dia de Ação de Graças.

— Quando o conhecer, observe a maneira como o Sr. James conversa com a mãe do Ryan. Na verdade, com todas as mulheres. Ele é um misógino clássico e um pai horrível. Ele faz uma pressão terrível em cima do Ryan quando o assunto é futebol americano. Se o Ryan fizesse um mau jogo, ele o repreendia com todas as forças. Jogava as chuteiras dele na caçamba atrás da escola. Fazia o Ryan ir a pé para casa, debaixo de um calor de 38 graus. E isso era o de menos. Já perguntou sobre a cicatriz que ele tem na testa?

Eu sabia exatamente a qual cicatriz Blakeslee se referia.

— A que ele ganhou numa noite depois do campeonato estadual do ensino médio. No último ano do colégio. — comentei, mostrando a ela o quanto eu sabia sobre ele e o quanto estávamos próximos.

— Ah, sim, ele ganhou essa cicatriz naquela noite. Porque eles perderam o jogo e o pai pensou que a culpa tinha sido do *quarterback* — explicou.

— Droga — murmurei bem baixinho, certa de que ela estava dizendo a verdade pelo menos sobre parte dessa história.

— Então... não é *só* culpa dele o fato de ser assim, do jeito que é... — concluiu.

— Assim como? De que jeito? — questionei, desejando que ela fosse mais clara.

Blakeslee ficou tão quieta que pensei que ela tivesse desligado. Mas, quando a chamei, ela explicou:

— Quando ele fica irritado, pode agir de um jeito muito rude. Violento. E assustador.

Rude, violento e assustador. As palavras pairaram sobre minha cabeça enquanto eu lembrava a mim mesma que Ryan era inocente até que se provasse o contrário. Agarrei-me à esperança de que ela não estava dizendo o que eu estava pensando, mas não havia muitas opções de interpretação para aquela sequência de adjetivos.

Depois de uma pausa longa, ela perguntou:

— Ele já te empurrou alguma vez? Te agarrou com força?

— Não. Nunca — respondi de imediato.

— Bom, talvez ele *tenha* mudado. Se você acha que pessoas assim possam mudar. Mas acho que não consigo acreditar nesse tipo de mudança... — disse ela calmamente.

Esperei, e em seguida ela lançou outra pergunta capciosa:

— Alguma vez ele já te pediu para trocar de roupa? Ou ficou nervoso por você usar uma calça justa ou um vestido muito curto, blusa decotada?

— Não — respondi, sentindo certo conforto pela pergunta, alertando a mim mesma de que Blakeslee estava só criando drama. Tentando jogar lenha na fogueira. Estávamos mesmo discutindo sobre roupas e decotes?

Mas, bem enquanto eu concluía que ela era louca, Blakeslee fez mais uma

pergunta:

— Bom, alguma vez ele já ficou perturbado, louco de ciúmes por algum motivo?

Pensei em Miller, mas não respondi.

— Ficou, não ficou? — insistiu ela, com a voz bem calma.

— Não exatamente. Assim, ele já demonstrou ciúmes. Mas não um ciúme *doentio*. Nada desse tipo.

— Bem, tome cuidado, Shea. Porque foi assim que começou. Sabe, por muito tempo eu pensei que o problema fosse eu, porque eu também não era perfeita. Eu sentia muito ciúmes de todas as garotas que ficavam atrás dele. No começo, às vezes, eu tentava fazer com que ele sentisse ciúmes também. Dizia a mim mesma que a culpa de ter começado tudo isso era minha. E que, se eu tentasse ser mais segura... ou mais tolerante... ou simplesmente a esposa perfeita, poderia evitar que ele ficasse irritado. Mas as coisas não funcionaram assim. E agora eu sei que não foi minha culpa. E que também não foi culpa do pai dele. Não foi culpa de ninguém, a não ser do próprio Ryan. E eu não consigo acreditar que fui a única com quem ele fez isso...

Fez o quê? Foi o que eu senti vontade de perguntar. Mas não o fiz porque a pergunta soaria pessoal demais, e a resposta seria muito óbvia. Então, falei:

— Bom, obrigada por ligar e me contar.

— Por nada.

Silêncio.

Dessa vez ela foi mais esperta que eu, e, enquanto eu murmurava: — Eu... Acho que não sei o que dizer... — ela interveio:

— Não precisa dizer nada. E, por favor, acredite em mim, não estou tentando estragar o seu namoro. Só estou querendo ajudar você *e* ele.

— Tudo bem — falei, desesperada para desligar o telefone.

— Posso te pedir um favor? — perguntou ela.

— Tudo bem — afirmei de novo.

— Por favor, não conte a ele que te liguei.

— Não vou contar — prometi, mesmo que eu não lhe devesse lealdade, ainda mais com Ryan no meio. Ainda assim, tive a sensação de que eu guardaria segredo e não tive um bom pressentimento sobre o que aquilo significava.

— Eu só quero levar a minha vida adiante. Mas eu tinha que te contar. Eu queria que a ex-namorada dele tivesse me contado sobre isso. Entende?

Respondi que sim, visualizando Tish Termini, a primeira namorada séria de Ryan na faculdade, uma italiana de estatura baixa que era tão bonita quanto Blakeslee, porém um pouco mais vulgar. Lembrei-me bem dela, exibindo seu corpo escultural e bronzeado pelo *campus*, usando sutiã colorido debaixo de suas regatinhas brancas, shortinhos bem curtos e botas de caubói. Todos sabiam que os dois tinham uma relação turbulenta de idas e vindas, mas nunca ouvi uma palavra sequer sobre ele ter *batido* nela. Coloquei isso na coluna das evidências, sugerindo que Blakeslee deveria estar mentindo ou exagerando e percebendo que, não importava qual fosse a escolha, eu me sentiria culpada; fosse por denegrir a imagem de Ryan sem lhe dar a chance de se defender ou por pensar que uma mulher poderia mentir sobre algo tão sério.

— Bom, mais uma vez, obrigada por ter ligado, Blakeslee.

— De nada — falou ela. E depois: — Sinto muito.

Falei "tchau" e desliguei, pensando em suas últimas palavras: *Sinto muito*. Havia algo nela que era comovente e ao mesmo tempo revelador. Ela *realmente* sentia muito, embora eu não tivesse certeza se era por mim, por ela ou por Ryan.

* * *

Naquela tarde, fui até a butique de Lucy atualizá-la sobre os fatos. Não editei nada e relatei apenas os fatos da conversa. O que Ryan disse. O que Blakeslee disse. O que eu disse.

A primeira pergunta que ela fez foi direto ao ponto:

— E você acredita nela?

— Não sei. Acho que não. Mas fiquei intrigada. Ele demonstrou muito ciúmes do Miller.

— Muitas pessoas são ciumentas. Especialmente no começo da relação, quando se sentem mais inseguras. Neil era *muito* ciumento. Hoje olhamos para trás e damos risada disso. Era ridículo...

— Eu sei. Mas aquilo foi diferente — expliquei, me lembrando do olhar de Ryan quando ele me fez prometer não sair com ninguém mais além dele.

— Tem certeza que não está falando isso agora só porque ouviu todas essas coisas da Blakeslee? — questionou Lucy.

— Talvez.

— Você precisa lembrar que provavelmente ele já se magoou antes. As mulheres vivem usando o Ryan. Gostam dele por outros motivos. O fato de ele ser famoso e lindo não significa que nunca tenha se machucado.

— Verdade.

— Então, se é verdade, será que está certo julgá-lo por ser possessivo? Ou um pouco inseguro? Talvez você devesse encarar isso como um elogio, uma demonstração de que ele se importa com você.

Meneei a cabeça, compreendendo definitivamente o ponto de vista dela.

— Além disso, pode ter sido uma bela tentativa de Blakeslee estragar as coisas — pontuou Lucy. — Será que você não tem de conceder a ele o benefício da dúvida?

— E supor que ela está mentindo? Supor que a mulher foi capaz de inventar uma mentira sobre violência doméstica? É um terreno bem perigoso, Lucy — destaquei.

— Ora, não é nisso que as leis se baseiam? Inocente até que se prove o contrário? Não é isso? — questionou ela, enfatizando todas as observações do meu monólogo interno.

Dei de ombros e fiquei encarando a janela que dava para a rua Main, um quarteirão que eu conhecia de cor, loja por loja, tijolo por tijolo.

— E, que tal você fazer o seguinte... — sugeriu ela, falando devagar, com aquele tom de “eu me encarrego de resolver isso”. — Que tal dar uma chance para ele? E, ao menor sinal, um empurrãozinho sequer ou o mínimo indício de mau humor você termina com ele.

— Ok — respondi, pensando em como definir o *mínimo indício*.

— Posso conversar com o Neil a respeito disso? — perguntou ela. Era uma pergunta que ela sempre me fazia e que eu apreciava, mas, àquela altura, já não era mais necessário. Eu sempre respondia que sim, já que via Neil como uma extensão de Lucy em quase todos os sentidos.

— Claro.

— E talvez você deva conversar com o meu pai. Pode ser que ele tenha alguma impressão sobre o Ryan — aconselhou Lucy.

— É... Acho que não — respondi. — Eu estava louca para encontrar uma

desculpa para conversar com o treinador, mas não seria Ryan. E com certeza não a respeito disso. Eu não sabia ao certo por quê; se tinha mais a ver com a forma injusta de lançar possíveis calúnias contra um dos seus ex-jogadores ou se eu simplesmente não queria que o treinador soubesse detalhes do nosso relacionamento. — Não quero ficar espalhando isso por aí... E se não for verdade?

— Sim... E estou certa de que há uma grande chance de isso não ser verdade.

— Eu também — falei, pensando que a forma de enxergarmos o mundo é pura questão de interpretação. É muito mais querer, desejar e esperar do que acreditar bem lá no fundo.

Vinte e quatro

Resolvi não me preocupar com Ryan por enquanto e concentrar todo o meu desejo e esperança no resto da nossa temporada. Depois de vencermos a FSU em Tallahassee, estávamos próximos de conquistar a terra prometida, já que tínhamos à frente apenas o Stanford e o Texas. Alguns dias depois, estávamos a meio caminho disso, vencendo o Cardinal por 44 a 41.

— Ótima vitória — falei para o treinador do lado de fora do nosso vestiário. Eu estava indo para a sala de imprensa, mas parei ali de propósito, esperando encontrá-lo.

— Gostou? — ele perguntou, inclinado os ombros para se aproximar um pouco mais de mim e me oferecer algumas palavrinhas que eu deixaria na barra lateral da minha matéria. O favoritismo era óbvio para qualquer um que prestasse a menor atenção, mas ninguém estava dando muita importância. Pela minha visão periférica, pude ver um redator muito conhecido da *Sports Illustrated* vindo em nossa direção, então mantive uma expressão imparcial, assentindo sempre, rabiscando meu bloco de anotações como se estivesse anotando o que o treinador falava.

— Me ligue mais tarde — pediu ele.

— O quê?

— Isso que você ouviu.

Meu coração saltou pela boca.

— Hoje à noite? Foi isso que quis dizer?

— Sim. Hoje à noite.

Eu já estava sentindo calor por causa das luzes, da multidão e de ter vindo correndo para chegar até ali, mas senti que o meu corpo esquentou ainda mais quando concordei com a cabeça, prometendo ao treinador que ligaria.

Três horas mais tarde, depois da coletiva de imprensa, e depois de ter escrito e

entregado a minha matéria, liguei para o treinador. Ele não atendeu, e o peso da decepção foi como um grande contrapeso da troca que aconteceu mais cedo. Para me distrair, liguei para Ryan, que tinha acabado de chegar ao quarto do hotel em Washington. Eu o vi apenas duas vezes depois de ter conversado com Blakeslee, e em ambas as noites tudo correu de maneira muito agradável e sem problemas, então tanto Lucy quanto eu começamos a acreditar que Blakeslee tinha no mínimo exagerado em relação ao comportamento dele.

Decidi que não contaria a ele sobre nossa conversa, chegando a várias conclusões racionais, e uma delas foi que eu sabia que ele precisava se manter concentrado, compenetrado durante essa etapa da temporada. Com isso em mente, perguntei sobre o jogo contra o Redskins, que aconteceria no dia seguinte, e como ele estava se sentindo, se estava preparado. Ryan respondeu que o seu joelho estava bem melhor, apenas um pouco distendido, e depois me perguntou se eu tinha terminado a matéria. Ele sabia que tínhamos ganhado, mas não tinha acompanhado nenhum jogo, então o deixei a par dos principais acontecimentos. Em seguida, Ryan disse que estava com saudade e eu respondi que estava sentindo o mesmo. Nós ainda não tínhamos dito “eu te amo” um para o outro, mas eu sentia que o momento estava chegando. De maneira geral, eu estava preparada.

Depois que desligamos, fiquei assistindo à ESPN por mais ou menos uma hora antes de o meu estômago começar a roncar, e foi aí que me lembrei de que não tinha jantado. Minha geladeira estava praticamente vazia, como era de esperar, então peguei o carro e fui procurar comida — quanto mais fast-food e gordurosa, melhor. No caminho, meu pensamento se voltou para o treinador. Fiquei aborrecida porque ele não atendeu minha ligação nem me ligou de volta, mas o que mais me incomodava era o fato de eu me importar tanto com isso. Então, bem no momento em que eu estava entrando no drive-thru do Taco Bell, o nome dele apareceu na tela do meu celular. Meu coração disparou, então saí da fila de carros e estacionei numa vaga. Eu simplesmente não conseguia fazer duas coisas ao mesmo tempo se o treinador Carr estivesse envolvido em pelo menos uma delas.

— Desculpe por não ter atendido a sua ligação. Acho que eu estava no banho — explicou ele.

A informação me pareceu íntima, e tudo o que consegui dizer foi:

— Ah.

— Entregou a matéria? — perguntou ele.

— Sim... E você, a quantas gravações de jogos entre Texas e Nebraska assistiu desde que chegou em casa? — investiguei. Esse jogo tinha acontecido no mesmo horário que o nosso, o placar tinha sido o mesmo e o Texas saiu vencedor.

— Como sabe?

— Foi só um palpite feliz — comentei, sentindo o peito subir e descer de tanto entusiasmo. — Onde você está agora?

— Na varanda dos fundos.

— Comendo bolo de chocolate? — perguntei, pensando na nossa noite na pista de corrida e no quanto ele parecia mais feliz agora. O placar final foi quase um empate, mas tínhamos jogado *muito* melhor. Provavelmente essa foi a nossa melhor partida do ano todo.

Ele riu e disse:

— Isso foi antes. No jantar... Onde você está?

— No Taco Bell.

— Hum, parece bom — disse ele.

— Quer alguma coisa daqui? — deixei a pergunta escapar antes que pudesse pensar melhor e me impedir de soar tão ousada.

Antes que eu tivesse tempo de me arrepender, ele respondeu:

— Eu adoraria dois de carne. E um pouco daquela coisa de canela.

— Tudo bem — falei, encarando a farmácia que ficava do lado oposto ao restaurante. Houve um momento de silêncio enquanto eu considerava os problemas de logística. — Devo levar até aí para você? — perguntei, enfim.

— Claro. A menos que você ache má ideia... — Percebi certa hesitação em sua voz também, como se ele tivesse se dado conta de que uma entrega de comida àquela hora da noite não era nada convencional, para não dizer inadequada. — Digo... isso pode te trazer problemas com Smiley?

— Levar tacos para você? — Ri, com certo nervosismo. — Acho que não. Além disso, ninguém saberia. Já é bem tarde. — Balancei a cabeça, me arrependendo do comentário logo que o deixei escapar. Conspirativo demais, suspeito.

Então, o treinador me perguntou se eu tinha visto Lucy naquela noite, e percebi que o pensamento dele estava acompanhando o meu, ou seja, estávamos pensando exatamente o mesmo.

— Sim — respondi.

— E o que ela estava fazendo?

— Estava indo dormir quando nos despedimos.

Houve uma pausa longa, depois o treinador disse:

— Bem, só para garantir a nossa segurança... por que não guarda o seu carro na garagem?

— Certo. Estou indo para aí — respondi rapidamente.

Vinte e cinco

A casa estava completamente escura quando cheguei, mas, ao parar na entrada de carros, percebi que a porta da garagem estava aberta, e o treinador estava lá dentro, de pé, a luz do farol do meu carro o iluminando. Ele estava com um conjunto do Walker, um boné de beisebol azul-turquesa e os pés estranhamente descalços. A entrada da garagem era uma curva de noventa graus, e, onde havia duas vagas para carros, parecia mais uma vaga única em meio a um monte de pás, rastelos, cortadores de grama e bicicletas velhas enfileiradas no canto. Estercei o volante o máximo que pude e avancei enquanto o treinador gesticulava para eu continuar, até que ele finalmente ergueu a palma da mão, me pedindo para parar, e fez sinal de positivo. Ocorreu-me que, nas centenas de vezes em que eu tinha ido de carro para a casa dos Carr, nunca tinha estacionado na garagem deles. Fiz essa observação mental em meio ao nervosismo depois que o treinador deu a volta, veio até a minha porta e a abriu.

— É, essa curvinha não é fácil — observou ele.

— Nada fácil — retruquei, me lembrando de que Lucy não teve permissão para ir a nenhum lugar além da garagem assim que tirou a carteira de motorista. Também me lembrei de que Connie tinha batido o carro uma ou duas vezes, mas é claro que eu não falaria disso agora. Peguei a sacola de comida no assento do passageiro e saí do carro. Nós ainda não tínhamos nos olhado até então.

— Por falar em dirigir, você precisa mandar consertar isso — ele disse, apontando para a parte amassada do meu para-choque. Olhei para ele e desviei o olhar rapidamente, com uma expressão séria, e eu diria que o treinador também estava nervoso. Talvez até mais nervoso do que eu. Esperei que ele não tivesse se arrependido do convite e dei ordem a mim mesma para não agir de um jeito estranho. Se eu conseguisse, de alguma forma, manter as coisas de modo natural, talvez pudéssemos transformar esse tempo que passávamos juntos num hábito.

— Eu sei — falei, com a voz voltando a ficar mais fraca. Constrangida, pigarreei e repeti as palavras, dessa vez com a voz mais firme.

— Leve lá no meu mecânico — ele disse, inclinando-se para passar a mão direita sobre o metal. Ele deu dois tapinhas no para-choque antes de ficar de pé e dar dois passos em direção à minha porta. — Essa coisa vai começar a enferrujar logo, logo, se você não levar...

— Quem é o seu mecânico? — perguntei, embora já soubesse que ele levava o carro ao Lloyd, na Performance Auto. Assim como sabia quem era o seu dentista, a lavanderia para onde ele levava as roupas e a farmácia onde ele comprava remédios.

— Lloyd Fortão — respondeu.

— Lloyd Doidão?

— É, com certeza estão faltando alguns parafusos na cabeça do velho Lloyd — ele admitiu, com uma risada. — Mas ele é o melhor de todos em se tratando de carros. E de armas também.

— Ele conhece futebol americano? — perguntei. Posso dizer que tanto eu quanto ele estávamos protelando, nenhum de nós com pressa de entrar.

— Não. Só gosta de stock car. Mas gosta muito de mim e finge que gosta do Walker. Diga que fui eu que te mandei lá. Ele vai te oferecer tratamento especial.

— Tenho certeza que sim.

O treinador passou por mim e fechou a porta do carro, roçando o seu braço no meu.

— Muito bem, menina. Vamos entrar — ele disse, se encaminhando para dentro da casa. Eu o segui e parei quando ele apertou o botão para fechar o portão da garagem, depois o acompanhei. Passamos pela lavanderia, onde no rádio portátil estava tocando *You don't bring me flowers*. O rádio tinha pelo menos a mesma idade que Lucy e eu, e agora havia até uma fita isolante enrolada nele, o item de construção favorito do treinador. Sempre havia um rolo dessa fita no escritório ou no carro dele, assim como uma variedade de elásticos de todos os tamanhos e cores, uma prova material do seu jeito prático de ser.

— Barbra Streisand? — provoquei.

— E Neil Diamond. Não se esqueça do Neil — apontou.

— Está ficando sensível, treinador?

Ele riu.

— Sensível? É isso que você chama de derrotar o Stanford?

— Bem lembrado — falei, quando ele se enfiou na lavanderia para mudar a estação de rádio. Uma pilha de camisetas e cuecas estava amontoada sobre a secadora, junto a um único par de meias. Olhar para aquelas roupas, especialmente aquelas meias, me trouxe um súbito e intenso sentimento de tristeza. Eu detestava a ideia de imaginá-lo cuidando das próprias roupas, sendo tão sozinho.

Eu o segui até a despensa e depois até a cozinha, observando detalhes que normalmente passariam despercebidos por mim. Os rodapés altos, o brilho suave das paredes cinza-acastanhadas, o cheiro característico da casa — de móveis antigos, limpeza, vinagre branco e madeira. Percebi que o treinador estava acompanhando o meu olhar, interpretando mal os meus pensamentos.

— Eu sei. Está uma bagunça. A Lorna não vem nos fins de semana.

— Não está tão ruim — opinei, embora estivesse tudo bastante bagunçado. Louça, pilhas e mais pilhas de cartas e uma caixa de cereal aberta sobre o balcão.

— Eu estava arrumando as coisas quando você chegou — ele explicou, fechando a caixa de cereal e limpando algumas migalhas com a mão em forma de concha. Depois, jogou-as na pia enquanto eu tirei a comida da sacola, desembalando os nossos tacos para saber quais eram os de carne, que ele havia pedido, e quais eram os meus, de frango.

— Precisa de pratos? — ele perguntou.

Dei de ombros e disse que não seria necessário, depois pensei no quanto Connie era refinada, e mudei a resposta.

— Bom, na verdade, acho que os pratos são uma boa ideia — corrigi e estiquei o braço para pegar dois de dentro do armário, pensando que nenhuma outra mulher saberia onde tudo ficava na casa dele exceto Lorna e Lucy, mas essas não contam. Arrumei os tacos no prato da maneira mais artística que pude e separei as rosquinhas de canela para mais tarde. Depois, peguei dois guardanapos dentro de uma gaveta próxima à dos talheres. — Não comprei nada para beber. Imaginei que você tivesse algo aqui.

O treinador assentiu, depois tirou duas canecas congeladas do congelador e uma garrafa de cerveja salsaparrilha da geladeira.

— Prefere tomar cerveja de verdade? — questionou ele.

Sorri e falei:

— Essa está perfeita — respondi.

— Vai uma colher de sorvete de baunilha?

Dei risada, balancei a cabeça e falei:

— Com tacos? Não, obrigada.

— Sorvete de baunilha vai bem com tudo — ele comentou, colocando a cerveja nas canecas. — Mas, comparado a bolo de chocolate e a rosquinha de canela, eu passo sem também.

Nós dois sorrimos enquanto ele levou as canecas para a sala de estar, depois colocou uma delas sobre a mesa de café, a outra sobre o braço da poltrona e se sentou. Levei os pratos, entreguei o dele e me sentei no sofá em posição diagonal a ele.

— Foi uma vitória gratificante — comentei.

Ele abriu o sachê de molho de pimenta, colocou um pouco sobre um taco e disse:

— É... Aqueles garotos fizeram um bom trabalho hoje. Executaram o plano tático muito bem, quase que perfeitamente. Agora só...

— Agora só precisamos vencer o Texas — concluí a fala dele.

O treinador balançou a cabeça, concordando, enquanto tirou a tevê do canal da ABC, em que estava passando um jogo entre Geórgia e LSU, e foi para a ESPN, que transmitia uma partida entre Cal e Oregon. Depois ele voltou para o ABC, o jogo mais complicado entre os dois.

Conversamos sobre esses dois jogos e sobre outros placares do dia, e passamos uns dez minutos falando apenas sobre o Texas. Eu havia lido somente as manchetes, mas o treinador me contou os detalhes sobre o equilíbrio entre o ataque ofensivo e a defesa contundente.

— Vai ser difícil vencê-los — resumiu com um suspiro profundo.

— Vamos conseguir — declarei, perguntando-me se Smiley me demitiria se estivesse me vendo ou ouvindo agora. Por outro lado, desde que me contratou, ele sabia que o treinador e eu erámos muito próximos. Ele deveria saber que eu não teria como simplesmente desligar um botãozinho e me tornar uma pessoa imparcial e distante dos meus antigos amigos. Contanto que eu escrevesse minhas matérias com imparcialidade e que mantivesse a neutralidade em público, qual seria o problema? Ocorreu-me que talvez fosse Ryan quem veria problemas nesse meu encontro com o treinador, mas rapidamente esse pensamento passou. Com Miller era uma coisa, mas não havia a menor

possibilidade de Ryan sentir ciúmes do seu treinador da faculdade. Ele amava o cara quase tanto quanto eu.

Alguns minutos depois, o treinador me perguntou se eu tinha ouvido mais alguma coisa sobre a investigação.

— Não. Só as fofocas e boatos de sempre... especulações. Parece que J.J. e Galli estão bem esperançosos de que o caso seja encerrado por falta de provas.

— Isso seria bom — comentou o treinador.

— Você não acha que isso foi alguma armação dos fãs de algum time adversário?

— Acho — respondeu o treinador no mesmo instante.

Olhei para ele, pensando na teoria alternativa, e falei:

— Ryan pensa que todos os vencedores, em algum momento, trapaceiam, jogam sujo.

— Isso é ridículo.

— Foi o que eu disse a ele.

— Ele joga sujo?

Sorri.

— Foi o que eu perguntei para ele.

— E?

— Ele disse que não precisa.

O treinador revirou os olhos, mudou de canal, depois voltou para o mesmo.

Hesitei, me sentindo meio desconfortável. Mas continuei:

— Ryan disse que alguém deu de presente aquela Escalade que o Cedric Washington exibia na faculdade. Ele deu a entender que teria sido um suborno... E que foi assim que o Cedric conseguiu entrar no Walker...

— *Alguém*, hã? Quer dizer alguém como o pai de Ryan, por exemplo? — insinuou.

— Está falando sério? — questionei, sentindo os meus olhos se arregalarem.

O treinador fez que sim com a cabeça.

— Bem, é o que dizem por aí. Ele queria que o filho tivesse um *receiver* de alto nível para quem passar a bola.

— Então... Você *sabia* disso? — gaguejei, me sentindo ligeiramente chateada ao ouvi-lo discorrer sobre o assunto com tamanha naturalidade. Talvez Ryan estivesse certo. Talvez eu tenha sido ingênua.

— Eu sabia que era um boato. Como eu disse, não tenho certeza... Não faço a menor ideia de onde Ced tirou aquele carro. Só sei que ele não conseguiria comprar uma Escalade com o dinheiro que ganhava como entregador de jornal em Third Ward — observou o treinador, enquanto eu me lembrava de Cedric se referindo carinhosamente a seu bairro em Houston como "os Trey". Ao parar para pensar nisso, Cedric me lembrava Reggie, com uma personalidade extrovertida e um jeito afável de fazer a ponte entre os filhos das famílias privilegiadas de Walker e os atletas mais braçais. Todos torciam por ele — fizeram até uma reunião improvisada na quadra, antes de um jogo, na primavera do nosso primeiro ano, quando o Falcons o selecionou na sétima posição. Ele vinha se saindo bem pela NFL desde então, continuava jogando no Atlanta, estava casado e com três ou quatro filhos... — e talvez uma frota de Escalades.

— Alguma vez você perguntou para Cedric sobre o carro? — pressionei. — Ou para o Sr. James?

O treinador pareceu meio na defensiva ao responder:

— Questionei o Ryan sobre isso. E o pai dele também. Ambos negaram. Questionei o próprio Cedric...

— E o que ele disse?

— Disse que ganhou o carro do tio. E que o veículo também estava no nome do tio, que estava pagando as parcelas.

— E você acreditou nele? — perguntei.

— E eu deveria chamar um dos meus meninos de mentiroso? — ele questionou, repousando o prato. — O que eu poderia fazer? Confiscar o carro? Rastrear o proprietário? Colocar um detector de mentiras no tio dele? E, o mais importante, Cedric era um bom garoto. Se empenhava muito tanto no campo quanto na sala de aula. E, quer saber? — Antes que eu pudesse responder, ele acrescentou: — Fico *feliz* em ver que Ced tinha um carro bom... Ele mereceu, seja lá de quem aquela maldita coisa tenha vindo. Bom para ele.

Digeri isso, me perguntando se eu tinha soado como puritana ou julgadora.

— Você está certo. Eu não quis... — Minha voz sumiu enquanto eu procurava pelo verbo certo. Comecei a dizer "acusar", mas mudei para "sugerir".

O treinador meneou a cabeça, mas manteve os olhos grudados na televisão.

— Desculpe, treinador — falei, embora não soubesse ao certo pelo que eu estava me desculpando.

Quando ele finalmente olhou para mim, sua expressão estava branda.

— Tudo bem. Não estou bravo com você, menina... Só estou aborrecido e decepcionado com toda essa história. O negócio é o seguinte: De certo modo, Ryan está certo. Sempre haverá algo suspeito. Jogo sujo. Trapaça. Ou seja lá como você prefira chamar.

Fiquei encarando-o, tentando manter a mente aberta, embora odiasse o rumo que a conversa estava tomando.

— Na minha época de escola, tinha um cara velho que se chamava Fred Tripp, e ele costumava nos cumprimentar com um toque de mão e ao mesmo tempo nos entregava um envelope com cinco, sempre que fazíamos um bom jogo. Nós o chamávamos de "Sr. Toca Aqui", aí contávamos para os novatos: "Ei, você jogou muito bem. Prepare-se para o aperto de mão!".

— Cinco o quê? Dólares? — questionei, chocada diante do que ele estava me contando.

— Sim. Cinco *dólares*. — Nós dois demos risada. — É... Era assim que os novatos ficavam quando chegavam em casa, viam o que tinha dentro do envelope, e todos nós ríamos à custa deles.

Sorri.

— Mas, veja, essa é a questão. Esqueça o valor. Alguns de nós aceitávamos o envelope. Outros não. — Assenti, com medo de perguntar em qual dos grupos ele se encaixava. — Independentemente do valor, aqueles cinco dólares eram contra as regras da NCAA, e todo garoto que aceitava o "aperto de mão" do Sr. Tripp cometia uma infração. Sendo assim, Rhodes quebrou as regras? Não sei. Você pode perguntar para ele, mas ele vai responder que não. Exatamente como Cedric me respondeu que não. Consegue entender o que estou querendo dizer?

Fiz que sim com a cabeça, mas sua resposta não me agradou muito e me pareceu apenas uma variação do que Ryan havia dito na casa dele.

Nós dois voltamos a nos concentrar na tevê, no exato momento em que o Geórgia lançou um *field goal* longo, acertando por um triz. O treinador bateu palmas uma vez, embora eu soubesse que ele não estava verdadeiramente interessado no jogo e que só estava feliz pelo *kicker*. Feliz por uma boa jogada. Talvez um pouquinho mais feliz por aquele time tão inferior, embora não estivéssemos nas melhores posições do ranking havia muito tempo. Ficamos

mastigando por alguns segundos, observando a comemoração do Geórgia.

O treinador mudou de canal de novo, voltando para o outro jogo, enquanto eu começava a mastigar o meu lábio inferior, um tique nervoso meu, e perguntei:

— O que acha dos pais de Ryan?

— A mãe dele é legal, mas mansa demais. E, quanto a Sherwood... — O treinador balançou a cabeça. — É um filho da puta metido a besta. Aquele tipo que pergunta: "sabe com quem está falando?". Ryan se saiu um rapaz muito bom, apesar do pai...

Balancei a cabeça, tentando analisar a escolha de suas palavras. *Muito bom* não era exatamente um elogio copioso, mas poderia se tratar apenas do jeito discreto que o treinador tinha de falar.

— Mas me conte. Como vão as coisas com Ryan? — ele perguntou, do mesmo modo que tinha feito na pista de corrida, como se num período de poucas semanas muita coisa pudesse ter mudado.

— Bem — respondi, dando de ombros.

— Está ficando sério?

— Não — neguei de modo tão automático que me surpreendeu, e me perguntei se eu havia dito a verdade. Por outro lado, se eu estava negando minha relação com tão pouco esforço, isso não significava, por definição, que Ryan e eu não estávamos namorando sério? Minha cabeça começou a doer de repente enquanto passei a bola para ele. — E você?

— O que tem eu? — O treinador terminou de comer o último taco, dobrou o guardanapo duas vezes e o colocou sobre seu prato.

Minhas mãos suavam quando perguntei, da maneira mais despretensiosa possível:

— Você acha que pode namorar alguém, em breve? Ou não está.... preparado?

— Pode ser que eu esteja... um pouco... preparado — respondeu ele, olhando bem fundo nos meus olhos, enquanto meu coração começou a disparar. — Mas só para a mulher certa.

— Claro — sussurrei.

— Alguém que vá sempre respeitar o que eu tive com Connie. Que respeite sempre o meu passado.

— Certo — falei, concordando com a cabeça.

— Melhor ainda se essa mulher tiver *conhecido* Connie — acrescentou ele, aproximando-se de mim, com a voz mais baixa. — Ela tem que ser inteligente. Forte. Sensata.

— Claro — concordei de novo, me perguntando se eu era uma pessoa sensata. Àquela altura, já não tinha mais certeza.

— E essa mulher precisa definitivamente entender essa questão de treinador, entender de futebol americano. Ela tem que amar futebol americano. Obrigatoriamente.

— Certo — afirmei, hipnotizada pelas suas palavras, pelos seus olhos e pelo som da sua voz. — E fisicamente? Alguma preferência?

— Não necessariamente. Mas gosto de cabelos castanhos. Castanho-avermelhado está ótimo. É assim mesmo que chamam? Castanho-avermelhado? — Ele olhou bem para o meu cabelo no momento em que minha visão ficou embaçada. — Mas o cabelo é só um bônus. Uma conversão de dois pontos, se preferir usar um termo do futebol americano.

Tentei falar, mas não consegui.

Ele continuou me encarando e lançou a pergunta:

— Conhece alguém que se encaixa nesse perfil?

Consegui sussurrar:

— Talvez eu.

— Ah, é? — ele interrogou, do jeito mais charmoso que um homem poderia ter feito, mas na dose certa, sem exagero. — *Talvez*?

— Talvez.

— Bem, então me avise, porque, para ficar com uma mulher que não seja assim... como essa que descrevi... prefiro ficar sozinho. Sentado aqui, comigo mesmo, assistindo futebol americano na tevê.

Ele sorriu para mim, de um jeito discreto e vagaroso, e olhou ainda mais fundo nos meus olhos. Tão profundamente que de repente eu soube. Tive quase certeza. Retribuí o olhar, e fiquei paralisada, com medo, entusiasmada e em estado de choque. Nunca, jamais eu imaginaria que isso aconteceria.

— Shea?

— Sim? — respondi, respirando por fim, me perguntando se eu tinha escutado errado. Se aquilo tinha sido apenas uma ilusão.

— Você está bem?

Fiz que sim com a cabeça, respirei fundo e falei:

— Então, o que acha que Lucy e Lawton diriam? Se... você encontrasse essa mulher?

Esperando pela resposta, afastei Ryan do pensamento, dizendo para mim mesma que eu não tinha feito nada de errado. Era uma conversa teórica. Só isso.

— Lawton aceitaria sem problemas, acho... Mas, Lucy... Não sei. Pode ser que haja algum problema. Por outro lado, ela quer me ver feliz.

— Claro que quer. Você acha que... consegue? Ser feliz de novo?

— Acho que sim. Espero que sim.

— Também espero que sim, treinador — admiti, me perguntando se havia a possibilidade de desmaiar de tanta atração.

Ao fundo, pude ouvir que alguém tinha marcado ponto, mas nenhum de nós olhou para a televisão.

— Sabe de uma coisa, Shea?

Raramente ele me chamava pelo nome, o que me pegou desprevenida.

— O quê, treinador?

— Já estou feliz. Aqui. Neste exato momento.

Sorri e falei:

— Sabe de uma coisa?

— O quê?

— Eu também.

— Ótimo, então — disse ele, depois nós dois voltamos a assistir ao jogo.

O resto da noite foi sobre futebol americano. Tanto ele quanto eu fingimos que não havíamos tido aquela conversa na qual ele me disse, meio que indiretamente, que eu não era a única que se sentia atraída.

Vinte e seis

Nas duas primeiras vezes em que eu disse que deveria ir embora, ele protestou, mas, quando já era mais de meia-noite e eu o peguei abafando um bocejo, levantei-me e disse que agora era mesmo hora de ir. Ele me levou até o portão da garagem e me deu um abraço, depois um beijo. Foi um beijo na bochecha, nada demais, mas ainda assim muito significativo, já que era o primeiro que ele me dava desde que eu tinha dez anos. Saí de lá tão atordoada que não percebi que tinha deixado a bolsa na cozinha até a manhã seguinte. Esperei até as nove, para o caso de ele ainda estar dormindo, e disquei o único número no mundo, além do meu, que eu sabia de cor.

— Sim, você deixou a sua capanga aqui — avisou ele antes que desse tempo de eu perguntar.

— Capanga? — perguntei, zombando da sua terminologia ultrapassada.

— Sim. Teve sorte de não ter sido parada pela polícia. Como ia explicar que estava sem a carteira?

— Fácil. Eu diria que estava com você... Diria o seu nome. Isso sempre funciona aqui na cidade.

— Sim, já passamos por isso outra vez, está lembrada? — ele perguntou, se referindo àquele episódio em que eu dirigi embriagada.

Estremeci diante da lembrança.

— Meu Deus, você me deixou assustada aquela noite. Me assustou mais do que os policiais.

— Era essa a ideia — confessou.

— Sabe, naquela noite fiz uma promessa... — comecei, com a voz vacilante.

— Que promessa?

— Nunca mais te decepcionar.

— E não decepcionou — ele declarou. — E então? Vai vir aqui buscar esse

negócio ou não?

— Sim. Já estou indo buscar a minha *capanga*.

Depois de um banho rápido, lá estava eu no caminho de volta à casa do treinador, com meu jeans, uma blusa de moletom velha do Cotton Bowl e um rabo de cavalo improvisado. Eu estava toda empolgada quando parei na entrada e avistei o carro de Lucy. Em pânico, comecei a voltar de ré, até que percebi que ela estava no banco da frente, olhando para mim pelo retrovisor. Ela acenou ligeiramente, depois saiu do carro, com um vestido azul-marinho, um sapato alto nude e um colar fio duplo de pérolas. Lucy esticou o braço até o banco traseiro para tirar Caroline da cadeirinha, e depois as duas vieram até o meu carro. Fiquei com o pensamento acelerado, tentando encontrar uma explicação para estar ali, num domingo de manhã tão cedo, enquanto lancei toda a minha atenção para minha afilhada, ganhando alguns segundos para pensar.

— Ei, querida! Você está linda! — exclamei enquanto Caroline se arrastava sobre o meu colo e começava a brincar com os botões do painel do meu carro. — Amei o seu vestido. E as suas tranças.

— É trança *francesa*! Foi a mamãe quem fez! — disse Caroline.

— Nossa, *ouì*, *ouì*! Ela fez um bom trabalho! — comentei, olhando para Lucy, que me ofereceu um sorriso breve.

Caroline balbuciou mais alguns acontecimentos sobre a manhã dela, algo sobre o seu coelho de pelúcia chamado Macaco que caiu dentro da pia e ficou molhado. Logo ela mudou de assunto e perguntou se eu tinha algum doce no carro.

— Claro que tenho — respondi, abrindo o porta-luvas para pegar um pacotinho de drops de cereja que eu mantinha lá especialmente para ela. O drops tinha derretido por causa do sol e grudado no papel da embalagem, mas Caroline não se importou e enfiou dois na boca de uma só vez. Um deles caiu da boca e rolou pelo vestido branco de piquê, deixando um rastro vermelho no tecido antes de cair no chão. Lucy soltou um suspiro profundo enquanto Caroline desceu do meu colo, pegou a bala e a enfiou de volta na boca.

— Ei, Lucy! — saudei-a com o máximo de naturalidade possível, percebendo que ainda precisávamos falar diretamente uma com a outra. — Você vai para a igreja?

— Sim... Mas só Deus sabe se vamos conseguir chegar lá — desabafou ela, conversando mais consigo mesma do que comigo. Ela suspirou de novo,

parecendo exausta. — E você? O que está acontecendo?

Era óbvio que ela estava me perguntando o que eu estava fazendo na casa do pai dela em pleno domingo de manhã. Mas dei de ombros e respondi:

— Ah, nada demais.

— O que está fazendo aqui? — ela questionou, à queima-roupa.

Olhei para ela através dos meus óculos escuros e pude ver que ela parecia um pouco confusa, mas não com ar de acusação, nem de suspeita. Pedi para mim mesma para não ficar na defensiva, e muitos menos mentir, enquanto Caroline correu para dentro da casa. Pela minha visão periférica, pude ver que o treinador apareceu na garagem. Ele se abaixou para pegar Caroline, depois caminhou em direção ao meu carro. Logo de cara, vi que estava usando a aliança de casamento na mão direita, uma mudança desde a noite passada e algo que fez o meu coração doer no peito.

Lucy repetiu a pergunta:

— E então? O que está fazendo aqui? Veio só para ver o meu pai?

Considerei apenas responder que sim, mas me forcei a ser sincera e murmurei que tinha deixado a minha bolsa lá.

— Sua bolsa? — inquiriu Lucy, com o treinador agora parado entre nós duas. — Quando?

— Ontem à noite — respondi, olhando ligeiramente para o treinador, que parecia se sentir da mesma maneira que eu. Desconfortável, culpado, paralisado.

— Está lá no balcão da cozinha — respondeu ele, sem olhar para mim, enquanto Caroline começou a brincar com a aba do boné dele. Ela acabou arrancando-o, revelando o cabelo bagunçado do treinador (tão desgrenhado quanto um cabelo curto e rebelde poderia ser).

— E por que é que a sua bolsa... — começou Lucy, quando o treinador a interrompeu.

— Shea teve a gentileza de me trazer uns tacos ontem à noite, depois do jogo. Foi muito gentil da parte dela mesmo. — Ele olhou para mim e disse: — Obrigado, mais uma vez.

— De nada — respondi com um nó na garganta.

Lucy analisou o pai, depois eu, depois olhou para o pai de novo e finalmente disse:

— Parece que você não está pronto para ir à igreja.

— Eu deveria estar?

Ela balançou a cabeça e acrescentou:

— Hoje é domingo, não é?

— E desde quando eu vou à igreja no domingo de manhã sem ser na Páscoa ou no Natal?

— Desde quarta-feira passada, quando conversamos que você deveria ir à igreja e você disse que faria um esforço para isso — ela respondeu, enquanto eu me perguntava se ela, assim como eu, tinha notado que o treinador trocou a aliança de mão. Seria esse um dos motivos pelos quais ela estava nervosa? Ou o único motivo era o fato de eu ter aparecido lá na noite anterior? Ou ela ficou assim simplesmente pelo fato de o pai não ir à igreja? — Lembra?

— Vagamente — respondeu ele.

— Esse é *um esforço* que você pode fazer? Falar sobre Taco Bell, com essa roupa e às... — Lucy olhou para o seu relógio branco de cerâmica. — Nove e quarenta e cinco?

O treinador olhou de volta para ela com timidez.

— Argh. Ok. Precisamos ir — disse ela.

— Semana que vem — murmurou ele.

— Um dia depois do jogo contra o Texas — observei, deixando as palavras simplesmente escaparem, com meu tom de voz dizendo: *Então, todos nós sabemos que isso não vai acontecer*.

Caroline passou a mão sobre o rosto áspero do avô e reclamou:

— Ai! Seu rosto machuca!

— Sim, Ursinha Carinhosa. Preciso fazer a barba hoje — comentou o treinador, e depois, com gentileza, colocou-a sobre o chão e voltou a olhar para Lucy. — E onde está Neil?

— Vai nos encontrar lá.

O treinador assentiu, depois olhou para mim e pediu um minuto para buscar minha bolsa. Assim que ele saiu, Lucy ficou me encarando, me fulminando com os olhos.

— E aí, ontem à noite... alguma coisa relacionada a trabalho? Para alguma matéria sua?

Balancei a cabeça e admiti que já tinha terminado de escrever minha matéria.

— Então você passou aqui só mesmo para ver como ele estava?

— E para trazer tacos — acrescentei, esperando não parecer tão culpada quanto eu me sentia.

Lucy ficou me observando por alguns segundos, depois meneou a cabeça.

— Vocês são amigos. Entendi.

Não falei nada.

— Mas é meio estranho... — pontuou ela, fazendo aquela coisa de apontar a ponta do pé para baixo, algo que ela herdou de anos de balé.

— Estranho? — questionei, ainda observando o seu pé.

— Vocês terem uma amizade. Além de mim. Digo, você consegue me imaginar saindo com o seu pai?

— *Eu* não saí com o seu pai — retruquei. — Mas você tem amizade com a minha mãe.

— Não desse tipo. Não para... comer taco com ela num sábado à noite... e sem você. Mas deixa para lá; *preciso* ir agora.

— Eu também.

— Para onde está indo? — perguntou.

— Para casa.

— Por quê? — investigou ela, com a voz um tanto estridente. — Não estou te expulsando não. Ele não vai para a igreja. E o que você vai fazer hoje?

— Bom, assistir ao jogo dos Cowboys — respondi no momento em que o treinador voltou com a minha bolsa. Eu a peguei e murmurei: — Obrigada.

— E que horas é o jogo? Dos Cowboys? — perguntou Lucy.

— Começa às três — falei.

— Ora, então por que a pressa?

— Só vim buscar a minha bolsa.

— Sim, mas está aqui agora. Deveria ficar. Entrar. Tomar café com ele.

Lucy estava agora *definitivamente* agitada, pressionando-nos contra a parede. Argumentar mais do que já tínhamos feito faria as coisas parecerem ainda piores, e o melhor seria concordar, então ele olhou para mim e disse, num tom agradável

e natural:

— Shea, se quiser ficar, será muito bem-vinda. Mas não tenho muita coisa para o café da manhã além de cereal...

— Tudo bem. Vou entrar e comer um pouco de cereal. Obrigada, treinador — respondi em tom seco.

Lucy balançou a cabeça, consentindo, e forçou um sorriso, o que me fez lembrar da época em que ela usava aparelho e seus lábios ficavam esticados. Ela se inclinou para amarrar a fita e ajeitar a trança de Caroline, que agora se arrastava pelo chão. Em seguida, pegou a filha e foi para o carro.

— Então tudo bem. Você dois, aproveitem o café da manhã juntos — disse ela, olhando por cima dos ombros.

— Quero ficar com o vovô e a Shea — reclamou Caroline.

Lucy balançou a cabeça e disse alto o bastante para que nós dois escutássemos:

— Não. Eles têm coisas para conversar... sobre futebol americano. Você não ia gostar.

Ela colocou Caroline na cadeirinha do banco traseiro e eu percebi que precisava dar a ré para deixá-la sair. Foi o que eu fiz, depois fiquei esperando dentro do carro, ainda ligado, enquanto ela se foi um pouco depressa demais.

Meu estômago e meu peito doíam enquanto eu saía do carro.

O treinador balançou a cabeça.

— *Merda* — retrucou ele, baixinho. Depois olhou para mim e disse o óbvio:

— Ela não gostou.

— Não mesmo...

— Você acha que é porque... você esteve aqui ontem à noite? Ou porque eu não tinha me aprontado para ir à igreja?

— Não sei — respondi, embora soubesse sim. — Talvez pelos dois?

— Não consigo ficar em paz na igreja. Ainda mais durante a temporada — comentou ele, embora eu possa dizer que ele também sabia que esse não era o maior problema.

— Posso imaginar. E na semana que vem não dá *mesmo* para você ir. Fala sério — afirmei, me referindo mais uma vez ao jogo contra o Texas.

Ele concordou com a cabeça. Depois, enquanto eu o acompanhava para dentro da casa, ele colocou o dedo na ferida.

— Acho que talvez a nossa amizade a incomode um pouco.

— Eu sei. Mas ela compreende que...

— Você e eu temos mais coisas em comum — completou ele, terminando a frase por mim.

Não sei ao certo se ele quis dizer que nós dois tínhamos mais em comum do que eu e ela ou entre ela e ele, mas, de qualquer modo, a constatação era verdadeira.

Voltei para um terreno mais seguro:

— Acho que os domingos são difíceis...

O treinador balançou a cabeça, concordando:

— Sim. Você deve estar certa. E acho que talvez eu tenha mesmo prometido que iria à igreja esta semana.

Fiz uma careta enquanto caminhávamos pela garagem, e a mesma pilha de roupas continuava sobre a secadora, mas o rádio estava sintonizado numa estação de música country com Garth Brooks cantando *Shameless* (Sem Vergonha).

— Essa é melhor — falei, apontando para o rádio.

— Adoro essa música — comentou o treinador no exato momento em que Garth choramingou: “But I can’t walk away from you” (Mas não posso me afastar de você).

Ele me lançou um olhar proposital que me fez sentir exatamente como Garth pareceu naquela música: de joelhos e sem vergonha.

Lembrando de Lucy, me recompus e segui o treinador até a cozinha, observando enquanto ele pegava as duas tigelas, duas colheres e dois guardanapos, preparando a mesa. Peguei os copos no armário, servi suco de laranja e os levei até a mesa.

— Leite — disse ele, estalando os dedos. Em seguida, ele balançou a cabeça, desgostoso. — Droga. Estou sem leite aqui. Me desculpe.

— Tudo bem. Eu nem estou com fome...

Ele assentiu, parecendo tão atordoado quanto eu, e confessou:

— Eu sei. Eu também não.

— Acho que realmente devo ir — declarei, embora quisesse ficar.

— Ok — concordou ele, tão rápido que fiquei chateada.

Deixamos as tigelas sobre a mesa, levantamos e fomos até o meu carro. Ao chegarmos lá, eu estava completamente desanimada, certa de que nunca mais teríamos a oportunidade de ficar sozinhos. Não valia a pena toda aquela culpa ou angústia que estávamos sentindo por sabe-se lá o que estava passando na cabeça de Lucy.

Porém, alguns minutos depois, no momento em que tirei o carro da entrada da garagem, recebi uma mensagem de texto do treinador, dizendo: *Desculpe pelo leite. Vou ao mercado agora. Podemos deixar o cereal para a próxima?*

Aliviada e afastando Lucy do pensamento para tão longe quanto se pode fazer em relação à melhor amiga, respondi: *Combinado. É só marcar*.

Naquela mesma tarde, enquanto assistia ao jogo dos Cowboys e dobrava as roupas da lavanderia, Lucy veio até o meu apartamento, sem avisar e sem Caroline. Ela tinha trocado a roupa da igreja por uma calça de linho com cordão e uma camiseta branca de manga longa, mas tinha esquecido de tirar o colar de pérolas. Enquanto fui até a geladeira buscar algo para bebermos, contei para ela que o Dallas estava ganhando por um *touchdown*, mas era óbvio que ela não tinha vindo para assistir ao jogo.

— Meu pai mudou a aliança para a mão direita — observou ela, aparentando que ia começar a chorar.

— Mudou? — questionei com nervosismo, colocando gelo e Coca-Cola Zero nos dois copos. Entreguei-lhe um dos copos e me obriguei a olhar nos olhos dela.

— Sim. O que você acha que isso significa?

— Não sei — respondi.

— Que ele está tocando a vida adiante?

— Não necessariamente.

— Então por que ele faria isso?

— Não sei, Lucy. Talvez você deva perguntar a ele — sugeri.

Ela ficou me encarando por um bom tempo, depois tomou um belo gole da Coca.

— Não posso.

— Por quê?

— Porque não conversamos sobre essas coisas... — Então, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela continuou: — Desculpe pelo mau humor hoje de manhã.

Eu me fingi de idiota ao segui-la até a sala.

— Você não estava mal-humorada, estava?

Ela olhou para a televisão, depois se sentou no chão, de costas para a tela, antes de prosseguir:

— Eu disse que queria a sua ajuda para cuidar do meu pai... e aí, quando você tentou fazer isso eu agi daquela forma.

— Está tudo bem — falei o mais rápido que pude. Aquilo foi o mais perto que Lucy chegaria de um pedido de desculpas, o que me fez sentir desconfortável levando em conta tudo o que eu sabia ser verdade, e o que era ainda pior: ela não me devia desculpa nenhuma. — Eu entendo.

— Entende? — perguntou ela enquanto eu abaixava o volume da tevê.

— Sim. Acho que sim. Com certeza. — Peguei a calça de um pijama da pilha que estava em cima do sofá e a dobrei, evitando olhar pra ela. Era evidente que a conversa (independentemente do rumo que Lucy queria que tomasse) não terminaria ali, por mais que eu desejasse isso.

— É que eu sinto um pouquinho de... ciúme — admitiu.

Senti minha pulsação acelerar e minha boca secar.

— Ciúme de quem? — retruquei, dobrando uma camiseta com grande cuidado e precisão. Provavelmente foi a peça de roupa mais bem dobrada em toda a minha vida, o que significava muito considerando a prática que eu tinha adquirido na butique de Lucy.

— Ciúme de você com o meu pai. Do quanto vocês são próximos. Ele é meu pai, mas às vezes tenho a impressão que ele é mais próximo de você do que de mim.

— Isso não é verdade — retruquei, me sentindo mal. Puxei mais uma camisa da pilha, sacudi-a e comecei a dobrá-la.

— É verdade, sim — argumentou ela, tomando mais um gole da Coca e depois colocando o copo sobre a pilha de *Sports Illustrated* que estava no chão, bem atrás dela. — Sempre foi.

— É só... *futebol americano* — opinei, embora eu realmente não acreditasse que essas palavras juntas fizessem sentido. — Temos o futebol americano em comum. É isso.

— Isso é o mesmo que dizer que... que... a Ralph Lauren e a Calvin Klein só têm a moda em comum... ou... — Ela encarou o teto, pensando. Analogias nunca foi muito o forte de Lucy.

— Entendi o que você quis dizer — admiti, sorrindo, fingindo me divertir quando na verdade eu estava me sentindo muito mal.

— Seja no futebol ou em qualquer outra coisa, vocês dois sempre tiveram esse vínculo... Ele conversa com você. Conversa pra valer, coisa que não faz comigo. Vou lá falar com ele e é muito estranho. É como se ele não tivesse nada a dizer.

Sua observação me fez estremecer, mas balancei a cabeça e neguei de novo.

— Não temos um *vínculo*, Lucy — declarei, pensando no jeito como ele tinha me olhado na noite anterior. — Nós dois só gostamos de futebol americano. Sou uma jornalista esportiva. Ele é um treinador. E nós dois te amamos. É isso.

— Mas até quando não estão falando de futebol. Mesmo quando estão jogando Trivial Pursuit é como fizessem piadas que só vocês entendem.

Quase falei: *Não são piadas que só nós dois entendemos.* São só *piadas. É você que não consegue entendê-las,* mas não achei que isso a faria se sentir melhor, então simplesmente falei:

— Não, não é verdade.

Lucy levou os braços para trás e se apoiou sobre as mãos.

— Tá legal. Olha. Estou curiosa. Sobre ontem à noite... ele te convidou para ir até lá? Ou foi você quem ligou para ele?

Respondi que tinha sido ideia dele, e de cara percebi que não foi a resposta que ela queria. Ela retorceu ligeiramente o canto da boca e franziu a testa.

— Viu? Foi o que eu pensei — ela retrucou, embora eu não soubesse ao certo como aquilo poderia fazer diferença. Não teria sido pior se tivesse sido eu?

— Ei, espere — intervim, fingindo pensar nos detalhes para então voltar atrás. — Na verdade, parando para pensar, fui eu que liguei para ele. E depois ele me retornou. Mas eu estava no Taco Bell e então perguntei se ele queria algo de lá. Então, tecnicamente fui eu que me convidei. E aí, ele respondeu que sim, que adoraria comer taco naquela hora. Percebe?

Ela meneou a mão no ar, rejeitando minha tagarelice explicativa, e insistiu:

— O fato permanece o mesmo. Ele nunca me chama para essas coisas... nunca me convida desse jeito. Ainda mais depois de um *jogo!*

— Mas você é *filha* dele. É totalmente diferente — argumentei. Ela me perguntou por quê e cruzou os braços. Respondi: — Porque os pais não precisam convidar as filhas. Elas simplesmente... aparecem sempre que querem. Como você sempre faz. — Refleti por um segundo e me lembrei do meu próprio pai. — A menos que haja um divórcio envolvido na questão.

— Ou a menos que haja uma mãe falecida na questão — rebateu ela. Estremeci, talvez de maneira evidente. Ou talvez Lucy tenha percebido o quanto a sua declaração tinha sido dura. Em qualquer um dos casos, sua voz e expressão facial relaxaram visivelmente quando ela disse: — Olhe. Quando a minha mãe estava aqui conosco, era uma coisa. Ela era a ponte entre nós. Minha mãe e eu conversávamos três, quatro vezes por dia, e pelo menos em uma dessas vezes ele estava em algum lugar por perto. Ao fundo. E isso funcionava muito bem. Nós três fomos felizes assim, com as coisas funcionando desse jeito. Mas agora... É tudo muito diferente. *Tudo*.

Lucy fez uma pausa, pigarreou e depois enxugou o cantinho dos olhos com delicadeza. Eu queria abraçá-la ou dizer alguma coisa reconfortante, mas não consegui me mover nem falar. Alguns segundos depois, ela se recompôs e continuou: — E, sem a minha mãe, meu pai e eu temos que trabalhar um pouco mais a nossa relação. Nós *dois* temos a obrigação de nos esforçar.

Assenti e disse que ela estava certa. Porque ela estava mesmo, de fato.

— Só que não estamos fazendo isso. Pelo menos ele não está. Não mesmo. Estou me esforçando sozinha... e isso me deixa muito mal.

— Talvez... ele só não queira incomodar você. Ele sabe o quanto você está ocupada com Neil, Caroline e a sua butique.

— E liga para você em vez de ligar para mim? — ela argumentou, mas não me confrontando como antes.

Balancei a cabeça.

— Em primeiro lugar, ele não me liga com frequência. Em segundo, eu... vivo sozinha.

— Você não está sozinha... — ela rebateu, revirando os olhos. — Você está *namorando* o *Ryan James*, está lembrada?

— Mas o Ryan estava em Washington ontem à noite. Está vendo? — falei, apontando para a tela.

Ela se virou para olhar a tevê enquanto Ryan completava um passe curto e preciso para um *first down*. Quando voltou a me olhar, pareceu menos estressada.

— Nossa... É tão bom saber que você está namorando ele — opinou, como se o fato fosse algo surreal para ela.

— Sim — afirmei com um suspiro profundo.

— Bom, deixa eu te perguntar uma coisa....

Eu me preparei para outra pergunta desconfortável enquanto mantive os olhos grudados no jogo.

— E se ele estivesse na cidade ontem à noite? — perguntou ela.

— Quem? O Ryan? — questionei, tentando me manter um passo à frente dela e enxergar o intuito da pergunta para não dizer a coisa errada de novo.

— Sim. O seu *namorado*. Então, suponhamos que ele estivesse na cidade ontem... E que o meu pai tivesse te convidado.

— Lucy, o que você está tentando insinuar? — questionei, oficialmente preocupada agora.

Ela voltou a olhar para mim e disse:

— É que parece que....

— O quê? — insisti, prendendo a respiração ao ver um lampejo atravessar a sua expressão. Foi como se ela estivesse processando todos os acontecimentos. Juntando as peças. Mas logo passou, e eu pude voltar a respirar.

— Deixa pra lá — ela afirmou, dando de ombros, e, ao que tudo indicava, se distanciando da sua própria desconfiança. A possibilidade de que a sua melhor amiga e o pai dela pudessem realmente sentir algo um pelo outro era absurda, ridícula.

Com a cabeça ainda latejando, esbocei um sorriso largo ao ver o rosto de Ryan preenchendo a tela, ele cerrando o punho, esmurrando o ar para comemorar e tirando o capacete para a glória da comemoração do *touchdown*.

— Legaaaal — exclamei, embora soubesse que tinha perdido totalmente a jogada.

— Ele marcou ponto? — perguntou Lucy, olhando por cima do ombro para o replay na tevê.

— Claro que marcou — respondi do jeito mais orgulhoso que pude, enquanto

o replay mostrava Ryan em câmera lenta, com seu corpo atlético, forte e gracioso ao mesmo tempo.

— É exatamente por isso que Ryan James é o melhor *quarterback* da NFL — declarei para Lucy, fazendo questão de lembrar a mim mesma.

Lucy sorriu, satisfeita.

Vinte e sete

Na véspera do Dia de Ação de Graças, meu pai e a família dele chegaram a Dallas. Astrid e Bronwyn me convidaram para ir às compras com elas, mas expliquei que tinha de trabalhar e encontrar um pessoal para uma reunião.

Ao longo dos anos, aprendi a importância de dar um passo de cada vez e que fingir gentilezas pelo período de algumas horas era algo muito mais fácil de fazer do que fingir gostar de alguém por vários dias seguidos. Férias de qualquer tipo tinham sido descartadas desde nossa viagem desastrosa para o Napa Valley, depois da minha formatura da faculdade, que, até então, segundo o meu pai, seria uma viagem feita de bicicleta apenas com ele. Astrid decidiu, no último minuto, nos acompanhar e trocou nossas bicicletas por um Jaguar conversível, além de transformar o passeio ao ar livre numa vitrine de ostentação do seu conhecimento a respeito das melhores uvas da Califórnia. No fim da semana, eu estava tão aborrecida com toda a cena que me enfiei num vinhedo segurando um refrigerador portátil cheio de Budweiser, dizendo que eu não era lá muito chegada a vinho. Não acho que ela tenha entendido minha intenção e que eu não era tão fã assim de cerveja, mas, seja como for, foi infinitamente gratificante abrir uma latinha gelada enquanto ela disparava seus adjetivos técnicos como se estivesse em um daqueles desfiles em carro aberto com papel picado jogado por todos os lados. A única graça da coisa foi que meu pai entendeu o que eu estava tentando fazer e pareceu se divertir com minhas travessuras; depois, chegou até a me pedir desculpas pelo fato de a viagem ter se tornado algo tão “unidimensional”.

No entanto, dessa vez a desculpa quase piorou ainda mais as coisas, porque ele nunca fez nada a respeito disso, e com certeza nunca se preocupou em me oferecer um tempo de qualidade a sós. As coisas vinham sempre num pacote implacável, e naquele dia seria exatamente o mesmo caso.

Então, às cinco da tarde, cheia de entusiasmo e culpa, ao mesmo tempo, liguei para cancelar o passeio com eles, sob o pretexto de um “problema no trabalho”. Meu pai pareceu chateado o bastante para me fazer sentir um prazer doentio, e

não pude deixar de pensar naquela música triste, *Cat's in the cradle* (O Gato está no berço), e em quantas vezes ao longo de todos esses anos ele simplesmente tinha me deixado de lado. Mas a principal diferença entre a música e a minha vida era que o meu pai ainda continuava ocupado como sempre, e eu estava num escritório ermo, sem nenhum plano para aquela noite e com a melancolia dos feriados de família dentro de mim. Lucy chamava isso de meu *modo Charlie Brown* de ser, e sempre fez o possível para me alegrar, mas é claro que ela estava em condições piores que a minha neste ano, e, além disso, tinha cometido o erro de receber a família de Neil, que morava em Oklahoma. O que ela pensou que seria uma grande fonte de distração acabou virando uma enorme carga de trabalho na cozinha. Eu já tinha me oferecido para ajudá-la algumas vezes, pelo menos fazendo companhia enquanto ela cozinhava, mas Lucy se recusou a aceitar e insistiu que ela e Neil tinham tudo sob controle.

O que eu queria mesmo, e me dei conta disso enquanto chegava à pista da I-35 a caminho da Walker, era passar a noite com Ryan, tanto pela sua companhia quanto pela tranquilidade de sua casa, mas ele já tinha entrado no Gaylord Texan Resort & Convention Center, em Grapevine, onde o time sempre se concentrava antes dos jogos em casa para evitar "distrações indesejáveis".

— Faça o retorno na próxima saída e vá para a minha casa — ofereceu-me Ryan quando liguei para o quarto dele e lhe disse que estava presa no trânsito bem no horário de pico. — Você tem a chave.

Cheguei a considerar a possibilidade, mas decidi que não queria ficar lá sem ele. Durante o dia, tudo bem, mas, à noite, eu me pegava imaginando cenas de crimes terríveis. Tinha algo a ver com aquele mármore branco, os lençóis brancos, as paredes brancas e até o carpete branco e os móveis que conjuravam respingos de sangue, manchas iguais às do teste de Rorschach.

Quando cometi o erro de dividir essas imagens involuntárias com ele, Ryan arquejou: — Meu Deus, Shea. Você está assistindo a muitos filmes de terror. Isso é doença.

Logo que ele mencionou "filme", me lembrei de um em particular que sempre me assombrava quando eu estava sozinha na casa dele: *Dormindo com o inimigo*, um dos thrillers mais assustadores de todos os tempos, em minha opinião. Falei para mim mesma que era só aquela decoração lustrosa e alva e a propensão à neurose de organização que Ryan dividia com a antagonista — isso e somente isso —, mas não consegui deixar de me perguntar se as acusações de Blakeslee estavam agindo sobre meu subconsciente, me fazendo imaginar coisas sempre que eu percebia alguma toalha pendendo mais para um lado do que para

outro no quarto dele.

— Eu sei. Só tenho um pouco de medo de ficar em uma casa tão grande — expliquei, depois acrescentei: — Além disso, ficar lá sem você me faria sentir mais saudade.

— Ah, meu doce... Eu também estou com muita saudade. Queria que não tivéssemos essa maldita patrulha noturna que eles fazem aqui.

— Não minta — provoquei. — Sei que você gosta de dormir dez horas na véspera de um jogo.

Ele riu, porque era verdade. Tudo que Ryan fazia à noite e nas horas que antecediam um jogo era cuidadosamente calculado, projetado para otimizar seu desempenho. Até mesmo a temperatura do quarto era ajustada para vinte graus, que, ao que parece, era a ideal para o sono profundo.

— Tá legal, você me pegou nessa. Agora vou te contar uma coisa. Não faço sexo na véspera de um jogo desde o ensino médio... — Ele riu.

— Espere aí, me deixe adivinhar. Você fez sexo na véspera da partida pelo campeonato estadual? E aí você fez um voto de que nunca mais faria isso de novo? — perguntei, imaginando a namorada dele da época de escola, a quem ele tinha descrito como uma beleza meio paquistanesa.

— Sim — confessou, mas de um jeito mais sério.

Pensei na história de Blakeslee e quase contei a ele sobre nossa conversa, mas, de novo, decidi que era melhor não. Para não dizer outra coisa, o dia antes de um grande jogo e o encontro com os pais dele; definitivamente, não era o momento certo. Então, em vez de contar, eu disse:

— Você é tão supersticioso quanto o treinador, não é?

— Ei, espere aí. Não é bem assim. Só me preocupo em poupar as minhas pernas para o jogo. É questão de resistência. Não saio por aí caçando insetos para colocar em Tupperware.

— Frascos de vidro — retruquei, aborrecida comigo mesma por trazer o treinador para o assunto. Era como um reflexo involuntário, e eu me perguntava quando Ryan se ligaria nisso. Ele era muito observador, e, considerando sua tendência a sentir ciúmes, eu até me surpreendia por ele não ter percebido ainda. Porém, o fato de ele não ter notado nada enfatizou ainda mais o quanto era absurda a ideia do treinador e eu juntos. Pensei e repensei no jeito como o treinador tinha olhado para mim na casa dele várias vezes, pelo menos umas cem, e me senti entre deslumbrada e imbecil. Só podia ser coisa da minha

cabeça.

Mudei de assunto o mais rápido que pude e perguntei a Ryan se ele se sentia preparado para o jogo de amanhã. Ele respondeu que sim e descreveu em detalhes alguns motivos: o treino tinha sido ótimo, o jogo tático parecia excelente, o joelho estava bom e o time reserva da Philly era uma merda. Nunca me cansei de receber informações privilegiadas, e nunca me cansaria, mas o sentimento de tiete tinha finalmente se esvaído e fora substituído pela crença de que eu pertencia ao mundo dele.

— O que vai fazer hoje à noite? — ele perguntou. Tinha algo em sua voz que me dizia que o Third Rail poderia ser a resposta errada, e que eu não deveria contar que estava planejando tomar um chope fresquinho do barril em vez da cerveja já aberta que estava na minha geladeira.

Então, respondi:

— Ah, sei lá. Nada demais. Acho que vou ficar em casa mesmo, quietinha no meu canto.

— Boa menina — ele disse, de uma maneira que soou tão condescendente quanto protetora. Resolvi me concentrar na última, especialmente quando ele me perguntou pela décima vez se eu estava com o meu cartão VIP do estacionamento e depois me lembrou de que os ingressos estavam no meu nome, para serem retirados.

— Sim. Obrigada.

— Não precisa de mais alguns ingressos?

— Não, não preciso. Obrigada — respondi, pensando que um astro paparicado, com tantos assistentes, camareiras, cozinheiros particulares, preparador físico e psicólogos em seu time também tinha o direito de bancar o protetor.

— Está preparada para conhecer os meus velhos? — perguntou ele.

— Sim. Não vejo a hora. — A resposta foi verdadeira, mas muito mais por minha curiosidade sobre o pai dele e a necessidade doentia de mostrar minha superioridade sobre Astrid e Bronwyn do que por qualquer outra coisa.

— Que bom. Vai ser um dia bacana. *Se* nós ganharmos — pontuou Ryan.

— Vocês vão ganhar — declarei. — Bom, acho melhor eu desligar antes que arrume encrenca com alguém por aí. Te mando mensagem lá pelas nove horas.

— Não. Me liga.

— Tá bom — respondi, ligeiramente irritada. Disse a mim mesma que estava sendo muito injusta com ele. Ryan só queria dizer “boa-noite” antes de ir para a cama, só isso. E que meigo da parte dele. Um gesto de um namorado legal. Um ótimo namorado. Me aconselhei a ir para casa descansar. Eu poderia não ser jogadora de futebol americano, mas meu dia seguinte seria bem agitado também.

Ainda assim, não pude resistir à tentação de passar no Third Rail e, quarenta minutos depois, lá estava eu sentada no bar, pedindo meu chope com uma rodelinha de laranja no meio. Ao contrário de como costumava ser, o lugar estava bem cheio, e eu conhecia, pelo menos de vista, uma dúzia de pessoas, muitas delas meninas que tinham estudado comigo no ensino médio. Como acontecia nas cidades pequenas, boa parte delas tinha permanecido em Walker depois de concluir os estudos, sem se incomodar nem um pouco em cursar a faculdade, então não raramente eu encontrava ex-colegas de classe. Mas, nos feriados, havia sempre algumas visitas-surpresas, rostos que eu não via há anos.

Naquela noite, encontrei Michelle Sheffield, que se sentava atrás de mim na escola e de quem eu sempre gostei. Agora ela morava em São Francisco. Nós nos abraçamos demoradamente, depois colocamos o papo em dia. Contei a ela sobre o meu trabalho no *Dallas Post* e ela me disse que estava trabalhando com direito de patentes. Foi revigorante conversar sobre trabalho — melhor do que falar sobre maternidade, o que acontecia com frequência quando eu encontrava alguém da Walker.

Olhei para os dedos dela, sem nenhuma aliança, e perguntei:

— E aí, continua solteira?

— Sim — respondeu Michelle.

— Eu também.

Ela deu uma risadinha e acrescentou:

— Sim, mas ouvi falar que você está namorando.

Balancei a cabeça, confirmando.

— Então é verdade? Está mesmo namorando o *Ryan James*?

Tentei sorrir modestamente.

— Uau! Que legal. Como foi? Conheceu ele por causa do seu trabalho?

— Estudamos na mesma faculdade. Éramos amigos — expliquei.

— E ele é legal?

— Ele é legal, sim. Ele é... muito legal.

Ela ficou me encarando, esperando mais, então continuei:

— Ele é muito intenso. Competitivo. Concentrado. Como se poderia esperar de um *quarterback* daquele nível.

— E as pessoas reconhecem ele em todos os lugares aonde vocês vão?

— Sim. Mas não somos de sair muito. Durante a temporada ele passa boa parte do tempo concentrado. Geralmente ficamos em casa assistindo a filmes. Coisas assim. Ele é muito agradável e extrovertido... Muito esperto. Ele é ótimo — concluí.

— Nossa, que legal! — exclamou Michelle de novo. — Acha que vai dar casamento?

Dei de ombros e falei:

— Ah, quem sabe? Ele acabou de se divorciar. Então, acho que isso não aconteceria tão cedo... se vier a acontecer. Mas amanhã vamos fazer aquele ritual de conhecer a família um do outro. Mas chega de falar do Ryan James. Você é a única aqui que tem a vida glamorosa da Califórnia.

Michele sorriu e me contou as novidades enquanto pedimos mais uma rodada de chope, depois outra e mais outra, jogando sinuca e encontrando muitos outros amigos e conhecidos. Foi uma mistura agradável entre pessoas do ensino médio e da Walker. Em certo momento, avistei Miller, num estilo meio “alternativo” barbudo, e fui até ele para falar “oi”. Miller me apresentou seu amigo Lion, explicando que ele era artista e nasceu em Boston, mas agora estava dando aulas de Arte na Walker depois de ter feito um bico na UCLA. Era evidente que Miller tinha conhecido o cara por meio da namorada professora, e fiquei pensando que era curioso vê-lo entrando para uma panelinha acadêmica.

— Ei, então você é escultor, certo? Que legal — falei, cumprimentando com um aperto de mão, sempre grata por poder conhecer sangue novo. — Seja bem-vindo a Walker.

— O Lion tem um filho — anunciou Miller, como se Lion tivesse nascido de gêmeos siameses.

Lion também percebeu o exagero e deu risada.

— Sim. Louco, não?

— Não fique bravo com ele. Miller não consegue imaginar uma responsabilidade maior do que pegar a correspondência na caixinha do correio

— comentei.

— Merda. Esqueci de pegar as cartas de novo! — retrucou Miller.

Lion sorriu:

— Bem, eu também não conseguiria imaginar... só descobri três anos atrás. A mãe dele não me contou que estava grávida.

— Nossa! E quantos anos ele tem agora?

— Dez.

— Que droga! Sério? — perguntei, sentindo-me grata (não pela primeira vez) por ser mulher. Esse era o tipo de notícia que jamais passaria despercebida por uma mulher.

— Não. Mas está tudo bem. Charlie é um garoto ótimo.

Meneei a cabeça, dizendo a Lion que ele precisava trazer o filho para assistir a uma partida de futebol americano da Walker.

— E uma do Cowboys — interveio Miller, sorrindo, enquanto Michelle voltou do banheiro. Em questão de segundos, ele a avaliou dos pés à cabeça e arrancou um sorriso dela.

— Você não tem namorada? — questionei, já bêbada.

— Sim, mas ela é liberal — respondeu Miller com uma piscadinha. — E ela adoraria a Michelle. Se é que você me entende.

Revirei os olhos e murmurei:

— Porco.

— Como está o seu namorado? Já ficaram noivos? Fiquei sabendo que você vai conhecer os pais dele.

— Sim, vou. Mas não, não estamos noivos — respondi, pensando que aquilo era a pior parte de morar numa cidade pequena: as notícias voam. Em relação a *tudo*.

— Seu pai vem? — questionou Miller.

Balancei a cabeça, confirmando.

— Ele já está aqui. Estou evitando falar com ele.

— Talvez o Ryan vá pedir a sua mão.

— Como você é idiota — retruquei.

Ele deu um tapa de brincadeirinha na minha bunda e falou:

— Você gosta.

Dei um soco no ombro dele com o máximo de força que pude, mas percebi que não tinha me ofendido tanto quanto deveria, talvez. Ele era inofensivo — sempre fora.

— Ai! — gritou ele, depois se virou para Lion e Michelle: — A Shea me trocou pelo Ryan. Mas tudo bem. Eu entendo. Eu também me trocaria pelo Ryan. Pensem comigo: é melhor ser professor de educação física ou um *quarterback* profissional?

Michelle sorriu; eu diria que ela estava entrando na dele.

— Nós terminamos porque você é um idiota. E ponto-final. — Sorri e ele também.

— Tudo bem. Não sou mesmo o tipo para casar — confessou Miller.

Depois disso, Michelle interveio na conversa, tentando analisá-lo, bem como a todos os solteirões presentes, enquanto eu pedia doses de uísque Jack Daniels e cerveja para quem quisesse me acompanhar. Passou pela minha cabeça que essa não era a decisão mais sábia a tomar na noite anterior ao encontro com os pais do meu namorado, mas eu já estava bem alta para adotar qualquer atitude racional.

Então continuei bebendo, rindo, jogando sinuca e até dançando, me sentindo mais feliz a cada minuto, cheia de boa vontade para com todos, até mesmo com desconhecidos e amigos dos amigos. Todos nós tínhamos a Walker em comum, de um jeito ou de outro, e eu fiz esse comentário durante um brinde em meio ao barulho.

— Vocês perceberam que cada um de nós aqui nasceu ou mora na cidade? — lancei, sentindo a minha emoção mais profunda do que as palavras que escaparam dos meus lábios.

— Nossa! Mas que observação importante, já que todos nós aqui estamos enchendo o caneco nesta cidade de merda — exclamou Miller, sarcástico.

— Não é merda coisa nenhuma. Somos a casa do melhor time de futebol americano universitário e temos o treinador mais maravilhoso e incrível... — afirmei.

— Ah, *fala sério*! Lá vem você de novo com isso — retrucou Miller com a voz ainda mais alta.

— Com isso o quê? — questionei, cambaleando um pouco enquanto olhava para ele.

— Com essa veneração. Que merda. É sempre a mesma coisa.

— Cala a boca! — falei.

Miller estava tão bêbado quanto eu e continuou gritando, depois se virou para a plateia dele:

— Treinador Carr! É ele que ela ama *de verdade*. Não sou eu. Nem o Ryan. Mas o treinador *Cliiiiiive* Carr.

Michelle respirou com dificuldade sem conseguir acreditar no que Miller disse:

— É o pai da Lucy. Melhor amiga dela.

— E daí?

— É velho demais para ela — acrescentou Michelle.

— Ela não se importa — insistiu Miller, balançando a cabeça. Depois, ele apontou para mim: — Estão vendo? Olhem para ela. Vejam a cara dela.

Seja lá como estivesse a minha cara, imediatamente mudei para uma carranca exagerada.

— Ela está apaixonada pelo pai da Lucy. Sempre foi. E sempre será. Vi os dois juntos aqui uma noite. — Em seguida, ele olhou para mim e perguntou: — Você vai negar?

— Estávamos trabalhando. Sou repórter. Ele é o treinador do time que eu cubro. Temos uma relação *profissional*.

Neguei de novo, da maneira mais convincente que pude, mas, no estado em que eu me encontrava, uma pequena parte de mim amou o que Miller disse sobre o treinador e eu. Então, as próximas palavras que saíram da minha boca foram:

— Quer saber? Vou ligar para ele agora e contar o que você anda dizendo.

Em seguida, atravessei o bar e saí. A noite fria quase me fez recuperar um pouco do bom senso, mas acho que nem chegou a isso, porque digitei o número do telefone do treinador.

— ¿*Qué pasa*? — ele perguntou, com a voz animada.

— Estou no Third Rail. Você deveria vir aqui.

Ele riu:

— Você sabe que não posso fazer isso.

— Por que não? Você já fez isso uma vez.

— Aquilo foi numa segunda-feira à noite. Uma exceção. E provavelmente eu não deveria ter ido.

— Mas eu quero te ver — declarei.

— Eu também quero te ver — afirmou ele categoricamente, com todas as letras.

Chocada, acrescentei:

— Bom, então venha.

— Não posso.

— Então eu vou até aí — decidi, encarando o céu. — Sabia que hoje é lua cheia?

— A lua não está cheia. Quanto você bebeu? — questionou.

— Um pouquinho...

— Então, não pode dirigir.

— Não vou. Não conseguiria. Vou pegar um táxi. Para a sua casa.

— Não, você não pode fazer isso. As pessoas comentariam.

— Comentariam o quê? Não tem nada demais acontecendo. Tem? — Minha voz ficou mais alegre, quase em tom de flerte.

Ele riu novamente:

— Tudo bem, menina. Fique aí. Vou buscar você.

— Estou pronta. Venha me buscar agora.

— Chego aí em dez minutos. Vá para o lado da rua Monroe... e tome cuidado — pediu ele.

— Mas e o meu carro?

— Amanhã você pega.

— Ok.

— Fique aí.

— Sim... Treinador?

— Sim, menina?

— Venha rápido — sussurrei.

Dez minutos depois, tempo suficiente para me despedir dos amigos e mentir que eu tinha pedido um táxi, o treinador parou, devagar, na Monroe e esperou que eu abrisse a porta do passageiro. Entrei no carro, me inclinei para acariciar seu braço e abri um sorriso grande e bobo.

Ele retribuiu com um sorriso, mas depois perguntou:

— Me diga a verdade. Quanto você bebeu?

— Um pouco — respondi, ajeitando o cinto de segurança. — Muito.

Ele balançou a cabeça.

— Queria que não tivesse feito isso. Já te falei antes. Você deve ter sempre o controle da situação.

— Mas eu estou no controle.

Ele me olhou bem nos olhos.

— É? Tem certeza disso?

— Certeza absoluta! — respondi e ao mesmo tempo me lembrei de que tinha deixado o cartão de crédito no bar. Mandei uma mensagem de texto para Miller dizendo: *Não fechei a conta. Pode pedir uma que eu pago!!*

Ele respondeu de imediato:

Vou pedir uma rodada para o bar inteiro. Saúde!

— Que idiota — murmurei, sorrindo.

— Quem?

— Miller. Mas não... Ele não é tão ruim assim — respondi.

— Não. Não é mesmo — concordou o treinador. — Ele só não é o cara certo para você.

— E quem é? — perguntei, com a voz tímida.

Ele sorriu, mas não respondeu. Quando paramos no semáforo da Jeferson, ele ligou o rádio. Rascal Flatss estava cantando *These days*, e o treinador começou a batucar no volante. Quando o sinal ficou verde, ele seguiu reto em vez de virar à direita, que seria a direção da casa dele.

— Para onde você está indo? — questionei.

— Vou te levar para a sua casa.

— Mas eu quero ir para a sua.

O treinador balançou a cabeça.

— Você precisa dormir. Além disso, nós sabemos bem o que aconteceu da última vez que você apareceu lá em casa.

— O que aconteceu?

— Lucy. Lembra?

— Você levou uma bronca também?

— Se levei! Fui interrogado.

— E o que foi que disse para ela?

O treinador deu uma risadinha, depois me olhou de lado:

— Você é mesmo uma reporterzinha das boas, não é?

— Não sou uma reporterzinha — retruquei, estufando o peito e passando as mãos pelo cabelo para ajeitá-lo. — Sou... escultural.

Ele sorriu.

— Isso você é mesmo — comentou ele, olhando para minhas pernas antes de voltar a olhar para a pista.

Estiquei o braço e aumentei o volume do rádio enquanto Carrie Underwood e Brad Paisley cantavam *Remind me*, uma música que eu adorava, tanto que comecei a cantar junto, apesar de minha voz terrível de cantora: “If you still love me, don’t just assume I know!” (Se você ainda me ama, não suponha que eu saiba disso!).

Alguns segundos depois, paramos em frente ao meu condomínio.

— Onde fica o seu apartamento?

Apontei para a frente.

— É aquele.

O treinador parou numa vaga de visitante, mas esperou a música acabar para desligar o motor do carro; e ficou olhando para a frente, com a expressão séria. Depois, saiu do carro, veio até minha porta e a abriu. Ainda sentada, olhei para ele e ficamos nos encarando.

— O que foi? — perguntei sem me mexer.

Ele me ofereceu a mão, depois me conduziu gentilmente para fora.

— Acho que a Lucy também não iria gostar muito de ver isso — opinei.

— De ver o quê? Eu te dando uma carona?

— Não. Você me pegando pela mão para sair do carro.

— Ela entenderia que é para o seu próprio bem, devido ao seu estado de embriaguez — declarou ele, me conduzindo até calçada de cimento cercada por amores-perfeitos brancos e roxos.

— Vou conhecer os pais do Ryan amanhã — falei, do nada. — E ele vai conhecer os meus.

— E você vai estar de ressaca.

— Valeu a pena.

— Por quê?

— Porque você está aqui. Segurando a minha mão — respondi.

Ele sorriu, mas soltou a minha mão e levou o braço ao redor da minha cintura, me guiando em direção à escadaria, depois dois lances até a porta do meu apartamento. Vasculhei a bolsa à procura da chave, encontrei-a, depois abri a porta devagar. Entrei e fiquei segurando a porta aberta, esperando que ele me seguisse. O treinador veio e, antes que houvesse tempo para mudar de ideia, fechei a porta atrás dele e a tranquei. Achando graça, Carr balançou a cabeça, depois olhou ao redor da minha sala de estar escura e ficou olhando o artigo emoldurado que ele mesmo tinha me dado e que estava sobre a lareira.

— Ficou bom — opinou.

— Amei o presente — falei.

— Fico feliz.

— Amei porque veio de você.

O treinador assentiu.

— Que bom. Agora vá para a cama. — Ele apontou para o corredor escuro em direção ao meu quarto.

— Não estou com sono.

— Então comece a contar carneiros pulando a cerca.

Fiz uma careta.

— Mas antes beba um pouco de água e tome um Tylenol.

— Tudo bem. Mas eu quero fazer uma pergunta primeiro.

— Uma pergunta.

— Por que você acha que a Lucy não quer nos ver juntos?

— Não sei por que ela encucou com isso.

— Chute. Ou então vou fazer outra pergunta.

Ele sorriu, olhou para o teto, depois esticou o braço e pegou minha mão de novo.

— Porque... — começou ele, apertando um pouco minha mão e dando um passo para se aproximar de mim. — Porque acho que ela *sabe*.

— Ela sabe *o quê*? — perguntei, sentindo o aroma da loção pós-barba. Meu coração paralisou e eu fiquei tonta (mais tonta do que já estava) ao imaginar o quanto seria fácil me inclinar e beijá-lo.

— Não — disse ele, puxando a mão de volta e balançando um dedo para mim. A princípio pensei que ele quis dizer que não, que eu não poderia beijá-lo, mas ele acrescentou: — Você disse que tinha só mais uma pergunta. E eu já respondi. Agora vá para a cama. Já.

Embora não pudesse ver muito bem o seu rosto por causa da escuridão, pude ouvir pela sua respiração que ele estava sentindo algo. Nós dois ficamos parados, nos encarando, esperando alguns segundos antes de ele se virar, destrancar a porta e abri-la.

— Tchau, menina — despediu-se baixinho, agora parado.

— Tchau, treinador — falei ao ver a porta se fechar atrás dele.

Soltei a respiração, pressionei minha bochecha e a palma da mão contra a porta de metal e fechei os meus olhos. Ouvi a voz dele de novo, do outro lado:

— Tranque tudo e vá para a cama.

Abri os olhos e sorri, depois fiz o que ele mandou.

Vinte e oito



Não liguei para Ryan.

Foi a primeira coisa em que pensei quando acordei na manhã seguinte. A segunda foi: *Como vou pegar o meu carro*? A terceira: *Nunca mais vou beber de novo.* Estiquei o braço até o criado-mudo para pegar o celular, sentindo as têmporas latejarem e o coração apertado ao ver que havia seis ligações perdidas e sete mensagens de texto, todas de Ryan, uma seguida da outra, mostrando uma preocupação crescente.

8:30: Oi, meu doce. Acabei de te ligar. Me retorne.

8:42: Vou dormir daqui a pouco. Tô com saudade. Me liga.

9:05: Onde vc está? Pq não atende?!

9:38: Preocupado. Vc está bem?

10:07: Vc deve ter saído. Desligado o telefone. Boa noite, Shea.

10:43: E aí??? Nossa. Tudo bem?

11:21: Não consigo dormir. Que merda. Espero q tenha sido por um bom motivo.

Encarei a tela do celular e tentei formular minha defesa. Bebi demais? Perdi a noção de tempo? Esqueci de ligar? Caí no sono? O sinal do telefone estava ruim... A bateria acabou... Perdi o celular? A verdade? E qual era a verdade? Que eu não tinha pensado nele a não ser quando uns ex-colegas de escola me perguntaram? Que o treinador era o único para quem eu queria ligar e para quem, *de fato*, eu liguei?

Me obriguei a discar o número de Ryan agora, sem ter a menor ideia do que dizer se ele atendesse. Tocou uma vez e depois caiu direto na caixa postal, quando comecei minha mensagem desconexa: *Oi, Ryan. Mil desculpas por ontem à noite. Te explico o que aconteceu quando conversarmos... Sei que você está pensando exclusivamente no jogo a esta altura... Boa sorte... Não vejo a hora de assistir à partida com os seus pais... Me desculpe.*

Desliguei, cheia de sentimentos contraditórios. Eu realmente me sentia arrependida pela noite anterior. Eu havia dito a ele que faria uma coisa e não fiz nada daquilo. Já estive na outra ponta várias vezes, e fui vítima de promessas vazias de Miller e de outros caras além dele, então eu sabia o quanto poderia ser frustrante. Eu também sabia que Ryan gostava de controlar o que acontecia na noite da véspera de um jogo, então tinha certeza de que os seus nervos tinham agravado ainda mais o estado de irritação. E o mais importante: fui insensível e imprudente.

Ao mesmo tempo, tudo pareceu um pouco exagerado. Eu tinha passado um período de duas, três horas sem ligar para ele uma única noite... Grande coisa. Por que ele não poderia simplesmente ter me desejado boa noite e ido dormir? Precisava mesmo ter mandado aquele monte de mensagens? Precisava ficar tão chateado assim?

Quando o quarto começou a rodar, fui ainda mais para o campo defensivo. O que aconteceu não foi como se nós tivéssemos feito planos e eu tivesse simplesmente furado. Só esqueci de ligar para ele. Falando sério, ele não tinha coisas mais importantes para se preocupar? Como o Philadelphia Eagles? *Supere isso, já*.

O telefone tocou e eu me atrapalhei para atender, esperando que fosse Ryan e temendo o confronto. Mas, em vez do nome dele, vi CCC na tela do celular. Meu estômago continuou agitado, mas agora por um motivo completamente diferente.

— Alô? — atendi com a voz rouca.

— Ora, ora, ora, vejo que alguém não parece tão alegre quanto ontem à noite — disse ele.

Tentei rir, mas minha garganta estava seca demais, e o que saiu foi um pequeno gemido.

— É.... Acho que não.

— Você está bem?

— Sim. Me desculpe por ontem à noite.

— Não há motivo para pedir desculpas — afirmou o treinador, o que, de certo modo, me fez sentir ainda mais culpada em relação a Ryan. Na verdade, o treinador era quem deveria estar aborrecido comigo. Será que Ryan teria gostado de receber a ligação de uma bêbada à meia-noite? — Só precisamos ir buscar o seu carro.

— Precisamos? Você quis dizer *nós*? — indaguei, me enrolando feito um

caracol e me sentido dominada por aquela sensação maravilhosa que ele sempre me dava, ainda mais quando conjugava o verbo na primeira pessoa do plural e usava o pronome *nós*.

— Sim, *n*ós. Isto é, se você estiver bem para dirigir agora...

— Eu não bebo *tanto* assim. Você deve estar pensando que eu sou uma pinguça.

— Não. Duas bebedeiras num período de oito meses não quer dizer que você seja pinguça.

— Duas?

— Sim. A noite do troféu Heisman. Não foi a última?

— Ah, é. Sim, foi a última — confirmei, já não me sentindo mais envergonhada.

— Então, vamos marcar a próxima para *depois* da temporada. Você e eu. Em janeiro.

— Sim, janeiro — concordei, pensando no campeonato nacional. Estiquei o braço e dei três batidinhas na madeira do criado-mudo. — Combinado. Só você e eu.

Pude perceber que ele sorriu do outro lado da linha, e eu retribuí fazendo o mesmo.

— Ok — ele disse depois de alguns segundos. — Passo por aí lá pelas nove.

— Você vai passar aqui? — perguntei, entusiasmada.

— Sim. Alguém tem que te levar lá para você pegar o seu carro. Não vai precisar dele hoje? Para ir ao jogo?

Respondi que sim, me sentei e olhei para o relógio. Já eram quase 8:30, o que significava que eu tinha trinta minutos para parecer apresentável.

— Bom, levante-se e pode começar a se aquecer. Você tem um grande dia pela frente. Um grande jogo. E um grande encontro.

— Certo — respondi, me perguntando como eu passaria por tudo aquilo.

Trinta minutos mais tarde, depois que eu já tinha tomado banho, vestido um jeans e uma blusa de moletom e secado um pouco o cabelo, ouvi uma batida rápida na porta. Corri para abri-la, e vi o treinador, usando um uniforme de moletom do Walker e um boné de beisebol, segurando um café grande da Bunki.

— Feliz Dia de Ação de Graças, menina — desejou ele, erguendo o copo de café.

— Ah, é verdade. Esqueci. Feliz Dia de Ação de Graças — falei, pegando o copo térmico e quente da mão dele. — Obrigada.

— Imaginei que você precisasse de um pouco de café, mas aí percebi que nem sei como você gosta.

Nem. A palavra sugeriu que ele *deveria* saber, que nossa relação já tinha passado por esse ponto.

— Puro. Sem açúcar — falei. Era exatamente o jeito como ele gostava.

— Bem, então você está com sorte. Espero que eu tenha acertado os donuts também — acrescentou, segurando a sacola, depois a colocou sobre a mesa pequena que ficava ao lado da porta.

— Caramelizado? — adivinhei, sabendo que era o favorito dele.

Ele piscou e deu um tapinha na sacola:

— Sim.

— Quer entrar um pouco? — convidei, ainda me sentindo meio ousada, mas não tão atrevida quanto na noite passada.

— Eu entraria, mas temos que correr. Você precisa chegar a tempo para o jogo, que começa à uma.

— Eu sei — concordei, pegando as chaves e a bolsa. Em seguida, atravessamos a porta. Ele segurou o meu café enquanto eu a trancava, depois me devolveu o copo enquanto descíamos as escadas e nossos passos ecoavam nos degraus. Chegando à calçada do lado de fora do prédio, ele olhou ao redor, depois abaixou a aba do boné.

— Está preocupado que alguém o veja?

— Não, sinceramente não — ele respondeu, me dando uma risadinha. — Acho que superei isso ontem, quando estive aqui à meia-noite.

Sorri:

— Certo. Mas... Estamos autorizados a sermos amigos.

Ele me olhou de um jeito cheio de significado ao chegarmos ao seu carro.

— Estamos autorizados a sermos o que quisermos, entendido? — afirmou ele enquanto abria a porta para mim.

— Entendido — respondi, sentindo a voz e as mãos vacilantes.

Abaixei a cabeça para entrar no carro, e ele colocou as mãos sobre os meus ombros, me conduzindo. Tive de prender a respiração enquanto ele foi até o lado do motorista, entrou no carro e colocou a chave no contato. Antes de dar a partida, ele olhou para mim de novo:

— Você sabe o que está acontecendo aqui?

Congelei, tentando interpretar a pergunta, desejando que meus pensamentos estivessem mais claros.

— Com a gente? — questionei, e a pergunta preencheu o espaço entre nós, reduzindo-o ainda mais. Pude sentir o cheiro da pele dele agora, enxergar cada pelo do seu rosto, todos os detalhes.

Ele fez que sim com a cabeça e ficou me encarando.

— Sim. Com a gente.

— Faço *ideia* — respondi, sentindo o coração ainda mais acelerado.

Ele abriu um sorriso de orelha a orelha:

— Tudo bem. Só para ter certeza.

Então, quando ele se concentrou na pista, olhei para a janela, meus pensamentos acelerados. Não falamos mais nada, nem nos olhamos, até que mostrei a direção em que estava o meu carro, estacionado de um jeito meio torto a pouco mais de quinze metros do bar.

— Bom, chegamos — anunciou, parando bem atrás do meu carro.

— Sim. Chegamos.

Ele virou os ombros em minha direção e segurou uma de minhas mãos. Consenti e ele apertou meus dedos entre os dele.

— Feliz Dia de Ação de Graças, menina. Espero que o seu Cowboys vença — disse ele, a mão quente e firme.

— Ele não é o *meu* Cowboys — retruquei, olhando-o bem nos olhos. — Só tenho um time.

— Ah, pare com isso — ele argumentou, soltando minha mão e ajustando a aba do boné. — Você sabe que não é verdade.

— É verdade, sim.

Ficamos sentamos por mais alguns segundos, agarrando-nos àquele momento,

fosse lá o que estivesse acontecendo entre nós. Quebrei o encanto:

— Na verdade, Ryan deve estar enfurecido comigo. Então, hoje deveria ser um dia legal...

— Por quê?

— Não liguei para ele ontem à noite.

— É uma obrigação? Digo, você tinha que ligar para ele? — ele quis saber.

— Ontem à noite era. Ele me pediu para ligar às nove.

— E ainda especificou o *horário*?

— É o horário em que ele vai dormir. Na véspera de um jogo.

— Sei. — O treinador meneou a cabeça, visivelmente ciente de tal prática, já que ele também tinha suas próprias regras nas noites que antecediam os jogos. Mas a pergunta seguinte foi neutra: — E por que você não ligou?

— Porque eu tinha outras coisas na cabeça.

— Por exemplo?

Meneei a cabeça.

— Eu não estava pensando no Ryan. Nem um pouco.

— Bem... — disse ele, depois parou.

— Bem o quê?

— Se você não cumpriu o combinado, basta pedir desculpas...

— Já pedi.

— Vocês se falaram?

— Deixei recado na caixa postal.

— Então, pronto. Você pediu desculpas... Não rasteje.

— Não vou.

— E não... — começou ele, e voltou a olhar para minha mão. Ele parecia estar prestes a segurá-la mais uma vez, mas se conteve. — Não deixe aquele cara controlar você.

— O que você quer dizer com isso? — Eu tinha certeza do que o treinador queria dizer, mas precisava de esclarecimentos, o máximo de informação que pudesse conseguir.

— Ryan está acostumado a ter tudo o que quer. Ele sempre *espera* conseguir o

que quer... Ele normalmente consegue.

Assenti, pensando que aquele era um belo resumo de Ryan, mas ainda não sabia muito bem aonde o treinador queria chegar até que ele olhou para mim e acrescentou:

— Apenas se certifique de que é o que *você* quer.

Olhei de volta para ele, a ressaca deixando meus pensamentos nebulosos, mas também me encorajando. Foi uma combinação estranha e assustadora.

— Eu sei o que quero — declarei.

O treinador me encarou.

— Que bom. É um belo começo.

— Sim. É um começo... — concordei, depois hesitei. Senti que estaria traindo Ryan se dissesse qualquer outra coisa, mas consegui superar esse sentimento ao concluir que ainda estávamos falando genericamente. — Só preciso descobrir como conseguir isso.

— Bem. De acordo com a minha experiência... — comentou o treinador, com um sorriso discreto. Ergui as sobrancelhas, à espera de uma preciosidade filosófica. Mas, em vez disso, ele terminou a frase com: — Um chicletinho Big Red do Supermercado Parkit nunca é demais.

Dei risada e falei:

— Foi o que me disseram.

Meia hora mais tarde, depois que me troquei e vesti meu *legging* preto de couro, botas de camurça e um suéter azul do Cowboys com um V enorme nas costas, caí na estrada rumo a Dallas. Olhei para o celular mil vezes, na esperança de Ryan ter retornado, e ao mesmo tempo fiquei obcecada pela última conversa com o treinador. Quando parei na entrada do Ritz, estava apenas dez minutos atrasada, o que era um pequeno milagre. Avistei meu pai e a família dele, enfeitados e em frente ao balcão do manobrista. Astrid, Bronwyn e o marido, Wiley, que lembrava muito o meu pai, estavam vestindo preto ou tons de cinza, um grupo de morenos típicos de Manhattan. Bronwyn e Astrid tinham o mesmo estilo de cabelo longo e lambido, mas Bronwyn usava uma franja curta e penteada para o lado, não consegui decidir se gostei ou odiei (talvez, mais precisamente, eu tenha odiado porque na verdade gostei).

Saí do carro e acenei para eles, me sentindo desleixada e sem graça, um efeito que esse grupo sempre causava em mim. Na companhia deles, não importava o

quanto eu me arrumasse, meu cabelo sempre ficava desgrenhado demais, minhas roupas e meu batom, extravagantes demais e meu corpo, gordo e sem graça — mais ou menos uma Julia Roberts em *Uma Linda Mulher,* antes da transformação. Mas lembrei a mim mesma o motivo pelo qual estávamos todos ali hoje, é que Ryan James tinha me legitimado exatamente como Richard Gere fizera com Julia.

— Ei! — saudei-os, sorrindo, mostrando dentes demais e desejando ter me lembrado de jogar o chiclete fora antes de sair do carro. — Bem-vindos a Dallas!

Alto demais, pensei, acrescentando a minha lista, enquanto Astrid e Bronwyn acenaram timidamente e sorriram de um jeito hipócrita.

— Oi. Amei as botas. Você está maravilhosa! — exclamou Astrid.

— Obrigada — agradeci, me sentindo estranha ao receber dois beijinhos, um em cada bochecha.

Brownyn foi a próxima, mas eu a esnobei no último segundo, virando-me direto para meu pai, desejando que pudéssemos ter um momento a sós, sem sermos observados por Bronwyn e Astrid.

— Oi, pai.

— Feliz Dia de Ação de Graças, querida — disse ele, me dando um abraço apertado.

— Pra você também — desejei, retribuindo o abraço.

Os próximos que cumprimentei foram Bronwyn e Wiley, trocando gentilezas formais, notei, não pela primeira vez, que os dois pareciam se igualar na indiferença com refinamento. Mas eu tinha de admitir que os dois eram mesmo refinados, com cabelo, etiqueta e trajes impecáveis, até as fivelas reluzentes do mocassim dele e o laço preto e lustroso do salto de doze centímetros dela. Para começo de conversa, eu não conseguia imaginar nenhum deles de ressaca nem bebendo demais.

— E aí, *tão* animados para o jogo? — perguntei, e o "tão" escapou da minha boca antes que houvesse tempo hábil para eu me lembrar de usar o apropriado "estão".

— Sim — respondeu Bronwyn, com um sorriso apertado de Botox.

— Com certeza — interveio Wiley. — Isso é maravilhoso. Obrigada por organizar tudo, Shea.

— De nada. Não fiz nada demais. Foi o Ryan quem fez...

— E como vai ele? — indagou Astrid, apoiando o braço no meu enquanto meu pai entregava o tíquete ao manobrista.

— Ela está bem — respondi, sentindo uma nova onda de culpa e de preocupação me invadir. Eu ainda não tinha recebido nenhuma notícia dele, e é óbvio que àquela altura nem receberia, já que o jogo começaria em menos de uma hora.

— E você está *mesmo*... namorando ele? — ela perguntou, no tom mais insultante que uma pergunta poderia ter.

Eu a encarei por um bom tempo e disse, da maneira mais incisiva, que pude:

— Sim. Por quê? Isso te surpreende?

— Claro que não — respondeu meu pai por ela, entendendo muito bem qual era o meu objetivo. Ele tinha no mínimo trinta pontos a mais de QI que ela, o que, aliás, servia como uma pequena fonte de conforto para minha mãe.

Astrid não pegou a dica.

— Então, o negócio está ficando sério mesmo? Ou vocês só estão saindo? — pressionou ela.

— Vamos assistir ao jogo no camarote, com os pais dele — disse meu pai, com um tom de irritação que me encantou. — "Faça as contas", querida.

— Astrid não consegue fazer contas — falei, sorrindo, mas logo em seguida acrescentei: — Brincadeirinha!

— Mas ela não consegue mesmo — observou Bronwyn.

A única coisa que redimia minha meia-irmã era o fato de ela parecer quase tão incomodada com a mãe quanto eu, e me passou pela cabeça a estranha constatação de que eu gostava mais de Browyn pessoalmente do que na teoria. Ela era muito mais interessante que Astrid, já que herdara a inteligência do meu pai.

O manobrista trouxe o SUV alugado deles, e todos nós entramos. Wiley, Bronwyn e eu fomos atrás, Bronwyn no meio. Olhei para as mãos dela, que estavam sobre suas coxas, e observei o enorme anel de diamantes e as unhas pintadas. Cerrei minhas mãos para esconder as cutículas ásperas, e fiz de tudo para conversar o menos possível. Perguntei como estavam as coisas em Nova York, no trabalho e na nova casa nos Hamptons. Bronwyn me deu respostas sucintas ou modestas (dependendo da maneira como você as interpreta), sem deixar nenhuma brecha, e, para seu próprio bem, tentou desviar a conversa de

volta para mim, parecendo mais interessada em meu novo trabalho do que em Ryan.

— Você está gostando? É como você imaginava? — investigou.

— Sim. Igualzinho — respondi enquanto todos prestavam atenção ao que eu dizia. — É difícil trabalhar com prazos tão apertados, mas eu gosto muito. Gosto de manter o foco em um único esporte e em um único time.

Bronwyn assentiu e eu pude sentir o tom de respeito em sua voz quando ela perguntou:

— Quantas outras repórteres femininas há na redação?

— Na redação do *Post*, especificamente?

Ela confirmou com a cabeça.

— Nenhuma — respondi.

Pude ver o sorriso de orgulho do meu pai pelo retrovisor — o que me agradou mais do que deveria.

— Ryan te ajudou a conseguir esse trabalho? — perguntou Astrid.

— Não. Ele não teve nada a ver com isso.

Wiley fez algumas perguntas sobre a obsolescência crescente dos jornais e se eu acreditava que, em algum momento, em um futuro próximo, todas as notícias estariam na internet, até que Astrid conseguiu se intrometer de vez e mudou completamente o rumo da conversa. Enquanto ela tagarelava, voltei a checar as mensagens de Ryan, tentando encontrar algum tom agressivo nelas, mas me senti aliviada por não encontrar nada. Todas tinham um tom controlador, de carência, de integridade, mas não encontrei nada que justificasse as acusações de Blakeslee. Claro que eu ainda não tinha ouvido as mensagens que ele deixou na caixa postal, e me perguntava por quê. Será que eu não queria encontrar provas contundentes bem agora, momentos antes de conhecer os pais dele? Ou só estava exausta demais? Ou será que eu simplesmente não estava tão preocupada assim? Quando olhei para o meu celular, uma nova mensagem apareceu na tela. Era do treinador: *Diga ao seu pai que mandei um oi*.

Respondi: *Vou dizer.*

Fiquei com os olhos grudados no celular, esperando uma nova mensagem. E ela finalmente chegou: *Como está se sentindo? Melhor?*

Eu: *Sim, bem melhor. O café e o donut ajudaram. Obrigada mais uma vez.*

CCC: *Por nada. Já chegou ao estádio?*

Eu: *Quase.*

Tirei os olhos da tela:

— Pai, o treinador Carr te mandou um oi.

— Como ele está? — indagou Astrid, num tom de simpatia exagerada.

— Bem — respondi.

— Ele já está namorando alguém?

Respondi que não da maneira mais curta e grossa que consegui.

— E a sua mãe?

— Minha mãe?

— Você acha que os dois vão ficar juntos?

— Deus do céu. Claro que não.

— Já falei isso para ela — comentou meu pai.

— E por que não? Eles são tão amigos... e eu sempre o achei muito sexy.

— Astrid, por favor, pare — pedi, o que só serviu para botar mais lenha na fogueira.

— Você não o acha um homem sexy? Com aquele jeito másculo de treinador de futebol americano... Embora não faça muito o meu tipo — lançou ela, dando um tapinha na mão do meu pai.

— Astrid! — exclamou papai, exasperado. — Connie faleceu há pouco tempo, está lembrada? Em fevereiro.

— Tempo suficiente para tocar a vida — rebateu ela.

— Chega — insistiu meu pai.

— O quê? Está com ciúmes? — questionou Astrid enquanto chegamos ao estádio. — Ficaria incomodado se os dois ficassem juntos?

— Não. Só não imagino que isso possa acontecer — ele respondeu.

Voltei a olhar para o celular quando chegou uma nova mensagem do treinador: *Aproveite o jogo*.

Obrigada, digitei. Depois, fiz uma pausa e acrescentei uma frase bem atrevida: *Queria estar assistindo com você.*

CCC: *Eu também.*

Fiquei olhando para o telefone e sorrindo, perdida por um momento, tentando enxergar o que havia nas entrelinhas enquanto paramos em frente ao estacionamento VIP do AT&T Stadium.

Quando chegamos ao camarote dos James, os pais de Ryan já estavam lá com um grupo de outros casais da mesma faixa etária. Eu os reconheci imediatamente, tanto por vê-los na arquibancada na faculdade como porque Ryan se parecia muito com o pai. O Sr. James veio direto falar comigo, e me cumprimentou com um abraço de urso. Não era o que eu esperava, e eu diria que Bronwyn e Astrid ficaram impressionadas. Se houvesse qualquer suspeita de exagero, o pai de Ryan tinha acabado de desfazê-la com aquele grande abraço texano.

— Querida! Venha conhecer a Shea! — Ele chamou a Sra. James, que se aproximou de mim com uma dose de entusiasmo semelhante à dele.

— Ouvimos muito sobre você! — exclamou ela.

O Sr. James concordou com a cabeça.

— O Ryan gosta muito de você. Ele contou que você sabe mais de futebol americano do que qualquer outra mulher que ele já conheceu.

— Bom, que gentil da parte dele — falei, ignorando a óbvia nuance sexista e aceitando o comentário com espírito esportivo, como foi a intenção dele. — Amo futebol americano.

— E o Ryan te ama — acrescentou o Sr. James.

Astrid ficou literalmente de queixo caído.

— Ele é um cara muito especial — comentei, explorando o momento ao máximo, por tudo o que valeria a pena. Depois me virei para fazer as apresentações necessárias. Meu pai, o Sr. James e Wiley se deram bem de imediato, e encontraram muitos assuntos para discutir sobre os seus respectivos mundos financeiros, enquanto Astrid se esforçou ao máximo para impressionar a Sra. James, despejando sua própria versão de nomes importantes, rótulos e lugares. Bronwyn ficou na dela, manteve-se discreta e me acompanhou até a área do bar que havia no camarote.

— Quer que eu prepare um drinque para você? — ofereci, olhando para a vodca. — Bloody Mary?

— Você vai beber? — ela perguntou.

— Acho que sim — respondi. Eu não era muito o tipo de mulher que cura

uma ressaca bebendo mais, mas decidi que, naquela ocasião, eu poderia precisar. Seria um longo dia, e minha mãe ainda não tinha aparecido. Para agravar ainda mais a pressão social, eu estava começando a me sentir nervosa com o jogo. É claro que eu queria que os Cowboys ganhassem, primeiro como fã do time, depois como namorada de Ryan e, terceiro, porque me passou pela cabeça que, se ele não ganhasse, o que aconteceu na noite anterior poderia ser visto como o motivo da derrota.

Preparei dois drinques, entreguei um a Bronwyn e confessei que tinha exagerado na noite anterior.

— Você saiu ontem? — perguntou ela.

Quando me lembrei de que eu havia mentido sobre o trabalho, inventei outra mentira, dizendo que tinha saído depois que terminei a matéria, mas vi que ela não engoliu muito bem.

— Ok. Eu não fiquei trabalhando... Eu só... — confessei.

— Já entendi. Sei que a minha mãe é uma pessoa difícil de lidar.

— E a minha também — admiti no exato momento em que ela fez sua entrada triunfal em um terninho azul-claro Chanel e um sapato lustroso azul-marinho. Ela estava incrível, não poderia estar melhor. Sem dúvida, melhor que Astrid.

— A sua mãe está ótima — Bronwyn observou quando mamãe foi direto até o meu pai para cumprimentá-lo. Foi uma atitude estranha, que acrescentou mais um assunto à nossa pauta. — E muito feliz também. Ela está saindo com alguém? — Bronwyn quis saber.

Balancei a cabeça:

— No momento, não. Sabe? Admiro isso nela. Minha mãe não precisa estar com ninguém para se sentir feliz.

— Você não é assim também? — perguntou ela.

— De certa forma, sim. Acho que todo mundo quer encontrar o verdadeiro amor — afirmei, enquanto minha mãe se aproximou, virou-se e me cumprimentou com um beijo, ignorando Bronwyn, que pescou a dica e foi falar com Wiley.

— Mãe, você poderia ser um pouco menos óbvia — resmunguei.

— Pfft! Eles não existem — retrucou ela.

— Mas o pai, sim?

— *Tenho* que cumprimentá-lo. Ele é o seu pai.

— Tudo bem. Que seja — falei, dando de ombros enquanto colocava um pouco mais de vodca no meu Bloody Mary. Em seguida, levei minha mãe até a fileira da frente do camarote, onde a apresentei aos pais de Ryan.

Embora estivesse menos eufórica do que Astrid, ela também ficou entusiasmada, tentando impressionar a Sra. James, e começou a tagarelar, o que foi inconveniente considerando que o filho da mulher estava prestes a começar a jogar. Mas a Sra. James pareceu não se importar, e eu fiquei me perguntando se tanto Astrid quanto minha mãe estavam compartilhando o mesmo instinto maternal, tentando descontrair a mãe de Ryan. Eu mesma estava muito ansiosa, muito mais agora, assistindo ao jogo pessoalmente, certa de que cada *snap* parecia mais perigoso e de que cada jogador da defesa pareceria hoje ainda mais ameaçador. De qualquer forma, o jogo estava prestes a começar e era hora de se concentrar. Então, me acomodei na primeira fileira do camarote e me desliguei de todo o resto, menos do futebol americano.

Porém, no mesmo instante, tive um sentimento terrível em relação ao jogo. Ryan parecia sem emoção nenhuma. Então, no meio do primeiro tempo, ele fez um arremesso que foi interceptado e levou a um *touchdown* tão ridículo que com certeza se tornaria a manchete do *SportsCenter*. Erros táticos, lances negligentes e *turnovers* ocorreram na sequência, e, já no meio do primeiro tempo, o Dallas estava perdendo por 21 pontos e o clima no camarote era o mesmo do campo. Só minha mãe e Astrid pareciam distraídas e continuavam com seus comentários excessivamente otimistas e entusiasmados, o que estava deixando o Sr. James mais irritado, era evidente, algo que não poderia acontecer. Em certo momento, puxei minha mãe de lado:

— Mãe, eles não querem conversar. O filho deles está levando uma lavada.

— Está? Só marcaram três *touchdowns* contra o Dallas.

— Só?!

— Eles ainda podem reagir.

— Mas o problema não é só o placar. Ele é o *quarterback*. As estatísticas sobre o desempenho dele são monstruosas. Esse é o pior jogo da carreira dele, com toda a certeza — adverti.

— Ah — exclamou minha mãe, compreendendo agora, enquanto Astrid continuava a colocar ainda mais pimenta sobre a Sra. James com conversinhas sobre a coleção de verão da Neiman Marcus, a nova exposição do MOMA e a viagem que faria com meu pai nos próximos dias para Dubai, onde,

desnecessário dizer, tudo o que ela mais faria seria comprar.

Felizmente, ninguém, nem mesmo seus colegas, puxaram conversa com o Sr. James enquanto ele saiu da fileira da frente e foi para trás, onde ficou assistindo ao jogo pela tevê. Na única vez em que me aproximei dele, a caminho do banheiro, pude ouvi-lo praguejando contra a televisão, proferindo um monte de palavrões para o próprio filho. Quando passei por ele sorrateiramente, no caminho de volta para minha cadeira, ele gritou.

— Senhor? — respondi.

— Dá para acreditar neste jogo?

— Não, realmente não dá. — Ao perceber que não ajudei nem um pouco com essa frase, acrescentei: — Mas todos os grandes jogadores têm partidas como essa... Eli Manning passou por isso em certa temporada e foi eleito o melhor jogador do Super Bowl duas vezes.

— Sim. Bem, eu daria um desconto para o Ryan se ele alguma vez tivesse ganhado o anel — retrucou o Sr. James.

Meu Deus, pensei, cerrando os dentes. Você é realmente um *idiota*. Em vez de dizer isso, argumentei:

— Ele é um ser humano... Vai superar.

O Sr. James resmungou alguma coisa enquanto me sentei ao lado dele, em silêncio, cheia daquela sensação horrível de derrota que se tem quando se leva um chute no traseiro. Só que dessa vez era ainda pior, porque eu me sentia responsável por cada merda que acontecia ali. E se a derrota tivesse a ver com a insônia de Ryan? E se a insônia fosse a causa do mau desempenho dele, que por sua vez fez o time inteiro se sair mal? Eu não queria atribuir esse crédito — nem essa culpa — a mim mesma, mas era difícil desconsiderar essa possibilidade. Quando a transmissão pela Fox foi pausada pelos comerciais, perguntei ao Sr. James:

— Você acha que ele não está se sentindo bem? Ou não teve uma boa noite de sono?

O Sr. James olhou para mim:

— Diabos. Não sei o que aconteceu com ele... Faz anos que não o vejo tão mal assim.

Suspirei, passei o peso do corpo de um pé para o outro e olhei, nervosa, para meu celular, que eu havia deixado no bolso de trás, com nervosismo. Havia duas

novas mensagens, uma de Lucy dizendo: *Ah, não!!! Que jogo péssimo!!! Sinto muito!!!*, e outra do treinador: *Nossa! O que está acontecendo?*

Perdida em meus pensamentos ansiosos, devo ter murmurado alguma coisa comigo mesma, porque o Sr. James me olhou e perguntou:

— O que foi?

— Nada — respondi, encarando-o de um jeito inquieto. — Acabo de receber uma mensagem do treinador. Só isso. — O pai de Ryan pareceu confuso, então percebi que provavelmente, quando eu disse "treinador", ele pensou no treinador Garrett, o técnico dos Cowboys. Então, acrescentei: — O treinador Carr.

— E? O que ele disse? Que não consegue acreditar que este showzinho de merda é responsabilidade do garoto dele?

Balancei a cabeça, sentindo uma onda de raiva, e respondi:

— Não, não, ele não disse *nada* disso.

— E então? — o Sr. James questionou, me encarando, com a voz cheia de desgosto. — O que foi que ele disse?

— Só disse que... hoje não é o dia do Ryan — respondi, mantendo a minha posição, ciente de que isso seria o que o treinador *diria*. Ele compreendia o peso psicológico dos jogos, ainda mais para os *quarterbacks*, e nunca se irritava com seus jogadores desde que eles estivessem dando seu melhor. E, para mim, Ryan estava fazendo o seu melhor, ao que parecia. Ao menos ele estava se empenhando *muito*: forçando jogadas, fora do seu ritmo habitual. Às vezes essas coisas simplesmente acontecem, e não há nada que se possa fazer. Detestei o pai de Ryan pelo fato de ele não saber disso ou de não dar a mínima. Todos esses anos acompanhando o filho e ele ainda não via que Ryan não era uma máquina.

Então, como que para comprovar essa exata constatação — de que Ryan não era um robô —, assistimos enquanto ele tentou recepcionar a bola que veio de um péssimo passe na terceira e na oitava. Ele tropeçou, caiu e ficou deitado no chão enquanto os Eagles tentavam pegar a bola. Mesmo antes de mostrarem no replay, eu sabia que tinha sido o joelho machucado e que ele continuava sentindo dor. Fiquei quase instantaneamente nauseada, do jeito que sempre acontecia quando via alguém se machucando no jogo, em especial quando envolvia o joelho, a parte do corpo mais vulnerável de qualquer atleta.

Prendi a respiração e rezei ao ver o rosto do Sr. James empalidecer.

— Não é possível. Que merda! — exclamou ele.

Em seguida, o estádio ficou em pleno silêncio, enquanto a Sra. James, em estado de pânico, veio correndo na direção do marido. Um de seus saltos escapou do pé. Ela o chutou para longe, ficou mancando com o outro pé de sapato, até que o abandonou também.

— Será que ele se machucou muito? — perguntou ela, sem se dirigir a nenhum de nós especificamente, ofegante.

— E como vamos saber? — esbravejou o pai.

— Você viu o replay? Quem o machucou? — ela questionou, com a voz trêmula.

— Seu menino tropeçou. Ninguém tocou nele — retrucou o Sr. James, desgostoso.

Ela ignorou o tom do marido:

— Shea, você viu? O que aconteceu?

— Não sei — respondi, assistindo ao replay pela terceira vez, gelada de medo. Murmurei mais algumas coisas, explicando que a lesão não parecia tão séria e que provavelmente eles estavam usando o tempo de jogo parado para respirar um pouco. O que eu não disse a ela, embora soubesse que era verdade, era que mesmo os menores movimentos podem resultar em lesões catastróficas e que, curiosamente, acontecia assim com o joelho. Mas ela não esperou eu terminar minha resposta e voltou para a fileira da frente só para ficar um pouco mais perto do filho. Fiquei dividida, pois queria vê-lo mais de perto na televisão, mas também queria vê-lo em carne e osso.

Então, de repente, Ryan se levantou sozinho e saiu mancando do campo, com a ajuda apenas de um preparador físico, para aplauso e alívio enorme da multidão de oitenta mil fãs — exceto para o pai dele, que ainda parecia mais irritado que tudo. Me afastei um pouco e fiquei parada no meio do camarote, sem conseguir ver nem o campo nem a televisão, quando outra mensagem do treinador chegou.

CCC: *Não rompeu o ligamento. Ele vai sair de maca.*

Eu: *Eu sei. Mas o Sr. James está transtornado.*

CCC: *Deixe-me adivinhar. Ele está xingando o filho com um monte de palavrões?*

Eu: *Sim.*

CCC: *Ele vai desmoralizar aquele garoto. Mais do que ele já está*

desmoralizado.

Eu: *Eu sei. Agora eu realmente queria que você estivesse aqui*.

Quando falei isso, quis dizer não apenas para o bem de Ryan, mas pelo meu também. O treinador entendeu dessa forma e respondeu: *Eu também. Saudade de você, menina.*

Olhei para o celular, hesitante, depois digitei devagar: *Também estou com saudade de você.* Guardei o celular no bolso e fui para minha cadeira, evitando os olhares de preocupação dos meus pais. Acho que não assisti a nenhum outro lance depois disso; mantive os olhos grudados na lateral do campo como se ficar encarando o número 12 em azul nas costas do meu namorado pudesse, de alguma forma, reverter aquela terrível maré.

Vinte e nove

Os Cowboys acabaram perdendo por 28 pontos, a pior derrota de todas no Dia de Ação de Graças. Os únicos que permaneceram em nosso camarote até o final constrangedor foram as pessoas que vieram comigo. O Sr. e a Sra. James e a minha mãe foram embora faltando alguns minutos para terminar a partida. É óbvio que em tão pouco tempo o Dallas não se recuperaria, mas ainda assim a atitude pareceu desleal.

— Está pronta? — perguntou meu pai enquanto os dois times saíram de campo e desapareceram no túnel, a caminho do vestiário.

Dei de ombros, bebericando o terceiro drinque do dia, desejando estar bêbada de verdade ou qualquer coisa do tipo que aliviasse a preocupação com a lesão de Ryan — e com o que ele diria quando nós finalmente conversássemos.

— Não precisamos ter pressa. Ou ficamos parados aqui ou no trânsito — apontei.

— Tudo bem. Bom... Qual é o plano exatamente? — perguntou meu pai. Neste momento me ocorreu que, pelo menos uma vez, era eu quem estava no controle das coisas.

— Vamos nos encontrar no Café da Rua Green às cinco e meia — anunciei. Eu tinha deixado os planos meio vagos até agora, de propósito.

Sem conhecer Dallas, Astrid me lançou um olhar intrigante enquanto falei:

— Um jantar íntimo no Four Seasons. Relaxa.

Ela sorriu e:

— Perf.

Não consegui evitar e revirei os olhos para Astrid quando Bronwyn disse:

— Minha mãe não entende que só os adolescentes abreviam os substantivos e adjetivos... “Belê”, “firmê”, “sussa” e o meu favorito: “total”.

— Total? De “totalmente”? — interveio Wiley enquanto Astrid riu,

aparentemente orgulhosa por ser comparada com uma adolescente.

— Sim — falei.

Meu telefone tocou e eu dei um pulo, pensando que poderia ser Ryan, mas era só Gordon dando um “alô”.

— Você está no vestiário? — perguntei.

— Estou indo para lá agora... Sinto muito pelo jogo — ele declarou, e eu que gostei muito, considerando que ele era fã do Eagles. — Dia difícil para os seus caras.

— Sim... Um dia da caça — comecei, citando um dos ditados que o treinador usava —, outro do caçador.

— É. Verdade. Bem, parece que daqui a pouquinho vou falar com o seu namorado — comentou.

— Ouviu alguma coisa sobre o joelho dele? — perguntei.

— Nada oficial. Só vamos saber com certeza mais tarde... Mas o boato é que não foi nada grave. Você conversou com ele?

— Ainda não. Provavelmente você vai falar com ele antes de mim. Então, me conte...

— Vou contar.

Desliguei, percebendo que todos estavam olhando para mim.

— Quem era? — perguntou Astrid, esbaforida.

— Meu colega que faz a cobertura dos Cowboys.

Meu pai meneou a cabeça, intrigado, depois me fez algumas perguntas sobre o histórico de Gordon. Fiz um resumo da sua trajetória jornalística admirável — graduação na Universidade de Nova York, depois pós-graduação na Newhouse School, em Syracuse, e várias experiências em periódicos de pequeno porte até chegar a esse grande jornal. Meu pai pareceu compreender aonde eu queria chegar, pois perguntou:

— Esse trabalho é uma grande conquista para você, não é?

— Sim. Eu tive sorte.

— A questão não é sorte. É que você é boa — ele declarou.

— E eu conheço o treinador Carr... isso é tão bom quanto um diploma de pós-graduação — acrescentei.

— Estou te dizendo. Aquele homem é muito sexy — comentou Astrid, olhando bem nos meus olhos.

Uma hora mais tarde, depois que paramos no Ritz para Astrid “se refrescar”, e depois de minha mãe ter dito que não ficaria para jantar conosco, eu ainda precisava falar com Ryan, e já tinha enviado duas mensagens de texto. Eu não imaginava que ele pudesse me ignorar completamente, embora estivesse entrando em pânico ao pensar que aquela poderia ser uma possibilidade real. Mas, quando chegamos ao Four Seasons, fiquei aliviada ao ver o Porsche dele parado próximo ao balcão do manobrista, sendo admirado por alguns caras de uniforme. Por mais que entendesse os homens e os esportes, eu jamais compreenderia a paixão masculina pelos carros.

— O Ryan está aqui. É o carro dele — falei.

— Uau. Maravilhoso — exclamou meu pai, com um assovio, ao ver o carro.

— É um Turbo S? — questionou Wiley.

— Sim. Com certeza — respondeu meu pai.

— Quanto custa um *carro* desse? — Astrid indagou.

— Com certeza mais de um milhão — meu pai respondeu, enquanto saíamos do carro.

Olhei para o celular pela última vez, mas só havia uma mensagem de Lucy dizendo que o jantar foi um sucesso e que ela não sabia como sua mãe conseguia fazer as coisas parecerem tão fáceis. Senti uma onda intensa de culpa ao me dar conta de que eu não havia dito uma palavra sequer para Lucy sobre a mãe dela durante o dia inteiro. Foi puro egoísmo da minha parte, então eu quase me coloquei na mesma categoria que Astrid. Fiz uma anotação mental para ligar para Lucy assim que o jantar acabasse.

Alguns minutos mais tarde, depois de sermos recepcionados pela hostess do restaurante, fomos conduzidos até o bar privativo, onde Ryan e seus pais já estavam sentados. Ryan e o Sr. James se levantaram imediatamente enquanto entrávamos, mas nenhum deles sorriu. Os dois pareciam péssimos, e eu tive a sensação de que tinham acabado de discutir. Pai e filho estavam com o rosto corado.

Prendi a respiração, me preparando para uma saudação fria e para o constrangimento que isso me traria, mas não aconteceu. Em vez disso, Ryan veio até mim, colocou o braço ao redor da minha cintura e me beijou, mas de um jeito tímido.

— Oi, querida — disse ele, como se eu fosse a única pessoa ali.

— Oi — respondi com o máximo de delicadeza que consegui, sem sussurrar. — Sinto muito, muito mesmo...

Ryan assentiu, como que aceitando minhas desculpas, depois ele mesmo se apresentou, com calma, cumprimentando meu pai com um aperto de mão e com a voz mais firme.

— Olá Sr. Rigsby! Sou Ryan James.

— Pode me chamar de Walt — pediu meu pai, com firmeza.

— Certo, então. Walt. Prazer em conhecê-lo! — ele afirmou, se virando para os demais. — E vocês devem ser Bronwyn, Wiley e Astrid. — Ele apontou para cada um deles, e os cumprimentou com um aperto de mão também. Astrid abriu um sorriso de orelha a orelha e, por mais inacreditável que pudesse parecer, perguntou se poderia tirar uma foto com ele antes de nos sentarmos.

Acho que eu bufei, e Bronwyn pareceu horrorizada quando viu a mãe me entregar o iPhone. Mas Ryan levou tudo numa boa, sorriu, fez pose e até deixou Astrid verificar a foto que tirei para saber se ficara do seu agrado. Enquanto isso, meu pai, Bronwyn e Wiley ficaram batendo papo com o Sr. e a Sra. James.

— Eu pisquei? — Ryan me perguntou quando devolvi o celular a Astrid. — Eu sempre pisco.

— Não, ficou “perf” — respondeu Astrid.

— Ótimo! — ele afirmou de um modo tão jocoso que não sei bem se fiquei impressionada ou incomodada ao ver que o nível de fingimento dele poderia chegar a esse ponto.

Quando nos sentamos, meu pai colocou o dedo na ferida:

— Lamentamos muito pelo jogo, Ryan. Como está o seu joelho?

— Está tudo bem. Foi só uma torção.

— E como conseguiu fazer isso? — indagou o Sr. James.

— O que quer dizer? —Ryan questionou, e o clima ficou visivelmente tenso. — Como é que as pessoas torcem o joelho?

O Sr. James murmurou alguma coisa que não consegui entender enquanto o garçom se aproximou e, com uma fala ensaiada, explicou sobre os pratos e tomou nota dos pedidos de bebida. Por alguns minutos o clima ficou mais leve enquanto todos, exceto o Sr. James, conversavam entre si educadamente.

Porém, quando o vinho e o uísque chegaram, ele voltou a despejar seus insultos velados. Ryan os ignorou até o momento em que pareceu não suportar aquilo nem mais um segundo.

— Pai, você pode, *por favor*, mudar de assunto? — ele sugeriu, olhando bem para o Sr. James.

— Claro. Sobre o que você gostaria de falar, filho? — perguntou o Sr. James, sarcástico. — Hoje é o *seu* dia.

Meu pai ergueu uma sobrancelha e olhou para mim.

— Qualquer coisa. Menos futebol americano —Ryan respondeu, com as narinas já dilatadas.

O Sr. James insistiu:

— Por exemplo?

— *Nada*, por exemplo — rebateu Ryan, erguendo a voz ligeiramente.

— Tudo bem. Que tal falarmos sobre essa investigação da Walker? Shea, li a sua matéria... Poderia falar sobre isso?

Abri a boca para responder, mas Ryan bateu a mão sobre a mesa:

— Isso é futebol americano, pai.

— Mas pelo menos não é sobre o jogo horrível que você fez hoje.

— Querido, não... — sussurrou a Sra. James enquanto Ryan virava seu copo de uísque.

— Como vai a investigação? — pressionou o Sr. James, sem querer me deixar de fora da confusão.

— Está... em andamento — falei enquanto Ryan tocou minha perna por baixo da mesa, o que me deu força para continuar. — Pelo menos acho que sim. Para ser sincera, não sei. A NCAA não comenta o caso. A Walker também não. As minhas fontes não serão reveladas... o que, na verdade, é um alívio para mim e significa que não preciso escrever e registrar a identidade delas.

— E? Você acha que estão nos investigando?

Tive vontade de responder que ele não era nenhuma parte de *nós*. Tive vontade de mandá-lo calar a boca. Em vez disso, tive um insight:

— Bem, eu não sei, senhor. Ouvi boatos de que o senhor comprou um carro para Cedric Washington. É verdade?

Olhei para Ryan, que assentiu ligeiramente para mim, embora eu não tenha conseguido decifrar se ele estava confirmando o boato ou me dando apoio moral.

De qualquer forma, o Sr. James permaneceu calmo:

— E qual é a cláusula que proíbe isso?

— Não sei — respondi, depois o pressionei: — Então o senhor deu mesmo? Comprou um carro para ele?

— Devo ter comprado — respondeu.

— Querido — repetiu a Sra. James.

— O que foi? Ela me fez uma pergunta — ele retrucou para a esposa.

Meu pai começou a assoviar, uma mania que ele tinha quando ficava nervoso, e até Astrid tinha se tocado que a situação estava ficando péssima, e começou a murmurar consigo mesma que amava vinho, depois se virou para perguntar a Wiley o que ele tinha pedido. Wiley a informou sobre o vinho que ele havia escolhido e sua respectiva ficha técnica. Com certeza ele tinha visitado a vinícola com Bronwyn, o tipo de coisa que me irritava, mas posso dizer que todos estavam se esforçando para lançar uma tábua de salvação para Ryan e eu. Foi uma cena quase comovente.

— Onde foi que você ouviu isso, Shea? Ou essas perguntas são suas mesmo? — ele questionou, com um sorriso largo e falso.

Sorri:

— Não posso revelar as minhas fontes.

— Ah, sem essa. Você conversou com Ced?

— É só um boato. Da mesma maneira que toda essa investigação está sendo realizada com base em boatos, conjecturas. É um castelo de cartas. Como tudo o que a NCAA está fazendo estes dias.

Foi a coisa certa a dizer, porque houve uma mudança perceptível depois disso. Ou talvez o uísque estivesse começando a fazer efeito.

— Concordo plenamente — declarou o Sr. James, erguendo o copo.

Eu não gostava nem um pouco da ideia de estar do mesmo lado que ele em uma discussão, mas estava mais interessada em fazer a refeição em paz, então mantive o discurso anti NCAA, sustentado principalmente pelo treinador. Enquanto isso, Ryan se manteve em silêncio absoluto e só falava quando alguém conversava com ele. Mas não pude culpá-lo, e tive certeza de que ninguém tinha

o direito de fazer isso. Na verdade, enquanto nos atrapalhávamos com o jantar, me senti cada vez mais protetora em relação a ele, quase como se ele ainda fosse um garotinho acuado diante da presença do pai.

Ao final do jantar, quando meu pai sugeriu que voltássemos ao Ritz para tomar um drinque, recusei imediatamente.

— Ryan precisa ir para casa descansar — observei.

— É... preciso colocar gelo neste joelho — ele concordou quando a conversa atingiu outro nível de calmaria, uma raridade considerando tantas pessoas à mesa.

Quando a conta chegou, todos os homens discutiram, disputando quem pagaria. Por fim, o Sr. James venceu e os outros três cederam rápido, muito provavelmente aceitando aquilo como um gesto de arrependimento pelo seu terrível comportamento. Então, nos levantamos e voltamos para o balcão do estacionamento. O manobrista trouxe primeiro o Porsche de Ryan, embora ele tenha perdido a comanda. Ele discretamente deu uma gorjeta de vinte dólares para o rapaz. Só depois disso se virou para mim e perguntou:

— O que você vai fazer agora?

— O que você quer que eu faça? — sussurrei.

— É você quem escolhe — respondeu.

— Você quer ficar sozinho?

— Não. Quero que fique comigo.

— Tudo bem, então. Vou pegar o meu carro no Ritz e já volto.

Ryan concordou com a cabeça. Em seguida, eu o observei enquanto ele me olhava e lançava um último gesto de charme.

— Foi ótimo conhecê-lo, senhor, e, da próxima vez, asseguro que vão assistir a uma vitória — disse ele para o meu pai, com um aperto de mãos.

— Da próxima vez, dê a eles um jogo bom. Não essa vergonha que você fez hoje.

Ryan ignorou o pai, mas deu um beijo na mãe, depois em Astrid em Bronwyn, e foi cumprimentar Wiley. Por fim, ele se virou para mim e perguntou:

— Te vejo daqui a pouco?

— Sim — respondi, me inclinando para beijá-lo por protocolo e porque eu queria, mas, mais do que tudo, porque eu realmente lamentava muito pelo

grande Ryan James.

Trinta



Cinco minutos depois de chegarmos a sua casa, Ryan se transformou em uma pessoa completamente diferente daquela que se despediu de mim com um beijo no Four Seasons. Foi como se ele tivesse apertado algum botão e, de desolado e formal, passou a furioso. Estava injuriado consigo mesmo, com os colegas do time, com seus treinadores e com o pai. Não estava animado nem bravo, mas agressivo e frio enquanto disparava um comentário após o outro feito um personagem de Aaron Sorkin em algum programa de televisão. E ele fez tudo isso reclinado no sofá branco, sem camisa, com uma bolsa de gelo sobre o joelho esquerdo, enquanto permaneci sentada na poltrona de frente para ele.

Ryan me deixou para o final.

— E onde diabos você estava ontem à noite? Você conseguiu fugir do assunto o dia inteiro.

— Não, eu não fiz isso — retruquei, fitando as linhas de seus músculos oblíquos que mergulhavam em seu short azul de malha. — Essa é a primeira vez que você pergunta.

— Bom, então estou te perguntando agora — ele rebateu, enquanto eu tentava definir quantas linhas tinha o seu abdômen de tanquinho, se seis ou oito. Em silêncio, contei oito e ao mesmo tempo decidi que mentir não seria a melhor opção.

— Fui para o Third Rail — respondi, sem deixar de olhar em seus olhos.

— Então você foi para um bar mesmo depois de me dizer que ficaria em casa?

— Mudei de ideia. Queria reencontrar uns amigos.

— Reencontrar amigos?

— Sim, dos tempos da escola. Reencontrei uma garota chamada Michelle. Ela mora na Califórnia. Veio passar o Dia de Ação de Graças.

— E quem mais estava lá? — questionou ele.

— Bem, tinha muita gente de fora. Você sabe como a cidade fica na véspera dos feriados...

— Não, para falar a verdade eu não estou familiarizado com esse tipo de fenômeno... já que normalmente estou trancado em um quarto de hotel.

— Certo — falei, pensando que ficar hospedado em um hotel como Ryan ficava não era uma sentença de prisão, como ele queria que as pessoas pensassem.

— E quem mais?

— Quer que eu diga os nomes?

— O Miller estava lá?

Balancei a cabeça, mudando, de um segundo para o outro, minha decisão de contar a verdade. Enquanto tentava manter os olhos nos dele, me passou pela cabeça que havia um motivo real para que os detectores de mentira funcionassem tão bem. Nada no meu corpo estava funcionando do mesmo jeito que segundos atrás.

— Ele não estava lá?

— Não.

— Então você não o viu? — ele pressionou, me encarando, me fazendo pensar que talvez, de alguma forma, soubesse a verdade. De um jeito ou de outro, eu tinha de manter a minha história.

— Não, ele não estava lá. Eu não o vi — respondi. Eu deveria simplesmente ter parado aí, mas continuei falando, do jeito que quem mente faz. — Mas e se ele estivesse lá? Grande coisa. Ryan, *por que* essa obsessão com o Miller? Não sinto isso em relação Blakeslee, e você foi *casado* com ela.

— Sim. Mas depois me divorciei. E ponto-final.

— Para o meu pai, o divórcio não foi um ponto-final — argumentei, e foi a única vez em que me senti grata por Astrid.

— Bem, mas é o ponto-final para a maioria. E foi para mim.

— Assim como tenho certeza de que nunca vou voltar com o Miller.

— Ele continua com aquela professora?

— Não... Acho que não... Não tenho certeza.

— Não tem certeza? O que isso significa? Ou você sabe que eles terminaram ou não sabe.

— Você é um *quarterback* ou um advogado? — questionei.

— Acho que me sairia melhor como advogado.

— Você teve *uma* partida ruim. Mesmo assim, conseguiu fazer jogadas incríveis — comentei, na esperança de mudar de assunto.

Mas Ryan persistiu.

— Voltando ao Miller.

— Deus do céu — retruquei, baixinho.

— Quando foi a última vez que conversou com ele?

— Ah, fala sério, Ryan — resmunguei, tentando evitar mais uma mentira deslavada. — Isso é ridículo. Miller é... coisa do passado.

— Bem, pode ser ridículo para você. Mas não consegui dormir ontem porque não parei de pensar em vocês dois juntos.

— Por que fez isso?

— Porque você não me ligou.

— Ah, *por favor*.

— Não consegui dormir, Shea. E sei que não preciso te dizer o quanto o sono é importante para o desempenho de um atleta.

E lá estava o assunto, às claras. Ryan estava me culpando pela partida ruim. Apenas para confirmar a acusação, lancei:

— Você está dizendo que... o que aconteceu hoje... foi minha culpa? Que aquelas *interceptions* aconteceram porque eu não te liguei? — As perguntas foram um pouco maldosas, mas a insinuação dele também foi.

— Não. Fiz um jogo de merda hoje. Mas o fato de você não ter me ligado certamente não ajudou muito — ele respondeu.

— Uau!

— Você só precisava ter me ligado, desejado boa-noite, feito o que disse que faria. Depois, você poderia ter saído e se divertido no bar. Eu nunca saberia.

— Ah, fala sério. Isso não é justo — retruquei, erguendo um pouco a voz.

— Assim como também não foi justo você não ter cumprido a sua palavra na véspera de um grande jogo.

Soltei um suspiro profundo, depois acrescentei:

— Eu só... perdi a noção do tempo.

— A noite inteira?

— Quando vi as suas mensagens, já era muito tarde para retornar.

— Será que você não quis dizer que era *cedo* demais para ligar? A que horas chegou em casa?

— Ryan, por favor. Me desculpe, mesmo. Bebi demais — falei, pelo que me parecia a centésima vez.

— E quais são os outros erros que você comete quando bebe demais?

— Bem, vejamos... Esqueci meu cartão de crédito no bar...

— Não fechou a comanda?

— Não. Isso é um problema? Não é melhor ter aberto a minha própria comanda do que deixar os outros pagarem bebida para mim?

— De que outros você está falando?

Cruzei os braços, balancei a cabeça e o encarei, me recusando a responder mais uma pergunta. Enquanto isso, Ryan tirou a bolsa de gelo e verificou o joelho. A pele estava vermelha e fria. Em seguida, ele jogou a bolsa no chão, sentou-se e falou:

— Olhe. Se você está comigo, preciso que seja a minha namorada, e isso inclui me apoiar na noite da véspera de um jogo. Eu precisava de você ontem. Precisava ouvir a sua voz, e... você... não deu a mínima.

— Não diga isso. Você sabe que eu me importo. E muito.

— Não é o que parece. Se você realmente se importasse, teria ligado. Ponto-final.

Esse foi o estágio mais razoável e próximo à calma que ele chegou — muito longe das demonstrações enfurecidas de ciúmes que Blakeslee me descrevera. Mas eu ainda estava insegura. Havia algo estranho em todo aquele interrogatório, e eu não pude deixar de pensar no quanto teria sido pior se ele soubesse que Miller estava mesmo lá no bar.

— Ou você está dentro, ou fora. Não dá para ficar em cima do muro — afirmou Ryan, repetindo uma das falas do treinador.

Balancei a cabeça, concordando.

— E aí?

— E aí, o quê? Já ouvi!

— Está dentro? Ou fora? — Hesitei, tempo o bastante para Ryan balançar a cabeça, decepcionado. — Foi o que pensei.

— Eu não falei nada! — gritei, minha frustação aumentando. — Por que está fazendo isso? Sei que teve um jogo ruim, mas isso acontece, às vezes. Você continua sendo um dos melhores *quarterbacks* da liga! Não me diga que deixou o seu pai fazer a sua cabeça.

— Deixei *você* fazer a minha cabeça. Deixei o fato de que você não conseguiu alguns minutos para me ligar me influenciar.

Eu o encarei de novo, sem conseguir acreditar que começaríamos tudo *mais uma vez*.

— Tudo bem, Ryan. De novo, peço desculpas. Te dou a minha palavra de que isso não vai se repetir. Você tem o direito de estar irritado. Zangado. Sinto muito por tê-lo feito se sentir assim. Não vai voltar a acontecer.

Ele ficou me encarando por um longo tempo, depois disse:

— Shea, eu te *amo*.

Eu o encarei de volta, chocada, com o coração acelerado. Jamais esperaria que ele dissesse isso. Não mesmo.

— Tem certeza disso? — perguntei, protelando, mas também pensando que amar alguém significa, muitas vezes, ter confiança nessa pessoa.

— Sim. Você *me* ama? — ele perguntou com a voz suave, carente e insegura. Aquilo era inconcebível, uma completa inversão do que qualquer pessoa no mundo imaginaria que deveria acontecer naquele momento.

Em vez de responder, me levantei e fui até o sofá, onde me sentei e fiquei olhando para ele, coloquei a mão sobre o seu ombro, como se o contato físico bastasse como resposta.

Mas não bastou.

— Você... me ama? — ele repetiu. — É uma pergunta muito fácil de responder.

— Sim, Ryan. Eu te amo — respondi, me sentindo encurralada, pensando que aquela resposta seria a declaração de amor menos romântica de todos os tempos. E a pior parte era que eu tinha plena certeza de que havia dito mais uma mentira. Uma mentira muito maior do que fingir que eu não tinha encontrado Miller na noite anterior. Em um gesto de nervosismo, desviei o olhar para o joelho dele e

disse: — Bom, agora que resolvemos isso, você precisa de mais gelo?

Ele negou com a cabeça, depois suspirou:

— Mas eu preciso de *você*, meu doce. Venha aqui.

Ele me puxou para perto, de modo que fiquei com a cabeça apoiada em seu peito, meu corpo contra o dele. Enquanto ouvia a batia do seu coração, me peguei pensando no que exatamente ele precisava de mim, porque, assim, eu poderia me lembrar de ligar nas noites de véspera dos jogos. E poderia também evitar ir ao Third Rail e o contato com Miller. E poderia até mesmo aprender a amá-lo. Mas havia uma coisa que eu não poderia mudar e que jamais mudaria. Nem agora, nem nunca. Percebi que comecei a entrar em pânico a cada respiração dele.

Ryan, por fim, quebrou o silêncio e comentou:

— Meu pai é um imbecil, não acha?

Virei a cabeça para olhá-lo no rosto, pelo menos de perfil.

— Sim. Com certeza ele é — respondi, como se não houvesse nenhuma outra maneira de ser agradável nesse caso.

— A propósito. Você estava certa. Ele deu mesmo aquele carro para o Cedric.

— Imaginei — falei, aliviada por ele não ter me perguntado quem me passou essa informação. Pela primeira vez me senti preocupada com as implicações éticas de não dar continuidade à história, não importa quão antiga ela fosse.

— E ele não comprou simplesmente porque queria ajudar o Cedric.

— Certo.

— Ele controla as pessoas com o dinheiro dele. É uma coisa doentia.

— Mas ele não pode controlar você. Não mais — comentei, voltando a me sentir leal a Ryan. Talvez eu o *amasse*. Pelo menos um pouquinho.

— Sim. Tenho mais dinheiro do que ele. Acho que isso o enfurece — admitiu Ryan, com um sorriso discreto.

Virei o rosto para poder olhar melhor para ele, me apoiei sobre meu cotovelo e fiquei olhando para sua cicatriz. Ele percebeu e me perguntou:

— O que foi?

— Por que você tem essa cicatriz? — questionei.

Ele engoliu em seco e respondeu:

— Eu já te contei. Foi num campeonato estadual. Do ensino médio.

— Certo. Mas *como*?

Ele olhou para mim, e eu diria que estava pensando se me contava a verdade ou não. Parte de mim queria que ele não o fizesse, porque assim eu me sentiria melhor por não ter lhe contado a verdade. Mas eu também queria que ele se sentisse melhor, e tinha certeza de que a verdade sempre nos aproxima do estado de paz.

Mais alguns segundos se passaram, até que ele contou:

— Meu pai jogou uma chuteira em mim. Depois de um jogo.

— Ah, *Ryan* — lamentei.

— Eu não queria te contar, mas... foi o que aconteceu.

— Sinto muito, querido — falei, imaginando-o naquela noite, na sala de emergência, levando pontos, mentindo para o médico sobre o que tinha acontecido e, provavelmente, com o pai ao lado, supervisionando tudo. — Que terrível.

— Sim. Tudo bem... Acho que tive sorte de ele não ter jogado nada mais pesado em cima de mim naquele dia — ele desabafou, com um sorriso discreto.

Estendi a mão para passar o dedo sobre a sobrancelha dele, depois murmurei:

— Eu já tinha percebido essa sua cicatriz na época da faculdade... e sempre amei.

Ryan pareceu emocionado.

— Por quê?

O verdadeiro motivo, pelo menos naquela época, era que cicatrizes marcantes sempre me chamavam a atenção nos homens, especialmente nos que têm o corpo atlético, porque se supõe que a cicatriz tenha sido causada por alguma batalha em campo. Mas, naquela noite, apreciei a cicatriz por outros motivos.

— Porque é parte de você. Parte de quem você é — respondi.

— É... Acho que sim — ele disse.

Ryan colocou a mão sobre o meu pescoço, aproximou o rosto do meu e me beijou devagar. Recuei e fiquei olhando para ele.

— Obrigado — ele agradeceu. Era como se ele tivesse chegado ao ponto mais profundo que eu queria: ele estava ligado ao pai, por mais que não quisesse, exatamente como eu estava ligada ao meu, a Astrid e a minha mãe. Nem ele nem

eu podíamos evitar nossas histórias, mas podíamos, sim, escolher o que fazer com elas. — Obrigado por aceitar os meus defeitos...

— Não precisa me agradecer por isso. Sabe, na verdade, acho que eu poderia te amar mais quando você faz uma *interception* do que quando marca um *touchdown*.

Ele sorriu:

— Não diga isso.

— Mas acho que é verdade.

— Bem, é nisso que somos diferentes — ele comentou, com o sorriso ainda mais largo. — Porque eu te amo mais quando você *não* deixa a bola cair. Por assim dizer.

— Entendi. Nada mais de *turnovers.*

Meu pai e sua trupe partiriam na tarde do dia seguinte, mas não planejei encontrá-los de novo, por isso me despedi formalmente na noite anterior. Contudo, na manhã seguinte, enquanto Ryan estava de saída para fazer um exame de ressonância magnética, meu pai ligou e perguntou se eu poderia encontrá-lo para tomar café. Quando abri a boca para dizer que não podia por conta do trabalho (de novo), ele acrescentou: “Só nós dois”. Surpresa, respondi que seria ótimo.

Meia hora depois, cheguei ao Buzzbrews Kitchen, sugestão dele, e um dos meus lugares favoritos, e o encontrei já sentado em uma mesa de canto, bebericando um café. Ele tirou os olhos do cardápio e sorriu enquanto eu me aproximava.

— Oi, pai.

— Oi, querida — ele respondeu, tirando os óculos de leitura e os guardando no bolso com monograma de sua camisa engomada, azul e branca. — Está com fome?

— Estou sempre com fome. Sou a sua filha que sente fome de verdade. É assim que você pode nos diferenciar — brinquei, esperando que o comentário soasse mais autodepreciativo do que sarcástico, ainda mais porque eu tinha mesmo gostado de Bronwyn no dia anterior.

Meu pai deu risada, e eu notei o quanto ele parecia diferente hoje. Mais relaxado e natural.

— Há outras diferenças entre as minhas duas filhas — ele comentou, tomando

mais um gole de café.

— Sim. Acho que sim — concordei, listando algumas delas na minha cabeça, influenciada pelo meu sentimento de inferioridade de sempre. Embora não houvesse de fato nenhuma evidência concreta de que o meu pai fizesse comparações entre nós duas, eu não tinha a menor dúvida disso. Namorar um *quarterback* da NFL e escrever para um jornal renomado ajudou a compensar minhas deficiências, mas, ainda assim, Bronwyn me vencia com uma margem confortável.

Alguns segundos depois, uma garçonete se aproximou para nos atender. Eu já conhecia o cardápio de cor, então pedi o Blazing Huevos de sempre, panqueca de banana com nozes e café. Meu pai fingiu se sentir atraído pela minha escolha e murmurou que parecia ótima, mas preferiu dois ovos mexidos e uma fatia de bacon, sem torrada nem bolinho crocante de batata.

Quando a garçonete se foi, perguntei:

— Voltou a fazer a dieta Atkins?

— Sempre. Como eu já disse várias vezes, a única maneira de permanecer em forma é comendo bacon.

Dei risada.

— Você continua um pouco texano, não é?

— Sem dúvida — ele respondeu, batucando na mesa em sincronia com uma música de Vince Gill que tocava ao fundo, como se quisesse me dizer que gostava de música country. Ele tinha vivido no Texas tempo suficiente para que o estado penetrasse em seu sangue, mas não o bastante para nunca mais querer deixá-lo.

— E então? Se divertiu ontem? — perguntei.

— Sim, me diverti muito. Embora teria sido muito melhor se nós tivéssemos ganhado.

Sorri e provoquei:

— Nós, hein? Pensei que fosse fã do Giants.

— Sim. Mas o Dallas é um time *americano*, certo? — comentou meu pai.

— Certo — falei, embora aquela fosse uma expressão que sempre me aborrecia. — Viu o que o Sr. James fez? A maneira horrível como ele reagiu à derrota?

Meu pai soltou um assovio, depois balançou a cabeça.

— Santo Deus! Eu realmente não consigo... sinto muito pelo Ryan.

Assenti, pensando: *Sim, é difícil encarar o fato de que o seu pai não te ama.*

Me adverti para parar de ter pena de mim enquanto meu pai perguntou sobre o joelho de Ryan.

— Ele se machucou feio, mas acho que não foi nada muito grave. Está fazendo ressonância magnética neste exato momento.

— E como ele ficou? — meu pai questionou enquanto a garçonete voltou com o café e encheu a xícara do meu pai de novo. Ele adicionou um pacotinho de adoçante Splenda e um pouco de leite, em seguida mexeu o café como sempre fazia, rápida e ruidosamente. Aquilo sempre parecia algo inesperado, considerando que meu pai, na maior parte do tempo, fazia tudo de maneira comedida e metódica.

— Ele ficou muito bravo — respondi, ainda tentando entender tudo o que havia sido dito e prometido na noite anterior.

Meu pai pareceu contemplativo.

— E você?

— O que tem eu?

— É difícil... namorar alguém tão famoso?

Dei de ombros, sem entender ao certo o que ele estava perguntando.

— Na verdade não. Parece que a mídia não percebeu ou não se importa — respondi. Depois, antes que ele pensasse que isso me desapontava, acrescentei: — O que é muito bom.

Meu pai assentiu:

— É questão de tempo...

— Minha mãe está cruzando os dedos para isso acontecer — comentei, rindo.

Eu me senti ligeiramente desleal ao fazer o comentário maldoso, mas meu pai entendeu a brincadeira e levou na esportiva:

— Astrid também. Ela está torcendo para que alguém escreva uma matéria sobre a madrasta da namorada do Ryan.

Sorri:

— Pai, por favor, não a chame assim. Ela é sua esposa, não minha madrasta.

Muitas vezes, ao longo de todos esses anos, não agi de maneira muito legal, especialmente quando era obrigada a ir para Nova York, na infância, mas essa tinha sido a forma mais próxima que encontrei de dizer ao meu pai como eu me sentia sobre a situação. A expressão dele mudou tanto que quase me arrependi do comentário. Queria mostrar meu ponto de vista, mas não magoá-lo.

— Eu só quis dizer que... ela não me criou — expliquei. Usar esse termo era, na verdade, um tipo de insulto a todas as madrastas do mundo que tiveram um papel importante na educação de uma criança, ao contrário de Astrid, cujas contribuições para minha infância se resumiram a ingressos de cinema nas férias, uma ou outra bolsa de grife e cortes de cabelo maravilhosos na Quinta Avenida.

— Eu entendi, querida. Sei que ela pode ser... arrogante, mas suas intenções são boas. Ela realmente se preocupa com você.

— Eu também me preocupo com ela, mas, às vezes... — Parei, perdendo a coragem.

— Continue. Às vezes o quê?

— Bem... digamos que estou feliz por você ter me convidado para tomar café *só* com você. Para variar — ironizei.

— Eu sei — ele disse, com a linguagem corporal e a postura sérias. — É difícil encontrar uma brecha para falar quando se está perto dela.

Apenas concordei com a cabeça.

— E aí, o que mais está acontecendo com você? — ele questionou.

Eu o encarei, me perguntando aonde ele queria chegar.

— Nada. O que você quer dizer? — perguntei.

— Bem, você tem um emprego maravilhoso... e esse namorado incrível, famoso... mas... está feliz?

Pareceu uma demonstração tão estranha e repentina de perspicácia por parte do meu pai que eu pensei que só poderia ser coincidência. É óbvio que ele não sabia da minha discussão com Ryan na noite anterior.

— Sim, estou feliz. Por quê?

— Ah, sei lá. Só tenho a sensação de que... — Ele fez uma pausa, depois pigarreou e tentou de novo. — Eu deveria estar preocupado com você?

Eu fiquei confusa, depois comovida, e em seguida fiquei tão aborrecida comigo mesma por ter me comovido assim facilmente que cheguei a considerar

a possibilidade de contestá-lo: *Droga! Sim, mas é claro que você deveria estar preocupado comigo. É assim que os pais deveriam se sentir. Por toda a vida e a todo momento. Sempre preocupados com as suas crias.*

Em vez disso, respondi:

— Não, pai. Não deveria.

Sentindo-me desconfortável, olhei ao redor do restaurante e meu olhar se concentrou em um jovem casal com uma criança que deveria ter uns dois anos, sentada num banquinho de plástico, comendo crepe e com a cara toda suja de chocolate. Com cabelo loiro e olhos azuis e grandes, a menina era uma gracinha, e deve ter dito alguma coisa muito fofa também, porque seus pais a olharam de um jeito meigo, sorriram e depois deram as mãos por cima da mesa. Esse era o tipo de cena que raramente me deixava pensativa. Não cheguei a me sentir assim agora, embora tenha sentido uma onda de emoção que não saberia descrever.

Meu pai acompanhou o meu olhar, depois se voltou para mim como se estivesse tentando ler a minha mente.

— Você sabe o que quer? — questionou. A pergunta foi tão vaga quanto de costume, mas seu semblante mostrava que havia algum propósito nela.

— Sim. Gostaria de vencer o Texas e ganhar o campeonato nacional.

— Mas o que você quer para a sua *vida*? Sua vida pessoal. Quer se casar? Ter filhos? Acha que Ryan é o cara certo?

Foi uma pergunta tão inesperada vinda do meu pai, que, ao que sempre pareceu, nunca foi muito sensível nem caloroso. Na verdade, ao longo dos anos, eu sempre consegui aceitá-lo com base na crença pessoal de que ele simplesmente não conseguia fazer nada mais que aquilo. Então, de maneira muito estranha, sua compaixão por mim, naquele momento, me fez sentir pior.

— Foi a Astrid que pediu para você fazer isso? — questionei, pensando que homens que já haviam casado três vezes nunca tinham o hábito de pensar por si sós.

— Desculpe, o que foi que você disse? — ele retrucou, parecendo um pouco ofendido. — Me dê pelo menos um *pouquinho* de crédito.

Sorri para abrandar um pouco a situação:

— Tudo bem. O que eu quero para a *minha vida*?

— Sim.

— Eu não sei... Acho que quero o que todo mundo quer... Ser feliz.

Pensei que tivesse sido astuta o bastante para escapar da pergunta, mas meu pai me encurralou.

— E o Ryan faz você feliz?

— O suficiente — respondi antes de conseguir pensar em algo melhor.

Meu pai ergueu a xícara, fazendo uma pausa no meio, entre a mesa e a boca:

— O *suficiente*? Mas que afirmação arriscada, Shea.

Olhei para seus olhos cinzentos, sentindo uma onda de ressentimento invadir meu peito. Eu queria dizer: *Quem você pensa que está enganando? Vamos continuar com a nossa conversa fiada, pai. Agora já é tarde, muito tarde.* Em vez disso, mudei para uma direção completamente diferente, pensando: *Quer que eu seja sincera? Vamos falar de coração para coração? Então, tá legal. Vou te contar quem eu realmente amo.*

Minha cabeça me disse que era má ideia e que meu pai não merecia, nem sequer da maneira mais remota, o papel de confidente. Mas algo dentro de mim simplesmente não se importava. Talvez fosse o desejo flamejante de libertar meu segredo. Talvez, de algum modo, eu quisesse chocar meu pai. Ou talvez eu quisesse que ele se sentisse verdadeiramente preocupado comigo. Sim, preocupado porque, devido à sua ausência e ao vazio paternal em minha vida, eu estava fazendo más escolhas, buscando, sem nenhum pudor, um homem mais velho e, ainda por cima, errado. Eu não acreditava nisso, é claro, mas parte de mim desejava fazer com que meu pai se questionasse.

— A verdade, pai, é que eu gosto muito do Ryan... Mas acho que gosto de outra pessoa também — confessei, sem conseguir me conter.

Independentemente do quanto eu sentisse que aquilo estava por vir, ainda era estranho e surpreendente afirmar assim, em voz alta.

Meu pai repousou a xícara sobre a mesa, ainda segurando a alça, e perguntou:

— O seu ex? Como é mesmo o nome dele?

— Miller. E não. Nunca amei o Miller — respondi.

Meu pai não perguntou *quem*, provavelmente porque achou que, de qualquer modo, não conhecia a pessoa, mas eu abri a boca e senti as palavras saltarem, quase que incontrolavelmente.

— Acho que estou apaixonada pelo treinador Carr — anunciei, minha voz baixa, mas firme.

Meu pai olhou para mim, visivelmente em choque, enquanto eu tentava

superar meu próprio sentimento de vertigem. Era como se eu estivesse de pé na beira de um precipício sem nenhuma proteção. Ou talvez, para ser mais precisa, era como se eu já estivesse no ar, em queda livre. Assim, como não seria possível interromper a queda, eu sabia que também seria impossível desfazer a confissão, embora tenha passado pela minha cabeça tentar, sob o pretexto de que tinha sido uma piada.

— O treinador Carr ? O quê? — retrucou meu pai, nervoso, perplexo.

Confirmei com a cabeça.

— Está... falando sério? — ele questionou, de queixo caído.

— Muito sério — confirmei, sentindo agora um enorme alívio.

— Mas e o... Ryan? — questionou, aparentemente frustrado.

— O que tem ele? Ah, fala sério, pai. Você, mais do que ninguém, sabe que isso é complicado. Caso contrário, por que você teria casado com a mesma pessoa duas vezes?

— É verdade — ele concordou, parecendo constrangido.

A garçonete chegou com a nossa comida, o que nos deu tempo para processar tudo.

Quando ela se foi, ele perguntou:

— E o Clive...? Ela sente o mesmo?

— Acho que sente, sim, mas ainda é tudo muito novo... E é claro que tudo isso aconteceu depois que Connie morreu, caso você esteja se perguntando.

Em outras palavras, *não houve nada do jogo sujo com o qual você está acostumado*.

Meu pai pareceu ligeiramente aliviado, e em seguida perguntou:

— Tem certeza de que não é só por causa do... futebol americano?

— Se fosse por isso, não acha que eu estaria feliz com o Ryan?

Ele fez que sim com a cabeça:

— Tem razão.

— Ninguém é como o treinador Carr. Nenhum homem chega à metade do que ele é — declarei.

Falei o que sentia, mas também foi como uma farpa.

Acho que meu pai entendeu, porque ele olhou para baixo, se lembrando, de

repente, do seu café. Tomou uma bela golada, como se estivesse juntando os próprios pensamentos, depois disse:

— Eu só acho... você sempre o admirou muito. Como se fosse um pai. Eu sei, eu não estava por perto enquanto você crescia...

— Então, o que você está dizendo é que... Bronwyn jamais se apaixonaria pelo treinador Carr porque ela teve um pai presente? — Eu olhei bem fundo dos seus olhos e vi um lampejo de arrependimento, embora tenha me ocorrido, que, uma vez que ele se juntou com minha mãe, e consequentemente comigo, estava ferrado de qualquer maneira. De todo jeito, ele abandonaria uma mulher e a própria filha.

— Não. Não foi isso que eu disse... Eu só quis dizer... — Ele fez uma pausa, depois prosseguiu: — Tá legal. Talvez a minha intenção tenha sido essa...

Escolhi as palavras com o maior cuidado possível:

— Pai, eu não posso simplesmente... sentir algo verdadeiro por ele? Independentemente do que aconteceu comigo quando eu era criança?

— Sim. É possível, sim — ele admitiu, embora ainda parecesse desnorteado.

Nós dois fingimos nos concentrar na comida por alguns segundos, até que ele repousou o garfo:

— Quem mais sabe? Lucy? Sua mãe?

Balancei a cabeça.

— Ninguém além de você.

Ele abriu um sorriso discreto e falou:

— Bem, que honra.

— Deve ser.

— Obrigado por confiar em mim.

— Sim. Por favor, não conte nada para a Astrid — pedi.

— Eu jamais contaria.

— Acredito em você — falei.

— E o Ryan?

— Ryan vai ficar bem. Não importa o que aconteça. Ele vai ficar bem.

— Posso te dar um conselho? — ele me perguntou.

— Claro.

— Se acha que não deve continuar com ele, termine o quanto antes. — Olhei para ele, me questionando se meu pai estava falando aquilo por experiência. Em caso afirmativo, será que ele se referia a Astrid ou a minha mãe? Cheguei a pensar em perguntar, mas decidi que realmente não queria saber, enquanto ele continuou: — Descubra o que você quer... seja lá o que for... e faça a sua escolha.

— Vou fazer. Mas, por enquanto... — Meu pai ergueu a sobrancelha, aguardando. — Por enquanto, só quero acabar com aqueles malditos Longhorns.

Meu pai sorriu:

— Sim. Acho que no final das contas, você vai acabar ficando com o treinador.

Trinta e um



No sábado de manhã, o dia do último jogo do Walker pela temporada regular, acordei enjoada. Minha aversão pelo Texas sempre agravava o nervosismo de sempre, e este ano era ainda pior, pois havia muito mais coisa em jogo. Se ganhássemos, disputaríamos o campeonato nacional. Se perdêssemos, o Texas saborearia para sempre o gostinho de ter sido o estraga-prazer, e nós terminaríamos o ano na terceira ou quarta posição, na melhor das hipóteses, o que seria, de certo modo, mais doloroso do que uma temporada medíocre.

Saí da cama preocupada demais para tomar café, nauseada demais para comer, e fiquei andando de um lado para o outro, rezando e remexendo nos móveis, inquieta. Ouvi um pouco de música e até fiz algumas posturas de ioga e exercícios de respiração, mas nada adiantou. Pedi a mim mesma que me acalmasse. O jogo era importante — como sempre foi em relação aos Longhorns —, mas havia coisas mais importantes na vida, destinos piores do que perder para os Longhorns. Naquele mesmo dia, muitas pessoas receberiam diagnósticos terríveis sobre doenças. Morreriam em acidentes trágicos. Outras, ainda, seriam demitidas, perderiam suas casas para o banco, seus cônjuges para o divórcio, seus melhores amigos para diferenças mesquinhas. Animais de estimação queridos teriam de ser sacrificados. Cartas de suicidas seriam escritas. Homens inocentes, presos. Desastres naturais poderiam acontecer e derrubar vilas inteiras em diferentes partes do mundo.

É *apenas um jogo*, repeti para mim mesma. Não é questão de vida ou morte. Mas não importa o quanto eu tentasse permanecer filosófica: não conseguia me convencer sob essa perspectiva. Sob *nenhuma* perspectiva.

Então, algumas horas depois, eu realmente vomitei em uma lata de lixo do estádio.

J.J. me surpreendeu e se aproximou pelo meu lado esquerdo, rindo.

— Você acabou de fazer o que eu estou pensando? — A voz dele ecoou no corredor cavernoso que logo ficaria cheio de empresas e fornecedores.

Limpei a boca com um guardanapo, tomei um gole de água da garrafa que havia na minha bolsa e enfiei um chiclete na boca antes de me virar para olhar para ele.

— Sim, fiz sim.

— E algo me diz que não foi peixe estragado que você comeu.

— Não mesmo! Foi “boi castrado” — respondi, usando o meu apelido favorito para os Longhorns.

— Um pouco pesado para uma jornalista imparcial.

Dei risada, mas logo fiquei séria de novo, e o rosto de J.J. refletia exatamente a maneira como eu me sentia.

— Está com a sensação de que é agora ou nunca? — perguntou ele.

— Sim. Por que estamos nos sentindo assim? — investiguei.

— Porque estamos *muito* perto do nosso objetivo. Não consigo imaginar quando chegaríamos tão perto assim de novo. Poderia levar anos. Tenho 61. Não tenho todo o tempo do mundo.

— Eu sei. É preciso ser *muito* bom... Mas ter muita sorte também. — Cruzei os dedos, encarei o teto do átrio e rezei pela centésima vez naquela manhã.

— Você acha que vamos conseguir passar? — perguntou.

Dei de ombros, pensando que, quando era realmente necessário, eu nunca tinha bons pressentimentos. O problema não era não acreditar no meu time, mas ser uma daquelas fãs de verdade que sempre condenavam o jogo à catástrofe, da mesma forma que os pais sempre se preocupam com a possibilidade de uma tragédia se abater sobre seus filhos. O amor sempre faz tudo parecer instável, e, quando paramos para pensar nisso, tudo na vida é frágil, fugaz e, por fim, trágico. Sim, alguém ganharia esse jogo, e dois times nacionais disputariam um campeonato em janeiro. E alguém ganharia *o próximo* jogo. E alguns jogadores já consagrados no programa encerrariam suas carreiras em pleno auge. Mas, para outros, muitos outros, a temporada de futebol americano universitário terminaria em absoluta decepção. Até mesmo desgosto. Assim como a vida.

J.J. deu um tapinha nas minhas costas:

— Quando foi a última vez que você “botou os bofes pra fora” antes de um jogo?

— No Cotton Bowl.

— Bem, isso é um bom sinal, não?

— Sim — falei, depois de já ter pensando nisso sob um ângulo supersticioso. Afinal, não importa o quanto eu fosse pessimista antes de um grande jogo, eu nunca deixava de procurar sinais, nunca deixava de rezar pedindo pelo alinhamento correto das estrelas sobre o rio Brazos.

Como pude constatar, não havia necessidade de ter ficado andando de um lado para o outro, de vomitar nem de rezar, porque o Walker massacrou o Texas. Fomos mais rápidos, mais precisos e melhores em quase todas as jogadas. Foi uma mistura de arte, ciência e de um belo e glorioso ato divino, e o placar final brilhou mais do que a própria lua: Walker 28, Texas 0.

Sentindo-me nas nuvens, saí correndo para a sala de imprensa, contando os minutos para ver o treinador, para ouvi-lo recapitular a partida com a introdução de sempre: “Para falar a verdade...”. Ao entrar, ele examinou a sala como se estivesse procurando algo ou alguém. Até que me viu de pé, ao fundo, com alguns caras do *The Dallas Morning News*. Ficamos olhando um para o outro, e ele me deu uma piscadinha. Me derreti por dentro, não consegui me conter e sorri para ele.

— Deixe-me adivinhar — disse um dos repórteres próximos a mim com uma voz sarcástica. — Você torce para o Walker.

— Sim. E deixe-me adivinhar. Você torce para o UT-Austin — joguei, sabendo que era verdade. O *Austin* enfurecia os fãs do Longhorn, que gostavam de pensar na faculdade como *a* Universidade do Texas, o que se confirmou pela expressão de ira dele.

Alguns segundos depois, no decorrer da coletiva de imprensa, fiz inúmeras anotações, esperando até o final para fazer minha pergunta.

— Sim, Shea? —o treinador chamou, apontando para mim.

— Parabéns pela temporada invicta — iniciei, comemorando que essas tenham sido as minhas primeiras palavras pós-jogo para ele.

— Obrigado — ele agradeceu, assentindo, esperando pela pergunta.

Respirei fundo e segui em frente:

— Então... Todos nós sabemos que você teve um ano excepcionalmente difícil, e acho que talvez você queira falar um pouco sobre o significado pessoal dessa temporada.

O treinador meneou a cabeça, com o semblante sério.

— Sim, este ano tem sido muito difícil para mim e para meus filhos, Lucy e Lawton. Minha esposa, Connie, era tudo para nós e para este programa e a nossa comunidade, e ela deixou um vazio... — Ele fez uma pausa, piscou, olhou para baixo, aparentemente abalado, e, por alguns segundos, me arrependi da pergunta. Mas, quando ergueu a cabeça, ele se recompôs e prosseguiu: — Então, terminar a temporada regular dessa forma tem um significado enorme para mim... e acho que é a última homenagem a ela. — Ele pigarreou e continuou: — Gostaria de agradecer aos jogadores, treinadores e à nação de Broncos por tornar este dia possível. Muito obrigado.

Em seguida, ele sorriu e saiu da bancada.

A entrevista coletiva continuou com Mack Brown e alguns de seus principais jogadores. Permaneci e fiz algumas anotações, mas já tinha o que precisava para escrever minha matéria, sabia qual seria a abordagem, então voltei o mais breve possível para a sala de imprensa para escrever. Eu estava ficando rápida, e, naquela noite, as palavras, frases e parágrafos inteiros brotaram de meus dedos, de modo que terminei de escrever em menos de noventa minutos, um recorde. Foi um relato factual, mas também poético, e eu fiquei mais orgulhosa da matéria do que qualquer outra coisa que já havia escrito. Concluí o texto com a fala do treinador sobre a Sra. Carr. Enviei por e-mail para Smiley, que respondeu: “Muito bom. Parabéns”.

Não sei ao certo se ele me parabenizou pela matéria ou pelo jogo, mas considerei que tenha sido pelos dois motivos. Peguei o carro e fui direto para o Third Rail, onde Lucy, Neil, Lawton e Ryan estavam comemorando com uma dúzia de outros amigos, conhecidos e antigos colegas da Walker. Todos os bares da cidade estariam bombando naquela noite, mas eu não conseguia imaginar euforia maior do que a que havia aqui, e tive certeza absoluta de que as notícias do dia seguinte mostrariam o bar como o novo reduto de Ryan. Todos nos abraçamos, beijamos e nos cumprimentamos. Eu não conseguia sequer me lembrar da última vez em que me senti tão grata e eufórica depois de um jogo, nem de uma noite mais empolgante do que essa.

Até que ela deixou de ser.

Trinta e dois



— Ora, ora, ora — disse Ryan, os músculos do pescoço ficando evidentes enquanto ele encarava algo atrás de mim. — Olha só quem vem aí.

Eu já sabia quem era antes de me virar e olhar para Miller, que vinha empolgado em nossa direção, parecendo tão feliz quanto eu estava me sentindo segundos antes. Quando ele chegou à mesa, vi meu cartão de crédito em sua mão.

Levantei e comecei a considerar minhas opções. Eu sabia que cumprimentá-lo com um abraço e sussurrar em seu ouvido seria encrenca, mas era a melhor opção que eu tinha. Minha única esperança.

Então, foi o que fiz: me afastei de Ryan, indo em direção a Miller, me inclinando rapidamente para sussurrar:

— Não comente nada sobre a outra noite.

É claro que o tiro saiu pela culatra, já que ele estava bêbado demais para entender.

— O quê? Não entendi — ele falou em voz alta. Então, segurando-o para que o mundo visse, declarou: — Estou com seu cartão de crédito!

Ryan levantou-se, o peito estufado, como se estivesse pronto para dar um soco. Mas, no segundo seguinte, ele se ajeitou, parecendo mais ameaçador do que se estivesse em uma típica briguinha de bar.

— O que temos aqui? — ele perguntou enquanto Miller me entregava o cartão.

— Meu cartão de crédito — murmurei, enfiando-o no bolso de trás.

Àquela altura, Lucy já tinha dado um abraço em Miller e comentado, em tom de brincadeira:

— Bom te ver, Miller. Gosto mais de você depois de uma grande vitória! Ou talvez só porque você não esteja mais namorando a Shea.

Miller sorriu, mas falou:

— Não banque a vaca, Lucy.

Lucy fez uma careta, colocou a mão nos quadris e exclamou:

— Gente, vocês ouviram isso?! Miller acabou de me chamar de vaca.

— Não, não chamei — retrucou ele, ainda sorrindo. — Só te dei um conselho, de todo o coração. *Não* banque a vaca! — Em seguida, ele ergueu seu copo, reclinou o corpo, encarou o teto e gritou, a voz enchendo o bar: — Foda-se, Texas!

Depois de alguns segundos, todos explodiram num coro de “Foda-se, Texas!”, exceto Ryan, que estendeu a mão e agarrou meu braço.

— Pode vir aqui um pouquinho? — ele perguntou, me puxando pelo braço e me levando na direção do banheiro, nos fundos. Claro que não foi uma pergunta nem um convite; foi uma ordem.

— O que está *fazendo*? — resmunguei, embora soubesse muito bem o que ele estava fazendo.

— Você se importaria de me contar por que Miller está com o seu cartão de crédito? — ele interrogou enquanto me arrastava.

— Esqueci no bar aquele dia. Eu te contei — expliquei, com o coração saltando pela boca.

— Sim... E como é que ele foi parar nas mãos do Miller?

— Acho que ele... encontrou no balcão do bar.

— Pensei que você havia dito que não tinha encontrado com ele!

Ocorreu-me que eu poderia contar outra mentira, dizendo que Miller tinha chegado ao bar depois que saí, mas eu sabia que a prova estava ali. Ryan era esperto e determinado demais para não investigar as coisas a fundo.

— Tudo bem. Ele estava aqui. Eu o vi na véspera do seu jogo.

— Então você *mentiu* para mim?

— Me desculpe.

A confissão deve tê-lo surpreendido e indignado ainda mais, porque Ryan gritou:

— Te desculpar? — Ele apertou meu braço com mais força. Tentei me desvencilhar, mais preocupada com um provável escândalo do que com qualquer

outra coisa, mas não consegui.

— Desculpe. Ele apareceu no bar aquela noite... Mas foi só isso. — Tentei me soltar de novo, mas assim como aquelas armadilhas chinesas de dedo, quanto mais eu puxava, mais, ele apertava. — Não posso controlar quem entra no bar!

Ele deu um passo em minha direção, me encostando contra a parede.

— Você mentiu para mim! — ele berrou, apontando o dedo contra meu peito.

— Eu sei, sinto muito — falei, me encolhendo para me esconder ao ver uma garota passando para o banheiro feminino. Ela me olhou nos olhos e ficou nos encarando, obviamente entendendo tudo.

— Você sente muito? — ele perguntou com a voz sarcástica. — Você está sempre dizendo isso, Shea. Não está?

— Mas eu *sinto* muito — repeti, me sentindo patética e envergonhada. Não por ter mentido, mas por estar encurralada assim, em um bar, ainda por cima.

— Mentira! — berrou ele. — Sente nada!

— Sinto, sim, Ryan. Sinto mesmo. Só menti porque você estava muito chateado por causa do jogo e eu não queria deixar as coisas ainda piores. Não tem nada acontecendo... Eu só o vi no bar. E ele achou o meu cartão de crédito. Foi isso. — Falei da maneira mais rápida que pude, mas nada parecia funcionar.

— Você só o viu no bar? — ele gritou ainda mais alto, enquanto outra garota e um cara que estava com ela ficaram olhando para nós.

— Digo nós conversamos. Mas estávamos com um pessoal... foi isso. — Quanto mais eu balbuciava, mas irritado ele ficava. Em determinado momento, ele agarrou meu outro braço, e ficamos a um centímetro de distância apenas, então não tive outra opção senão ficar cara a cara com ele, vendo todas as suas veias saltarem, e as linhas de expressão do seu rosto distorcidas de raiva.

— E mesmo assim ele achou o seu cartão de crédito. Hum. E como é que isso aconteceu, exatamente?

— Esqueci o cartão. E ele guardou para mim, foi isso. Você acha mesmo que ele me entregaria na sua frente se estivesse rolando algo entre nós? — Agora eu estava desesperada, minhas bochechas pegando fogo.

— Sim. Acho que entregaria. Acho que ele simplesmente *amou* me desrespeitar na frente de todo mundo.

— Ninguém desrespeitou você. Deixe de loucura!

— Loucura? — ele retrucou, apertando ainda mais.

— Ai! — falei, fazendo uma careta. — Ryan, você está me machucando. Me solta!

— Não estou louco, Shea. Foi você quem ficou bêbada, esqueceu seu cartão de crédito e pediu para o ex-namorado guardá-lo. Foi você que não fez o que tinha prometido. Foi você que mentiu para mim. O que eu deveria pensar?

— Você está exagerando — resmunguei, com o suor escorrendo pelas laterais do rosto. — Me solta!

— Não. Me responda. O que eu deveria pensar?

Meu braço estava doendo demais para tentar soltá-lo, então parei e disse:

— Você está fazendo um escândalo.

— Responda a pergunta. O que eu deveria pensar?

Respondi que não sabia. Minha voz saiu quase como um choramingo.

— Tudo bem. Vou te dizer o que estou pensando. Você transou com ele, não transou? Admita, Shea. Você transou com ele.

— Não.

— Sim, transou — ele gritou novamente, me chacoalhando.

— Não, Ryan — neguei, prestes a chorar. — Não transei. Juro que não. Não aconteceu nada.

Àquela altura, Lucy apareceu, e logo entendeu tudo, com os olhos arregalados, horrorizada.

— O que está acontecendo aqui? — ela questionou, e Ryan finalmente me soltou.

— Nada. Estou caindo fora — Ryan afirmou.

Ele se virou e saiu, furioso, me deixando com Lucy.

— O que diabos aconteceu aqui? Isso foi porque o Miller chegou? — questionou.

Fiquei em choque, mas consegui não chorar enquanto contava a história nos mínimos detalhes.

Ela olhou para a marca vermelha no meu braço e fez uma careta.

— Não machucou — falei, desejando estar com meu casaco.

— Meu Deus! — exclamou.

Ainda em choque, falei:

— Posso ver o quanto fiz mal para ele. Deus do céu, eu não deveria ter mentido.

— Isso não justifica a atitude dele. Não há nada que justifique isso — ela comentou.

— Eu sei — concordei, embora começasse a ouvir as justificativas que invadiam minha mente: *Ele tem mãos grandes. Não sabe a força que tem*. E o mais patético: *A culpa é minha*.

Lucy ficou angustiada.

— Shea, querida. Não gostei disso. Nem um pouco. Acho que talvez Blakeslee tenha dito a verdade em relação a ele. De alguma forma...

Talvez. De alguma forma. Pude ver e ouvir o quanto ela estava tentando amenizar as coisas, encontrar uma maneira de isentar Ryan, sem querer acreditar no que tinha acabado de acontecer. Com certeza Ryan não era aquela pessoa, e com certeza eu não estava em perigo.

— Eu só quero ir para casa — falei.

— Você não vai dirigir.

— Está tudo bem, posso dirigir, sim. Falando sério.

Contra a sua vontade, Lucy concordou, depois disse:

— Tudo bem, me ligue assim que chegar em casa. Estou muito preocupada com você.

— Não fique. Vou ficar bem. Prometo — afirmei, como que desejando que aquilo realmente fosse verdade.

Quando destranquei a porta do meu apartamento, o celular tocou. Esperei que fosse Lucy ou talvez Ryan, mas era o treinador. Ele estava com a voz bem alegre quando disse “alô”, o que me fez lembrar do que aconteceu naquela noite: o Walker daria mais um passo rumo à terra prometida.

— Oi, treinador — saudei, tentando invocar a alegria que tinha sentido pouco tempo atrás.

— Onde você está? — questionou.

— Em casa.

— Sozinha?

— Sim.

— E aquele jogo, menina, o que foi aquele *jogo*? — perguntou ele, dando risada.

— Foi ótimo. Maravilhoso. Estou muito feliz por você. E orgulhosa — comentei, tentando parecer o mais natural possível, como se nada tivesse acontecido.

Acho que não me saí muito bem na tentativa, porque ele perguntou:

— O que houve?

— Nada — respondi, enquanto fui para o sofá e me aninhei em posição fetal, apoiando o telefone entre o ombro e a orelha.

— Vamos, diga a verdade. O que está acontecendo? Me conte.

Respirei fundo e confessei:

— Tive uma briga com Ryan. No Third Rail. Foi isso.

— Ah, meu Deus. Por quê?

— Por causa de uns assuntos do passado. Ele acha que eu ainda tenho alguma coisa com Miller e eu não tenho. É óbvio — respondi.

— E ele ficou com ciúmes?

— Sim. E muito bravo... Foi horrível.

— O que aconteceu? Quer conversar sobre isso?

Para ser sincera, eu não queria, mas senti que tinha de explicar para ele, ainda que superficialmente.

— Estávamos no Third Rail com Lucy e Neil, comemorando, e... — Minha voz vacilou, mas eu continuei: — Miller apareceu, Ryan ficou bravo e as coisas ficaram feias.

— Feias?

— Sim — confirmei, pensando que essa palavra resumiria tudo. — Por causa do Ryan. Miller simplesmente agiu daquele jeito alegre de sempre.

— E o que o Ryan fez?

— Você sabe... ele só... perdeu a cabeça e agiu de um jeito estúpido.

— Você está bem?

— Sim — respondi, me lembrando de como aquelas pessoas no bar ficaram olhando para mim. Com cara de pena e preocupação, o oposto de como geralmente olhavam para mim quando eu estava com Ryan. — Estou bem.

— Quer que eu vá até aí?

A resposta era “sim” e “não” ao mesmo tempo, então falei:

— Não sei...

E então, como eu tive a sensação de que ele só estava preocupado comigo e tentando fazer a coisa certa, falei:

— Não precisa. Estou bem.

— Sei que não *preciso* fazer isso. *Quero* te ver — ele declarou e, por alguns segundos, foi como se nada pudesse atrapalhar aquele momento. Ele era simplesmente um homem que gostava de uma mulher. Pude sentir em sua voz. Tive certeza disso e, apesar do que tinha acontecido, senti certa empolgação pelo fato de o treinador querer dividir uma noite tão especial comigo.

— Quero te ver também — falei.

— Combinado, então. Só preciso fazer umas ligações e logo apareço aí.

— Certo — concordei de novo, paralisada na mesma posição, sem ao menos afastar o telefone quente do meu rosto mesmo alguns segundos depois de o treinador ter se despedido e desligado. Calculei que, considerando as ligações que ele disse que faria, mais o trajeto de carro até minha casa, eu tinha pelo menos vinte minutos, tempo suficiente para tomar um banho rápido e me ajeitar. Lutando contra uma enorme sensação de cansaço, me esforcei para sentar, mandei uma mensagem para Lucy dizendo que tinha chegado em casa e que estava tudo bem, depois fui para o corredor, entrei no meu quarto, depois no banheiro, e comecei a tirar a roupa. Quando tirei a calça jeans, o cartão de crédito que estava no bolso de trás caiu no chão. Fiquei olhando para ele, mas não o peguei. Depois, comecei a tirar a blusa, deixando os braços por último, especialmente o esquerdo, que doía. Então, tirei a calcinha e o sutiã, e fiquei encarando meu corpo nu de frente para o espelho. De frente não dava para ver as marcas no braço, o que me fez sentir melhor, de alguma forma. Dei alguns passos até o chuveiro e mudei a temperatura para a mais quente, me perguntando se o que tinha acontecido no bar havia me transformado em mais uma vítima para as estatísticas.

Esperando a água esquentar, pensei que aquilo tinha sido muito leve para ser levado em conta, mas logo em seguida me adverti para deixar de ser estúpida. É

claro que tinha de ser considerado. Mas essa constatação não faria diferença, porque, de um jeito ou de outro, eu terminaria mesmo com Ryan na primeira chance que tivesse. Por muitos motivos. Porque ele não confiava em mim, e nada jamais funcionaria entre nós sem confiança. Porque eu não o amava de verdade e sabia que jamais amaria. Mas, principalmente, porque ele tinha, de maneira muito clara, ultrapassado o limite.

Entrei no banho, inalando o vapor, deixando a água escorrer sobre minhas costas, depois sobre o rosto, pensando em quantos relatos e matérias eu havia lido ao longo dos anos sobre mulheres que se enfiam no chuveiro depois de um "incidente". Essas histórias sempre fizeram sentido, mas agora faziam mais ainda. Eu não havia sido gravemente ferida, mas ainda assim me sentia violentada.

Depois de alguns minutos, desliguei o chuveiro, saí e me enrolei em uma toalha. Olhei para o espelho, que estava embaçado demais pelo vapor para mostrar o meu reflexo, o que me deixou aliviada. Respirei fundo algumas vezes, pensando no treinador, depois voltei para o quarto.

E foi aí que o vi, sentado na beirada da minha cama.

Trinta e três



Dei um pulo e deixei escapar um grito, exatamente como faço quando encontro uma barata no meu apartamento.

— Sua porta estava destrancada — disse Ryan, erguendo a mão como se quisesse me acalmar. — Então, eu entrei.

— Eu percebi — falei, me virando de costas para pegar uma calça de moletom e uma camiseta nas gavetas da cômoda. Joguei a toalha no chão, me vesti o mais rápido que pude e voltei a olhar para ele.

— Desculpe, Shea — ele pediu, de um jeito dócil e triste. A total reviravolta em seu comportamento me pegou desprevenida e atenuou minha raiva.

— Tudo bem. Vamos esquecer o que aconteceu — falei, embora soubesse que não estava tudo bem.

Eu sabia que nem ele nem eu conseguiríamos fazer isso. Que Ryan não esqueceria minha mentira sobre Miller e que eu também não esqueceria o que ele tinha feito comigo, mas eu só queria me livrar dele. Mesmo que o treinador não estivesse a caminho, por aquela noite já bastava. Eu não suportava mais Ryan. Procurei a combinação certa das palavras enquanto ele se levantou e caminhou com calma em minha direção. Sem pensar, prendi a respiração e dei um passo para trás, depois outro.

A expressão dele murchou.

— Shea, querida. Por favor, diga que não está com medo de mim. Eu jamais te machucaria, por favor. Você me conhece. Sabe disso.

Ryan pareceu tão doce, tão persuasivo, que eu quase acreditei nele.

— Não estou com medo de você. Mas você me *machucou*, de verdade.

Eu não queria enfurecê-lo completamente, mas também não queria me colocar na posição de vítima.

— Eu não pretendia machucar você — insistiu.

Considerei o que ele disse, decidindo que a afirmação tinha lá seu lado verdadeiro e que talvez ele não soubesse a força que tinha. Mas, em seguida, balancei a cabeça, mudando de ideia de novo.

— Mas *machucou* — retruquei.

Ele deu mais um passo adiante, depois estendeu a mão e tocou meu braço esquerdo exatamente onde tinha me agarrado.

— Está... doendo? Mesmo?

— Sim, está. E amanhã vai ter um hematoma aí. Tenho certeza. Você acha que isso está certo? — indaguei, a voz ficando cada vez mais alta à medida que eu falava. — Machucar uma mulher desse jeito? Como se estivesse em um maldito jogo de futebol americano? Não, não está certo, Ryan. Você tem uns quarenta quilos a mais que eu. Não está certo.

Ele balançou a cabeça.

— Você está certa. Me desculpe, meu doce.

— Não me chame de *meu doce* — resmunguei, sentindo uma nova onda de raiva. — Não sou seu doce.

— Shea, te peço desculpas... Assim como você me pediu em relação ao Miller.

Levei as mãos ao ar, depois coloquei uma delas sobre o quadril.

— Não coloque as duas coisas na mesma categoria. O que eu fiz e o que você fez. Não te pedi desculpas em relação ao *Miller*. Não fiz *nada* com ele. Pedi desculpas por ter mentido para você sobre ele. Mas menti porque estava cansada de ficar falando sobre ele. Miller está fora de questão.

Bati o dorso da mão sobre a palma da outra para enfatizar.

— Eu acredito em você — ele afirmou.

— Acredita mesmo?

— Sim. Acredito.

— Bom. Obrigada — falei, sabendo que os segundos para a chegada do treinador voavam. Ryan esticou o braço, envolveu minha cintura, me puxou para perto e se inclinou para tentar me beijar.

Reclamei, chamando o nome dele, mas ele insistiu.

— Ah, vem aqui, meu doce. Me dê um beijo. Vamos fazer as pazes, vamos? Por favor?

Virei a cabeça, sentindo uma repulsa repentina pelo seu cheiro — que, até então, antes daquela noite, era normal para mim.

— Podemos conversar sobre isso amanhã? Estou muito cansada.

A expressão de Ryan se anuviou e ele semicerrou os olhos.

— Por quê? Está esperando alguém? O Miller está vindo para cá para te consolar?

Senti um estalo por dentro quando gritei:

— Que droga, Ryan! Saia daqui! Saia *agora*!

Ele ficou me encarando com calma, balançando a cabeça.

— Então é assim?

— Assim o quê?

— Você está tentando distorcer as coisas. Primeiro, mente para mim. Agora o problema é eu ter segurado o seu braço com um pouco mais de força? — Ele sorriu com desdém, depois soltou uma gargalhada, como que para me provocar e... de repente, passei a odiá-lo.

— Cala a boca, Ryan. E saia da minha casa agora. Acabou.

— Ah, acabou? Você está terminando o nosso relacionamento? Por quê? Porque tem uma opção melhor agora? — ele provocou, rindo de novo.

— Sim, para falar a verdade, tenho sim — respondi, *querendo* provocá-lo agora com palavras, que eram a minha melhor arma.

— Tudo bem, então. Vá lá e faça o que você quer. Durma com o Miller.

— Vá se foder! — esbravejei, apontando, pondo o dedo sobre o peito dele, exatamente como ele tinha feito comigo no banheiro do Third Rail. Como ele não esboçou nenhuma reação, apontei com mais força ainda. Ele me segurou e eu me desvencilhei. Foi como se eu desejasse que ele me acertasse, para comprovar que o que Blakeslee havia dito era verdade, para justificar minha decisão de terminar com o grandioso Ryan James.

Porém, quando consegui o que queria, ele segurou meus pulsos num reflexo rápido e me jogou sobre a cama com a maior facilidade, me arrependi.

— Me solta! — gritei, ofegante, me debatendo enquanto ele me segurava com mais força do que o necessário. E, então, de repente, fiquei com medo. *Muit*o medo. — Me solta! — gritei de novo, movendo a cabeça de um lado para o outro, chorando. — Me solta, Ryan! Me solta agora!

Ele diminuiu um pouco a força das mãos, mas apenas o suficiente para eu começar a me debater de novo, e eu devo ter gritado alguma coisa também. Não consigo me lembrar ao certo o que aconteceu depois disso, e não tenho a menor ideia se muitos segundos se passaram ou até mesmo minutos. Tudo de que me lembro é de ter olhado para cima e visto o vulto do treinador Carr na porta do quarto.

Não sei o que ele viu ou ouviu, mas deve ter ficado claro que, seja lá o que estivesse acontecendo ali, era contra a minha vontade, porque ele gritou:

— O que está acontecendo aqui?! Solte ela, Ryan!

Ryan ficou de pé e foi para a porta, mas o treinador o interceptou como se estivesse fazendo uma defesa, com a mão sobre o ombro de Ryan.

— Você não vai a lugar nenhum.

Ryan disse, sem meias-palavras, que lamentava ter que contrariá-lo, afastou o treinador e foi para a sala. Eu me sentei, e o treinador ficou me olhando por um instante, como que para ter certeza de que eu estava bem. Depois, ele se virou e seguiu Ryan. Fiquei sobre a cama, paralisada, ouvindo o treinador gritar:

— O que você estava fazendo? É melhor você me contar porque ela vai me contar! — Ryan respondeu alguma coisa que não consegui entender, a não ser pela palavra *mentirosa*. O treinador continuou: — Shea Rigsby não é mentirosa. Você é. Se eu pudesse, voltaria atrás naquele Cotton Bowl e te deixaria de fora.

Ryan disse alguma coisa parecida com:

— Ah, com certeza você faria isso, treinador.

Em seguida, ouvi uns barulhos, como se os dois estivessem se esmurrando, seguido de um estrondo dos móveis batendo na parede. Foi aí que levantei da cama, saí correndo pelo corredor e vi o treinador em cima de Ryan, batendo nele em meio a uma mesa virada e um monte de revistas espalhadas. O treinador o acertou três ou quatro vezes, até que Ryan disse:

— Então você também está dormindo com ela?

O treinador o acertou uma última vez, para arrematar.

Ryan não revidou com um soco sequer. Apenas deu risada, do mesmo jeito que riu de mim no quarto. O sangue escorria do seu rosto.

— Sabe de uma coisa, treinador? Sempre pensei isso de você — ele falou, sentando-se, recuperando o fôlego. — Você é um hipócrita. Vê o que quer e quando quer ver. Isso é muito conveniente para você, não?

— Você é um desgraçado — afirmou o treinador, se apoiando nos joelhos para recuperar o fôlego. — Uma verdadeira desgraça.

— Bem, talvez eu seja — revidou Ryan, agora de pé e quase na porta. — Talvez eu seja. E quem é você para dizer isso. Hein, *treinador*?

Ele olhou para mim por cima do ombro, balançou a cabeça e foi embora.

Trinta e quatro



— Você está bem? — o treinador perguntou depois de colocar a mesa no lugar, quando nós dois fomos para o sofá. Ele ainda estava ofegante e com o cabelo desgrenhado, a camisa para fora da calça, amassada e com algumas manchas de sangue.

— Sim, estou bem — respondi, olhando para a frente e com as mãos debaixo das coxas. A única luz do ambiente vinha do corredor, e o reflexo amarelado de um dos postes da rua atravessava as persianas de plástico que cobriam minha janela. — E você?

— Estou, sim. É a minha primeira briga depois de 35 anos. Se é que podemos chamar isso de...

— Sim, com certeza podemos chamar isso de briga, sim — falei. Obriguei-me a olhar para ele, e sua expressão era de choque. Foi como se ainda estivesse processando tudo.

— Ele não revidou nenhum soco... — comentou o treinador, aparentemente falando consigo mesmo. Eu comentei:

— Talvez ele estivesse com medo de você.

Ele riu:

— Não, acho que não. Um jogador da NFL em pleno auge? E um treinador velho?

— Você não é velho — ponderei.

— Me sinto velho agora — ele falou baixinho, olhando para as juntas e para o corte no dedo do meio. Depois de muitos segundos de silêncio, ele voltou a falar: — Bem. Ele mereceu.

Ao que tudo indicava, aquela tinha sido uma afirmação, uma declaração de opinião. No seu tom de voz não havia nada que sugerisse que era uma pergunta, mas eu sabia que ele estava me perguntando algo. Tenho certeza de que o treinador estava esperando a confirmação de que não tinha exagerado. Que tinha

feito a coisa certa.

— Sim, ele mereceu — concordei, esperando que isso fosse o suficiente.

— O que aconteceu exatamente? E... em relação ao que eu vi? Você vai me contar?

— Sim, vou. Mas vou fazer um chá para nós antes. Quer?

— Não, obrigado.

Percebi que ele ficou me olhando enquanto levantei, fui até a cozinha e enchi a chaleira de água, girei o botão do fogão, depois peguei uma caneca, um saquinho de chá e uma colher de sopa, porque as menores estavam todas na máquina de lavar louça que eu tinha esquecido de ligar. Para falar a verdade, eu nem queria tomar chá. Só estava protelando. A última coisa que eu desejava naquela hora era reviver o que tinha acontecido no bar, muito menos o que tinha acontecido no meu quarto, mas eu sabia que contar a verdade faria o treinador se sentir melhor. Ele *merecia* saber a verdade. Então, desliguei o fogão e voltei para o sofá, sentando-me um pouco mais perto dele agora, mas, ainda assim, a uma almofada de distância.

— Mudei de ideia — falei, olhando-o de perfil.

— Sobre o quê?

— O chá.

Em seguida, contei tudo a ele, sem omitir nada desde a ligação de Blakeslee. Quando terminei, ele esticou o braço para segurar minha mão. Estiquei o braço também, roçando meu dedo mindinho no dele.

— Obrigada — falei, percebendo que eu não tinha agradecido ainda.

— Não me agradeça. Eu só fiz... o que qualquer homem faria. Neil, Miller, qualquer um.

— Talvez. Mas você não é Neil, nem Miller. É o treinador dele — eu disse, começando a digerir o que tinha acontecido. Seria muito mais fácil eu aceitar o que Ryan era do que admitir o que tinha acabado de acontecer entre as duas maiores lendas do programa do Walker.

O treinador cobriu o dorso da minha mão e eu a virei. Ficamos de mãos dadas.

— Sou o *ex*-treinador dele. E já faz bastante tempo.

— Mesmo assim. Me sinto mal por colocá-lo nessa posição — acrescentei, enquanto minha mente processava que estávamos segurando um a mão do outro.

Foi como se o trauma da noite tivesse comprometido o meu *timing* de reação, causado um atraso.

— Você não fez nada de errado... E o que quer dizer com “posição”? A posição de defender você? *Droga*. — O treinador balançou a cabeça. — Você não sabe o quanto agradeço por ter chegado na hora certa.

— Tenho certeza de que nada tão terrível teria acontecido — afirmei. Eu não queria que ele se arrependesse de ter batido em Ryan (para o próprio bem do treinador), mas também não queria exagerar em relação ao que tinha acontecido. Ryan era um valentão com um péssimo temperamento, mas não era um criminoso de alta periculosidade. Com certeza não teria me machucado *para valer*. Ou teria? Por que, mesmo diante da prova de violência, eu ainda queria acreditar que ele não era *tão* ruim assim?

— Não suporto a ideia de *imaginar* que algo poderia ter acontecido com você — ele disse, apertando a minha mão.

Eu apertei a mão dele e pensei que, embora tudo o que tinha acontecido com Ryan tivesse nos levado ao momento em que nos encontrávamos, de mãos dadas em uma sala escura, eu também tinha a sensação inquietante de que alguma coisa havia se rompido. O romantismo, tão claro na última conversa que tivemos antes de ele entrar no meu apartamento, desapareceu. Foi como se os socos que ele tinha dado em Ryan tivessem nos levado de volta para a dinâmica de longa data que eu esperava tanto que pudéssemos transcender.

Soltei a sua mão e me virei para olhá-lo, sentada de lado, um joelho flexionado e a outra perna encolhida, mas sem encostar no chão.

— Treinador, gostei muito do que fez por mim hoje. Muito mesmo. Mas não quero ser mais uma pessoa de quem você precise cuidar, proteger.

Ele se virou para mim, tocou meu rosto e disse:

— Mas por quê?

Esforcei-me para explicar, me arrependendo de ter desistido da ideia do chá, pois com ele eu teria algo para manter as mãos ocupadas.

— Porque eu não quero ser como... a sua filha.

— Você não é como a Lucy.

— Você entendeu o que eu quis dizer. Não quero que me veja como uma filha — esclareci, escolhendo as palavras. — Nem que você seja uma espécie de mentor para mim. Não quero ser a jornalista que faz a cobertura do seu time.

Nem uma velha amiga da família. Não quero ser sua amiga...

— Não quer ser minha amiga? — ele questionou, com um sorriso discreto e suplicante. Não sei dizer ao certo se estava confuso ou se fazendo de bobo, ou simplesmente me pedindo para ir direto ao ponto.

— Bem, *quero* ser sua amiga, sim. Claro que quero. Mas eu acho que... — Olhei em seus olhos, dizendo a mim mesma para não perder a coragem, ouvindo a voz dele durante a reunião com os jogadores, pedindo para *terem coragem e seguirem em frente*. — Acho que eu quero *mais* do que isso.

— Acha?

Senti o coração sair pela boca e a garganta queimar.

— Não acho, tenho certeza. Não tenho a menor dúvida. E estou dizendo isso agora neste momento... não só porque você entrou por aquela porta e me defendeu.

Ele me encarou com muita atenção, assentindo ligeiramente enquanto eu falava, como se estivesse concordando com cada palavra. Isso me encorajou a continuar, mesmo antes de ele dizer:

— Por favor, continue.

— Estou te dizendo isso aqui, agora, porque... porque eu *tinha* que fazer isso. Não suportaria nem mais um segundo. Não importa o que você pensa sobre isso... e eu realmente não sei muito bem o que você pensa a respeito do assunto. Eu preciso que você saiba dos meus sentimentos por você. — Respirei tão profundamente que pareceu mais um soluço, e o treinador assentiu mais uma vez, de um jeito calmo, me dando incentivo para continuar: — E talvez isso esteja errado. Por causa da Sra. Carr... ou porque você é velho demais.

— Ei, espere aí — ele interveio, esboçando um sorriso discreto.

— Velho demais para *mim*. Não que você seja um velho — esclareci. — Se bem que, pensando melhor, o que são duas décadas se considerarmos uma vida inteira? Não é muita coisa... Mas, deixando a diferença de idade de lado, talvez eu não devesse me sentir assim porque você é pai da minha melhor amiga. Porque Lucy surtaria se ouvisse esta conversa.

O treinador murmurou algo, concordando.

— Mas nunca tive tanta certeza dos meus sentimentos. Mais do que de qualquer outra coisa na vida. E eu tinha que te falar.

Foi a afirmação mais corajosa que eu já havia feito para alguém, e talvez a

mais tola também, especialmente considerando o que tínhamos acabado de passar, mas senti um alívio enorme por colocar tudo para fora. Um peso que tirei das costas.

— Bom, é isso. Era isso o que eu tinha para dizer.

O treinador pareceu confuso, mas não infeliz.

— Treinador? Diga alguma coisa.

Ele balançou a cabeça, como se estivesse completamente perdido, mas se aproximou de mim, preenchendo o resto do espaço que havia entre nós no sofá, depois colocou a mão sobre meu ombro.

— Talvez seja melhor começar a me chamar de Clive — sussurrou.

Em seguida, ele me puxou para perto e colocou os braços ao meu redor. Sentir a respiração dele em meu ouvido me fez estremecer, e ele me puxou para mais perto ainda.

— Tudo bem, Clive — concordei, sentindo o cheiro dele.

— Isto é loucura — ele comentou.

— Tão louco quanto vir aqui e atacar o seu único vencedor do troféu Heisman?

— Talvez não tanto. Mesmo assim, continua sendo loucura.

— Não ligo — falei.

— Nem eu.

— Quero que me beije.

— Eu *quero* beijar você. E vou. Mas não agora.

— Por quê?

— Porque já aconteceu muita coisa hoje.

Afastei-me um pouco. Se ele não ia me beijar, então eu queria olhar em seus olhos.

— Você quis acabar com o Texas ou com o Ryan?

Ele sorriu, depois segurou meu rosto com as mãos.

— Com os dois — sussurrou, e pude sentir algo fluindo entre nós, algo mais intenso do que qualquer beijo. — Mas o que eu sei é que... que os nossos sentimentos são recíprocos.

— São? — eu perguntei. Ele confirmou com a cabeça. — Como você soube? Quando começou a sentir algo diferente por mim?

— Lá vem você com as suas perguntas de repórter.

Eu sorri.

— Responda.

— Ah, sei lá. Senti alguma coisa durante aquela partida de Trivial Pursuit no lago. Depois, na primeira pergunta que você me fez naquela coletiva de imprensa. Naquele jogo em que o Reggie errou. Você estava tão... graciosa e... nervosa.

— Você odiou aquela pergunta.

— Fingi ter odiado... E depois, naquela noite em que saímos para correr... — Concordei com a cabeça e esperei. — Senti algo ali também. E na noite em que você trouxe tacos para mim. — Ele assoviou e balançou a cabeça. — Sem a menor dúvida, me senti atraído por você em todas essas vezes. Senti algo... Mas, certeza, *certeza* mesmo? Só hoje.

— Hoje? Em que momento exatamente? — questionei, pensando que isso fazia diferença. — Quando veio me salvar do Ryan? Ou só agora, depois que as coisas se acalmaram?

— Depois do jogo. Depois da coletiva de imprensa. Depois de toda a agitação e o barulho. Quando cheguei em casa e fiquei sozinho. Quando sentei na minha poltrona, peguei o telefone e vi todas as mensagens de texto e chamadas não atendidas. Dúzias e mais dúzias... Foi aí que eu percebi que só havia uma pessoa para quem eu queria ligar. Só uma com quem eu gostaria de estar.

Sorri, com certa timidez e insegurança, me perguntando se aquilo estava realmente acontecendo. Era surreal — e tão agradável quanto sair invicto de uma centena de temporadas regulares.

O treinador retribuiu meu sorriso e disse:

— Meu Deus, como você é linda, Shea.

Lembrei-me que tinha de respirar, e falei para mim mesma que sim, que aquilo estava finalmente acontecendo. De verdade.

Trinta e cinco

No dia seguinte, por volta do meio-dia, eu ainda estava na cama e Ryan já tinha me ligado cinco vezes. Seu tom era inconstante, mudando várias vezes até em uma única mensagem de voz. Primeiro ele pareceu triste e arrependido, depois, nervoso e acusatório, calmo e racional, com pena de si mesmo e depois muito arrependido de novo. A única coisa que se manteve em todas as mensagens foi o sentimento de frieza que me arrebatava a cada vez que eu ouvia a voz dele, até mesmo quando Ryan afirmava o quanto gostava de mim. Ele parecia tão convincente, tão sério, tão arrependido, mas eu tinha a sensação horrível de que ele diria ou faria qualquer coisa para conseguir o que queria.

Do meu esconderijo debaixo das cobertas, apaguei cada uma das mensagens, cada súplica, cada mentira excessivamente sentimental. Pareceu um começo bastante sólido, mas, depois de ir ao banheiro e ver os hematomas que os dedos dele deixaram em meus braços, eu sabia que precisava fazer algo mais do que simplesmente apagar as mensagens. Por mais que não quisesse vê-lo, eu sabia que teria de olhar em seus olhos, devolver aqueles brincos de diamante e pedir que nunca mais me procurasse. Eu odiava a ideia de precisar romper com as coisas dessa forma, de pôr fim em uma amizade de muitos anos, mas não havia escolha.

Porém, bem lá no fundo, me peguei pensando se eu me manteria tão segura sem o treinador por perto para ser minha tábua de salvação. E se ele não tivesse aparecido na noite anterior e me contado sobre seus sentimentos? Será que eu apagaria as mensagens de Ryan? Ou será que eu estaria refletindo, matutando, tentando entender as coisas para encontrar uma forma de dar mais uma chance a ele, mesmo depois do que aconteceu no Third Rail? Será que eu diria a mim mesma que nós dois continuávamos em um campo minado? E que todos cometem erros e merecem o perdão? Será que eu me autoconsagraria como sua salvadora, acreditando que poderia fazer o que Blakeslee não conseguiu?

Meu telefone tocou de novo. Senti uma onda de raiva enquanto estiquei o braço para pegar o aparelho, mas fiquei aliviada ao ver que era Lucy. Não me

sentia preparada para falar com ela, mas atendi, sabendo que ela merecia pelo menos saber como eu estava.

— Oi, querida — ela disse. Sua voz estava tão terna e carinhosa que passei do estado de não querer conversar com ela para uma vontade imensa e desesperadora de lhe contar tudo. Ou *quase* tudo.

— Onde você está? — perguntei.

— No carro com Neil e Caroline. E você?

— Na cama.

— Sozinha?

— Sim, claro que estou sozinha... Pode vir para cá? — perguntei, antes de perder a coragem de lhe contar tudo (pelo menos tudo sobre Ryan).

— Claro. Só preciso deixar Neil e Caroline na... Ei, você está bem?

— Sim. Só preciso conversar... — falei.

— Tudo bem. Logo mais estou aí.

Desligamos e eu soltei um suspiro. Em seguida, liguei para o treinador, que atendeu logo no primeiro toque.

— Bom dia — falei e, por um momento, me senti preocupada com a possibilidade de ter exagerado na noite anterior.

Então ele disse:

— Sim, o dia está lindo — respondeu, me fazendo sentir melhor.

— Invictos numa temporada regular — comentei.

— Sim. Mas não significa nada se não ganharmos mais uma vez — ele pontuou, e foi quando percebi que ele já tinha virado a página, passado do estado de comemoração para o de preparação.

— Você foi à igreja? — perguntei.

— Não. Fiquei dormindo. Acho que sonhei com você. E nunca sonho... Pelo menos não que me lembre.

— Ah, é? E o que aconteceu no sonho?

— Estávamos sentados no sofá, eu segurando a sua mão e conversando com você.

Sorri pela primeira vez no dia.

— E nós nos beijamos?

Ele deu risada:

— Quase. Chegamos bem perto.

Abracei as pernas flexionadas, me aninhando feito um caramujo debaixo do cobertor, ouvindo o silêncio crepitar na ligação. Ele pigarreou e perguntou se Ryan tinha me procurado.

— Sim, mas não falei com ele. Só me deixou um monte de mensagens.

— E o que ele disse sobre o que aconteceu? — questionou o treinador.

— O que já se esperava. Que está arrependido... Que não vai acontecer de novo... — Hesitei por um momento, depois acrescentei: — Ah! E disse que você exagerou. Muito.

— Ok. A sorte dele é que estou velho.

— Eu já disse que você não é velho — falei do jeito mais firme que pude. Tínhamos nossos obstáculos, mas eu estava determinada a não permitir que a idade fosse um deles.

— Sou bem mais velho que o Ryan. E que você.

— Não me importo — insisti, para que ficasse bem claro. — E você também não deveria se...

— Eu também não me importo com isso. Mas precisamos conversar... Existem algumas preocupações a longo prazo que devemos ter.

Tive a sensação de que ele estava se referindo à maternidade e a filhos, coisas com as quais eu não me importava, então deixei para lá. Em vez de me ater a isso, abordei um problema muito mais complicado e contei que Lucy estava vindo para minha casa.

— Ah, é?

— Sim. Vou contar a ela sobre ontem à noite. Digo, sobre o Ryan... Mas não vou contar que você esteve aqui...

Ele ficou tão silencioso que pensei que a ligação tinha caído.

— Você está aí? — perguntei, me sentindo culpada pelo fato de estar me preparando para mentir para Lucy.

— Sim, estou aqui. Ouvi o que você disse... E acho que é uma boa ideia.

— Me sinto mal por mentir para ela sobre algo tão importante, mas...

— Não se sinta mal. Só não é o melhor momento para contar sobre nós dois.

Senti uma explosão de afeto, entusiasmo e esperança. Uma empolgação por saber que conversaríamos sobre “nós dois”.

— Certo. Vamos. Finalmente.

— Com certeza. Quando chegar o momento certo — ele disse.

Alguns minutos depois, Lucy chegou à minha porta com um de seus vestidos elegantes da Jackie O.

— E aí, o que houve? — ela perguntou, o aroma sutil de lavanda de seu perfume preenchendo meu apartamento enquanto ela tirava o casaco e o colocava no encosto de um banquinho, e depois tirou os sapatos. As unhas dos pés tinham sido recentemente pintadas com uma cor lilás que combinava com seu perfume de lavanda.

— Terminei com o Ryan — contei. A declaração soou um tanto dramática, mas eu mantive a objetividade.

Ela ficou parada e me olhou de um jeito trágico.

— Terminou?

— Sim. Acabou — respondi, fazendo um gesto no ar semelhante a um corte com a mão.

Lucy me abraçou, mas não disse nada, e eu pude ler nesse silêncio o desejo de que a decisão não fosse *definitiva, irrevogável*.

— Ele precisa de ajuda — comentou ela.

— Sim — concordei, ciente do que ela queria dizer com aquilo.

— Você acha que não há nenhuma forma de perdoá-lo? Resolver as coisas?

— Sem chance — afirmei, dobrando as mangas da minha camiseta e mostrando a ela as marcas no meu braço, depois no outro; voltei a sentir certa dose de vergonha.

Ela estremeceu, examinou as marcas mais de perto e depois passou os dedos sobre minha pele.

— Deus do céu, Shea. Sinto muito. — Ela balançou a cabeça. — Simplesmente não consigo *acreditar* nisso.

— Eu também não — falei, desdobrando as mangas da camiseta. Pensei em todas as mulheres ao redor do mundo que dependiam de mangas longas, golas

altas, cachecóis e maquiagem pesada e em todas aquelas que não conseguiam esconder as provas com tanta facilidade e por isso faltavam no trabalho com a desculpa de que estavam doentes, mentiam para a família, forjavam acidentes, menosprezavam o que acontecia, enfim, faziam de tudo para esconder a verdade.

— Mas tem mais uma coisa — acrescentei, enquanto nós duas nos sentamos no sofá, em lugares completamente diferentes daqueles em que o treinador e eu tínhamos nos sentado na noite anterior.

— Ah, meu Deus! Foi tão ruim assim? O que mais aconteceu? — exclamou Lucy, com os olhos arregalados.

Meneei a cabeça.

— Sim, foi. Ryan veio até aqui depois que eu saí do bar. Ele simplesmente entrou enquanto eu estava no banho. Acho que esqueci de trancar a porta depois que entrei.

— Caramba! O que aconteceu?

Obriguei-me a olhar bem nos olhos dela e contei o que tinha acontecido, sem suavizar absolutamente nada. O jeito como ele tentou me beijar, como me "prendeu" na cama e o quanto fiquei assustada. Pulei a parte da cena do resgate e falei:

— Aí ele finalmente foi embora. Tive sorte. Poderia ter sido pior.

Lucy balançou a cabeça, me encarando.

— Meu Deus. Eu realmente pensei que ele fosse um cara legal. Pensei mesmo, de verdade.

— Ah, sei lá, Lucy. De certa forma ele é — ponderei, pensando que não havia motivo para transformar Ryan James num demônio. Estava tudo acabado entre nós, não importava o porquê. Acabou porque eu amava outra pessoa. — Ele é um cara legal e agradável. Para os amigos dele. Para a mãe dele. E foi para mim também. É generoso, faz muitas doações para instituições de caridade, dá gorjetas altas... — Minha lista era real, verdadeira, mas pareceu insignificante perto de todo o resto. Então ele dava notas de vinte dólares de gorjeta para os manobristas? E daí?

— Eu sei. Ele pode ser um cara muito legal... e divertido, noventa e nove por cento do tempo — comentou Lucy, com o olhar melancólico.

Sua avaliação foi tanto arbitrária quanto exagerada, mas me abstive de comentar que mesmo o um por cento restante era demais.

— Você não acha que a cultura da violência está presente no futebol americano profissional? Meu pai me disse que três entre quatro jogadores da NFL têm uma arma...

— No Texas esse número deve ser quatro entre quatro jogadores. E, sim, é um esporte brutal, animalesco e selvagem. Falando sério, é a celebração da violência. Mas tenho que acreditar que a maioria daqueles caras não bate em suas esposas e namoradas. Mas talvez o façam. Francamente, a psicologia do esporte não me interessa neste momento...

Lucy me interrompeu:

— Mas você acha que ele pode receber ajuda e... mudar?

Dei de ombros:

— Bom, Blakeslee não acredita nisso. E ela provavelmente o conhece melhor do que ninguém.

— Mas você é diferente da Blakeslee. Se há alguém que poderia ajudá-lo, essa pessoa é você.

Lutei contra uma pontada de aborrecimento e falei:

— Talvez ele possa mudar. Mas eu não consigo acreditar nisso.

— Você não o ama o bastante para querer ajudá-lo? — ela indagou. Eu diria que a pergunta não teve um tom de julgamento, mesmo assim me senti incomodada com a obsessão dela em se concentrar no que Ryan precisava e na tentativa evidente de se agarrar ao que ela via como um grande prêmio na minha vida.

— Em primeiro lugar, não, não o amo o suficiente para tomar partido do distúrbio violento dele — declarei com firmeza. — Em segundo, acho que este é um jogo muito perigoso para pôr a vida em risco. É claro que poderia funcionar. Mas e se não der certo? Não quero ser dramática e não acho que as coisas chegariam a esse ponto, mas, falando teoricamente, é assim que muitas mulheres acabam mortas.

— Tudo bem. Me desculpe. Não fique brava comigo.

Dei de ombros de um jeito passivo e agressivo ao mesmo tempo.

— Me desculpe — repetiu ela.

— Tudo bem, Lucy. — Por um momento, me senti tentada a contar tudo, toda a verdade sobre meus sentimentos pelo pai dela. Mas me contive, dizendo apenas: — E o mais importante: eu não o amo.

— Por causa disso, certo? —Lucy questionou, mordendo o lábio inferior. — Você não o ama por causa de tudo o que aconteceu?

— Não sei ao certo se isso faz diferença. Mas não. Eu não o amo. Ponto-final. Não o amava antes disso. Apenas gostava dele — admiti, fazendo questão de usar o verbo no passado. — Bem que eu quis amá-lo. Talvez eu pudesse ter nascido para amá-lo. Mas o sentimento simplesmente não estava lá. Eu gostava da *ideia* de estar com ele. Foi empolgante. Ele era empolgante. — Forcei um sorriso e acrescentei: — Empolgante demais.

Lucy assentiu, e toda a sua esperança finalmente se esvaiu.

— E aí? O que vai fazer?

— Bom... Preciso devolver os brincos, pedir para ele parar de me ligar e dizer, cara a cara, que está tudo acabado. Quero ele fora da minha vida. Completamente.

— Está com medo?

— Não. Mas é melhor eu ir com alguém. Talvez com você e com o Neil — sugeri, pensando que não queria envolver ainda mais o treinador nessa história.

— Claro. Quando quiser. Você sabe que pode contar conosco.

— Sei, sim, Lucy. Obrigada.

Ficamos em silêncio, até que eu falei:

— Bom, não preciso nem pedir para você não comentar isso com ninguém... exceto com Neil.

Ela meneou a cabeça, concordando.

— Claro. Eu jamais contaria a alguém.

— Eu sei... A pior coisa que poderia acontecer é que a mídia espalhasse isso — alertei, imaginando manchetes terríveis se espalhando; não mostrariam um homem com um problema, mas o lado sombrio e feio do futebol americano da Walker.

Trinta e seis

Dois dias depois e mais vinte recados de Ryan em minha caixa postal, Lucy, Neil e eu nos encontramos no Mi Cocina, em Dallas, e eu estava pronta para executar meu plano. Mandei uma mensagem de texto para Ryan pedindo para ele vir ao restaurante depois do treino dos Cowboys, que eu sabia que terminaria às seis, graças ao cronograma do time que estava grudado na baia de Gordon. Ryan respondeu concordando, e me agradeceu muito, acreditando visivelmente que essa seria a oportunidade pela qual ele estava esperando.

Mal ele sabia que eu estaria com "guarda-costas" naquele restaurante mexicano popular em Highland Park. Eu sabia que trazer Lucy e Neil poderia ser um exagero, e tanto o treinador quanto eu ficamos meio preocupados com a possibilidade de Ryan mencionar o envolvimento dele em nossa última briga, mas decidimos que era melhor prevenir do que remediar.

— Você está bem? —Lucy me perguntou enquanto entramos no restaurante. — Parece pálida.

— Só um pouco nervosa — respondi, enfiando a mão na bolsa para roçar os dedos na caixinha de veludo onde estavam os brincos, como que para implorar por sorte ou força.

— Uma Mambo Taxi ajudaria? Ou soa comemorativo demais? — Lucy perguntou, referindo-se à margarita frozen com uma pitada de sangria.

— Boa ideia. Por que não? A ocasião é comemorativa. — Ajeitei o cabelo discretamente e falei: — Tchauzinho, Ryan.

Neil e Lucy riram, embora a situação em si não tivesse graça nenhuma, enquanto a garçonete chegou com nossas fritas, guacamole e bebidas.

— Está preparada para o Natal? — perguntou Lucy depois de algum tempo. Era óbvio que ela estava tentando me distrair com conversas casuais enquanto eu não parava de olhar para a porta.

Respondi que não estava nem um pouco, e ela contou que já tinha feito quase

todas as compras, a maioria pela internet, naquele mesmo dia, durante o café da manhã.

— Você definitivamente é igual à sua mãe — comentei.

Lucy abriu um sorriso de orelha a orelha. Esse era o tipo de elogio de que ela mais gostava.

— Falando sério. Como consegue ser tão eficiente com uma filha e um negócio para administrar?

Ela deu de ombros de um jeito modesto enquanto eu contei que eu não tinha nem começado minhas compras. Lembrei-me das roupas e dos equipamentos dos Cowboys que Ryan havia dado de presente para mim e para minha família e pensei em doar tudo à Community Partners of Dallas, uma instituição de caridade para crianças vítimas de maus-tratos.

— E aí? Está animada para Pasadena? — perguntou Neil, referindo-se ao jogo pelo campeonato BCS. A pergunta soou forçada, e me ocorreu que, como o único homem do grupo, ele deveria ser a pessoa quem estava sofrendo a maior pressão psicológica de todas, ainda mais porque respeitava e admirava muito Ryan. Todos nós o queríamos bem, na verdade.

— Muito — respondi com firmeza.

— Espere. Achei que os times não fossem escolhidos antes da seleção do domingo... Vai ser neste fim de semana? — Lucy perguntou.

Concordei com a cabeça, orgulhosa por ela saber desse detalhe, mas expliquei que neste ano seria apenas uma questão técnica. Havia apenas dois times nacionais invictos, e nós éramos um deles. Então, sem dúvida, ficaríamos na primeira ou na segunda posição na classificação final da BCS, junto ao Alabama, ambos os times abrindo espaço para conquistar a vitória.

— Queria que a minha mãe estivesse aqui — desabafou Lucy, lambendo o sal da borda da taça. — Ela ficaria tão empolgada...

Neil a envolveu com o braço:

— Só chegamos aonde estamos *por causa* da sua mãe, amor.

— Você acha que é verdade, Shea? — ela indagou, virando-se para mim.

— Sim — afirmei, passando a mão sobre as gotículas que se formaram do lado de fora do meu drinque, do qual finalmente tomei uma bela golada. — Nossos jogadores estão se empenhando ao máximo e jogando com o coração pelo treinador. Dá para sentir isso a cada vitória. E o treinador está dando o

máximo de si neste campeonato por causa dela... Então, sim. Com certeza a Sra. Carr tem grande responsabilidade em todo o nosso sucesso na temporada.

Lucy engoliu em seco, parecendo meio triste, ainda mais quando mudou completamente de assunto e falou:

— Já são quase sete horas. Precisamos combinar mais alguma coisa para quando ele chegar?

— Não. Vai ser uma conversa bem objetiva e breve — respondi.

— Bom, então você já pode se preparar. Ele acabou de entrar — avisou Neil.

Preparei-me mentalmente, mas não olhei para a porta. Reuni forças ao olhar para o rosto de Lucy enquanto Ryan se aproximou. Ele estava usando um jeans largo, uma blusa de moletom e um boné de beisebol azul-marinho sem nada estampado e com a aba ajeitada para baixo, o suficiente para esconder seus olhos de qualquer pessoa que pudesse estar nos observando. Mas, do lugar onde eu estava sentada, pude olhar para os olhos dele e diria que ficou frustrado ao ver que eu não estava sozinha.

— Oi, gente — cumprimentou, com a voz baixa.

Lucy e eu respondemos com um “oi” bem tímido, enquanto Neil se levantou, cumprimentou Ryan com um aperto de mão e falou:

— Oi, Ryan. E aí, como está, cara?

— Bem. Obrigado — respondeu. Ele parecia abatido ou envergonhado. Ou talvez estivesse fingindo, como parte de algum plano. Fiz questão de lembrar a mim mesma que qualquer coisa que ele dissesse, fizesse ou sentisse seria irrelevante agora. Eu já havia tomado a minha decisão.

Conforme planejado, Lucy se levantou, cutucou Neil e disse que iriam para o bar. Logo que os dois saíram, Ryan perguntou:

— E aí? Posso me sentar com você?

— Sim — respondi, gesticulando para o banco vazio de frente para mim.

Ryan se sentou e, de imediato, esticou os braços e pegou minhas mãos, agora úmidas. Recuei e enxuguei as palmas em meu jeans.

— Shea. Por favor, por favor. Me perdoe — ele pediu, suplicante.

— Tudo bem — falei com certa petulância na voz. — Te perdoo.

Interpretando meu pensamento de modo errado, Ryan relaxou a expressão instantaneamente, recuperando um pouco de seu habitual estado de glória.

— Ah, obrigado, meu doce. Aquilo *nunca* mais vai voltar a acontecer. Aquele não era eu. Da próxima vez nós dois vamos dar um tempo para nós mesmos, organizar os pensamentos. Não vamos deixar um mal-entendido bobo virar uma coisa tão séria.

Balancei a cabeça.

— Não, Ryan. Não haverá uma próxima vez. — Peguei a caixinha de veludo da bolsa e estiquei o braço até ele, por cima da mesa. — Tome.

Ele ficou encarando e perguntou:

— São os seus brincos?

— Não mais. Estou devolvendo.

Como ele não pegou a caixinha, eu a coloquei entre seus braços, que estavam cruzados sobre a mesa.

Ele a empurrou de volta para mim.

— Não. Foi um presente.

— Não posso ficar com eles.

— Por quê?

— Você sabe por quê.

— Porque fiquei nervoso uma noite?

Fiquei com o pensamento acelerado, em busca de respostas estratégicas. Eu havia me preparado muito bem para isso, já que sabia que Ryan não facilitaria nem um pouco as coisas e que ele era bom de argumentação. Era óbvio que tinha se preparado.

— Não quero discutir isso, Ryan — insisti, empurrando a caixinha de veludo para o lado dele de novo, como se estivesse em um acirrado jogo de xadrez. — Está tudo acabado. E eu não quero esses brincos.

Ele balançou a cabeça.

— Não.

— Não? — perguntei, incrédula. — O que você quer dizer com *não*?

— Mesmo que você não queira me ver nunca mais na sua vida, eles continuam sendo seus.

Respirei fundo e soltei o ar, bufando.

— Tudo bem — concordei, pegando a caixa de volta e jogando-a dentro da

bolsa, enquanto pegava Lucy me espiando com cara de preocupação. — Mas, só para o seu conhecimento, vou vendê-los e doar o dinheiro para alguma instituição de caridade. Conheço uma que ajuda mulheres e crianças violentadas. — Enfatizei a palavra *violentadas* e o encarei. Ele abriu a boca, mas estava perplexo demais para dizer alguma coisa. — Ouça. — Aproveitei que ele estava em silêncio. — Só para constar, acho que você tem um problema. Não sei se tem algo a ver com o seu pai, ou com a violência inerente ao futebol americano... ou se há alguma outra razão psicológica, mas não resta a menor dúvida de que você *tem* um problema.

Ele ficou me encarando, depois concordou com a cabeça, o que me surpreendeu, ainda que tenha sido discretamente. Continuei:

— E acho que você precisa procurar ajuda. Talvez as suas ex-namoradas concordem comigo. E eu me preocupo com as suas futuras namoradas também.

— Não quero ninguém. Só você — ele retrucou enquanto a garçonete voltou, parecendo muito entusiasmada ao reconhecer quem estava à mesa.

Mas Ryan a fez murchar quando ergueu a mão e gesticulou dizendo que não queria nada. O sorriso dela desapareceu no mesmo momento. Ela assentiu e olhou para mim.

— Não vamos ficar para jantar — anunciei, sentindo que Ryan ficou me olhando enquanto eu falava com ela. — Você pode me trazer a conta das batatas e das bebidas...

— Pensando bem — disse Ryan, olhando para o cardápio, protelando, ganhando tempo. — Vou pedir uma água com gás e... tacos al carbono. Ao ponto.

Revirei os olhos diante da sua tentativa de me manter refém pedindo dois tacos.

— Então... hum... ainda quer que eu traga a conta? — perguntou a garçonete, parecendo confusa, provavelmente porque percebeu algum tipo de desentendimento entre nós. E era *assim*, pensei comigo mesma, que as coisas iam parar no TMZ.

— Sim. Obrigada — respondi, desfazendo a estratégia dele.

Quando a garçonete saiu, ele repetiu:

— Não quero ninguém mais além de você.

— Você vai superar isso rápido. Tem muitas opções. *Melhores* — falei,

objetivamente.

— Ah, fala sério, Shea. Você sabe que isso não é verdade. O que nós temos é algo muito especial. Vai mesmo jogar tudo isso fora?

— Eu? Foi *você* que fez isso. Foi você que nos colocou nessa situação.

— Eu sei. E vou fazer o que for preciso para consertar o meu erro. O que for preciso.

— Tenho certeza de que você já disse essas palavras antes.

— Não, não disse.

Pensei na promessa que eu havia feito a Blakeslee e dei de ombros, optando por manter minha palavra.

— O treinador é um ridículo — ele retrucou, a expressão se anuviando por alguns segundos.

— Não, não é — rebati, embora não soubesse ao certo como o treinador veio parar nessa parte da discussão.

— O que foi que ele te contou? É a primeira vez que uma coisa assim acontece. Juro, aquilo que aconteceu com você naquela noite, e foi um acidente. Um mal-entendido... Eu não quis te magoar nem te assustar... Você precisa acreditar nisso. Eu te amo, meu doce.

— Não diga isso — resmunguei, compreendendo com mais clareza a expressão “pelar-se de medo” agora.

— Mas eu te amo. — Ele pigarreou, se aproximou de mim e seu rosto ficou mais próximo ao meu, o máximo que a distância da mesa permitia. Então, ele começou a falar com a voz firme, séria. — Shea, eu sinto muito por ter feito aquilo e por te colocar nessa situação. A responsabilidade foi toda minha, e eu vou fazer tudo o que for preciso para reparar o erro. Posso ver nos seus olhos que você não confia em mim, mas torço para que ainda haja algum sentimento. Só um pouquinho. Caso haja, podemos recomeçar. Sei que podemos. Te amo *muito*. Se você me der uma única chance de te provar isso... *Por favor.*

Não falei nada e detestei o sentimento de pena que se abateu sobre mim. Eu não queria sentir nada por ele, pois a indiferença seria o único caminho para a verdadeira liberdade. Ele continuou:

— Você tem que entender que eu fiquei cismado... sobre você e o Miller.

Comecei a responder, mas ele levantou a mão, me interrompendo.

— Não estou te culpando de nada em relação ao Miller. E sei que não há motivos para me preocupar com ele. Mas, como não recebi notícias suas naquela noite, depois que me prometeu que ligaria... e foi bem na véspera de um grande jogo. Senti muita saudade de você... e depois veio aquele jogo desastroso. E, mais tarde, deixei o meu pai e tudo o mais encher a minha cabeça. E aí o Miller apareceu com o seu cartão de crédito... eu vi aquilo e fiquei mal. Enfim, foi aí que descontei tudo. Me desculpe. Mas você precisa acreditar que eu não queria te machucar. Me olhe nos olhos e diga que acredita nisso.

Apanhei-me questionando minha própria versão dos fatos, olhando o lado dele em relação às coisas, pelo menos um pouquinho, mas consegui encará-lo e dizer:

— Não se pode *descontar* a raiva em uma relação, Ryan. Pelo menos não se isso significa descontar para você.

Olhei ao redor para ter certeza de que não havia ninguém nos observando, então, mais próxima da janela, mostrei a ele o meu hematoma, agora amarelo, no braço esquerdo.

Sua expressão se encheu de angústia.

— Ah, Shea. Desculpe.

— Olhe. Não acho que você seja má pessoa. Acho que você é um cara que tem um problema. Um problema sério, grave. E eu te perdoo mesmo, de verdade, pelo que fez. Mas não acho que seja certo continuarmos... Simplesmente não acho. Não quero mais, Ryan. E você precisa aceitar isso como a minha palavra final. Não vai mudar. Não importa o que você diga ou prometa.

Ele ficou me encarando, com a mandíbula grande apoiada sobre a mão; por um segundo, pensei que finalmente tivesse me escutado, entendido que estava tudo realmente terminado. Foi então que ele balançou a cabeça.

— Não posso aceitar.

— Mas vai ter que aceitar.

Ele respirou fundo e piscou várias vezes, rapidamente, do jeito que alguém faz quando está prestes a chorar. Em seguida, olhou para o teto e piscou ainda mais, até que vi as lágrimas se formando no canto de seus olhos. Fiz uma advertência a mim mesma para não ceder. Ver alguém assim, tão forte, à beira das lágrimas foi de dar pena.

— Sinto muito, Ryan. Gosto de você. E sempre vou gostar. Quero que procure ajuda e que mude por você mesmo. Mas o nosso relacionamento simplesmente não me parece certo. De alguma forma, acho que nunca foi — acrescentei, me

sentindo um pouco culpada por permitir que ele achasse que tudo era culpa sua. — Nem sei se em algum momento nós já fomos um do outro... Sinto muito. Mesmo.

Ele assentiu, desviou o olhar do teto para mim e perguntou:

— Você vai pelo menos ficar com os brincos? Por favor?

Fiquei olhando para ele bem nos olhos, por vários segundos, até que falei:

— Tudo bem. Se isso é tão importante para você...

— É, sim. Muito.

— Certo. Vou ficar com os brincos.

— E não vai vendê-los? Nem se livrar deles? Promete?

— Tudo bem. Vou ficar com os brincos, prometo. Amei o presente.

— Queria que você tivesse me amado também. Pelo menos, você sempre terá alguma coisa minha. Uma coisa boa.

Esbocei um sorriso discreto, breve e autêntico.

— Sou uma boa pessoa, Shea.

Concordei com a cabeça, acreditando que aquilo era verdade ou, pelo menos, acreditando que ele *desejasse* ser uma boa pessoa.

— Procure ajuda, Ryan. Vai fazer isso?

— Vou, sim, meu doce — ele respondeu, olhando nos meus olhos.

Dessa vez, deixei que ele me chamasse de *meu doce*, mas levantei, coloquei uma nota de vinte dólares sobre a mesa e me despedi.

— Adeus, Shea — ele disse, com uma expressão de resignação.

Trinta e sete



Mais tarde, naquela mesma noite, fui visitar o treinador em seu escritório, aliviada por encontrar o estacionamento do complexo esportivo praticamente vazio. Quando entrei na ala de futebol americano, olhei para trás com nervosismo, me perguntando por quanto tempo mais conseguiríamos nos esconder e manter a mentira. Ainda era necessário, mas a ideia não me agradava e eu me peguei começando a imaginar uma realidade diferente.

— Aí está ela — disse o treinador ao abrir a porta, com um sorriso estonteante. Ele pegou minha mão e me puxou para perto, batendo a porta atrás de mim.

Sorri para ele, e nós dois ficamos parados, congelados por vários segundos antes de ele me envolver com os braços e me abraçar. Retribuí, de um jeito modesto, depois com mais intensidade, decidindo que, se ele não tomasse logo uma atitude, eu tomaria. *Tinha* que beijá-lo.

Ele se afastou apenas o suficiente para olhar para mim de modo intenso. Era exatamente dessa maneira que ele assistia a um lance do jogo que o agradasse, alguma jogada que acontecia exatamente como fora planejada. Às vezes, quando fazia essa cara, ele dizia: *yesss* seguido de algumas palmas fortes ou de um soco no ar para comemorar. Naquela noite, embora não tenha feito isso, posso dizer que ele estava se sentindo dessa forma, porque o conhecia muito bem; todos os seus tiques e expressões.

Ele segurou meu rosto e ficamos a uma distância bastante íntima. Sentindo-me tonta, olhei para a barba em seu queixo, suas pálpebras semicerradas e o formato carnudo do seu lábio superior. Ele deslizou as mãos por detrás das minhas orelhas, entrelaçou os dedos atrás da minha cabeça, puxando com cuidado um pouco do meu cabelo. Era como se ele estivesse me controlando sem intenção, fazendo meus lábios se entreabrirem, meus olhos se fecharem e minha respiração encurtar. Esperei mais alguns segundos agonizantes, com o desejo ardente de ser beijada. Como ele não fez isso, coloquei as mãos sobre seu pescoço e soltei um pequeno gemido, entorpecida demais para conseguir falar. Então, finalmente,

seus lábios roçaram os meus, devagar e depois com mais desejo. Foi como olhar para uma luz cegante, mas sem sentir incômodo nos olhos. Tudo pareceu terno, correto e completo, até que parei de pensar completamente. Me esqueci de onde estávamos, e de tudo o que havia acontecido que nos levou aquele momento, e me concentrei apenas em beijá-lo. Senti o seu gosto e o toquei, tateando seu cabelo curto e desgrenhado, sua nuca quente e, pelo tecido fino da camiseta, os músculos dos seus ombros e costas se esticando. Inspirei o cheiro de sua pele e da sua loção pós-barba misturado ao cheiro familiar de suor. Ouvi sua respiração e pude sentir sua empolgação, tão intensa quanto a minha.

Ficamos nos beijando, e beijando, até que nos separamos, ele com as mãos ainda enroscadas no meu cabelo, e nossos rostos tão próximos que suas linhas de expressão ficaram embaçadas para mim.

— Que droga — ele disse, recuperando o fôlego.

— É mesmo — reagi, olhando-o nos olhos.

— Loucura. É loucura isso que estamos fazendo.

Dei risada porque era bem típico dele chamar o primeiro beijo de “loucura” e porque eu sabia exatamente o que ele quis dizer. Ele também sorriu, depois me conduziu pela mão até o sofá de couro onde por muitos e muitos anos, em diferentes ocasiões, eu me sentei. Mas nunca assim. Nunca com as minhas pernas enroscadas nas dele, meu braço ao redor do seu pescoço. Nunca tão relaxada, tão próxima dele. Olhei ao redor do seu escritório, observando todas as notícias de jornal e revistas, fotos e placas comemorativas, como se estivesse olhando para elas pela primeira vez. Tudo parecia diferente agora. Mais importante. Meus olhos se concentraram em uma citação emoldurada pendurada na parede atrás de nós:

UM BOM TREINADOR NÃO FAZ OS SEUS JOGADORES

*ENXERGAREM O QUE SÃO, MAS O QUE CONSEGUEM SER***.**

A citação pareceu verdadeira para mim também, enquanto pensei no quanto ele tinha feito que eu mudasse nos últimos meses, me encorajando a sair do casulo da Walker, a começar uma nova carreira, a terminar uma relação e depois outra. Agora cá estávamos, aparentemente no mesmo lugar, exatamente onde havíamos começado. Ainda assim, não éramos os mesmos. Nada mais era.

— Estou orgulhoso de você, menina — ele afirmou, beijando minha testa.

— Por quê? — indaguei, me perguntando se ele conseguia ler meu

pensamento.

— Por saber lidar com os seus próprios problemas. Por ser forte — ele comentou, respirando entre meus cabelos.

Ele estava falando sobre Ryan agora, então acrescentei:

— Eu não teria conseguido ser forte sem você.

— Isso não é verdade. Você nos trouxe até aqui.

Sorri, aceitando parte do crédito, mas pensando que uma série de coisas aconteceu porque tinha de acontecer, algumas delas muito ruins — como Ryan me agarrando e a morte de Connie. Porém, deixei esses pensamentos de lado e falei:

— Você me ajudou. Sempre me ajudou. Não tem ideia do quanto...

Ele tocou meu rosto e sorriu de volta para mim.

— Eu faria qualquer coisa por você, menina. Você sabe disso.

Assenti, porque sabia, e encostei a cabeça no ombro dele, tentando entender por que o nosso primeiro beijo foi diferente de todos os meus outros primeiros beijos. A resposta pareceu óbvia: eu estava apaixonada. Talvez pela primeira vez; talvez um pouco mais do que nas outras vezes. Mas havia alguma outra coisa também. Algo a mais que tornou nosso momento diferente, especial. O beijo teve um significado maior porque nos sentíamos como um time. Não simplesmente como parceiros e torcedores do Walker, mas de outro jeito: “Estou aqui para o que der e vier”. Não houve nada daquele acordo emocional que muitas vezes acontece entre duas pessoas que se beijam pela primeira vez. Não houve perguntas sobre o que aquilo significava, ou o que aconteceria em seguida, ou quem estava no controle da situação. Ao contrário. Nosso beijo foi o resultado de um acordo sagrado sobre onde estivemos e para onde iríamos. Nós dois quisemos. Ambos nos comprometemos a fazer com que isso acontecesse, e tínhamos certeza de que nenhum de nós entraria em uma situação tão cheia de controvérsias, tampouco correríamos o risco de magoar pessoas a menos que tivéssemos a certeza de que era isso que queríamos. Ainda assim, tínhamos um grande obstáculo pela frente.

— Temos que contar para Lucy. — Deixei escapar, quebrando o encanto da tranquilidade. — Temos que contar antes que ela descubra. Ela merece saber. Não é justo esconder dela.

— Eu sei. E quando vamos fazer isso? Vou cair na estrada logo, logo.

Eu sabia que ele estava se referindo ao processo de escalação do time, e que restavam apenas duas semanas para o prazo final, quando os treinadores não poderiam mais se comunicar com os selecionados.

— Para onde você vai? — perguntei, deixando um pouco de lado o assunto delicado.

— Chicago e Pittsburgh. Naperville e New Kensington, para ser mais exato. Duas passadas rápidas para visitar dois *quarterbacks*. Bate-e-volta... E alguns dias viajando pelo Texas.

— Quando você viaja? — perguntei.

— Para Chicago, na sexta. Para Pittsburgh, na semana que vem. Viagem rápida... Por quê? Quer ir comigo?

Sorri e respondi:

— Eu bem que gostaria. — Em seguida, me lembrei do convite da Lucy para participar da decoração da árvore de Natal dela e perguntei se ele tinha planos de comparecer.

— Sim, por quê? Não está pensando que poderíamos contar para ela lá, está?

— Não. Seria uma carga emocional pesada demais — respondi, sabendo o quanto Lucy odiaria as tradições natalinas sem a presença da mãe. — Talvez seja melhor esperar até depois das festas.

— E do campeonato?

— Sim — respondi, sentindo uma onda de alívio. — Talvez sim. Só precisamos tomar muito cuidado nesse meio-tempo.

— Concordo. É bom que ela saiba por nós.

— Por nós dois — enfatizei, pensando que não era justo deixá-lo sozinho com essa tarefa, e não tinha certeza de que eu poderia lidar com isso sozinha.

— Sim, quando chegar a hora certa, faremos isso — ele concordou, com sua voz intensa e imponente de treinador. — Criar coragem e fazer o que tem que ser feito.

Trinta e oito

Dois dias depois, eu estava na casa de Lucy, fazendo tudo o que podia para evitar o olhar do treinador, e ele fazia exatamente o mesmo em relação a mim. Não nos vimos mais desde aquela noite no escritório dele, mas conversávamos toda hora. Na noite anterior, eu tinha até cochilado enquanto nos falávamos por telefone.

— Ah, adoro esta aqui! É Blitzen! — exclamou Lucy, segurando uma rena feita de vidro fosco enquanto todos nos reuníamos em sua sala de estar para decorar a árvore de Natal.

— Cara, como é que você sabe que é Blitzen? Para mim está parecendo mais Prancer — opinou Lawton, enquanto Lucy passou o enfeite para ele para que o pendurasse em algum lugar da frente.

— Rudolph não pode ser — interveio Caroline, apontando sabiamente. — Está vendo? Não tem o nariz vermelho.

— Verdade — Lawton concordou, dirigindo-se a Caroline, enquanto o treinador se manteve concentrado na tarefa, enchendo de cola um enfeite dos Broncos que estava quebrado. — Mas poderia ser qualquer uma das outras renas, exceto Rudolph. Como ela sabe que é *Blitzen*?

Eu me perguntei a mesma coisa, constatando que havia perdido algum capítulo da crença sobre as renas do Papai Noel, enquanto Lucy sorriu e explicou:

— Minha mãe me disse que era Blitzen. Muito tempo atrás.

— Bom, e como ela sabia? — Lawton questionou.

— Ela conhecia as renas que tinha, Lawton — respondeu Lucy, revirando os olhos. — Agora coloque este lá em cima... e este aqui também. — Ela entregou ao irmão um enfeite em forma de remo de madeira com a inscrição LAGO LBJ, e pediu que o colocasse na parte de trás.

Lucy desembrulhou os enfeites que estavam aninhados em caixas de plástico

grandes e verdes, um por vez, depois os passou para Caroline, Lawton, o treinador e eu, enquanto Neil, que já tinha pendurado centenas de luzes brancas na árvore, se concentrou em colocar, cuidadosamente, as bolas douradas e vermelhas. Lucy fez parecer que a escolha do lugar exato dos enfeites era aleatória, mas eu sabia que não era, e logo percebi que ela deu as mais resistentes e berrantes para Caroline, assim não quebrariam e ficariam na parte mais baixa da árvore, com pouca visibilidade. Os enfeites infantis (aviões, trens, carros, soldados, elfos, bonecos de neve e renas) ela deixou para Lawton. E todos os outros relacionados a Walker ou ao futebol americano — a categoria na qual aparentemente todo o resto se enquadrava — ela deixou para mim e o treinador. Além disso, o treinador ficou responsável por todos os Papais Noéis, tanto os mais esquisitos quanto os mais convencionais.

Levamos a tarefa a sério, esperando que nossa escolha estivesse de acordo com o gosto dela. Porém, o mais importante foi que não a decepcionamos, embora ela tenha olhado, vez ou outra, com certa expressão de desagrado para determinada cor ou tema.

— Espalhe esses elfos, Lawton, por favor. Eles parecem muito... amontados desse jeito — ela comentou, antes de voltar a olhar para as caixas, das quais metade estava no sótão da sua casa e a outra metade no sótão dos pais, depois de ter dado permissão ao pai para renunciar à própria árvore de Natal naquele ano.

— Está ficando bom, gente! — ela opinou, e todos concordamos que a árvore estava mesmo bonita. Nem dava para perceber que era artificial (o que era necessário devido à alergia de Neil a plantas de verdade), a menos que se parasse para pensar que nenhuma árvore de verdade seria tão enfeitada e simétrica.

— Lembra desta daqui? — ela perguntou a Lawton, segurando um enfeite delicado em formato de uma menininha empurrando um carrinho cheio de brinquedos. O enfeite parecia germânico e velho, ou pelo menos ultrapassado, talvez porque a garotinha se parecia com Shirley Temple com seus olhos grandes, sua boca vermelha e cachos espessos.

— Sim. Eu sempre gostei dela... Mas nunca consegui entender por que um anjo traria um carrinho cheio de brinquedos — disse Lawton.

— Ela não é um anjo — zombou Lucy, indignada, enquanto Lawton tinha apelidado a boneca de prostituta. — Ela é só uma *menina*. E esse aí é o carrinho de compras dela.

— Uma ova! — Lawton retrucou, apontando e olhando para o enfeite por entre a sua franja longa, que necessitava urgentemente de um corte. — Olha isto

aqui. Se chama auréola.

— Você acha que auréola tem alguma coisa a ver com aréola? — brinquei, tentando ao máximo soar natural, leve e alegre, com medo de acabar me entregando. Continuei evitando olhar para o treinador, mas percebi cada movimento dele e sentia uma descarga elétrica toda vez que se aproximava de mim.

Lawton deu risada e respondeu:

— Mas é claro que tem.

Lucy olhou para a garota em formato de anjo, sem conseguir acreditar.

— Caramba. Você tem *razão*! — Lucy concordou com uma risadinha. — Mas tem certeza que não é só uma tiara?

— Não! É uma maldita auréola — Lawton insistiu.

Caroline soltou uma risadinha e cobriu a boca, entusiasmada com tantos palavrões, enquanto Lucy semicerrou os olhos para verificar melhor. — Bem, agora gosto dela mais ainda. É uma cliente angelical com seu carrinho de compras!

— Igualzinha a você, Lucy — comentou o treinador Carr, pondo um gancho em um boneco de neve. — Aposto que tem alguma coisa da Chennel e da Vespucci enfiada em algum lugar aí nesse carrinho.

Todo mundo riu da piada, ciente de que ele quis dizer Chanel e Versace. Virei-me para Lucy e perguntei de onde aquele enfeite tinha vindo. Eu sabia que ela estava ávida por compartilhar alguma história sobre a mãe, e decidi que era minha *tarefa* criar essa oportunidade.

— Minha mãe trouxe da Austrália, da época em que morou lá, quando era criancinha. Era um dos seus enfeites favoritos. Não era, pai?

— Era, sim — ele respondeu, embora todos nós soubéssemos que Lucy era a autoridade quando o assunto eram relíquias de família, e que, muito provavelmente, ele estava apenas concordando com ela.

Caroline pediu o enfeite à mãe e Lucy a alertou para ter cuidado, dizendo que ela mesma penduraria aquele porque era “muito frágil e muito, muito especial”. Depois, Lucy colocou o anjo no topo da árvore, bem próximo a uma das luzes do pisca-pisca, e em seguida empurrou o carrinho delicadamente e ficou observando-o por alguns segundos antes de voltar para suas caixas de enfeites.

E assim continuamos, Lucy retirando enfeite por enfeite da caixa, ajustando

na árvore todos os que colocávamos, contando histórias sobre sua mãe. Eu jamais poderia imaginar, ainda mais considerando o seu humor no Dia de Ação de Graças, mas ela parecia realmente feliz, sem o menor sinal de melancolia, apesar do som, do barulho e do cheiro natalino que todas aquelas coisas traziam, nos fazendo lembrar que algo — *alguém* — estava faltando. Ao fundo, Harry Connick, Jr. cantava. O cheiro de biscoitos de açúcar com canela, uma especialidade da Sra. Carr, emanava da cozinha. Lá fora, uma tempestade começava a se formar, e o vento ricocheteava as janelas, o que lembrou Lucy de que sua mãe adoraria aquele dia. Para falar a verdade, ela estava com o humor tão estável que comecei a suspeitar que tinha alguma coisa a ver com as suas pílulas milagrosas, ou talvez com uma dose a mais de álcool em sua *eggnog*. Por outro lado, talvez ela tivesse simplesmente chegado a um ponto decisivo de sua dor. Talvez o tempo realmente fosse capaz de curar todas as feridas.

Porém, apenas alguns minutos depois, quando ouvi Lucy dizendo para Caroline: “Querida, esta noite não parece mágica?”, considerei outra hipótese. Que tudo aquilo poderia não passar de uma atitude de fingimento muito convincente.

Caroline respondeu que sim, enquanto pegava outro biscoito da tigela e Lucy tirava uma sequência ininterrupta de fotos, procurando diferentes ângulos da filha, mas seus olhos estavam tristes e distantes. É claro que ela não estava se sentindo melhor, pelo menos não logo no primeiro Natal sem a mãe. Ela estava simplesmente fazendo o melhor para disfarçar para a própria filha, para demonstrar firmeza e seguir os conselhos que a mãe lhe teria dado: *Faça tudo com perfeição para sua família, não importa como esteja se sentindo por dentro.* Seu humor era tão falso quanto aquela árvore artificial, mas, ainda assim, astuto e belo, a sua própria maneira. Mais tarde, quando ela e Neil estivessem sozinhos no quarto, suspeitei de que as lágrimas cairiam, mas, por enquanto, ela assumiu o dever solene de construir com zelo e dedicação tudo aquilo que seriam as lembranças de Caroline. Senti meu coração se encher de admiração por ela e me perguntei se conseguiria ser tão forte se estivesse em seu lugar. Creio que não, mas suspeito que a maternidade seja, de certo modo, uma maneira de reforçar nossas reservas emocionais.

Continuamos trabalhando na árvore, até que as caixas ficaram praticamente vazias, restando apenas os enfeites mais simples e desmazelados que Lucy adquirira havia pouco tempo e que ela jocosamente apelidou de *nouveau accoutrements*.

— Chegou a hora da estrela. Neil, pegue a escada.

Ela bateu palmas ao ver a filha exclamar:

— Rápido! Rápido!

— Uauuuu. Viram isso? *Rápido! Rápido!* Viram só como a minha esposa está influenciando minha filha? — Neil brincou. Era evidente que ele adorava esse atrevimento das duas e que sentia orgulho de ter mulheres mandonas em sua vida. De maneira submissa, ele pegou a escada e a colocou o mais próximo que os galhos da árvore permitiam. Neil subiu três degraus, e em seguida perguntou:

— Caroline, gostaria de fazer as honras da casa?

Ela concordou e subiu a escada com entusiasmo, depois arrancou a estrela da mão do pai e, sem medo, esticou o braço para pendurá-la na árvore de quase três metros.

— Cuidado, cuidado — Lucy advertiu enquanto Neil segurava a filha, erguendo-a ligeiramente, ajudando-a a colocar a estrela no lugar. Todos exclamamos: “Oohhh!” e “Aaah!” e elogiamos a façanha natalina de Caroline. Então, enquanto ela e o pai desciam, Lucy se levantou, pigarreou e disse:

— Bem, agora Caroline tem algo a dizer... Caroline?

Pulando, dançando e rodopiando pela sala, Caroline gritou algo sobre uma irmã, antes de cair no chão de tanta tontura. Lawton e o treinador ficaram olhando para ela, confusos, mas eu entendi imediatamente, sentindo meu coração se encher de alegria. *Lucy estava grávida!*

— Fala de novo, querida, mais devagar — Lucy pediu.

Caroline se levantou e tentou de novo, organizando as palavras com mais clareza.

— Eu vou ser a irmã *mais velha*!

Dessa vez o treinador e Lawton entenderam, e começaram a dar parabéns, enquanto eu sorri e fiquei observando tudo. Pela primeira vez naquela noite, me permiti olhar para o rosto dele, e, pela expressão conflituosa, posso dizer que ele se sentiu tanto feliz quanto chateado pela notícia, porque Connie não estava ali para partilhar da mesma alegria. Ou talvez ele estivesse apenas tentando ser afetuoso, fazendo o melhor para dar a Lucy o que ela precisava, dizer e fazer todas as coisas que a esposa teria dito e feito com a maior facilidade.

Ele respirou fundo, como se estivesse se recompondo, depois foi até Neil e o cumprimentou com um aperto de mão e um tapinha nas costas.

— Parabéns, filho. — Ele sorria de orelha a orelha. Em seguida, o treinador

deu um abraço de urso em Lucy e a segurou por alguns segundos, enquanto o ouvi dizer: — Meu amor. Que notícia maravilhosa. Simplesmente maravilhosa.

— Obrigada, pai — ela agradeceu, sorrindo e com as bochechas coradas enquanto os dois se separavam. — Estamos muito felizes.

O treinador beijou a testa da filha, depois foi atrás de Caroline, que continuava dançando pela sala, e perguntou se ela queria um irmão ou uma irmã — uma pergunta tão óbvia quanto: "Quer que o Walker ganhe o campeonato?".

— Uma irmã! — gritou Caroline em cima da barriga de Lucy, como se o volume da voz fosse o fator determinante do sexo do bebê, e depois permitiu que o avô a pegasse no colo.

— Já sabem se é menino ou menina? — Lawton perguntou, copiando o aperto de mão e o tapinha nas costas de Neil, dando depois um abraço apertado na irmã.

— Não. Ainda é muito cedo para saber. Ela está de oito semanas. Mas quero que saibam que achei que hoje seria o momento perfeito para contar sobre a notícia — declarou Lucy, vacilando um pouco, mas se mantendo calma, firme e propositadamente alegre.

— E vocês querem saber o sexo do bebê antes de ele nascer? Assim como quiseram com esta pequena aqui? — o treinador perguntou, apertando o nariz de Caroline antes de colocá-la de volta no chão.

— Não, desta vez não. Minha mãe vai ser a única a saber — Lucy respondeu, olhando para a estrela da árvore antes de olhar para mim. — O que você acha, Shea? — perguntou, como que fazendo questão de me incluir naquele momento familiar. Cheia de culpa, escolhi as palavras cautelosamente, de um jeito que eu não havia feito quando soube que Caroline estava a caminho.

— Acho que é uma ideia maravilhosa. Deixem que seja surpresa desta vez — respondi, e me senti meio aturdida. — Estou muito feliz por você, Lucy.

— Eu também estou. Finalmente um *pouquinho* feliz — disse ela.

Sorri e, com discrição, olhei para o treinador, que agora estava de pé bem atrás de Lucy. Ele me olhou de um jeito que parecia dizer a mesma coisa que eu estava pensando: *Graças a Deus não contamos nada para ela ainda.*

Eu queria ter ido embora depois disso, saído numa boa, no momento certo — um conselho que a Sra. Carr sempre nos deu. Em vez disso, protelei e fiquei, mesmo depois que Lawton já tinha ido embora e Lucy e Neil subiram para levar Caroline para a cama, sem conseguir resistir à atração pelo treinador, que me puxava feito um ímã.

— Outro bebê. Uau — comentou ele quando estávamos sozinhos, organizando a cozinha.

— É verdade. Não esperava por essa... — confessei, embora não soubesse ao certo por que fiquei tão surpresa, pois sempre soube que Neil e Lucy queriam outro filho.

— Nem eu — ele disse, jogando água numa assadeira, depois colocando-a na máquina de lavar louças enquanto eu limpava a mesa da cozinha.

— Você acha que é menino? — sondei.

— Acho que sim — ele respondeu, virando-se para olhar para mim por cima do ombro antes de voltar a olhar para a pia. — E é estranho porque eu nunca sinto nada em relação a essas coisas. Vou amar ter um netinho, mas outra menininha seria ótimo também. E, para Caroline, seria maravilhoso ter uma irmãzinha.

Concordei com a cabeça e observei as costas do treinador, enquanto minha mente egoísta processava as implicações que isso traria para nossa situação. Essa novidade tornaria as coisas mais fáceis ou mais difíceis? Não havia como prever, já que os bebês têm o poder de tornar as coisas melhores e piores ao mesmo tempo. Lucy teria uma distração agora, mas também ficaria com os hormônios a mil, o que com certeza revolveria o sentimento de luto. E nada, nem mesmo as datas comemorativas, poderia destacar tanto o vazio que havia agora em sua vida como um nascimento.

Da cozinha, ouvimos o burburinho no andar de cima, típico da hora de dormir. Neil e Lucy tentavam negociar com Caroline, e eu sabia que levaria pelo menos meia hora para conseguirem fazê-la dormir. O treinador também deve ter pensando que nós dois estávamos seguros, porque mordeu o lábio inferior e deu alguns passos para se aproximar de mim.

— Preciso te beijar de novo — ele sussurrou, olhando para o corredor. — Em qualquer lugar.

Estremeci e sussurrei de volta:

— Vamos voltar para a sala. É mais seguro.

Ele concordou com a cabeça e me levou até o sofá, onde nos sentamos próximos um do outro, mas numa distância estrategicamente segura. Conversamos sobre o bebê de Lucy por mais alguns minutos, antes de ele ficar com a expressão séria e dizer:

— Preciso conversar com você sobre algo importante...

— O quê? — questionei, me perguntando se o que ele tinha para contar teria alguma relação com a investigação da NCAA.

Ele balançou a cabeça e falou:

— Não agora. Depois. — O semblante dele me deixou preocupada, ainda mais quando ele tocou minha mão e acrescentou: — Não se preocupe. Vai ficar tudo bem.

— Tem certeza?

— Sim. Só preciso... te contar uma coisa. Só isso.

Respondi que tudo bem, pensando agora que tinha alguma coisa a ver com a Connie. Talvez alguma confissão de que ele ainda se sentia fiel a ela. Que conseguia trocar a aliança da mão esquerda para a direita, mas não se sentia capaz de se livrar dela totalmente. Que podia me beijar, e quem sabe, talvez, fazer amor comigo, mas não se sentia preparado para assumir um compromisso porque sempre a amaria mais que tudo. Meu pensamento buscou outras possibilidades, todas relacionadas à Sra. Carr, até que ele me pediu:

— Pare de se preocupar, querida.

Em seguida, ele colocou a mão sobre a minha, levou-a até o seu rosto e a beijou com ternura. Senti como se estivesse derretendo, como se uma música estivesse soando em meus ouvidos, fiquei com a visão turva, até que tudo congelou e se rompeu ao ouvirmos a voz de Lucy atrás de nós.

— Oi — ela disse, enquanto o treinador e eu pulamos, depois olhamos para trás, um depois do outro.

— Oi — respondi, percebendo que ele continuava segurando minha mão. Eu a puxei imediatamente. Uma reação tardia e desajeitada.

— Por que acabou de beijar a Shea? — ela perguntou, a voz tão doce e inocente que me fez lembrar Cindy Lou Who em *O Grinch*.

— Não beijei — gaguejou o treinador.

— Sim, beijou, sim.

— Beijei a mão dela. Não *ela*.

— E por que beijou a mão *dela*? — Lucy insistiu enquanto Neil apareceu a seu lado. Ela se virou para o marido, cruzou os braços e anunciou: — Meu pai acabou de beijar a Shea.

Por vários segundos, ninguém se moveu nem falou, até que Lucy deu a volta

pelo sofá, sentou na poltrona de frente para nós, a árvore de Natal atrás dela. Neil se aproximou e se sentou aos seus pés, parecendo desconcertado. Esperei, em agonia, senti as bochechas queimando e o suor escorrendo pelo rosto.

— Está acontecendo alguma coisa entre vocês? — Lucy perguntou, por fim. Ela ainda não parecia zangada, mas estava ficando menos perplexa e mais inflexível.

Nenhum de nós dois respondeu, o que soou mais claro e evidente do que qualquer outra resposta que pudéssemos formular.

— Ai, meu Deus! — ela exclamou, olhando para mim, depois para o pai, depois para mim de novo.

Decidi que eu tinha de falar alguma coisa, já que ela ficou me encarando.

— Não é bem... *assim* — falei, embora fosse exatamente *assim*. Lembrei a mim mesma de não mentir para minha melhor amiga. Para não piorar ainda mais as coisas.

— Então é o quê? O que é isso?

O treinador se manifestou:

— Lucy. Somos amigos muito próximos. Você sabe disso.

— Nunca fui beijada desse jeito por um amigo próximo. Só Neil me beija assim.

O treinador limpou a garganta.

— Só beijei a mão dela.

— Tá legal... Bem, então você *de fato* já a beijou? — Lucy questionou, fulminando-o com os olhos.

Olhei para o treinador, grata por ela direcionar as perguntas a ele, e fiz uma pequena oração interior para que ele mentisse só um pouco. Porém, uma vez mais, o silêncio falou mais do que qualquer alto-falante com o volume no máximo.

— Ah, meu Deus, Neil. Eles se beijaram — ela exclamou, olhando para o marido.

— Foi só uma vez. Eu juro — confessei.

— Quando?

— Faz alguns dias — disse o treinador.

— Onde?

— No meu escritório — ele acrescentou.

Lucy ficou encarando o teto, depois abaixou a cabeça e a apoiou sobre as mãos, a voz saindo abafada agora:

— Não posso... Não vou suportar isso. Não posso...

Quando tirou as mãos do rosto, ela olhou de um jeito suplicante para Neil e murmurou alguma coisa que não consegui entender direito. Algo como: *Descubra o que está acontecendo*.

Neil nos olhou com uma expressão de impotência e de decepção:

— Então, vocês dois sentem alguma coisa um pelo outro?

Silêncio.

— Olha. Acho que é melhor que contem a verdade... E aí podemos lidar com a situação a partir disso. Basta contarem a verdade para Lucy — ele pediu.

Ouvi o treinador inspirar o ar, exatamente como eu fiz, mas prendi a respiração e ele soltou o ar, confessando:

— Sim. Sinto algo por ela.

— Mais do que como amigo? — Neil indagou, enquanto eu pensei que ele nunca me pareceu assim tão forte e tão sob controle. Nem mesmo no dia da morte de sua sogra, embora ele tenha se saído muito bem naquela ocasião.

— Sim. Gosto dela — o treinador respondeu.

— E você, Shea? — Neil se virou para mim.

Respondi que sim, mas num sussurro.

— O quê? — Lucy disparou.

— Sim — respondi, agora mais alto.

Neil meneou a cabeça, aceitando os fatos, depois se virou para Lucy, como se estivesse perguntando o que mais ela queria saber.

— Quando? — ela questionou, agora com as bochechas tão enrubescidas quanto as minhas. — Quando você começou a sentir isso por ele?

— Não antes de... — comecei, a voz vacilando.

— Não antes do quê? Antes de a minha mãe morrer? Meu pai do céu, espero que não. Ou então... ou então...

Lucy não terminou a frase, graças a Deus, mas imaginei o que ela estava pensando: *Ou então vocês dois iriam queimar no inferno.*

— Lucy. Tudo isso é muito novo — expliquei.

— Assim, do nada? — ela rebateu.

— Bem, sim... quer dizer, não... foi acontecendo gradativamente... os sentimentos... mas o beijo... aconteceu. Sim, do nada. De repente.

Eu estava gaguejando, me retorcendo por dentro, e esperei que o interrogatório prosseguisse. Mas, em vez de fazer outra pergunta, Lucy declarou:

— Quer saber? Vou me deitar. Não aguento isso. Não quero saber. Só façam o que querem fazer... e, por favor, me deixem fora disso.

Ela se levantou e o treinador tentou segurá-la, parando em sua frente e segurando seu braço. Ela o puxou de volta e retrucou:

— Estou cansada, pai. Boa noite.

— Boa noite, Lucy... Sinto muito se isso magoou você...

— *Se?!* — ela rebateu, com os olhos cheios de lágrimas.

— Sinto muito por ter te magoado — ele insistiu.

Lucy encarou o pai; seus olhos estavam frios e distantes.

— Pois não sinta. Não diga mais nada. Só espero que valha a pena para vocês dois...

— Lucy — ele chamou, com a voz mais forte, mais insistente, e um ligeiro traço de autoridade. — Espere.

Ela balançou a cabeça, depois saiu da sala, sem ao menos olhar em minha direção.

Trinta e nove



— Foi horrível — disse o treinador, quando me ligou do seu celular poucos minutos depois que saímos da casa da Lucy. Em estado de choque, agarrei o volante e fui atrás do carro dele.

— Ela me detesta — falei, mais para mim mesma do que para ele. Sem perceber, passei direto pela saída que levava à minha casa, ainda atrás do treinador, a caminho da casa dele.

— Ela está com ódio de nós dois — ele comentou, como se isso servisse de consolo.

— Você é o pai dela. Ela não pode te odiar — eu disse, me dando conta de que esse simples fato não havia me impedido de odiar meu próprio pai por tanto tempo. De certa forma, era mais fácil odiar alguém da família, já que as menores traições ganhavam proporções maiores. Mas era ainda mais fácil riscar da lista um amigo, já que não havia nenhum laço de sangue envolvido.

— Ela tem que perdoar a gente. Daqui a algum tempo — ele afirmou.

Perguntei-me o que ele quis dizer com *daqui a algum tempo*, alguns dias, semanas ou anos, e a ideia de que essa última opção seria possível, e que *nunca* também poderia ser uma possibilidade, me fez parar no acostamento.

O treinador deve ter olhado pelo espelho retrovisor, porque perguntou:

— Para onde você vai?

— Parei um pouco — expliquei, com as mãos trêmulas. Observei a luz das lanternas se acenderem à minha frente enquanto ele parou no acostamento também.

— Está tudo bem? — ele perguntou.

— E se ela nunca perdoar a gente? — sondei, pensando em todos os ressentimentos que Lucy guardara ao longo de todos esses anos e em todas as pessoas que ela tinha riscado de sua vida por ofensas muito menores.

— Vai sim. *Claro* que vai.

— Como sabe?

— Porque somos as duas pessoas mais importantes da vida dela, depois de Caroline e Neil.

— Não. A mãe dela é muito mais importante do que nós dois. Essa é a questão — pontuei, olhando para o carro dele.

— Mas ela não está aqui. E isso nunca teria acontecido se Connie ainda estivesse entre nós.

— Claro que não — afirmei, chocada com a simples ideia de que *nada*, nem mesmo o menor flerte, teria sequer começado se a Sra. Carr estivesse viva. Lembrei da época terrível em que ela estava muito doente e de que eu não conseguia nem mesmo olhar o treinador nos olhos. — Você acha que Lucy sabe?

— Sim. Ela sabe. Ela sabe que a *gente*... Não houve nenhuma traição aqui. Ninguém mentiu.

— Nós mentimos, de certa forma — destaquei.

— Não. Só não contamos logo de cara. As coisas *simplesmente* aconteceram... Ninguém planejou nada. Lucy só está chateada. Ela precisa de tempo para processar tudo isso.

— Ela nunca vai aceitar — falei.

— Mas ela vai ter que aceitar.

— Ela não vai — insisti, me perguntando o que diabos deu em mim. Como é que cheguei a pensar na *possibilidade* de que isso daria certo?

— Sim, ela *vai*. Agora, vamos. Me siga.

Hesitei, depois decidi que, para onde quer que eu fosse, nada mudaria. Então, voltei para a estrada e concordei em segui-lo.

Alguns minutos depois, estávamos juntos na cozinha da casa dele, os dois olhando para o celular.

— Ela te ligou? — perguntei.

— Não. Ligou para você?

Balancei a cabeça.

— Desculpe. Eu não deveria ter te beijado daquele jeito. Não sei o que me deu — ele disse.

— Mas eu deixei você me beijar. Me esqueci de onde estávamos. Você me faz esquecer de tudo...

Ele me olhou de um jeito pensativo.

— Talvez tenha sido melhor ela ter descoberto agora. Nunca haveria um momento suficientemente *bom* para um anúncio desses — ele comentou.

— Sim, mas sinto como se tivesse estragado a novidade dela.

— Nada pode estragar a notícia do nascimento de um bebê.

— Você sabe o que eu quis dizer. Hoje era um dia importante. Muito importante para ela. E nós fomos imprudentes...

— Eu sei... Mas agora já está feito. Não podemos mudar — o treinador pontuou, sempre concentrado nas coisas que ele podia controlar.

— Mas precisamos consertar o que aconteceu.

— O tempo vai fazer isso. Confie em mim. Ela vai entender.

Observei a expressão dele, querendo, desesperadamente, acreditar que estava certo, mas pensando que era muito mais fácil para ele ser paciente e esperar o tempo passar. O treinador não conversava com Lucy três vezes por dia. Não precisava dela da maneira como eu precisava. Para ser sincera eu não conseguia imaginar o que eu faria se nossa amizade terminasse.

Suspirei, depois fui me sentar à mesa da cozinha, apoiando o queixo sobre a mão. O treinador me acompanhou, sentou-se de frente para mim, enquanto eu me lembrava da última coisa que ele havia dito na sala de Lucy.

— E aí, o que você tem para me contar? — perguntei. Ele piscou algumas vezes, o rosto inexpressivo, como se não fizesse a menor ideia do que eu estava falando. — Você disse que tinha alguma coisa para me contar. Antes de a Lucy aparecer.

— Ah, sim. É verdade.

— Bom, e aí? O que é?

O treinador pareceu tenso enquanto respirou fundo.

— É sobre a Sra. Carr? — perguntei. — Porque eu sei que deve ser difícil. Entendo que você vai ser fiel a ela para sempre... como não poderia deixar de ser — concluí com estranheza, desejando não ter trazido o assunto à tona.

O treinador balançou a cabeça:

— Não, não é sobre a Connie. Quer dizer, tive umas emoções repentinas nos

últimos dias. Me senti culpado por estar feliz. Por me sentir assim, contente... Mas também me sinto assim em relação ao futebol americano. Depois de uma vitória. É como se eu me perguntasse: “como posso me sentir feliz com um jogo se ela não está aqui?”. E aí eu sempre volto para a mesma razão e me lembro de que, independentemente do que você e eu façamos, nada vai trazê-la de volta.

Assenti, familiarizada com o raciocínio, mas ciente de que ele estava fugindo da pergunta. — E então, o que é? — insisti.

Mais alguns segundos se passaram, até que ele pigarreou e contou:

— É sobre o passado. Uma coisa que aconteceu muito tempo atrás.

Fiquei congelada, minha mente levantando todas as possibilidades, rezando para que ele não tivesse nenhuma outra mulher enquanto a Sra. Carr estava viva. Talvez ele tivesse tido um caso com uma colega. Ou com alguma outra mulher que encontrou no meio do caminho. Ou, pior ainda, uma aluna ou mesmo uma tiete da Walker. Talvez fosse alguém que eu conhecesse, alguém que tivesse estudado comigo. Não consegui suportar nenhuma dessas possibilidades, mas falei para mim mesma que meus sentimentos continuariam os mesmos. Nada poderia mudar o que eu sentia por ele.

— Há *quanto* tempo? — perguntei.

— Quando você e o Ryan ainda estavam na faculdade. — Ele inspirou o ar profundamente, depois soltou e disse: — Lembra daquela garota que o Ryan namorou na faculdade? Aquela antes dessa com quem ele se casou? Tish Termini?

— Sim — respondi, a cabeça a mil. Óbvio que o treinador não tinha se envolvido com Tish.

— Bom... na noite antes de sairmos da cidade para o Cotton Bowl, eu estava no meu escritório, fazendo algumas coisas, quando ela apareceu para me ver.

Esperei, me preparando para o pior. Ele continuou:

— Ela estava muito abalada e disse que tinha uma coisa importante para me contar. Então, pedi que se sentasse. Aí ela começou a me contar a história sobre uma briga feia que havia tido com Ryan na noite anterior. Acho que nós dois entendemos agora...

— Sim — falei, me corroendo por dentro enquanto mudava totalmente meus pensamentos.

— Então, ela me contou que o Ryan a tinha atacado. Perguntei o que ela quis

dizer com “atacar”, e ela explicou com todas as letras. Disse que ele a empurrou, a agarrou e a forçou a fazer sexo com ele.

— Ele a *estuprou*? — questionei. A palavra deixou um gosto amargo na minha boca.

— Bem, ela não disse exatamente isso. Mas, sim... foi isso que ela alegou. Que fez sexo com ele contra a própria vontade. Então, sim. Ele a estuprou.

Fiquei olhando para ele, desfalecendo por dentro, enquanto me lembrava de como me senti quando ele me jogou na cama naquela outra noite, no quanto fiquei assustada mesmo quando tentei dizer a mim mesma que aquele era apenas Ryan, meu namorado, e que nunca me machucaria *de verdade*. Mesmo com minhas lembranças terríveis, era impossível acreditar no que o treinador estava me contando agora.

— E então? O que foi que você disse? — perguntei, ansiosa.

— Disse que aquela era uma acusação muito grave e que era melhor que ela tivesse certeza do que estava dizendo.

— E?

— E ela disse que tinha certeza.

— E aí, o que aconteceu? — pressionei.

— Perguntei a ela por que não tinha ido à delegacia para registrar a ocorrência. Ela disse que estava assustada e em estado de choque, e queria falar comigo primeiro. Perguntou se eu acreditava nela, e eu respondi que isso não fazia a menor diferença e que, se ela tinha sido violentada, precisava ir à delegacia imediatamente.

— Você acha que ela estava mentindo?

O treinador ficou me olhando por um bom tempo antes de responder:

— Não vi nenhum hematoma nem machucado nela. Não havia nenhum sinal de violência física...

— Mas não precisaria ter, necessariamente. Nem sempre o agressor deixa marcas visíveis — pontuei.

— Eu sei disso. Mas também sei que ela não tinha uma reputação muito boa. Meus assistentes me contavam algumas coisas ruins sobre ela. Que, mesmo com Ryan, ela vivia em danceterias, caía na noite por aí, bebendo, fumando... E eu tinha ouvido falar que ela violou o código de conduta por ter colado em uma prova. Então, ela não era a mais confiável das garotas. E o Ryan era... bem, o

Ryan era o *Ryan*. O garoto de ouro. Candidato ao troféu Heisman. Bom aluno. Ficha limpa.

— Então você não acreditou nela? — questionei, querendo saber logo o desfecho.

— Não. Não acreditei.

— E você não fez *nada*? — questionei, sentindo a circulação sanguínea pulsar no meu ouvido.

— Shea, você precisa entender.... Eu não sabia o que sei hoje. Só contava com os fatos daquela época. E, com base neles, o que ela contou não fazia sentido. Pensei mesmo que Tish estivesse fingindo tudo aquilo, tramando alguma vingança porque Ryan tinha terminado com ela. Pensei que ela quisesse que eu o deixasse de fora do jogo. Que ficasse furioso e o punisse da pior forma que se pode fazer com um jogador. E, mais que do isso, mais do que destruir a sua carreira de jogador, eu tinha ciência de que esse tipo de acusação poderia arruinar a vida de um jovem. É claro que é algo muito sério, quando é verdadeiro, mas, quando não é, também é uma coisa muito séria. Na época, não achei que fosse verdade. Nem uma partezinha de mim acreditava naquela garota.

— Você pelo menos conversou com Ryan? E perguntou para ele?

— Sim, claro que sim. Logo que Tish saiu, liguei para ele do meu escritório e perguntei o que tinha acontecido. Ele me contou uma história que fez mais sentido que a versão dela. Uma história que acabou fazendo a minha cabeça e me convencendo.

— E o que foi que ele te contou? — indaguei, sabendo quão convincente e astuto Ryan poderia ser.

— Ele me contou que tinha terminado com Tish e que ela estava muito chateada. Muito mesmo. E que ela veio para cima dele, furiosa, e ele só tentou se defender. Desse jeito. — O treinador ergueu as mãos, protegendo o próprio rosto. — E aí, ele disse que tentou tirá-la do apartamento, mas ela se recusou a sair. Ele jurou para mim que não a machucou. E foi isso.

O treinador ergueu as mãos no ar e balançou a cabeça.

— Foi um “disse me disse”, e eu simplesmente não acreditei na garota. Na minha cabeça, ela não era uma pessoa confiável. Ele era. Então, foi isso. Preferi a palavra dele à dela. Alguns dias depois, fui falar com ela.

— E?

— E ela mudou o tom, mudou a história, pelo menos uma parte. Manteve a parte em que ele a tinha agredido, mas disse que o sexo tinha sido “um pouco consensual”.

— *Um pouco*?

— Exatamente. Ou foi consensual ou não foi. Concorda?

— Talvez ela estivesse com medo. Talvez soubesse que você não acreditava nela.

— Ou talvez tenha inventado essa parte.

— Talvez — concordei, sabendo que, por mais improvável que parecesse, essa era uma possibilidade. — Então foi isso?

O treinador fez que sim com a cabeça, evitando olhar nos meus olhos.

— Você não fez mais *nada*? — perguntei, com o coração apertado.

— Você precisa se lembrar, Shea, que existem regras para essas coisas. Regras que dizem que o treinador tem que relatar todos os incidentes para o reitor da universidade, para o diretor esportivo ou para a polícia. Ou, ainda, para os três. Mas, naquela época, não havia nada de concreto. E eu nunca tinha lidado com algo parecido antes...

— Você contou para Connie? — perguntei, sem saber ao certo por que aquilo importava para mim.

— Não.

Fiquei olhando para ele, paralisada, sem perguntas.

— Isso... muda as coisas? — ele perguntou, com a voz suave.

Comecei a responder que não, porque queria que fosse verdade. Mas, então, pensei em Tish. Para ela, tudo tinha mudado. E para Ryan também. Talvez até para Blakeslee e para mim. Diabos, tinha mudado todo o curso da história. Se o treinador tivesse acreditado na versão de Tish, pelo menos o suficiente para denunciar o caso, toda a trajetória da carreira de Ryan teria sido diferente. Ainda que, em última instância, ele fosse absolvido das acusações, provavelmente não teria ganhado o troféu Heisman daquele ano, ou não teria conseguido uma posição tão alta na escalação. O que afetaria o Walker, também. Sem Ryan em campo, nós certamente não teríamos ganhado o Cotton Bowl; e, sem aquela vitória, havia a possibilidade de não termos seleção de iniciantes nos anos em que se seguiram, muito bem-sucedidos, por sinal. O Walker poderia não estar prestes a disputar um campeonato nessa temporada, e o treinador não estaria

sentado aqui, hoje, nesta cozinha.

Ele me chamou pelo nome, muito mais preocupado do que estava na sala da Lucy.

— Sim? — respondi.

— Se eu pudesse voltar atrás, mudaria a forma como lidei com tudo. Teria feito alguma coisa. Eu realmente pensei ter feito a coisa certa, mas agora vejo que deixei aquela garota muito mal. — Ele fez uma longa pausa, depois limpou a garganta. — Naquele dia, quando entrei no seu quarto e vi o Ryan lá, em cima de você... Foi quase como se eu estivesse lutando por vocês duas.

Assenti, como se tivesse aceitado a explicação, mas não consegui deixar de sentir que meia dúzia de socos na sala do meu apartamento não poderiam consertar o passado, e senti vontade de me afastar dele de um jeito que me assustou.

— Fale comigo, Shea. Me diga no que está pensando — ele pediu.

— Não sei. É muita coisa para digerir...

— Está brava?

— Não — respondi, desejando que fosse tão simples assim, sabendo que a raiva tem uma forma mais rápida de se aquietar e de passar do que esse tipo de decepção.

— E então? — ele disse.

Abri a boca, mas não consegui encontrar as palavras para descrever o sentimento de desorientação e de desilusão. A sensação de questionar tudo em que eu sempre acreditei. A investigação da NCAA era uma coisa. Mas essa era outra questão, algo que eu não poderia descartar nem explicar tão facilmente.

— Sinto muito, Shea — ele afirmou.

— Sei que sente — falei, pensando em Lucy, depois em Ryan, e me perguntando se as desculpas, às vezes, simplesmente não bastam ou vêm tarde demais.

— No que está pensando? — questionou.

— Que é melhor eu ir para casa agora.

Assim que as palavras escaparam, mudei de ideia e esperei que ele contestasse o que eu disse. Queria que ele dissesse e que fizesse todas as coisas que o tornavam um grande treinador. Queria que ele fizesse tudo da melhor maneira

possível, como sempre fazia.

Porém, ele simplesmente assentiu e disse que tudo bem. Em seguida, me levou até a porta, me deu um abraço platônico, seguido de um beijo na bochecha, como se também tivesse percebido que algo havia mudado entre nós e estivesse se rendendo a um novo status.

— Então, você vai para Chicago amanhã? — perguntei, enrolando, tentando fingir que estava tudo normal, como se alguma coisa tivesse transcorrido normalmente naquela noite. Até mesmo a decoração da árvore de Natal tinha sido uma farsa para a trilha sonora de Harry Connick, Jr.

— Sim. Vou te ligar da estrada — ele disse, também fingindo.

— Ótimo. — Meneei a cabeça enquanto ele esticou o braço e abriu a porta para mim, segurando-a. Dei um passo até a varanda, ainda protelando. Mariposas dançavam ao redor das luzes, e uma delas pousou sobre meu rosto. Eu a espantei com cuidado, tocando suas asas macias, mas continuei olhando para ele, esperando por algo mais.

Como ele continuou em silêncio, chamei-o pelo nome. *Clive*. Havia certa urgência na minha voz, uma necessidade imperiosa.

— O que foi, Shea? — ele perguntou com a voz suave, ainda segurando a porta aberta.

Não respondi. Ele me puxou de volta para dentro da casa, soltando a porta. Em seguida, fechou a porta da frente e colocou os braços ao meu redor, dessa vez me abraçando de verdade.

— Por favor, não vá. Ainda não. Não desse jeito — pediu.

Abracei-o da maneira mais firme que pude e desabafei:

— Por que eu sinto como se tivéssemos perdido?

— Porque perdemos. Perdemos porque eu falhei. Fui um mau exemplo de liderança. A culpa é minha. Assumo totalmente a responsabilidade por isso.

Não contestei sua afirmação, pois acreditava que fosse verdadeira. Culpei-o por estarmos ali. Culpei-o por não denunciar o incidente. Por não ter feito mais. Mas, ainda assim, deixei que ele se inclinasse e me beijasse, devagar, depois com mais intensidade. A barba áspera machucou meu queixo, mas eu retribuí o beijo de maneira muito intensa, segurando sua nuca, arranhando seu peito e suas costas, escorregando a mão até a parte de trás da calça jeans. Tentei manter a mente vazia, me concentrando apenas no contato físico, no som da sua voz

sussurrando o meu nome. E, por alguns segundos, funcionou. Seus beijos apagaram todos os meus pensamentos, até que me peguei dizendo:

— Quero você. Por *inteiro*.

Ele continuou me beijando, as suas mãos nas minhas costas e no meu quadril, depois na barriga e nos seios, então fiz o meu pedido mais uma vez e de forma mais clara:

— Faça amor comigo.

— Agora? — ele perguntou, antes de descer para minha nuca, a respiração quente em meu ouvido.

— Sim. Agora — respondi, puxando-o e levando-o do hall para o corredor.

Demos alguns passos, até que ele falou:

— Shea... Espere. Vamos com calma.

— Não. *Agora* — falei, ainda andando, puxando-o até o seu quarto. Depois, mudei de ideia e o levei até o andar de cima, para o quarto de hóspedes.

— Por que a pressa? — ele perguntou, segurando meus braços, me fazendo parar.

— Esta pode ser a nossa única chance.

Ele me olhou fundo nos olhos, depois assentiu e entendeu. Todos que amam esportes sabem que, às vezes, temos uma única chance. Às vezes não podemos nos dar ao luxo de pensar, esperar, tampouco planejar. Às vezes é preciso seguir em frente e aproveitar o momento, a sua melhor, última ou até mesmo única chance. E talvez aquela fosse a nossa. E se eu não conseguisse superar o que tinha acontecido anos atrás? E se Lucy não conseguisse aceitar o que estava acontecendo entre nós dois? Tudo poderia acabar antes mesmo de ter começado de fato.

Acho que ele compreendeu tudo isso, mas, mesmo assim, balançou a cabeça e disse que não.

— Por que não? — questionei, tomada por uma série de emoções. Frustração, confusão e culpa. Sim, sempre a culpa. — Por causa da Lucy? — Olhei para o corredor em direção ao quarto dele. — Ou por causa da Connie?

— Não. Por *sua* causa. Por causa da gente. Porque temos algumas coisas para resolver. E temos que ter disciplina. Ser pacientes.

— E se não conseguirmos resolver essas coisas?

— Vamos conseguir — ele afirmou.

— Como você sabe? — Procurei respostas em seus olhos e nas linhas do seu rosto. Ele continuava tão forte e sexy como sempre, mas parecia mais velho que o habitual. Parecia ter a idade que realmente tinha. *Velho demais para mim*, pensei pela primeira vez.

— Não *sei*. Mas tenho esperança de que vamos conseguir.

— Ah, tem esperança? — retruquei, com um tom de aborrecimento na voz que me deixou assustada.

— Sim.

— Estou com *raiva* — confessei, compreendendo, por fim, a emoção que vinha reprimindo.

— De mim?

— Sim — respondi, chocada com aquele sentimento e por *perceber* que eu poderia sentir raiva do treinador. — Você tinha que ter denunciado. Deveria pelo menos tê-la *ajudado* a fazer a denúncia.

— Sim, eu deveria. Sei disso agora. Mas, Shea... Juro por Deus que não acreditei que ele a tivesse estuprado. E ainda não acredito.

Fiquei olhando para ele, pensando que essa era a resposta errada, sentindo uma nova onda de indignação, dessa vez por Tish.

— A questão não é essa. A decisão não cabia a você — rebati.

— Mas eu acreditei que sim. Por isso tomei a decisão de não fazer nada.

— E o Escalade do Cedric? — indaguei, agora andando pelo corredor.

— O que é que tem?

— Você sabe. O carro que ninguém próximo ao Cedric poderia ter bancado — acrescentei, me colocando completamente como uma repórter investigativa.

— Isso é uma pergunta? — ele questionou, adotando a voz irritadiça das coletivas de imprensa. — Ou uma acusação?

— Você acha mesmo que tudo bem? Que não houve nada demais no fato de Cedric ganhar aquele carro? Só porque ele era pobre e... ser um bom garoto justifica que podemos quebrar as regras? Ou foi porque você queria *muito* que ele jogasse pelo Walker? — Ele abriu a boca para responder, mas eu continuei, apontando para ele: — E Reggie? O que você *realmente* sabe sobre essa investigação? O que você está escondendo? Porque eu quero saber a verdade.

Quero saber o que você faria para ganhar.

Seu olhar passou de chateado para magoado, o tom azulado ficando diferente, mais profundo.

— Bom, eu jamais permitiria que uma garota fosse estuprada, se é isso que você está...

— Mas fingiria que nada estava acontecendo, não? — pressionei com a voz trêmula. Odiei a mim mesma por fazer essas perguntas, mas me odiaria mais ainda se não as fizesse.

— Olhe, Shea. Se uma parte de mim, uma pequena parte ao menos, acreditasse que Ryan tivesse feito mal àquela garota, eu o teria denunciado. E eu jamais, nunca, permitiria que você saísse com ele. Pense nisso.

— Estou pensando — falei, encarando-o, com os braços cruzados.

— E? — questionou, erguendo a voz.

Respirei fundo, agora à beira das lágrimas que consegui conter.

— Desde quando eu era garotinha, e assistia àquelas coletivas de imprensa da SMU que mais pareciam uma sentença de morte, pensei que você realmente fosse diferente. Pensei que fosse um dos caras bons. Diferente dos outros treinadores. Diferente do meu próprio pai. Você era um dos poucos que nunca *trapaceariam*. Um dos poucos que acreditava que uma vitória significava... *tudo*. A única coisa que realmente importava — eu disse, citando Vince Lombardi, seu herói.

O treinador balançou a cabeça.

— Uau. E você acha que fazer amor comigo simplesmente mudaria isso? — Ele se movimentou no espaço que havia entre nós, uma *huddle* entre duas pessoas.

— Me diga — falei.

— Te dizer o quê? O que você quer saber?

— Quero saber se... uma vitória significa *tudo* para você.

— Você acha que sim, Shea? É isso que você acha?

— Você escolheu não contar sobre o incidente por causa do Cotton Bowl? E se a temporada tivesse acabado ali? E se Ryan fosse um “camisa vermelha”? Ou estivesse suspenso? Você teria agido de forma diferente? Teria levado a história de Tish mais a sério?

— Escolhi não contar sobre o incidente porque não acreditei naquela garota — ele retrucou, agora gritando e apontando para mim. — Ouça, Shea. Eu sou o técnico *principal* de um grande programa de futebol americano...

— O que significa que tem responsabilidade. — Aumentei minha voz, e falei tão alto quanto ele.

— Sim! Sou responsável por noventa jogadores. Se eu tivesse tirado Ryan, teria penalizado outros 89 jogadores que tinham se matado durante o ano inteiro. Alguns deles passaram até mais de um ano treinando... foram quatro anos. Eu teria penalizado seus familiares e amigos. Teria punido toda a minha equipe técnica e todo o corpo discente e os ex-alunos da Walker. Cada homem, mulher e criança que se doa pelo Walker. Doam seu sangue, seu suor, suas lágrimas, seu dinheiro, tempo e coração. Eu poderia ter arruinado a carreira do Ryan. Mudado completamente o futuro dele.

— Mas, se ele *estuprou* Tish...

— E se ele não fez isso? Você consegue imaginá-lo fazendo isso, Shea?

Hesitei por um momento, depois balancei a cabeça.

— Não, não consigo imaginá-lo fazendo isso. Mas, ainda assim, eu teria feito a denúncia. Só para ficar do lado seguro.

— Bem, que bom para você, Shea. Tomar uma decisão como essa podendo olhar quinze anos para trás e com muito mais informação do que eu tinha. Obrigado por esse clássico sermão de segunda-feira que os *quarterbacks* normalmente recebem. Exatamente como fazem aqueles idiotas que aparecem só para assistir aos meus jogos e julgar o meu trabalho.

— É diferente de questionar um lance de jogo...

— Eu sei disso, Shea. Assim como também sei que cometi um erro. Um erro terrível. Não acredito que ele a estuprou, mas não tenho a menor dúvida de que ele fez alguma coisa com ela. E sei que eu deveria ter feito mais naquela ocasião... E estou assumindo a responsabilidade e admitindo o meu erro. Eu mudaria as coisas, se pudesse. Mas não posso.

— Que tal tentar consertar o que aconteceu?

— Como?

— Pedindo desculpas para Tish?

— Já fiz isso. Gostaria de ler a carta? Está lá na minha escrivaninha. Vá lá e leia! Vá! E me diga o que mais eu deveria fazer. Me entregar? Penalizar o meu

time inteiro, que não tinha nada a ver com isso? Acabar com o programa, quinze anos depois? É isso que você quer? Se é o que quer... vá e faça você mesma. Você é uma repórter. Escreva uma matéria. Escreva essa maldita matéria, Shea. E inclua nela o que Ryan te fez. Escreva sobre tudo! Vai ser uma notícia e tanto! — Eu o encarei, sem voz, mais confusa do que nunca. Ele quebrou o silêncio, por fim: — Não sou perfeito, Shea. Nunca aleguei que fosse. A mídia fez isso. A mídia adora uma matéria preto no branco... E sabe por quê? Porque nunca é preto no branco. *Nunca*. Não sou o santo que pintam. E não sou o demônio que eles adorariam retratar se soubessem... disso.

— Disso o quê? — perguntei, porque ele gesticulou entre nós novamente.

— Bom, para começar, se soubessem que estou envolvido com uma mulher que praticamente criei... a melhor amiga da minha filha. A repórter que está fazendo a cobertura da investigação da NCAA sobre o *meu* programa.

— Vou renunciar ao cargo — contei, e, embora essa tenha sido a primeira vez em que a ideia me passou pela cabeça, me senti segura de minha decisão.

— Você não vai fazer isso. Porque isso é o de menos... Isso não é nem uma notinha de rodapé comparado a essa história semelhante à de Paterno que temos aqui. Esqueça a acusação duvidosa de estupro. Há ainda uma acusação de agressão que joguei debaixo do tapete na véspera do Cotton Bowl.

— Isso não tem nada a ver com o caso de Paterno e a Penn State.

— Eles vão dizer que sim.

— Não é verdade.

— A verdade não importa.

— Você não acredita no que está dizendo. É *claro* que importa.

— Ok, ouça, Shea. E é bom que ouça bem, porque eu apostaria a minha vida em relação ao que vou te dizer. Aquela decisão que tomei no meu escritório, quinze anos atrás foi errada. Mas não teve *nada* a ver com ganhar um jogo de futebol americano. Nunca teve nenhuma relação com ganhar algum tipo de jogo.

— E teve relação com o quê? — questionei, minha voz vacilando.

— Com lealdade. Compromisso com as pessoas que se ama. Sua esposa. Sua família. Seus amigos. Seu *time*. Dar tudo de si e fazer o melhor com o que tem, em cada momento em que se está. E foi isso o que eu fiz naquela noite no meu escritório. É isso que eu faço em campo. E é isso que estou fazendo exatamente agora para me defender diante da mulher que amo.

— Você me ama? — questionei, sentindo o coração sair pela boca.

— Sim, eu te amo. Estou *perdidamente* apaixonado por você. Te quero mais que tudo. E muito mais do que ganhar um maldito jogo de futebol americano. Até mais que ganhar um campeonato nacional.

— Acredito em você — sussurrei, sentindo os joelhos fraquejarem. — Acredito em você.

— Bom, já é um começo. Um bom começo — ele disse.

Quarenta

Na manhã seguinte, minha mãe me ligou e pediu que eu fosse até a sua casa, imediatamente, pois estava com dor no peito. Então fui correndo até lá, e a encontrei no banheiro, vestindo um de seus inúmeros robes de seda e colocando os cílios postiços, que ela usava quase todos os dias, sem nenhuma ocasião em especial.

— Como você pôde fazer isso? — ela gritou quando entrei, virando-se para olhar para mim. Achei que estivesse se referindo ao término com Ryan, sobre o qual eu havia lhe contado por e-mail, mas tive a sensação de que Lucy havia conversado com ela na noite anterior.

— Como eu pude fazer o quê? — questionei, praguejando contra mim mesma por acreditar naquele choro uivante.

— Clive — falou, balançando a cabeça.

— Então você não está com dor no peito?

— Estou com uma tristeza profunda, é isso o que tenho. E, sinceramente, pensei que tivesse te educado melhor do que isso.

— Ah, por favor, mãe — retruquei, me preparando para o ataque que estava prestes a começar. — Pare de exagerar. Você nem sabe o que aconteceu.

— Não banque a idiota comigo, senhorita! Lucy me ligou. Já estou sabendo de tudo!

— E que "tudo" é esse de que você sabe, então? — questionei, fazendo o sinal de aspas no ar.

— Que você e o Clive têm um... *caso*.

— Um caso. Certo — falei, determinada a não discutir com minha mãe. Lucy poderia estar envolvida na questão, mas minha mãe não tinha nada a ver com o assunto.

— Lucy é sua melhor amiga, Shea. É como sua irmã — ela comentou, usando

uma pinça para puxar os outros cílios do pacote plástico. Passou pela minha cabeça que tudo nela era forçado, uma encenação após a outra, e a raiva se transformou em calmaria enquanto ela encaixava os cílios no devido lugar. — Isso está errado. Completamente *errado*!

— Você está com ciúmes — murmurei, porque parte de mim acreditava que havia certa verdade naquilo. Se alguém fosse resgatar a viúva, essa pessoa deveria ser ela. E o faria imitando a falecida; se tivesse Clive, ela poderia realmente se *transformar* em Connie.

— Está muito errado!

— Por que está errado, mãe? O que tem de *errado* em amar alguém?

Sei que eu parecia uma adolescente apaixonada e ingênua, mas me ocorreu que até para elas, quando muitas vezes tudo parece resolvido, suas mães críticas e de mente pequena acabam levando as coisas a mal. Especialmente as mães que continuam aplicando cílios postiços durante uma suposta crise.

— Mas está... errado — repetiu. — Clive é praticamente da nossa família. E Connie era a minha *melhor* amiga. É uma grande traição.

— Não é traição, mãe, porque a Connie morreu. — Mantive minha voz e minha expressão suaves para abrandar a dureza daquelas palavras. Mas era a verdade. Connie se foi, portanto eu não estava *roubando* o marido dela. Na verdade, eu acreditava, sinceramente, que ela aprovaria o nosso relacionamento e até torceria por nós dois.

— Sabe o que isso parece? — minha mãe perguntou, fazendo cara de quem tinha acabado de receber um golpe.

— Mãe, por favor. Eu só quis dizer que isso jamais teria acontecido se Connie não tivesse morrido. Só isso.

— Bem, eu continuo aqui. E Lucy também. E Neil. Lawton. Caroline. E não é justo com nenhum de nós o que vocês dois estão fazendo.

— Caroline? — indaguei, cruzando os braços. — Sério? E o feto que está na barriga de Lucy? Também estamos sendo injustos com ele?

— Que feto?

— Lucy está grávida. Ela ligou para fazer fofoca de mim, mas deixou de lado a novidade?

— Bom, isso mostra o quanto ela está magoada com você. E, para seu conhecimento, Shea, mulheres grávidas ficam emotivas... frágeis... Você não

podia fazer isso com ela nesse estado. — Minha mãe fez uma pausa, depois voltou a se irritar, virando-se para me olhar no rosto e esbravejar comigo um pouco mais: — Você não pode fazer isso de *jeito nenhum*! Se coloque no lugar dela. E se ela estivesse namorando o seu pai?

— Eu diria que ela merece algo melhor.

Minha mãe se distraiu temporariamente de seu ritual de beleza para se ater à satisfação de qualquer demonstração de desrespeito lhe traria.

— Amém. — Ela se virou para o espelho e acrescentou: — Ele tem o pênis muito pequeno. Seu pai.

— Mãe!

— Ué, é verdade.

— Ótimo. Então eu diria que ela merece algo melhor... e um pênis maior. Mas, se o meu pai, com seu pênis minúsculo, a fizesse feliz, eu diria para ela seguir adiante. Conseguiria superar e aceitar.

— Eu não falei minúsculo. Falei muito pequeno. E a questão é que eu não acho que Lucy vai *conseguir* aceitar isso. É simplesmente... *muita* coisa para ela.

— Ela te disse isso? Disse que não vai *conseguir* aceitar?

— Sim. Ela me disse que nunca vai conseguir aceitar isso e que você vai ter que escolher.

— Escolher? Quer dizer, tipo um “ultimato”?

— Sim. Escolher. Simples assim. Continuar namorando o Clive — explicou ela, revirando os olhos. — Ou continuar amiga dela. Ou um ou outro. Os dois não. — Ela ergueu as mãos no ar, como se estivesse se rendendo, e disse: — Ei! Eu só estou transmitindo o recado. Não me culpe!

— Mãe, a gente usa essa expressão quando está simplesmente dando um recado, não quando se está do lado de alguém.

— Eu não estou do lado *dela*. Estou do lado do que é certo. E isso não está certo. Não vai dar certo. Você seria a madrasta da Lucy! Seus filhos seriam meios-irmãos dela!

— E quem está falando de filhos aqui? Eu nem sei se quero ter filhos.

— Não seja boba. É claro que você quer ter filhos. Se não quer pensar em Lucy, pense em você mesma. No seu próprio futuro.

— Mãe. Venho te falando isso praticamente a minha vida inteira. Não quero

as mesmas coisas que você. Não sou você. Alguma vez você me ouviu? — Então, coloquei o dedo na ferida. — O meu pai me entende.

— Você contou pra ele sobre isso? Quando?

— Quando ele veio pra cá. Um dia depois da Ação de Graças.

— Ah, que *legal*. E tenho certeza que ele te apoiou cem por cento, não é? Parece que estou ouvindo ele dizer: "Faça o que te deixar feliz... não importa se isso vai machucar outra pessoa!". Tal pai, tal filha.

Senti como se tivesse levado um tapa na cara, em choque pela comparação, mas fiquei me perguntando se tudo aquilo realmente não era injusto. Talvez meu pai e eu fôssemos mesmo parecidos. Ou talvez minha mãe não passasse de uma grande hipócrita. Afinal, para começo de conversa, ela não tinha roubado o meu pai de Astrid e Bronwyn pensando que estava tudo acabado entre eles? Que ela não tinha nada a ver com o fim do relacionamento deles? No fim das contas, todo mundo, em algum momento da vida, não se ilude com a sua própria narrativa?

— Bom. Pelo menos o meu pai assumiu os seus erros. E pelo menos ele vê claramente as escolhas que fez, enquanto você continua a culpá-lo pelo que acontece de errado na sua vida. Mesmo depois de todos esses anos. Continua parada nos anos 1980 com suas frustrações de mocinha ferida.

Ela me encarou, os lábios contraídos como uma velha atriz de Hollywood, uma expressão que ela muito provavelmente aprendeu assistindo a filmes do TCM.

— Você é muito corajosa — comentou, depois de quebrar o silêncio. Sua voz estava estável, triste e livre de qualquer sinal de melodrama. — Sua melhor amiga perdeu a mãe. E você vai atrás do pai dela antes mesmo de completar um ano da morte?

— Eu não fui *atrás* dele. Não foi assim — retruquei, olhando para os meus pés, pensando no treinador, em Ryan e em Tish.

— É traição, Shea. Esse é o ponto principal. Mesmo que esteja perdidamente apaixonada pelo treinador, continua sendo uma traição para Lucy. Ainda mais depois de tudo o que ela e Connie fizeram por você em todos esses anos. Elas te deram uma infância feliz. — Sua voz vacilou. — Percebe? Percebe o quanto nós duas devemos a elas?

Não respondi à pergunta, só me virei e saí pela porta, sentindo uma pontada no estômago, porque eu sabia que nesse ponto ela estava certa. E, também,

porque, entre todas as coisas deste mundo que ela poderia ter dito, me chamar de traidora era a que mais me machucava.

Quando cheguei ao trabalho, mais ou menos uma hora depois, passei direto pela minha baia e fui até a sala de Smiley.

— Tem um minuto? — perguntei, enfiando a cabeça na porta entreaberta.

— Tenho exatamente seis — ele respondeu, olhando para o relógio. — A menos que você comece a me entediar. Nesse caso, serão três.

— Tudo bem — falei, pensando que o meu futuro, ou pelo menos parte dele, seria decidido nos próximos três ou seis minutos.

Entrei no escritório dele e fechei a porta, mas não me sentei.

— Acho que não posso trabalhar mais aqui. Pelo menos não fazendo a cobertura da Walker — confessei, forçando as palavras antes que eu mudasse de ideia.

— O quê? É alguma piada? Está indo para a ESPN?

— Não. Simplesmente não consigo ser imparcial — desabafei, aliviada pela minha confissão. Eu não tinha certeza se poderia sacrificar a relação com minha melhor amiga por amor, mas com o trabalho a história era diferente. — Não consigo ser imparcial sobre essa investigação. E, a propósito, acho que estão caçando pelo em ovo. Não consigo ser imparcial em relação ao futebol americano da Walker. E, definitivamente, não consigo ser imparcial em relação ao treinador Carr.

Smiley abaixou a cabeça, levando a testa à palma da mão, fechou os olhos, exasperado, e, depois de alguns segundos, se recompôs e disse:

— Não consegue por que estudou lá?

— Sim, senhor. Porque estudei lá. Mas também porque... estou tendo um relacionamento... com o treinador Carr.

— Um relacionamento? — Ele cuspiu a palavra, o rosto mudando de cor.

— Sim, senhor Digo, é mais ou menos isso, sim.

— Ah, que merda, Rigsby. Pare de me chamar de *senhor* agora. Você está namorando um cara da minha idade.

Resisti à vontade de dizer que ele era *muito* mais velho que o treinador:

— Desculpe por não ter contado antes.

— Antes? — esbravejou. — Há quanto tempo vocês estão juntos?

— Não faz muito tempo.

Smiley me encarou, depois murmurou alguma coisa que pareceu algo como: *Meu pai do céu. Pela madrugada!*

— Sinto muito. Você me deu uma chance e tem sido muito justo e bom comigo, não merecia isso. Eu te falei que poderia ser imparcial, mas não posso. Porque quero de todo coração que o meu time ganhe. E é isso que eu sempre vou desejar, enquanto for o *meu* time. Eu detesto a NCAA por estragar essa temporada. Ou por tentar. E eu faria tudo que estivesse ao meu alcance para zelar pelo programa, porque acredito nele, acredito que é um programa decente, ótimo, liderado por um homem excelente e correto... Então, quantos minutos mais nos restam?

— O suficiente para eu te mandar para o olho da rua.

— Foi isso o que pensei — falei, me virando para a porta. — Vou pegar as minhas coisas.

Smiley balançou a cabeça e falou:

— Espere. Não precisa sair tão rápido assim. Tenho uma coisa para dizer a você. Em resposta à sua confissão sublime. — Ergui as sobrancelhas, esperando. Ele continuou: — Não existem jornalistas esportivos imparciais. Todos que estão nessa área amam esporte e começaram como fãs. E, quando se está cobrindo um time que se ama ou odeia, ou mesmo um outro pelo qual se sente indiferente, sempre há certa parcialidade, porque o desempenho de um exerce um impacto sobre o *seu* time, pelo menos indiretamente. E, mesmo quando você assiste a um jogo cujo resultado não lhe importa nem um pouco, seja qual for, porque não haverá nenhuma implicação para o seu time, mesmo assim você ainda se importa! — Ele bateu a mão espalmada sobre a mesa, e eu me contraí, tanto pelo barulho quanto pela dor que ele deve ter sentido. — Você pode dizer que não se importa, mas dentro de poucos segundos, começa a se importar. Vai torcer pelo time inferior. Ou pela recuperação do *quarterback.* Ou pelo armador jovem que superou o rompimento de algum ligamento do joelho. Ou pelo treinador cuja esposa acaba de morrer de câncer! De alguma forma, você acaba se importando, por mais que não dê a mínima!

Agora, Smiley estava gritando, e, quando desviei o olhar, peguei Gordon e mais meia dúzia de colegas nos encarando através da parede de vidro.

Então, se acalmando um pouco, ele acrescentou:

— E o mais importante: toda competição tem sua importância, e deve ter mesmo. Alguém vai ganhar e outro vai perder, e se alguém importa para quem está jogando, também deve ter importância para nós. Sempre. Não foi isso que você me disse quando nos encontramos pela primeira vez no Bob's? Que um bom repórter faz com que os outros se importem com um atleta olímpico russo qualquer?

Fiquei encarando-o, me sentindo totalmente confusa agora.

— Está me dizendo que *ninguém* pode ser imparcial de verdade?

— Sim. É exatamente isso que estou dizendo.

— E... tudo bem?

— Sim.

— Então posso continuar no meu trabalho?

— Não. Você está demitida. Porque você, Rigsby, não pode nem mesmo *fingir* que é uma profissional imparcial agora. E foi a única coisa que eu te pedi. Pedi para manter a boca fechada na sala de imprensa e para *fingir* ser imparcial.

— Eu sei — falei, pensando que, mesmo que eu não sentisse nada pelo treinador Carr, faria de tudo para não perder o emprego.

Smiley olhou para mim e perguntou:

— Ouvi dizer que você estava namorando o Ryan James. É verdade?

— Sim, senhor. É verdade. Estávamos namorando. Mas não estamos mais — respondi.

— Santo Deus! Está se queimando mesmo com o jornalismo do Texas, hein?

— Acho que sim. — Cheguei a pensar em me defender, em explicar que os dois relacionamentos tinham acontecido naturalmente e não porque eu tinha uma queda por figuras famosas do esporte, mas decidi que o comentário não seria pertinente para o momento. Em vez disso, informei: — Vou pegar as minhas coisas e liberar a mesa.

Smiley sorriu e disse:

— Bem, olhe pelo lado positivo agora.

— E qual é?

— Agora você pode voltar a colocar aquele adesivo ridículo no seu carro.

Naquela noite, considerei todas as coisas construtivas que poderia fazer. Poderia

começar a procurar um novo emprego. Limpar o meu apartamento. Fazer exercícios. Mas, em vez de disso, liguei para Miller e pedi para ele me encontrar no Third Rail para tomarmos uma cerveja. Ele concordou de imediato, e, embora eu me sentisse grata pela sua amizade, e por *qualquer* amizade, aquilo me fez perceber o quanto eu estava sozinha sem Lucy. A perda era muito mais do que um vazio; era um buraco estratosférico no meu coração e na minha vida.

— O que aconteceu? — ele perguntou, depois de olhar para mim. — Você parece muito mal.

— Ah, obrigada, Miller — falei, pensando que, se Miller, que vivia sem tomar banho e com o cabelo desgrenhado, estava me dizendo aquilo, era um sinal de que eu estava muito mal mesmo.

— É sério. Você estava chorando?

— Não. É só o rímel... Sempre fico borrada. Não sei por quê.

— Precisa de um à prova d'água, então — ele disse, com propriedade.

Dei risada e perguntei:

— Como é que você conhece rímel à prova d'água?

— Porque já ouvi falar sobre isso — ele respondeu com a voz num tom falsamente sentimentalista. — Porque, diferentemente da maioria dos homens, me preocupo com as mulheres e as suas necessidades.

Dei risada de novo, pensando que tinha ligado para a pessoa certa. Não importa que eu realmente não tivesse outros amigos.

— Como vai o Ryan?

— Nós terminamos. E a professora gostosona?

— Nós terminamos também. — Ele ergueu as sobrancelhas e disse: — Espere. Você está dando em cima de mim? Querendo voltar para o que é bom?

— Não, Miller. Não estou — respondi, revirando os olhos. — Eu só precisava conversar com alguém... Hoje está sendo um dia péssimo. Briguei com a minha mãe. Lucy não está falando comigo. E fui demitida.

Ele soltou um assovio.

— Nossa, você está fazendo a minha vida parecer um mar de rosas. Obrigado.

— De nada.

— E por que foi demitida? Porque está transando com o treinador Carr?

Olhei para ele, perplexa demais para negar.

— Por que me perguntou isso?

— Ah, primeiro porque observo tudo, já te falei. Sou um observador e tanto. — E porque, naquela noite em que você esqueceu o seu cartão de crédito, fui até a sua casa para devolvê-lo. Ah, sei lá, tomar a iniciativa de devolver... e lá estava o carro dele. Estacionado bem na sua vaga, para ser mais preciso.

— Você não contou para ninguém, contou?

— Não. Tenho bom senso e sou uma pessoa discreta.

— Obrigada, Miller. Obrigada mesmo.

Ele piscou:

— Hum, deixe-me adivinhar... Lucy encrencou porque você está transando com o coroa dela?

— Pare de falar assim!

— O quê? Transando ou coroa?

— As duas coisas. E nós não estamos transando. Mas sentimos algo um pelo outro. Enfim, Lucy contou para a minha mãe... que também está furiosa comigo. E Lucy ainda disse que eu ia ter que escolher. Entre ela e o pai dela.

— Escolha fácil.

— Você odeia a Lucy.

— Verdade. Mas, independentemente disso, você tem que escolher o amor.

— Você acha?

— Sempre. — Ele hesitou e prosseguiu: — A menos que o cara que você ame te dê um maldito pé na bunda... aí você cai fora com o orgulho que te restar.

Miller encerrou a frase com uma piscadinha, para o caso de eu ter perdido alguma parte do que ele falou.

Balancei a cabeça e ri.

— Tem mais algum conselho?

— Acho que o Walker vai ganhar. O Alabama não vai dar conta.

— Não aposto no Walker.

Miller sorriu.

— Ah, aposta, sim.

Quarenta e um

Mais tarde naquela noite, depois que a ressaca de Pabst Blue Ribbon tinha passado, escrevi uma carta para Lucy, à mão, colocando tudo no papel da maneira mais clara que poderia. Mas, como eu a conhecia bem, tinha certeza de que ela devolveria o envelope sem nem abri-lo. De certo modo, eu também tinha consciência que era covardia não encará-la, não conversar olhando em seus olhos. Até com Ryan eu tinha feito isso. Então, liguei para ela e deixei uma mensagem em sua caixa postal pedindo, implorando para conversar, e, depois que atingi o limite de tempo da mensagem, voltei a ligar. Na ligação seguinte, Neil atendeu o celular dela, sussurrando:

— Espere aí. — Ouvi o barulho de uma porta abrindo e fechando, e depois ele voltou a falar: — Pronto. Estou na garagem agora.

— Como estão as coisas? Muito mal? — perguntei.

— Er... numa escala de zero a dez? Mais ou menos dez *mil*.

— Merda.

— É. As coisas não estão nada bem por aqui, Shea. Acrescente a isso um ligeiro enjoo matinal em plena segunda-feira. Que tal? Minha vida está um inferno.

— Sinto muito, Neil. Eu realmente preciso falar com ela.

— Sim. Bem... acho que isso não vai acontecer tão cedo.

— Fala sério, Neil — implorei. — Você precisa me ajudar. Pode conseguir fazer com que ela aceite conversar comigo.

— Não posso levá-la a fazer algo que não quer. Você sabe disso. Mas, talvez, se você aparecesse aqui...

— Quando? Agora? O que ela está fazendo agora?

— Está na banheira... Quem sabe isso a amoleça um pouco.

— Então, posso ir agora?

— Tudo bem. Mas não se atreva a contar que eu te pedi para vir. Vou apagar o registro da chamada aqui do celular dela.

— Tudo bem. Obrigada, Neil. Muito obrigada.

— De nada. Mas... Shea?

— Sim?

— Quer um conselho? Você não pode fazer isso com ela, digo... amor verdadeiro é uma coisa, mas, por menos do que isso... simplesmente não vale a pena.

Vinte minutos depois, bati à porta da casa da Lucy. Neil atendeu, esboçando uma reação exagerada de surpresa.

— Nossa. Oi, Shea — ele me cumprimentou, olhando para trás, com a voz forçada.

Lucy apareceu logo atrás, com a expressão inescrutável, mas fria.

— Lucy — chamei, olhando para ela. — Posso entrar? Nós precisamos conversar. Por favor.

Ela ficou me encarando por alguns segundos extensos e desconfortáveis, até que deu de ombros, respondendo que sim, e depois se afastou. Neil me lançou um olhar esperançoso e me apressou para segui-la, nós dois indo atrás dela até a sala, que nunca utilizavam de verdade. Ela se sentou de maneira inflexível no sofá, depois apontou para a poltrona de frente para ela, onde eu me sentei, cruzei e descruzei as pernas. Enquanto isso, Neil tentou sair furtivamente, mas Lucy o chamou, como se precisasse de reforço, e ele, contra a própria vontade, retornou, sentou-se a seu lado e ficou encarando o chão.

— Obrigada por me receber, Lucy — comecei, embasbacada com o fato de estar tão nervosa por conversar com a pessoa que eu mais conhecia neste mundo.

— De nada — ela disse, com a voz e o olhar distantes. Com certeza, ela não facilitaria as coisas. Não mesmo.

— Como você está? — perguntei, colocando a mão sobre a minha barriga para indicar que eu me referia a sua gravidez.

— Não me sinto tão enjoada quanto da outra vez.

Sorri discretamente e falei:

— Que bom.

— Sim. Dizem que enjoamos mais quando se espera uma menina. Então,

talvez seja menino desta vez — ela acrescentou com a voz recatada e objetiva, e pude imaginá-la dizendo a mesma coisa para um estranho na fila do supermercado, mas, ainda assim, era um bom sinal. Um sinal de que ela dividiria comigo qualquer coisa a respeito da gestação.

Assenti e falei:

— Nossa, que legal.

— Sim, é mesmo.

Sabendo que eu não poderia protelar por muito mais tempo o verdadeiro motivo da minha visita, respirei fundo, tentando me lembrar do que eu havia escrito na carta.

— Lucy, sinto muito por ter te magoado. E... eu realmente entendo como você deve estar se sentindo.

— Ah! Você sabe o que é perder a sua mãe e depois descobrir que a sua melhor amiga está saindo com o seu pai? — ela questionou, cruzando os braços.

— Bem, não... Claro que não sei o que é isso.

Ela me encarou e ficou esperando, enquanto eu me recordava de duas linhas que havia escrito, e tentava fazer o melhor para recitá-las, palavra por palavra.

— Perder a sua mãe faz tudo ficar mais difícil e complicado. E tenho certeza de que você sente que nós estamos te traindo, bem como traindo a sua mãe....

— Sinto *mesmo*. Shea, isso é uma grande traição. — A voz dela vacilou enquanto Neil segurou sua mão, mas manteve os olhos no chão.

Respirei fundo uma vez, depois outra, e prossegui:

— Não é algo que eu encararia com facilidade. Nunca, não mesmo. Eu jamais seguiria por esse caminho...

— Seguir por esse caminho? É isso que você chama ter um relacionamento com o meu pai pelas nossas costas? Porque, vamos direto ao assunto? Você estava se encontrando com o meu pai pelas costas. Como acha que me sinto em relação a isso?

Neil deslizou para se aproximar mais da mulher, colocou o braço sobre o ombro dela e interveio:

— Lucy, deixe ela falar, querida.

Ela balançou a cabeça, concordando, aceitando a sugestão dele, o que foi surpreendente.

— Muito bem. Continue. O que você estava dizendo?

— Eu só quis dizer que... eu jamais, *nunca*... seguiria adiante com isso se não gostasse de verdade do seu pai.

Lucy fez uma careta e balançou a cabeça, mas eu continuei, fazendo o meu melhor para contar a verdade.

— No começo foi só uma paixonite boba, o que já era suficientemente ruim, porque não se deve sentir esse tipo de coisa pelo pai da sua melhor amiga. E também porque não devemos nos apaixonar por uma pessoa mais velha. Nem por um homem que acabou de perder a esposa. Mas, se o sentimento vem de apenas uma das partes, a questão é muito diferente, e eu nunca teria trazido esses sentimentos à tona, nem mesmo os aceitado, se a sua mãe ainda continuasse entre nós. Eu tinha um profundo respeito por ela e pelo casamento dos seus pais, e faria qualquer coisa que fosse possível para trazê-la de volta e vê-los juntos e felizes de novo.

Parei e olhei para ela com firmeza, e vi algo cintilando em seus olhos. Agora ela estava realmente me ouvindo. Se eu não conseguisse o seu consentimento, pelo menos tinha conseguido a sua atenção. Continuei:

— Amo a sua família, Lucy. A família com a qual eu cresci. A única com quem eu cresci. Amava a sua mãe, e amo o seu pai e Lawton também. Esta sempre foi e sempre será a melhor família que eu já conheci, e o maior privilégio da minha vida é estar perto de vocês todos. Sinceramente, acho que eu não seria a pessoa que sou hoje se não fosse pela sua família. Devo a vocês a minha paixão pelo Walker e pelo futebol americano. Vocês são para mim o exemplo de bons pais, irmãos, cônjuges, amigos. Todos vocês me apoiaram ao longo desses anos e me ensinaram muito sobre lealdade, honestidade, integridade e comprometimento. E eu serei sempre grata a todos vocês por essas coisas e muitas outras que fizeram por mim.

— Então, por favor, pare com isso. Por favor, *por favor* — implorou Lucy, as mãos juntas, como se estivesse fazendo uma oração.

— Eu faria se pudesse. Mas eu estou...

— Não diga — ela interrompeu, ainda com uma expressão de súplica. — Não diga isso, Shea. Por favor.

Quase parei. Quase desisti por ela. Mas, então, pensei nele. A única pessoa no mundo com quem eu realmente me importava mais do que Lucy. E soube que eu tinha de continuar.

— Mas, Lucy. *Estou* apaixonada por ele — insisti, meu coração batendo tão forte que pude ouvir o sangue pulsar em meus ouvidos. — Já estava, mesmo quando eu não sabia ainda e não consigo evitar, nem mudar isso... Tentei me distanciar. Tentei deixando a Walker para trabalhar em outro lugar. Tentei namorando Ryan James. Nada funcionou. Meus sentimentos são fortes e verdadeiros, e acho que ele se sente do mesmo jeito.

— Mas você pode superar isso! — ela exclamou, com os olhos marejados. — Vocês dois podem superar e esquecer isso. Vocês têm que fazer isso. Por favor, Shea! Por favor, esqueça!

Apoiei a cabeça sobre as mãos, meus pensamentos acelerados, desejando que houvesse a possibilidade de trocar uma palavra com o treinador, tentando, desesperadamente, canalizá-lo. Eu tinha certeza do que ele diria: *Mantenha-se firme no que você quer. Faça o que é certo. Não vá pelo caminho mais fácil.*

Com esse conselho pairando em minha cabeça, abri a boca e falei:

— Minha mãe me contou que você quer que eu escolha. Eu queria dizer que não acho justo da sua parte fazer isso. Mas, como os sentimentos nem sempre são justos, e se você quer mesmo que eu faça uma escolha, então é isso que vou fazer.

— E? — ela indagou, com o rosto todo molhado de lágrimas, que ela agora não se preocupava em enxugar.

Prendi a respiração, pronta para apertar o gatilho, pronta para provar aquilo no qual sempre acreditei: que o amor supera tudo. Mas, ao olhar fundo nos olhos da minha melhor amiga, não tive tanta certeza assim. Pensei em tudo o que tínhamos passado juntas. No que eu tinha perdido por ser filha de pais divorciados. No que ela tinha perdido para o câncer, naquele ano. E, nesse momento, decidi que eu talvez estivesse errada. Talvez os laços de uma amizade fossem mais fortes do que qualquer outra coisa neste mundo.

— Estamos no mesmo time e sempre estivemos desde que éramos bebês — anunciei, encarando seus olhos grandes e vítreos. — E vamos continuar juntas até nos transformarmos em duas velhinhas que usam roupas fofas, assistindo ao futebol americano pela televisão... Por sua causa, e também por minha causa... — Ela me deu um sorriso tímido. — Bom, eu realmente espero que você mude de ideia. Eu realmente espero que você não me faça escolher entre duas pessoas que são importantes para mim... Mas, se eu tiver de escolher... então, escolho você, Lucy. Escolho você e a nossa amizade. Agora e sempre.

Ela se levantou e caminhou devagar até mim, e eu me levantei para olhar para

ela, esperando, torcendo para que ela dissesse: *Você não precisa escolher*.

Em vez disso, ela me deu um abraço e disse:

— Obrigada, Shea. Quero ser uma grande pessoa. Quero mesmo. Mas simplesmente não posso... não consigo.

Eu a abracei, entorpecida, e admiti:

— Bom, estou feliz por termos conversado.

— Eu também, Shea... Obrigada.

Assenti, sentindo a frustração me invadir aos poucos. Era exatamente assim que eu me sentia quando o Walker perdia, só que dessa vez era muito, muito pior. Porque eu nunca tinha perdido algo tão importante antes.

Alguns minutos depois, nós duas nos sentamos, e, como que por um milagre, conseguimos mudar de assunto, e ficamos batendo papo sobre a sua gravidez, a próxima consulta ao médico e sobre como ela planejava decorar o quarto sem saber o sexo do bebê. Então, quando não conseguia suportar por nem mais um segundo, eu disse a ela que precisava ir embora e deixá-la descansar. Ela meneou a cabeça e me levou até a porta, depois me deu outro abraço.

— Eu te amo, Shea.

— Também te amo, Lucy — respondi, aliviada por perceber que tinha sido sincera, mesmo que a tivesse odiado um pouquinho também.

Quarenta e dois



Havia apenas uma coisa a ser feita, e eu estava preparada para agir o mais rápido possível, como se contar da minha decisão para o treinador fosse, de algum modo, torná-la menos real.

Mas, antes de ir para a cama naquela noite, escutei alguém bater a minha porta. Espiei pelo olho mágico e vi o treinador olhando para mim. Senti uma dor ainda maior no peito enquanto abri a porta com uma pergunta:

— Você não deveria estar na estrada?

— Vou pegar o último voo esta noite. Queria te ver. Deveria ter ligado antes — ele respondeu, deixando sua mochila de couro cair sobre os pés e desabotoando o casaco azul-marinho. — Mas acabou a bateria do meu celular e eu esqueci o carregador.

— Atitude de novato.

— Ei, espere aí. Quem você está chamando de novato aqui, hein, aprendiz?

— Você — respondi com um sorriso enquanto meus braços permaneceram imóveis ao longo do corpo.— E como foi a visita?

— Ótima. O menino é bom e de ótima família — comentou, ainda se atrapalhando para desabotoar o casaco.

— Acha que vão escolhê-lo? — questionei.

— Ah, depende de quanto dinheiro vamos conseguir pagar por debaixo dos panos.

Eu o encarei.

— É brincadeira — ele falou, se inclinando para me beijar.

Virei o rosto devagar, e seus lábios encostaram no cantinho esquerdo do meu, num estilo meio “não me beije”.

— E então... vamos? Contratá-lo? — perguntei de novo, postergando, fingindo me concentrar apenas no processo de recrutamento do Walker.

— Acho que ou ele vem pro nosso time ou vai para o Ohio State. Vamos ver. Como foi o seu dia? Por que está me olhando desse jeito estranho?

— Não estou te olhando de um jeito estranho.

— Está, sim. — Ele me encarou. — E agora está me olhando de um jeito mais estranho ainda. Te conheço. Conheço as caras que você faz.

Engoli em seco, aproveitando alguns segundos para fazer um anúncio menor.

— Fui demitida hoje.

— Está brincando.

— Não.

— Merda. É sério que não está brincando?

Balancei a cabeça.

— Sim, é. Mas tudo bem. Eu meio que já ia desistir mesmo. Smiley só me deu um empurrãozinho.

— Shea, querida. Sinto muito. E qual foi o motivo? — Ele me olhou de soslaio por um segundo, depois pareceu juntar as peças. — Ah, droga. Foi... por causa de *nós* dois?

Balancei a cabeça, olhando para meus pés.

Ele deslizou dois dedos sobre o meu queixo e o ergueu até que eu voltasse a olhá-lo nos olhos.

— Me conte a verdade.

— Bom, é... Quer dizer... Foi mais ou menos isso. Foram vários os motivos — expliquei, desejando ter conversado com Lucy *antes* de desistir do meu emprego.

— Me sinto péssimo. Posso conversar com Smiley? Com certeza há um jeito de...

— Não. Não ligue para ele. Está tudo bem. Estou meio que aliviada. Realmente *foi* por vários motivos...

— O que vai fazer? Voltar para o seu antigo emprego?

— Não, não posso. J. J. já me substituiu.

— Você não pode ser substituída — ele afirmou, sem titubear.

Tentei sorrir, esperando que a afirmação se estendesse a todos os sentidos.

— Vou encontrar outra coisa.

— Tudo bem... — Ele pareceu não se convencer e continuava preocupado. — Me avise caso precise de ajuda. Com qualquer coisa. Você sabe que podemos conseguir algo na Walker. Sempre haverá espaço para você lá.

— Obrigada — agradeci, pensando que o trabalho era minha última preocupação naquela noite. — Vou ficar bem.

Ele ergueu os braços no ar, como se tivesse me chamando para dançar, a expressão mudando de preocupação para pura afeição, o que me partiu o coração e me fez querer voltar atrás em tudo o que eu havia prometido a Lucy. Porém, levei-o até o sofá e contei tudo. Tudo o que eu havia dito a ela. A escolha que eu havia feito.

— Bem. Aí está — ele desabafou, com um suspiro profundo.

— O que você acha? — perguntei, olhando para ele enquanto me encarava de volta.

— O que eu acho?

— Sim. Me diga.

— Eu te entendo.

— Você concorda com... a minha decisão? — perguntei, querendo que ele brigasse comigo, que me dissesse o quanto eu tinha sido tola.

— Sinceramente? Não sei.

— Você *sempre* sabe — retruquei, furiosa.

— Respeito. Respeito o que você fez. E respeito a sua amizade com Lucy.

— Então é isso? — perguntei, percebendo o quanto eu tinha confiado que ele nos salvaria, que me faria mudar de ideia, que encontraria alguma zona cinzenta de que ele tanto gostava. Mas eu estava começando a ter o sentimento horrível de que ele realmente concordava comigo. Que acreditava que *não* ficarmos juntos era a coisa certa a fazer. Que ele deveria, desde o começo, ter achado a nossa decisão precipitada demais.

O treinador suspirou e disse:

— Ouça. Você não está sozinha. Tive uma conversa com a Lucy também. Não tão direta quanto a sua, mas uma conversa. E acho... Acho que ela sente que eu a abandonei.

— A abandonou? *Como*?

— Depois que a mãe partiu, ela só tem a mim... digo, como pai. E acho que a magoei. Sei que ela se sente assim.

— Mas você é um pai maravilhoso — comentei, comparando-o com o meu próprio pai.

— Mas sou melhor como técnico de futebol. Se pararmos para comparar, eu sempre coloquei o futebol americano em primeiro lugar. E acho que ela te vê como parte disso, porque você e eu partilhamos o amor pelo esporte. Temos esse laço. Quanto à Lucy e eu... não sei. Então, acho que, para ela, estar com você é só mais um exemplo de que eu estou preferindo o futebol americano a ela. E eu não posso fazer isso. Se você não pode, imagine eu... Talvez ela se recupere... e talvez nós tenhamos uma chance depois. Nunca diga nunca, certo? Mas, enquanto isso, você precisa viver a sua vida.

Eu sabia muito bem o que ele queria dizer com “viver a minha vida”, então balancei a cabeça.

— Eu nunca vou sentir por outra pessoa o que sinto por você... nunca mais — confessei, me desmoronando por dentro, mas conseguindo me conter.

— Sim, vai, sim.

— Não, *não* vou. Não vai chegar nem perto — resmunguei, pensando que eu até poderia ir para os bares, sair com alguém, transar. Mas amor? Nunca mais. Por ninguém.

Ele colocou o braço no encosto do sofá, inclinando o corpo em minha direção:

— Shea. Pensei que só pudesse amar Connie. E aí... aconteceu *isso*. E tudo tem sido assustador, maravilhoso e especial. Acho que o que estou tentando dizer é que... não sabemos o que pode acontecer em nossa vida. E você tem que estar aberta para as coisas.

— Mas eu não *quero* amar ninguém além de você.

— Eu não queria amar mais ninguém além da Connie. A vida é engraçada.

— A vida é *trágica*.

— Pode ser que seja... Mas não podemos parar de viver. E você não pode desistir.

— Mas não estamos desistindo agora?

— Não. Estamos fazendo a coisa certa. Há uma diferença.

Assenti, embora não estivesse muito certa disso.

— Você vai ficar bem, Shea. Vai se sair melhor do que um velho treinador de futebol americano.

— Você não é velho — murmurei, sentindo inveja de todos os casais cuja única barreira era uma década de idade.

— Não sou jovem. E, sejamos honestos... Você deveria estar com alguém mais jovem para poder formar família, ter os seus próprios filhos... Provavelmente devo ser muito velho para tudo isso.

Peguei o "provavelmente" e comecei a me imaginar tendo um filho com ele. Mas logo retruquei:

— Por que todo mundo não para de falar nisso? Não sou como as outras mulheres. Não preciso de todas essas coisas.

— Sei que não é e sei que não precisa. Mas você pode *querer*. Um dia. Precisa manter a mente aberta.

Concordei, deixando a cabeça recair sobre minhas mãos.

— Eu sabia — falei, mais para mim mesma do que para ele.

— Sabia o quê?

— Que ontem à noite seria a nossa última chance juntos.

— Sim, foi o que você disse mesmo... Mas seremos sempre amigos — ele afirmou, uma das declarações mais tristes do mundo. Como não reagi, ele acrescentou: — E sempre teremos o futebol americano em comum.

— E você vai voltar a me chamar de "menina" de novo — comentei, tentando fazer cara de coragem. — Faz um tempo que você não fala assim.

— Tem razão, menina.

— Não podemos mais nos tocar — observei, encarando-o.

— Certo — ele concordou, parecendo tão triste quanto eu.

— Nem nos beijar — acrescentei, fitando sua boca, depois seus olhos. — Ele continuou me encarando e balançou a cabeça, concordando. — Porque tomamos uma decisão e seria errado voltar atrás — falei, tentando convencer a mim mesma.

Ele assentiu de novo, enquanto seu rosto se aproximou ainda mais do meu. Perto o bastante para eu sentir o cheiro de sua maldita loção pós-barba.

— Mas você vai ter que parar de usar isso. Quando estiver perto de mim — adverti.

— O quê?

Balancei a cabeça e dei de ombros, ligeiramente.

— Essa loção pós-barba. Isso me *mata*.

— Como o seu perfume faz comigo. Por favor, dê um jeito nesse perfume.

— Combinado — concordei, o rosto dele se aproximando ainda mais, e nossa respiração ficando mais intensa. — E que tal... mais um beijo?

— Você quer dizer... assim? — ele perguntou, seus lábios roçando os meus.

— Sim. Assim mesmo — respondi, enquanto uma tontura familiar me invadiu. — E aí, depois de hoje... vai continuar como antes... para sempre.

— A menos que Lucy mude de ideia — ele pontuou, me beijando com mais desejo, suas mãos enroscadas no meu cabelo.

— Ela não vai mudar de ideia — falei baixinho.

— Eu sei — ele sussurrou. — Então, vamos fazer valer a pena...

Quarenta e três



Por três dias, me revolvi em autopiedade e mágoa, e fiquei trancada em meu apartamento. Mal comi, tive um sono perturbado e fiquei o tempo todo de pijama. Toda vez que o telefone tocava, eu dava um pulo, esperando que fosse ele para me dizer que eu não podia fazer aquilo. Mas isso não aconteceu, e, a cada hora que passava, eu ficava mais e mais depressiva, até que desliguei o telefone de uma vez. Não havia ninguém com quem eu quisesse conversar.

Na quarta noite, exatamente quando eu estava começando a me lembrar de minha mãe depois do divórcio, Lucy apareceu em minha porta. Cheguei a pensar em não atendê-la, mas desisti. Ficamos olhando uma para a outra como se vários meses tivessem se passado desde nossa última conversa, até que ela me perguntou se podia entrar. Respondi que sim e saí do meio do caminho, deixando a porta se fechar sozinha.

— Está doente? — ela perguntou, olhando para meu pijama e para meu cabelo seboso.

— Um pouquinho. Nada demais. Você cortou a franja — comentei.

Ela levou a mão ao cabelo.

— Ficou muito curta. Quando será que eu vou aprender?

Dei de ombros, esperando que ela percebesse quão pouco eu me importava com seu cabelo.

— Está chateada comigo? — perguntou, olhando para o sofá. Por fim, escolheu sentar-se de pernas cruzadas no chão, onde sempre preferia ficar.

Respondi que não.

— Ressentida?

— Não — menti de novo.

— Triste?

— Lucy. Pare.

Mas ela não conseguia parar; *nunca* conseguia.

— Você disse para o meu pai que estava tudo acabado? — ela perguntou com a voz suave, como se isso fosse mudar o fato de ela ter me pressionado e insistido.

— Nunca começamos nada, de fato — respondi, sentando-me a seu lado no chão, as duas com as pernas cruzadas, o que me fez lembrar dos tempos da pré-escola. Só faltavam os nossos tapetinhos coloridos e voltarmos trinta anos no tempo.

— Mas você conversou com ele?

— Sim.

— E ele aceitou numa boa?

Respirei fundo, firmando a postura.

— Sim — falei, mantendo a resposta mais simples possível. — Nós dois concordamos que foi melhor assim.

— Fiquei sabendo que você saiu do trabalho também — ela questionou, implacável.

Fiquei me perguntando como a notícia chegou até ela.

— Ou fui demitida. É difícil definir. Mas, sim... Estou oficialmente desempregada.

Lucy se inclinou para a frente a fim de colocar os braços sobre os meus ombros, e depois caiu no choro. Recusei-me a retribuir o abraço, sentindo uma onda de raiva, quase dizendo que ela não tinha o direito de chorar daquela maneira. Ela quis as coisas do seu jeito; não tinha, portanto, o direito de se sentir lesada também.

Foi então que ela disse:

— Shea, comecei a sangrar. Faz dois dias... não estou mas grávida.

— Ah, querida. Sinto muito, Lucy — falei, abraçando-a.

Ela fungou ruidosamente, enxugando as lágrimas com a mão.

— Sei que... acho que não era para ser agora... Sinto muito. Pensei que já tivesse chorado o suficiente. — Ela contorceu o rosto, numa tentativa fracassada de sorrir.

— Você acha que foi porque... — comecei, depois parei.

— Não. Não tem nada a ver com isso — ela respondeu, lendo a minha mente.

— Não foi por causa do... estresse? — Eu sabia muito bem que um aborto não funciona exatamente assim, mas queria tentar apreender os sentimentos de Lucy de qualquer modo.

— Não. O médico só disse que não era uma gravidez viável. Vou conseguir engravidar de novo.

— Claro que vai.

— Ou talvez não. Talvez o destino não queira que Neil e eu tenhamos outro filho. Sabe, de certo modo eu me sentiria bem com isso, porque odeio pensar que a minha mãe jamais seguraria o meu bebê.

Olhei para os olhos tristes dela, aliviada pela minha decisão, e falei, mais uma vez, o quanto eu lamentava pelo ocorrido.

— Você estava mesmo *apaixonada* pelo meu pai? — ela indagou, usando o verbo no passado, como se eu simplesmente tivesse, em questão de poucos dias, deixado de sentir tudo o que sentia.

— Sim.

— Mas... *por quê*?

Dei de ombros e perguntei:

— Precisa ter um por quê?

Ela balançou a cabeça.

— Deus do céu. Queria que não estivesse.

— Eu sei... Eu também queria um monte de coisas — retruquei.

— Como o quê, por exemplo? O que mais você queria? — ela questionou. Não sei dizer se ela estava me testando ou puxando conversa, ou alguma coisa do tipo, mas respondi a pergunta escolhendo as palavras cuidadosamente.

— Queria que a sua mãe ainda estivesse aqui — admiti, começando pela parte mais importante. — Queria que você não tivesse perdido o bebê. Queria que Ryan não tivesse estragado tudo. Queria ter sido uma repórter melhor. Queria... queria que eu estivesse perdidamente apaixonada pelo Miller.

Lucy abriu um sorriso:

— Miller? Ah, por favor, não deseje isso para si mesma. Ele é pior do que gostar do meu pai.

Sorri, percebendo que tinha esquecido uma coisa óbvia. A única que estaria na minha mente algumas semanas atrás.

— Mas e se você quiser algo mais objetivo? Real?? — Ela assentiu com seriedade.

— Eu me contentaria se o Walker ganhasse esta temporada — comentei.

Ela sorriu.

— Eu também. Você vai ao jogo, não vai? — perguntou.

Hesitei, depois balancei a cabeça.

— Acho que não.

— O quê?! Está brincando. Só pode estar brincando! Você tem que ir. É a única pessoa no mundo que não pode faltar, de jeito nenhum. Digo, além dos treinadores e dos jogadores. Você não pode perder esse jogo!

— Não vou perder o jogo. Vou assistir pela televisão.

Ela me encarou, incrédula.

— Onde?

— Não sei. Aqui, provavelmente — falei, apontando para a tevê.

— Mas quero assistir com a minha melhor amiga. Você precisa ir.

Dei de ombros, resistindo à vontade de dizer que nem sempre conseguimos o que desejamos. — Vamos ver. Ainda faltam algumas semanas — acrescentei.

— O que você vai fazer no Natal?

— Vou para Nova York — menti, embora a ideia tenha passado pela minha cabeça. Qualquer coisa seria melhor do que ficar com minha mãe neste ano.

— Ah. Vai ser divertido.

— Sim, vai — concordei, pensando que nada neste mundo parecia ter graça para mim. Nada mais parecia importar.

— Bem, se mudar de ideia e não for... passa o dia com a gente?

Eu sabia exatamente o que significava *a gente*, e pensei que não haveria a menor possibilidade de eu aceitar. Sem chance. Mesmo.

— Claro, Lucy. Obrigada.

— Por nada! Você é a minha *melhor* amiga.

— E você, a minha.

— Promete? — ela perguntou, mas eu sabia que não era exatamente isso que ela estava querendo saber. Ela estava pedindo meu perdão. Estava dizendo que sabia quão egoísta e infantil havia sido, mas que simplesmente não conseguia evitar. Assim como não conseguia trazer a mãe de volta, tampouco o bebê que amou por apenas algumas semanas.

Então, olhei para ela e disse a verdade.

— Sim — respondi, pensando que ela não só era a minha melhor amiga como também a única coisa que me restava. — Prometo.

Quarenta e quatro

Como não tinha outras opções, acabei decidindo ir para Nova York, depois de fazer uma reserva no voo mais barato que consegui na véspera de Natal, o último que saiu de Dallas e que pousou no LaGuardia tão cedo que mal dava para ver o aeroporto. Meu pai disse que mandaria alguém me buscar, mas lá estava ele parado no final da escada rolante, vestindo um terno escuro, segurando um cartaz que dizia: FELIZ NATAL, SHEA MANTEIGUINHA!

Dei risada quando vi o nome do meu animalzinho de estimação de que eu tinha quase me esquecido, me sentindo mais emocionada do que já havia me sentido em relação ao meu pai. Esse seria o nosso primeiro Natal juntos desde que ele saíra do Texas, já que minha mãe havia imposto durante o processo de divórcio que eu não poderia ir para Nova York até completar 26 anos. Em outras palavras, ela passaria o Natal com a *própria* filha, exatamente como ele passaria o Natal com a filha *dele*.

— Oi, pai. Que cartaz legal — cumprimentei, sorrindo.

Ele sorriu, fez um sinal de reverência engraçado, como quem diz “estamos aqui para isso”, e colocou o cartaz no bolso.

— Feliz Natal, querida.

— Feliz Natal... Você não precisava ter vindo. Eu pegaria um táxi.

— Isso me fez fugir da missa — ele explicou, piscando. Depois do terceiro casamento dele, Astrid o fez se converter ao catolicismo, mas ele não havia aceitado de todo o coração, pelo menos não na mesma intensidade com que era fã de futebol americano universitário ou republicano. Ele simplesmente fazia algumas coisas, mas não *sentia*.

— Tenho certeza de que ela está empolgada com a minha chegada — comentei, enquanto caminhávamos até a única esteira de bagagens ligada. — Deve ser esta aqui — falei, apontando. — Desculpe, eu estava com uma bagagem de mão, mas me fizeram despachar...

— Sim. Esteira número três — ele disse, diminuindo o passo e semicerrando os olhos para olhar o painel com os horários de chegada e partida. — E pare de se preocupar com Astrid. Ela está cuidando da vida dela. Ela está bem.

— Mesmo assim. É véspera de Natal.

— Ah, *pare* com isso. Eu *quis* que você viesse. Já decidiu quanto tempo vai ficar? Quero fazer as reservas e comprar as passagens.

— Reservas para quê? — perguntei, ainda com o futebol americano na cabeça. Eu sabia que tanto os Jets quando os Giants estavam fora, então me perguntei se ele estava se referindo ao Knicks. O basquete também poderia ser uma excelente mudança de assunto, de fato.

— Para shows, peças de teatro, assistir a uma apresentação das Rockettes... o que você quiser fazer.

Sorri, depois avistei minha mala surrada e corri para pegá-la.

— Deixe que eu pego para você. Sou seu motorista, está lembrada? — perguntou, enquanto a empurrei até ele.

— Manteiguinha — comentei, balançando a cabeça e me virando para a minha mala. — Tinha me esquecido completamente disso.

Meu pai riu, visivelmente orgulhoso de si mesmo.

— Ninguém te chama mais assim?

— Ah, não. Ninguém pensa no Mets no Texas.

— E na manteiga? O povo do Texas gosta muito de manteiga.

Dei risada.

— O que você quer dizer?

— Lá, todos vocês gostam de fritura — ele disse, com um maldito sotaque sulista.

— Sim, gostamos — confirmei, seguindo-o até o estacionamento. Logo nos primeiros segundos, senti o frio cortando meu rosto e me congelando como sempre. — Droga — reclamei, cobrindo o rosto com o meu único cachecol.

— Estava bem quente até ontem. Esfriou hoje — ele informou, algo que os Yankees sempre dizem. Como se nós os pegássemos num raro momento de tempo frio.

— Sei. E o que é quente? Dois, três graus?

— Não! Dez — ele retrucou, vestindo suas luvas de lã enquanto caminhávamos. — Juro!

— Me diga que conseguiu uma boa vaga no estacionamento — comentei, lutando para conseguir respirar em meio a outra lufada de vento.

— Como sempre — ele respondeu, apontando para o seu Mercedes preto, que estava bem na nossa frente. Ele abriu a porta do passageiro, depois jogou minha mala no banco de trás, deu a volta até o lado do motorista, assoviando, como se estivesse passeando por um campo de golfe num dia agradável. — Duas vezes em seis semanas — falou.

Sorri.

— Sim. Posso imaginar.

— Isto é um presente de Natal.

— Então, posso devolver o prendedor de gravata que comprei pra você?

Meu pai sorriu.

— Sim. Tenho um monte deles. Só não tenho muitos dias para ficar com a minha garotinha.

Conversamos sobre amenidades até entrarmos no túnel Queens Midtown. Meu pai pigarreou:

— Então. Sua mãe me ligou.

Senti o meu corpo tenso, fitando os mosaicos sujos da parede, que, do carro, passavam por nós como um raio.

— Hoje de manhã.

— Por quê? — Olhei para ele, como se não soubesse a resposta.

Ele ergueu as sobrancelhas e ficou olhando para mim por um longo tempo, mais do que eu gostaria, enquanto estiquei o braço e coloquei a mão sobre o volante.

— Ela disse que você não retorna as ligações.

— Verdade — confirmei.

— Porque ela não aprova o seu sentimento pelo Clive?

— Porque ela é uma *megera*. Critica tanto que chega a assustar.

— Sim, ela faz isso mesmo.

— Mas, escute, pai, não quero conversar sobre isso. Vim para cá justamente para fugir de tudo.

— Ah, é? Achei que tivesse vindo para ver o seu velho aqui — ele comentou.

Sorri.

— Você não é "velho". Velhos usam agenda para registrar os números de telefone, dirigem a 50 por hora, usam sapato com velcro. Você está usando um sapato social da Gucci.

— E isso me impede de ser velho?

— Sim. Com certeza. Mas não o impede de ser o meu pai — acrescentei, me sentindo estranhamente grata e carinhosa em relação a ele.

— Entendi — ele disse, sorrindo, enquanto saíamos do túnel e entrávamos na Terceira Avenida.

— Bom, acho que deve ter ouvido também que fui demitida.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Mas acho que você não quer falar sobre isso também, certo?

— Exato.

— Bem, caso mude de opinião, me avise... Tenho algumas ideias sobre isso.

— Talvez depois. Vamos superar o Natal primeiro.

— *Superar* o Natal? Tudo bem, Sr. Scrooge — ele brincou.

— Ah, que besteira! — exclamei, fingindo que estava brincando.

O dia de Natal foi surpreendentemente agradável. Fiquei no apartamento luxuoso do meu pai e Astrid na Quinta Avenida. Bronwyn e Wiley estavam em St. Moritz esquiando, então ficamos apenas os três, e Astrid se comportou da melhor maneira possível, numa versão contida e humilde de si mesma. Ela deveria saber um pouco sobre o que estava se passando na minha vida, mas manteve a conversa num tom genérico, evitando suas perguntas intrometidas, e não mencionou, em momento algum, o meu trabalho nem a Walker. Foi como se o meu pai a tivesse alertado ou subornado — ou talvez a matriculado em algum curso intensivo de discrição.

Logo depois do jantar (para o qual Astrid tinha contratado um bufê), ela, com delicadeza, tocou no nome de Ryan, com muita diplomacia comentou sobre o fim do nosso relacionamento e me perguntou como eu estava.

— Estou bem. Obrigada, Astrid — respondi, com sinceridade.

— Sinto muito que não tenha dado certo. Nada do que eu falar pode servir, mas acho que ter um marido famoso teria sido bem complicado. As mulheres se jogam em cima. E, você sabe, eles vivem sob os holofotes.

Sorri e falei:

— Ah, fala sério, Astrid! Você adora ser o centro das atenções!

— Tá legal, tudo bem. Acho que seria maravilhoso! Mas tenho a sensação de que você teria odiado! — ela confessou, enquanto meu pai colocava mais vinho em nossas taças. Procurei a intenção oculta, por força do hábito, tendo em vista o cinismo dela. Mas Astrid acrescentou: — Admiro isso em você. Você gosta das coisas... simples.

Fiquei olhando para ela.

— No bom sentido.

— É autêntica — intercedeu meu pai.

— Sim, foi isso o que eu quis dizer — continuou Astrid, assentindo com firmeza. — Autêntica, é isso.

— Bem, obrigada, gente — agradeci, tomando uma boa dose de vinho, pensando em Ryan e no e-mail que ele tinha me enviado havia apenas alguns dias. Ele não mencionou nada sobre voltar comigo, só escreveu algumas linhas me agradecendo e dizendo que estava indo a um psicólogo e se esforçando para lidar com seus problemas. Respondi dizendo que estava muito feliz pela notícia, depois lhe desejei sorte no jogo de revanche e na vida. Embora eu realmente não acreditasse que Ryan fosse capaz de estuprar alguém, acreditava na história de Tish e na de Blakeslee também, certa de que ele havia sido tão violento com elas quanto fora comigo. No entanto, e de modo surpreendente, eu não sentia nenhuma mágoa em relação a ele, apenas alívio por não estarmos mais juntos e esperança de que ele pudesse mudar, de fato. Levei as mãos aos meus brincos de diamante. Era a primeira vez que eu os colocava desde o nosso rompimento: — Ryan não é má pessoa. Ele só não é para mim.

Depois disso, Astrid mudou de assunto e começou a falar sobre os tratamentos de fertilidade de Bronwyn, explicando que ela iria, em fevereiro, para Cornell fazer a segunda fertilização *in vitro*. Essa era uma novidade para mim, e eu falei que sentia muito por saber que ela estava com problemas para engravidar. Enquanto Astrid tagarelava sobre o processo, eu discretamente verifiquei o celular pela centésima vez no dia, ainda na esperança de receber alguma notícia

do treinador em pleno Natal. Mas não havia nenhum sinal dele. Aliás, nenhum sinal de ninguém da Walker, exceto Miller, que me mandou uma mensagem de texto: *Feliz Natal para a minha mamãe-noel favorita, ho ho ho!* Respondi com: *Por que uma árvore de Natal é melhor que um homem? Porque ela fica acordada o tempo todo, tem bolas bonitas e fica bonita quando está com as luzes acesas!*

À medida que a noite transcorria, eu sentia cada vez mais falta do treinador e tentava tapear a dor com Barolo e cheesecake. O cheque de dois mil dólares que ganhei de Astrid e do meu pai também me ajudou, e eu calculei que ele me bancaria por alguns meses enquanto eu procurava trabalho. Sentindo-me ligeiramente constrangida, me prontifiquei a dizer que o valor era muito alto, mas Astrid me assegurou que havia gasto o mesmo valor em uma bolsa que deu de presente a Bronwyn, e acrescentou com gentileza:

— Imaginei que você gostaria de escolher a sua, por isso o cheque. — Como se alguém ali acreditasse que eu pagaria um valor desse em uma bolsa. Era absurdo, mas bem típico dela, então sorri e agradeci:

— Bom, obrigada. De verdade. Foi muito generoso da parte de vocês e eu gostei muito. Ainda mais por vir neste mês.

E eu de fato me senti muito bem por receber um bom presente do meu pai sem ter de carregar o peso nas costas.

Então, depois que lhes entreguei meus presentes (brincos da butique de Lucy para Astrid, meias xadrez e um livro de capa dura sobre charutos para o meu pai), abrimos outra garrafa de vinho e nos sentamos para assistir a *Uma história de Natal*. Não parecia o tipo de filme de que meu pai gostaria, mas ele gargalhou a cada “Não cutuque a onça com vara curta” e ficava empolgado durante as cenas em que os garotos ficavam com a língua presa no mastro da bandeira. Ele me contou que seu irmão, meu único tio, tinha feito a mesma coisa quando era pequeno e que a língua dele grudou mesmo no mastro. Então, bem no momento em que Ralphie recebe o seu anel decodificador pelo correio, meu telefone tocou e o número de Lucy apareceu na tela.

— Não precisa pausar. Já volto — avisei, buscando a segurança do meu exuberante quarto de hóspedes antes de atender.

— Você não ia me ligar? — ela perguntou logo que eu disse “alô”. Lucy parecia magoada, o que me irritou um pouco. Ela tinha muitas razões para estar triste no dia de hoje, mas nenhuma para ficar chateada comigo.

— Desculpe. O dia passou e eu nem percebi — justifiquei-me, com uma

declaração ridícula, considerando quão devagar os minutos tinham passado.

— Eu sei. Por aqui também. E aí, como foi o seu Natal?

— Adorável — respondi. Uma palavra que eu nunca usava.

Ela apelou:

— Adorável? Você tem andado demais com Astrid.

— Dessa vez ela não se saiu nada mal. É como se tivesse feito um transplante de personalidade junto com a última cirurgia plástica.

Lucy deu risada.

Hesitei por alguns segundos antes de perguntar:

— O Papai Noel trouxe um presente legal para Caroline?

— Sim. Muito legal.

— Que bom, que bom — falei, mais uma frase estranha seguida de uma pausa. — Diga que eu a amo, por favor.

— Vou dizer. Quer falar com a sua mãe? Ela chegou agora há pouco...

Comecei a responder que não, depois me obriguei a responder que sim, sentindo a pele arrepiar ao ouvir a voz dela do outro lado da linha.

— Oi, querida. Feliz Natal.

— Feliz Natal, mãe.

— É a primeira vez desde que você nasceu que não a vejo neste dia. Nem parece que é Natal.

— Sim. É meio estranho. Mas está sendo legal ficar aqui em Nova York e tudo... — Pensei em perguntar se ela queria falar com meu pai, porque, bem no fundo, gostaria que os dois pudessem se unir a meu favor, algo completamente diferente do que havia acontecido na minha infância. Mas simplesmente deixei para lá.

Ouvi a voz estridente de Caroline ao fundo, depois a risada discreta do treinador. Senti uma dor no peito quando minha mãe e eu nos despedimos e ela devolveu o telefone a Lucy.

— Oi.

— Oi — respondi, esforçando-me para ouvir o treinador de novo, aliviada e perturbada ao mesmo tempo por percebê-lo tão animado.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou.

— Sim. Por que não estaria? — falei, tentando não soar tão petulante quanto eu me sentia.

Lucy murmurou alguma coisa que não consegui entender, depois disse:

— Ei. Meu pai está aqui também. Quer falar um “oi”?

— Hum... pode ser — respondi, sentindo um nó na garganta. — Diga que eu mandei um Feliz Natal.

— Vou dizer.

— Certo. Bom, melhor eu voltar a assistir ao filme agora...

— Ah... tudo bem. O que está assistindo? — perguntou, visivelmente sem querer desligar. —*A felicidade não se compra*?

Tive de me conter para não dizer que aquele era o filme favorito do pai dela e não o meu, e respondi:

— Não. *Uma história de Natal*. Você sabe qual é. “Não cutuque a onça com vara curta.”

— Ah. Sim. É verdade... Bom, curta o filme. E a noite.

— Você também.

— E o jogo? Decidiu alguma coisa?

— Ainda não. Mas eu te aviso — respondi.

— Tá bom. Estamos com saudade. Te amamos. Feliz Natal, Shea.

— Te amo também, Lucy. Feliz Natal — desejei. Desliguei o telefone, pensando: *Não tem nada de feliz neste Natal. E nada para aproveitar nesta vida.*

É claro que eu estava sendo dramática. Mas, por outro lado, sentir-se magoada em plena época de Natal era algo extremamente dramático.

Quarenta e cinco

Acabei prologando a viagem e fiquei com meu pai no Ano-Novo, preenchendo meus dias com distrações nova-iorquinas típicas. Jantei em restaurantes maravilhosos, visitei museus e galerias de arte, e até patinei no gelo no Rockfeller Center. Enquanto isso, não assisti ao *SportsCenter*, tampouco li notícias sobre esporte nem verifiquei o placar dos jogos por uma semana inteira. Um recorde pessoal.

Isso não aliviou nem um pouco o meu coração — eu continuava pensando no treinador praticamente sem parar —, mas pelo menos me permitiu analisar minha vida com mais clareza. Desde o funeral da Sra. Carr, havia quase um ano, eu havia saído da rotina, agitado minha vida. Tinha feito isso com certeza. Eu tinha mudado *tudo*. Mas aqui continuava eu, sem avanços, e, possivelmente, no pior lugar em que já estive. Disse a mim mesma que não havia nada do que se arrepender. E que às vezes ganhamos e às vezes chegamos muito perto. Ou, nas palavras do treinador: *Um dia da caça, outro do caçador.*

Três dias depois do Ano-Novo, na tarde em que eu iria embora, meu pai e eu saímos para uma longa caminhada pelo Central Park, só nós dois.

Quando chegamos ao lago, ele pigarreou:

— Então, Shea. Podemos falar um pouco sobre trabalho?

— Sobre o meu ou sobre o seu? — brinquei, me preparando.

Ele sorriu.

— Sobre o seu.

— Tudo bem — falei, dizendo a mim mesma para manter a mente aberta. Dessa vez eu realmente não conseguiria pensar em outra estratégia.

— Você acha que vai voltar a trabalhar na Walker? No departamento esportivo?

Balancei a cabeça, inflexível.

— Não, essa é única certeza que tenho. Não posso mais fazer da Walker o meu mundo. Por mais fácil e tentador que pareça... seria como andar para trás.

Meu pai concordou com a cabeça.

— Acha que quer continuar no jornalismo?

— Sinceramente? Não sei. Não estou certa de que sou boa nisso — confessei.

— Você é excelente. Estou impressionado com suas matérias, Shea.

— Obrigada. Acho que não sou boa, mas também não sou tão ruim assim... Não fui demitida pela qualidade do meu trabalho. Fui demitida porque não consigo ser imparcial.

— Tudo bem, certo. Mas poderia ser imparcial em outra cidade, fazendo a cobertura de outro time, não poderia?

Dei de ombros.

— É provável que sim.

— Então, me ouça. Sei que poderia encontrar um trabalho por sua própria conta, e não quero dizer o contrário, mas tenho dois contatos muito importantes. Um na ESPN, outro no *New York Post*. Não sei ao certo qual seria o cargo nem o salário, mas tenho certeza de que conseguiria uma entrevista para você.

— E aí... eu teria de me mudar para cá?

— Sim. No caso de conseguir o emprego no *Post*. Mas, se for para a ESPN, teria de se mudar para Connecticut. Ainda mais se quiser um pouco de distância de Astrid, que, cá entre nós, tem “cara de bunda”.

Olhei para ele, perplexa, e perguntei:

— Como...?

— Você deixou escapar uma vez. Muito tempo atrás. Não se preocupe. Eu não falei nada para ela.

Senti meu pescoço coçar e arder.

— Desculpe por isso.

— Sinceramente? Está tudo bem. Foi engraçado. Sei que, consigo mesma, você deve chamá-la assim sempre. Ela pode ter cara de bunda, mas o coração está no lugar certo. Na maior parte do tempo. Ela gosta muito de você. Te admira muito também.

Eu não tinha certeza se ela realmente me admirava, mas, sem dúvida, tinha a

sensação de que havia pelo menos um pouco de respeito.

— Gosto dela também. — Obriguei-me a dizer, pensando que pelo menos eu não a odiava mais. O que parecia um pequeno milagre.

— E aí, o que achou das oportunidades? Quer que eu ligue para os meus contatos?

— Talvez sim — respondi, chocada por perceber que eu estava até entusiasmada não apenas com o pensamento de deixar a Walker como também o estado do Texas, algo que jamais imaginaria apenas algumas semanas antes. — Preciso trabalhar.

— Bem, não estou preocupado com o fato de você encontrar um emprego. Tenho certeza de que você tem muitos contatos no Texas...

— Não se engane... Tenho poucos que não envolvam o treinador Carr.

— E tem mais uma coisa... — ele disse.

Senti uma pontada no estômago.

— Podemos conversar sobre ele um pouquinho?

Dei de ombros, me preparando.

— Claro.

— Talvez eu tenha seguido demais o meu coração ao longo do caminho. E o nosso coração, às vezes, pode mesmo nos meter em encrencas... Mas, se eu não tivesse feito isso, hoje eu não teria você.

Esse não era o ângulo que eu esperava, então me senti confusa:

— Está falando da minha mãe? Que seguiu o seu coração quando ficou com ela?

— Bem, sim. Claro. E o que mais poderia ter sido?

— O que mais? Bem, ter um caso com uma mulher que você conheceu no meio do caminho, engravidá-la antes mesmo de se divorciar da sua esposa... Então, você se casou com ela para fazer a coisa certa. E porque a minha mãe tem um jeitinho de conseguir tudo o que quer.

— Uau. Mas que visão sórdida a meu respeito. E sobre você também.

— Ué? Vai me dizer que estou errada?

— Você está errada, sim. Acredite ou não, eu realmente amava a sua mãe. Me apaixonei perdidamente por ela. Mas nós simplesmente não conseguíamos nos

entender. Éramos como água e óleo. Um quadrado tentando encaixar-se em um círculo. Então, eu desisti. E, em vez de começar de novo e correr o risco de errar pela terceira vez, voltei para cuidar de Bronwyn e Astrid. Para tentar consertar o estrago que eu já tinha feito.

Era a primeira vez que eu enxergava a situação do ponto de vista dele, e, também, a primeira vez que não a via como uma queda de braço entre duas mães e suas respectivas filhas.

— Então, você está comparando o treinador com a minha mãe? Ou com Astrid?

— Nenhuma das opções. Estou só dizendo para você seguir o seu coração. Mesmo que, às vezes, isso cause uma tremenda bagunça na sua vida. E, pelo amor de Deus, você *tem* que ir a esse jogo. Você é a garota que começou a viajar com o time quando ainda estava na terceira série.

— Segunda — corrigi.

— Exatamente. Seria loucura perder esse jogo.

Concordei com a cabeça, sabendo que ele estava certo.

— Você vai? — perguntei.

— Se você quiser que eu vá... Se precisar que eu vá... Mas, se não quiser, posso ficar e assistir de casa.

— Não é o mesmo que estar lá. A multidão, o barulho, a energia. É *eletrizante*.

— Ah! Está vendo? Ouça a si mesma. Vai se arrepender se não for. Saiba separar os seus sentimentos por Clive e Lucy e vá apoiar o seu time — ele opinou, enquanto chegávamos ao Wollman Rink.

Meneei a cabeça, mas não pude deixar de pensar que o treinador e Lucy também eram o meu time, pelo menos sempre tinham sido, e, além disso, era absolutamente impossível separar meus sentimentos pelo treinador e pelo Walker do maior jogo de nossas vidas. Para ser sincera, era difícil separar os dois de *qualquer* coisa da minha vida — o que, de fato, era um sério problema.

— Tudo bem. Eu vou — afirmei, olhando ao redor da pista de gelo, aliviada pela ideia de que provavelmente poucas pessoas na multidão duvidavam que o Walker ganharia do Alabama.

— Que bom. Ótimo.

— Mas, depois, acho que vou voltar para a cidade e conversar com os seus

contatos. Sobre aquelas oportunidades de trabalho.

— Sério? — perguntou meu pai, surpreso.

— Sim. Sério — respondi, pensando que esse papo de “siga o seu coração” estava começando a ficar exagerado e que talvez tivesse chegado a hora de eu tentar outros meios.

Quarenta e seis

São 5h20, de acordo com o fuso horário, e faltam dez minutos para o pontapé inicial aqui no Rose Bowl. Estou na arquibancada com Lucy, Lawton, minha mãe e Miller, que veio para Pasadena sem ingresso. Até duas horas atrás ele estava procurando um cambista, mas no último minuto conseguiu o ingresso de Neil porque Caroline teve um problema estomacal e Lucy decidiu que ela não poderia ficar no quarto de um hotel aos cuidados de uma babá qualquer. Mesmo assim, ela fez Miller implorar pelo ingresso.

— O ingresso compensou o fato de eu ter que rastejar. Eu estava quase surtando, cara! — gritou Miller em meio ao barulho de duas bandas ensandecidas e 92 mil fãs enlouquecidos, todos vestindo vermelho ou azul-turquesa.

Balancei a cabeça, entendendo perfeitamente. Também estávamos enlouquecidos em nossos lugares da arquibancada — bem na frente da linha de cinquenta jardas, umas vinte e poucas fileiras atrás, com uma vista deslumbrante das montanhas que se erguiam a oeste do estádio. Até mesmo o tempo parecia fazer parte do script — quente, com uma brisa suave e um céu limpo. Uma noite perfeita para o jogo de um campeonato nacional.

Miller me ofereceu uma mordida do seu cachorro-quente quilométrico cheio de mostarda e molho e eu balancei a cabeça, me perguntando como ele conseguia comer numa hora dessas. Ao olhar ao redor do estádio, tentei observar a atmosfera, mas estava tão dominada pelo medo que não pude apreciar o espetáculo. Minhas mãos estavam suadas, o estômago enjoado e o coração acelerado. E o principal era que eu sabia que não haveria nada de engraçado nesse jogo — e o máximo que eu poderia esperar era que não sofrêssemos.

Senti Lucy me dar um tapinha no ombro e me virei para olhar para ela na fileira atrás da minha, sentada entre minha mãe e Lawton.

— Podem conversar comigo, por favor? Estou entediada.

— Não posso, Lucy — respondi, perplexa diante da simples ideia de tédio

enquanto continuávamos na contagem regressiva (faltavam agora 6 minutos e 20 segundos).

— Está ficando enjoada também? — ela perguntou, ajeitando seu laço grande e cheio de firulas, preso à blusa de seda azul-turquesa. — Talvez tenha pegado de Caroline.

— Não, não estou enjoada. Foi só o jogo, Lucy — comentei, tentando conter uma nova onda de ressentimento, que não era a primeira desde que cheguei em Pasadena na noite anterior. O problema não era só o fato de ela ter impedido um relacionamento antes mesmo de ele ter começado, mas o fato de agir como se *nada* tivesse acontecido.

— Ah, fala sério! — exclamou ela, dando um tapinha em meu braço. — Anime-se! Nós vamos ganhar! Eu sei que vamos!

— Sim, estou com um bom pressentimento — admitiu Lawton. — E você não vai acreditar... Meu pai achou um grilo em algum parque por aí ontem à tarde.

Sorri, imaginando-o com o frasco de vidro.

— Sério?

— Verdade — respondeu Lawton, erguendo os dedos como se estivesse fazendo um juramento de escoteiro. — Eu estava com ele.

Assenti, como se estivesse reafirmando, embora meu pessimismo de sempre já tivesse dado as caras. Felizmente eu não era a treinadora, porque era provável que eu aconselhasse meu time a *não perder* em vez de *ganhar*, uma receita infalível para a derrota. Tentei imaginar o que o treinador estava dizendo para o time agora, no vestiário, e, embora eu possa invocar as suas palavras e a força que elas têm, estou encontrando dificuldade para me lembrar de sua voz. Nunca mais a ouvi desde a noite em que terminamos, o que parece que aconteceu há muito tempo.

— Você ainda está com cara de quem vai vomitar — comentou Lucy.

— Deve ser porque é provável que eu vomite mesmo — falei, enquanto acenava para um grupo de ex-colegas da Walker que estavam sentados em uma arquibancada acima. Com muitos deles eu havia conversado na noite anterior, no bar do hotel. É claro que todos souberam que eu tinha sido demitida e presumiram que foi porque eu não escreveria coisas negativas sobre o nosso programa e sobre a investigação que estava em andamento.

Você acha que os boatos são verdadeiros? Receberiam uma notificação oficial de inquérito? Seriam penalizados?, foram as perguntas que me fizeram

repetidamente.

Respondi que não sabia e que, com frequência, situações como essa levavam anos e anos para serem resolvidas. Continuo acreditando que no final das contas sairemos limpos, ou que pelo menos será comprovado que não cometemos nenhum grande delito e que o treinador será absolvido. Eu já não o colocava em padrões míticos e o via como um homem com defeitos e com uma liderança infalível. Mas, de um modo inesperado, isso só fez minha crença e confiança nele aumentarem.

— Diga para a Shea que nós vamos ganhar —Lucy pedia para minha mãe agora, como se alguma de nossas previsões realmente importassem.

— Vamos ganhar! — exclamou minha mãe, batendo palmas junto às nossas líderes de torcida. Ela também havia, sem a menor preocupação, ignorado o que tinha acontecido antes do Natal, não mencionou uma vez sequer o nome do treinador, apesar de ter tido oportunidade em nosso quarto de hotel. A implicação é que ela está me fazendo um favor em vez de o contrário, o que só intensifica minha amargura.

Miller comentou conosco que até mesmo Vegas tinha mudado de ideia, movimentando a linha de jogadores um ponto a nosso favor, depois que dois atletas do Crimson Tide tinham se machucado. É claro que ninguém deseja que um jogador se machuque gravemente, mas ferimentos leves e oportunos são outra história, e, por dentro, sinto-me muito grata pelas contusões de pulso e quadril que sofreram os jogadores do Alabama. Sinto-me ainda mais grata por não estar lá em cima, na sala de imprensa, fingindo mais uma vez que este era apenas mais um dia de trabalho.

— Você fez alguma aposta neste jogo? — perguntou minha mãe a Miller.

Com a boca cheia de cachorro-quente, ele disse:

— Droga, claro que sim. Apostei quinhentos dólares. Dinheiro fácil!

Minha mãe falou:

— Ainda dá tempo de eu apostar?

— Sim. — Miller pegou o celular do bolso e acrescentou: — Posso ligar para o cara que fez a aposta!

Não consegui me conter e gritei:

— Já chega! Vocês dois! Dá para calar a boca?

— Ui, ui, ui! Desculpe! — retrucou minha mãe. — Esqueci que estou falando

com a Srta. Pessimismo.

Revirei os olhos e fiquei olhando para a frente, concentrada, me preparando para as próximas dolorosas horas de futebol americano universitário (isso se o jogo transcorresse bem).

Mas, logo no primeiro tempo, as coisas não estavam nada bem. Mostramo-nos monótonos e totalmente despreparados diante das jogadas do Alabama. Eles logo fizeram dez pontos. É claro que não era um placar intransponível, mas uma lacuna difícil de preencher, considerando um time tão bom quanto o Bama. Enquanto minha mãe e Lucy se valeram dos gritos de guerra e da euforia do Walker, e Miller e Lawton preferiram praguejar contra o árbitro, rezei e implorei para os santos do futebol americano — e até mesmo para Deus. *Se conseguirmos virar o jogo, vou me contentar com uma dúzia de temporadas ruins. Aceito até perder algumas delas, incluindo perdas humilhantes para os Longhorns. Nunca mais vou mandar mensagens de texto para o treinador. Vou conseguir um trabalho em Nova York, deixar o Texas e nunca mais olhar para trás.*

Nenhuma das nossas estratégias funcionou, e, quando o sol começou a se pôr nas colinas de Pasadena, os jogadores foram para o intervalo e se retiraram para o vestiário com um placar de 23 a 7 para o Alabama. O intervalo ficou insuportável diante do grito de guerra *Vai, Tide, vai!,* das apresentações eufóricas das bandas, e mais otimista no bate-papo entre minha mãe, Miller, Lucy e Lawton. Enquanto isso, tentei me manter calma e coloquei todas as minhas crenças no treinador. Lembrei a mim mesma que ele sempre se saía bem nas piores situações e que com certeza estava lá, no vestiário, reorganizando, reposicionando e dando uma injeção de ânimo no nosso time. Dizendo a eles: “É agora ou nunca”.

Então, o segundo e último tempo da temporada de futebol americano começou sob um céu azul-turquesa vibrante. Ao perceber isso, não me segurei e o apontei para Lucy.

— Eu vi! — ela respondeu, olhando para cima, com a mão sobre o peito e o broche dourado que todos nós estávamos usando em memória da Sra. Carr. — Eu estava aqui pensando exatamente a mesma coisa. Incrível! Nunca vi o céu dessa cor.

Um lance depois, fizemos uma jogada da linha de 31 jardas acertando a linha de 49 do Bama.

— *Yesssss! Yes! Yes!* É assim que se faz! — berrou Miller, socando o ar com o

punho cerrado, comemorando e cumprimentando Lawton.

Bati palmas pela primeira vez na noite, e, em seguida, marcamos outro ponto fazendo um arremesso de 25 jardas para o nosso *wide-receiver*. O treinador definitivamente conseguiu desequilibrar o Tide com um ataque mais rápido e eu assisti com satisfação quando eles começaram a se aninhar para tentar conter a explosão repentina. Na jogada seguinte, eles se concentraram no ataque, mas, com uma mistura de ataque e defesa, avançamos jardas e, no último momento, nosso *quarterback* surpreendeu, fazendo uma nova jogada antes de Everclear conseguir pegar a bola a 16 jardas no rebote.

Virei-me e gritei para Lucy e Lawton:

— Seu pai é um gênio!

Um segundo depois, Everclear ultrapassou Rhodes e conseguiu se infiltrar na nossa linha tão apertada que não caberia uma agulha, na *end zone*. E lá estava. *Touchdown*! Em um minuto e doze segundos de uma execução impecável, voltamos à caça. Quando Mike Green, nosso *kicker,* conseguiu marcar um ponto extra, abri um sorriso e Miller e eu batemos um na mão do outro para comemorar.

Na posse de bola seguinte, botamos para quebrar, e nossa defesa também parecia mais confiante. O Alabama ainda conseguiu reverter um *primeiro down*, mas a *drive* acabou não rendendo um resultado positivo quando eles chutaram do meio de campo e nos encurralaram em nosso próprio território. O treinador optou por jogadas mais conservadoras nessa posição, e a pressão do terceiro tempo se transformou em uma batalha pela bola em campo com uma troca de *field goals*.

— Muito bem, muito bem, pessoal! Nós vamos conseguir! — gritou Miller quando começamos o quarto tempo com a bola em nossa décima segunda jarda.

Olhei para o painel do placar. Embora estivesse 26 a 17 para o Alabama, alguma coisa me dizia que era perfeitamente possível reverter a desvantagem de nove pontos no quarto e último tempo. Nos próximos 6 minutos e meio, tiramos proveito da defesa fatigada do Bama, atacamos implacavelmente a linha de *scrimmage*, mas fomos interceptados bem na linha de 5 jardas. Porém, Green conseguiu fazer mais um *field goal*, diminuindo a diferença no placar para 6 pontos faltando 8 minutos para terminar o jogo.

O Alabama não facilitou nem um pouco na próxima série de lances, avançando jardas e fazendo os segundos voarem numa *drive* contínua que nos obrigou a pedir a interrupção da partida duas vezes. Conseguimos pressioná-los

por um bom tempo na quarta jarda, mas, a essa altura, eles já estavam em nossa décima quinta jarda, em uma posição de acerto muito fácil para qualquer *kicker*, ainda mais para um que tinha sido perfeito naquela noite.

Apoiei a cabeça sobre as mãos, um gesto que deixou Lucy preocupada.

— O que foi? Por que está fazendo isso? — ela indagou, cutucando minhas costas.

— Eles vão acertar esse chute. Aí o placar vai voltar para 9 pontos de diferença... o que significa que vamos precisar de duas posses de bola para poder ganhar... E só podemos pedir tempo mais uma vez.

— E o que isso quer dizer?

— Significa que não teremos tempo para ganhar — explicou Miller, por fim, irritado com ela também.

— Mas ele tem que marcar o *field goal* antes, certo? — ela perguntou.

— É... e ele ainda não acertou — acrescentou Lawton, enquanto os jogadores se alinharam no campo.

Levei a cabeça às mãos de novo, sem conseguir assistir ao inevitável, mas, alguns segundos depois, Miller agarrou meu braço e começou a gritar:

— Ele errou! Ele errou! O filho da puta errou!

Ergui a cabeça e vi o Walker retomar o campo.

— Ele perdeu o lance? — perguntei, gaguejando e rindo ao mesmo tempo.

— Perdeu! Maldito! — esbravejou Miller.

— Chupa Crimson Tide! — exclamou Lawton.

— E agora, ainda podemos ganhar? — questionou Lucy em meio ao barulho. Ela definitivamente tinha um bloqueio mental em se tratando da matemática básica do futebol americano.

— Agora temos uma *chance*! — expliquei, depois detalhei dizendo que tudo o que precisávamos fazer era conseguir chegar à linha de 85 jardas dentro de 3 minutos e 16 segundos. Era muito tempo, tempo *demais*, porque a última coisa que queríamos era que o Alabama conseguisse a última posse de bola.

Voltei a olhar para o campo quando o treinador começou a driblar o tempo com jogadas rápidas e passes curtos, abrindo espaço no meio de campo com 1 minuto e 40 segundos. Depois disso, começamos o ataque aos 2 minutos, com um passe longo que Rhodes não conseguiu alcançar. Passe incompleto. Na

segunda down, o treinador ousou de novo, mas dessa vez funcionou, nos colocando na jarda 32 do Alabama.

Miller e eu ficamos olhando um para o outro, com os olhos arregalados, enquanto o passe continuou e Everclear levou todo o time para a linha. Prendi a respiração quando ele fez uma jogada inesperada para conquistar 8 jardas. O relógio não parava e meu coração estava saindo pela boca enquanto ele agarrava a bola, conseguia mantê-la e conquistava mais 3 jardas, em busca de mais um *primeiro down*.

Os próximos lances foram como um borrão que só consegui ver assistindo ao replay no telão. Everclear lançou a bola para fora a fim de evitar um *sack*. Uma finalização para a linha de 18 jardas. *Primeiro down* na linha de 10. Perdemos duas, com o relógio ainda correndo... Uma corrida desenfreada em busca de um milagre de 7 pontos, o que, melhor do que 5 pontos, nos daria uma margem faltando apenas 4 segundos para acabar a partida.

De repente, tudo se reduziu a isso. Nosso sonho da temporada — todo o ano surpreendente e terrível — se reduziu a 4 míseros segundos. Estávamos a um lance e 4 jardas do campeonato nacional.

Então, algo estranho aconteceu dentro de mim. Algo que eu jamais esperaria sentir, nunca em nenhum jogo do Walker. Uma sensação boa de perspectiva me invadiu. Eu sabia que, fosse qual fosse o resultado disso, fosse um sentimento de euforia ou devastação, ficaria registrado e indelevelmente inscrito, repetido e perpetuado no coração e na mente de todos os que amavam o Walker, homem, mulher ou criança. Mas também percebi que o que ia acontecer no último lance não importaria, *de fato*. Ainda desejava ganhar, louca e desesperadamente, mas não se tratava mais de tudo o que eu sempre quis na vida. Não chegava nem perto.

Os próximos 4 segundos se passaram em câmera lenta. Everclear lançou a bola que driblou a defesa numa mira direta e precisa, a bola girou no ar, rumo à *end zone*. Rhodes saltou com os braços estendidos, a defesa do Alabama fez a mesma coisa. A bola caiu e desapareceu em meio a um monte de camisas vermelhas e camisas azul-turquesa. Um silêncio coletivo recaiu sobre o estádio enquanto os jogadores foram se levantando, desfazendo a pilha de homens, um por um, até que restou apenas o último. Era Rhodes, segurando a bola. Em seguida, ele a ergueu com o braço esticado enquanto o árbitro levantou os braços acima da cabeça, sinalizando um *touchdown*. Um lance depois, o chute foi perfeito e o Walker venceu. *O Walker venceu! Ah, meu Deus, o Walker venceu!*

O estádio foi ao delírio com os fãs gritando, se abraçando, dançando,

chorando e tirando fotos em todos os lugares para onde eu olhava. Eu continuava parada, sem conseguir acreditar, me esforçando ao máximo para guardar aquele momento, mantendo os olhos concentrados em uma única pessoa que estava lá embaixo no campo, acompanhando cada passo seu, enquanto o treinador abraçava seus jogadores e depois os encharcava com Gatorade, como de costume.

A confusão continuou, e o estádio se encheu de tiras, fitas e confetes azul-turquesa e de milhares e milhares de flashes enquanto Miller não parava de gritar no meu ouvido, já com a voz rouca. Algo finalmente me tirou do transe. Fui abraçar Lucy, mas ela estava abraçando Lawton, então abracei Miller, que retribuiu com um beijo molhado na boca. Eu o encarei, chocada, e ele rebateu:

— Não esquenta. Vou beijar a sua mãe assim também!

E foi o que ele fez. Dei risada enquanto Lawton pulou sobre as costas de Miller, derrubando tanto minha mãe quanto eu. Então, Lucy se jogou em cima de nós como que revivendo o último lance do jogo, gritando o quanto me amava.

— Também te amo — falei, rindo e chorando ao mesmo tempo. Depois, me esforcei para levantar e poder observar o treinador um pouco mais. Alguns segundos depois, J.J. apareceu, ofegante, com entradas para a ala VIP, pedindo a Lucy e Lawton para acompanhá-lo. Eles precisavam descer ao campo para participar da cerimônia de entrega do troféu.

— Não vamos sem a Shea — ela disse.

— Ora, então vão lá. Vocês três! — gritou J.J.

Balancei a cabeça, me negando a ir, mas percebi que não teria escolha. Então, me permiti ser arrastada pelas fileiras e mais fileiras da arquibancada de metal, e, no meio do caminho, fui abraçando amigos, conhecidos e estranhos. Bem na hora de entrar no campo, vi um garotinho que deveria ter uns 10 anos, soluçando de tanto chorar, com a letra “A” pintada nas bochechas, agora manchadas pelas lágrimas. Parei, me ajoelhei e disse a ele que tudo ficaria bem.

— Ano que vem você vai ganhar da gente — afirmei.

Ele estava inconsolável, mas, de maneira estranha, fiquei feliz por ele. Um dia, a lembrança desta noite iria retornar, fazendo-o sentir o gosto doce da vitória.

Continuamos andando, em círculos, até que encontramos o treinador. Ele estava encharcado de Gatorade, mas posso dizer que também chorou, pois seus olhos estavam vermelhos. Observei-o abraçar Lucy e o ouvi dizer:

— Essa é para ela, Lucy.

— Eu sei, pai. Ela ficaria muito orgulhosa de você. Eu *estou* muito orgulhosa de você — ela disse, soluçando.

Então, chegou a vez de Lawton, e ele começou a chorar feito um bebê também. Lembrei-me dele chorando no enterro da mãe.

— Queria que ela estivesse aqui. Queria muito — ele admitiu ao pai.

— Ela *está* aqui — afirmou o treinador, confortando o filho, enquanto eu percebi que a dor verdadeira pode se assemelhar à alegria.

Comecei a tremer bem no momento em que Lucy colocou a mão sobre minhas costas. Ela me empurrou na direção do pai, para os braços dele. Eu a olhei de um jeito confuso, pensando se realmente ela estava me encorajando a abraçá-lo, mas ela meneou a cabeça e disse:

— Eu estava errada, Shea. Vá até ele. Você pertence a ele.

Eu a encarei, processando o que ela acabara de dizer, percebendo que nunca tinha ouvido aquelas palavras saindo de sua boca antes: *Eu estava errada.*

— Vá — ela insistiu, sorrindo em meio às lágrimas, me empurrando de novo.

Então eu dei um passo à frente. O treinador sorriu para mim.

— Parabéns! — gritei em meio a toda a agitação. Em seguida, fechei os olhos e me joguei contra o peito dele, sentindo seu coração pulsar debaixo da camiseta molhada, inalando o cheiro de sua pele suada.

— Você conseguiu, treinador — falei baixinho, bem próximo ao ouvido dele.

— Sim, conseguimos, menina — ele sussurrou, me abraçando com mais força. — *Finalmente* conseguimos.

Afastei-me, olhando em seus olhos, e eu pude afirmar que Lucy conversou com o pai. Que ele sabia, antes do jogo, o que ela tinha acabado de me falar: *Eu estava errada*.

Então, confirmando meu pensamento otimista, ele se inclinou e roçou os lábios sobre os meus. Foi o beijo mais breve de todos, mas um beijo verdadeiramente real, bem aqui, na frente de Lucy e do mundo todo. Foi o momento mais doce de minha vida, embora eu soubesse que outros estavam por vir. E em breve.

— Preciso ir. Mas te encontro hoje à noite, pode ser? — ele perguntou, sorrindo de orelha a orelha.

Tonta de alegria, comecei a sorrir, enquanto ele caminhava e adentrava uma multidão usando roupas azul-turquesa. Por um momento ele se foi, mas logo reapareceu, sendo erguido por alguns jogadores sortudos, representantes de todos aqueles que alguma vez já vestiram uma camisa do Walker, inclusive Miller e Ryan. Fiquei encarando o treinador, cujo corpo tinha como pano de fundo um céu negro de veludo coberto por milhões de estrelas, um planetário acima do estádio mais famoso de futebol americano universitário, e fiquei encantada em pensar que podemos nos sentir tão felizes com uma vitória.

Por outro lado, eu soube que não foi a vitória em si que me fez sentir assim, mas tudo o que a envolvia. O esforço. A paixão. A fé. As coisas nas quais o treinador Clive Carr me ensinou a acreditar. Coisas que fazem o futebol americano se parecer com a vida... e a vida se parecer com um jogo.

Agradecimentos



Este é o meu sétimo romance, e cada um deles começou da mesma maneira: uma ideia simples, desenvolvida em longas conversas com minha mãe, minha irmã e minha melhor amiga. Obrigada, Mary Ann Elgin, Sarah Giffin e Nancy LeCroy Mohler, por todo o apoio a esta história em especial, do começo ao fim.

Sou extremamente grata a Stephen Lee, o publicitário mais leal deste mundo. Não consigo imaginar a publicação deste livro sem poder contar com sua amizade. Agradeço também a ajuda incessante e infinita dos meus pacotinhos de M&M's.

A minha editora, Jennifer Hershey: obrigada por acreditar em mim e promover esta história da maneira como fez. Seus comentários quase me mataram, mas você estava certa, então fico muito feliz por ter confiado em você.

Muito obrigada a toda a minha equipe nota 10 da Randon House, incluindo Gina Centrello, Libby McGuire, Kim Hovey, Theresa Zoro, Susan Corcoran, Jennifer Garza, Sanyu Dillon, Debbie Aroff, Melissa Milsten, Cynthia Lasky, Scott Shannon, Loren Noveck, Susan Brown, Kate Childs, Joey McGarvey, Matt Schwartz e Paolo Pepe.

Minha profunda gratidão a minha brilhante agente, Therese Park, pela orientação firme, pela sabedoria e cuidado — e a todos da Park Literary, especialmente a Emily Sweet, Abby Koons e Pete Knapp. Obrigada a Mollie Smith, por ter sido a profissional dos bastidores, e a Rich Green, por todo o empenho em levar minhas histórias para as telas do cinema.

Algumas palavras para meus amigos da St. Martin's Press, especialmente Jennifer Enderlin, John Murphy e ao grande e falecido Matthew Shear: vocês moram no meu coração e eu serei sempre grata a nossa década e seis livros juntos.

Sou imensamente grata a três técnicos universitários que também estão entre os meus amigos mais queridos: Dave Odom, Jim Boeheim e Billy Schmidt. Amo o mundo apaixonante, colorido e peculiar de vocês desde que era garotinha, e,

embora eu tenha mudado o tema deste livro de basquete para futebol americano, boa parte da dinâmica é a mesma. Muito obrigada pelo generoso insight sobre o treinador Clive Carr. Ele teve uma dura tarefa a cumprir. Agradeço a Jennifer New, Allyson Wenig Jacoutot, Doug Elgin, Lisa Ponder, Kate McDavid, Julie Portera, Jim Konrad, Kevin Garnett, Ralph Sampson, McGraw Milhaven, J.R. Moehringer, Michelle Fuller, Cameron Sherrill, Vahe Gregorian e Bill e Kristina Giffin por ajudarem na elaboração deste livro e sua capa. Agradeço também ao treinador June Jones, a Brad Sutton e Herman Hudson por permitirem que eu absorvesse a atmosfera da SMU nos treinos da primavera. (Vai, Ponies!)

Não posso deixar de agradecer e dizer que estou em dívida com Kate Hardie e Martha Arias, por todo o apoio diário e pela gentileza — e a Jeff MacFarland, por me manter forte o suficiente, física e mentalmente, para atender a todos os prazos ao longo dos dias.

Obrigada a minha outra família e amigos: embora não tenham contribuído de maneira tangível para este romance, agradeço pelo carinho, apoio moral e pelos *emoticons* que tanto me motivaram.

Por fim, agradeço a Buddy Blaha, por ter executado tantos papéis, entre eles: consultor de futebol americano, preparador de texto, cozinheiro, parceiro, motorista, professor de lição de casa, treinador da Little League, mestre em frango, amigo, marido e pai dos nossos três lindos filhos.

Edward, George e Harriet: adoro a bagunça que vocês fazem, e me sinto muito mais feliz do que chateada por ela. A vida brilha na presença de vocês.

Notas

[1]. Um grupo de oito universidades privadas situadas ao nordeste dos Estados Unidos que privilegiam muito mais os resultados acadêmicos do que os esportivos de seus alunos. (N. T.)

[2]. *Delusions of grandeur* (ou delírios de grandeza) referem-se à crença infundada em qualidades extraordinárias de determinada pessoa, como riqueza, fama ou inteligência fora do comum. Podem ser sintomas de transtornos da personalidade. (N.E.)

[3]. Abreviação de *quarterback* (N. T.).

[4]. Do inglês, *Best Friend Forever* (melhor amiga para sempre). (N. T.)

[5]. O termo *quan* é usado pelo personagem Rod Tidwell, interpretado por Cuba Gooding Jr., no filme *Jerry Maguire*, de 1996. Segundo Rod, a expressão significa quer dizer “amor, respeito, comunidade e dinheiro” e se refere ao personagem de Tom Cruise, Jerry Maguire, um agente esportivo que defende que os agentes devem ter um tratamento mais humano para com os seus clientes, como o *ambassador of quan* (embaixador do quan). (N. T.)

[6]. A expressão, cuja tradução literal é “três jardas e uma nuvem de poeira o dia todo”, foi criada por Woody Hayes, então técnico da Ohio St., e quer dizer que em quatro descidas se pode chegar ao primeiro *down*. Os *quarterbacks* que adotam essa filosofia, especialmente no futebol americano universitário, fazem menos de dez passes no jogo e contam com um *fullback* para fazer as corridas *off-tackle*. (N. T.)